II CONFERÊNCIA DE INTELECTUAIS DA ÁFRICA E DA DIÁSPORA - II CIAD

(SALVADOR, 12 A 14 DE JULHO DE 2006)

"A DIÁSPORA E O RENASCIMENTO AFRICANO"

RELATÓRIO FINAL

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado Embaixador Celso Amorim
Secretário-Geral Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente Embaixador Jeronimo Moscardo

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034/6847
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br

II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora - II CIAD

(Salvador, 12 a 14 de julho de 2006)

"A Diáspora e o Renascimento Africano"

Relatório Final

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília, 2009

Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@mre.gov.br

Capa:
Carlos Araújo
Estudo de Criança
126 x 106 cm - Óleo sobre tela colado sobre madeira

Equipe Técnica

Coordenação:
Maria Marta Cezar Lopes
Eliane Miranda Paiva
Cíntia Rejane Sousa Araújo Gonçalves

Programação Visual e Diagramação:
Juliana Orem e Maria Loureiro

Impresso no Brasil 2009

Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora : (2 : Salvador, 2006)
II CIAD : a Diáspóra e o Renascimento africano : relatório final - Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.
604p.

ISBN: 978-85-7631-156-0

1. Política externa - Brasil. 2. Política internacional - África. II. Título: a Diáspora e o Renascimento africano.

CDU 001(6)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei n° 10.994, de 14/12/2004.

Sumário

Prefácio
Celso Amorim - Ministro das Relações Exteriores, 7

1. Programa da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, 9
2. Composição das Mesas Redondas e Grupos Temáticos, 11
3. Relatório do Núcleo de Coordenação, 27
4. Declaração de Salvador, 33
5. Os 70 Pontos de Salvador – uma plataforma de ação, 37
6. Relatórios dos Debates em Mesas Redondas, 45
   - 6.1. Mesa 1 - "A Diáspora e o Renascimento Africano: contribuições passadas e projeto atual", 47
   - 6.2. Mesa 2 - "Gênero e Eqüidade na África e na Diáspora", 49
   - 6.3. Mesa 3 - "A Necessidade de um Pacto Político entre a África e a Diáspora pela Paz, Democracia e Desenvolvimento", 53
7. Relatórios dos Debates em Grupos Temáticos, 61
   - 7.1. GT 1 - "As humanidades como pontes de diálogo entre a África e a Diáspora", 61
   - 7.2. GT 2 - "Repensando o lugar da história e das línguas africanas nos sistemas de ensino da África e da Diáspora", 64
   - 7.3. GT 3 - "Novos rumos da historiografia na África e na Diáspora", 69

7.4. GT 4 - “Religião e herança cultural”, 72
7.5. GT 5 – “Conhecimento mútuo entre a África e a Diáspora: identidade e cooperação”, 76
7.6. GT 6 - “Ação afirmativa e discriminação positiva: políticas públicas e o papel dos movimentos sociais”, 81
7.7. GT 7 - “Perspectivas da Juventude na África e na Diáspora”, 84
7.8. GT 8 - “Economia e sociedade na África e na Diáspora: desafios atuais”, 88
7.9. GT 9 - “Perspectivas da cooperação na área da saúde”, 106
7.10. GT 10 - “O renascimento científico e tecnológico da África e a contribuição da Diáspora”, 110
7.11. GT 11 - “A luta contra a pobreza e o combate ao racismo, xenofobia e outras formas de discriminação”, 113
7.12. GT 12 - “A contribuição da África para a Civilização” , 117
8. Lista de integrantes do Comitê de Organização da II CIAD, 121
9. Lista de integrantes do Grupo de Trabalho Interministerial, 123
10. Lista de integrantes do Comitê Internacional e Científico, 125
11. Sessão de Abertura (transcrição), 131
12. Mesa Redonda Presidencial (transcrição), 151
13. Sessão de Encerramento (transcrição), 191

Prefácio

Celso Amorim
Ministro das Relações Exteriores

O Ministério das Relações Exteriores, por meio da Fundação Alexandre de Gusmão, traz a público edição trilíngue do Relatório Final da II Conferência dos Intelectuais Africanos da Diáspora (CIAD). O evento, intitulado "A Diáspora e o Renascimento africano", aconteceu em Salvador, Bahia, de 12 a 14 de julho de 2006, e teve como objetivo aproximar intelectuais das duas margens desse "rio chamado Atlântico", para recorrer à expressão do Embaixador Alberto da Costa Silva, um grande africanista brasileiro.

A decisão do Governo brasileiro de sediar a II CIAD na capital da Bahia esteve repleta de significado. Não só o Brasil abriga a maior população negra fora do continente africano, como Salvador pode ser descrita como a cidade mais negra do Brasil e aquela que melhor reflete nossa herança comum. O Presidente Lula definiu a capital baiana como o "símbolo vivo das múltiplas dimensões da contribuição africana para o Brasil".

A reunião de Salvador abordou diversos temas de interesse para brasileiros, africanos e demais membros da Diáspora, tais como identidade, gênero, religião, língua, democracia, desenvolvimento, economia, sociedade, cooperação, saúde, ciência e tecnologia, juventude, política de ação afirmativa, luta contra a pobreza, combate à discriminação. O resultado tornou ainda mais evidentes o grau de interseção de identidades entre brasileiros e africanos.

O encontro do Brasil com a África é também um encontro com o processo de formação da nação brasileira. A organização da segunda edição da CIAD

em território brasileiro reforça a aproximação com o continente africano nos campos político, econômico e cultural. A prioridade da África na política externa brasileira pode ser ilustrada pelo número de visitas que o Presidente da República fez ao continente desde que assumiu o cargo, pela expressiva ampliação do comércio com os países africanos, pelo incremento nos projetos de cooperação técnica e pela abertura de embaixadas brasileiras em países daquele continente.

Esta obra reúne os relatos das mesas redondas e dos grupos de trabalho, os 70 pontos de Salvador e os discursos dos Chefes de Estado e de Governo presentes. A publicação do Relatório em português, inglês e francês – as línguas de trabalho do encontro – tem como propósito ampliar o escopo de divulgação dos trabalhos da Conferência, além de espelhar parte da variedade linguística presente no continente africano.

Os desafios comuns a brasileiros, africanos e outros povos de países em desenvolvimento – o combate à pobreza, à fome e à discriminação e a promoção do desenvolvimento – podem encontrar atalhos a partir da contribuição dos intelectuais às suas sociedades. É muito importante a continuidade do diálogo entre a África e sua Diáspora. O apoio à organização da II CIAD em Salvador e, agora, a publicação de seu Relatório Final, cujo lançamento coincide com a participação do Presidente Lula como convidado especial da XIII Cúpula da União Africana na Líbia, são as contribuições da diplomacia brasileira a esse esforço de aproximação.

1. Programa da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora

· 12 Julho – Sessões em Plenário.

Local: Centro de Convenções de Salvador.

Manhã
(i) Sessão de Abertura da Conferência
(ii) Mesa Redonda Presidencial – "A Diáspora e o Renascimento Africano: contribuições passadas e projeto atual"

Tarde
(iii) Mesa Redonda – "Gênero e Eqüidade na África e na Diáspora"

· 13 Julho – Debates em 12 Grupos Temáticos.
Locais: Centro de Convenções de Salvador; UFBA e UNEB.

· 14 Julho – Sessões em Plenário.

Local: Centro de Convenções de Salvador.

Manhã
(i) Apresentação das Conclusões dos Debates

(ii) Mesa Redonda – "A Necessidade de um Pacto Político entre a África e a Diáspora pela Paz, Democracia e Desenvolvimento"

Tarde

(iii) Debates e deliberações sobre a "Declaração de Salvador"

(iv) Sessão de Encerramento

2. Composição das Mesas Redondas e Grupos Temáticos

I – Mesas Redondas

1ª Mesa Redonda
"A Diáspora e o Renascimento Africano: contribuições passadas e projeto atual"

Moderador:
Iba der Thiam – Vice-Presidente da Assembléia Nacional do Senegal

Relatores:
Ubiratan Castro de Araújo – Presidente da Fundação Cultural Palmares (Brasil)
Margaret Vogt – Departamento de Assuntos Políticos das Nações Unidas (Nigéria)

Expositores:
1 – Presidente de Botswana – S. Exa. Festus Mogae
2 – Presidente de Cabo-Verde – S. Exa. Pedro Pires
3 – Presidente da Guiné Equatorial – S. Exa. Obiang Nguema Obasanjo
4 – Presidente de Gana - S. Exa. John Kufuor
5 – Presidente do Senegal – S. Exa. Abdoulaye Wade
6 – Primeira-Ministra da Jamaica – S. Exa. Portia Simpson Miller
7 – Vice-Presidente da Tanzânia – S. Exa. Ali Mohammed Shein

8 – Presidente da Comissão da União Africana – S. Exa. Alpha Oumar Konaré
9 – Stevie Wonder – cantor e compositor
10 – Presidente do Brasil – S. Exa. Luiz Inácio Lula da Silva

2ª Mesa Redonda
"Gênero e eqüidade na África e na Diáspora"

Moderadora:
Laure Olga Gondjout – Ministra Delegada dos Negócios Estrangeiros (Gabão)

Relatora:
Fatimata Tambadou – Banco Central da África Ocidental (Mali)

Expositoras:
1 – Epsy Campbell – economista e congressista (Costa Rica)
2 – Lydia Dual – socióloga e consultora da UNESCO (Chade)
3 - Madina ly Tall (Mali)
4 – Mãe Stella de Oxóssi – Iyalorixá, Ilê Axé Opô Afonjá (Brasil)
5 – Maremá Touré Thiam – CODESRIA (Senegal)
6 – Marie Angélique Savané – Comitê de Personalidades Eminentes do Mecanismo de Revisão dos Pares da África (Senegal)
7 – Monique Ilboudo – Ministra de Promoção dos Direitos Humanos (Burkina Faso)
8 – Nilcéia Freire – Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (Brasil)
9 – Sueli Carneiro – Instituto da Mulher Negra, Geledés (Brasil)
10 - Sylvia Servin (Martinica)
11 – Wania Sant´Anna – Pesquisadora e ativista política (Brasil)

3ª Mesa Redonda
"A necessidade de um pacto político entre a África e a Diáspora pela paz, democracia e desenvolvimento"

Moderador:
Christine Desouches – Delegada para a Paz, Democracia e Direitos Humanos, Organização Internacional da Francofonia (França)
Relator:
Jacques d´Adesky – Universidade Cândido Mendes (Brasil)

Expositores:
1 – Wangari Maathai – Laureada com o Prêmio Nobel da Paz (Quênia)
2 – Gilberto Gil – Co-Presidente da II CIAD e Ministro da Cultura do Brasil
3 – Frene Ginwala – Co-Presidente da II CIAD e ex-Presidente da Câmara dos Deputados da África do Sul
4 – S. Exa. António Mascarenhas Monteiro – ex-Presidente de Cabo Verde
5 – André Azoulay – Conselheiro Real (Marrocos)
6 – Conceptia Ouinsou – Presidente da Suprema Corte (Benin)
7 – Daniel Elie – Ministro da Cultura (Haiti)
8 – Djovi Gally – ex-Ministra dos Direitos Humanos e Presidente do Observatório Panafricano para a Democracia (Togo)
9 – Edna Maria Santos Roland – Grupo Independente de Eminentes Peritos designado para seguir a implementação da Declaração de Durban e o Programa de Ação (Brasil)
10 – Kola Abimbola – Professor de Direito, Universidade de Leicester (Nigéria)
11 – Marcelino dos Santos – Membro do Conselho de Estado (Moçambique)
12 – Patrick Mazimhaka – Vice-Presidente da Comissão da União Africana
13 – Robert Dossou – ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação (Benin)
14 – Noureini Tidjani-Serpos – Diretor-Geral Adjunto da UNESCO para a África (Benin)

II – Grupos Temáticos

1 - *"As humanidades como pontes de diálogo entre a África e a Diáspora"*

Moderador:
Domício Proença Filho – Academia Brasileira de Letras (Brasil)

Relatora:
Isidore Ndaywell – historiador, Diretor Honorário da Organização Internacional da Francofonia (República Democrática do Congo)
Bloco A: "Literatura, artes e Renascimento Africano"
1 – Alioune Badara Beye – poeta e romancista (Senegal)
2 – Conceição Evaristo – escritora (Brasil)

3 – Fabiola Ecot-Ayissi – Universidade de Paris VIII (França)
4 – Hamidou Dia – escritor e filósofo (Senegal)
5 – Joseph Diescho – romancista (Namíbia)
6 – Kofi Anyidoho – Universidade de Legon, Acra (Gana)
7 – R. F. Bestman – Universidade de Ilê Ifé (Nigéria)

Bloco B: "Filosofia e ciências humanas na construção da identidade na África e na Diáspora"
1 – Akere Muna – Coalizão dos Capítulos Africanos da Transparência Internacional (Camarões)
2 – Ebenezer A. Omoteso – Universidade de Ilê Ifé (Nigéria)
3 – Jaka Jambo – filósofo, Embaixador de Angola junto à UNESCO (Angola)
4 – Paulin Houtondji – filósofo, Universidade do Benin (Benin)
5 – Tunde Fatunde – dramaturgo, Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
6 – Ubiratan Castro de Araújo – Presidente da Fundação Cultural Palmares (Brasil)

2 - "Repensando o lugar da História e das línguas africanas nos sistemas de ensino da África e da Diáspora"

Moderador:
Rosa Cruz e Silva – Diretora do Arquivo Nacional (Angola)

Relator:
Amauri Mendes Pereira – Universidade Cândido Mendes (Brasil)

Bloco A: "História e memória da África e dos africanos na Diáspora: seu novo papel na educação".
1 – Adame Ba Konaré – historiadora (Mali)
2 – Becky Ndjoze-Ojo – Representante do Ministro da Educação (Namíbia)
3 – F. A. Soyoye – Universidade de Ilê Ifé (Nigéria)
4 – Folorunsho Adeyinka Olanrewaju – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
5 – Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva – Universidade Federal de São Carlos (Brasil)
6 – Teresinha Bernardo – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)

Bloco B: "As línguas africanas nos sistemas de ensino da África e da Diáspora"
1 – Adama Samassekou – Presidente do Instituto Africano de Línguas (Mali)
2 – Eric Aseka – Universidade Kenyatta (Quênia)
3 – Germando Almeida – escritor (Cabo-Verde)
4 – Jolly Mazinhaka – Instituto de Ciência e Tecnologia, Comissão da União Africana (Ruanda)
5 – Olajide Timothy-Asobele – Universidade de Lagos (Nigéria)
6 – Takiyawa Manuh – Diretor, Centro de Estudos Africanos, Universidade de Legon (Gana)
7 – Yeda Pessoa de Castro – Universidade Federal da Bahia (Brasil)
Convidados especiais:
1 – José Vicente – Reitor, Universidade Zumbi dos Palmares (Brasil)
2 – Mohamed Charfi – Ex-Ministro da Educação (Tunísia)
3 – Nei Lopes – compositor, autor da Enciclopédia da Diáspora (Brasil)

3 - "Novos rumos da historiografia da África e da Diáspora"

Moderador:
Embaixador Alberto da Costa e Silva – Academia Brasileira de Letras (Brasil)

Relator:
Boubacar Barry – Universidade Cheikh Anta Diop (Senegal)

Bloco A: "Das origens até 1850"
1 – Chales Akibode – historiador (Cabo Verde)
2 – Cornélio Caley – historiador (Angola)
3 – Luiz Felipe de Alencastro – Universidade de Paris IV (Brasil)
4 – Paulino de Jesus Francisco Cardoso – Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)
5 – Paulo Fernando de Moraes Farias – University of Birmingham (Brasil)
6 – Paul Zeleza – Penn State University, EUA (Malaui)
7 – Roquinaldo A. Ferreira – Universidade da Virginia (Brasil)

Bloco B: "África e Diáspora Pós-1850"
1 – Adeniji Abolade Olusegun – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
2 – Fatou Sarr – CODESRIA (Senegal)
3 – Humphrey Lamur – Universidade de Amsterdam (Suriname)

4 – Pierre Kipre – historiador (Costa do Marfim)
5 – Sylvia Serbin – historiadora (Martinica)
6 – Toyin Falola – Universidade do Texas, Austin (Nigéria)
7 – Valdemir Zamparoni – Universidade Federal da Bahia (Brasil)

Convidado especial:
1 – José Maria Nunes Pereira – Universidade Cândido Mendes (Brasil)

4 - "Religião e herança cultural"

Moderador:
Babatunde Lawal – Virginia Commonwealth University, Richmond (Nigéria)

Relator:
Reginaldo Prandi – Universidade de São Paulo (Brasil)

Bloco A: "Orixás, voduns e inquices: tradição, pluralismo e diversidade"
1 – Júlio Santana Braga – Universidade Federal da Bahia (Brasil)
2 – Mãe Beata de Yemanjá (Beatriz Moreira Costa) – Iyalorixá (Brasil)
3 – Max de Beauvoir – Ati da Federação Nacional de Praticantes de Vodu do Haiti
4 – Natália Bolívar Aróstegui – etnóloga e escritora (Cuba)
5 – Pai Francelino de Shapanan – Toi Vodunoon (Brasil)
6 – Sangodare Gdadegesin Ajala – Sacerdote de Xangô (Nigéria)
7 – Wande Abimbola – Awise yorubá e babalaô (Nigéria)

Bloco B: "Religião, arte e cultura"
1 – Adedoyin Talabi Faniyi – Sacerdotisa de Oxum (Nigéria)
2 – Aderibigde L. Simon – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
3 – Carline Viergelin – Federação Nacional de Praticantes de Vodu do Haiti
4 – Ezra Chitando – Universidade do Zimbabue (Zimbabue)
5 – Félix Ayoh'Omidire – Universidade de Ilê Ifé (Nigéria)
6 – Juana Elbein dos Santos – Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil
7 – Mohamed Charfi – Ex-Ministro da Educação, Educação Superior e Pesquisa Científica da Tunísia

Convidados especiais:
1 – Mestre Didi (Deoscóredes M. dos Santos) – artista e Alapini (Brasil)
2 – Adigun Dazies Ajami – Babalorixá (Nigéria)
3 – Oduniyi Ifagbade – Babalaô (Nigéria)

5 – "Conhecimento mútuo entre a África e a Diáspora: identidade e cooperação"

Moderador:
Ibrahima Fall – Representante Especial do Secretário-Geral da ONU para a Região dos Grandes Lagos (Senegal)

Relatora:
Nilma Lino Gomes – Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (Brasil)

Bloco A: "Produção e intercâmbio conhecimento"
1 – Adigun Ade Abiodun – Presidente do Comitê das Nações Unidas sobre Usos Pacíficos do Espaço Exterior (Nigéria)
2 – Albert Bourgi – Universidade Reims (Senegal-França)
3 – Chentouf Tayeb – Universidade de Oran (Argélia)
4 – Ebrima Sall – Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África, CODESRIA (Senegal)
5 – Gibril Faal – Presidente da Fundação Africana para o Desenvolvimento, AFFORD (Reino Unido)
6 – Mohamed Bekouchi – Embaixador do Marrocos no Brasil (Marrocos)
7 – Wilson Mattos – Universidade Estadual da Bahia (Brasil)

Bloco B: "Potencial e limites da cooperação regional e multilateral"
1 – Amadi Aly Dieng – Universidade Cheikh Anta Diop (Senegal)
2 – Fajoyomi Sylvestre Olubanji – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
3 – J. Michael Turner – Universidade de Nova York (EUA)
4 – José Flávio Sombra Saraiva – Universidade de Brasília (Brasil)
5 – Margaret Vogt – Departamento de Assuntos Políticos da ONU (Nigéria)
6 – Noureini Tidijani-Serpos – Diretor-Geral Adjunto da UNESCO para a África, (Benin)
7 – Oumoul Khaïry Niang – sociólogo (Senegal)

8 – Vaughan Lewis – Universidade das Índias Ocidentais (St. Lucia / Trinidad)

6 - "Ação afirmativa e discriminação positiva: políticas públicas e o papel dos movimentos sociais"

Moderador:
Theophile Obenga – Centro Internacional de Estudos Bantu (RD Congo)

Relator:
Vivian Kuma-Choulla – Associação Africana de Ciências Políticas (Cameroun)

Bloco A: "As experiências dos países da África e da Diáspora"
1 – Adewale M. Aderemi – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
2 – Horace Campbell – Universidade de Syracuse, Nova York (Jamaica)
3 – James Early – Smithsonian Institution (EUA)
4 – Jocélio Teles – Universidade Federal da Bahia (Brasil)
5 – Kabengele Munanga – Universidade de São Paulo (RD Congo)
6 – Micha Gaillard – Responsável pelo Diálogo Nacional (Haiti)
7 – Rudo Gaidzanwa – Universidade do Zimbabue (Zimbabue)
8 – Shadrack Billy Otwori Gutto – Diretor do Centro de Estudos do Renascimento Africano, UNISA (África do Sul)

Bloco B: "A ação político-pedagógica da consciência negra"
1 – Abebe Zegeye – Universidade de Adis-Abeba (Etiópia)
2 – Antônio Sérgio Guimarães – Universidade de São Paulo (Brasil)
3 – A. O. Adeniran – Universidade de Ilê Ifé (Nigéria)
4 – Christiane Yandé Diop – Diretora, Edições Presença Africana (Senegal)
4 – Gustavo Makanaky – Fundação Assim Bonanga (Colômbia)
5 – Jesus "Chucho" Garcia – Rede Afro-Venezuelana (Venezuela)
6 – Luiza Bairros – Universidade Católica de Salvador (Brasil)
Convidados especiais:
1 – Maria de Lourdes Siqueira – Diretora Cultural, Ilê Ayê (Brasil)

7 - "Perspectivas da Juventude na África e na Diáspora"

Moderador:
Júlio Tavares – Universidade Federal Fluminense (Brasil)

Relator:
Godwin Murunga – Kenyatta University (Quênia)

Bloco A: "Identidade, educação e inclusão social"
1 – Bagayogo Issaka – ISFRA, Universidade de Bamako (Mali)
2 – Bosco P. Kanani – Coordenador do Programa HIV-AIDS, Caritas (Ruanda)
3 – Eliane Cavalleiro – Coordenadora-Geral de Diversidade e Inclusão Educacional do Ministério da Educação (Brasil)
4 - Ibrahima Abdulla – Fourah Bay College, Freetown (Serra Leoa)
5 – Joe Jakes – Universidade de Westminster, Reino Unido (Burundi)
6 – Nwaboku C. Nwabuno – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
7 – Vilma Reis – Universidade Federal da Bahia, CEAFRO (Brasil)

Bloco B: "O papel das novas expressões culturais"
1 – Denise A. Campbell – Comitê de Ação Nacional sobre a Condição da Mulher (Canadá)
3 – Helder Malauene – Fundação para o Desenvolvimento Comunitário (Moçambique)
4 – João Jorge Rodrigues – Grupo Cultural Olodum (Brasil)
5 – Michael Eric Dyson – Universidade da Pennsylvania (EUA)
6 – Toni Garrido – cantor, compositor e ator (Brasil)

8 – "Economia e sociedade na África e na Diáspora: desafios atuais"

Moderador:
Josephine Ouedraogo – Secretário-Executivo Alterno da Comissão Econômica da ONU para a África (Burkina Faso)

Relator:
Simon N'Guiamba – Consultor Econômico, Comissão da União Africana (Cameroun)
Bloco A: "Renascimento africano e globalização".
1 – Elikia M'Bokolo – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Paris (RD Congo)
2 – François d'Adesky – UNIDO (Ruanda)
3 – Jacques d'Adesky – Universidade Cândido Mendes (Brasil)

4 – Mamadou Lamine Diallo – historiador (Senegal)
5 – M. Khalide Naciri – Diretor do Instituto Superior de Administração (Marrocos)
6 – Philippe Lavodrama – Afrologia (República Centro-Africana)
7 – Robert Dossou – ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros (Benin)
8 – Yves Ekoué Amaïzo – UNIDO (Togo/França)

Bloco B: "Repensando as estratégias de desenvolvimento econômico e social"
1 – Fernando Heitor – economista (Angola)
2 – Jacqueline Ki-Zerbo – Parceria Homem-Mulher para o Desenvolvimento Africano (Burkina Faso)
3 – Jeannine B. Scott – Vice-Presidente Africare (EUA)
4 – Madina Ly-Tall – historiadora, ex-Embaixadora do Mali na França (Mali)
5 – Marcelo Paixão – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
6 – Mathieu Mounikou – escritor (RD Congo)
7 – Omobitan Olunfunsho Abyomi – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
8 – Sílvio Humberto Passos – Instituto Steve Biko (Brasil)

9 - "Perspectivas e desafios da cooperação entre a África e a Diáspora na área da saúde"

Moderador:
Sheila Tlou – Ministra da Saúde e Presidente da Conferência da União Africana dos Ministros da Saúde (Botsuana)

Relator:
Chinua Akukwe – Professor Adjunto Associado dos Departamentos de Saúde Global e de Prevenção e Saúde Comunitária (Nigéria)

Bloco A: "A luta contra o HIV/AIDS, malária e outras epidemias"
1 – Adedokun Olaide – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
2 – Laura Segall Corrêa - Programa AIDS-DST, Ministério da Saúde (Brasil)
3 – Marcelo Cerqueira – Presidente do Grupo Gay da Bahia (Brasil)
4 – Teresa Cohen – Médica, Especialista em Saúde Pública (Angola)

5 – Wenceslaus Kilama – The African Malaria Network Trust, AMANET (Tanzânia)

Bloco B: "Políticas de saúde pública e formação de profissionais"
1 – Fátima Oliveira – Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)
2 – Genevesi Ogiogio – Fundação Africana de Construção de Capacidades (Zimbabue)
3 – Luis Bogado-Poisson – Organização Internacional de Migração (Argentina)
4 – Maria Inês Barbosa – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Subsecretária da Ação Afirmativa, SEPPIR (Brasil)
5 – Pascoal Manuel Mocumbi – Alto Representante da Parceria entre Europa e Países em Desenvolvimento para Experimentos Clínicos (Moçambique)

Convidada especial:
1 – Bience Gawanas – Comissária para Temas Sociais da União Africana (Namíbia)

10 – "O renascimento científico e tecnológico da África e a contribuição da Diáspora"

Moderador:
Henri Hogbe Nlend – ex-Ministro da Pesquisa Científica e Tecnológica (Cameroun)

Relator:
Bothale Octavia Tema – Diretora de Recursos Humanos, Ciência e Tecnologia, Comissão da União Africana (África do Sul)

Bloco A: "Intercâmbio científico e tecnológico entre a África e a Diáspora"
1 – Amoo Bosede Oyeteju – Universidade federal de Lagos (Nigéria)
2 – Bamidele Ogbe Solomon – Agência Nacional para o Desenvolvimento da biotecnologia (Nigéria)
3 – Habiba Bouhamed Chaabouni – Universidade de Túnis (Tunísia)
4 – Jacob Palis – Secretário-Geral, Academia de Ciências do Terceiro Mundo (Brasil)

5 – Nagia Essayed – Comissário, Recursos Humanos, Ciência e Tecnologia, Comissão da União Africana
6 – Pedro Teta – Vice-Ministro da Ciência e Tecnologia (Angola)

Bloco B: "Sociedade da informação, mídias e novas tecnologias"
1 – Amadou Thior – cineasta e roteirista (Senegal)
2 – David Akossa Okongwu – Agência Nacional para Desenvolvimento da Biotecnologia (Nigéria)
3 – Eliane Borges – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (Brasil)
4 – Maria Aparecida Moura – Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)
5 – Yaye Gamassa Dia – Ministro da Ciência e Tecnologia (Senegal)

11 – "A luta contra a pobreza e o combate ao racismo, xenofobia e outras formas de discriminação"

Moderador:
Carlos Alberto Medeiros – Secretaria de Direitos Humanos do Rio de Janeiro (Brasil)

Relator:
Ayodele Aderinwale – Diretor-Executivo do Fórum da Liderança Africana (Nigéria)

Bloco A: "A luta contra a pobreza e as metas do Milênio"
1 – Adebayo Olukoshi – Secretário-Geral do Conselho para o Desenvolvimento
da Pesquisa em Ciências Sociais na África, CODESRIA (Nigéria)
2 – Alpha Condé – historiador (Guiné)
3 – Kinfe Abraham – Presidente do Instituto Internacional Etíope para a Paz e o Desenvolvimento (Etiópia)
4 – Maxwell Mkwezalamba – Comissário da UA para Assuntos Econômicos (Malaui)
5 – Mohamed Lamouri – Faculdade de Direito, Economia e Ciências Sociais de Rabat (Marrocos)
6 – Njunga Milikita – Departamento de Ciência Política, Universidade da Zâmbia

7 – Patrus Ananias – Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (Brasil)

Bloco B: "O combate ao racismo, à xenofobia e outras formas de discriminação: Durban+5"
1 – Alioune Tine – Secretário-Geral da "Reencontro Africano dos Direitos do Homem" (Senegal)
2 – Clare Roberts – Presidente da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (Antígua e Barbuda)
3 – Doudou Diene – Relator Especial da ONU sobre Formas Contemporâneas de Racismo (Senegal)
4 – Elias Wahab – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)
5 – Fidelia Graand-Gallon – Maroon Women Network (Suriname)
6 – Iba der Thiam – Vice-Presidente da Assembléia Nacional (Senegal)
7 – Matilde Ribeiro – Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Brasil)
8 – Mohamed Aujjar – Ex-Ministro dos Direitos Humanos (Marrocos)
9 – Nuhu Omeiza Yaqub – Vice-Chanceler, Universidade de Abuja (Nigéria)

Convidado especial:
1 – John Shinkaye – Embaixador, Chefe de Gabinete do Presidente da Comissão da União Africana (Nigéria)

12 – "A contribuição da África para a Civilização"

Moderador:
Alioune Sall – sociólogo e Coordenador regional do programa "African Futures" (Senegal)

Relatores:
Eddy Maloka – Diretor do Africa Institute of South Africa (África do Sul)

Bloco A: "O legado das antigas civilizações africanas"
1 – André Salifou – ex-Ministro das Relações Exteriores (Níger)
2 – Berhanou Abebe – Comissão Econômica da ONU para a África (Etiópia)
3 – Cheikh Mbake Diop – historiador (Senegal)
4 – Dudley Thompson – historiador e diplomata (Jamaica)

5 – Elisa Larkin Nascimento – IPEAFRO (EUA/Brasil)
6 – Molefi K. Asante – Departamento de Estudos Africanos, Temple University (EUA)
7 – Oyeweso Siyan – Universidade Federal de Lagos (Nigéria)

Grupo B: "A Diáspora africana e a construção do mundo moderno"
1 – Abdalla Bujra – sociólogo, ex-Secretário Executivo da CODESRIA (Quênia)
2 – Annick Thebia – Organização Internacional da Francofonia (Guiana Francesa)
3 – Carol Boyce-Davis – Universidade Internacional da Flórida (Trinidad e Tobago)
4 – Cecile Eistrup – Consultora da UA para Assuntos de Reparação (Jamaica)
5 – Erieka Bennett – Diretora do Forum Diáspora Africana e Consultora Presidencial (Gana)
6 – Massimango Kagabo – Colegio de México (RD Congo)
7 – Sheila S. Walker – Spelman College (EUA)

Convidados especiais:
1 – Boaventura da Silva Cardoso – Ministro da Cultura (Angola)
2 – Jake Obetsebi-Lamptey – Ministro do Turismo e da Diáspora (Gana)
3 – Mame Birame Diouf – Ministro da Cultura (Senegal)

III – Mostra de Cinema da África e da Diáspora

Mesa Redonda

"O cinema como um veículo de construção de identidades na África e na Diáspora"

Moderador:
Celso Luiz Prudente – antropólogo e cineasta (Brasil)

Relator:
Joel Zito Araújo – cineasta (Brasil)

Expositores:
1 – Abderrahmane Sissako – diretor, "À espera da felicidade" (Mauritânia)
2 – Andrea Basilio – produtor, "O herói" (Angola)
3 – Antônio Prado – produtor, "O dia em que o Brasil esteve aqui" (Haiti)

4 – Idrissa Ouédraogo – diretor, "Samba troré" (Burkina Faso)
5 – Leandro Firmino – ator, "Cafundó" (Brasil)
6 – Magda Gonji – produtor, "À espera da felicidade" (Mauritânia)
7 – Rigoberto López – diretor, "Roble de olor" (Cuba)

3. Relatório do Núcleo de Coordenação

A II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora – II CIAD realizou-se, em Salvador, de 12 a 14 de julho de 2006, sob o tema geral "A Diáspora e o Renascimento Africano". Os trabalhos, co-presididos pelo Ministro Gilberto Gil e pela deputada sul-africana Frene Ginwala, ocorreram no Centro de Convenções de Salvador, Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Uma programação cultural paralela acompanhou a II CIAD, ocupando espaços diversos com mostras de cinema, exposições de arte e fotografia, shows musicais e oficinas para estudantes.

2. A sugestão de trazer a II CIAD para um país da Diáspora partiu do Presidente do Senegal, Maître Abdoulaye Wade, anfitrião da I CIAD (Dacar, 6 a 9 de outubro de 2004). O Presidente da Comissão da União Africana, Alpha Oumar Konaré, formalizou o convite, por meio de carta enviada, em 15 de junho de 2005, ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

3. A pronta aceitação do convite deu-se no contexto da política brasileira de adensamento de suas relações políticas, econômicas e culturais com o continente africano. Refletiu também a consciência de que semelhante evento constituiria oportunidade ímpar para reafirmar o compromisso do governo federal em promover a igualdade racial e valorizar cultura brasileira de matriz africana. Assim, por meio de Decreto presidencial, foi instituído, em 28 novembro de 2005, Grupo de Trabalho Interministerial encarregado da

organização do evento (GTI-CIAD). A coordenação do Grupo coube ao Ministério das Relações Exteriores.

4. Os preparativos para a Conferência envolveram, entre outros fatores: (a) negociações com a Comissão da União Africana; (b) contatos com intelectuais africanos e da Diáspora; (c) contatos com governos interessados; (d) articulação de apoios junto a organismos internacionais; (e) constituição de Comitê Internacional e Científico; (f) exaustiva consulta a entidades e intelectuais nacionais dedicados a temas africanos e afro-brasileiros.

5. Para a montagem dos eventos em Salvador, o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Cultura – por intermédio da Fundação Cultural Palmares – destacaram equipes de trabalho e mobilizaram recursos orçamentários. O esforço contou também com o apoio do Governo do Estado da Bahia, Prefeitura de Salvador, Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O Ministério da Defesa prestou valiosa contribuição, disponibilizando aeronave da Força Aérea Brasileira para o transporte de autoridades e intelectuais convidados na rota Adis Abeba-Abuja-Dacar-Salvador (ida e volta). O esforço permitiu que 120 pessoas adicionais participassem da II CIAD.

6. A Sessão de Abertura da II CIAD foi realizada na manhã do dia 12 de julho, no Auditório Yemanjá do Centro de Convenções de Salvador, com a presença do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Compareceram também à Sessão os Chefes de Estado de Botsuana, Cabo Verde, Gana, Guiné Equatorial e Senegal, bem como a Primeira-Ministra da Jamaica, o Vice-Presidente da Tanzânia e o Presidente da Comissão da União Africana. Delegações ministeriais foram enviadas pelos governos de Angola, Argélia, Etiópia e Marrocos. Os demais países africanos se fizeram representar por seus embaixadores em Brasília.

7. Ao término da Sessão, prestou-se homenagem ao Senador Abdias Nascimento, líder histórico do movimento negro brasileiro. Em seguida, as altas autoridades ali reunidas dedicaram-se a debate inaugural sobre o tema da Conferência – "A Diáspora e o Renascimento Africano" –, evento que contou com a participação do cantor e compositor norte-americano Stevie Wonder. À noite, o Governador do Estado da Bahia, Paulo Souto, ofereceu recepção no Palácio da Aclamação aos participantes da II CIAD.

8. Em seus três dias de trabalhos, a II CIAD promoveu 3 mesas redondas de alto nível, 25 mesas de debate em grupos temáticos e 3 sessões plenárias.

O exercício permitiu aos conferencistas abordar uma pluralidade de temas relacionados ao renascimento africano e à valorização das populações da Diáspora, abrangendo as áreas da educação, ciência e tecnologia, saúde, economia, história, ciências sociais, direitos humanos, literatura, filosofia, religião, arte, cinema, cooperação técnica, políticas sociais, juventude e novas expressões culturais.

9. Ao final dos trabalhos, foi aprovada a "Declaração de Salvador", contendo sugestões para o aprofundamento da cooperação entre a África e a Diáspora, e também exortando os governos desses países a aprofundarem suas políticas de combate à desigualdade e promoção das populações afro-descendentes. Entre as propostas constantes do documento, mereceram especial aclamação por parte do público presente:

(a) o apoio às políticas de ação afirmativa e à adoção de quotas nas universidades para estudantes afro-descendentes;

(b) o pedido da adoção de políticas específicas para a melhoria da condição da mulher;

(c) a idéia da implantação de um Centro de Estudos da África e da Diáspora.

10. Outras sugestões e propostas de ação apresentadas pelo intelectuais, autoridades e representantes da sociedade civil que integraram as Mesas Redondas e Grupos de Trabalho da II CIAD foram consolidadas pelo Núcleo de Coordenação no documento "Os 60 Pontos de Salvador – uma plataforma de ação".

11. Graças ao apoio da TV UFBA, os três dias de trabalhos foram registrados em vídeo e transmitidos via internet. Espera-se poder elaborar DVDs com os trechos mais relevantes do evento.

12. Participaram da II CIAD, ao total, 260 palestrantes, vindos de 53 países. Além deles, estiveram em Salvador diversos intelectuais, artistas e estudantes estrangeiros, muitos dos quais jamais tinham estado no Brasil. Estima-se que os eventos em plenário tenham contado com um público médio de 800 pessoas por sessão, havendo os grupos temáticos atraído cerca de 2.000 participantes.

13. Nas atividades culturais paralelas, realizadas de 11 a 15 de julho, o público presente ultrapassou a marca das 30 mil pessoas por dia. Implementadas pelo Ministério das Relações Exteriores e Fundação Cultural Palmares, essas atividades compreenderam:

- Mostra de Cinema da África e da Diáspora, acompanhada de Mesa Redonda sobre "O Cinema como Veículo de Construção de Identidades na

África e na Diáspora", reunindo diretores, atores e produtores de nove países – Sala Walter da Silveira;

- Montagem de Sala do Cinema Negro Brasileiro, com projeção de filmes e documentários – Praça da Sé;
- Exposição "Abdias Nascimento, 90 anos – Memória Viva" – Centro Cultural da CEF;
- Exposição "Agudás, os brasileiros do Benin", de Milton Guran – Casa do Benin;
- Exposição "Italê Ogun", de Adenor Godim – Galeria Solar do Ferrão;
- Exposição "Da Cabaça, o Brasil: natureza, cultura e diversidade", de Luiz Carlos Ferreira – SESC Bahia;
- Exposição "Mulheres de Ébano", de Lucy Barbosa – Museu Eugênio Teixeira;
- Exposição "30 Anos de Blocos Afro", de Alberto Pitta – Antiga Faculdade de Medicina;
- Exposição "Raízes", de Selvo Afonso – Casa de Angola;
- Exposição "Negros: Passado e Presente", de Januário Garcia – Praça da Sé;
- Apresentação do "Samba de Roda do Recôncavo", manifestação cultural incluída na Lista da UNESCO de Obras-Primas do Patrimônio Imaterial da Humanidade – Centro de Convenções e Praça Tomé de Souza;
- Apresentação do Balé Nacional do Senegal – Palácio da Aclamação (durante a recepção aos convidados da II CIAD);
- Shows com artistas de renome (Banda Malê Afro Beat, Sandra de Sá, Luis Melodia, Toni Garrido, Leci Brandão e Netinho, entre outros) – Praça Tomé de Souza;
- Shows com artistas locais e mestres da cultura popular (Samba de Roda, Raízes de Angola, Quinteto de Choro, Grupo da Cidade de São Francisco do Conde, Crianças do Quilombo de Jatimane, Grupo Ganhadeiras de Itapuã, entre outros) – Praça Tomé de Souza;
- Show com artistas internacionais (Angelique Kidjo, Isa Pereira, Ilê Ayê, e participação especial do Ministro Gilberto Gil) – Concha Acústica do Teatro Castro Alves;
- Visita às principais casas de Candomblé da Bahia – Ilê Axé Opô Afonjá (nagô), Casa Branca do Engenho Velho (nagô), Bogun (jêje) e Bate Folha (angola);
- Edição de livros sobre as Igrejas de Salvador e os Museus das UFBA (Arte Sacra, Etnologia e Afro-Brasileiro);
- Feira de livros e de literatura negra – Centro de Convenções;

- Oficinas de artesanato, cartum, instrumentos percursivos e cinema digital (para 2 mil alunos da rede pública) – Praça da Sé.

14. Coordenaram a realização das atividades culturais paralelas o Embaixador Paulo César Meira de Vasconcellos, Diretor do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, e o Dr. Zulu Araújo, Diretor da Fundação Cultural Palmares

15. Adicionalmente, a Fundação Palmares, com o apoio da SEPPIR, organizou, nos dia 15 e 16 de julho, no auditório da reitoria da UFBA e auditório Caetano Veloso da UNEB, o Fórum Social da II CIAD, reunindo representantes do movimento negro e intelectuais brasileiros e estrangeiro para debates sobre questões como o problema penitenciário no Brasil, a situação da mulher e a necessidade de um contato mais estreito entre as comunidades afro-descendentes latino-americanas e caribenhas.

16. A II CIAD foi promovida pelo governo brasileiro em parceria com a União Africana, entidade responsável pela criação desse mecanismo de diálogo entre intelectuais e lideranças políticas da África e da Diáspora. Contou também com o apoio da Organização Internacional da Francofonia, UNESCO e CPLP.

17. O Grupo de Trabalho Interministerial (GTI-CIAD) instituído pelo Governo brasileiro incluiu representantes do MRE, MinC, SEPPIR, MEC, MC, MPOG e Casa Civil. Os aspectos substantivos da Conferência foram apreciados pelo GTI-CIAD com o auxílio de um Conselho Técnico e Científico, constituído de personalidades brasileiras da área de estudos africanos.

18. Para a implementação das decisões do GTI-CIAD, foi criado Grupo de Trabalho no Ministério das Relações Exteriores, presidido pelo Embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira, Subsecretário-Geral de Cooperação e de Promoção Comercial do MRE. A coordenação internacional do evento coube ao Embaixador Luis Filipe de Macedo Soares, Representante Permanente do Brasil junto à UNESCO.

19. De sua parte, a Comissão da União Africana criou um Comitê Organizador encarregado da II CIAD, sob a chefia da Dra. Bience Gawanas, Comissária para Assuntos Sociais. O Grupo de Trabalho do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e o Comitê Organizador da União Africana trabalharam em estreita cooperação na organização da II CIAD. Ambas as estruturas mantiveram contato permanente e se reuniram formalmente, por duas vezes, na Delegação Permanente do Brasil junto à UNESCO, com a finalidade de garantir a adequada preparação da II CIAD.

20. Em complemento, convocou-se um Comitê Internacional e Científico (CI-CIAD), encarregado de examinar o projeto de Conferência em seus aspectos substantivos. Os integrantes do CI-CIAD foram indicados pelo Governo brasileiro e pela Comissão da União Africana. A reunião do CI-CIAD ocorreu, em Brasília, nos dias 20 e 21 de março.

21. Concluindo o relatório, pode-se afirmar com segurança que a II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora – II CIAD constituiu um dos maiores encontros de acadêmicos, lideranças políticas e representantes de movimentos sociais já realizados no Brasil. O esforço de reflexão, centrado no tema "A Diáspora e o Renascimento Africano", permitiu à sociedade brasileira consolidar sua parceria estratégica com o continente africano, ao mesmo tempo em que conferiu maior legitimidade ao esforço de implantar no país políticas de ação afirmativa em prol dos afrodescendentes.

22. Para os participantes da África e da Diáspora, o evento demonstrou o quanto um diálogo franco e abrangente entre a intelectualidade e as autoridades governamentais pode contribuir para o Renascimento Africano. Evidenciou ainda a importância da perspectiva pan-africanista para o aprofundamento da cooperação entre o continente africano e sua Diáspora. Por fim, enfatizou que a celebração da cultura de matriz africana e o resgate do papel da África e dos africanos na formação do mundo contemporâneo se fazem necessários para a valorização dos povos do continente e luta pela melhoria das condições de vida dos afrodescendentes em todo o mundo.

23. A Comissão da União Africana e o governo brasileiro, como organizadores da II CIAD, congratulam-se com os intelectuais, estudantes e representantes da sociedade civil que participaram da Conferência por haverem produzido, em seu esforço de reflexão, uma plataforma capaz de projetar a África e sua Diáspora em direção a um futuro mais justo e dinâmico.

Brasília, 30 de agosto de 2006/MD

4. Declaração de Salvador

NÓS, os participantes da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora – II CIAD, reunidos em Salvador - Brasil, de 12 a 14 de julho de 2006:

RECORDANDO a I Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora – I CIAD, realizada em Dacar, Senegal, de 6 a 9 de outubro de 2004, sob o tema geral "A África no Século XXI: Integração e Renascimento";

CONCORDANDO em que o tema da II CIAD, "A Diáspora e o Renascimento Africano", agrega e enseja perfeita continuidade em relação à I CIAD;

RECONHECENDO a importância da participação do Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que abriu os trabalhos da Conferência;

AGRADECENDO a também importante contribuição dos Presidentes de Botsuana, Cabo Verde, Gana, Guiné Equatorial e Senegal, bem como da Primeira Ministra da Jamaica, do Vice-Presidente da Tanzânia e do Presidente da Comissão da União Africana;

SAUDANDO a ativa participação dos intelectuais e autoridades presentes, oriundos das várias regiões do continente africano e da Diáspora;

EXPRESSANDO à Comissão da União Africana e ao Governo da República Federativa do Brasil seu apreço pela organização da II CIAD,

iniciativa que lança as bases para uma cooperação permanente entre a União Africana, principal organização do continente, e os países da Diáspora;
DESTACANDO a riqueza dos debates ocorridos nas três mesas redondas e doze grupos temáticos;

CONCORDAMOS QUE

1. A crescente consciência da necessidade de um renovado pan-africanismo, com suas repercussões políticas, econômicas e culturais, e a solidariedade dos Estados da África, reunidos em torno à União Africana, constituem elementos essenciais ao Renascimento Africano.
2. A Diáspora africana, presente em todo o globo terrestre, representa parte fundamental do patrimônio cultural e político africano e mantém viva a consciência de suas origens.
3. Um maior engajamento da Diáspora com suas raízes históricas africanas auxiliará a superação dos desafios enfrentados em diferentes países pelas comunidades de origem africana. Por sua vez, a África poderá se beneficiar de uma Diáspora coordenada, que poderá emprestar seu apoio ao processo de desenvolvimento sustentável do continente.
4. O encontro de intelectuais, no contexto da CIAD, incentiva e contribui para a integração da Diáspora com suas origens ancestrais.
5. O desenvolvimento da África será dinamizado por meio da contribuição da Diáspora Africana.
6. A I e a II CIAD se apresentam como relevantes mecanismos para a compreensão global do Renascimento Africano, e marcam a necessidade de que o diálogo entre os intelectuais da África e da Diáspora prossiga no intervalo entre as conferências.
7. A África e a Diáspora devem trabalhar conscientemente pelo manejo sustentável e responsável dos recursos naturais, bem como pela distribuição eqüitativa dos benefícios deles auferidos, no âmbito de um sistema inclusivo e participativo, em respeito aos direitos humanos e à diversidade cultural.

DECLARAMOS QUE

I. A II CIAD reitera o chamado aos líderes africanos para que a Diáspora seja considerada a sexta região do continente.

II. A União Africana deverá promover atividades da Diáspora como parte importante de seu organograma, e reforçar e apoiar o Departamento da Sociedade Civil e das Relações com a Diáspora (CIDO), responsável pelos contatos com as comunidades de origem africana em outros países.
III. Os países africanos e as comunidades da Diáspora devem apoiar o trabalho do Departamento, em particular, e da Iniciativa da União Africana para a Diáspora, em geral.
IV. A Comissão da União Africana deverá estabelecer um Comitê de Coordenação de intelectuais, que lhe auxiliaria a considerar os meios e o marco jurídico para o estabelecimento de um Secretariado Permanente, conforme recomendado pela I CIAD.
V. Na melhor tradição da investigação intelectual com responsabilidade social, Comitê de Coordenação trabalharia no sentido da promoção da estratégica entre os intelectuais e autoridades governamentais na África e na Diáspora, por meio de mecanismos organizados e sustentáveis. O Comitê de Coordenação também poderia propor modalidades para a coordenação da pesquisa, do ensino e do diálogo, bem como outras atividades de interesse estratégico, para dinamizar o Renascimento Africano e integrar essas atividades com aquelas da União Africana e outras iniciativas multilaterais.
VI. Em sintonia com resoluções anteriores, a União Africana deverá, em consulta com todos os seus parceiros, buscar a criação de mecanismos institucionais que serviriam como pontos de referência para a cooperação ampliada entre organizações intelectuais e artísticas da África e da Diáspora. Esses mecanismos poderiam promover, entre outras, atividades setoriais, projetos científicos, seminários, eventos artísticos e encontros de jovens, com vistas a fortalecer e promover o pan-africanismo.
VII. A decisão do Governo da República Federativa do Brasil de contribuir para o estabelecimento de tais mecanismos é calorosamente acolhida pela II CIAD.
VIII. A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) é convidada a incluir em seu programa e orçamento para o biênio 2008-2009, e para sua estratégia e médio prazo 2008-2013, o apoio a atividades de seguimento da II CIAD e outras iniciativas que promovam o estreitamento dos laços entre a África e a Diáspora.
IX. A Comissão da União Africana deverá manter, com instituições relevantes, como a Organização Internacional da Francofonia (OIF), o Secretariado da Commonwealth, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP),

parcerias estratégicas destinadas a mobilizar o apoio em torno do processo das CIADs, incluindo atividades de seguimento à I e à II CIAD.

X. A I e a II CIAD representam marcos das estreitas relações entre os países africanos e os países da Diáspora e testemunhos da crescente importância da África no mundo.

XI. A II CIAD reconhece o papel fundamental das mulheres no Renascimento Africano, e propõe que solidariedade entre a África e a Diáspora seja reforçada pela criação de uma rede de intelectuais, voltada à articulação e à defesa dos direitos e das conquistas alcançadas pelas mulheres. Ademais, as mulheres da Diáspora deverão ser encorajadas a participar de movimentos pan-africanos femininos.

XII. A II CIAD, tomando em consideração as legítimas demandas da população de origem africana, reitera a importância do acesso universal à educação como instrumento para a correção de injustiças históricas. Em sintonia com as iniciativas desenvolvidas nesse sentido pelo Governo brasileiro, a II CIAD declara seu apoio às cotas, às políticas de ação afirmativa e a outros mecanismos correlatos.

XIII. A concretização do Renascimento Africano é elemento essencial para que o século XXI inicie uma era em que todos os povos e países tenham acesso à riqueza e à cultura, em pleno respeito da dignidade, dos direitos e dos valores das crianças, mulheres, idosos e homens de todas as etnias e crenças.

Salvador, 14 de julho de 2006.

5. Os 70 Pontos de Salvador – uma plataforma de ação[1]

Os participantes da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora – II CIAD, reunidos em Salvador, entre 12 e 14 de julho de 2006, apresentaram, como contribuição à formulação das políticas públicas de seus países, as seguintes propostas de ação, voltadas para o Renascimento Africano e a superação das desigualdades que atingem as populações afrodescendentes na Diáspora:

1. Reconhecer o papel dos intelectuais e incentivá-los a participar do processo de tomada de decisão na esfera governamental.
2. Apoiar a criação de mecanismos institucionais que reforcem a solidariedade entre a Diáspora e a África, tanto nas instâncias governamentais como no âmbito da sociedade civil.
3. Fomentar o processo de reflexão entre a intelectualidade africana e a intelectualidade dos países da Diáspora, mediante a criação de uma Universidade Pan-Africana.
4. Viabilizar a implantação um Centro de Estudos da África e da Diáspora, que atue como secretariado permanente da CIAD.
5. Consolidar as cinco regiões do continente, destacando a Diáspora como sexta região africana.

[1] Os pontos constantes desta Plataforma de Ação foram compilados pelo Núcleo de Coordenação da II CIAD, com base nos textos apresentados pelos relatores designados de cada uma das Mesas Redondas e Grupos Temáticos da Conferência.

6. Estabelecer um pacto político entre a África e a Diáspora, para unir forças, proteger seus povos, e buscar conjuntamente o desenvolvimento e o bem-estar.
7. Aprofundar a boa governança, a transparência, o combate à corrupção e o respeito aos direitos humanos, como fatores indispensáveis ao desenvolvimento econômico e à consolidação da democracia.
8. Promover, no plano interno, a democracia e o pluralismo, fazendo acompanhar esse movimento, no cenário internacional, pela defesa da tolerância e da cultura da paz.
9. Seguir lutando contra a pobreza e melhorando os indicadores sociais, nos países africanos e da Diáspora, com especial atenção para as leis antidiscriminação e as políticas de ação afirmativa.
10. Reivindicar o estabelecimento de uma ordem internacional verdadeiramente democrática, com a reforma do sistema das Nações Unidas e do Conselho de Segurança.
11. Adotar medidas para maior conscientização internacional sobre os problemas do racismo, da xenofobia, da exclusão e da exploração econômica, seja com relação aos afrodescendentes, seja no que respeita a nova diáspora africana na Europa e nos EUA.
12. Acompanhar o processo de monitoramento da implementação das recomendações da Conferência de Durban.
13. Enfatizar, no debate entre nações, a inconsistência daqueles que pretendem, de um lado, liberalizar mercados e promover a livre-circulação de bens e capitais enquanto, de outro, estabelecem crescentes barreiras à circulação de pessoas, especialmente quando oriundas de países africanos ou latino-americanos.
14. Lutar no cenário internacional pela adoção de medidas de reparação em prol dos africanos e afrodescendentes, cujos ancestrais foram vítimas de privação de liberdade e submetidos à escravidão, estudando, nesse contexto, a possibilidade da criação de um Fundo da Reconstrução Africana.
15. Garantir a administração adequada dos recursos naturais, partilhados eqüitativamente, e de forma sustentada, através de uma "governança participativa".
16. Promover uma maior integração dos segmentos excluídos da população, de modo a combater fontes potenciais de conflitos sociais, bem como a criminalidade e o terrorismo.
17. Ampliar o espaço democrático, mediante o reconhecimento da diversidade e pluralidade de crenças, hábitos, valores e culturas.

18. Proteger e promover, tanto no plano interno quanto no cenário internacional, a diversidade cultural, repositório de nossas melhores tradições e fonte indispensável a toda renovação da produção artística e intelectual.
19. Fomentar uma melhor articulação entre tradição e modernidade, voltada para a compatibilização das instituições peculiares de cada local com os valores universais da liberdade e da igualdade.
20. Promover a segurança da população, contemplando os direitos humanos, a educação adequada e o ambiente saudável, entre outros itens básicos de sobrevivência.
21. Captar recursos, no plano internacional, que assegurem uma ação coletiva adequada na prevenção e solução de conflitos.
22. Incentivar a criação de uma rede mundial de comunicação e intercâmbio de idéias entre a África e a Diáspora, na busca de um pan-africanismo que contemple as várias Áfricas do continente africano e da Diáspora.
23. Fixar objetivos claros e metas a médio prazo para a melhoria da condição das mulheres na África e na Diáspora.
24. Promover o acesso desimpedido das mulheres às necessidades sociais de base, tais como habitação, saúde, emprego, educação e cultura.
25. Institucionalizar a temática do gênero e da eqüidade nas universidades.
26. Responsabilizar as mulheres e estimular sua participação nas instâncias decisórias governamentais e nos órgãos encarregados da implantação dessas decisões.
27. Repensar as estratégias de desenvolvimento para incluir a perspectiva de melhoria das condições da mulher.
28. Realizar estudo sobre o lugar da mulher nas sociedades africanas.
29. Instituir programas que difundam entre as crianças valores e princípios básicos tais como a dignidade, a resistência à opressão, a democracia e a importância do trabalho.
30. Garantir a expansão e melhoria da educação – com ênfase na juventude, na erradicação do analfabetismo e na inclusão das mulheres –, expandindo tanto os sistemas primário e secundário, quanto os níveis técnico e universitário.
31. Instituir sistemas de reservas de vagas nas universidades para mulheres, minorias e afrodescendentes, não apenas como mecanismo de ascensão social, mas, sobretudo, como forma de efetiva democratização do saber e incentivo à produção de um conhecimento mais apropriado à realidade dessas populações historicamente desfavorecidas.

32. Facilitar, apoiar e expandir o intercâmbio de estudantes entre a Diáspora e a África.
33. Promover o ensino da história e da cultura da África e dos africanos na Diáspora, como fator não apenas de igualdade racial, mas da própria construção da justiça e da democracia.
34. Incentivar a pesquisa e difusão – inclusive nos textos didáticos - de uma historiografia mais criteriosa, que descolonize o saber, valorizando o riquíssimo passado africano e revelando o decisivo papel da África e de seus povos na construção do mundo moderno.
35. Empreender esforço conjunto África-Diáspora para a sistematização de dados históricos e econômicos, visando sua inclusão nos currículos escolares.
36. Financiar pesquisas e estudos que relacionem a história da África com a da Diáspora para que, a partir dessa base, nossos países possam participar mais ativamente da elaboração da história da humanidade e da história universal, destacando a contribuição da África e evitando toda e qualquer futura marginalização.
37. Caminhar, no sistema de ensino dos países da Diáspora, em direção a uma história não territorial, que saiba estender-se através do Atlântico e considere de modo pleno as influências africanas.
38. Privilegiar a cooperação no campo da educação e da cultura, com vistas à construção de identidades comuns.
39. Promover um reexame criterioso e participativo dos currículos e metodologias de ensino, de modo a contra-arrestar o crescente desinteresse da juventude pelo sistema de instrução formal.
40. Fomentar nas escolas as práticas esportivas, o ensino das artes, o domínio de novas tecnologias e mídias, assim como a participação da família e da comunidade, para que o jovem possa ali encontrar um ambiente mais cativante e um instrumento efetivo para a sua formação e socialização no mundo moderno.
41. Apoiar a construção de um multilingüísmo funcional complementar, em que as "línguas mães" africanas tenham precedência, sem prejuízo do ensino e domínio de uma segunda língua européia, que sirva de instrumento para a comunicação com o mundo.
42. Valorizar, nos dois lados do Atlântico, as religiões, línguas e expressões culturais de matriz africana, sem o que não poderá jamais haver Renascimento Africano, nem na África nem na Diáspora.

43. Proteger e assegurar a permanência das tradições dos orixás, vudus e inquices na África e na Diáspora, mediante, entre outros fatores: o registro dessas práticas como patrimônio imaterial; o incentivo ao intercâmbio de informações e circulação de lideranças; a promoção de seminários, estudos e pesquisas; e o apoio às atividades sociais desenvolvidas pelas comunidades e terreiros.
44. Combater a intolerância religiosa, pondo fim às perseguições, às práticas difamatórias e à demonização sistemática das divindades tradicionais e espíritos ancestrais africanos.
45. Incentivar atividades que facilitem o conhecimento mútuo e o intercâmbio artístico e intelectual entre a África e a Diáspora.
46. Desenvolver atividades de cooperação que, além da transferência de tecnologia, constituam efetivo compartilhamento do conhecimento, favorecendo o aprofundamento do diálogo intelectual.
47. Construir políticas de aproximação entre intelectuais e pesquisadores africanos que desenvolvem suas atividades profissionais na Diáspora e aqueles que se encontram na África.
48. Combater os fatores estruturais que levam à "fuga de cérebros", criando condições adequadas de trabalho, de carreira e de produção do conhecimento para intelectuais na África e na Diáspora.
49. Ampliar os institutos de pesquisas e recursos financeiros destinados à pesquisa, inclusive mediante a criação de um fundo pan-africano de apoio à pesquisa.
50. Introduzir uma discriminação positiva em favor dos africanos nos países da Diáspora sempre que o recrutamento de cientistas e intelectuais estrangeiros se fizer necessário.
51. Propiciar, nos países da Diáspora, a formação um maior número de intelectuais afrodescendentes, e garantir, nos países africanos, um maior acesso das mulheres às carreiras científicas.
52. Facilitar o trânsito de intelectuais e artistas entre a África e a Diáspora, especialmente no que se refere a vistos e autorizações de trabalho, avaliando-se, nesse contexto, a possibilidade da adoção de passaportes pan-africanos.
53. Priorizar a relação entre as universidades africanas e da Diáspora, incentivando intercâmbios entre programas de graduação, pós-graduação e pesquisa.
54. Promover a cooperação científica e tecnológica Sul-Sul e aprofundar a cooperação já existente entre a Diáspora e o continente africano.

55. Fomentar o intercâmbio em áreas decisivas para o desenvolvimento, tais como transportes, energia, construção civil, eletrônica, biotecnologia e incremento da produtividade agrícola.
56. Incentivar a implementação de novos programas de cooperação, voltados para a produção científica sobre o continente africano e as populações afrodescendentes.
57. Aumentar a cooperação entre a Diáspora e a África no combate a endemias e nas políticas e programas de saúde básica.
58. Promover estudo comparado das estratégias eficazes e boas práticas em matéria de saúde, educação sanitária, gestão participativa e trajetórias de controle de epidemias.
59. Reconhecer que a saúde é um direito fundamental de nossos cidadãos e cidadãs, e que cabe ao Estado garantir o acesso universal aos cuidados de saúde.
60. Proteger os saberes e conhecimentos tradicionais de matriz africana, cuja propriedade e usufruto constituem direito inviolável dos povos que os desenvolveram e preservaram.
61. Incorporar esses saberes e conhecimentos tradicionais nos sistemas oficiais de promoção da saúde e tê-los em conta na reforma dos modelos nacionais de política de saúde.
62. Estabelecer uma agenda comum entre África e Diáspora na luta contra o HIV/AIDS, Malária e outras epidemias.
63. Incentivar políticas editoriais que possibilitem a circulação dos conhecimentos produzidos na África e na Diáspora.
64. Criar mecanismos para promover o retorno e permanência de pessoal de saúde migrado da África, e estimular os recursos humanos de saúde formados no continente, mediante melhores condições de trabalho e remuneração satisfatória.
65. Ampliar os meios de comunicação entre a África e a Diáspora, mediante maiores investimentos nas áreas de transporte, rádio, televisão, telefonia e inclusão digital.
66. Fazer acompanhar o esforço de domínio das novas tecnologias de uma atenção especial com as questões do acesso, da inclusão social, da superação das barreiras de raça e gênero e do desenvolvimento de conteúdos apropriados a esses fins.
67. Promover o audiovisual e as indústrias criativas, mediante iniciativas tais como: o incentivo ao mecenato oficial e privado; a criação de fundos de

investimento; o apoio à formação profissional e empresarial; a garantia de espaços de mercado e acesso à distribuição; a promoção da diversidade; o incentivo à circulação de conteúdos entre a África e a Diáspora; e a remoção de toda forma de censura ao processo criativo.

68. Resgatar, na formulação das políticas econômicas, a perspectiva do desenvolvimento, adaptando-a não a receituários exógenos, mas aos efetivos desafios e potenciais do continente africano e dos países da Diáspora.

69. Buscar desenvolver economias movidas a conhecimento e inovação, incrementando, para tal, as atividades de investimento, com um ambiente favorável aos capitais externos, especialmente aqueles oriundos da Diáspora.

70. Lutar contra o afro-pessimismo e promover as idéias contidas no movimento do Renascimento Africano, de modo a resgatar, intelectual e moralmente, a auto-estima da África e dos povos africanos na Diáspora.

Brasília, 25 de maio de 2007/MD

6. Relatórios dos Debates em Mesas Redondas

1ª Mesa Redonda
"A Diáspora e o Renascimento Africano: contribuições passadas e projeto atual"[2]

Relatora:
Margaret Vogt – Departamento de Assuntos Políticos das Nações Unidas (Nigéria)

O Relatório:

"Participaram da Mesa Redonda os excelentíssimos senhores presidentes Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil; Senhor Festus Mogae, de Botswana; Senhor Pedro Pires, de Cabo Verde; Senhor John A. Kufuor, de Gana; Senhor Obiang Nguema, da Guiné Equatorial; e o Senhor Abdoulaye Wade, do Senegal. Estiveram também presentes a primeira-ministra da Jamaica, Portia Simpson-Miller, o vice-presidente da Tanzânia, Ali Mohamed Sein, e o presidente da Comissão da União Africana, Alpha Omar Konaré.

2. A intervenção feita pelo eminente cantor Stevie Wonder foi de significativa importância. Nela, ressaltou não ter vindo como político mas, sim, como afro-

[2] Para a transcrição completa dos debates desta Mesa Redonda Presidencial ver o Capítulo 12 abaixo (pg. 149).

americano a quem foi concedido o dom da música. Abençoou o público com uma forte mensagem de paz, na qual descreveu o quadro permanente para o progresso da África e sua Diáspora, que só poderá ser alcançada pelo amor, respeito e diálogo. Em seguida, brindou o público com sua música.

3. O significado da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora (II CIAD) para os afro-brasileiros foi especialmente enfatizado pelo Presidente Lula, que aproveitou a ocasião para homenagear o senador Abdias Nascimento pelo papel de vanguarda exercido na luta pela promoção da igualdade racial no Brasil e pela independência de vários países africanos.

4. A mesa redonda foi uma continuação natural dos pronunciamentos feitos durante a cerimônia de abertura do evento, havendo-se fundido ambas as discussões num diálogo contínuo. Todos os oradores enfatizaram o significado histórico da realização da II CIAD no Brasil, em continuação à primeira Conferência, realizada em 2004, em Dacar. A apenas a três horas e meia de vôo de Salvador, encontra-se a capital senegalesa, um dos principais pontos de partida dos milhões de africanos que foram removidos à força de sua terra natal. O Brasil, como o mais importante ponto de chegada, traz em sua própria história e formação social a medida do impacto de semelhante experiência sobre os povos que foram "exportados" à força. Hoje, à parte a Nigéria, o Brasil é o país com a maior população negra, sendo a Bahia seu estado mais africanizado.

5. Muitos dos Chefes de Estado, e, mais especialmente, o Presidente Wade, preconizaram transformar o Atlântico de oceano de separação em largo rio pelo qual seria consolidada a união de nossas histórias e culturas, um caminho para a circulação humana. Em resposta a um passado que o Presidente Konaré descreveu como de genocídio e crime contra a humanidade, promoveremos interações que facilitarão a troca dos melhores bens e serviços que nossos povos têm a oferecer.

6. Os Chefes de Estado revisaram a historiologia do Renascimento Africano e o papel fundamental dos fundadores do movimento pan-africano. Analisaram ainda o impacto desse movimento no desenvolvimento e na evolução de seu próprio histórico político. Semelhante perspectiva histórica foi eloqüentemente apresentada pela Primeira-Ministra da Jamaica, Portia Simpson-Miller, que ressaltou particularmente o papel de vanguarda exercido pelos precursores do movimento, muitos deles descendentes de jamaicanos, fazendo a ponte com a geração mais contemporânea, representada especialmente por Bob Marley, Dudley Thompson e seu predecessor, P.J. Patterson.

7. Os oradores nos relembraram a importância da filosofia e dos ideais pan-africanos para ajudar a moldar e informar a compreensão da experiência africana. Uma história que o Presidente Konaré descreveu como erroneamente interpretada e que é a base da história e da experiência, a escravidão, que deve ser considerada com um crime contra a humanidade. Argumentou que a "importação" do impacto e das conseqüências da escravidão na história dos povos descendentes de africanos precisa ser mais amplamente compreendida e "elaborada" na nossa sociedade e nas nossas políticas estratégicas.

8. Nesse mesmo espírito, um sentido especial foi dado à ligação entre os trabalhos dos grandes estudiosos africanos tais como Frantz Fannon, Cheik Anta Diop, Aimé Ceasar, Chinua Achebe, Samir Amin e Léopold Sedar Senghor, que estaria celebrando este ano o centenário de seu nascimento.

9. Os Chefes de Estado argumentaram, no entanto, que o projeto pan-africano permanece incompleto. Enquanto a independência política foi alcançada, a busca pelo desenvolvimento econômico continua. Os países clamam por uma atenção particular devido ao estado de pobreza, subdesenvolvimento e baixos níveis de saúde dos povos africanos. Pedem para que nossos esforços se voltem para a reversão do negativismo e pessimismo que denigrem a imagem africana.

10. O Presidente Konaré sugeriu que o Renascimento Africano requer uma estratégia com objetivos definidos de forma clara, ações sustentáveis que nos possam levar a uma nova África - que exalte o trabalho, a solidariedade, a justiça, o bom governo, o respeito pelas regras das leis e a promoção do papel da lei.

11. A importância da unidade do continente africano foi ressaltada. O Presidente Konaré instou os Estados a promoverem o verdadeiro nacionalismo e cidadania africanas, fundados no conceito do pan-africanismo. Ressaltou que as necessidades africanas requerem uma ampla reflexão sobre como fortalecer a União Africana, destacando ainda a importância de se adotar a Diáspora como Sexta Região Africana. A seu ver, este projeto deve estar focado na capacidade que os países e populações da Diáspora têm de ajudar os africanos a enfrentarem suas limitações atuais e fazerem face ao impacto negativo da globalização.

12. A devida homenagem foi prestada, nesse particular, ao Presidente Lula por seu persistente engajamento pessoal em prol da causa africana e pela preocupação que, desde sua posse, em 2003, tem demonstrado em fortalecer os vínculos do Brasil e da América do Sul com o continente

africano. Conforme ressaltado pelos presentes, o Presidente brasileiro tem-se batido por uma mudança de paradigma nas relações políticas e geográficas internacionais, acentuando as relações Sul-Sul e incentivando as parcerias baseadas na solidariedade e reciprocidade de interesses. No plano interno, deu início a mudanças de fundo, promovendo a adoção de ações afirmativas para a melhor integração dos marginalizados, incluindo os afro-brasileiros.

13. Entre as recomendações feitas pelos Chefes de Estado, mereceriam destaque as seguintes propostas:

- a continuação da institucionalização do processo de reflexão pelos intelectuais africanos, de modo que as idéias propostas possam ter melhor seguimento e implementação;
- a criação de um secretariado permanente da CIAD;
- a implantação da universidade pan-africana como plataforma para a reflexão contínua e a interação da África e da Diáspora;
- a promoção das línguas africanas, incluindo o desenvolvimento de uma língua africana comum;
- a organização da III CIAD pela própria sociedade civil, com o apoio dos governos."

2ª Mesa Redonda
"Gênero e eqüidade na África e na Diáspora"

Relatora:
Fatimata Tambadou – Banco Central da África Ocidental (Mali)

Relatório:

"A Mesa Redonda "Gênero e Eqüidade na África e na Diáspora" foi presidida pela Senhora Ministra Delegada dos Negócios Estrangeiros do Gabão, Laura Olga Gondjout (Gabão), tendo como relatora Fátima Tambadou, economista do Banco Central Africano (Mali), assessorada por Uhomoibhi (Nigéria). As intervenções foram feitas na seguinte ordem:

- Ministra Nilcéia Pereira, Secretaria Especial sobre Políticas para as Mulheres (Brasil)
- Sueli Carneiro, Instituto de Mulheres Negras, Geledés (Brasil)
- Mãe Stella de Oxóssi, Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá (Brasil)
- Wania Sant´anna, pesquisadora e ativista política (Brasil)
- Marema Touré Thiam, pesquisadora do CODESRIA (Senegal)
- Monique Ilboudo, Ministra da Promoção da Mulher e dos Direitos Humanos (Burkina Faso)
- Marie Angélique Savané, do Comitê de Personalidades Eminentes do Mecanismo de Revisão dos Pares da África (Senegal)
- Epsy Campbell, economista e congressista (Costa Rica)
- Sylvia Servin (Martinica)
- Madina ly Tall (Mali)
- Lydia Dual, socióloga e consultora da UNESCO (Chade)

2. As expositoras relembraram as diferentes formas de violência e de discriminação enfrentadas pelas mulheres negras atualmente e no passado. Deram ênfase, nesse particular, à dupla marginalização oriunda da condição de negras (ou afrodescendentes) e mulheres.

3. Foram amplamente analisadas as dificuldades relacionadas ao acesso à terra e ao mercado de trabalho, sobretudo com respeito à permanência das mulheres no setor informal. Apontaram-se também as insuficiências relacionadas à saúde e ao nível de vida em geral, bem como as injustiças na vida cotidiana e familiar. Tais fenômenos se verificam a despeito do reconhecimento geral de que as mulheres trabalham muito e, com freqüência, mais que os homens.

4. Apesar disso, destacou-se o papel de vanguarda nas diferentes lutas empreendidas pelas comunidades negras tanto na África quanto na Diáspora. Constatou-se que mudanças foram registradas, mas que são ainda insuficientes e merecem ser reforçadas a fim de melhorar a situação dos direitos da mulher negra em geral. Foi preconizada, a esse respeito, a necessidade de ações políticas visando inverter a tendência atual do desenvolvimento que continua sendo desfavorável à mulher.

5. As palestrantes da Diáspora mencionaram algumas características próprias à situação da mulher nesses países, a saber:

- · a importância da população de origem africana, que chega a quase 150 milhões; sendo que 87 milhões se encontram no Brasil, representando 48% da população, em 2004;
- a fragilidade econômica e social dessa população, especialmente das mulheres;
- suas condições árduas de trabalho, pois comumente as mulheres são mais requisitadas que os homens e vêm-se obrigadas a trabalhar em condições mais precárias e com salários menores;
- a violência doméstica e social contra a mulher;
- a contribuição fundamental das mulheres para que possa ser efetiva qualquer mudança de comportamento em relação à comunidade negra;
- o papel decisivo da mulher negra ontem e hoje na solução de problemas familiares, em razão da quase ausência do chefe de família;
- o insignificante lugar atribuído à população afrodescendente nas decisões políticas.

6. As oradoras da África mostraram que apesar do tamanho do continente, de sua diversidade geográfica, histórica - marcada pelas incursões estrangeiras que forjaram realidades diferenciadas desde a colonização -, e de sua diversidade cultural, as mulheres sofrem uma marginalização e uma subordinação semelhantes às das suas irmãs da Diáspora. Embora os fatores negativos provenientes da escravidão não se manifestem no continente africano, a situação da mulher africana continua precária devido a elementos tais como:

- cultura (excisão, viuvez, questão das castas, status social, etc.);
- resistência a pronunciar-se e opção pelo silêncio;
- as condições econômicas (a pobreza se conjugando inicialmente no feminino);
- o local de residência (meio urbano ou rural);
- as decisões negativas dos políticos (guerra,legislação etc.);
- a sistemática violação dos direitos humanos;

- as diferenças no acesso aos recursos econômicos e sociais;
- a reticência do debate conceitual; e
- o problema do patriarcado nas sociedades africanas.

7. É importante enfatizar que as iniciativas visando corrigir a discriminação e a violência em relação às mulheres seguiram trajetórias diferentes na Diáspora e no continente africano.

8. No primeiro caso, as próprias mulheres tomaram a responsabilidade de lutar para inverter a tendência, o que induziu resultados mais rápidos e amplamente compartilhados. Já no caso africano, o movimento foi introduzido por contribuição externa (credores de fundos bilaterais e multilaterais, organizações não-governamentais, etc.), tendo, por conseguinte, resultados atenuados e exigindo uma grande e constante sensibilização.

9. Foi mencionado, por fim, o surgimento de uma nova Diáspora, proveniente de um movimento de deslocamento voluntário da população (incluindo cada vez mais mulheres) em direção às Américas e à Europa. Esses imigrantes contribuem ao surgimento de uma segunda geração de pessoas correspondendo ao seus filhos que desenvolvem comportamentos em defasagem com seus espaços de origem. Nessa população, a exclusão se conjuga, da mesma forma, primeiramente no feminino.

10. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES:

I. Reforço da solidariedade entre a Diáspora e a África

- Para melhor se amarem e se ajudarem a ter êxito.
- Para melhor aproveitamento dos meios disponíveis na Diáspora.
- Para a realização de intercâmbios de estudantes com a Diáspora.

II. Tomar a iniciativa da "sua própria luta"

- Educar as mulheres nesse sentido.
- Empreender uma análise da sociedade e do lugar da mulher.
- Desenvolver consciência cidadã nas mulheres.
- Ensinar nossas crianças, meninos e meninas, nossos valores capitais, tais como dignidade, resistência, esforços, etc.
- Criar uma rede pan-africanista de intelectuais.
- Relançar o pan-africanismos das mulheres e incluir a Diáspora.
- Tornar as mulheres mais determinadas, mais voluntárias e resistentes.
- Redefinir a democracia
- Incitar ao trabalho.
- Fazer condenar internacionalmente o racismo e a exclusão dos afrodescendentes, apontando suas conseqüências negativas sobre a democracia.

- Utilizar todos os espaços internacionais.
- Implantar redes de apoio.

III. Apropriar-se da informação de nossas populações e do mundo

- Retomar a iniciativa da elaboração de nossos dados históricos, econômicos e dos currículos escolares.

IV. Fixar objetivos de melhoria da condição das mulheres da África e da Diáspora

- Promover o acesso das mulheres às necessidades sociais de base: saúde, educação, etc.
- Institucionalizar a temática do gênero e da eqüidade nas universidades.

V. Responsabilizar as mulheres e estimular sua participação nas instâncias decisórias e de implantação dessas decisões.

VI. Melhorar o nível de vida pela redefinição do acesso aos recursos, e

VII. Repensar as estratégias de desenvolvimento para incluir a perspectiva de melhoria das condições da mulher."

3a Mesa Redonda
"A necessidade de um pacto político entre a África e a Diáspora pela paz, democracia e desenvolvimento"

Relator:
Jacques d´Adesky – Universidade Cândido Mendes (Brasil)

O Relatório:

"A sessão-plenária foi presidida pelo Ministro da Cultura Gilberto Gil e por Frene Ginwala, ex-Presidente do Parlamento da África do Sul, contando com a participação de onze palestrantes, além da moderadora e do relator.

2. A moderadora **Christine Desouches**, Delegada para a Paz, Democracia e Direitos Humanos da Organização Internacional da Francofonia (OIF), ao abrir a sessão, aproveitou para parabenizar os participantes da II CIAD, demonstrando a sua satisfação em relação aos trabalhos apresentados e às novas iniciativas tomadas durante a Conferência. Declarou também que a OIF se sentia extremamente honrada de ser parceira deste evento.

3. A seguir, a laureada com o **Prêmio Nobel da Paz, Wangari Maathai** discursou sobre as suas preocupações em relação ao meio ambiente, chamando a atenção sobre a ligação existente entre o meio-ambiente e a paz. Afirmou que a sobrevivência do planeta depende de uma administração adequada dos recursos naturais, que deveriam ser partilhados eqüitativamente. Chamou essa forma de gestão de "governança participativa". A paz não acontece por si só. É preciso acolher e integrar os segmentos excluídos da população, que se tornam, com a sua marginalização, fontes potenciais de conflitos sociais, e até mesmo, em certas circunstâncias, vetores do terrorismo e do crime organizado. Mediante a integração, as tensões existentes que resultam de uma corrida desenfreada para assegurar o controle dos recursos, tenderiam a se diluir, o que possibilitaria instaurar a paz em nível nacional e global. É preciso também ampliar o espaço democrático que reconhece a diversidade e a pluralidade. A democracia não emerge apenas sob a liderança de uma pessoa, mas ao nível de cada pessoa. Há que se encorajar a participação política de cada pessoa da nossa vizinhança, não apenas como observador, mas como um participante ativo visando a promoção da paz. Essa é uma mensagem que deve ser difundida no mundo, tanto em nível regional, como nacional e internacional.

4. O Ministro da Cultura **Gilberto Gil** expressou a sua felicidade em relação ao sucesso da II CIAD. Relembrou o tempo nefasto da escravidão. Apontou a importância da cidade de Salvador, situada na encruzilhada das culturas africana, caribenha e americana. Conclamou a necessidade de se construir novas formas de solidariedade. Entre estas, enfatizou que a solidariedade baseada em representações culturais possibilita a preservação da identidade dos povos. É dessa forma que povos vítimas de dispersão compulsiva como os judeus e os armênios conseguiram se reagrupar e sobreviver. Refazer a grande refazenda, em um movimento transcontinental possibilita à imagem desta Conferência a emergência de maior conhecimento mútuo, intercâmbio artístico e intelectual necessário para a afirmação das nossas percepções afro-diaspóricas e afro-centradas. Assinalou a necessidade de uma rede mundial de comunicação entre a África e a Diáspora. O envolvimento da União Africana em busca de um pan-africanismo que contemple as várias Áfricas do continente africano e as várias Áfricas da Diáspora africana é sinal de um novo tempo de renascimento africano.

5. **Frene Ginwala**, co-presidente da II CIAD, defendeu a necessidade de se estabelecer um pacto político entre a África e a Diáspora. Afirmou que é preciso unir nossas forças, não no sentido de querer proteger os nossos governantes, as nossas fronteiras, mas sim de proteger o povo, ao buscar o seu bem-estar, tendo como objetivo prioritário a promoção da segurança humana, que contempla direitos humanos como, por exemplo, ter educação adequada e ambiente saudável, entre outros itens básicos de sobrevivência. Relembrou que muitas vezes a África é vista pela mídia internacional como um continente em constante conflito, quando na realidade, os conflitos atingem um número reduzido de países. Por outro lado, questionou o padrão duplo da ajuda humanitária que tem poucos recursos disponíveis quando se trata da África. "Por que esse tratamento?", questionou. "Não deve haver ambigüidade", prosseguiu. "Por que os países ricos têm tanto interesse em resolver conflitos na ex-Iugoslávia, por exemplo, e sempre dizem não ter dinheiro para ajudar no combate aos conflitos na África? Nosso pacto tem que prever a disponibilidade igualitária de recursos. Tem que haver recursos internacionais assegurando uma ação coletiva internacional adequada." Frene Ginwala enfatizou também que a democracia não significa apenas a realização de eleições a cada três ou quatro anos. É um processo continuo, que requer a participação de todos os cidadãos, sejam eles mulheres ou membros de grupos minoritários. Relembrou que o papel dos intelectuais não se deve

restringir ao meio acadêmico. E que eles devem, sim, participar dos debates que dizem respeito à vida social, nomeadamente através da mídia, bem como mediante a publicação de revistas acadêmicas. O fundamental é socializar o conhecimento, não guardá-lo para si. E, nesse sentido, é importante que os governos reconheçam o papel dos intelectuais e, até mesmo, os incentivem, para que haja uma maior participação destes nas tomadas de decisões dos governos.

6. **António Mascarenhas Monteiro**, ex-Presidente de Cabo Verde e Representante da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), ressaltou que a sua participação na II CIAD corresponde à sua quinta visita ao Brasil, país que considera ter laços profundos com Cabo Verde. Diante do tema da plenária, afirmou que a trilogia "Paz, Democracia e Desenvolvimento" é essencial para o continente africano. Sem boa governança, transparência e respeito aos Direitos Humanos torna-se difícil assegurar um desenvolvimento econômico sustentável. Além disso, a situação é preocupante na área de saúde: a esperança de vida não progrediu como aconteceu em outros continentes, sem esquecer a taxa da AIDS, que não pára de crescer em vários países africanos. Para António Mascarenhas, a democracia é, antes de tudo, um processo de aprendizagem. E, diante dos conflitos que assolam alguns países africanos, há que se reconhecer que o estado de direito está prevalecendo em um número de países cada vez maior.

7. **André Azoulay**, Conselheiro Real do Marrocos, declarou estar extremamente feliz em participar da II CIAD, na medida em que a questão da Diáspora era sempre vista com desconfiança no Marrocos, enquanto que ela se apresenta na realidade como um fenômeno enriquecedor. A II CIAD torna-se, de certo modo, uma ferramenta que pode ajudar a estabelecer uma melhor adequação sobre esta problemática. Relembrou que a Conferência de Casablanca já havia apontado a necessidade de interagir mais com a Diáspora. Denunciou que vivemos em uma comunidade mundial cada vez mais vagarosa, pesada e lerda, onde se espalha a fragmentação, através do incentivo ao medo de determinadas religiões. Entretanto, o Marrocos vem mostrando ao mundo e assumindo abertamente que é, ao mesmo tempo, africano, árabe e muçulmano – sendo aberto e tolerante em relação aos grupos religiosos minoritários como os judeus, cristãos e gnawa[3]. André Azoulay convidou o continente africano a assumir uma responsabilidade coletiva neste

[3] Prática religiosa originária da África subsaariana.

universo da globalização. Existe, diz ele, um espaço onde a África é líder: é o da fraternidade, atestado pela história. Foi na África que os perseguidos pela inquisição buscaram refúgio e foram acolhidos. O que seria, questionava ele, das artes plásticas sem a África? O que seria da filosofia e da matemática, se os árabes não tivesse existido? O Marrocos, país de síntese e de acolhimento das diferenças, conclama que sejam instaurados novos pactos como, por exemplo, o de resistir à tentação de aceitar uma historia mutilada de sua pátria. O Marrocos é parte integrante destes desafios e convida a todos a não serem amnésicos em relação à sua própria história.

8. **Conceptia Ouinsou**, Presidente da Suprema Corte do Benin, chamou a atenção sobre a importância da Diáspora moderna, resultante do exílio político e do processo de imigração econômica de africanos para os países do hemisfério norte. Mesmo não sendo vista de forma adequada pelos Estados africanos, ela torna-se susceptível de ter um papel político relevante no futuro. De fato, o envio de dinheiro dos imigrantes africanos para os seus familiares que permaneceram no país, assegura, de certo modo, um fluxo de divisas estrangeiras para a sua nação de origem. Por outro lado, constata-se um crescimento de sua influência, que leva a União Africana a recomendar que a Diáspora seja considerada como um agente ativo. Pela rede informal que ela tece e não pára de expandir-se, a Diáspora, de acordo com Conceptia Ouinsou, pode constituir-se num poderoso grupo de pressão. É fundamental que os países africanos tomem consciência deste fenômeno, e saibam enxergar os benefícios que existem dentro do contexto da globalização.

9. **Djovi Gally**, Presidente do Observatório Panafricano para a Democracia e ex-Ministro dos Direitos Humanos do Togo, considerou que um pacto político entre a África e a Diáspora é possível. Existem valores comuns partilhados por ambos os lados do Atlântico. Sendo um projeto em construção, é fundamental estabelecer alguns eixos operacionais, sem os quais, os objetivos poderão se tornar vazios a médio prazo. Propôs, nesse sentido, a criação de grupos de pressão eficazes que tenham por metas, tanto nos planos interno quanto internacional, a viabilização de um verdadeiro desenvolvimento social, baseado nos valores da liberdade, da igualdade e do respeito recíproco. Para ele, somente a democracia possibilitará um avanço. Chamou ainda a atenção para o fato de que a construção dessa nova sociedade africana e diaspórica não terá nenhum futuro assegurado se não compartilhar a cultura da democracia.

10. **Edna Roland**, membro do Grupo Independente de Eminentes Especialistas designados para seguir a implementação da Declaração e Programa de Ação de Durban, afirmou que o processo de empoderamento dos afrodescendentes repercutirá positivamente na África, por considerá-los aliados em potencial dos africanos. Assinalou que a ampliação do G8 para G13 tornou-se um fator importante no cenário internacional. Ao integrar países emergentes como Índia, Brasil e África do Sul, o G13 possibilita que estes possam desempenhar um papel relevante para o equilíbrio das relações internacionais. Tendo sido relatora da III Conferência Mundial da ONU sobre o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e outras Formas Conexas de Intolerância, Edna Roland, relembrou que a escravidão e o tráfico negreiro têm sido reconhecido como crime contra a humanidade. Nesse sentido, deverá permitir que sejam estudadas medidas de reparação em prol dos descendentes, cujos ancestrais foram vítimas de privação de liberdade e submetidos à escravidão. Sublinhou que o racismo é um problema universal, sendo fundamental, segundo ela, manter vivo o espírito de Durban em busca de um mundo sem racismo. Terminou a sua intervenção recomendando que os países africanos e Chefes de Estado ou de Governo presentes, empenhem-se no processo de monitoramento, para avaliar os avanços das recomendações da Conferência de Durban.

11. **Kola Abimbola**, professor de direito da Universidade de Leicester, advertiu que a democracia pode ter muitos significados bem como ser deturpada no seu funcionamento. É o regime da maioria, mas isso é insuficiente nos dias de hoje. Relembrou que a democracia tem uma dimensão universal e, ao mesmo tempo, uma dimensão relativa. Os valores da liberdade e da igualdade devem ser vistos como universais. Quanto às instituições, elas são relativas ao local. Para serem democráticas, é preciso às vezes, adaptá-las, adequá-las, modernizá-las, ou até erradicá-las. Trata-se de um duplo desafio, que as sociedades africanas devem abraçar. Essa situação, não implica que a tradição deva ser esquecida. Ao contrário, algumas instituições domésticas mostram que são imbuídas do espírito da democracia, mesmo que isso não seja sempre visível à primeira vista. Cabe a cada sociedade reconhecer a existência de valores que transcendam o local, alcançando princípios universais. Somente dessa forma será possível pensar a articulação entre a tradição e a modernidade.

12. **Marcelino dos Santos**, membro do Conselho de Estado de Moçambique, enfatizou a importância da educação da juventude, futuro de cada país. Relembrou também o processo de independência e o papel determinante da luta de libertação. Saudou com entusiasmo os jovens universitários negros que haviam interrompido a sessão da plenária, com um ato de protesto durante o qual reivindicaram, através de um manifesto, os seus justos direitos de acesso à universidade mediante reserva de vagas.
13. **Noureini Tidjani-Serpos**, Diretor-Geral Adjunto para a África da UNESCO, enfatizou que o desenvolvimento da África depende, antes de tudo, de seus recursos humanos, portanto da expansão da educação nos níveis primário e secundário, mas também nos planos técnico e universitário. Com relação ao pacto entre a África e a Diáspora, considerou que o mesmo deve ser pensado com base em uma historia comum. Não se pode deixar a amnésia criar raízes na memória. Quanto à cultura da paz, Tidjani-Serpos considerou que ela pode se expandir, na medida em que aprendemos a aceitar o outro inteiramente, incluindo as diferenças que possam parecer às vezes estranhas diante da nossa própria cultura. Ao falar de democracia, ressaltou a necessidade de destacar a democracia interna de cada país. Para que ela seja consolidada mesmo em cada país, sublinhou a importância de reivindicar o estabelecimento de um verdadeiro sistema democrático, em nível internacional.
14. **Patrick Mazimhaka**, Vice-Presidente da Comissão da União Africana, discursou sobre a relação entre os intelectuais e os políticos. Sublinhou que o papel do intelectual não é ficar na sua torre de marfim, mas que o seu conhecimento deve ser socializado. Questionou para saber se existia realmente um ambiente apropriado para o estabelecimento de um pacto político entre a África e a Diáspora. Considerou que os resultados da II CIAD são animadores, mas que é de fundamental importância que esse diálogo seja posto em prática em cada país do continente africano e da Diáspora.
15. **Robert Dossou**, ex-Ministro de Negócios Estrangeiros do Benin, declarou que o tema do pacto político chega a um momento em que as tentativas de restabelecer a paz em Darfour não tem obtido êxito em face da violência. Pensar no estabelecimento da paz de forma duradoura leva à necessidade de associá-la às dimensões da democracia e do desenvolvimento. No plano nacional, a paz significa, nos dias de hoje, reconhecer a existência de sociedades plurais, que nos obrigam a buscar novos caminhos para a construção da democracia. Em nível internacional, a paz deve ser vista mediante

a necessidade de uma reforma do sistema das Nações Unidas, nomeadamente do Conselho de Segurança da ONU. Favorável ao pacto político, Robert Dossou defendeu também que este deve ser elaborado com a ajuda dos intelectuais da África e da Diáspora. Estes intelectuais devem se mobilizar em relação aos temas dos direitos humanos, segurança, mas também em relação ao NEPAD. É um trabalho que pode incentivar o intercâmbio em várias áreas do conhecimento como, por exemplo, a história, a cultura e o desenvolvimento econômico. Terminou as suas considerações, afirmando que a Diáspora deveria colocar as suas competências à disposição dos países africanos, enquanto que os intelectuais africanos deveriam estar de prontidão para debater e sustentar qualquer tipo de reflexão sobre a democracia plural."

7. Relatórios dos debates em Grupos Temáticos

I - "As humanidades como pontes de diálogo entre a África e a Diáspora"

Bloco A: "Literatura, arte e Renascimento Africano"
Bloco B: "Filosofia e ciências sociais na construção da identidade na África e na Diáspora"

Relator:
Ubiratan Castro de Araújo – Presidente da Fundação Cultural Palmares (Brasil)

O Relatório:[4]
"Sua Excelência Ministro Gilberto Gil, que preside esta sessão, Senhores Relatores aqui presentes. Inicialmente, gostaria de frisar que estou substituindo o Relator designado deste Grupo Temático que não pôde estar presente. Assim sendo, meu relato perderá o brilho que marcou as discussões do Bloco A, do qual não cheguei a participar. Concentrarei, assim, minhas impressões sobre o Bloco B, dedicado à "Filosofia e Ciências Humanas na Construção da Identidade na África e na Diáspora", cujos trabalhos traduziram um debate

[4] Texto resultante da degravação da Sessão Plenária de apresentação dos relatórios dos Grupos Temáticos (14 de julho).

vivo em torno do papel das Ciências Sociais, da Filosofia, do Direito e da História.

2. A primeira grande idéia que foi retida é de que o conhecimento universal construído pelas ciências sociais deverá ter em conta as características da diversidade cultural, das temáticas, das abordagens dos países africanos e da Diáspora a partir da sua realidade e a partir da sua cultura. A mera transplantação de uma ciência social ocidental não nos serve porque não nos explica; inclusive, foi levantada a questão da filosofia grega e foi um momento alto no debate, porque um dos nossos interlocutores da platéia argumentou que se os povos africanos, principalmente - e citou os Iorubás e os Bantos - não separavam o mito do logos, não separavam a racionalidade da religião, seria impossível constituir um conhecimento filosófico capaz de unir a África com a Diáspora. Isso foi a expressão mais fina do colonialismo nesse debate, então, isso nos provocou uma reação muito grande para demonstrar que a diversidade cultural produz diversas ferramentas e diversas filosofias tendo o Professor Paulin Houtondji - que é professor da Universidade do Benin – demonstrado, de uma maneira bastante detalhada, como a diversidade cultural deve orientar o saber filosófico e que nós, africanos da Diáspora e do continente, teremos como, também, nos entender a partir de nossas referências comuns. Também o papel do conhecimento tradicional foi colocado em discussão, ou seja, as ciências sociais, as ciências humanas, levando em consideração a tradição, mas sem fazer desta tradição algo voltado para o conservadorismo, mas sim para a afirmação da nossa identidade.

3. Outra questão que ficou muito clara foi o papel das universidades para a produção deste conhecimento nas ciências humanas, nas ciências sociais e na filosofia. E a questão da reserva de vagas emergiu como uma questão central. Ou seja, o que se colocou é que não apenas do ponto de vista do acesso à universidade como mecanismo de ascensão social ou de melhoria da condição de vida futura das famílias se justifica a reserva de vagas. Para todos nós, afrodescendentes, a reserva de vagas, e uma efetiva democratização da universidade, seriam aspectos fundamentais para que a própria população negra, através dos seus filhos formados, aprendendo a metodologia, aprendendo toda a formação científica na universidade, pudesse produzir um conhecimento mais apropriado, um conhecimento mais próximo, e pudesse também produzir um conhecimento necessário à renovação dessas universidades. Portanto, a questão que se colocou é que a reserva de vagas não é apenas uma política de estado para resolver desigualdades, mas, acima

de tudo, é uma política intelectual, uma política para a promoção e a viabilização de ciências sociais e a produção de um conhecimento que seja feito com o protagonismo da população negra.

4. Emergiu nessa Mesa - eu gostaria de dar o destaque – o exemplo de um intelectual negro transformador que foi apresentado como uma referência a ser tomada, dadas as suas características de ser um intelectual negro e transformador, capaz de utilizar e recriar o saber universal, mas sabendo sempre qual o seu lugar, já que o seu lugar era um conceito que ele mesmo criou, um conceito cultural, geográfico e político. Estamos falando do geógrafo, do intelectual brasileiro Milton Santos. Então, todos nós definimos, nesta Mesa, que não seria possível passar por uma Conferência de Intelectuais Africanos sem mencionar a trajetória e o exemplo de Milton Santos, um intelectual brasileiro, baiano, vítima do racismo no Brasil, expulso e caçado pela ditadura militar, mas que teve uma trajetória no mundo. Fiel ao pan-africanismo, Milton Santos, expulso do Brasil, deu a sua contribuição como Secretário para o Plano Econômico do Presidente Julius Nyerere, da Tanzânia, em um momento em que este jovem país estava operando o seu nascimento da união de Tanganica com Zanzibar. Fiel ao Grupo de Birmingham, ligado ao desenvolvimento econômico, Milton Santos conseguiu ainda impor-se como um intelectual respeitado em todo o mundo, não apenas na África e na América Latina, mas também nos Estados Unidos e na Europa, mostrando-se um geógrafo de ponta, que produziu um conhecimento novo sobre a globalização, sobre uma nova geografia, uma nova espaciologia. Esse é o exemplo de intelectual negro que gostaríamos de ver prosperar em nossos países e servir de estímulo para a juventude negra que hoje ingressa nas nossas universidades."

II - "Repensando o lugar da História e das línguas africanas nos sistemas de ensino da África e da Diáspora"

Bloco A: "História e memória da África e dos africanos na Diáspora: seu novo papel na educação".
Bloco B: "As línguas africanas nos sistemas de ensino da África e da Diáspora"
Relator: Amauri Mendes Pereira – Universidade Cândido Mendes (Brasil)

O Relatório:

"Foi uma honra e um privilégio partilhar momentos com aquela intelectualidade e seus pensamentos vigorosos e consistentes. Ainda mais porque minha tarefa precípua era ouvi-los/las e compreendê-los/las, no interesse de ser fiel à apreensão dos conceitos e formulações criativas e às propostas que certamente viriam. Verdade que minha tarefa foi facilitada pelo diálogo próximo e simpático com nossa moderadora Profª. Rosa Cruz e Silva, diretora do Arquivo Nacional de Angola.

2. Não é possível transmitir num relatório a riqueza que emanou das intervenções. Apenas a leitura dos papers poderá mostrar, por exemplo, a densidade das discussões sobre o impacto das novas metodologias e da nova historiografia trazidas pela **Profª. Rosa Cruz e Silva**. Ainda que tal implementação tenha se mostrado insuficiente e descontínua, ao seu juízo, dadas certas condições históricas dos povos do continente africano. Ela se referia, no caso, ao impulso inicial logo após a independência de Angola e das demais colônias portuguesas, quando se apurou a linguagem – enfatizando a diferença da linguagem do colonizador – e as narrativas da história aproveitavam o clima da vitória, que emoldurava a produção de conhecimentos.

3. Hoje, segundo sua avaliação, retoma-se o espaço e são alavancadas iniciativas de mais e mais criteriosas pesquisas, além de incentivar o interesse das populações pelo seu passado. Nesse sentido ela citou a importância do lançamento, em Angola, do Projeto Rota dos Escravos, da UNESCO e os momentos marcantes de monumentos em homenagem a soberanos pré-coloniais, como a Rainha N'Zinga, em Luanda, e Manzumbe, no Cunene. Sua fala mostrou, de fato, a potência da qualidade da pesquisadora, sua formação e zelo teórico e metodológico, articulados ao engajamento na produção de conhecimentos em seu país, no sentido de avivar o imaginário social, sem idealizações, mas sem os vícios impregnados das depreciações do tempo colonial.

4. O mesmo pode ser dito em relação à fala da **Profª. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva**, professora da Universidade Federal de São Carlos e única negra no Conselho Nacional de Educação, sobre a necessidade de plena implementação da legislação que determina o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, como fator não apenas de igualdade racial, mas da própria construção da justiça e da democracia no Brasil. Para ela, a lei 10.639/03, que preconiza a adoção dessa temática no ensino básico em todo o país, precisa ser encarada como responsabilidade de todos os brasileiros, independente de pertencimento étnico-racial. Fundamental em sua apresentação foi a crítica dos argumentos contrários à lei: ao contrário, diz ela, de "trazer problemas raciais", é o pleno conhecimento dessa história que pode levar à efetiva igualdade, a partir da autovalorização do ser humano negro e da desmistificação da superioridade (um desvio moral e na consciência social) "branca".

5. Como traduzir em poucas linhas a trajetória da **Profª. Teresina Bernardo**, engajada há tempos, na PUC-SP, em promover a Igualdade Racial entre seus alunos, além de refletir em sua produção teórica os questionamentos à existência de uma democracia racial no Brasil? Ainda nos finais dos anos 70, ela identificou como causa principal do baixo rendimento de alunos negros, dificuldades de socialização decorrentes do preconceito e discriminação racial. Investiu nesses alunos e alunas e na discussão da questão racial em suas aulas. Segundo ela, que citou exemplos de militantes conhecidos no Movimento Negro, esse foi um fator de melhoria do rendimento dos alunos em geral, tanto do ponto de vista acadêmico, quanto no que respeita à formação da sua consciência social.

6. A **Profª. Becky Ndjose** – Vice-Ministra da Educação da Namíbia – fez a mais doce e vigorosa apresentação. Ela, falando dos esforços de efetiva descolonização no continente africano, se referiu ao contraste entre a complexidade e as perspectivas mais íntimas intrinsecamente concebidas por africanos, e os estereótipos das visões externas. Estes, para ela, constituem um problema maior do que o multilingüismo, por exemplo, tão citado. Sua ênfase maior era, sem dúvida, para o quadro atual de tensões geradas por mecanismos de controle e pressão neocoloniais sobre povos africanos

7. Ainda pela manhã fomos impactados com a exposição do **Prof. F. A. Soyoye** da Universidade de Ilê Ifé, na Nigéria, que nos falou das desventuras do ensino de línguas maternas em seu país: "Não existe ninguém que tenha escrito um texto em iorubá, a maioria é em inglês". Para ele, tal negligência

constitui um erro do ponto de vista político e pedagógico. E afirmou, ainda, que os resultados – como tantas vezes foi reconhecido em outras partes do mundo – das crianças alfabetizadas em línguas maternas tendem a ser superiores, em relação aos que são alfabetizados em inglês.

8. As questões que envolvem a produção de conhecimentos e o ensino da História estiveram mais presentes nessa primeira mesa e deixaram claro a perenidade do racismo, do neocolonialismo, da necessidade de descolonização entre setores significativos da própria intelectualidade africana, assim como de seus congêneres no Brasil. É necessário, afirmaram, mais do que a utilização de novas metodologias e de historiografia mais bem fundadas em pesquisas – documentais e outras – criteriosas. Uma historiografia que priorize visões do protagonismo africano deve ser enfatizada. Não é mais possível que os livros didáticos em África e na Diáspora continuem enfatizando a historiografia "clássica" em que os povos do continente africano só "entram na história" a partir do tráfico e de suas relações com os europeus. Isso não quer dizer que o tráfico atlântico deva ser menosprezado, ou que os processos cruciais que levaram ao enfraquecimento e pauperização material, moral e espiritual no continente africano não devam ser estudados com a devida atenção. Ao contrário, foi amplamente partilhada a visão de que, neste momento do "Renascimento Africano", intervenções de poderes políticos, desavisadas, desinteressadas ou mesmo contrárias à liberdade de pesquisa e ao "remeximento" de "verdades" e agentes históricos consolidados têm sido altamente danosas. Constituem, mesmo, uma temeridade e um desserviço às possibilidades de melhor conhecimento e de desenvolvimento dos povos em África e na Diáspora.

9. À tarde, a ênfase foi sobre as línguas africanas. O **Prof. Adama Samassekou**, do Mali – presidente do Instituto Africano de Línguas – historiou brevemente os esforços no continente africano para a construção de um multilingüísmo funcional complementar, em que as "línguas mães" dos povos africanos teriam precedência, mas sem que se abandonasse o conhecimento de uma segunda língua européia, que permitisse a comunicação com o mundo. Lamentou que não tivesse sido levada adiante a Declaração sobre as línguas africanas, elaborada na reunião patrocinada pela UNESCO em Kartoun, em 1969. Segundo ele, é imperativo o fortalecimento da Academia Africana de Línguas, da qual é um dos propugnadores.

10. A **Profª. Ieda Pessoa de Castro**, professora da Universidade Federal da Bahia, nos brindou com a história de seu pioneirismo desafiante, desde 30

anos atrás, quando defendeu sua tese de doutorado renegando a lusolatria nos estudos e ensino da língua portuguesa no Brasil. Sublime, suas emocionadas reafirmações da evidência da africanização do português "de Camões" no Brasil, por aqueles homens e mulheres escravizados: a crer nos estudos contemporâneos da língua portuguesa, eles seriam mudos, pois senão são inexplicáveis as transformações operadas na fala viva do idioma.

11. A **Profª. Jolly Masinhaka**, da mesma forma, foi enfática, historiando os processos que envolveram, desde 1966, o Bureau de Línguas da antiga OUA; e da frustração da reunião prevista para 1982, que não se realizou por falta de recursos. E analisou ainda o desperdício da oportunidade (talvez de pouco interesse político), ao falar – condoída – da carta dos Chefes de Estado na Conferência das Ilhas Maurício em 1976, cuja decisão de implementar o ensino das línguas africanas de Ruanda, num esforço de elevar o rendimento dos alunos do ensino básico, infelizmente não teve aplicabilidade. Preciosas foram ainda suas reflexões sobre as questões políticas que envolvem as decisões sobre, por exemplo: (a) que idioma "nativo" vai substituir a língua européia? ou (b) será possível, ou mesmo desejável, a liberação lingüística, algo que tenciona diretamente a unidade nacional?

12. A pujança e o bom-humor da intervenção do **Prof. Olagide Timothy-Asobele**, da Universidade de Lagos, na Nigéria, foi mais um ótimo momento em nossa mesa da tarde. Ele afirmava o primado da ação: para pensar em alfabetizar em idiomas africanos é essencial lançar-se em campo, aprendê-los e interagir com a especificidade de suas narrativas históricas e processos culturais. Mostrando-nos – mostrando mesmo! – diversas publicações, que brandia em gestos e olhares eloqüentes, retirando-as, a cada vez, de um imenso recipiente que trouxera e que se encontrava sob a mesa. Essas publicações testemunham seu trabalho no ensino e na difusão de línguas nativas em seu país. Como era instigante sua afirmação recorrente de que "Resoluções adiantam pouco, mais importantes são as ações"!

13. A **Profª. Takiyawa Manuh**, diretora do Centro de Estudos Africanos, da Universidade de Legon, em Gana, reforçou sobremaneira a discussão a respeito das escolhas e decisões dos povos africanos em diferentes momentos históricos – e, no caso do ensino de línguas "nativas", que muitas vezes, tais escolhas envolvem questões políticas, mais do que propriamente lingüísticas. Ela sublinhou a situação especialmente dramática vivida em Gana, onde foi recentemente suprimido o ensino da língua-mãe até a 3ª série, ou seja, determinando que a alfabetização inicial seja feita apenas em inglês.

14. Discutindo mais questões de História e de historiografia, ou da língua e das linguagens, em ambas as mesas – às vezes mais, às vezes menos veementes: todos falaram de Colonialismo – Racismo – Neocolonialismo – Descolonização. As intervenções guardaram unidade em relação ao debate contemporâneo sobre as necessidades, possibilidades e oportunidades do Renascimento Africano: o neocolonialismo e seus mecanismos de dominação econômica e cultural constitui-se num entrave à soberania e ao desenvolvimento dos povos no continente africano.

15. Na manhã do último dia, um diplomata africano proclamara, em vibrante discurso ao microfone da plenária, a necessidade da criação e fortalecimento de "pontes" entre África e Diáspora, como o motivo principal da nossa Conferência. As mesas do Grupo Temático "Repensando o Lugar da História e das Línguas Africanas nos Sistemas de Ensino da África e da Diáspora" – assim como no universo de intervenções, de energias e de resultados de toda a II CIAD –, mostraram que, com todas as conotações possíveis quando falamos do/no Atlântico Negro, para além das pontes que criemos e fortaleçamos: estamos no mesmo barco."

III - "Novos rumos da historiografia na África e na Diáspora"

Bloco A: "Das origens até 1850"
Bloco B: "África e Diáspora Pós-1850"

Relator:
Boubakar Barry - Universidade Cheik Anta Diop (Senegal)

O Relatório:

"Sob a presidência do Embaixador Alberto da Costa e Silva da Academia Brasileira de Letras, dezoito palestras foram apresentados neste terceiro painel a respeito do tema "As Novas Tendências da Historiografia da África e da Diáspora".

2. É difícil se dar conta da riqueza e da diversidade das palestras apresentadas por brilhantes professores provenientes da África, do Brasil, dos Estados Unidos e da Europa. As palestras suscitaram, sobretudo, crescente interesse do numeroso público jovem que tomou consciência da importância da história como alavanca fundamental de sua emancipação.

3. Correndo o risco de esquecer várias idéias motoras, poder-se-ia afirmar que os debates permitiram definir as modalidades de uma escrita da história para responder aos desafios aos quais os africanos são confrontados no âmbito da mundialização e da globalização. Pode-se reter dos debates um certo número de pistas de pesquisas a serem exploradas para melhor valorizar as contribuições dos africanos, incluindo os da Diáspora, na elaboração de um mundo de justiça e de diversidade cultural.

4. É necessário descompartimentar nosso espaço e nossa mente, liberando nosso corpo e nossos pensamentos dos preconceitos acumulados por vários séculos de tráfico escravo e de colonização. A descolonização da história e, sobretudo, a tomada de toda nossa história passa por um balanço sem complacência das idéias motoras que deram forma, até agora, à escrita e ao ensino da história, uma vez que tais idéias forjaram, de uma maneira ou de outra, nossa consciência histórica, ou seja, nossas relações com nós mesmos e nossa relação com o resto do mundo.

5. Assim, lugares de memórias como a Cidade Velha, em Cabo Verde, devem servir de base para reconstruirmos a unidade dos povos africanos com aqueles da Diáspora. O recurso às fontes orais permitira recuperar a

história de espaços políticos até aqui negligenciados pela historiografia fundada sobre as fontes escritas, cuja crítica sistemática deve ser buscada.

6. É necessário também lutar por uma história não territorial do Brasil, que deve ser estendida até o Atlântico Sul para considerar as influências africanas em seu destino em todos os períodos de sua história. Isso explica a decisão recente de tornar obrigatório o ensino da cultura africana, a fim de lutar contra as raízes do racismo no sistema educacional, em respostas às reivindicações do movimento negro no Brasil.

7. É preciso, em conseqüência, liberar nosso corpo e liberar nossa mente da carapaça de idéias errôneas imposta pelo Ocidente, durante séculos de dominação, que nos considera uma raça à parte da condição humana. O ensino da história africana na África, assim como nos outros países da Diáspora africana, deve enfatizar numerosos desafios na produção de uma história continental que levaria em consideração as experiências da Diáspora africana na América, na Europa e na Ásia.

8. Nesse sentido, os estudos africanos foram amplamente analisados para prestar conta dos debates que estão sendo realizados nos Estados Unidos, no Brasil e na África a respeito das idéias motoras que guiaram a redação da história da África.

9. É necessário relacionar a história da África com a da Diáspora e por isso participar, a partir desta base, da elaboração da história da humanidade e da história universal, para destacar a contribuição da África e evitar toda e qualquer futura marginalização no âmbito da globalização. Isso não exclui os desafios cotidianos sobre a importância da contribuição das mulheres como a rainha Ndate Yalla du Waalo, o papel da resistência dos escravos maaron no Suriname, a implantação das instituições do Código Indígena em Angola, a celebração da nossa africanidade, a restauração da África no centro do sistema atlântico e dos estudos do movimento das populações nas duas margens do Atlântico. O controle de nossa agenda científica passa pela reabilitação das línguas africanas. Os historiadores devem privilegiar certos temas como a biografia de personalidades marcantes, o movimento das idéias e dos povos, tais como a história dos Iorubá e de sua Diáspora pelo mundo. Como escrever a história de um longo período levando em consideração apenas as continuidades, se as rupturas permanecem como principal desafio à espera dos historiadores – e do conjunto dos cidadãos – para marcar tanto sua autonomia quanto as suas capacidades a definir livremente seu destino?

10. Termino este relatório, esta nota pessoal sobre a minha experiência e minhas relações no Brasil. Nasci e vivi até hoje na África. Entretanto, minhas inúmeras viagens ao Brasil para dar aulas de história permitiram-me constatar que minhas raízes africanas estão esplendorosamente também aqui em todos os domínios desta cultura forjada por vários séculos de miscigenação. O Brasil assumiu amplamente a sua parte ocidental, resta-lhe assumir a sua parte africana, para ser um pólo luminoso deste mundo do século XXI."

IV - "Religião e herança cultural"

Bloco A: "Orixás, vodus e inquices: tradição, pluralismo e diversidade"
Bloco B: "Religião, arte e cultura"

Relator:
Reginaldo Prandi - Universidade de São Paulo e Intecab/SP (Brasil)

O Relatório:

"Embora religião e arte estivessem separadas em blocos específicos, a própria constituição da cultura da África e da Diáspora fizeram com que referências cruzadas entre os dois temas estivessem sempre presentes no discurso dos apresentadores e no debate dos dois blocos. Por essa razão, este relato breve do GT 4 não separa os dois blocos, como não estiveram de fato separados.

2. Na concepção africana, que foi preservada plenamente na cultura dos segmentos africanos em países da América, cultura religiosa e arte estão intrinsecamente ligadas. São planos de uma mesma visão de mundo, mais que isso, são dimensões de um mesmo modo de se viver a vida e entender a realidade. A visão de mundo africana se expressa, até os dias de hoje, tanto na África como na Diáspora, através de meios materiais e meios imateriais. Isso inclui as artes plásticas, a música e a dança, a literatura e a poesia, as artes dos sabores e odores – a culinária —, a estética do ambiente e do vestuário. E mais que isso: no plano ético, os valores fundamentais que norteiam a conduta e dão sentido à vida, como a própria alegria de viver, a importância do respeito aos mais velhos, e o sentimento que reforça a vida comunitária.

3. Nascida do mesmo arcabouço constitutivo da religião, a arte africana, nos dois lados do Atlântico, se expressa por movimentos, ritmos, cores, pulsares, que são condutores de energia, o axé, que alimentam o poder, conduzindo a fruição da estética negra revelada através de fontes materiais e imateriais da memória ancestral. As artes produtoras dos objetos sagrados e utensílios usados nos rituais religiosos, assim como as expressões musicais e poéticas, extravasam os limites do culto e são recriadas e reelaboradas pelos artistas como produtos de uma arte sem fronteira, objetos de arte nacional e internacional, que contribuem decididamente na constituição da identidade de nossas nações. Basta se pensar na música de países como o Brasil, Cuba,

Haiti, Trinidad e Tobago. Lembremo-nos do samba e do carnaval do Brasil, da música do Caribe, da feijoada, do acarajé, do uso peculiar das cores que nos vestem no dia a dia. Das artes plásticas, com artistas emblemáticos como Mestre Didi, Rubem Valentim, Emanuel Araújo.

4. A religião e a arte são fontes de identidade de afro-descendentes, mas muito mais que isso. São fontes de identidade nacional de países como o Brasil, Cuba, Haiti, cuja cultura não pode ser pensada sem a herança da Diáspora, sem a origem africana. A origem familiar, a identidade, o nome são vitais para o africano. Pois, na Diáspora, o africano, escravizado, teve seu nome suprimido, substituído por um outro nome, um nome cristão. No Brasil, cada nome português dado a um escravo significou a negação dos vínculos de ancestralidade africana e, ao mesmo tempo, uma ruptura com a antiga religião, porque identidade e religião se juntam numa mesma medida. Então, do lado de cá do Atlântico, a religião que foi deixada lá atrás teve que ser refeita, reinventada. A religião renasceu na Diáspora. Foi o momento da resistência por meio da religião, e o momento da reiteração da origem através do extravasamento da religião no plano da cultura. Mais tarde, veio o transbordamento da cultura própria dos segmentos negros para o plano amplo da cultura nacional, assistindo-se à construção de uma identidade que ligava definitivamente a América à África.

5. A religião africana renasceu na Diáspora como resistência. É o mundo africano recriado, a família-de-santo refazendo, em âmbito simbólico, a família de sangue que a Escravidão negava ao africano. Depois, a religião se expandiu, como a arte, e se fez religião de todos, como a arte se fez arte de todos. A religião e a arte, as línguas e os valores africanos interpenetram as manifestações nacionais congêneres. Não se pode dizer que se é brasileiro ou cubano ou haitiano etc. etc., sem também ser africano. O mesmo se pode falar do sangue, dos códigos genéticos, da vida, enfim, em suas manifestações materiais e imateriais.

6. O corpo do africano é visto como objeto de arte, fruto da criação divina. E por isso também é sagrado. A vida é, portanto, Criação, e ao mesmo tempo arte. Viver é criar, é participar da sempre recorrente ampliação da criação artística. Da arte que não é a arte de um único povo, mas de uma pluralidade de nações e povos difícil de se esgotar. Um aspecto essencial da religião e da cultura na África, que se reproduziu na Diáspora, é a diversidade, as expressões plurais, as alternativas que concorrem para a construção de uma totalidade plena de interpretações, referências e significados. Essa

pluralidade está presente no Brasil, em Cuba, no Haiti e em todo lugar da Diáspora.

7. Muitas religiões da África foram recriadas na Diáspora, cada uma se adaptando ao meio social local, fundindo origens e ressignificando conteúdos como mecanismo de preservação da herança africana. Religiões diferentes que dialogam permanentemente entre si e com outras crenças de outras origem. Difícil nomear toda a diversidade de religiões afro-americanas. Religiões de orixás iorubanos, vodus jêjes, inquices bantos, No Brasil, os candomblés de nações iorubás, jêjes e bantas (as nações queto, ijexá, efã, jêje mahi, savalu e dahomé, as bantas angola, congo, cabinda), o candomblé de egungum, o candomblé de caboclo, o jarê; o xangô de Pernambuco de nação egbá-nagô, e o xambá; o tambor-de-mina jêje e nagô, as encantarias; o catimbó-jurema de tradição afro-indígena; o batuque do Rio Grande do Sul; o omolocô do Sudeste. No Brasil inteiro, a umbanda, síntese das origens mais fundamentais da cultura e da identidade brasileiras. Em Cuba, a santeria iorubá, o palo monte banto, com suas quatro versões, o ararat, tantas são as formas e arranjos. No Haiti, não menos que dezessete formas de vodu organizam o culto de divindades e espíritos de origem múltiplas; em Trinidad e Tobago, o xangô, igualmente múltiplo. São, enfim, religiões plurais que desde algum anos vêm enriquecendo também, e cada vez mais, outros países das Américas e mesmo da Europa.

8. Mas, em diferentes momentos, os expositores do nosso grupo de trabalho se perguntaram sobre o futuro desses laços que atam a África à América, que lá e aqui são fontes transcendentais de explicação da vida e fontes seguras de criatividade e de expressão cultural de identidades de pessoas, grupos e nações. A preocupação com a permanência das tradições dos orixás, vodus e inquices esteve presente o tempo todo no discurso do grupo que se reuniu para refletir sobre religião e herança cultural.

9. Fala-se hoje em renascimento africano — no Brasil, em africanização — , mas como pode haver renascimento, se na África, especialmente na Nigéria, as crianças já pouco aprendem suas línguas nativas, sofrendo a imposição das línguas européias? Poucas são educadas na tradições de seus deuses originais. Na maior parte dos países africanos, a maioria dos jovens não sabe escrever uma frase inteira na língua nativa. Perguntou-se o babalaô Abimbola: "Cadê a tradição africana, a pluralidade, as religiões e a línguas nativas que parecem em extinção? Não pode haver renascimento africano, nem na África nem na Diáspora, sem o reconhecimento da religião, da língua e da cultura originais".

10. O quadro na América é igualmente preocupante. No Haiti, a religião assistiu a verdadeiros massacres e sempre foi vilipendiada pelos que a olham de fora, e a transformam em objeto de mera fantasia de horror. Também em Cuba, a religião teve que sobreviver nas sombras, e sua sorte não é diferente. No Brasil, as religiões de orixás, vodus, inquices, encantados, mestres e caboclos somente em anos recentes se livraram (infelizmente ainda não de todo) da perseguição policial, mas encontraram um outro inimigo poderoso disposto a varrê-las do cenário religioso. São denominações e igrejas pentecostais e neopentecostais, que demonizam as divindades e espíritos afro-brasileiros, perseguem devotos, buscam sua conversão, e vão assim travando contra os fiéis de religião afro-brasileira uma verdadeira guerra santa.
11. As religiões de origem africana protegem-se como podem, criando instituições de defesa, como ocorre no Haiti e no Brasil, porém a iniciativa ainda é frágil. Difícil defender-se de inimigos tão poderosos, que contam com canais de rádio e televisão e têm assentos, em número crescente, nas câmaras municipais, nas assembléias legislativas e no Congresso Nacional. Novamente, a religião terá que se fazer resistência para sobreviver.
12. Algumas recomendações se impõem. É preciso, antes de mais nada, manter abertos os canais de comunicação entre intelectuais da África e da Diáspora. Congressos como este deveriam estar sendo feitos há muito tempo e com regularidade. Este é o segundo, é imperativo que tenha continuidade. É preciso que os governos dos países envolvidos tomem uma posição forte contra a intolerância religiosa, a favor da liberdade plena de crença, em prol da liberdade de expressão religiosa e artística. É decisivo garantir, antes de tudo, a capacidade de criação. Porque, para o africano dos dois lados do Atlântico, criação é vida, é a ligação com as origens, é a possibilidade de prosperar sem perder a identidade."

V – "Conhecimento mútuo entre a África e a Diáspora: identidade e cooperação"

Bloco A: "Produção e intercâmbio de conhecimento"
Bloco B: "Potencial e limites da cooperação regional e multilateral"

Relatora:
Nilma Lino Gomes – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN)

O Relatório:
"I – Bloco A: "Produção e intercâmbio de conhecimento".
As análises concentraram-se em dois campos: a) produção e b) circulação do conhecimento.

1º - Produção do conhecimento.

1.1 - Os seguintes pontos foram destacados:
- a independência política dos países africanos produziu a consolidação do ensino superior, a formação de pesquisadores e de uma comunidade científica. No entanto, essa situação em vários países ainda é frágil, não assegurando uma efetiva produção do conhecimento;
- em vários países da Diáspora, as condições de produção do conhecimento são melhores do que as da própria África. No entanto, existe uma situação de afastamento dos territórios e dos espaços africanos;
- o conhecimento das identidades e das culturas merece prioridade como elemento de construção da identidade entre África e Diáspora;
- há que se entender a relação entre a cooperação e o compartilhamento do conhecimento. Compartilhar conhecimento não é transferência de tecnologia, mas uma discussão intelectual. Nesse ponto, está em jogo a relação entre cooperação e governança;
- a informação do conhecimento produzido na África e na Diáspora deve ser feita em nível local e com dimensões intercontinentais;
- é importante construir laços de solidariedade que sirvam de base para a relação estabelecida entre os intelectuais africanos e criar mecanismos de cooperação entre África e Diáspora (sobretudo no caso do Brasil). Para que isso aconteça, é necessário o devido apoio e a concessão de recursos por parte dos governos;

- a igualdade e a reciprocidade são alguns dos princípios necessários para a realização da troca entre intelectuais negros da África e da Diáspora. A cooperação exige troca e reciprocidade. Esta precisa ser feita de ambos os lados;
- o impacto da língua sobre o saber dos intelectuais africanos e da Diáspora. A língua possui um papel ambivalente pois ao mesmo tempo que promove trocas dentro da África também se configura como um obstáculo à troca de conhecimentos dentro do continente africano e na Diáspora;
- a ausência de mulheres e jovens no painel da manhã foi destacada. O cuidado para que tal situação não mais aconteça foi considerado como um importante fator para a democracia e troca de conhecimento.

1.2 - Mereceram destaque as seguintes sugestões:

- incentivar a produção do conhecimento da Diáspora na África e do conhecimento da África na Diáspora;
- construir políticas de aproximação entre intelectuais/pesquisadores africanos que estão na Diáspora com os que se encontram na África;
- incentivar a construção de novos programas de cooperação referentes à produção científica sobre a África.
- Ampliar os institutos de pesquisa e os recursos financeiros para a pesquisa;
- priorizar a relação entre universidades africanas e da Diáspora incentivando intercâmbios entre programas de graduação, pós-graduação e pesquisa.

2º - Circulação do conhecimento.

2.1 - Os seguintes pontos foram destacados:
- o conhecimento produzido no território africano e na Diáspora não circula devidamente na África, entre os países africanos e para fora deles;
- a especialização por disciplinas dificulta a circulação do conhecimento e a troca entre os intelectuais;
- a globalização condiciona a produção e circulação do conhecimento: os estudos sobre a África não são prioritários no processo de globalização do conhecimento. Porém, nesse mesmo contexto, a circulação do conhecimento vem-se tornando cada vez mais

dinâmica, criando oportunidades para a cooperação entre a África e a Diáspora;
- estamos diante de um processo de desterritorialização/territorialização do conhecimento. Esse processo deverá orientar as estratégias de cooperação entre intelectuais da África e da Diáspora;
- a circulação, assim como a produção, do conhecimento na Diáspora deve considerar não só os intelectuais mas também outros atores sociais, tais como artistas, lideranças populares e movimentos sociais, entre outros;
- a "fuga de cérebros" é uma realidade no contexto africano e as suas causas precisam ser entendidas, dando destaque ao contexto que as gerou. Há o desafio de pensar formas de contato entre os intelectuais africanos que estão na África e os que estão na Diáspora;
- é preciso construir condições adequadas de trabalho, de carreira e de produção do conhecimento para os intelectuais nos países africanos e da Diáspora, sobretudo, os intelectuais negros da Diáspora;
- é interesse da África e da Diáspora participar de um projeto em que ambas se envolvam no seu próprio destino para melhorar a situação da sua própria comunidade.

2.2 - As seguintes sugestões foram destacadas:
· incentivar políticas editoriais entre África e Diáspora que possibilitem a circulação do conhecimento produzido em ambas as partes;
· avaliar a possibilidade de passaportes pan-africanos como uma forma de garantir o livro trânsito entre intelectuais e artistas africanos e da Diáspora;
· estabelecer estratégias que superem as barreiras lingüísticas nos meios de circulação do conhecimento.

3º - Áreas de conhecimento e cooperação a serem privilegiadas.

- a educação, considerando o sistema de educação básica e superior;
- a saúde, políticas e programas de saúde básica das populações;
- experiências de programas de defesa e consolidação dos direitos humanos;
- produção e intercâmbio de ciência e tecnologia não só em áreas como construção de rodovias e eletrônica, mas, também, microbiologia, produtividade agrícola e pesquisas no campo do petróleo que sejam realizadas na perspectiva da África;

- a história das diversas Diásporas e a pluralidade de identidades afrodescendentes;
- a pesquisa sobre história da África e da Diáspora e o ensino nos sistemas educativos;
- o conhecimento das diversas formas de racismo, o seu combate e superação nas relações entre grupos e nações;
- maior circulação das experiências de ações afirmativas para populações afrodescendentes na Diáspora.

II - Bloco B: "Potencial e limites da cooperação regional e multilateral".

1º - Foram destacados os seguintes pontos:

- a cooperação regional e inter-regional e multilateral, como uma urgência e exigência diante dos impactos da globalização e das políticas neoliberais que impõem limites ao desenvolvimento regional;
- a importância da cooperação regional no pós-colonialismo, e a construção de grandes blocos regionais que superem a divisão e as fronteiras coloniais;
- a importância da educação e da cultura como vetores da cooperação;
- o incentivo à consolidação das 5 regiões africanas, destacando a Diáspora como a 6ª região;
- inclusão da sociedade civil organizada (ONGs, movimentos sociais) nas diversas esferas da cooperação, indo além da esfera governamental;
- o papel importante da construção da União Africana pelos estados africanos;
- as possibilidades de se estabelecer estruturas de cooperação entre a União Africana e as organizações latino-americanas promovendo uma agenda comum;
- a cooperação entre África e Diáspora precisa considerar a emergência, as especificidades e as identidades dos afro-descendentes nas Américas Central e do Sul;
- os limites territoriais da cooperação e do multiculturalismo na Diáspora (como por exemplo, no Caribe) estão relacionados às conseqüências da colonização. Isso tem levado os países a articular-se em organizações;
- o potencial de cooperação entre África e Diáspora é grande. O fator lingüístico constitui ao mesmo tempo um elemento de divisão e união dentro da própria África.
- a importância da utilização da cooperação em benefício mútuo. Para que uma cooperação seja duradoura ela deve beneficiar ambas as partes e, para

tal, ela deve ser baseada numa abordagem progressista, que evolui de assuntos mais simples até os mais concretos, por meio de uma avaliação criteriosa.

2º - Foram apresentadas as seguintes sugestões:

- uma proposição prática: a cooperação científica Sul-Sul.
- começar por cooperações pontuais a serem avaliadas e ampliadas;
- privilegiar a cooperação no campo da educação e da cultura como processos de construção de identidades comuns, como por exemplo, através da construção de currículos comuns nas escolas da educação básica;
- criar estratégias para que a cooperação regional na África e na Diáspora não anule os países pequenos;
- criar programas estruturais de cooperação em áreas consideradas prioritárias pelos países africanos e da Diáspora;
- participar de vários mecanismos internacionais de cooperação de modo a ampliar e afirmar a presença africana;
- ampliar os debates em torno de conceitos como pan-africanismo, unidade, diversidade, federalismo, raça, etc. Esse debate iniciou-se na conferência de Dacar e teve uma continuidade nesta II CIAD, mas ainda precisa ser alimentado;
- construir uma cooperação mais efetiva entre Caribe, Brasil e África;
- priorizar a relação entre universidades africanas e da Diáspora incentivando intercâmbios de graduação, pós-graduação e pesquisa."

VI - "Ação afirmativa e discriminação positiva: políticas públicas e o papel dos movimentos sociais"

Bloco A: "As experiências dos países africanos e da Diáspora"
Bloco B: "A papel político-pedagógico da consciência negra"

Relator:
Shadrack Billy Otwori Gutto - Diretor do Centro de Estudos do Renascimento Africano – UNISA (África do Sul)

O Relatório:[5]

"Boa tarde. Eu gostaria de informar que o Grupo Temático VI foi composto de duas partes e que tive o prazer de atuar como apresentador e relator. Tentarei aqui resumir a nossa discussão. No painel da manhã, houve seis expositores: Professor Jocélio Teles, do Brasil; Professor Kabengele Munanga, do Brasil; Professor Horace Campbell, da Jamaica; Professor Rudo Gaidzanwa, do Zimbabue; Professor James Early, dos Estados Unidos; e eu mesmo. O tema nos permitiu lidar não apenas com considerações teóricas gerais mas também com as experiências específicas de cada país. Tentarei destacar os pontos que emergiram das apresentações e das discussões.

2. Primeiramente, mostrou-se que a ação afirmativa foi criada pelos povos oprimidos, mais especificamente por aqueles que são excluídos, porém se esforçam para alcançar uma efetiva liberdade, lutando pelos seus direitos e pela inclusão social. Em outras palavras, a ação afirmativa é o produto de um esforço, de uma luta; não o produto da benevolência e caridade daqueles que têm, historicamente, oprimido os negros e afro-descendentes. Foi visto, conseqüentemente, que é essencial para aqueles que são beneficiários de programas de ação afirmativa enxergá-los como um direito seu e não como um privilégio concedido por outros.

3. Em segundo lugar, mostrou-se que as medidas de ação afirmativa foram concebidas, prioritariamente, para fazer face aos impactos do racismo, do sexismo, da exclusão com base em deficiências e assim por diante. Conseqüentemente, essas foram as principais áreas examinadas pelos panelistas.

[5] Texto resultante da degravação da Sessão Plenária de apresentação dos relatórios dos Grupos Temáticos (14 de julho).

4. Em terceiro lugar, concluiu-se que as medidas de ação afirmativa são necessárias, ou ao menos vistas como necessárias e imperativas. Elas, no entanto, não são suficientes para transformar a sociedade e criar o tipo de justiça que nós todos desejamos. Medidas adicionais são necessárias, entre as quais podemos incluir:

- aquelas pertinentes ao tema da reparação.
- aquelas relativas à transformação dos sistemas de poder, tanto no plano local quanto na arena global.

5. Sem essas medidas adicionais, as políticas de ação afirmativa terão impacto limitado em sua capacidade de criar justiça, promover a igualdade e repartir mais equitativamente o poder.

6. Em quarto lugar, foi visto que, onde medidas de ação afirmativa foram tomadas para corrigir a discriminação passada e a opressão com base na raça, usualmente aqueles que foram beneficiados no passado por este tipo de exclusão resistem às mudanças ou desenvolvem estratégias de resistência. Em outras palavras, não há ação afirmativa sem esforço e confrontação. Muitas das pessoas que hoje reivindicam seja o acesso a diversos recursos e posições feito exclusivamente com base no mérito, obtiveram, no passado, seus privilégios e vantagens com base na cor. Na prática, aqueles que oprimiram os africanos e afrodescendentes, forçando sua exclusão, hoje usam termos como discriminação, racismo, queda de padrões de qualidade e assim por diante, para justificar sua resistência às políticas de ação afirmativa.

7. Sobre esse aspecto, examinou-se a ainda recente experiência brasileira. Analisando as estatísticas, verificou-se que os estudantes que ingressaram na Universidade graças a medidas de ação afirmativa vem apresentando melhor performance do que aqueles que ingressaram por canais normais nas diversas áreas do conhecimento, especialmente nas ciências, medicina e assim por diante. Extingue-se, conseqüentemente, o mito de que quem se vale do acesso via quotas não tem mérito e, portanto, está fadado a falhar.

8. Intelectuais favoráveis à ação afirmativa foram instados a envolver-se criticamente em uma cooperação mais profunda, de modo a compartilhar experiências sobre a questão. Isto, no entanto, tem que ser feito no contexto de lutas irmãs contra o racismo histórico e contra as filosofias que foram desenvolvidas para justificar o racismo. É preciso, em especial, que nos engajemos num esforço de libertação tanto mental quanto intelectual, que não pode depender somente das políticas de ação afirmativa. Maior solidariedade é necessária entre a África e a Diáspora

para mudar o sistema que foi construído sobre uma estrutura histórica fundada na injustiça.

9. Por último, foi visto que o Brasil está estrategicamente localizado numa posição chave para liderar esta conexão entre a África e a Diáspora. Este tipo de conexão, contudo, deve ser feito com base tanto na teoria quanto na ação. Estas são algumas das principais conclusões do nosso grupo."

VII - "Perspectivas da Juventude na África e na Diáspora"

Bloco A: "Identidade, educação e inclusão social"
Bloco B: "O papel das novas expressões culturais"

Relator:
Godwin Murunga - Kennyatta University (Quênia)

O Relatório:[6]

"Muito obrigada, senhora Presidente. Sou o relator do Grupo Temático que discutiu as "Perspectivas da Juventude na África e na Diáspora" e quero dizer o quão privilegiado fui em participar desses debates. Este foi um grupo que não se limitou a proferir preleções como usualmente o fazemos. Tivemos um diálogo vibrante. Além realizarmos nossas apresentações e debatermos as idéias expostas, cantamos, ouvimos poemas e só nos faltou dançar.

2. Pareceu ter havido um claro consenso neste painel temático em torno à compreensão de que na juventude não estão somente os "líderes de amanhã", como usualmente se diz, mas líderes de hoje. Houve um claro argumento apresentado de que a juventude não deve ser vista como uma categoria decorativa, mas como participantes efetivos nas discussões diárias do nosso contexto social. A participação foi definida num sentido muito amplo, incluindo tanto questões de criatividade cultural quanto questões de relevância política e sobrevivência econômica. Também ficou clara a mensagem enviada pelo grupo, de que os jovens não devem permanecer nas margens; eles realmente precisam participar das sessões plenárias de muitas destas reuniões que freqüentemente nós temos.

3. Nesta primeira sessão houve sete apresentações. Todos os expositores do Grupo Temático mantiveram seu foco na juventude, porém cada uma das apresentações soube mobilizar em suas análises as categorias de classe, gênero, raça e geração, de modo a discutir os diversos assuntos que foram surgindo. A apresentação do meu colega do Reino Unido destacou os sérios assuntos de identidade que impactam a juventude inglesa e conduzem à discriminação racial. Entre eles, sublinhou que a atual estrutura do currículo britânico nega aos estudantes o conhecimento necessário sobre a África, fazendo com que os jovens negros tenham dificuldade em desenvolver o

[6] Texto resultante da degravação da Sessão Plenária de apresentação dos relatórios dos Grupos Temáticos (14 de julho).

sentimento de pertencerem a um sistema que ignora suas raízes. Ele enfatizou que semelhante fenômeno fez crescer a percepção de que a juventude acaba representando papéis mais do que alcançando realizações.

4. Houve também um claro entendimento da importância do contexto histórico e global dentro do qual as práticas e discussões da juventude ocorrem. Dois textos fomentaram esta discussão. Um deles destacou claramente as mudanças que ocorreram no nosso entendimento do processo de transição da juventude para a maturidade. Segundo exposto, houve uma ruptura em nosso entendimento, que se reflete no que chamamos de triângulo institucional, envolvendo, basicamente, a ênfase na educação moderna, nos salários e na organização. O panelista argumentou que, neste tipo de processo, um segundo problema interveio, derivado do aumento do perfil demográfico. Hoje, a juventude mostra-se dominante, mas nossos países são ainda incapazes de fornecer alguns dos serviços de que a juventude precisa. Tem havido, essencialmente, uma crescente sensação de irrelevância na forma como a educação está sendo administrada. Tais discussões conduziram-nos a falar seriamente sobre a questão da emigração, que se está tornando uma problemática válvula de escape para muitos dos nossos jovens.

5. Houve, em seguida, uma discussão sobre a definição de juventude e um dos apresentadores formulou o argumento de que a juventude é um grupo desconexo, formado por todos aqueles que não se adaptam, devido à marginalização econômica e social de que são vítimas. O panelista observou ainda que, sendo tal o caso da juventude na África, teríamos, com respeito à juventude afrodescendente na Diáspora, uma dupla exclusão, baseada tanto na idade quanto na raça. Desta discussão ficou claro que, por conta da marginalização, a juventude negra se mostra essencialmente um grupo em transição. Mas essa transição acaba levando a lugar-nenhum toda vez que nossos jovens se valem da emigração ou da subversão para realizar sua própria humanidade. Semelhante constatação nos trouxe ao argumento de que, enquanto a educação formal é crescentemente desvalorizada, a música e outras formas de expressão se beneficiam de imensa valorização. Por meio da música, atuação e dança a juventude de hoje entretém e aprende – mas também, por outro lado, consolida sua fuga da sociedade.

6. Três apresentações discutiram a questão da educação, com ênfase específica no currículo. A apresentação do Brasil detalhou como o Ministério da Educação vem tentando atuar sobre a questão da marginalização, buscando introduzir a perspectiva da diversidade através do currículo. Outra

apresentação, que teve como foco a Nigéria, insistiu que o currículo escolar deve ser redesenhado a fim de incluir e enfatizar conteúdos que irão ajudar a juventude a adquirir não somente as habilidades para sobreviver, mas também para viver com base em fundamentos igualitários tanto na Nigéria quanto em outras partes do mundo.

7. A apresentação final do painel da manhã que foi igualmente relevante, debruçando-se sobre os esforços dos afro-brasileiros para se emanciparem em uma sociedade que criminalizou a identidade da juventude negra. A esse respeito, o panelista insistiu que é preciso pôr fim a esta guerra de violência contra a juventude negra. Sua apresentação trouxe um modelo de análise que mostra a importância da resistência, sublinhando que essa resistência encontra seu melhor formato na identidade negra, capaz de retornar aos ancestrais como inspiração. O apresentador chamou a atenção para a necessidade de descolonizar do conhecimento, para que possa levar em consideração os princípios da consciência negra e do conhecimento negro. Insistiu ainda que as políticas públicas devem ter como norte a eliminação do sexismo e do racismo, por meio da inclusão e de uma estratégia de ação afirmativa centrada na comunidade.

8. O painel da tarde contou com cinco apresentações: uma teve como foco o Canadá, outra focou os Estados Unidos, e uma terceira esteve dedicada à África do Sul. Seguiram-se, então, duas apresentações de líderes culturais e artistas brasileiros. Nesta sessão, especialmente, cabe mencionar a presença e a ativa participação de um grande número de jovens, que participaram ativamente dos debates, apresentando perguntas num sentido muito crítico e informativo. Creio ter sido este, talvez, o destaque de toda a sessão.

9. A apresentação do Canadá, que teve como foco a área urbana de Toronto, enfatizou que, devido à discriminação, a juventude negra canadense tende a utilizar novas formas de expressão cultural, não somente como modelos de expressão, mas realmente como modelos de resistência. Argumentou que semelhante atitude tem gerado núcleos de resistência, que são úteis no sentido de que ajudam a levantar questões sobre inclusão, além de se tornarem meios para que a juventude recuperar sua voz e capacidade de afirmar-se.

10. Outra apresentação, concentrou-se nos Estados Unidos, especialmente na cena hip-hop de Detroit. Sugeriu o panelista que as letras de música de artistas negros criaram as bases de nossas novas expressões culturais, que não somente questionam o racismo e a supremacia branca, mas também

ensinam e entretêm. Essas formas foram, inicialmente, rejeitadas pelo "mainstream" da sociedade branca nos Estados Unidos, mas hoje se tornaram muito importantes. Elas tomaram o centro das atenções e estão espalhando o movimento hip-hop por todo o mundo. Embora tenha sido bastante claro ao identificar os elementos homofóbicos e sexistas destas novas formas de expressão cultural, o apresentador deixou igualmente claro que as culturas da juventude têm sempre sido sempre desafiadoras. A seu ver, esse é um contexto de grande importância, que deve pautar nossas discussões sobre novas expressões culturais.

11. Outra apresentação, feita pelo colega de Moçambique, dedicou-se ao projeto "Vigésimo Quinto" (Twenty-Fifth), que vem sendo implementado no Sul e Sudeste da África. Esse projeto almeja propiciar à juventude condições para sonhar com um futuro melhor. Está centrado em quatro pilares, incluindo questões de: identidade e cultura; inovação e criatividade; formação de redes e interconexão; e sustentabilidade da paz.

12. As duas apresentações finais constituíram uma verdadeira troca, um diálogo entre os jovens presentes ao encontro e os panelistas. Estes responderam às questões da juventude negra sobre o tema da eqüidade aqui na cidade de Salvador e sobre as questões do racismo e da marginalização. Ficou claro, a esse respeito, que, dado o perfil da população local, a questão da participação política precisa necessariamente levar em conta a "cor da cidade". Questões adicionais foram levantadas sobre o papel dos líderes culturais e a necessidade deles se unirem em torno aos temas do reconhecimento da herança africana e da consciência coletiva popular. Resumindo o que foi discutido nessa sessão, eu citaria João Rodrigues, do Olodum, que afirmou, a certa altura, que nosso futuro está na revolução permanente. Obrigado."

VIII – "Economia e sociedade na África e na Diáspora: desafios atuais"

Bloco A: "Renascimento africano e globalização"
Bloco B: "Repensando as estratégias de desenvolvimento econômico e social"

Relator:
Simon N'Guiamba – Comissão da União Africana (Cameroun)

O Relatório:

"O Sr. Elikia M´Bokolo foi o primeiro expositor da sessão de trabalho sobre "Renascimento Africano e a Globalização". Iniciou sua apresentação relatando que antigas gerações de africanos e descendentes de africanos sentiram necessidade do renascimento social e econômico da África antes mesmo do movimento denominado "Renascimento Africano". O Renascimento Africano é um movimento que visa a mobilização das capacidades culturais, econômicas e políticas para assim poder enfrentar os desafios contemporâneos causados pelo processo da globalização.

2. A globalização deve ser vista no sentido amplo do termo, que inclui tentativas de poderes dominantes de impor suas visões do mundo na África pela troca de escravos, pelo colonialismo e, desde o final da Segunda Guerra Mundial, pelo neocolonialismo. Alguns intelectuais africanos começaram a protestar contra esses atentados já no inicio do século XVII. Neste contexto, é especialmente importante mencionar o trabalho de Achmed Baba, do Mali, e Amo (que assinava suas obras como "africano da Guiné"), dois africanos conhecidos, que expressaram suas oposições à dominação estrangeira na África e ao tratamento dado pela Europa aos africanos. O trabalho feito por Amo ainda é de grande significado para nós, pois trata de questões ligadas à discriminação africana na Europa e à imigração. Atualmente, os africanos estão tentando tirar lições de sua história para que possam criar uma "nova África", que possa competir com êxito com o resto do mundo. E, ao mesmo tempo, filósofos e escritores europeus consideram que a África precisa de ajuda.

3. Diante dessa situação, os intelectuais africanos têm importante papel a exercer. Esse papel deve proporcionar uma nova perspectiva para as futuras gerações africanas por meio de um pensamento criativo. Essa nova perspectiva deve ser feita a partir da análise dos fatores históricos que resultaram na situação atual. Também deve ser inspirada por idéias sugeridas por pioneiros

do movimento Pan-Africano, como o Presidente Kwame Nkrumah (Gana), que advogou pela unidade da África. Como é sabido, o Presidente Nkrumah já havia reconhecido, nos anos 1960, a necessidade de desenvolver uma economia forte na África para que esta pudesse competir com êxito com o resto do mundo. Para o desenvolvimento de uma economia forte é necessária a existência de um bom sistema educacional que permita aos jovens africanos adquirirem conhecimento das "novas tecnologias", que são extremamente importantes para a atual economia globalizada.

4. O Sr. **Philippe Lavodrama** preveniu os africanos contra os ataques de certos escritores da Europa - e também da África - que dizem que o continente africano é sem futuro. Relatou que o principal objetivo desses escritores era convencer os africanos de que a freqüência das guerras civis, a falta de instituições democráticas e que a forte dependência econômica e política da África ante os poderes estrangeiros são provas suficientes para mostrar que a África não se pode tornar integrante competitivo dos negócios mundiais. Decorre dessa forma de pensar a tese de que, daqui em diante, seria necessário "impedir" que os africanos migrem para Europa, para onde eles provavelmente levariam doenças tais como o HIV. Numerosos africanos que aceitaram essa linguagem tornaram-se porta-vozes dos poderes coloniais anteriores, e tentam agora listar o impacto positivo do colonialismo nos países africanos. Desse ponto de vista, a África é a única responsável pela difusão da pobreza, que reflete a situação da maioria dos países africanos atualmente. Contra esse ponto de vista, o renascimento africano é um desenvolvimento positivo que pode "reenergizar" intelectual e moralmente a África. Nesse processo de renascimento da África, é importante que os africanos reconquistem a sua autoconfiança. Ele incentiva os Africanos a continuarem lutando contra todas as formas de "afro-pessimismo" e a promoverem idéias positivas contidas no movimento do renascimento africano.

5. A idéia de que os africanos não se gostam - ou até mesmo de que eles seriam amaldiçoados - volta de maneira lancinante e recorrente nesses últimos tempos, em conversas e publicações diversas. De tanto haver sido repetida, tornou-se clichê. Mesmo fazendo parte do imaginário sombrio, o tema do afro-pessimismo invadiu, desde o fim da Guerra Fria, todos os discursos africanos – reflexão que não deixa de ser desconcertante. Uma corrente da opinião africana alardeia a propaganda ocidental, atribuindo essencialmente o fracasso aos próprios africanos, que seriam responsáveis por seu próprio flagelo, o que isentaria de culpa o imperialismo colonial e o neocolonialismo.

Não é nada menos revelador que, em sentido inverso, o tema do "renascimento" - como princípio de rearmamento intelectual e moral - inspira e alimenta toda uma literatura de orientação afro-otimista. Cheikh Anta Diop, o maior intelectual africano da segunda metade do século XX, anunciava que a segurança histórica, sobre a forma de auto-estima e da confiança em si, é um imperativo da identidade coletiva e um dos maiores requisitos do desenvolvimento social. O imaginário da África, que as mídias ocidentais divulgam de maneira complacente, corresponde à imagem de um fantasma repulsivo, não apenas de natureza desmoralizante para os africanos, mas que também contribui para separá-los da Diáspora, que não deseja ser associada a algo tão negativo.

6. O Sr. **François d'Adesky** relatou que existem várias semelhanças na situação econômica e social da África e de sua Diáspora. A pobreza está espalhada e os indicadores sociais são baixos na África, assim como para os povos afro-latinos e afro-caribenhos. Para lutar contra a pobreza e melhorar seus indicadores sociais, os países africanos e afrodescendentes estão implementando políticas necessárias para atender os "Objetivos de Desenvolvimento do Milênio" estabelecidos pelas Nações Unidas até 2015. Enquanto isso, a população de origem africana clama por seus direitos econômicos e políticos na América Latina. Nessa área, tem sido percebido progresso no Brasil, na Colômbia e no Equador, onde os governos adotaram leis antidiscriminação. Uma relação próxima entre a África e a sua Diáspora é muito bem-vinda nessa conjuntura. Até agora, a população latino-americana de origem africana tem-se desapontado com a falta de apoio dos países africanos em suas lutas contra a discriminação. Esse sentimento desapareceu rapidamente com o estabelecimento de estreitos laços no âmbito da Conferência de Intelectuais Africanos e de Diáspora.

7. O processo de colonialismo criou "nações estados" na África, que tiveram sua existência posta em questão depois da independência. Somente países que foram capazes de conciliar "modernidade e tradição" conseguiram permanecer politicamente estáveis. Para provar seu ponto de vista, citou o exemplo de Julius Nyerere que foi "filho de um rei" antes de se tornar Chefe de Estado na Tanzânia. Isso explica como ele pôde continuar exercendo significativa autoridade no país até a sua morte. Mencionou também Botswana, que tem uma "câmara de líderes" e graças a isso é politicamente estável. O senhor D´Adesky continuou sua apresentação dizendo que a conciliação da "modernidade e da tradição" foi um fator-chave que capacitou Botswana a

investir toda sua receita relativa à exportação de diamantes para o desenvolvimento de infra-estrutura. Outro exemplo dessa conciliação de "modernidade e tradição" ficou evidente a África do Sul de Nelson Mandela. Aprendendo com os exemplos, exortou os países africanos a tentarem atingir essa conciliação em todos os lugares e a envolver mais as mulheres nos processos de desenvolvimento.

8. Sobre o processo de globalização, o senhor D´Adesky sentiu que isso poderia beneficiar a África, pois daria aos jovens africanos a oportunidade de adquirir conhecimento sobre novas tecnologias, que poderiam ser aplicadas em seu próprio país. Além disso, disse que a introdução de uma instituição democrática na África seria de muita valia nesse aspecto. Foi também encorajado pelo esforço da União Africana em incluir a Diáspora no movimento de Renascimento Africano. Esse movimento terá certamente um impacto significativo no futuro das populações afrodescendentes na América Latina e no Caribe. Com a criação de uma classe média entre essa população, as relações entre a África e os países da América Latina e do Caribe será fortalecida. Isso contribuirá também para o crescimento do intercâmbio comercial e cultural na África. Esse desenvolvimento levará a uma reconciliação entre a África e as pessoas de origem africana.

9. O Sr. **Mamadou Lamine Diallo** preferiu fazer distinção entre "atividades globais" com as sedes de empresas dos países desenvolvidos e no processo de globalização em que a integração da economia global é reivindicada. Essa reivindicação é feita pelos governos, bem como pelas empresas e pelas instituições financeiras e pelos países adiantados economicamente. Os proponentes desse processo apóiam a integração econômica global e estimulam a introdução de um parlamento democrático no mundo todo. Simultaneamente, organizações não-governamentais (ONGs) estão pedindo a adoção de boas práticas de governança. Em suma, o objetivo da globalização é transformar o mundo em um lugar onde a visão econômica e política de certos países seja dominante. Esse novo mundo, de acordo com Fukuyama, seria caracterizado por paz e prosperidade trazidos pela adoção de mecanismos de economia de mercado e democracia parlamentar.

10. Infelizmente, nem tudo é simples como parece. Nas duas décadas passadas, os países da África Sub-saariana têm implementado políticas inspiradas nos objetivos da globalização. O impacto dessas políticas não tem sido encorajador para a grande maioria dos países, onde houve grande aumento do número de pobres. Na tentativa de diminuir o número de pobres

em países africanos, as instituições de Bretton Woods recomendaram a adoção de "Documentos para a Estratégia de Redução da Pobreza" (PRSP) em praticamente todos os países da África Sub-saariana, com a exceção da República da África do Sul. Esses documentos foram formulados com a "ativa participação" dos pobres. Apesar desta participação, o êxito dessas políticas sugeridas pelo PRSP é questionável.

11. Essa falta de êxito se deve, em parte, a fatores que caracterizam uma "economia dual" nos países africanos. Para reduzir a pobreza, o processo de globalização deve contribuir para a criação de empregos em setores modernos. Esse crescimento na criação de empregos depende do nível de atividades de investimento, que variam em função das taxas reais de juros. Conseqüentemente, o processo de globalização beneficiaria países africanos somente se isso contribuísse para a diminuição das taxas reais de juros. A longo prazo, deve proporcionar aos jovens africanos oportunidades de uma melhor educação e treinamento profissional para que eles possam, assim, estar aptos a entrar no mercado de trabalho, nos setores modernos da economia africana. Como é muito improvável que isso aconteça, é importante criar um mecanismo em que aqueles que se beneficiam da globalização possam compensar aqueles que não se beneficiam. Nesse aspecto, é importante lembrar que o processo de globalização permite a mobilidade do capital entre os países. Como se sabe, parte desse capital representa fluxos especulativos. Uma idéia que foi proposta no passado - e que merece ser explorada - corresponde à coleta de uma taxa especial dos fluxos de capital especulativo. A introdução mundial dessa taxa, conhecida como Tobin Tax, faria da globalização um processo rentável para todos os países do mundo.

12. O Sr. **Khalid Naciri** relatou que o Renascimento Africano deve levar em conta as condições existentes na África, para assim poder ter sentido para o presente e para o futuro do continente. No seu ponto de vista, conflitos internos, difusão da pobreza, liderança corrupta e a falta de bons governos caracterizam a situação africana. Para que essa situação mude, não seria útil acreditar em algum tipo de fatalidade. Além disso, é importante que os líderes africanos e intelectuais reconheçam que a África não tem outra saída senão operar no contexto do processo de globalização. Ao mesmo tempo, esforços são necessários para que se minimize os impactos negativos nos países africanos. Até agora, a África foi incapaz de tirar vantagem do fim do sistema bipolar mundial. Além disso, a África continua dividida em pequenos países, enquanto a Europa mostra que já é possível integrar países com diferentes

línguas e culturas. Até mesmo a Ásia está engajada no processo de modernização, enquanto a África não mostra nenhum progresso visível nesse sentido. Com o objetivo de ser capaz de se mover com grandes probabilidades de êxito, a África deve adotar boas práticas de governo, promover um forte sistema educacional e desenvolver grande solidariedade entre diferentes classes sociais. A população africana precisa ter esperanças através de uma visão que prometa uma sociedade melhor. O movimento de Renascimento proporciona essa visão para os africanos. Para que essa visão possa se tornar realidade, é necessário promover a introdução de instituições democráticas em toda África. A introdução dessas instituições permitiria às populações ou à sociedade civil participar ativamente do monitoramento do respeito aos direitos humanos.

13. Com relação aos benefícios que a África poderia usufruir em virtude da Diáspora, o Sr. Naciri afirmou que 10% (3 milhões) da população de seu país, o Marrocos, vive atualmente no exterior. Esse grupo de marroquinos representa uma fonte importante de divisas estrangeiras para seu país. Recomendou, nesse sentido, que outros países africanos tirem proveito de suas respectivas Diásporas.

14. O Sr. **Naciri** argumentou que a noção de residente e de não-residente se tornou irrelevante nesse contexto. Disse também que a África poderia se beneficiar do processo de globalização. Todavia, ponderou que o programa NEPAD ainda não está funcionando conforme esperado. Acrescentou que a idéia de estabelecer os Estados Unidos da África deveria ser levada adiante. Ao mesmo tempo, a África deveria forçar a reforma do sistema das Nações Unidas, incluindo a revisão da Organização Mundial do Comércio (OMC).

15. O Sr. **Robert Dossou** relatou que o processo de globalização começou com os avanços tecnológicos no setor de transportes e com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação. Disse que o processo de globalização poderia ser uma ferramenta para a aceleração da economia e do progresso social na África. Ao mesmo tempo, poderia acabar atrasando o desenvolvimento da África, pois requer a introdução de metodologias que a África pode não absorver rapidamente. Ele felicitou o fato de a África ter atingido significativo progresso na área da governança democrática nos últimos anos. Atribui esse desenvolvimento ao processo de globalização. O Sr. Dossou disse que o processo de globalização poderia ser benéfico para a África porque contribui para o combate à corrupção. A globalização de mercados financeiros deu mais poder às instituições de Bretton Woods, que atualmente

determinam a direção dos fluxos financeiros pelo mundo. No que diz respeito ao Renascimento Africano, é importante para as sociedades africanas preservarem seus valores culturais. São necessários esforços para criar oportunidades de educação e emprego na África para assim poder reduzir o número de jovens africanos que estão tentando desesperadamente escapar da pobreza de suas terras natais, e que para isso se arriscam migrando para outros continentes. A África deveria também valorizar o pensamento criativo de seus intelectuais.

16. O Sr. **Yves Amaïzo** começou sua apresentação dizendo que o processo de globalização era resultado do equilíbrio de poderes pelo mundo. Esse equilíbrio dos poderes é a chave determinante para a distribuição do bem-estar entre as diferentes regiões. O processo de globalização inclui tanto elementos estáticos como dinâmicos. Levando em conta os elementos dinâmicos, a África precisar ter uma visão operacional. Os líderes africanos precisam entender que o resto do mundo não concedeu nada para a África sem esperar uma compensação em troca. Países que podem influenciar outros tiram proveito para criar riquezas para si. Entretanto, a África deve tentar aumentar sua capacidade de influência nos eventos mundiais. Ao mesmo tempo, deve estabelecer uma organização que conduziria à criação de riqueza por meio do incremento de atividades de investimento. A África deve também buscar desenvolver economias lideradas por conhecimento e inovação. Com conhecimento e inovação, a economia africana será capaz de divulgar as informações econômicas e financeiras necessárias, que permitam aos governantes tomarem decisões com conhecimento. Comparando a África com a América Latina, o Sr. Amaïzo relatou que a América Latina tem mais influência no mundo do que a África. A África precisa se desenvolver para assim poder melhorar sua posição na economia mundial. A África deve tentar atrair investimentos internacionais criando fluxos de capitais. Nesse sentido, é necessário criar um ambiente favorável para encorajar a Diáspora africana a investir na África.

17. Segundo o Sr. Amaïzo, as relações entre a África, América Latina e Caribe foram "platônicas" no que se refere à troca de bens e serviços entre os continentes. A solidariedade tão desejada só pode se apoiar numa organização sólida e fundada em organizações que trabalham em rede tendo como primeiro objetivo a transparência, a performance e a solidariedade.

18. Nesse sentido, é sugerido encontrar sinergias entre uma Diáspora que tenha seus pontos de apoio em um mundo global. Mais do que uma reforma,

trata-se de operacionalizar uma economia de aglomeração, fundamentar as instituições de apoio e programar os saltos qualitativos e tecnológicos por intermédio de uma observação da competitividade, da solidariedade e de emprego decente.

19. Para passar da reflexão para ação, convém propor conceitos e espaços de polarização das sinergias à serviço da população. É, então, necessário identificar os projetos ou a complementaridade estratégica que caminha junto com a solidariedade histórica. Conceitos como a interdependência e o co-desenvolvimento deveriam emergir ao longo da volta da capacidade de influência coletiva da África, da América Latina e do Caribe. É necessário, então, aceitar o princípio de subsídio para que a cooperação inter-regional e a economia de proximidade permitam criar realmente relações de negócios para fins do progresso mútuo. Com a Diáspora, é possível apoiar pólos de competitividade e de empregos, que se desenvolverão se os vistos e passaportes da Diáspora forem previamente aceitos entre regiões ou, pelo menos, entre Estados. O futuro passa, então, pela institucionalização de um sistema de aglomeração funcionando em rede aberta.

20. O Sr. **Jacques D'adesky** relatou que as relações do Brasil com a África têm uma longa história. Relembrou que, no início dos anos 80, havia vôos do Rio de Janeiro para Abidijan, Dacar e Lagos. Mostrou também a existência de trocas significativas entre o Brasil e a África há um bom tempo. Indicou, em seguida, que um Renascimento Africano com êxito não será possível sem a inclusão da Diáspora. Esse ponto é particularmente importante, já que o Brasil está tentando tirar proveito máximo de sua diversidade cultural. A África deveria, neste momento, criar condições para aumentar as trocas comerciais com o Brasil.

21. A Sra. **Jacqueline Ki-Zerbo** deu início ao Painel B dos trabalhos, "Repensando estratégias para o desenvolvimento econômico e social", relatando que o êxito econômico e social da África exige uma forte parceria entre homens e mulheres. Disse que essa parceria não é fácil de ser atingida pois homens e mulheres são tratados de formas diferentes devido a crenças tradicionais. A preferência é dada para os filhos em muitas sociedades africanas, que os consideram capazes de prover "previdência social" para os pais na sua velhice. Já as filhas são encorajadas a se casarem o mais cedo possível. Porém, a educação das filhas não é uma prioridade para muitos pais. Esse pensamento deve ser modificado sem ter que se recorrer ao ativismo feminista. Tratando filhos e filhas de maneira igual as sociedades africanas

provavelmente conseguirão verdadeira parceria entre mulheres e homens e, da mesma forma, atingir o potencial de desenvolvimento da África. Voltadas a esse objetivo, as mulheres deveriam ter os mesmos direitos a educação e desenvolvimento profissional que os homens.

22. Comentando o desenvolvimento da África nas três ultimas décadas, a Sra. Ki-Zerbo discutiu os tipos de projetos que se beneficiaram de ajuda estrangeira. Notou que alguns doadores estavam mais interessados no resultado rápido de seus projetos independentemente de conseqüências negativas sociais ou financeiras. Na região do Sahel, por exemplo, existe a necessidade de se pensar maneiras de usar de forma mais eficiente o combustível carvão-vegetal, apesar dos numerosos esforços feitos pelo governo africano nessa área. Importante se faz notar o fato de que as decisões referentes ao uso do combustível carvão-vegetal foram tomadas por doadores estrangeiros e homens africanos, sem o envolvimento das mulheres. Ressaltou também que durante as "décadas de desenvolvimento" uma série de reuniões sobre as "questões de gênero" aconteceram no México (1975), Copenhagen (1980), Nairobi (1985) e Beijing (1990/95), sem que as mulheres tivessem papel importante. De fato, os homens dominavam as delegações governamentais (particularmente em Nairobi e Beijing). Foi em Nairobi que o conceito de "gênero" foi introduzido. Isso mostra o quão relutante as sociedades dominadas por homens foram em implementar planos de ação adotados pelas inúmeras reuniões para permitir às mulheres exercerem seus papéis no desenvolvimento econômico e social da África.

23. A respeito das estratégias de desenvolvimento, a Sra. Ki-Zerbo afirmou que seria interessante rever os vários conceitos de desenvolvimento que têm sido propostos para a África. Antes mesmo de os governos africanos e de os técnicos serem capazes de compreender os propósitos operacionais, novos conceitos são introduzidos e os doadores introduzem novas condicionantes. Com essa abordagem, a África se tornou verdadeiro "saco de pancadas" para o resto do mundo. Será que a África e sua Diáspora estão prontas para resolver esse problema e desenvolver sua própria e mais apropriada estratégia para seu desenvolvimento econômico e social? Sem se isolar do resto do mundo, a África tem que olhar para trás e ver seu insucesso nas três ultimas décadas para determinar seu futuro. Nesse contexto, seria importante levar em conta o impacto negativo que o "Programas de Ajustes Estruturais" - apoiado pela comunidade internacional e liderada pelas instituições de Bretton Woods - teve na África. As atividades e responsabilidades do setor público

têm-se reduzido com a perda dos empregos no setor governamental. Isso gerou um crescimento da violência familiar na África. Muitas famílias não têm mais condição de pagar os estudos de seus filhos. Para que possa ser feita uma estratégia mais apropriada de desenvolvimento na África, os líderes africanos devem desenvolver a capacidade de identificar suas próprias prioridades, analisá-las e encontrar soluções plausíveis para elas. Uma dessas prioridades deveria ser a inclusão das mulheres no processo de tomada de decisões. Sem essa inclusão, a África não será capaz de enfrentar o problema da pobreza com probabilidades de êxito. As mulheres não devem mais ser passivas na procura de soluções para os problemas que a África vem enfrentando atualmente.

24. A Sra. **Jeannine B. Scott** discutiu principalmente os desafios do desenvolvimento econômico e social na Diáspora e o papel dos afro-americanos nesse contexto. Indicou que seu empregador, a Africare, era a maior e mais antiga organização não-governamental afro-americana que trabalha para o alívio da pobreza, apoiando o desenvolvimento da África. Indicou que estava falando como mulher americana e como afrodescendente. Ela faz parte da diáspora africana nos Estados Unidos, que possuía pessoas descendentes daqueles que foram trazidos para América pelo tráfico de escravos e, também, das ondas mais recentes de imigrantes do Caribe, América Latina e África.

25. Esses afro-americanos ou africanos na América, como alguns preferem chamá-los, estão trabalhando duramente para garantir um futuro melhor para gerações futuras de africanos pelo mundo. Esse grupo de pessoas de origem africana certamente trazem muito para a riqueza da África. Para aproveitar essa riqueza, a Sra. Scott disse que os afro-americanos dos Estados Unidos deveriam ser incluídos na "sexta região da União Africana". Essa inclusão dará à Diáspora africana a oportunidade de trabalhar por uma mudança que terá um impacto positivo em milhões de vidas, cessando o aumento da pobreza, fome, doenças e falta de moradia, além de promover igualdade de gêneros,melhor educação e um meio ambiente sustentável.

26. A Diáspora pode ajudar países africanos nos seus esforços em promover o desenvolvimento do capital humano. Todos esses esforços combinados asseguraram que os países africanos tenham o suporte necessário para que possam juntar-se ao mercado global de trabalho. Atingir crescimento econômico, aumento de impostos e aumentar a sofisticação tecnológica: sem

essas conquistas a África corre riscos como evasão de capitais, fuga de cérebros e condições negativas de comércio.

27. A Sra. Scott afirmou que a África não poderia atingir nenhum progresso nestes campos se seu povo não estiver unido no mundo todo. Para ilustrar seu ponto de vista, citou alguns exemplos do que pode ser feito pela África e sua Diáspora:

- A Africare foi fundada porque um presidente africano, o ex-presidente da República da Nigéria Hamani Diori, pediu para um homem afro-americano, Sr. C. Payne Lucas, durante a seca do início dos anos 70 no Sahel: "Porque os irmãos e irmãs afro-americanos dos Estados Unidos não estão fazendo mais para ajudar a África?". Esse homem, o Sr. Lucas, se reuniu com apenas quatro ou cinco africanos e afro-americanos para iniciar um esforço feito a partir de sua casa. Começou com um empréstimo de US$ 39.000, até construir o que agora se tornou a maior e mais antiga organização afro-americana voltada para promover desenvolvimento econômico no continente africano. Até hoje a Africare transferiu mais de 700 milhões para o programa assistencial de 36 países africanos, alcançando mais de 200 milhões de pessoas. Esse é o poder que vem de africanos e da colaboração de sua Diáspora.
- O reverendo Sullivan é um dos afro-americanos que construiu os "Princípios Sullivan" e que, através deles, estimulou companhias multinacionais dos Estados Unidos a diversificar seus negócios e investimentos contra o apartheid da África do Sul até que uma mudança de fato ocorresse neste país, com liberdade, direitos civis e de voto para todos os sul-africanos. Ele fez com que milhões de dólares em investimentos fossem retirados da África do Sul até que a justiça racial fosse estabelecida. Ele foi um dos pioneiros que incentivou a dupla cidadania que permitiria aos afro-americanos se tornarem cidadãos de países africanos e ter também passaportes americanos.
- A African American Unity Caucus (AAUC) é uma entidade relativamente nova. Começou como um esforço de promover coordenação e cooperação entre organizações afro-americanas com foco para a África. Estabelecida em 2002, é uma aliança não-partidária de lideres engajados e organizações africanas focalizadas em questões que afetam a África e sua Diáspora. É totalmente formadas por africanos, afro-americanos e povos caribenhos.
- A Lei de Crescimento e Oportunidade para a África foi uma importante legislação preocupada em desenvolver oportunidades de comércio de países africanos com os Estados Unidos. Ele foi idealizado por um cidadão afro-americano e muito do trabalho de advocacia necessário para facilitar a sua

implementação foi realizado na comunidade afro-americana. Atualmente, é um programa importante que proporcionou várias oportunidades relevantes para que os produtores africanos possam vender suas mercadorias no mercado americano e diversifiquem suas trocas entre os Estados Unidos e a África.

28. Ao tratar de negócios, a Sra. Scott mencionou nomes de africanos influentes na América que estão procurando por parcerias produtivas na África e em outras partes da Diáspora. São esses:

a) Bob Johnson, da Black Entertainment Television Mogul - que está querendo investir na Libéria;

b) Kase Lawal – originaria da Nigéria – da Blaing, indústria petroleira;

c) Dikembe Mutombo, o famoso jogador de basquete originário da República Democrática do Congo, que construiu um hospital moderno na sua terra natal;

d) Outros, como Oprah Winfrey, Isaiah Washington e Geoffrey Wright, personalidades que utilizam sua fama e suas heranças africanas para fazer comercias e investimentos filantrópicos numa série de países do continente africano.

29. Atualmente, nos Estados Unidos, os africanos na América têm uma representação sem precedentes, que relaciona os Estados Unidos com o continente africano:

- A Secretária de Estado é uma mulher afro-americana.
- A Assistente da Secretaria de Estado é uma mulher afro-americana.
- Dois dos quatro Assistentes Adjuntos da Secretária de Estado para a África são afro-americanos, entre os quais uma é mulher.
- A Diretora de Segurança Nacional da África e Conselheiro Especial do Presidente é uma mulher afro-americana.
- A Representante para o Comércio com a África é uma mulher afro-americana;
- O Diretor para as Nações Africanas do Departamento do Tesouro Americano e atual Assessor Especial da Secretaria do Tesouro para os países Africanos é uma mulher afro-americana.

30. A Sra. Scott disse que esses afro-americanos fazem tudo o que podem para melhorar as relações entre a África e o Estados Unidos, e que eles mantém contato constante com as entidades afro-americanas relacionadas ao tema da Diáspora.

31. Além do acima mencionado, mais e mais jovens - principalmente aqueles que foram educados nos Estados Unidos - tomam a decisão de levar seus

conhecimentos e treinamentos adquiridos, juntamente com milhões de dólares em fundos de investimentos e negócios, para a África. Ademais, estão sendo feitos grandes investimentos em transporte, energia, telecomunicações, comunicações, indústrias, manufaturas, finanças e bancos, entre outros setores.

32. A Sra. Scott instou os povos africanos e demais populações afrodescendentes a não acreditarem nas supostas barreiras que existiriam entre eles e os afro-americanos ou africanos na América. Pessoas de origem africana nas comunidades do Estados Unidos precisam se unir mais do que nunca para poderem garantir efetividade no seu próprio país e no estrangeiro. A Sra. Scott disse que somos todos descendentes de africanos e que devemos incentivar nossa herança comum.

33. O Sr. **Marcelo Paixão** centralizou seus comentários nos fatores históricos que influenciaram o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Nesse contexto, disse que o desenvolvimento do Brasil foi fortemente influenciado pela troca de escravos. O fluxo de pessoas descendentes de africanos proporcionou ao Brasil não só mão-de-obra barata, mas também uma sociedade mista. Essa sociedade projeta uma imagem errada de harmonia racial fora do Brasil apesar de os descendentes de escravos não estarem integrados nas atividades econômicas do país e continuarem na camada mais baixa da sociedade brasileira. Isso se deve à discriminação racial que continua presente. No Brasil, quanto mais escura for a cor da pele, mais dificuldade se terá para conseguir ingressar no mercado de trabalho ou conseguir crédito bancário. Como uma parte importante da sociedade moderna brasileira é mantida fora das atividades econômicas do pais, o Brasil está se saindo pior do que seu potencial permitiria. Para poder usar todo esse potencial, o Brasil deveria integrar toda a sua população em uma estratégia de desenvolvimento. Tal estratégia aumentaria o volume da economia e melhoraria a distribuição das riquezas do país. O Sr. Paixão explicou que uma política de êxito para a integração da população negra precisaria de um aumento significativo nas despesas governamentais em educação e em outros serviços sociais. Isso melhoraria o ranking do Brasil em seu Índice de Desenvolvimento Humano. A existência da população negra no Brasil coloca o país no 72° lugar entre os outros países pesquisados pelas Nações Unidas, em 2004. Excluindo a população negra o Índice de Desenvolvimento Humano está próximo ao dos países desenvolvidos.

34. O Sr. **Omobitan Olufunsho Abyomi** compartilhou a experiência da Nigéria em promover desenvolvimento econômico durante um período de

46 anos, desde o início da independência política. Disse que o uso de várias estratégias derivadas de padrões de "modelo de desenvolvimento" não ajudou a Nigéria a melhorar as condições de vida de seus cidadãos. Apesar da disponibilidade de consideráveis recursos petrolíferos, a pobreza, desemprego, insegurança alimentar, impostos desiguais, etc. prevaleceram durante muitos anos. O Sr. Olufunsho Abyomi tentou explicar esse desenvolvimento revendo a implementação das estratégias da Nigéria durante esse período. Disse que algumas das políticas de desenvolvimento da Nigéria foram "financiadas", mas não "recomendadas" por instituições multilaterais. Com o apoio dessas instituições, a Nigéria adotou "Programas de Ajustes Estruturais" (SAPs), visando fortificar a capacidade produtiva do país e restaurar a estabilidade financeira por intermédio do aumento orçamentário, disciplina e liberalização das atividades econômicas, incluindo a privatização de empresas do governo. Nos anos 90, o SAPs foram suspensos devido a sua incapacidade em produzir os resultados esperados.

35. Nessas circunstâncias, a Nigéria lançou o projeto "Vision 2010". Esse projeto foi lançado com a expectativa de que, com objetivos a longo prazo, a Nigéria seria capaz de conseguir uma performance comparável às do sudoeste Asiático. Além dessa visão, a Nigéria adotou a "Estratégia Nacional de Desenvolvimento e Crescimento Econômico" (NEEDS). Essa estratégia visa reformar a máquina governamental, aumentar a atividade do setor privado e fortalecer o sistema existente de valores. Todas essas estratégias nacionais têm produzido ótimos resultados para o bem-estar da população nigeriana. Existe a necessidade urgente de repensar as estratégias de desenvolvimento econômico e social nigeriano. Nesse processo de criar novas estratégias, determinado número de conceitos têm importante papel. Esses conceitos são: parceria, capacidade de desenvolvimento, bom governo e sustentabilidade.

36. Com "parceria", a intenção é fazer que as comunidades indígenas e governo trabalhem juntos para atingir seus objetivos sociais e econômicos. "Capacidade de desenvolvimento" - ou "capacidade de construção" - é o processo pelo qual os indivíduos, instituições e países fortalecem suas habilidades para usar de maneira eficiente os recursos humanos naturais, financeiros e sociais que estão disponíveis para eles para a conquista dos objetivos de desenvolvimento sustentável. Um bom governo requer a adoção de um mecanismo transparente na conduta dos negócios públicos e utilizar os recursos que estão em domínio público.

37. O Sr. **Mathieu Mounikou** iniciou sua apresentação relatando que o principal objetivo do desenvolvimento econômico e social deveria ser a melhoria do bem-estar de sua população. Para esse fim, esforços precisam ser feitos para aumentar o volume de transações do mercado. O modo mais efetivo para se atingir esse objetivo seria que os países africanos desenvolvessem uma cooperação próxima entre si. Essa cooperação deve visar a modernização das atividades do setor rural e a promoção das transformações domesticas de matérias-primas em bens industrializados o quanto antes. A modernização das atividades rurais requer a aquisição de tecnologias avançadas que podem contribuir para o crescimento no âmbito da atividade agrícola. A produção rural cresceria também por meio de créditos bancários por instituições de micro financiamento. Algumas das novas tecnologias vão melhorar também o tratamento doméstico de produtos florestais e minerais. No que diz respeito às trocas comerciais com o resto do mundo, a África deve tomar medidas para proteger sua indústria emergente. Ao mesmo tempo, no entanto, a África não deveria impor nenhuma barreira tarifária nas suas relações de troca com países da Diáspora.

38. Isso é particularmente necessário com relação ao comércio da África com países latino-americanos. O exemplo de Cuba mostra o quão produtiva pode ser a cooperação entre a África e a América Latina. Essa cooperação poderia aumentar fluxos comerciais dos bens industriais. Poder-se-ia também criar uma agência especializada no estudo da viabilidade de investimentos entre o Brasil e países africanos. Essa agência deveria trabalhar de forma autônoma em relação ao desenvolvimento africano. Com relação ao papel que a Diáspora poderia ter no desenvolvimento da África, o Sr. Mounikou afirmou que a África poderia aprender por meio do exemplo da China, que se beneficiou de sua diáspora recentemente. Nesse aspecto, países africanos deveriam estar preparados para aceitar uma "dupla cidadania" para seus cidadãos. Para fortalecer as relações entre a África e sua Diáspora, deveria ser criado um dia internacional da Diáspora africana, para ser celebrado todo ano. Este dia poderia coincidir com o "dia da escravidão".

39. Segundo o Sr. Mounikou, o principal ponto de ancoragem para uma estratégia alternativa de desenvolvimento para África deve ser o desenvolvimento do mercado interno. Isso significa uma integração regional que deve ser traduzida pelo abandono progressivo e efetivo dos atributos da soberania nacional. Não é possível desenvolver o mercado interno sem a valorização dos produtos agrícolas e do artesanato tradicional pelas suas

transformações industriais. Não existe futuro econômico para a África sem o desenvolvimento das atividades com alto valor agregado. As estratégias alternativas de desenvolvimento devem estar abertas aos países da Diáspora, e nutrir uma relação de parceria com eles. As Diásporas, sejam antigas ou novas, têm a obrigação de serem uma ponte para o continente mãe, ou uma porta aberta para um mundo onde são criadas as novas tecnologias que dão forma a um horizonte comum dos homens.

40. O Sr. **Fernando Heitor** relatou que a África foi confrontada com desafios antigos que não foram solucionados desde o final do período colonial. No Brasil, as coisas não são diferentes para a população negra ou cidadãos afro-descendentes. Cerca de 45% da população brasileira é de origem africana. E a grande maioria das pessoas de origem africana é pobre e vive abaixo da linha de miséria. Parece existir uma correlação entre ser negro e ser pobre. Se constatado que o racismo influencia a situação econômica dos indivíduos no Brasil, então qualquer estratégia visando desenvolvimento deve incluir medidas para lutar contra o racismo. Até que o racismo seja considerado um fator de adversidade que afeta a performance do desenvolvimento do Brasil, o país continuara operando abaixo de seu potencial.

41. O Sr. **Simon N'Guiamba** fez comentários ao final da sessão do Grupo Temático VIII e, como relator, durante a sessão plenária. Relatou que o processo de globalização era apenas uma forma presente de um fenômeno recorrente em que algumas pessoas e países tentam impor suas visões de mundo em termos de religião, sistema de governo e organização das relações econômicas. Nos tempos modernos, esse fenômeno tem sido facilitado pelo desenvolvimento de novas tecnologias de informação. O aumento da dependência dos países em desenvolvimento - principalmente países africanos – com relação aos recursos financeiros estrangeiros tem um papel importante para o endurecimento das condições impostas pelos organismos financeiros multilaterais. A defesa da integração global nos campos econômico, político e cultural é justificada por visões doutrinárias sobre regimes de livre mercado, superioridade dos mecanismos de mercado pela alocação eficiente de recursos naturais, efeitos positivos das instituições demográficas e da tolerância religioso, conforme padrões ocidentais. Algumas mentes menos sofisticadas discutem a integração global apenas argumentando que ela se tornou imperativa por causa da "interdependência" dos países no mundo. Alegam que o mundo se tornou uma "aldeia global". Infelizmente, essa teoria de "um só mundo" desconsidera o fato de que os países desenvolvidos não estão dispostos a

abrir seus mercados para as exportações agrícolas dos países em desenvolvimento, assim como a força da mão-de-obra dos países em desenvolvimento não pode migrar livremente para os países desenvolvidos.

42. Se o mundo se tornou uma "aldeia global", como poderia o bem total do mundo ser dividido de maneira igual, quando não existem oportunidades iguais de emprego e acesso bancário para todos? Encontrar uma resposta satisfatória para responder a esse dilema não é fácil. Será possível à África beneficiar-se ao menos economicamente do processo de globalização?

43. Com relação aos aspectos econômicos da globalização, o Sr. N'Guiamba disse que o objetivo principal do processo de globalização é o de alcançar a liberação total de todas as economias do mundo e sua abertura para uma competição mundial. Presume-se que, dando abertura ao mundo, as economias serão capazes de garantir áreas nas quais poderiam ter algum tipo de vantagem comparativa. Alega-se que seguir os requisitos deste projeto beneficiaria a todos os países do mundo. Se isso fosse verdade, alguém poderia se perguntar por que os sindicatos dos países desenvolvidos vociferam contra o processo de globalização.

44. Em todo caso, discute-se que suas forças de trabalho estão perdendo oportunidades de emprego através de terceirização para países em desenvolvimento, onde os salários são mais baixos. Ao mesmo tempo, algumas organizações não governamentais opõem-se à globalização alegando que o papel dominante das empresas multinacionais neste processo inibe o crescimento das economias nacionais. Tendo em vista esta controvérsia, talvez não seja do interesse dos países africanos acelerar o passo da liberalização de suas economias, a menos que uma análise minuciosa conclua que os benefícios da globalização na África compensem com folgas esses problemas, no longo prazo . É neste contexto que o Renascimento Africano se torna muito importante, já que faz com que a população fique atenta à necessidade dos países africanos de se unirem para poder enfrentar os vários desafios que resultaram do processo de globalização.

45. No que se refere à necessidade de repensar as estratégias para o desenvolvimento econômico e social dos países africanos, o Sr. N'Guiamba apontou que os países africanos seguiram os conselhos dos doadores estrangeiros e mudaram suas estratégias de desenvolvimento repetidamente durante os quarenta anos posteriores ao processo de descolonização. No período compreendido entre os anos 1960 e 1980, os países africanos adotaram uma serie de "planos de desenvolvimento de cinco anos", que

acarretaram um pesado endividamento externo. Em virtude da impossibilidade de pagar suas dívidas externas públicas, os países africanos foram solicitados a adotar "Programas de Ajustes Estruturais". A implementação desses programas fracassou em atender aos objetivos de desenvolvimento dos países africanos, pois deram prioridade para o serviço do pagamento da dívida. Enquanto isso, o nível de emprego declinou significativamente nos países africanos com o fechamento ou a privatização das empresas do governo e a redução drástica do número de servidores civis. Desde 1999, em parte sob pressão de algumas ONGs operando nos países desenvolvidos, doadores internacionais solicitaram aos países africanos adotarem "estratégias de redução da pobreza" como novos marcos de trabalho em suas políticas de desenvolvimento. Apesar da adoção desses papéis, os países africanos continuam sofrendo por conta de suas pesadas dívidas externas, amplos déficits orçamentários, falta de acesso aos mercados dos países desenvolvidos para suas exportações e dificuldade de acesso ao crédito bancário para a grande maioria de sua população.

46. Para enfrentar essa situação com sucesso, os países africanos devem adotar uma estratégia que dê prioridade para a integração econômica e monetária do continente. A estratégia de médio prazo, adotada pela União Africana, em julho de 2004, oferece um bom marco para essa integração. A integração das economias africanas resultaria na criação de um único mercado e na livre mobilidade dos fatores de produção. Com a criação desse mercado, os países africanos seriam capazes de promover o estabelecimento de um banco central continental e a introdução de uma única moeda. Isso poderia fortificar os setores financeiros dos países africanos e aumentar o volume de créditos bancários, que são vitais para atividades de investimento, criação de emprego e redução da pobreza."

IX - "Perspectivas e desafios da cooperação entre a África e a Diáspora na área da saúde"

Bloco A: "A luta contra o HIV/AIDS, Malária e outras epidemias"
Bloco B: "Políticas de saúde pública e formação de profissionais"

Relatora:
Maria Inês Barbosa - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Brasil)

O Relatório:[7]

"O debate sobre Perspectivas e Desafios da Cooperação entre a África e a Diáspora na área da Saúde reuniu 50 pessoas não por acaso no Auditório Omulu e foi aberto pela Senhora Sheila Tlou, Ministra da Saúde de Botsuana e Presidente da Conferência da União Africana dos Ministros da Saúde. A coordenação coube ao Senhor Chinua Akukwe, Professor da George Washington University, Nigéria. As Palestras foram apresentadas por Marcelo Cerqueira, do Grupo Gay da Bahia; Senhora Fátima Oliveira, da Rede Feminista de Saúde; Senhora Laura Segall Corrêa, do Ministério da Saúde do Brasil; por mim; pelo Senhor Pascoal Manuel Mocumbi, de Angola; Senhor Luis Bogado-Poisson, da Organização Internacional de Migração Argentina.

2. Visando a cooperação entre África e Diáspora africana na Luta contra o HIV (AIDS), Malária e Outras Epidemias e nas Políticas de Saúde e Formação de Profissionais, recomenda-se:

- Reconhecer que a Declaração Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Outras Intolerâncias Correlatas, 2001, constitui a agenda fundamental, primordial e permanente para orientar toda e qualquer iniciativa de cooperação sustentável entre África e Diáspora africana e que o Plano de Ação de Durban, por meio das metas para os setores de saúde, constitui a estratégia viável para realizar e transpor os objetivos de desenvolvimento do milênio.
- Reconhecer que a garantia da democracia e dos direitos humanos é indissociável do desenvolvimento humano e da promoção da saúde com ênfase para o combate às formas institucionalizadas de discriminação por raça, etnia, cor, religião, sexo, orientação sexual, condição socioeconômica, escolaridade, nacionalidade, naturalidade, língua, idade e profissão. Permito-me, neste

[7] Texto resultante da degravação da Sessão Plenária de apresentação dos relatórios dos Grupos Temáticos (14 de julho).

momento, lembrar um pensamento de Agostinho Neto que diz o seguinte: "Não basta que seja boa e justa a nossa causa, é preciso que a bondade e a justiça existam dentro de nós."

- Reconhecer a Saúde como direito fundamental de cidadãos e cidadãs e como dever do Estado, a ser implementado através da definição de metas específicas para garantir o acesso universal aos cuidados de saúde, à disponibilidade de recursos humanos qualificados e à participação social, bem como por meio de uma abordagem holística focada na especificidade da pessoa, com medidas de intervenção conjunta e simultânea para os diferentes agravos da saúde, além do enfrentamento de co-morbidades, reconhecendo a insuficiência de iniciativas focadas em uma doença específica ou desvinculada dos determinantes sociais do processo saúde-doença em suas dimensões estruturais e subjetivas.
- Reconhecer e eliminar as estruturas, as práticas e as ideologias que sustentam o racismo institucional expresso, como a reprodução e/ou omissão frente aos determinantes sociais de saúde, que geram desigualdades internacionais e disparidades raciais intranacionais em saúde.
- Reconhecer que os Estados construídos pela Diáspora africana têm uma dívida histórica com os Estados constituídos pelos povos do continente africano e com os povos dessa Diáspora e que toda forma de cooperação bilateral e multilateral em saúde entre esses Estados constitui não somente o imperativo, mas uma decisão de reparar os povos africanos e da Diáspora africana pela expropriação indevida, injusta e perversa da África, que deve ser regida por uma agenda de intercâmbio comum e em co-dependência, evitando qualquer relação de subordinação e de maneira sustentável, por meio da transferência de tecnologia, da crítica aos modelos de alocação de recursos em saúde e da aplicação universal de padrões éticos nas pesquisas e intervenções envolvendo os seres humanos e o meio ambiente. Não devemos permitir nunca, cada um de nós, que sejamos usados como cobaia humana como, até aqui, ainda temos sido utilizados. Cada um de nós aqui presente tem que assumir a responsabilidade de por termo a isto, porque não basta que cada um de nós, e cada uma de nós que estamos aqui, sejamos alvo, objeto de deferências, de aplausos, se esta mesma medida não for dirigida a cada um ou a cada uma de nós em cada rincão, em cada canto deste mundo.
- Reconhecer que as tradições africanas constituem patrimônio da humanidade e a propriedade, usufruto e transmissão dos saberes de matriz africana constituem direito inviolável dos povos da África e da Diáspora e

devem ser valorizados e incorporados pelos sistemas oficiais de promoção da saúde e orientar a reforma dos modelos nacionais de política de saúde. Neste ponto cabe uma digressão da minha parte lembrando que, baseada na experiência brasileira, foram os terreiros, as comunidades de terreiro, que sempre acolheram as necessidades, as mazelas da população negra e pobre deste país.

- Orientar a reforma dos modelos nacionais de política de saúde, dos processos de formação de trabalhadores, gestores e pesquisadores em saúde e da educação popular em saúde, além de conferir uma identidade fundamental à cooperação entre África e Diáspora no setor saúde.
- Estabelecer agenda comum entre África e Diáspora na luta contra o HIV/AIDS, Malária e outras epidemias, umas das Metas e Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e uma das prioridades da Conferência dos Ministros de Saúde dos 53 Países da União Africana, numa perspectiva Pan-Africanista, por meio da promoção da cooperação multilateral, pela mobilização dos organismos do sistema ONU, com ênfase nos escritórios regionais da Organização Mundial de Saúde para a África e para as Américas e, ainda, pelo reconhecimento e constituição de uma nova região administrativa - a do Atlântico Negro - e a adoção de medidas de ações afirmativas para garantir a representatividade étnico-demográfica e dos segmentos mais vulnerabilizados.
- Articular a saúde com a perspectiva de cidadania e do desenvolvimento, por meio da crítica aos paradigmas hegemônicos que regem os modelos de política, sistemas e serviços de saúde.
- Promover o intercâmbio acadêmico entre África e Diáspora, por meio de estudo comparado das estratégias eficazes e boas práticas de comunicação e informação em saúde, educação sanitária, gestão participativa e trajetórias de controle de epidemias, além da inclusão de temas negligenciados com destaque para a eqüidade em saúde, seja por meio da universalidade do acesso, quanto da qualidade na atenção à saúde e o desenvolvimento de competências culturais na promoção da saúde - não existe um único modelo de pensar e lidar com o modo de ser, viver, adoecer e morrer - e para a promoção de dados epidemiológicos dentro dos sistemas de saúde, para subsidiar os movimentos sociais e os governos.
- Criar mecanismos para promover o retorno e permanência de pessoal de saúde migrado da África e estratégias para estimular os recursos humanos de saúde, formados no continente, a desenvolver meios sustentáveis de

aprimorar as condições de trabalho e de incrementar as formas de remuneração satisfatória, além de gerar e manter oportunidades de educação continuada que seja culturalmente relevante, tecnologicamente apropriada e que priorize as necessidades locais.

- Criar mecanismos de monitoramento e gestão participativa das atividades de cooperação internacional e multilateral em saúde e de pesquisa envolvendo seres humanos, por meio do fortalecimento e reconhecimento, por todos os Estados, do papel da União Africana como mediador privilegiado nas negociações e acordos bilaterais em saúde firmados entre Estados africanos e os da Diáspora africana, além dos protocolos de pesquisa multicêntricos e dos projetos de parceria com organizações não governamentais, agências internacionais, empreendimentos industriais ou comerciais e instituições confessionais, visando a proteção de populações mais vulnerabilizadas.
- E, finalmente, promover a inclusão da doença falciforme - sickle cell disease - na pauta das doenças priorizadas na cooperação técnica em saúde, no âmbito da África e Diáspora Africana, por meio da produção, promoção e difusão de conhecimento sobre a doença, visando superar a invisibilidade e o ostracismo em que se encontra nos sistemas oficiais de saúde e por meio da atuação articulada das iniciativas de cooperação ou intercâmbio internacional entre as pessoas que vivem com a doença.

3. Finalizo com um trecho do discurso de posse de Nelson Mandela: Para que cada um vença, é preciso que todos vençam. Muito obrigada."

X – "O renascimento científico e tecnológico da África e a contribuição da Diáspora"

Bloco A: "Intercâmbio científico e tecnológico entre a África e a Diáspora"
Bloco B: "Sociedade da Informação, mídias e novas tecnologias"

Relatora:
Bothale Octavia Tema - Diretora de Recursos Humanos, Ciência e Tecnologia da Comissão da União Africana (África do Sul)

O Relatório:[8]

"A sessão dedicou-se à importância da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento da África e, nesse particular, concluiu que nosso continente é o berço da espécie humana e da civilização, havendo sido os conhecimentos originais surgidos no espaço africano que à humanidade prosperar e se expandir pelo mundo. Não obstante, os países desenvolvidos maximizaram esses conhecimentos em seu próprio benefício, ao passo que a África não o fez.

2. O desenvolvimento é medido em termos de capacidade tecnológica, ou seja, a habilidade de valer-se do conhecimento mais do que dos recursos naturais de que o país dispõe. Argumentou-se, a esse respeito, que poucos cientistas foram treinados durante a era colonial, devido à intenção dos governos coloniais de não permitir que os povos africanos se desenvolvessem por meio da utilização da ciência. Afirmou-se, assim, que aos oprimidos sempre se nega o acesso à ciência.

3. Precisamos de políticas públicas que tornem a ciência popular, de modo a criar uma massa crítica de cientistas na África. O melhor modo de fazê-lo será demonstrando a ciência em ação. A África precisa adquirir competências em ciência e tecnologia, e deve fazê-lo formando recursos humanos por meio da educação para todos. A paz e a estabilidade são também necessárias para criar condições à busca do desenvolvimento. Precisamos ainda promover a eqüidade de classe e de gênero nas escolas, bem como assegurar a saúde da população, conferindo atenção especial aos programas de saúde preventiva.

4. Para que a África esteja habilitada a beneficiar-se efetivamente da presença de cientistas africanos e afrodescendentes da Diáspora, será necessário: (a) incrementar o intercâmbio científico entre a África e Diáspora;

[8] Texto resultante da degravação da Sessão Plenária de apresentação dos relatórios dos Grupos Temáticos (14 de julho).

(b) lograr seja introduzida na Diáspora uma discriminação positiva em favor dos africanos, sempre que houver o recrutamento de cientistas estrangeiros. Precisamos criar fundos de apoio à pesquisa e centros de excelência capazes de atrair e utilizar as competência da Diáspora. É indispensável, nesse sentido, integrar a Diáspora nos nossos centros nacionais de ciência e tecnologia já existentes, bem como nos nossos programas de pesquisa. A África precisa desenvolver programas que encorajem uma maior participação dos grupos hoje representados inadequadamente. Um exemplo seria o incentivo às mulheres cientistas em programas de trabalho tais como o Programa da UNESCO. Nossos panelistas mencionaram haver muitas oportunidades de cooperação entre os cientistas da Diáspora e aqueles que estão na África. Algumas das áreas prioritárias seriam os programas ligados à biotecnologia e ao desenvolvimento de fontes alternativas de energia.

5 A sessão também examinou o tema da sociedade de informação, das mídias e das novas tecnologias. A esse respeito, as seguintes observações foram feitas:

- Primeiro – o domínio das novas tecnologias é chave, porém não suficiente. O Estado tem a responsabilidade de assegurar e propiciar não apenas o acesso a novas tecnologias, mas também o tipo de conteúdo adequado ao objetivo central da inclusão social.
- Segundo – as políticas públicas para novas tecnologias devem tomar em contas os temas de gênero e raça, uma vez que neles residem as bases históricas do fenômeno da exclusão.
- Terceiro – os africanos, incluídos aqueles na Diáspora, devem colaborar no desenvolvimento de conteúdos que sejam adequados e relevantes. Esses conteúdo devem estar em línguas por eles utilizadas, de modo a contra-arrestar o acesso limitado à língua inglesa.

6. Os panelistas enfatizaram que a tecnologia em si mesma não tem nenhum valor, a menos que possa tornar-se parte de uma cultura, uma vez que as culturas podem tanto fomentar o uso da tecnologia quanto limitá-lo. Os valores em uma sociedade devem promover a inovação, e a África precisa examinar os seus tabus com respeito à inovação, especialmente em seu esforço de aprofundar a interação científica e tecnológica com a Diáspora.

7. Com respeito às áreas do cinema e da televisão, afirmou-se que a África segue utilizando os filmes e programa de TV apenas como meio de entretenimento ou propaganda oficial, ao invés de valer-se desses veículos populares para transmitir idéias, conhecimento e valores sociais. A dependência

de financiamento estrangeiro para produções de cinema e televisão causa distorções no que acaba sendo disponibilizado ao público. De modo a propiciar um renascimento da indústria audiovisual, os políticos precisam mudar sua forma de pensar, dado que filmes objetivando aumentar a consciência e capacidade de reflexão da sociedade são muitas vezes censurados. Temos ainda que aprofundar as atividades de treinamento e formação na área do audiovisual, para que possa melhorar a qualidade das produções africanas e sejam assim criadas condições para se chegar a produções viáveis comercialmente. A África e a Diáspora precisam tornar-se mercados para as suas próprias produções audiovisuais, para assim criar condições para uma expansão sustentada dessa importante indústria. Obrigado."

XI – "A luta contra a pobreza e o combate ao racismo, xenofobia e outras formas de discriminação"

Bloco A: "A luta contra a pobreza e as metas do Milênio"
Bloco B: "O combate ao racismo, xenofobia e outras formas de discriminação: Durban + 5"

Relator:
Ayodele Aderinwale - Diretor Executivo, Fórum da Liderança Africana (Nigéria)

O Relatório:[9]

"Este é um relatório resumido do Grupo Temático sobre a "A luta contra a pobreza e o combate ao racismo". Notou-se que a pobreza na África é essencialmente estrutural, e apesar das diversas iniciativas implementadas por Estados africanos e instituições financeiras multilaterais, a pobreza parece estar aumentando na África. A natureza da pobreza na África claramente não é uma questão de caridade, mas transcende de forma evidente as intervenções pontuais. Quando se lança mão dos "Objetivos de Desenvolvimento do Milênio" (ODMs) para enfrentar o desafio da pobreza pode-se simplesmente não obter os efeitos desejados, pois os ODMs não atuam sobre as raízes da pobreza estrutural. As tentativas de tratar a questão da África devem focar as bases estruturais da pobreza, principalmente no tocante à distribuição de recursos e renda. Há necessidade de adotar políticas universais e estratégias baseadas na cidadania. Essencialmente, as políticas de combate à pobreza na África precisam misturar iniciativas econômicas e sociais, a fim de lidar com a situação dos pobres.

2. A democracia permanece um importante elemento na luta contra a pobreza. Deve haver uma fase cujo intuito seja aumentar sua confiança e ajustar suas prioridades. Um grande esforço também deve ser feito para a abertura de nossas economias. Para se combater a pobreza corretamente, deve-se também lutar contra a corrupção. Demais, as origens históricas da pobreza na África tornam imperativa a adoção de medidas para a reparação e compensação das injustiças passadas. Os conflitos incessantes na África desviaram recursos do desenvolvimento, agravando assim nossa pobreza. A

[9] Texto resultante da degravação da Sessão Plenária de apresentação dos relatórios dos Grupos Temáticos (14 de julho).

utilização sustentável de recursos ambientais tem igualmente implicações fundamentais para a pobreza. Justamente por isso, nossas estratégias de combate à pobreza devem levá-la em consideração no que diz respeito tanto a políticas quanto a intervenções programáticas. No Brasil, avanços foram feitos no combate à pobreza, mas restam grandes desafios adiante.

3. Nas discussões que se seguiram, os participantes apontaram que desigualdades de gênero em países africanos prejudicam severamente o esforço de combate à pobreza no continente. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, tal como formulados atualmente, não atuam sobre a questão da desigualdade de gênero. Os participantes argumentaram que uma reparação deve ser fornecida à África e aos povos da Diáspora africana para compensar o trauma, a humilhação e a exclusão causadas pelo tráfico negreiro. Argumentou-se também que a pobreza sofrida pelos africanos, no continente e na Diáspora, é uma conseqüência da escravidão e do domínio colonial. Os intelectuais africanos necessitam reunir esforços para fornecer as justificativas científicas, ideológicas e políticas necessárias para requerer da comunidade internacional as medidas de reparação e, nesse contexto, discutir o estabelecimento de um novo Fundo da Reconstrução Africana.

4. Destacou-se que os afro-brasileiros, mormente à espera de intervenções programáticas para melhorar suas condições econômicas, deveriam também empregar esforços para desenvolver habilidades empreendedoras e estreitar laços entre a África e o Brasil. Afirmou-se também que, embora os afro-brasileiros sofram discriminação racial, sua cultura foi utilizada para enriquecer uma sociedade que, na verdade, os oprime. Os afro-brasileiros deveriam, portanto, ser os beneficiários principais da comercialização da cultura africana no Brasil. A fim de serem incluídos na sociedade, os afro-brasileiros precisam se instruir, e é imperativo que a educação lhes seja viabilizada para que possam construir suas capacidades. Os participantes comentaram sobre os programas da ação afirmativa do Governo Lula, voltados especificamente para o benefício das comunidades negras e quilombolas na sociedade brasileira. Entretanto, afirmou-se também que estes programas podem não atingir significativamente as metas pretendidas. Destacou-se que o Brasil necessita desenvolver indicadores raciais confiáveis para assegurar-se de que as comunidades afro-brasileiras pobres saiam da pobreza. É preciso, contudo, reduzir as expectativas. O sucesso imediato não é possível, uma vez que a redução da pobreza é, por natureza, um processo longo, cujos os resultados afloram somente após um lapso de tempo considerável.

5. No segundo painel, dedicado ao debate sobre o racismo, xenofobia e outras formas de discriminação, houve nove apresentações. Os palestrantes insistiram que todos os tipos de discriminação são coações sociais. Há muito pouco a fazer com parâmetros inventados. Os intelectuais devem, portanto, obter uma compreensão estrutural e interpretativa da dinâmica da discriminação, a fim de obter soluções eficazes na campanha contra a discriminação. Discutiu-se que o fenômeno da escravidão ensejou a criação de uma base intelectual e ideológica para o racismo. A natureza hedionda e criminosa da escravidão precisava de uma justificativa intelectual, ideológica e científica para a sua existência. Há aspectos sociais e econômicos do racismo. Era importante convencer os escravos a aceitar a inferioridade da raça, as diferenças e as incapacidades. A elite resistiu à campanha contra o racismo porque, se a aceitasse, estaria renunciando aos seus benefícios econômicos. O racismo é, portanto, parte da coação social imposta por elites dominantes, feita de diferentes maneiras e meios, e orquestrada para manter uma ordem social específica, como parte da lógica do capitalismo e da exploração.

6. A conferência de Durban permitiu desenvolver e estabelecer uma estrutura global de combate ao racismo e a outras formas de discriminação. Os africanos foram a Durban com expectativas elevadas, mas era impossível criar um mundo novo. Cinco anos após Durban, parece que estamos novamente em perigo: o racismo vem aumentando, especialmente na Europa, e a xenofobia está em ascensão. Infelizmente, muitos parecem esquecer-se de que tais fenômenos conduzem freqüentemente ao genocídio. As elites sustentam que a circulação livre de capitais e de bens é uma parte crucial do globalização, mas rejeitam a livre circulação de certas categorias de seres humanos como parte do mesmo processo. Combater o racismo requer, portanto, estratégias tanto políticas quanto jurídicas, e é imperativo utilizar uma abordagem fundada nos direitos humanos na campanha contra o racismo. Necessitamos começar um processo de reescrita de nossa história, a partir de nossas próprias perspectives, e a questão da escravidão, em especial, deve ser revista. O papel da Europa e de outros cúmplices deve ser posto em perspectiva clara e apropriada. A declaração de Durban cobre também uma série de questões de direitos humanos que precisam ser incorporadas às legislações nacionais. Os africanos devem se esforçar para legitimar as instituições que foram criadas para minimizar o sofrimento da África.

7. Uma profunda compreensão cultural deve ser o nosso foco, ao invés da mera tolerância cultural. Uma nova conferência sobre racismo deve estar em

nossa perspectiva, e cabe aos africanos exigi-la. Esforços devem ser feitos para criar um fundo africano de solidariedade, tendo como sócios o Brasil, entre outros, para ajudar a africanos na luta contra o racismo. Neste cenário, esforços devem ser feitos para fortalecer laços políticos baseados em interesses comuns. Dado que o racismo e o preconceito começam na mente dos homens, é também na mente dos homens que a tolerância deve surgir. Agradeço muito a todos por sua cordial compreensão."

XII – "A contribuição da África para a Civilização"

Bloco A: "O legado das antigas civilizações africanas"
Bloco B: "A Diáspora africana e a construção do mundo moderno"

Relator:
Eddy Maloka - Diretor do African Institute of South Africa (África do Sul)

O Relatório:[10]

"Nosso Grupo Temático, intitulado "A contribuição da África para a civilização", teve dois sub-temas. O primeiro painel foi dedicado ao legado das antigas civilizações africanas. Tivemos diversos palestrantes e um convidado. Os temas surgidos na discussão focaram três áreas.A primeira diz respeito à questão do conhecimento como poder no que concerne à falsificação intelectual da educação eurocêntrica, particularmente com relação à apropriação do Egito. Também foi discutido, de forma extensiva, a tendência da educação européia em estabelecer uma relação triangular entre a raça, inteligência e civilização.

2. A segunda área focou a necessidade de desenvolver o que foi chamado de "contra-discurso" ou "discurso alternativo", com o objetivo de reescrever nossa história e desenvolver um discurso afrocêntrico através da pesquisa. Neste ponto, mencionou-se a importância do Sr. Diop, intelectual senegalês. Um número elevado número de palestrantes fez referência aos pontos altos da civilização africana nas áreas de ciência, língua, religião, cultura, etc. Houve também referência extensiva às personalidades africanas proeminentes na história, e sabe-se que algumas delas - da nossa história – foram apropriadas pela Europa como se fossem europeus. A terceira área focou, evidentemente, na necessidade da educação popular e da inclusão em nossos currículos escolares da história dos povos africanos e dos africanos da Diáspora além, naturalmente, da campanha contra o racismo. Estes foram os três sub-temas que mediram a discussão da manhã.

3. A discussão da tarde, o painel B, com o sub-tema "A Diáspora africana e a construção do mundo moderno" teve um número considerável de sub-temas, dos quais tratarei rapidamente. Um deles, é claro, estava na contribuição da Diáspora africana para o desenvolvimento da América e da Europa, numa

[10] Texto resultante da degravação da Sessão Plenária de apresentação dos relatórios dos Grupos Temáticos (14 de julho).

apresentação excelente feita por um dos nossos palestrantes. O segundo tema dizia respeito à necessidade de um questionamento afrocêntrico dos conceitos pré-concebidos que estão assentados em discursos particulares. Houve, nesse particular, o esforço de um colega que questionou o conceito de civilização ou civilizações e de modernidade.

4. Outro tema foi a necessidade de inserir institucionalmente a Diáspora africana em estruturas e processos da União Africana. Participantes fizeram referência ao tema da Diáspora como sexta região africana, iniciativa que necessita ser finalizada e implementada. Houve também referência extensa às atividades de várias organizações da Diáspora em países do continente africano. Um dos colegas forneceu um estudo de caso muito interessante quanto às atividades que vêm sendo levadas a cabo em Gana. A necessidade definir a cidadania africana no contexto de África e da Diáspora estava sempre presente na discussão, e alguns participantes fizeram a referência ao debate quanto ao direito de retorno: os africanos que estavam aqui na Diáspora haviam sido feitos de escravos, e não tinham o direito de retornar; não havia visto para sair, nem visto para retornar.

5. A respeito dos temas voltados para a ação, houve durante a sessão um ponto levantado por vários participantes, a saber, a necessidade realizar atividades que possam tornar os africanos orgulhosos de seu continente e de si mesmos. Falou-se da visão de uma nova África e das ações que se necessita estabelecer em muitas áreas. Durante esta discussão, o tema da reparação emergiu, e um dos palestrantes nos falou sobre a atual campanha da reparação, que alcançou dimensão global. Houve também reconhecimento da necessidade dos africanos da Diáspora de trocarem informações sobre suas comunidades e seus países, como meio de aumentar a consciência em ambos lados do Atlântico. Finalmente, houve referência geral aos desafios que as comunidades africanas da Diáspora enfrentam em seus vários países. Houve discussão interessante sobre a situação dos afro-brasileiros e dos africanos no México. Ficou bastante evidente, na discussão, o sentimento de que ainda há um grande número de questões relativas aos afro-brasileiros pendentes de solução.

6. Em minhas palavras finais, Sr. Presidente, diria que foi possível aos participantes de nosso grupo dividir a contribuição de África para a humanidade em três áreas principais:

- A primeira tem a ver com a civilização propriamente dita, definida em termos das vastas contribuições da África ao longo do processo histórico de evolução das sociedades humanas.
- A segunda refere-se, mais especificamente, à contribuição da África para a fundação e desenvolvimento das Américas – e deriva do esforço e sofrimento dos africanos que vieram aqui como escravos e dos importantes conhecimentos que eles trouxeram consigo.
- A terceira área, mais atual, é importante contribuição que a África segue fazendo à cultura global e à diversidade cultural global.

Quanto aos temas relativos à ações práticas, houve consenso de que precisamos recuperar nossa história por meio de um esforço rigoroso de pesquisa e, ao mesmo tempo, empreender atividades que popularizem temas capazes de promover a África. Muito obrigado."

8. Comitê Organizador da II CIAD

I – Comitê Organizador do Brasil (Grupo de Trabalho do MRE)

- Embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira – Presidente do Grupo de Trabalho
- Embaixador Luiz Filipe de Macedo Soares – Coordenador Internacional
- Embaixador Renato Xavier – Embaixador do Brasil em Adis Abeba
- Ministro Eduardo Carvalho – Responsável pela Secretaria-Executiva
- Conselheiro Marcelo Dantas – Responsável pelo Núcleo de Coordenação
- Conselheira Aparecida Carmem Bozzi – Chefe da Comissão de Execução Financeira
- Secretária Mariana Moscardo – Chefe, substituta, da Comissão de Execução Financeira

II – Comitê Organizador da Comissão da União Africana

- Sra. Bience Gawanas, Comissária de Assuntos Sociais e Presidente do Comitê Organizador
- Embaixador John Shinkaiye, Chefe de Gabinete do Presidente da Comissão da UA e Secretário da Presidente do Comitê Organizador
- Dr. Jinmi Adisa, Chefe da CIDO e ponto focal para a II CIAD
- Dr. Bothhale Tema, Diretor de Recursos Humanos, Ciência e Tecnologia

- Sra. Habiba Mejri-Cheikh, Chefe do Setor de Informações e Comunicações
- Sra. Marie-Claire Umu Bisamaza, Assistente Especial da Presidente
- Dr. Mamadou Dia, Chefe da Divisão de Governança, Democracia e Direitos Humanos
- Sr. Sam Onek, Diretor Interino de Finanças
- Sra. Gaone Masire, Diretora Interina, Administração e Recursos Humanos
- Sra. Simone Abala, Chefe de Cerimonial
- Dr. Kebede Kassa, Ponto Focal sobre Assuntos Culturais, Departamento de Assuntos Sociais

III – Responsáveis pelas atividades culturais paralelas

- Embaixador Paulo César Meira de Vasconcellos – Diretor do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores
- Dr. Zulu Araújo – Diretor da Fundação Cultural Palmares

9. Grupo de Trabalho Interministerial

I - Grupo de Trabalho Interministerial

- Ministério das Relações Exteriores
- Ministério da Cultura
- Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
- Ministério da Educação
- Ministério da Ciência e Tecnologia
- Casa Civil da Presidência da República
- Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

II - Conselho Técnico e Científico

- Fundação Cultural Palmares
- Sociedade Brasileira de Pesquisadores Negros (SBPN)
- Prof. Ubiratan Castro Araújo – Presidente da Fundação Cultural Palmares
- Prof. Nilma Lino Gomes – Presidente da SBPN
- Embaixador Alberto da Costa e Silva – Academia Brasileira de Letras
- Prof. Jocélio Telles – Universidade Federal da Bahia
- Prof. João José Reis – Universidade Federal da Bahia
- Dr. Paulo Miguez – Universidade Federal da Bahia
- Dr. José Carlos Limeira – Universidade do Estado da Bahia

- Dra. Wania Sant´Anna – Pesquisadora e ativista social
- Prof. Jacques d´Adesky – Universidade Cândido Mendes
- Prof. Reginaldo Prandi – Universidade de São Paulo
- Prof. Júlio Tavares – Universidade Federal Fluminense
- Dra. Edna Roland – Grupo de Experts para o Seguimento da Conferência de Durban
- Prof. Juana Elbein dos Santos – Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil
- Prof. Marcelo Paixão – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Prof. Kabengele Munanga – Universidade de São Paulo
- Prof. Sílvio Humberto Passos – Instituto Steve Biko

10. Comitê Internacional e Científico

I - Presidentes:

- Sr. Gilberto Gil – Ministro da Cultura do Brasil
- Prof. Alpha Oumar Konaré – Presidente da Comissão da União Africana

II - Presidentes Adjuntos:

- Embaixador Celso Amorim – Ministro das Relações Exteriores do Brasil
- Ministra Matilde Ribeiro – da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República
- Sra. Bience Gawanas – Comissária de Assuntos Sociais da Comissão da União Africana

III - Comitê Organizador Brasileiro

- Embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira – Subsecretário de Cooperação e Comunidades Brasileiras no Exterior e Presidente do Grupo de Trabalho Interministerial da II CIAD
- Embaixador Luiz Filipe de Macedo Soares Guimarães – Representante Permanente do Brasil junto à UNESCO e Coordenador Internacional da II CIAD

- Prof. Ubiratan Castro de Araújo – Presidente da Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura
- Sra. Magali Naves – Assessora Internacional da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
- Embaixador Fernando Jacques de Magalhães Pimenta – Diretor do Departamento de África do Ministério das Relações Exteriores
- Embaixador Paulo César Meira de Vasconcellos – Diretor do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores
- Embaixador Renato Xavier – Embaixador do Brasil em Adis Abeba;
- Conselheiro Marcelo Dantas – responsável pelo Núcleo de Coordenação da II CIAD

IV - Comitê Organizador da Comissão da União Africana

- Embaixador John Shinkaye – Chefe de Gabinete do Presidente da Comissão da UA
- Dr. Jinmi Adisa – Chefe da CIDO e ponto focal para a II CIAD;
- Dr. Bothhale Tema – Diretor de Recursos Humanos, Ciência e Tecnologia
- Ms. Habiba Mejri-Cheikh – Chefe de Informações e Comunicações
- Ms. Marie-Claire Umu Bisamaza – Assessora Especial do Presidente da Comissão
- Dr. Mamadou Dia – Chefe da Divisão de Governança, Democracia e Direitos Humanos
- Sr. Sam Onek – Diretor, interino, de Finanças
- Sr. Gaone Masire – Diretor, interino de Administração e Recursos Humanos
- Sra. Simone Abala, Chefe do Setor de Protocolo
- Dr. Kebede Kassa, Ponto Focal de Cultura

V - Membros Internacionais

(a) África

- Sr. Cheik Tidiane Gadio – Ministro dos Negócios Estrangeiros do Senegal
- Sr. Mame Birame Diouf – Ministro da Cultura do Senegal
- Dr. Boaventura da Silva Cardoso – Ministro da Cultura de Angola

- Sra. Monique Ilboudo – Secretária de Estado para a Promoção dos Direitos Humanos (Burkina Faso)
- Prof. Iba der Thiam – Vice-Presidente da Assembléia Nacional do Senegal
- Dr. Marcelino dos Santos – Membro do Conselho de Estado de Moçambique
- Dr. Henri Hogbe Nlend – ex-Ministro da Pesquisa Científica e Tecnológica (Cameroun)
- Sr. Adama Samessekou – ex-Ministro de Educação Fundamental do Mali
- Prof. Adebayo Olukoshi – Secretário Executivo do Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa Econômica e Social da África – CODESRIA (Nigeria)
- Dra. Graça Machel – Presidente da Fundação para o Desenvolvimento Comunitário (Moçambique)
- Prof. Barney Pityana – Reitor da Universidade da África do Sul
- Dr. Cheick Modibo Diarra – Embaixador da Boa Vontade da UNESCO
- Dr. Ali Mazrui – Diretor do Instituto de Estudos Globais Culturais da Binghamton University, State University of New York (Quênia)
- Dr. Théophile Obenga – Diretor-Geral do Centro Internacional de Estudos Bantu, em Libreville (Congo)
- Dr. Elikia Mbokolo – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Paris (RDC/França)
- Dr. Ismail Serageldin – Diretor da Biblioteca de Alexandria (Egito)
- Dr. Thandika Mkandawire – Diretor do Instituto de Pesquisa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social, Genebra (Malawi)
- Dr. Mahmood Mamdani – Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia (Uganda)
- Dra. Zenebeworke Tadesse – Universidade de Adis Abeba (Etiópia)
- Dra. Zinat Tabala – Instituto de Planejamento Nacional (Egito)
- Dr. Emmanuel Gawuga – Diretor do Dubois Centre (Gana)
- Dr. Ebo Hawkson – Ex-Diretor do Dubois Centre (Gana)
- Sr. Tahar Benjelloun – Escritor, laureado com o Prêmio Goncourt (Marrocos)
- Sra. Stella A.S. Opoku-Owusu – African Foundation for Development - AFFORD, Londres (Gana/GB)

- Chief Emeka Anyaoku – ex-Secretário-Geral da Commonwealth (Nigéria)
- Mr. Alloune Sall – Diretor-Executivo, Futur Africain (Senegal)

(b) Diáspora

- Embaixador Javier Williams Slate – Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros da Nicarágua
- Dr. Sheila S. Walker – Diretora, African Diaspora and the World Program (EUA)
- Sr. Gustavo Makanaky – Diretor da Fundação Assim Bonaga e Cônsul em San Carlos del Zulia (Colômbia)
- Sr. Alberto Granados – Presidente da Casa de África (Cuba)
- Dr. Massimango Cangabo Kagabo – Coordenador do Centro de Estudos da Ásia-África do Colégio de México (México)
- Prof. Hilary Beckles – Reitor do Campus de Barbados da Universidade das Índias Ocidentais (Barbados)
- Sr. Romero Jorge Rodriguez – Diretor-Geral do Mundo Afro (Uruguay)
- Dr. Javier Dómokos Ruiz – Departamento de África Subsahariana do Ministério dos Negócios Estrangeiros (Cuba)
- Mr. Molefi Kete Asante – Diretor do Departamento de Estudos Africanos, Temple University (EUA)

(c) Organismos Internacionais

- Dr. Doudou Dienne – Relator Especial da ONU sobre Formas Contemporâneas de Racismo (Senegal)
- Sr. Noureni Tidjani-Serpos – Diretor-Geral Adjunto da UNESCO para a África (Benin)
- Embaixador Luís Fonseca – Secretário Executivo da CPLP (Cabo Verde)
- Embaixador Tadeu Soares – Secretário-Executivo Adjunto da CPLP (Portugal)
- Mr. Noureni Tidjani-Serpos – Assistant Director-General of UNESCO for Africa (Benin)
- Mr. Ibrahima Fall – Representante Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas para a Região dos Grandes Lagos

- Embaixador Rhida Bouabid – Representante Especial da Organização Internacional da Francofonia
- Sr. Lazare Ki-Zerbo – Representante da Organização Internacional da Francofonia

VI - Membros Brasileiros

- Embaixador Alberto da Costa e Silva – Academia Brasileira de Letras
- Embaixadora Kátia Gilaberte – Embaixadora do Brasil no Senegal
- Dr. Paulo Renato Gaudenzi – Secretário de Cultura e Turismo do Estado da Bahia
- Dr. Paulo da Costa Lima – Presidente da Fundação Gregório de Matos
- Prof. Naomar Monteiro de Almeida Filho – Reitor da Universidade Federal da Bahia
- Prof. Lourisvaldo Valentim da Silva – Reitor da Universidade do Estado da Bahia
- Prof. Jocélio Telles – Diretor do Centro de Estudos Afro-Asiáticos
- Prof. José Carlos Limeira – da Universidade do Estado da Bahia
- Dr. Luiz Carlos Silva de Azevedo – Assessor do Secretário de Cultura e Turismo do Estado da Bahia
- Prof. Jacques d´Adesky – do Centro de Estudos das Américas da Universidade Cândido Mendes
- Prof. Eliane Borges – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros
- Sr. Zulu Araújo – Fundação Cultural Palmares
- Conselheira Maria Elisa Teófilo de Luna – Chefe da Divisão de África I do Ministério das Relações Exteriores
- Conselheira Maria Cristina dos Anjos – Chefe da Divisão de África II do Ministério das Relações Exteriores
- Conselheiro Alessandro Candeas – Assessor Internacional do Ministério da Educação
- Conselheiro Roland Stille – Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores
- Secretário André Heráclio do Rego – Assessor Internacional do Ministério da Ciência e Tecnologia

11. Pronunciamentos - Sessão de Abertura

Luiz Inácio Lula da Silva – Presidente da República Federativa do Brasil: [...] Não poderíamos estar em lugar mais auspicioso para conversar sobre o futuro da África e o papel que nele terá a Diáspora. A Bahia é símbolo vivo das múltiplas dimensões da contribuição Africana para o Brasil.

É uma particular honra termos conosco importantes líderes do continente irmão. Suas presenças demonstram que os temas que vamos discutir ganharam, definitivamente, a prioridade que merecem na consciência e na agenda de nossos países.

Destaco a presença de Alpha Konare, Presidente da Comissão da União Africana, co-organizadora do evento. Seu empenho foi fundamental para tornar realidade esta Conferência. Estamos dando continuidade ao esforço pioneiro da I Conferência, em Dacar, em 2004, que muito deve à visão do meu colega e amigo, Presidente Wade, que inspirou a nossa decisão de sediar este evento. Viemos a Salvador consolidar um diálogo permanente entre a África e as regiões onde sua gente e civilização deitaram raízes. Esse debate é fundamental, pois aborda os desafios que nos unem.

Temos que superar uma herança histórica de pobreza, discriminação racial e exclusão social, em meio a uma sociedade internacional com déficit de democracia e de solidariedade.

Os intelectuais e a sociedade civil da África e da Diáspora são protagonistas desta tarefa. O denso programa de trabalho e os grupos

temáticos são garantias de que teremos um intercâmbio estimulante, não apenas para os estudiosos. Também, formuladores de políticas públicas dos dois lados do Atlântico encontrarão nessas discussões inspiração para melhor identificar problemas e propor soluções.

Desejo, portanto, a todos meus colegas Presidentes, Vice-Presidentes, Primeiros Ministros e todos os convidados muito bom trabalho nestes dias que vocês estarão em Salvador. Está aberta a nossa II Conferência.

Mestre-de-Cerimônias: Fará uso da palavra o Sr. Abdoulaye Wade, Presidente da República do Senegal.

Abdoulaye Wade – Presidente da República do Senegal: Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República Federativa do Brasil, Sua Excelência Senhora Primeira Ministra, Senhores Chefe de Estado e de Governo, Senhor Presidente da Comissão da União Africana, Senhores Primeiros Ministros, Senhoras e Senhores Ministros, Senhor Vice-Presidente, Senhor Governador da Bahia, Senhoras e senhores Embaixadores, Senhoras e Senhores Representantes. Permita-me, em primeiro lugar, senhor Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República Federativa do Brasil, agradecer-lhe pela calorosa e simpática acolhida em seu lindo país e em sua famosa cidade de Salvador, Bahia. Em nome das delegações da África e da Diáspora aqui presentes, gostaria de expressar ao Governo e ao povo brasileiro nossa profunda e sincera gratidão pela acolhida particularmente calorosa e fraternal, dispensada a todos os delegados, seguindo a mais pura tradição de hospitalidade brasileira.

Senhor Presidente, eu conheci seu país no começo dos anos 1960 e aqui retornei diversas vezes por ocasião de conferências internacionais. Cada vez prolonguei minha viagem para visitar uma cidade ou uma região, apaixonado pela geografia humana e física tão contrastantes. É como se o Criador quisesse fazer do Brasil um mundo em miniatura, onde se encontram todas as riquezas e belezas da terra. Ao exprimir um dia meu entusiasmo durante uma dessas conferências mundiais que nos trouxeram aqui, eu externei meu estado de espírito nessas palavras: "acredito que a beleza do Brasil vem do fato de que Deus - após ter criado tudo sobre a terra, os países, as cidades, os homens, os animais - quis usufruir de uma última bela fantasia de seu poder e criou o Brasil. Este tesouro da natureza não poderia permanecer indefinidamente ao abrigo da cobiça, de conquistadores imperialistas e de outros aventureiros. Hoje, seu povo, após ser libertado do colonialismo, está empenhado em construir uma nação e um país respeitados. Tudo leva a pensar que realmente

o Brasil estará, em um futuro próximo, no grupo dos grandes países desenvolvidos.

Senhor Presidente, trago uma saudação fraternal e amiga dos meus pares, os Chefes de Estado da União Africana que aqui represento. Há dois anos, em realidade, por ocasião da Primeira Conferência de Intelectuais e Homens de Cultura da África e da Diáspora, realizada em Dacar, eles me confiaram a organização de e o apoio a este movimento. Desde então, a capital senegalesa abriga o Secretariado. Senhor Presidente, os filhos e filhas da África, presentes aqui, encontram, hoje, os descendentes de seus ancestrais arrancados de sua pátria mãe com o sofrimento e a tragédia de uma escravidão plurissecular. A Bahia é, para nós, um símbolo. A História nos ensina que foi aqui que, em 1835, iniciou-se a Revolta dos Malês, escravos negros que se rebelaram para reivindicar o respeito a seus direitos e a liberdade de culto.

É aqui, também, onde diversos escravos alforriados fizeram fortuna em um comércio florescente entre o Brasil e a Costa Oeste Africana, a exemplo de Paulo José Ferreira, nascido na Bahia em 1886, de ascendência nigeriana que fazia contatos freqüentes entre o estado da Bahia, de um lado, e as cidades nigerianas de Lagos e Kano, do outro. De certa forma, ao vir ao encontro da Diáspora Africana em terras brasileiras, nós trilhamos o caminho de Paulo José Ferreira. Aproveitamos a oportunidade para comemorar também a memória de ilustres pioneiros do panafricanismo, campeões desta nobre causa, entre os quais cito Edward Blyden, Henry Sylvester William, Marcus Garvey, William Dubois, Doutor Kwame Nkrumah, George Padmore, Nnamdi Azikiwe, Cheikh Anta Diop, Aliune Diop, Léopold Sédar Senghor, cujo centenário de nascimento comemoramos este ano. Senhores e senhoras, peço sua indulgência para uma observação mais pessoal, uma confissão. Recebi minha primeira lição de despertar político e de panafricanismo na rua da parte de alguém que um dia, no momento em que eu saía do Liceu Van (…) de Dacar, portava como uma espada um panfleto da declaração de Kwane Nkrumah na Conferência de Manchester de 1945. Em um ambiente de luta árdua contra a colonização ele dizia: "em sã consciência, como pudemos acreditar que, um dia, os imperialistas nos trariam nossa independência em uma bandeja de prata?" Aprendi, assim, minha lição de panafricanismo e a fiz uma prática para a vida.

As obras de nossos ilustres antecessores nos traçaram o caminho pela palavra, pela caneta e pelas ações. Eles lutaram a sua maneira, em condições muitas vezes difíceis, para que o continente africano e a Diáspora

permanecessem erguidos, livres e senhores de seus destinos, apesar dos séculos de exploração. Temos a dura responsabilidade de avivar, nutrir e preservar este ideal precioso para as gerações presentes e futuras. Hoje, como no passado, a luta da África e de sua Diáspora permanece a mesma: afirmar nossa existência e nossa identidade cultural; assumir sem complexos nossa História; fornecer-nos meios de viver em harmonia com as realidades cambiantes do mundo; e moldar nosso destino comum pela conjugação de nossos valores, de nossos recursos, de uma exploração judiciosa de nossas complementaridades, como Vossa Excelência dizia ontem, Senhor Presidente. Dacar fica a apenas três horas e meia de Recife, Brasil. No entanto, levaria cinco horas, sem escalas, para ir de Dacar ao Oeste Africano ou ao extremo austral de nosso continente. Portanto, entre a África e o Brasil, o Atlântico não é um espaço de separação, mas sim um grande rio, um traço de união entre duas encostas que a História e a Geografia condenaram a viver juntas.

Cabe, agora, a vocês, intelectuais da África e da Diáspora, o papel de precursores na promoção dos valores e dos ideais que compartilhamos, pois onde preservamos a liberdade de pensar e de criticar, a política segue o compromisso, ou até mesmo o engajamento. Ora, não haverá mudanças maiores sem que se ponha em xeque os tabus e os pré-conceitos. Há cerca de dois anos, fizemos um diagnóstico, sem complacência, das relações entre a África e a Diáspora, analisando a contribuição dos intelectuais à consolidação da integração africana no século XXI e identificando as recomendações sobre os caminhos e recursos capazes de empreender a visão de uma África renascente rumo ao progresso. Agora chegou o momento da avaliação. Devemos medir os caminhos percorridos, estudar os obstáculos encontrados, para nos lançar sobre o futuro e propor soluções idôneas. Com o propósito de trazer aprimoramentos, nos parece que devemos reestruturar definitivamente o movimento de intelectuais e de culturas, ativar o Secretariado em Dacar, designar pessoal permanente e começar a trabalhar. Já existe um organograma que devemos reanalisar e colocar em prática.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores, a África encontra-se em uma bifurcação. Ela deve seguir, com determinação, em direção aos Estados Unidos da África sob a condução de um governo continental, em vez de fixar os olhos no retrovisor, símbolo de um nacionalismo estreito ao extremo em um mundo onde a lógica dos grandes grupos se tornou um fato inevitável do século XXI. É uma felicidade que, depois do Senegal, o Brasil, um gigante do século e um dos domicílios mais importantes da Diáspora Africana, ao

ponto de ser chamado, como Vossa Excelência disse ontem, "a segunda pátria negra depois da África", nos ofereça sua hospitalidade para um diálogo construtivo sobre o tema "A Diáspora e o Renascimento Africano". A este respeito, gostaria, antes de mais nada, de propor o lançamento de um vasto movimento com o nome de "Aliança Panafricanista", um agrupamento dos clubes Panafricanista a serem criados por toda parte na África e na Diáspora. Apresentei esta idéia na última Cúpula da União Africana em Banjul. Não se trata de organizar um partido político, mas de lançar um movimento no estilo dos internacionais que sabemos existir hoje, como uma internacional socialista, uma internacional liberal, uma internacional democrática. A Internacional Comunista foi extinta, não se trata, portanto, de refazer essas internacionais, mas de se inspirar nelas. Nestas internacionais, os membros discutem posições comuns, recomendações sobre os grandes problemas mundiais e cooperação. A nossa, para evitar divisões, não teria conotação política, no sentido de doutrinas. Seus objetivos principais seriam: alimentar a reflexão dos membros sobre os caminhos e recursos para defendermos nossos interesses; facilitar os contatos bilaterais ou multilaterais; e organizar encontros e visitas a fim de atingirmos nosso destino comum.

Em alguns países as pessoas - cem, duzentas - poderiam criar clubes panafricanistas em seus locais de trabalho, bairros, universidades, centros de pesquisa. Os clubes panafricanistas de cada país se reportariam a uma rede nacional panafricanista. O conjunto das redes nacionais panafricanistas dos países africanos e da Diáspora comporiam a Aliança Panafricanista que teria congressos periódicos e alternadamente na África e na Diáspora. Graças à Internet, poderiam, dessa forma, trocar idéias, melhor divulgar a África e a Diáspora, dar opiniões sobre a União Africana e dar contribuições para este debate. Sugiro que debatam esta questão e, se estiverem de acordo, a melhorem e enriqueçam a fim de adaptá-la a nossas ambições.

Em outro domínio também bastante importante, gostaria de propor a criação de uma estrutura de cooperação ao redor do Atlântico. Uma possibilidade seria a de criar um Conselho de concertação entre os países da encosta sul do Atlântico. Não se trata dos países do Atlântico Sul, porque assim o Senegal não faria parte, pois está ao norte do Equador, mas sim dos países da encosta sul do Atlântico. É preciso tomar cuidado com a denominação. A organização englobaria de um lado o Brasil, a América Central Atlântica, o Caribe e a América Latina e do outro a África do Marrocos à África do Sul. Um outro conceito alternativo seria a África, a América Latina,

talvez extensivo à todos os Estados pertinentes. Peço que reflitam sobre as formas de cooperação econômica, uma concertação periódica, de toda forma, entre a América Latina e a África. A América Latina estando compreendida desde a Argentina até o México. Estou convencido de que esta questão, submetida a vossa sagacidade, transformará o Atlântico em uma zona de comércio.

Senhor Presidente Lula, é a Vossa Excelência, a vosso engajamento determinado e constante com a África, a quem devemos nosso reencontro hoje em terras brasileiras. Nossos povos serão eternamente gratos. Ao passar para Vossa Excelência o estandarte, já que irá presidir em meu lugar durante os próximos dois anos, recordo-me da resistência dos escravos negros em solo brasileiro, que criaram a República dos Palmares, antes de subjugarem-se à superioridade numérica e técnica. Recordo-me, também, de uma história emocionante de uma pequena senegalesa, Felice Withley, seu nome de escrava, contada por Charles Johnson e por Patrice Smith em um livro chamado "Africans in America". Felice Withley foi desembarcada em Boston em 1761, entre os milhares de escravos vindos do Senegal. Ela tinha sete anos recém-feitos. Tomada por uma curiosidade intelectual extraordinária, aprendeu a ler e a escrever com a cumplicidade da senhora que a comprou. Aos dezenove anos, publicou em Londres um livro, a primeira coletânea de poemas de uma escritora afro-americana. Antes disso, suportou as recusas de editores americanos que não acreditavam que uma pessoa negra pudesse realizar tal obra prima. A história de Felice Withley, como de tantos outros que caíram no anonimato e no esquecimento, nos ensina que o gênio criador do ser humano apenas tem o limite que nós lhe impomos. Felice era uma escrava e nós hoje somos homens e mulheres livres nas idéias e nos atos. É por esta razão que não temos outra opção que vencer: devemos isso a nós mesmos e às gerações passadas e futuras. Façamos com que a África e sua Diáspora caminhem sempre juntas, de mãos dadas, unidas para uma comunidade próspera. Agradeço sua amável atenção.

Mestre-de-Cerimônias: Ouviremos, neste momento, as palavras do Sr. Alpha Konare – Presidente da Comissão da União Africana.

Alpha Konare – Presidente da Comissão da União Africana: Sua Excelência, Senhor Presidente da República Federativa do Brasil ; Suas Excelências, Senhoras e Senhores Chefes de Estado e de Governo ; Senhores ex-Presidentes ; Gilberto Gil e Frene Ginwale, Co-Presidentes da Conferência ; Senhor Governador da Bahia ; ilustres convidados ; senhoras

e senhores. Sobrevoando há algumas horas a Baía de Todos os Santos, assim chamada em referência ao dia de Todos os Santos, em 1501, quando foi descoberta por Américo Vespúcio, devo confessar que fui dominado por uma forte emoção, uma emoção igual a que sentimos pelo amor de nossa vida, pelos sentidos do grande romancista Jorge Amado e que continua a rimar as comoventes músicas de Gilberto Gil, para citar apenas dois prestigiosos aclamadores de Salvador de Bahia, onde nasceram.

Depois, à medida que os contornos da cidade mãe do Brasil se definiam e que as características casas policromadas em cores vivas surgiam, senti toda a vitalidade, mas também toda espiritualidade de um povo brasileiro que enaltece com o mesmo fervor o Cristo da Ressurreição, o Candomblé, os Orixás e a Macumba, vindos das terras Iorubá. Um povo brasileiro inventor do samba e do famoso Carnaval do Rio e da Bahia, um povo brasileiro que casa com igual alegria o positivismo de Augusto Comte e o vigor dos capoeiristas, tornando-se uma notável, deslumbrante simbiose entre as culturas africanas, européias e ameríndias. Salvador, Bahia, que nos acolhe hoje, simboliza mais que qualquer outra cidade brasileira, e talvez mesmo no mundo, essa convergência de cultura a qual somos particularmente ligados. Mais que qualquer outra cidade, ela encarna o encontro da África com o Brasil, ou melhor, a presença africana no Brasil. Portanto, nenhum outro lugar poderia ser mais indicado que esta Roma negra, como foi apelidada esta cidade, que a UNESCO apropriadamente classificou como patrimônio mundial da humanidade, para abrigar um encontro como o nosso, para servir de moldura para este reencontro e colocar sob o signo duplo da informação e da abertura, mas também de unidade na diversidade tão fortemente expresso na Convenção da UNESCO, a qual devemos todos aderir sem demora.

Sobrevoando essas terras da América do Sul, pensei também nos grandes homens como José Martí, Simon Bolívar, todos os libertadores cujas lutas contribuíram de maneira decisiva para a emancipação deste continente e da humanidade. Senhor Presidente Luiz Lula da Silva, Vossa Excelência, que a escolha de seus compatriotas colocou na liderança deste Brasil tão amoroso por ser multiconfessional, multicultural e multirracial, aceite que as minhas primeiras palavras sejam endereçadas a Vossa Excelência. Aceite estas palavras de agradecimento em nome do povo brasileiro, de todas as pessoas que o compõem, de todo o Governo pela solicitude sem defeitos para com o continente africano, que Vossa Excelência considera, como jamais deixou de demonstrar, como parte integrante do seu país. Como testemunho, temos as

numerosas visitas ao continente mãe, seu engajamento para que a Cúpula América do Sul - África ocorra em 30 de novembro e 1 de dezembro de 2006 em Abuja, na Nigéria, que dará início, ao menos nós esperamos, a um outro Bandung político e econômico que poderia agrupar a África, a América e a Ásia, por que não, em 2007?

Excelências, Senhor Presidente, a qualidade da acolhida que nos foi dispensada, a atenção meticulosa pela qual estamos cercados, o espírito de liderança dos organizadores brasileiros e a determinação com que levaram esse projeto vêm a confirmar, se é que é necessário, sua convicção e, ao mesmo tempo, reafirmar que a amizade entre a África e o Brasil é para Vossa Excelência mais que uma palavra, mais que um lema, mas sim um fato incontornável da História em nome do passado, do presente e do futuro. Uma História multissecular na qual a necessidade de uma mão-de-obra servil para o cultivo da cana-de-açúcar desempenhou um papel determinante. Uma História na qual diversos brasileiros, seus compatriotas, nossos irmãos da mesma família viveram dolorosamente na carne, no coração e no espírito. Entretanto, uma História que Vossa Excelência tem a intenção de assumir plenamente para superá-la sem rancores, sem raiva. Uma História, porém, que não terá que sofrer com falsificações. Uma História em nome da qual a escravidão deve ser proclamada como crime contra a humanidade. Uma História, uma História que deve ser mais conhecida. Uma História, enfim, que permitiu com que os afro-brasileiros fossem a maioria da população até o século XIX. Afro-brasileiros que não se contentaram apenas em contribuir com sua força de trabalho para o crescimento do seu país, mas que modelaram os traços físicos, a personalidade, a língua, as vestimentas, a qualidade de vida, as artes e a cultura brasileira.

Esta contribuição, Senhor Presidente, que mais uma vez Vossa Excelência põe em prática, ninguém a exprimiu melhor que Abdias do Nascimento, uma memória viva que jamais se esvairá, que Vossa Excelência decidiu homenagear, que Vossa Excelência decidiu homenagear com uma exposição mais do que merecida. Um Abdias do Nascimento que tinha como amigo o pintor e escultor Tibério, que participou em 1966 do Festival de Artes Negras de Dacar, onde se estabeleceu depois por vários anos, permitindo ao Senegal e a África de se beneficiaram de sua vasta experiência e de seu conhecimento profundo das culturas africanas. Tibério, cuja obra mereceria ser mais conhecida, antecipava os propósitos de Jorge Amado, que no documentário "Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás", disse: "as águas do Atlântico trouxeram os

escravos da África ao Brasil. Seus corpos estavam acorrentados, mas seus espíritos permaneceram ligados a mãe África." Hoje, quando os brasileiros visitam a África, ensinam aos africanos a cultura que esses descendentes de escravos mantiveram em suas vidas no Brasil.

Excelências, ilustres convidados, senhoras e senhores, celebra-se no mundo inteiro, este ano, o centenário de nascimento de Leopoldo Sedar Senghor, grande admirador do Brasil, que acolheu Tibério no Senegal. Afetuosamente, gostava de chamar os brasileiros de "mais que irmãos". Permita-me, Senhor Presidente, falar a Senghor em sua língua, uma de suas línguas : [Fala em dialeto]. A Diáspora foi institucionalizada, isto é, deixou de ser uma História intelectual e política de nosso século para se tornar uma dimensão permanente. Em menos de dois anos, temos no Brasil a Segunda Conferência. Nada poderia testemunhar melhor o fato que a materialização desta resolução não apenas é desejável, mas também perfeitamente realizável. Tendo a União Africana as realizado com o Senegal e o Brasil, cada uma destas missões heróicas alcançou o seu objetivo, mesmo que devamos nos perguntar se no futuro a organização do próximo encontro não deveria caber à sociedade civil, é claro que com o apoio de nossos Governos, de nossas organizações regionais.

Excelências, Senhor Presidente, ilustres convidados, senhores e senhoras, a União Africana, no entanto, não teria cumprido sua vocação de traço de união, de reagrupador, se ela não tivesse sabido retomar as relações de uma parte do continente com a Diáspora, com a outra África. O ato constitutivo da União Africana não poderia ser mais claro sobre este capítulo: um chamado à total mobilização de todos os segmentos da população africana para a realização dos objetivos de integração e de renascimento e assinala que a Diáspora constitui um segmento decisivo neste sentido. Estando no Brasil, não poderia deixar de aproveitar a ocasião para lembrar que, fora da Nigéria, é neste solo que se encontra a maior concentração de negros. A escolha do Brasil como sede da Segunda Conferência é, portanto, particularmente propícia por inúmeras razões, porém, evocarei apenas algumas de passagem. Podemos acrescentar que se essa cooperação é bem pensada ela será frutífera para os africanos do continente e da Diáspora. Ela seria ainda mais se soubermos reconhecer as diversas facetas, das quais citarei apenas a da cultura, compreendendo a comunicação e os esportes. Como posso me esquecer que o Brasil é o legendário pentacampeão mundial de futebol e forneceu ao mundo diversos artistas de primeiro plano?

Excelências, senhoras e senhores, apesar da separação entre os africanos do continente e aqueles da Diáspora, compartilhamos valores, sistemas, instituições, expressões e artefatos culturais que são, como diria nosso amigo e primogênito, o grande africano, o grande intelectual africano Joseph Kisarbo, "fonte e recurso, fonte e recurso, é esta a cultura africana".

Encontrarmos juntos a estratégia adequada para valorizar estes recursos, utilizando em especial as contribuições das novas tecnologias da informação e da comunicação - os meios que nos oferece a idade da informação - para melhor discutir nossa História comum e nossas Histórias diferentes, para melhor discutir nosso ser no mundo e nossa contribuição à civilização. Eis, sem dúvida, uma tarefa que devemos levar a bom termo, um desafio a ser superado. Superar este desafio é mais do que nunca atual, já que depois da globalização ideológica e do cosmopolitanismo pós-modernista abstrato que a acompanha, a negação do outro em virtude de raça, cor, status socioeconômico é ainda, infelizmente, menos discutido. Isto é, nossa humanidade está ainda em risco dentro de tal contexto. Nesse contexto, a reflexão e a lucidez, para parafrasear o filósofo camaronense Boulaga, requer a afirmação, a atestação de nossa humanidade contestada e a tomada das rédeas.

O Renascimento Africano, a edificação da qual os intelectuais africanos do continente e da Diáspora estão convidados, não tem outro objetivo que este. Exige uma estratégia firme, de objetivos claros, de ações sustentadas que se conjuguem no presente para liberar um caminho para uma outra África. Falo propositadamente em uma outra África: uma África de trabalho, uma África solidária, uma África justa e, principalmente, uma África em paz, principalmente uma África com bons Governos que respeitam os direitos, o estado de direito e a liberdade. No caminho deste Renascimento, em primeiro lugar, está uma forma de pobreza que escapa das estatísticas e outros indicadores. É o que o escritor moçambicano Mia Couto chama de "de nossas reflexões sobre nós mesmos". Entendendo por isso a dificuldade dos africanos de se pensarem como sujeitos históricos, como ponto de partida e como destino de um sonho.

A longa negação do africano pelo traço negro no início, e pelo colonialismo em seguida; a ausência de território entendido como terra e História por milhões de negros desenraizados; a enormidade do escopo intelectual que insiste em situar fora da História a época em que a África inventava tecnologia para construir as pirâmides do egípcio Quéops, entre

outros, vejam a quantidade de fatores que explicam hoje, mesmo depois de alguns trabalhos notáveis, a identidade africana é ainda percebida através do discurso do outro. Recusar o pequeno pedaço da História que nos propõe os outros é o primeiro passo para superar esses primeiros obstáculos, preservar a memória, compartilhá-la, popularizá-la, ensiná-la, assumi-la sobretudo em face das diversas nações que participam da mesma necessidade. No entanto, há um segundo obstáculo também igualmente perigoso: a falta de pensamento, que é nada além da exaltação da individualidade de suas ações particulares, até mesmo absolutistas e irredutíveis. Uma postura como essa leva diretamente ao narcisismo estéril ou até mesmo, ainda pior, às identidades assassinas que as nações-estados, infelizmente, têm nos dado diversos exemplos.

Este segundo obstáculo pode ser evitado se nos dermos os meios de continuarmos com a tradição seguida pelos africanos Bantu e Iorubá, de Deus ou sem nome, que propõem uma gestão da diversidade ética ou religiosa não apenas baseada na tolerância, mas também no pluralismo. Esse obstáculo poderá ser evitado se lembrarmos das grandes conquistas axiológicas que nossos ancestrais estabeleceram de maneira única a quatro mil anos antes de Cristo, se soubermos salientar no homem a inteligência, se reconhecermos a dignidade dos escravos. Se nos dermos meios de colocar no centro das ordens espirituais, morais e políticas o caráter sagrado das pessoas de todas as idades, de todos os sexos, e protegê-las e defender a liberdade. Nossa maior convicção é de que sem o respeito aos direitos humanos, sem respeito à liberdade, sem o reconhecimento da diversidade, do pluralismo, será um ponto a menos para a África. Utopia, diriam alguns, a quem eu responderia: utopia, sim, mas uma utopia crítica e mobilizadora do presente, pois, mais uma vez, as ações se conjugam no presente, pois se trata de Renascimento Africano.

Excelências, senhoras e senhores, há cinqüenta anos, em setembro de 1956, se realizou em Paris o Primeiro Congresso Intelectual dos Escritores e Artistas Negros. Foi um ano após a Conferência de Bandung, dez anos após o Congresso Panafricano de Manchester que reivindicou e deu início ao processo que levou às independências dos anos 1960. Este congresso do racismo anti-racista, como disse Sartre no Orpheu Negro, teve o mérito de ter sido um encontro da diversidade e até mesmo do confronto a níveis ideológico e científico, o que foi inevitável, pois mesmo se a ordem do dia foi a solidariedade às vítimas estigmatizadas em nome da raça, o efeito que

persistiu foi que os africanos do continente e da Diáspora estabeleceram alianças culturais, ideológicas e relações políticas com culturas, isto é com civilizações. Para conciliar uma elite negra que estava aberta a todas as influências, para reconciliar as personalidades tão diferentes como Richard Wright, Ralph Elisone, Leopold Sédar Senghor, Frank Fanon e Cheikh Ante Diop que, ressaltamos, jamais recebeu papel eminentemente positivo dentro da História do panafricanismo, e de quem celebramos este ano o vigésimo quinto aniversário de falecimento.

Faltou, em 1956, em Paris, a brilhante inteligência de Aimé Césaire, a quem temos que reconhecer por seu papel de protetor de todo o mundo africano. Césaire ressalva que o que uniu os negros no anfiteatro Descartes, da Sorbonne de Paris, onde ocorreu o congresso, foi a diversidade. Mas faltou também, Senhor Presidente, toda a determinação de um homem como Aliune Diop, que peço licença para cumprimentar aqui a presença de Chiristiane Diop, que foi sua leal companheira, e que na ausência de Aliune e de outros soube manter a chama acessa e seguir na luta de Aliune por uma presença africana fortalecida, digo presença africana, luta do passado, luta de hoje e luta do amanhã.

Permita-me relembrar que este ano, em setembro, comemoraremos o qüinquagésimo aniversário desta bela aventura que foi o Congresso. Senhor Presidente, a presença africana deve ser sustentada na organização de nosso encontro; a presença africana deve continuar a difundir sua eterna mensagem, pois a presença africana soube realçar, desde cedo, a aurora da História, de nossa História. Nesta perspectiva, devemos também apoiar a organização do Segundo Festival de Artes Negras em 2007, em Dacar, iniciativa das autoridades senegalesas e, em particular, do Presidente Wade. Sempre dentro da perspectiva de uma presença africana fortalecida, devemos nos esforçar para que a Copa do Mundo de 2010 seja na África do Sul, seja na África.

Excelências, ilustres convidados, senhoras e senhores, como há cinqüenta anos, hoje e amanhã ainda serão questões de diversidade: diversidade de contextos, de culturas e de civilizações a que pertencemos, e nas quais vivemos, e nas quais formamos nossas identidades. Essa diversidade deve ser ocultada e posta em dúvida quando em nome dela deve-se hipotecar alguma coisa ou por em perigo a solidariedade, que é fator necessário para dar corpo e vida ao projeto do Renascimento Africano. Ao contrário, este projeto não tem alternativa que não seja sair fortalecido da confrontação de idéias e experiências das mais diversas, baseadas na multiplicidade de

parâmetros ideológicos, culturais, lingüísticos, educacionais e institucionais, transmitindo a dinâmica da mudança sobre a qual se definiu o Renascimento Africano. Um Renascimento Africano que é, senhoras e senhores, urgente, pois em uma época de revolução científica e tecnológica, mas também política, cidadã e humanitarista, a África e a Diáspora devem marcar sua presença de maneira coerente, tanto para enfrentar a realidade dos benefícios das relações políticas como para reafirmar os diálogos das civilizações que devem compartilhar em suas especificidades os mesmos valores da universalidade.

Esse Renascimento Africano é, portanto, fundamentalmente um projeto político, pois será baseado na nação africana, nossa única nação. A nação africana é nossa única nação que alimentará as crianças do continente, nação que permitirá sair da marginalidade os africanos fora da África que antes de serem minoria estão em vias de se transformarem em minoria dentro da minoria. Essa nação africana, cujo pilar é os Estados Unidos da África, pátria dos negros e árabes da África, sim, os Estados Unidos da África será um parceiro respeitado das grandes organizações internacionais e regionais e de grandes países como o Brasil. Esse Renascimento, Senhor Presidente, ilustres convidados, senhoras e senhores, não pode ocorrer concretamente, do ponto de vista da União Africana, de sua filosofia, de suas ambições, e de seus objetivos, sem a contribuição positiva e crítica dos intelectuais da África e da Diáspora nas Américas, na Europa e no Oriente e sem a adesão de todo o povo. Só a legitimidade do Chefe de Estado não é mais suficiente para levar adiante o projeto dos Estados Unidos da África de construir uma nação africana.

O diálogo entre os intelectuais da África e da Diáspora, que originariamente contribuíram para o lançamento da reivindicação, e posteriormente do movimento do qual hoje participa o projeto de Renascimento, foi renovado a Dacar em outubro de 2004. Em seguida, a Bahia nos fornece a ocasião para aprofundar esse diálogo. Este contato renovado é um fio condutor importante em uma outra luta antes do Congresso Cultural Pan-africano que teremos em novembro próximo, em Nairobi. Que a Bahia seja o fio condutor de uma outra luta não menos legítima para mudar o destino da África. O destino da África será modificado pelos próprios africanos com base em uma agenda construída pelos próprios africanos e posta em prática fundamentalmente pelos próprios africanos. Que, enfim, outro Dacar e outra Bahia possam abrir o caminho. Que o Brasil, país de ordem e progresso, possa reforçar sua cooperação com uma África unida e solidária. Desejo sucesso para o segundo

encontro de intelectuais da África e da Diáspora! Que Deus nos abençoe. Agradeço a amável atenção.

Mestre-de-Cerimônias: Em seguida, fará uso da palavra o Senhor Paulo Souto, Governador do Estado da Bahia.

Paulo Souto – Governador do Estado da Bahia: Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, (...) Minhas senhoras e meus senhores,

Sejam todos muito bem vindos a nossa querida Salvador, capital da Bahia. A Bahia de todos os santos e de todos os orixás sente-se honrada por ser o Estado brasileiro distinguido para acolher intelectuais, chefes de estado, autoridades governamentais e de organismos internacionais, representantes da sociedade civil de várias partes do mundo, especialmente, convidados para a Segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, como objetivo de trocar de informações, experiências, vivências que possam contribuir com a ampliação do conhecimento mútuo de forma a permitir melhor entendimento entre Países Africanos, outras Nações e Diásporas oriundas da África.

Eu gostaria de dizer que nem mesmo a imensidão do Atlântico consegue separar a Bahia do Continente Africano. Para aqui veio gente de várias nações, aliás, num passado geológico os nossos territórios foram unidos, mas para aqui veio gente de muitas nações da África ajudar com o trabalho a construir o que viria a ser este Estado. Resistiu como pode, espalhou-se e ao mesmo tempo agregou-se fincando aqui raízes muito sólidas. E não de agora, na segunda metade do século XVIII a população mestiça desta terra já era superior a 75% dos que aqui viviam. No curso do século XIX o panorama não mudou muito. Enquanto, para o Sul do País se dirigia gente oriunda de várias partes do mundo, na Bahia desembarcava um grande contingente de Africanos e não eram somente escravos, eram também homens de negócios que ampliavam seu universo, construindo um mundo cultural próprio em território baiano, graças à resistência e a perseverança dos que para aqui vieram e souberam, com jeito, ir superando todo o tipo de adversidades e de dificuldades. Mais proximamente do século XX, os estudiosos destacam pelo menos dois momentos marcantes nas relações sócio-raciais de cunho africanista no Brasil e na Bahia, em particular.

O primeiro na década de 30 em que o negro, o mulato e o afro-descendente, de um modo geral, buscaram com toda a sua força a integração na sociedade. E o segundo momento caracterizado pela determinação de

participar intensamente da nossa vida social, que os especialistas indicam como sendo período de afirmação entre as décadas de 70 e de 80.

Aos poucos e progressivamente, traços marcantes de variadas culturas provenientes de diversos pontos do Continente Africano foram se consolidando nessa margem Americana do Atlântico para formar uma base cultural, de características próprias que ousamos chamar de cultura baiana sem negar nunca, entretanto, a forte decisiva influência da variedade cultural dos países africanos.

Se o primeiro período na década de 30 assentou bases para afirmação dessa cultura fascinando artistas e intelectuais, o segundo momento, entre os anos 70 e 80, consolidou definitivamente uma base cultural de raízes africanas hoje, um motivo de orgulho e de afirmação para todos nós brasileiros e baianos.

A África é um continente de muitos povos, idiomas, costumes e culturas, portanto, longe de se poder identificar um só tipo ou definir uma cultura única. Para a Bahia vieram Africanos das mais diferentes nações ou povos, com seus costumes, suas línguas e manifestações culturais que por aqui se misturaram e passaram a conviver juntos, tendo que encontrar os meios de comunicação e de socialização entre si.

É enorme, é inestimável o legado de origem Africana na formação do patrimônio cultural do Estado da Bahia, seja na culinária, seja nas festas ou nos costumes, seja no vocabulário, seja no jeito de ser ou no modo de vestir, seja na música ou nas crenças, principalmente no candomblé, ou ainda nas danças, nos instrumentos musicais e na capoeira, essa espécie de jogo, dança ou luta que por aqui se consolidou Aliás, junto estamos neste momento construindo - ou reconstruindo - um importante patrimônio e fazer dele um forte da capoeira, um centro de memória de referências e de estudos para esse símbolo tão importante da cultura africana que hoje em dia está espalhada em diversos países do mundo.

Acarajé, abará, caruru, efó, mungunzá, agogô, atabaque, berimbau, panos das costas, vestes coloridas, balangandãs, colares de contas e tantas outras coisas mais são vocábulos que identificam adornos, instrumentos musicais ou comidas, chamamos típicas que fazem parte do cotidiano e dos costumes da Bahia, terra de todos os orixás, as divindades do candomblé, cujos terreiros estamos a pouco e pouco uma demonstração clara do respeito de todo nosso povo, fazendo através do nosso instituto do patrimônio, cuidando para que eles sejam efetivamente tombados e para que sejam referências universais que possam se estar presentes no futuro das nossas gerações.

Candomblé é uma designação genérica de diversas seitas trazidas da África, atravessando o Atlântico e mais do que isso, atravessando o tempo e se impondo como uma religião. Encontrou na Bahia uma enorme variedade de plantas e folhas próprias para as celebrações de seus rituais. Aqui se firmou e se impôs como religião afro-brasileira, angariando muitos adeptos. Com o candomblé vieram suas músicas sacras próprias, com suas poesias, sons e instrumentos musicais que se misturam com as utilizadas pela capoeira e que estão impregnados na variada musicalidade baiana.

Capoeira que é uma mistura de dança, de brincadeira e de luta que enriquece a cultura popular afro-baiana e resulta da permanente resistência e busca da liberdade por parte dos negros escravos. Passou a ser praticada em academias. A primeira delas foi criada por Mestre Bimba, na cidade do Salvador, capital da Bahia. Hoje em dia, como eu disse, ela é praticada em todo o mundo, como um jeito especial que junta movimentos corporais com a sua própria música.

Certamente, o íntimo relacionamento cultural afro-baiano contribuiu, Senhor Presidente Lula, para a realização do II Congresso Afro-brasileiro, nessa cidade da Bahia, em janeiro de 1937. Com o apoio do Governo, dele participaram ilustres professores das faculdades de Medicina e de Direito, escritores, jornalistas e intelectuais, além de destacadas personalidades da religião Afro-brasileira, pais e mães de santo dotados de um enorme carisma, por suas fortes personalidades, sabedoria e mistérios, como Eugênia Ana dos Santos (a Mãe Aninha), Maria Escolástica Conceição de Nazaré (a Mãe Menininha do Gantois), Manuel Bernardino da Paixão (o Bernardino do Bate Folha), Martiniano Eliseu do Bonfim (Babalaô Ojé Ladê), esse que foi Presidente de Honra do Congresso. Aquele conclave significou, sem dúvida, um importante passo para a afirmação da cultura e da comunidade Afro-descendente da Bahia e de todo o Brasil.

Toda essa identidade cultural entre a África e a Bahia foi objeto de estudos e pesquisas por muitos professores e intelectuais desta terra. Dentre tantos outros que poderíamos apontar, como os professores Vivaldo Costa Lima, Julio Braga e Pierre Verger, um francês que adotou por opção e que aqui fixou residência, encantado pelo candomblé. Viajaram para países africanos a fim de conferir, estudar e melhor entender as origens do rico manancial de cultura daquele Continente que aqui firmava e que se consolidava e hoje, temos aqui o Presidente da Fundação Cultural Palmares, Ubiratan Castro de Araújo, também um digno representante dessas gerações.

Somos na Bahia uma população formada por uma grande maioria de afro-descendentes e, portanto, tudo o que aqui fazemos devemos cada vez mais fazer olhando muito proximamente a presença dessa população, aqui no nosso Estado.

Arrisco-me a dizer, neste começo do terceiro milênio, que a Bahia a longo do tempo veio a representar, não tomem isso como ufanismo, mas pelo menos é para isso que nós lutamos, uma síntese da variedade de povos que constituem o Continente Africano nesse tempo de mudança no modo de olhar a África e as coisas da África. Por isso, eu tenho certeza não preciso que lhes deseje isso, mas tenho certeza que todos vocês estão se sentindo como se estivessem nas suas próprias casas, em seus próprios países.

Suas excelências, pensadores, intelectuais, ilustres senhores e digníssimas senhoras, por uns dias, como disse o poeta, a Bahia será a terra que nós lutamos para fazer cada vez mais a terra da felicidade. Encerro dizendo mais uma vez, sejam todos muito bem vindos. Muito obrigado.

Mestre-de-Cerimônias: Ouviremos neste momento a palavra do Senhor João Henrique Carneiro, Prefeito de Salvador.

João Henrique Carneiro – Prefeito de Salvador: Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, Senhoras e Senhores participantes da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora.

A I CIAD realizada no Senegal foi mais do que um absoluto sucesso, foi um verdadeiro marco em 2004 e hoje, estamos aqui na II CIAD, discutindo o Renascimento Africano e a Diáspora e este é o evento mais importante para a nossa comunidade que é Afro-descendente, mais importante dos últimos tempos para Salvador, e creio que também para o Brasil.

A escolha de Salvador, nossa cidade, pelo Governo Federal, através do Ministério das Relações Exteriores para sediar tal encontro revela a importância, o grau de identidade da nossa cidade e o simbolismo dela para o Continente Africano. Somos um povo formado por várias nações, mas, sobretudo, pela nação africana. O reflexo disto está presente em nossa história, em nossa cultura, em nossos hábitos, em todo o nosso patrimônio artístico e cultural.

Temos a certeza de que os debates, as discussões e palestras que acontecerão trarão pensamentos e subsídios importantes que servirão de acervo para a adoção de novas políticas públicas que visem beneficiar os

diversos campos da cultura, da economia, da ação social entre outros campos de cooperação internacional Brasil – África.

Salvador foi a primeira capital brasileira a implantar a Lei 10.639, que regulamenta o ensino da história da África e dos afro-descendentes no ensino fundamental e médio, nas escolas públicas desta cidade. Lançamos o Fundo Municipal para o Desenvolvimento Humano e a Inclusão Educacional das Mulheres afro-descendentes, um programa que conta com a parceria da Agência Espanhola de Cooperação Internacional do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher e do Ministério Público do Estado da Bahia.

Na área de educação foi criado o Fundo Municipal para o Desenvolvimento Humano e a Inclusão educacional de Mulheres afro-descendentes, que tem como principal objetivo formular, executar e financiar programas, projetos e ações que promovam o desenvolvimento e a inclusão educacional para os afro-descendentes.

A Prefeitura de Salvador pretende combater a evasão escolar e lograr a conclusão do ensino fundamental entre as mulheres afro-descendentes que vivem em nossa cidade em situação de pobreza. Merece igualmente destaque a ação da Secretaria Municipal de Saúde que consideramos um verdadeiro marco na luta no combate à desigualdade racial com a criação do grupo de trabalho de atenção à saúde da população negra. Várias pesquisas estão sendo realizadas e, hoje, esta Secretaria vem dando maior atenção à prevenção e tratamento das doenças com maior incidência na população negra como a anemia falciforme, glaucoma, hipertensão, mortalidade materna entre outras, em parceria com a Universidade Federal da Bahia.

A Secretaria Municipal de Reparação foi uma das entidades mais interessadas na sanção da lei que criou o Conselho Municipal dos Direitos Humanos, uma exigência de mais de duas décadas dos movimentos sociais afro-descendentes organizados desta cidade. Hoje, a lei está sancionada e temos o nosso Conselho Municipal de Direitos Humanos. A SEPPIR, que é dirigida pela Ministra Matilde Ribeiro, tem sido uma incansável parceira importantíssima de diversos programas que temos para a reparação.

Assim, desejamos muito sucesso, nesta II CIAD, a todos os seus participantes ao tempo em que agradecemos ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva por estar tomando, desde o inicio do seu governo democrático e popular, medidas concretas para aproximar cada vez mais o Brasil do Continente Africano. Assumir a nossa

verdadeira identidade negra, a nossa cultura, a nossa memória e as nossas raízes é um grande passo para o nosso sólido crescimento intelectual, ideológico, político e social. Que Deus abençoe a todos na realização deste II Congresso de Intelectuais da África e da Diáspora. Muito obrigado.

Mestre-de-Cerimônias: Fará uso da palavra a Senhora Matilde Ribeiro, Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Matilde Ribeiro – Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial: Muito bom dia a todos aqui presentes. Um bom dia especial ao Presidente Luis Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil; ao Presidente Abdoulaye Wade - Presidente do Senegal; ao Presidente da União Africana Senhor Alpha Oumar Konare e um abraço especial em dois dos meus colegas Ministros, Coordenadores da Conferência: Ministro Gilberto Gil, Ministro Celso Amorim e também aos demais Ministros aqui presentes, Nilcéia Freire, Waldir Pires, Orlando Silva.

Considerando que esta Conferência é fundamental para a nossa vida política brasileira e na nossa relação com o Continente Africano, eu agradeço, de antemão, o Presidente Lula pela confiança para isso que vou fazer agora, pelo significado que tem esta homenagem que vamos prestar para nós, afro-brasileiros e para todos os africanos do mundo. Muito obrigada. Graças ao esforço incansável dos que lutaram contra a escravidão e de militantes do movimento negro nos períodos contemporâneos, os brasileiros de origem africana hoje têm voz.

Neste momento, destacamos o nosso querido Abdias Nascimento, aqui presente entre nós. Abdias, que com seus noventa e quatro anos continua militante com o mesmo vigor de sua época jovem e que me chama de menina, considerando que Abdias é um dos mais velhos entre nós. Abdias Nascimento faz parte da vanguarda do movimento negro no Brasil, desde os palcos de teatro experimental do negro, tornou-se uma liderança fundamental para que a igualdade racial ganhasse a projeção que hoje tem na agenda nacional. Devemos muito ao companheiro Abdias. Na defesa da adoção das ações afirmativas, nas políticas públicas para a população de origem africana no Brasil. Desde o exílio tornou-se, logo após, um parlamentar e defendeu com eloqüência e bravura o direito a autodeterminação da Namíbia entre tantas lutas, e também o fim do Apartheid. Abdias teve papel decisivo nas conquistas da população negra durante a nossa Constituinte em 1988, que teve como destaque o reconhecimento do racismo como um crime inafiançável e imprescritível. Ainda há muito que fazer no campo das políticas públicas, mas

graças à sua dedicação e de outros que lutaram contra a discriminação, a igualdade racial hoje permeia as políticas públicas brasileiras. O exemplo de Abdias nos inspira a continuar a lutar para derrubar as barreiras e mitos e também para derrubar o racismo muito presente em nosso País, mas também nos inspira a construir pontes que signifiquem garantia de oportunidades e de direitos para todos.

No momento em que celebramos em Salvador o fortalecimento do nosso reencontro com a África e sua Diáspora, não podemos deixar de agradecer, enormemente, Abdias Nascimento e a militância brasileira internacional pela perseverança na luta e pela dignidade apresentada nos processos de negociação de seus interesses junto aos espaços institucionais.

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva,

Os negros têm motivos para se orgulhar pela sua capacidade de luta, visando à construção da nação brasileira e eu me sinto extremamente honrada em participar da condecoração do Ex-Senador, do militante, do lutador, do intelectual Abdias Nascimento com a Grã Cruz da Ordem do Rio Branco, a mais alta comenda do Governo brasileiro. Muito obrigada Abdias. Muito obrigada a todos os homens e mulheres que lutaram e lutam pela igualdade racial.

Mestre-de-Cerimônias: Neste momento, o Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República Federativa do Brasil, confere homenagem ao Senhor Abdias Nascimento com a imposição das insígnias da Ordem de Rio Branco, no grau de Comendador. Está encerrada esta Cerimônia de Abertura da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora.

12. Mesa Redonda Presidencial

"A Diáspora e o Renascimento Africano: contribuições passadas e projeto atual"

Mestre-de-Cerimônias: Neste momento, convidamos o Senhor Iba der Thiam - Moderador da Primeira Sessão Plenária da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora com o tema: "A Diáspora e o Renascimento Africano – Contribuições Passadas e Projeto atual" a dar inicio às deliberações.

Iba der Thiam – Moderador: Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Excelências, Senhor Presidente da República, Senhor Ministro, Senhor Presidente da União Africana, Senhoras e Senhores Primeiros Ministros, iremos, a seguir, dar início à mesa redonda sobre o próximo tema "A Diáspora e o Renascimento Africano: contribuições passadas e projeto atual". Sem mais demora, informarei quais são os oradores. Teremos Sua Excelência o Senhor Presidente da República Botswana; Sua Excelência o Senhor Presidente de Cabo Verde ; Sua Excelência o Senhor Presidente da República de Gana; Sua Excelência o Senhor Presidente da República da Guiné Equatorial; Sua Excelência o Senhor Presidente da República do Senegal; Sua Excelência o Senhor Primeiro Ministro da Jamaica; Sua Excelência Senhor Muhammad Ali, Vice-Presidente da República da Tanzânia; Sua Excelência o Senhor Presidente da Comissão da União Africana e Sua

Excelência o Senhor Presidente da República do Brasil. Sem mais, passarei imediatamente a palavra a Sua Excelência Festus Mogae, Presidente da República de Botswana.

Festus Mogae – Presidente da República de Botswana: Sua Excelência Presidente do Brasil e nosso Presidente anfitrião, meus colegas Chefes de Estado e de Governo da África e da Diáspora, demais distintos convidados, senhoras e senhores. Gostaria de começar minhas ponderações com uma homenagem ao nosso Presidente anfitrião Luiz Inácio Lula da Silva do Brasil e também ao Presidente Wade do Senegal e a todos os outros que estiveram por trás desta importante iniciativa. Vocês estão reunindo mais uma vez muitos dos melhores escritores da África e da Diáspora Africana de forma a refletirem coletivamente sobre os nossos desafios comuns, certamente um acontecimento muito bem-vindo. A natureza dos desafios que enfrentamos pode ser definida e dissecada de várias formas, no entanto, estão coletivamente incluídas em nossa visão de um Renascimento Africano.

É no contexto deste ideal que inicio o tema de hoje. Confesso, entretanto, que achei o tópico da Diáspora como contribuidora passada e potencial para o Renascimento Africano ao mesmo tempo desafiante e enriquecedor. Acredito que isto se deva em parte ao fato de que tem havido uma tendência a se subestimar em nossas mentes o potencial prático dos laços que sempre soubemos que existem entre nós, tanto em níveis emocionais como filosóficos. Não faltam explicações para tal negligência relativa. Uma razão tem sido, sem dúvida, o fracasso contínuo em melhor nos educar, e aos outros, sobre nossas interações passadas. Há ainda muita ignorância a respeito do rico, mas freqüentemente obscuro, diálogo que nós como africanos temos mantido entre nós nos últimos séculos. Sabemos que possuímos interesses, identidades e objetivos comuns nem sempre apreciados pelo seu sentido histórico ou valor contemporâneo. Com relação às contribuições passadas das Diásporas ao nosso atual projeto, devemos reconhecer que estamos lidando com um relatório histórico que está incompleto e muito menos apreciado do que reconhecido.

Há, sem dúvida, um desafio prático para alguns dos intelectuais aqui reunidos. Contamos com vocês não apenas para expor o que tem sido ocultado, mas para apresentá-lo não só de forma relevante, mas também de uma forma facilmente entendida e apreciada por um público mais amplo. Como economista de formação, e para alguns um tecnocrata de reputação, sinto-me menos qualificado que muitos de vocês aqui reunidos para falar

sobre o passado. O que posso observar é que, quando adentro por este tópico, encontro freqüentemente algo novo e iluminador. Fui, por exemplo, ensinado na escola sobre o missionário David Livingstone, cuja parte da família encontra-se, por acaso, enterrada em meu país, mas me veio recentemente como surpresa saber que ele, na verdade, tinha um colega próximo a ele na Diáspora Africana. O colega era um ex-escravo caribenho, sendo possivelmente um fugitivo da América do Norte, chamado de George Fleming. Há mais de um século e meio atrás este homem, junto com o escocês David Livingstone, reclassificou as maravilhas naturais das Cataratas de Vitória. Muito parecido foi o caso de Matthew Henson Hansen, o afro-americano que descobriu o Pólo Norte, e cujos feitos foram por muitas décadas ocultados na sombra de seu parceiro branco Robert Peary. Fleming continua sendo uma figura quase esquecida. Com certeza há muitos outros como ele.

Ao se redescobrir o papel histórico de tais indivíduos, podemos, acima de tudo, ganhar um conhecimento amplo de seus legados e, portanto, de nós mesmos. Alguns relatos sobre Livingstone diminuem Fleming à mera condição de cozinheiro. No entanto, sabemos agora que quando cruzaram pela primeira vez o Zambezi, Fleming já era um comerciante independente. Ficamos sabendo também, recentemente, que uma das questões que levaram não só a emancipação do Sr. Livingstone, mas de alguns de nossos próprios ancestrais, era a sua oposição à escravidão, ao comércio de escravos e a sua disposição em ajudar aqueles africanos que queriam resistir a ela. Nosso legado pan-africano manifesta-se também nas interações e contribuições de muitas personagens da libertação dos nossos continentes no século XX. No contexto sul africano, pode-se observar mais uma vez que essas raízes são profundas. Para citar apenas um exemplo, recordamos a figura formidável de Pixel Kassemi cujo passado é mais conhecido pelo seu papel estratégico na formação do Congresso Nacional Africano da África do Sul. Abrindo um parênteses, talvez seja importante no presente contexto mencionar que a formação do Congresso Nacional Africano da África do Sul deu, subseqüentemente, equilíbrio ao Congresso Nacional Africano da Rodésia do Norte, hoje Zâmbia, ao Congresso Nacional Africano da Rodésia do Sul, hoje Zimbábue, ao Congresso da Basutolândia, hoje Lesoto e ao Congresso Nacional Africano da Niassalândia, hoje Malawi. O CNA da Rodésia do Norte dividiu-se em CNA da Zâmbia e a UNIP da Zâmbia; o da Rodésia do Sul em ZAPU e ZANU do Zimbábue, o da Niassalândia foi convertido em

Partido do Congresso do Malawi e o de Basutolândia em Congresso do Lesoto pela Democracia.

Os nomes modernos e patrióticos são, é claro, mais significativos para os povos dos territórios em questão. Mas voltemos a Pixel Kassemi, que como melhor aluno de sua classe pronunciou o discurso de formatura em 1906 da Universidade de Columbia em Nova York. Em seu discurso ele opinou, e cito: "O gigante está acordando do tombo e os gnomos também. Os filhos da África estão adentrando as portas douradas do futuro e carregando consigo os registros de seus feitos. Já antevejo dias melhores nascendo sobre a África, já começo a ver suas correntes dissolvendo, seus desertos vazios cheios de plantações, seu Absínio e seu Zulu derramando as sementes da ciência e da religião, a glória da aurora refletindo do alto das torres de suas igrejas e universidades. Seu Congo e sua Gâmbia embranquecidos pelo comércio, suas cidades populosas desabrochando com os negócios e todos os seus filhos empregados e avançando nas vitórias da paz."

Um século depois, estamos ainda buscando como melhor traduzir tanto otimismo visionário em realidade prática. Por esta razão, e por nenhuma outra, acredito que há muito mérito em considerarmos mais detalhadamente o legado intelectual de tais pensadores pioneiros e como Sasemi e W. E. B. Dubois, Sole Panky e Marcus Gravey bem como daqueles que os seguiram como George Padmore e Kwame Nkrumah, entre outros. Ao dizer isto, não estou sugerindo que devamos aceitar suas contribuições sem críticas. Fazê-lo seria um desserviço para o valor do debate, a eles mesmos que em um momento foram campeões, mas também para a atual necessidade de adotarmos seus legados a uma realidade em evolução. O que os grandes pensadores pan-americanos têm em comum, e o que nos traz todos aqui hoje, tem sido sua observação de que o povo africano do continente e da Diáspora constitui uma parte distinta e identificável da civilização global. Além disso, eles compreenderam que só podemos obter o escopo completo do potencial de nossa civilização através de maior unidade e parceria. Devemos continuar a sendo guiados por tal sabedoria, enquanto buscamos transformar a visão de Sammy Ellei do século XX em realidade para nossas crianças do século XXI.

É por esta razão que é extremamente apropriado que nossa União Africana renascida incluiu uma sexta região, a Diáspora, para ser representada ao lado das cinco subdivisões geográficas existentes no nosso Continente.

De que outra forma poderia o legado do passado impulsionar o presente projeto? É neste ponto que vocês, intelectuais, têm um papel significante a desempenhar. Nesta era de globalização, as ferramentas tecnológicas para um diálogo pan-africano com vistas a uma solução para nossos desafios comuns nunca foram tantas. Portanto, espera-se que através da interação da idade digital e através de encontros face a face como este possamos atingir uma sinergia intelectual nunca dantes obtida. Entretanto, para que isto ocorra, sugeriria a importância de compreendermos os intelectuais e seu papel na sociedade contemporânea em termos práticos. Certamente o estudioso que se mantém afastado do consenso mundano da comunidade que o circunda provavelmente não deixará marcos. Como refletido nos diversos talentos que foram reunidos nesta Conferência, aqui em Salvador, nossa compreensão dos intelectuais deve ser abrangente, isto é, deve ser interdisciplinar, incorporando tanto as ciências naturais como as sociais, deve incorporar não só aqueles que inspiraram, mas também os que executaram.

Voltamos, desta forma, a nossa intelligentsia para que encontre em si mesmo e nos outros a capacidade pragmática de transformar visões em opções viáveis. Gostaria de ressaltar, ainda, que não encontraremos nosso próprio caminho para o desenvolvimento se nos conformarmos em corroborar com o enfoque de outros. É essencial que primeiro analisemos a nossa própria identidade e localização estratégica no mundo como um todo. Devemos seguir nossos próprios caminhos. Com relação específica à governança e a minha co-responsabilidade, e de outros nessas mesas redondas, acredito que o avanço para a África não reside em fundamentarmos de nenhum projeto de supostas práticas ideais. O que é mais importante é que jamais esqueçamos, na nossa política e práticas, os valores humanos, tais quais os Ubuntu e Booto, que nos darão maior força para pesquisarmos a fundo nossas próprias identidades e experiências positivas para irmos ao encontro de nossos desafios. Por último, gostaria de dizer que, por mais que reconheçamos o enorme potencial pan-africano, não podemos deixar que a noção de extracivismo nos cegue. Nesta era da globalização, o Renascimento Africano deve, idealmente, tornar-se parte de um renascimento mais amplo dos valores e da compreensão humanos que respeitam, mas crescem com as diferenças globais de forma que, ao final, os desafios globais de hoje nos façam pensar em oportunidades globais em cada cidade. Líderes e senhores, são estes alguns dos comentários que tinha a compartilhar no momento.

Iba der Thiam – Moderador: Em nome de todos, gostaria de agradecer a excelente contribuição apresentada pelo Senhor Presidente da República de Botswana, e passo a palavra agora ao Senhor Stevie Wonder. Logo em seguida, passarei a palavra ao Senhor Presidente de Cabo Verde. Senhor Stevie Wonder, a palavra é sua.

Stevie Wonder: Senhor Presidente, Chefes de Estado, Senhoras e Senhores, é realmente uma grande honra estar aqui hoje. Não venho como um político, mas sim como um homem afro-americano que foi abençoado com o dom da música. Não posso deixar de mencionar as músicas que escrevi influenciado pela minha grande paixão pela música brasileira. Músicas como "You are the sunshine of my life" e "Don't worry about a thing". Gostaria de compartilhar algumas impressões que reúno como viajante a diferentes partes da África e do mundo. É, sem dúvida, um dos melhores dias de minha vida. É um dia que jamais esquecerei e um que minha alma tanto precisava. No dia 31 de maio deste ano, perdi a pessoa mais importante de minha vida, minha mãe. Minha mãe era especial porque, apesar de eu ter ficado cego logo depois que nasci, ela nunca permitiu que qualquer coisa me impedisse de levar minha vida adiante e eu a agradeço por isso. Portanto, foi por meio da coragem que ela me deu que fui capaz de fazer coisas na vida que nunca imaginei. Foi através destas coisas que me tornei o pequeno Stevie Wonder, e depois o Stevie Wonder que me permitiu viajar pelo mundo. Sou grato por, através das minhas músicas, das músicas que escrevi, das melodias que escrevi e estou escrevendo, ver-me não só no papel de cantor ou compositor, mas me sentir como se Deus tivesse me abençoado com o dom da música para levar a mensagem de paz e unidade. Ao sentar aqui hoje, e ouvir as coisas maravilhosas que foram ditas, e que sei ainda serão ditas, devo dizer a todos que a única forma em que a paz ocorrerá na África e na Diáspora é tendo paz, amor, e muito amor, respeito e diálogos como esse que estamos tendo hoje.

Digo a vocês que sei, no meu espírito, que não há nada que não possamos fazer, por isso digo a todos vocês, devemos, podemos, e iremos fazer. Incito vocês, como estamos na era da tecnologia, a tornar a tecnologia mais acessível aos portadores de deficiência física em toda a África e a Diáspora. Isto é muito importante, vocês como líderes carregam a chama, devem incentivar os jovens a se envolverem e conhecerem nossa História. Existem na África e na Diáspora aqueles que não tiveram acesso à informação. Alguns na África sabem muito pouco sobre a escravidão, e alguns entre nós sabem pouco

sobre os grandes reinos da África. Precisamos unificar nossas Histórias. Precisamos conhecer a nossa História em sua totalidade. Precisamos entender que não conseguiremos obter a paz através da guerra. Que não conseguiremos obter a paz através do ódio. Que não conseguiremos obter a paz através do imperialismo. Que não conseguiremos obter a paz através do terrorismo. Devemos ter respeito. Gostaria muito de poder permanecer durante toda a Conferência, ela tem sido maravilhosa para mim, mas tenho que partir hoje para comemorar o 16° aniversário da minha filha e participar de um concerto no mesmo dia do seu aniversário, mas gostaria que soubessem que enquanto Deus me abençoar com a vida, meu coração estará aberto para a perpetuação e o crescimento da África e da Diáspora de nossa família. Gostaria de compartilhar com vocês antes de partir uma de minhas músicas. A letra desta música, chamada "If your love cannot be moved", diz :

> Você não pode dizer que devemos e não lutar até o fim / Você não pode dizer que sim e não ter a coragem de lidar / Você não pode gritar pela paz e depois desaparecer na multidão / Você não pode sobreviver a tempestade sem sofrer algum efeito / Você não pode saquear e não pagar a conta / Você não pode ostentar um cartaz escrito "mau" e se sentir verdadeiramente orgulhoso / Você não pode cantar uma música sem melodia/Você não pode dizer que somos um sem unidade / Você não pode formar uma fila, se tem medo de ficar só / Você não pode pedir perdão e dar-lhe um tapa na cara / Você não pode falar de esperança e depois fazer uma piada / Você pode dizer que está lá, mas o tempo sabe o quanto cresceu / Ponha um rosto em seu alguém.
>
> Você pode dizer seu nome / Ou prefere o anonimato ?/ Você pode mostrar seu rosto / Ou tem medo de mostrá-lo ?/Você sente seu coração / Ou ele bate só por você ? / Levante sua taça para o alto / Diga que sua verdade nunca mentirá / Se seu amor não pode se emocionar.
>
> Você não pode me olhar sem se ver / Você não pode dizer "para eles" e não "para quem mais?" / Você não pode abençoar verdadeiramente sem abençoar o bem de todos / Você não pode servir ao rico e abandonar os pobres/Você não pode ouvir seus apelos e fechar a porta / Você não pode dizer que está por baixo e depois encostá-lo na parede / Você não pode se beneficiar em detrimento de outro / Você não pode encontrar o soro e não curar os doentes / Você não pode libertar os escravos

para escravizá-los de outra forma / Você não pode ver a verdade apenas pelo seu olhar/Você não pode ver os erros e apenas concordar / Ou quer que seu destino seja assim / Ponha um rosto em seu alguém.
Você pode dizer seu nome / Ou prefere o anonimato ? / Você pode mostrar seu rosto / Ou tem medo de mostrá-lo ? / Você sente seu coração / Ou ele bate só por você ? / Levante sua taça para o alto / Diga que sua verdade nunca mentirá / Se seu amor não pode se emocionar.
Você não pode fazer uma promessa e depois voltar atrás / Você não pode dizer as palavras sem mover seus lábios / Você não pode estar confuso e ainda dizer que compreende / Você não pode ser amigo, se não for para toda a hora / Você não pode ser um sucesso e no perigo desaparecer / Você não pode compartilhar igualmente e depois tomar a maior parte / Você não pode dizer que faz e depois mostrar que não faz / Você não pode dizer que vai e depois se certificar que não vai dar / Você não pode querer mudanças e não fazer o que for preciso / Você não pode dar tudo e depois tomar o que deu / Você não pode viver para morrer, mas pode morrer para viver / Ou é demais para pedir ao ser em você ? / Ponha um rosto em seu alguém.
Você pode dizer seu nome / Ou prefere o anonimato ? / Você pode mostrar seu rosto / Ou tem medo de mostrá-lo ? / Você sente seu coração? / Ou ele bate só por você? / Levante sua taça para o alto / Diga que sua verdade nunca mentirá / Se seu amor não pode se emocionar / Se seu amor não pode se emocionar / Se seu amor não pode se emocionar / Se seu amor não pode se emocionar.

E ao encerrar, gostaria de dizer uma última coisa a todos. Como eu disse na noite que recebi o Oscar por esta música, à África e à Diáspora: estou aqui porque amo vocês, que Deus os abençoe.

Iba der Thiam – Moderador: Muito obrigado Stevie Wonder, nós lhe diremos também que te amamos muito. Passo a palavra agora a Sua Excelência o Senhor Pedro Pires, Presidente da República de Cabo Verde. O orador seguinte será Sua Excelência o Senhor Presidente da República de Gana.

Pedro Pires – Presidente de Cabo Verde: Caro Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, minhas Senhoras e meus Senhores,

É com enorme satisfação e redobrada honra que participo desta II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. O fato deste evento

ocorrer na emblemática e histórica cidade de Salvador da Bahia, que por si representa uma amostra fecunda de um encontro doloroso entre povos no solo sul americano, começa por ser uma mensagem de fraternidade e gratidão aos que acreditaram sempre e se têm batido por sociedades plurais, tolerantes e mais igualitárias.

Sou grato por saudar as altas personalidades cujas presenças dão sentido e substância a este encontro. Estendo ainda as minhas saudações aos seus primeiros destinatários, intelectuais africanos, brasileiros, americanos, caribenhos e outros.

Ao Presidente do Brasil, Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, anfitrião desta II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, manifesto o meu reconhecimento pela sua decisão de acolher este fórum e pelas excelentes condições criadas para o seu pleno sucesso. Mais do que isso, quero reiterar-lhe o meu apreço pessoal pela sua política corajosa e humanista de combate às seqüelas encobertas da opressão e da subjugação.

Tenho que felicitar o governo brasileiro pela montagem e condução da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, em parceria com a União Africana, evento que pela suas potencialidades marcará um novo impulso das nossas relações, na promoção de uma fraternidade em rede, assim como de uma parceria dinâmica a favor do renascimento africano.

Uma palavra de apreço ao Ministro da Cultura do Brasil, Gilberto Gil, ao Ministro da Cultura do Senegal Mame Birame Diouf e a outras personalidades internacionais, cujo empenho e sentido de causa explicam em muito a grandeza deste encontro. E, por fim, uma referência de reconhecimento aos organizadores desta II Conferência.

Gostaria ainda de ressaltar a feliz coincidência de, neste ano 2006, completarem cinqüenta anos sobre a data histórica do I Congresso de Escritores e Artistas africanos. Estarão de acordo comigo que devemos expressar aos seus promotores o nosso mais profundo respeito e a nossa gratidão. Este é também o ano do centenário de Léopold Sedar Senghor, o poeta por excelência da negritude. A Senghor, o nosso imenso reconhecimento.

Minhas senhoras e meus senhores, amigos e amigas,

Falar aqui da Bahia, fachada Ocidental do Atlântico, tem para mim, cabo verdeano das ilhas, uma enorme carga histórica e emotiva, na medida em que, em muitos dos casos, a viagem sem regresso se fez, tendo o meu país de permeio, como escala obrigatória naqueles tempos.

Ao longo de séculos alguns milhões de africanos foram forçados a esta dramática travessia atlântica. Ninguém expressou com tanta propriedade como o poeta baiano Castro Alves a dimensão da desumanidade da escravatura, dizia assim em plena noite colonial escravocrata: "Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me vós Senhor Deus se é loucura, se é verdade, tanto horror perante o céu".

Essa travessia gerou, a sua maneira, novos rumos e irradiou os povos e culturas africanas por diversas partes do planeta. Assim a Diáspora africana se fez uma vasta, diversa e formidável realidade.

Hoje, lutamos pela liberdade, mas também pela igualdade de oportunidades para todos. As realidades das sociedades contemporâneas, resultantes de antigas sociedades escravocratas, continuam marcadas por desigualdades, discriminações e preconceitos, cuja superação exige atitudes de cidadania e políticas públicas progressistas ousadas e eficazes.

Esta plataforma constrói-se através do diálogo critico entre políticos, intelectuais, artistas e movimentos sociais. E se ontem a travessia se fazia sob o vaticínio, de tanto horror perante os céus, encontros desta magnitude e com estes propósitos constituem para a África e sua Diáspora um enorme campo de oportunidades e parcerias de cooperação e de desenvolvimento.

É preciso acreditar e continuar agindo. Somos chamados de a redescoberta recíproca e a desconstrução de mitos, idéias feitas e preconceitos reproduzidos ao longo dos tempos e bem assim ao combate ao afro pessimismo. Cremos na viabilidade e na utilidade do estreitamento de relações do Continente Africano com as diversas regiões que beneficiam da sua Diáspora são universais, iguais e indivisíveis.

Preocupamo-nos, igualmente, com o destino de outros povos. Assim, pensamos ser justo testemunhar desta tribuna, e em território sul-americano, a nossa solidariedade para com os povos ameríndios e reafirmar o seu direito ao pleno e efetivo gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais reconhecidos, aliás, na Carta da Organização dos Estados Americanos e na Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem.

Esta oportunidade nos move a abordar uma outra questão, que nos interessa e é portadora, a nosso ver, de riscos: as migrações atuais. Disse riscos, é certo. Estimo que o fenômeno migratório requer uma gestão adequada num quadro negocial multilateral. Algumas atitudes e reações verificadas até hoje fazem-nos temer que se chegam a situações de desumanização de uns, de um lado, e de sub-humanização de outros, de outro lado, em detrimento

da dignidade e da solidariedade humanas. Temos que estar atentos. Só apoiados num novo humanismo de reconhecimento do outro, fundado no diálogo, na tolerância, na solidariedade humana e na cooperação entre as diversas nações e culturas, podemos construir um futuro que valha a pena para todos.

Na Bahia, é de rigor e justiça lembrar o escritor e humanista Jorge Amado. Aliás, Jorge Amado através da sua vasta obra, influenciou profundamente as gerações de lutadores pela a independência de Angola, de Cabo Verde, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe. Deixo expressa a nossa homenagem muito sentida.

Estimadas amigas e caros amigos,

Em síntese, diria que estamos refazendo as viagens dos nossos antepassados, mas desta vez, trazendo e levando nos ventres de navios e aviões, a confiança, a solidariedade, a fraternidade, a cooperação econômica, científica e cultural e a partilha de riquezas e bem-estar. Muitos sucessos à II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. Muito obrigado.

Iba der Thiam – Moderador: Agradeço muito ao Senhor Presidente da República de Cabo Verde, por sua excelente contribuição. Sem demora, gostaria de passar a palavra para Sua Excelência o Senhor John Agyemkum Kufuor, Presidente da República de Gana. O próximo orador será Obiang Nguema, Presidente da República da Guiné Equatorial.

John Agyekum Kufuor – Presidente da República de Gana: Muito Obrigado. Sua Excelência Presidente Lula, Presidente do Brasil; Suas Excelências colegas Presidentes e Chefes de Governo; Sua Excelência Paulo Souto, Governador da Bahia; Sua Excelência Alpha Konare, Presidente da Comissão de União Africana; Sua Excelência o Prefeito de Salvador; Senhoras e Senhores. Em meu nome e de minha delegação apresento os cumprimentos fraternais do Governo e povo de Gana. Gostaria também de expressar nossa sincera gratidão a Sua Excelência Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a Sua Excelência Senhor Paulo Souto, Governador da Bahia, e aos organizadores desta importante Conferência pela calorosa acolhida e as gentilezas dispensadas a mim e a minha delegação desde que chegamos a esta histórica cidade de Salvador. Realmente não é surpresa que esta Conferência esteja se realizando neste país, ou mesmo em Salvador. Apesar de o Brasil ser parte do continente americano, abriga muitos descendentes africanos. A cidade de Salvador é um mosaico emocionante da cultura africana. Além disso, somos testemunhas das visitas que nosso gentil anfitrião, sua

Excelência Presidente Lula, tem feito a mais de dezessete países africanos, incluindo Gana, nos últimos três anos, e sua determinação de estender a mão ao povo africano para uma cooperação maior e mais estreita.

Sediar esta Conferência no Brasil, é mais uma demonstração de seu comprometimento em contribuir para o Renascimento do continente africano. O novo enfoque para a realização deste nobre objetivo, ao qual estou totalmente dedicado, é o de reconhecer a centralidade do indivíduo e todas as atuais iniciativas e Governos tanto nacionais como internacionais. É, na verdade, através da nova parceria para o desenvolvimento da África, de bons Governos, da democracia constitucional baseada na lei e no respeito aos direitos humanos que lançamos a pedra fundamental para o Renascimento do continente. Isto naturalmente estabelece a responsabilidade dos governos para com os governados. Embuti a moralidade nos Governos e rejeitar a impunidade. Isto também impõe a responsabilidade cidadã dos governados.

Portanto, solicito aos intelectuais que se unam em torno desses princípios, como o reconhecimento da centralidade e o bem-estar geral do ser humano como justificativa para todos os governos. Isto deve se estender às relações internacionais e à globalização. O reconhecimento deste princípio universalmente facilitará a evolução do mundo em um lar melhor para toda a humanidade independente de cor, raça, religião, sexo e status econômico. Para alcançarmos este objetivo, os intelectuais da África devem continuar trabalhando juntos com afinco para elevá-la ao positivo e desprovê-la da imagem negativa que boa parte do mundo continua a atribuir à África e ao povo de descendência africana. Senhoras e senhores, desde que obteve a independência do colonialismo em 1957, Gana tem sempre lutado para promover os direitos de todos os africanos, tanto na África como na Diáspora, através de diversas políticas, medidas e programas, por conta própria ou em conjunto com outras nações-irmãs africanas, e algumas vezes com organizações da sociedade civil na Diáspora. Como parte desta política, o Ministro do Turismo de Gana foi recentemente renomeado como Ministro do Turismo e das Relações com a Diáspora, de forma a demonstrar o total comprometimento do nosso país em desenvolver e fortalecer os laços com os povos de descendência africana e com a Diáspora.

Com o mesmo objetivo, meu Governo iniciou o que chamamos de Projetos José - em referência a José da Bíblia, que foi vendido como escravo por seus irmãos, mas que mais tarde tornou-se o vizir do faraó do Egito, em um dos maiores mitos do mundo. Os Projetos José visam reunir africanos na Diáspora

com aqueles da terra-mãe. No ano que vem, Gana celebrará o seu jubileu de ouro de independência como nação soberana. Os Projetos José serão lançados como parte das celebrações para dar aos povos de descendência africana, em todo o mundo, a oportunidade de ir ao encontro da terra-mãe e juntar-se às festivas celebrações de seus irmãos e irmãs que também conseguiram se libertar a cinqüenta anos do seio do colonialismo.

Neste sentido, senhoras e senhores, permita-me utilizar esta importante ocasião para estender meu sincero convite a todos que puderem comparecer a algumas das atividades programadas neste ano de celebrações. O ponto alto será o dia 6 de março de 2007 que é a data do aniversário. Gostaria, mais uma vez, de prestar minhas homenagens a Sua Excelência Presidente Lula e seu Governo pela sua amizade com a África, principalmente pelas diversas políticas que tem adotado para melhorar as condições de vida do povo de descendência africana no Brasil, inclusive a introdução dos estudos da História afro-brasileira nos currículos das escolas brasileiras. Este é um passo importante na promoção do entendimento e da cooperação entre brasileiros e africanos.

Para finalizar, gostaria de parabenizar os organizadores da Conferência pela sua iniciativa e por conseguirem organizar esta importante Conferência pela segunda vez. Porém, ao mesmo tempo em que os parabenizamos pelos seus esforços, devemos nos manter realistas em relação às expectativas, lembrando a todo momento que Roma não foi criada em apenas um dia e que a persistência e uma rede eficaz devem ser a base de sua grande iniciativa. Conclamo os participantes desta Conferência a suas deliberações. Salve a Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora. Obrigado e que Deus abençoe a todos.

Iba der Thiam – Moderador: Gostaria de agradecer em nome dos senhores, Sua Excelência o Presidente da República de Gana por esta excelente intervenção. Passo em seguida a palavra ao Senhor Presidente Obiang Nguema, Presidente da República da Guiné Equatorial. Após sua intervenção teremos as palavras do Presidente Abdoulaye Wade do Senegal.

Teodoro Obiang Nguema – Presidente da República da Guiné Equatorial: Sua Excelência Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República Federativa do Brasil, Suas Excelências Chefes de Estado e de Governo, Senhor Presidente da Comissão da União Africana, Distintas Autoridades do Estado da Bahia, Honrados Membros da Mesa, Ilustríssimos Senhores Representantes de Organizações Internacionais da África e das Américas,

Distintos Intelectuais da África e da Diáspora, Senhor Governador da Bahia, Senhor Prefeito de Salvador, Estimados Convidados, Senhoras e Senhores. A excelente iniciativa que permitiu a organização da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora nesta bela cidade no estado da Bahia, em terras americanas do Brasil, se soma às fortes e variadas razões de ordem histórica e cultural que justificam a imensa satisfação com a qual a República da Guiné Equatorial participa deste importante evento. Desta forma, agradeço sinceramente ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo cordial convite que me foi dirigido em nome da delegação que me acompanha e em nome do povo da Guiné Equatorial, de seu Governo, e em meu próprio nome. Solicitamos que transmita nossos sentimentos de profundo agradecimento ao povo e Governo brasileiros e às autoridades de Salvador pela acolhida e hospitalidade da qual somos objeto.

A Guiné Equatorial, junto com as outras nações do centro e oeste africanos banhadas pelo Atlântico, é um expoente privilegiado para aprofundarmos na questão que aqui nos reúne. Isto é, reconhecer a importância e a responsabilidade que assumimos diante dos nossos povos e da História em um diálogo construtivo para a Diáspora e para o Renascimento Africano. Após a I Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora que se realizou em Dacar, Senegal, em outubro de 2004, a contribuição do Brasil para este encontro confirma o que a Guiné Equatorial considera uma reconhecida valorização da importância que este país reserva para a consolidação dos laços que durante vários séculos unem o continente africano e a Diáspora, e que são os elementos que devem sustentar a cooperação e a solidariedade entre os povos de nossos Estados, partindo de suas raízes comuns.

Neste sentido, gostaríamos de destacar a antiga tradição do Brasil em seu compromisso de criar condições mais favoráveis ao Renascimento da África, entendido em seu sentido mais amplo, em termos políticos, econômicos e socioculturais, como base para uma transformação que preserve o essencial do conhecimento da identidade africana e sua conexão com outras culturas e civilizações no momento de definir sua personalidade no mundo. Isto é ainda mais necessário quando as reivindicações africanas de paz, de segurança, de estabilidade e de desenvolvimento democrático respeitoso de suas particularidades culturais e sociais não têm sempre recebido a devida consideração, em face das correntes de assimilação e do domínio de umas culturas sobre as outras que têm caracterizado o período de ocupação territorial de nossos Estados até suas independências e durante os anos que se seguiram

a estas independências, confirmando, assim, os esforços da União Africana, da UNESCO, e de várias organizações internacionais, regionais e sub-regionais do continente africano consagrados à busca de estratégias que reforcem a base de uma cooperação técnica e científica mais dinâmica e revitalizada entre os países da África e a Diáspora, para que esta colaboração transcenda e evolua no seio da comunidade internacional.

Suas Excelências, distintos convidados, senhoras e senhores, também gostaria de render um merecido tributo às destacadas personalidades africanas do mundo das ciências, da tecnologia e da cultura que deram, com seus esforços, um impulso significativo ao nosso empenho coletivo, e que através de diferentes enfoques e perspectivas de pesquisa abriram o caminho que, sem dúvida, nos conduzirá para atingirmos os grandes objetivos que perseguimos, entre estes o de converter nossa herança histórica e cultural comum em um instrumento que contribua para a paz, o progresso e a solidariedade entre nossos países. Na verdade, acreditamos que o Brasil é um país-irmão que reúne as condições socioculturais necessárias para organizar este evento porque, diferentemente das nefastas repercussões do colonialismo que impôs a substituição de culturas e outros valores em vários países africanos e da Diáspora, o Brasil soube transformar a herança africana em uma cultura síntese, hoje considerada como marco de referência da mestiçagem sem complexos, que foi capaz de converter-se na alma do grande Carnaval do Rio, uma das maiores manifestações culturais aclamadas no mundo inteiro.

Gostaria de ressaltar os vínculos particulares da Guiné Equatorial com o Brasil assinalando que vinte anos antes do descobrimento da América por Cristóvão Colombo, em 1942, outro navegador português chamado Fernando Pó esteve à frente da missão exploradora que descobriu a ilha da Guiné Equatorial e batizou-a com seu nome, que mais tarde, com nossa independência foi substituído por Santa Isabel, e se denomina hoje Malabo, nome de outro rei nativo. Esta ilha e a de Annobón, também descoberta por navegadores portugueses na mesma data, serviram à Espanha e à Portugal como bases de abastecimento de expedições em suas explorações pelo mundo todo em busca de novos assentamentos coloniais. Na raiz dos tratados de Santo Ildefonso e do Prado, entre 1761 e 1777, assinados pelo Rei Carlos III da Espanha e por D. Maria I de Portugal, este vínculo se estende quando o monarca espanhol cede à Portugal as posições da Ilha de Santa Catarina e da Colônia do Sacramento, ao sul do Brasil, em troca de enormes territórios

que pertenciam à Portugal no Golfo da Guiné, que abarcava desde o Rio Congo, com uma superfície territorial de 1.628.900 km^2.

Sabemos que muitos dos habitantes desta parte da África, que era então parte da Guiné Equatorial, imigraram para o Brasil e para as Américas por diferentes razões. Apenas para citar um dado, essas posições foram muito disputadas pelas potências coloniais devido à grande riqueza do subsolo e rios navegáveis como o Congo e o Níger para o fomento do comércio das metrópoles e do interior da África. Outro elemento a destacar é que a extensão territorial destas posições representava três vezes a superfície da própria Espanha e setenta vezes a extensão atual da Guiné Equatorial, em virtude da repartição da África por estas potências na Conferência de Berlim de 1884-85 e no Tratado de Paris entre França e Espanha em 1901.

Excelências, distintos membros da mesa, senhoras e senhores, como falei anteriormente no contexto dos complexos processos que nos impõe a globalização da cultura sem uma solução clara e definitiva que satisfaça as exigências do terceiro mundo em geral, e dos países do continente africano e da Diáspora em particular, queremos colocar sobre a mesa a questão crucial da identidade cultural de nossos povos por ser uma das preocupações mais urgentes da sociedade africana atual e da Diáspora após o impacto do colonialismo. O efeito negativo dessa situação percebe-se com clareza no setor da educação, importada durante a época colonial que evidentemente servia para fomentar o conhecimento de sua concepção greco-romana da beleza, do espaço da filosofia da arte, da História, entre outros, encolhendo totalmente as concepções africanas. O resultado é que os africanos acabam assimilando melhor a vida estrangeira que o que era, em princípio, sua própria vida, o que é um verdadeiro genocídio cultural.

A situação que leva a esta crise de valores é que, na atualidade, várias culturas africanas carecem de sentido próprio, apesar de estarem incorporando elementos técnicos e científicos das culturas de suas antigas potências coloniais. Quero deixar bem claro que não se trata de desdenhar os valores de outras culturas que podem enriquecer nossas culturas autóctones. A questão é que a busca da identidade cultural passa necessariamente por um reconhecimento que não deve ser colocado como um retorno as fontes do passado, mas a integração dos avanços técnicos e científicos modernos aos elementos essenciais herdados dos nossos antepassados. Neste sentido, preconizar o respeito pela tradição cultural não deve significar a reiteração das obras dos mais velhos, porque a verdadeira tradição cultural dos povos não é concebida

apenas pela repetição dos feitos do passado, mas trata-se de envolver seu espírito e atualizá-lo com uma nova contribuição que responda às exigências sociológicas, tecnológicas e científicas do momento histórico em que se vive.

Desta perspectiva e enfoque, as técnicas européias, e de outros mundos que se proclamam donos ou detentores da civilização universal, podem ser mais úteis aos povos africanos e da Diáspora sempre que as mesmas se limitem a influenciar os procedimentos que facilitem o enriquecimento da herança cultural própria e não impeçam o desenvolvimento harmônico dos valores da cultura ancestral. Sem dúvida, uma coisa é técnica como elemento neutro assimilável para desenvolver outra cultura, outra, completamente diferente, é a técnica camuflando os elementos estratégicos de tipos sociopolíticos e morais que obriga a substituição de valores da própria cultura para condicionar e impor novas formas de vida a outros povos com seus valores próprios como ocorre no continente africano e na Diáspora.

Nossa sugestão é de que, para conciliar esta situação, tomando como ponto de partida a seleção de elementos da tradição e do modernismo, é necessário eliminar, ou influenciar de forma positiva, assimilando apenas na medida em que o que influencia responda às necessidades do continente africano e da Diáspora de hoje como indivíduos pertencentes a uma comunidade de seus antepassados. Estamos convencidos de que, nesta era das grandes descobertas e de maior proximidade dos povos, a mestiçagem cultural se impõe como elemento de integração social. Neste contexto, seria necessário fazer uma avaliação objetiva das exigências que esta nova configuração social nos obriga, particularmente às nações da África e da Diáspora. Devemos reconhecer que, neste esforço, os intelectuais e artistas europeus e afro-americanos têm criado importantes movimentos de integração cultural para trazer respostas afirmativas a estas exigências, tais quais o cubismo e seus derivados; o jazz; a dança e a música afro-americanas atuais; a salsa cubana; o samba brasileiro; e outras criações surgidas nessa cultura de síntese. Do nosso ponto de vista, alcançar este objetivo a favor da identidade cultural e dos povos africanos e da Diáspora é um desafio que devemos assumir conscientemente para dar continuidade à tarefa desempenhada por nossos ancestrais. Aos africanos, em particular, cabe-nos o papel de atualizar e assumir com objetividade os conceitos tradicionais, de maneira que respondam às necessidades de transformação social de nosso tempo. Trata-se de um trabalho que devemos enfrentar em coordenação com os irmãos da Diáspora, aproveitando as experiências que lhes permitiram preservar a herança cultural

africana durante vários séculos apesar das conseqüências do colonialismo e da globalização.

Excelências, distintos convidados, senhoras e senhores, antes de concluir minha intervenção, gostaria de chamar a atenção deste fórum para a importância que outorgamos para a celebração do I Congresso Hispano-africano de Cultura que se realizou na cidade de Bata, Guiné Equatorial, em 1984. Participaram e trabalharam ativamente no mencionado encontro delegações dos países africanos e ibero-americanos e representantes da Espanha, França e Estados Unidos, assim como determinadas organizações internacionais como a UNESCO, a União Africana, o Instituto Afro-norte-americano, o Congresso Negro das Américas, o Centro Internacional da Civilização Bantu e outras organizações e entidades de cooperação cultural que definiram um conjunto de recomendações sobre a problemática da identidade cultural e outras questões.

Nas mensagens recebidas por ocasião do mencionado evento, sua Majestade o Rei Juan Carlos I da Espanha e vários Chefes de Estado africanos e da Ibero-américa avaliaram positivamente esta iniciativa da Guiné Equatorial que qualificaram de muito pertinente para definir as estratégias de cooperação entre o continente africano e as Américas em geral e, particularmente, entre a África e a Ibero-América. Partindo desta avaliação, aconselharam, pessoalmente, a conveniência de impulsionar um amplo movimento cultural orientado para promover a cooperação entre a África e a Ibero-América , por meio de uma zona franca entre afro-ibero-americanos na cidade de Bata que desempenharia o papel de centro de transferência de tecnologia dos países ibero-americanos para o continente africano. O lançamento deste importante projeto ficou a cargo de um importante e destacado intelectual colombiano, Doutor Manuel Zapata Olívia, em sua qualidade de Vice-Presidente do citado Congresso, o qual deveria, em seguimento a sua adoção, levar a implementação definitiva nos encontros posteriores previstos sucessivamente para Madri e Cartagena das Índias, com o propósito de tal projeto se transformar em uma Cúpula Afro-Ibero-Americana de Indústrias e Cultura dotada de uma secretaria permanente na cidade de Bata, no intento de promover o diálogo contínuo, a cooperação e uma maior proximidade entre a África e a Ibero-América, levando em conta a vocação e o grande interesse que tem a República da Guiné Equatorial em desempenhar o papel histórico que lhe designa a condição de ser a única nação falante do espanhol no continente e atualmente observadora na Organização dos Países de

Expressão Portuguesa. Com estas reflexões e votos de fortalecimento da colaboração entre a África e a Diáspora, desejamos pleno êxito às deliberações desta II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora sobre a Diáspora e o Renascimento Africano. Obrigado, muito obrigado.

Iba der Thiam – Moderador: Gostaria de em nome de todos agradecer a Sua Excelência o Senhor Presidente da República da Guiné Equatorial. Passo agora a palavra a Sua Excelência Abdoulaye Wabe, Presidente da República do Senegal. A oradora seguinte será a Senhora Portia Simpson-Miller, Primeira-Ministra da Jamaica.

Abdoulaye Wabe – Presidente do Senegal: República Federativa do Brasil, meus caros colegas Chefes de Estado, Senhora Primeira-Ministra, Senhoras e Senhores Ministros, gostaria, em algumas palavras, de contribuir para o tema desta Segunda Conferência de Intelectuais e da Cultura da África. Neste sentido, gostaria de esclarecer um ponto para evitar confusões. Ocorreu, realmente, uma primeira conferência em Dacar dos intelectuais e homens de cultura da África e da Diáspora, em 1993. Esses trabalhos, já publicados, são excelentes. No entanto, sua iniciativa foi do Senegal. A Conferência de 2004, foi, como esta, organizada pela União Africana. É por esta razão que falamos da II Conferência da União Africana de Intelectuais e Homens de Cultura da África e da Diáspora. Achei que deveria dar estas informações, mas precisamos incluir a primeira conferência em algum lugar, pois é necessário nos referirmos a ela pela importância dos temas tratados na época: o Estado da África no século XXI, o que será a África no século XXI e qual será seu lugar no mundo do século XXI. Foi uma conferência de antecipação da qual participaram historiadores, técnicos, engenheiros e economistas. Recomendo a leitura destes trabalhos que foram publicados em inglês e francês. Poderíamos, talvez, senhor Presidente da Comissão da União Africana, chamá-la de conferência preparatória para a Conferência de Intelectuais, para diferenciá-la das duas Conferências de 2004 e 2006.

Nossa Conferência ocorre em um momento oportuno e o tema submetido a nossas reflexões é extremamente pertinente. Em escala planetária, vivemos, na verdade, profundas limitações que certamente definirão os contornos geo-estratégicos do século XXI. Os Estados Unidos permanecem com seu status de superpotência, a União Européia cresce. Na Ásia, a China e a Índia avançam a grandes passos. A compra do grupo europeu de aço ARCELOR pela sociedade NN Metal STEEL demonstra o grau da força a vir. E todos acreditam que o Brasil será um dos quatro grandes de amanhã. Devemos,

portanto, nos unir na África. Nesta nova configuração geopolítica e econômica, os Estados africanos individualmente não terão nenhuma chance de sobreviver. A África, no todo, representa 1,7% do comércio mundial e menos de 1% dos investimentos mundiais. Mencionava recentemente na Cúpula da União Africana em Bandung, que os tempos não estão a nosso favor, mas contra nós. Temos pressa, não por temperamento, mas pelos acontecimentos. A salvaguarda do continente africano reside no aperfeiçoamento de sua unidade através dos Estados Unidos da África.

Felizmente, apesar das reticências e objeções, a questão de um governo continental não é mais um tabu. As discussões estão abertas e as circunstâncias não nos deixa alternativa que não a união, se quisermos sobreviver. Em janeiro próximo, a Conferência da União Africana deverá se pronunciar sobre o projeto dos Estados Unidos da África e as instituições do governo continental propostas pelo comitê de sete Chefes de Estado designados para tal fim. Em referência ao tema de nossa mesa redonda - a Diáspora e o Renascimento Africano: contribuições passadas e projetos atuais - acredito que a contribuição de vocês intelectuais será a de ajudar a identificar e defender nossas prioridades atuais, mostrando que o Renascimento do continente passa em primeiro lugar pelo aperfeiçoamento de sua unidade, de sua integração econômica e do estabelecimento de uma ligação formal com seu componente externo, a Diáspora.

Sobre este último ponto, Senegal propôs uma emenda fazendo da Diáspora a sexta região da África após as cinco regiões atuais que são a África Central, a África do Leste, a África Austral e Oceânica, a África do Norte e a África do Oeste. Dentro do espírito da proposta senegalesa, a Diáspora estaria representada no centro da organização. Infelizmente, a proposta, por ter sido apresentada cedo demais talvez, foi atenuada em uma emenda ao artigo terceiro do ato constitutivo da União Africana. Assim escrita, convida a encorajar a participação efetiva dos africanos da Diáspora como parte importante de nosso continente para a construção da União Africana. No entanto, é uma brecha que está aberta e nos cabe aprofundá-la com uma nova redação dos laços entre a África e sua Diáspora não mais em termos de vontade, mas por disposições positivas e aplicáveis. Não podemos esquecer que, em realidade, a Diáspora trouxe uma contribuição significativa para a libertação do continente e de seus povos. Posso, entre outros, citar os exemplos de Olode Ekuanu e de Gustavo, vassalo africano de origem nigeriana, líder da comunidade negra na Grã Bretanha do século XVIII que liderou uma

batalha ferrenha em favor da abolição da escravidão na Inglaterra, Escócia e Irlanda. Esta luta teve continuidade nos encontros históricos, como o Congresso de Manchester de 1941 e 1945, que trouxeram um forte golpe contra o colonialismo e favoreceram a divulgação das idéias panafricanistas retomadas e propagadas por uma parte da elite africana. O movimento em favor da integração africana foi conduzido por esta luta precursora.

Um outro aspecto extremamente importante foi a luta que os intelectuais africanos levaram adiante para defender a imagem dos marcos da África. Muitas vezes associa-se o continente aos conflitos permanentes e às situações de urgência humanitária divulgando em profusão uma imagem nas televisões que leva a pensar que todo o continente está à deriva. Esquece-se que a África é um conjunto de mais de cinqüenta e três Estados, e que gerenciamos bem os conflitos e fizemos muito progresso em direção à democracia. Entre esses conflitos, o Burundi, as Comores, a Guiné-Bissau, Serra Leoa, a Libéria, a República Democrática do Congo e hoje em dia deparamo-nos com os dolorosos problemas em Darfour no Sudão, mas, no total, não cabe publicar que estamos em um continente que foi dividido em pequenos Estados após a escravidão, balcanizados em pequenos Estados, sem a menor possibilidade de se sustentar. Combatemos uma batalha de titãs para reconstituir os pedaços e formar os Estados Unidos da África. Além disso, podemos acrescentar que na escala política, depois da adoção em 1989 da Declaração de Argel sobre a mudança anticonstitucional de Governos por regimes obtidos por golpe de estado, estes Governos são proibidos de serem membros da União Africana. Em complemento a esta declaração, estamos trabalhando por uma busca africana pela democracia, por eleições e pela governabilidade.

Na área da saúde, o sucesso do modelo de combate contra a pandemia da AIDS merecia ser mais divulgado. Desta forma, Uganda logrou estabilizar, reduzir a taxa de incidência que era relativamente alta. Neste contexto, o Senegal que tinha uma taxa de incidência muito baixa, cerca de 2%, conseguiu baixá-la para 0,7%. Na área da educação e da formação, para a qual consagramos no Senegal 40% do orçamento, os jovens africanos com as mesmas condições competitivas que seus equivalentes ocidentais apresentam sempre excelentes resultados. É por esta razão que optei, que aposto nos recursos humanos do Senegal. A África deveria apostar na sua juventude de amanhã, pois essa vencerá com certeza.

Senhoras e senhores, de um certo ponto de vista a África pode ser considerada como o continente da resistência por excelência. De fato, após

vários séculos de escravidão, de colonização e de pilhagem de seus recursos que continua até hoje com certos contratos leoninos de exploração do petróleo, por exemplo, continuamos de pé. Pergunto-me se existe um continente que tenha sobrevivido com tantas provações. Isto demonstra a solidez de nossa cultura. Portanto, o Renascimento Africano, chave de nosso destino e volta da Diáspora, deve ser baseado nesta perspectiva, e contribuir de diversas maneiras para o desenvolvimento de nosso continente que, por sua vez, deverá trazer sua contribuição para o desabrochar dos países da Diáspora, principalmente os mais pobres. Nem todos os países da Diáspora são eldorados, e o Presidente Lula disse muito bem ontem que é necessário trocas e gestos de solidariedade nos dois sentidos. Nada é definitivamente adquirido ou perdido antes da hora, tudo é conquistado. É, a partir de agora, que devemos travar a batalha, amanhã será tarde demais.

Gostaria de encerrar insistindo sobre a necessidade de assegurar o seguimento da Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora, a de Dacar e a de Salvador, Bahia. Devemos colocar em funcionamento mecanismos apropriados e eficazes. Nesse sentido, ponho vocês a trabalhar sobre três tarefas: formar um escritório da Conferência; estabelecer seu organograma e funcionamento; colocar em funcionamento a editora cuja idéia foi adotada em Dacar em 2004 para traduzir as obras nas línguas de nossas comunidades. O Senegal está disposto a fornecer o local de seu funcionamento. Sugerimos o lançamento de uma revista plurilíngüe intitulada "Resistência Africana", para que nossas crianças possam conhecer a longa batalha travada há quase quatro séculos pela população africana.

Sobre este assunto, poderíamos, como sugestão entre as várias que irão surgir entre vocês e que estamos prontos no Senegal a levar adiante, criar um site na Internet e solicitar que cada país da África e da Diáspora redija e envie um estudo sobre a resistência à escravidão nos dias de hoje. Com esses elementos, publicaríamos uma obra. Gostaria também de acrescentar que estamos erguendo no Senegal um monumento ao Renascimento Africano. Serão cerca de 154 metros, um museu da civilização negro-africana. Gostaria de lembrar que estamos organizando o Festival Mundial da Arte Negra em 2007, que será o seu festival e vocês devem organizá-lo com a União Africana e que, sem dúvida, será um grande sucesso. Permita-me também anunciar que espero, em outubro vindouro, visitar os países do Caribe para me encontrar não apenas com os Governos, mas também com intelectuais, homens de cultura e, ao mesmo tempo, com a juventude. Estarei acompanhado pelo

líder da Conferência dos Intelectuais e Homens de Cultura da África e da Diáspora para que possam conhecer melhor os países reunidos pelo nosso movimento. Não tenho dúvida de que serei bem recebido, pois estarei em casa.

Senhoras e senhores, como esta será minha última intervenção antes de partir amanhã de manhã, gostaria de encerrar agradecendo mais uma vez ao Presidente Lula, a quem passo agora o estandarte da Presidência da nossa Conferência, estando convencido de que continuará a ajudar à instituição com seus conselhos e seu apoio. Presidente Lula, prestei bastante atenção a suas palavras sobre a necessidade de uma ligação aérea imediata entre o Brasil e a África. Assim que voltar, enviarei uma delegação da nossa companhia área Air Senegal International, lembrando que Recife e Dacar estão separadas por apenas três horas e meia de vôo. O Brasil poderia estar ligado ao continente africano pela rota a Dacar e também à Europa, por esta porta do continente que é o Senegal, sua segunda pátria. Agradeço sua atenção.

Ibapar der Thiam – Moderador: Em nome de todos gostaria de agradecer a Sua Excelência o Presidente Abdoulaye Wabe pela sua excelente comunicação e passo agora a palavra a Senhora Portia Simpson-Miller, Primeira-Ministra da Jamaica. O orador seguinte será Ali Mohammed Shein, Vice-Presidente da República da Tanzânia.

Portia Simpson-Miller – Primeira-Ministra da Jamaica: Muito obrigada. Nosso Chefe de Estado anfitrião, Presidente Lula da Silva e Senhora primeira-dama do Brasil, gostaria de registrar a sua presença mais cedo na Conferência, Chefes de Estado, Governador do Estado da Bahia, Prefeito de Salvador, outros distintos participantes, distintos senhores e senhoras. Permita-me, em primeiro lugar, agradecer ao nosso presidente anfitrião, Lula da Silva, por ter possibilitado que tantos de nós da África e da Diáspora Africana tenhamos nos reunido aqui para compartilhar e trocar idéias e estratégias a medida que refletimos sobre nosso passado, presente e traçamos nossa rota para o futuro. Estou pessoalmente honrada por ter sido convidada pelo Presidente Lula para comparecer a esta segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. Estou igualmente honrada de ter esta oportunidade de dirigir-me a tão augusto público. Enquanto sentava aqui, as palavras cantadas por Bob Marley sobre a Diáspora me vieram a mente. E é com grande alegria que trago ao povo do Brasil nossas saudações muito especiais e estas palavras para os descendentes de escravos que aqui se estabeleceram:

> Velhos piratas, sim eles me roubaram / Venderam-me para os navios mercantes / Minutos após terem me tirado do porão / Mas minhas mãos foram fortalecidas / Pela mão do Todo-Poderoso / Avançamos nesta geração / Triunfantemente / Venha me ajudar a cantar / Estas canções de liberdade / Canções de redenção.

Bob Marley se inspirou em outro grande jamaicano. Quando menciono o nome de Marcus Moziah Garvey todo mundo aqui imediatamente lembrará do proeminente filósofo e organizador político panafricanista. Tenho orgulho em dizer que Garvey era jamaicano, e um de seus mais ilustres filhos. Sua influência nos esforços de libertação da África e na busca pelo Renascimento Africano não pode ser exagerada. Marcus Moziah Garvey foi a maior inspiração do movimento de libertação africano. Suas famosas palavras: "África para os africanos, dentro e fora do continente" tornou-se lema de muitos que lutavam pela volta e reafirmação da visão do mundo africano em um mundo que obstinadamente conspirava para desprezar e reprimir o que era africano. Garvey utilizou os transportes marítimos Estrela Negra que foi o símbolo da esperança dos africanos transplantados em reunir-se com a terra-mãe e dela nunca se separar. Sua missão era de não só ver a libertação da África do colonialismo, mas de ver os africanos na Diáspora retomarem sua rica e gloriosa herança de sua terra natal. O grito negro, a dignidade negra e o poder do negro foram temas cruciais para Garvey e sua influência sobre o movimento africano de independência é indiscutível.

Senhoras e senhores, no histórico e fundamental 5° Congresso Pan-africano realizado em Manchester, na Inglaterra, em 1945, onde os futuros líderes dos primeiros Estados independentes se reuniram, Garvey foi o mais citado. Suas idéias foram catalíticas para as mentes dos principais articuladores do Congresso. Quão privilegiados somos de termos hoje aqui conosco um homem que desempenhou um papel importante no Congresso e que mais tarde recebeu seu lugar nos livros de História como o brilhante e erudito advogado que defendeu Jomo Kenyatta. Estou me referindo, senhoras e senhores, a outro jamaicano, o excelentíssimo Dudley Thompson, um dos mais distinguidos panafricanistas e antigo Embaixador da Jamaica em diversos países africanos. Cito também Incumo Kenyatta, George Padmore, C.L.R. James, Julius Nyerre, todos verdadeiras inspirações de Garvey, que insistiram com seus programas para a Independência e Libertação da África.

A visão de Garvey de uma África e sua Diáspora unidas em um ponto-de-vista do mundo continua a inspirar estudiosos e intelectuais contemporâneos. Nosso pequeno país, a Jamaica, tem desempenhado um papel importante no movimento de Renascimento Africano e tem sido crucial na Diáspora em fazer avançar gradualmente o sentido de identidade cultural africana. Quando os povos de origem Africana eram vistos como menos que seres humanos, como não merecedores de independência, sem história ou cultura, quando acreditava-se que serviam apenas para serem subjugados e dominados, nobres selvagens no máximo, foi Garvey que nos enxergou como uma grande e poderosa família, um povo de realeza, um povo com uma rica História e cultura, um povo com um glorioso passado e um futuro brilhante. Foi Garvey que nos incitou a levantarmos e lutarmos, sim, mesmo com tudo que conquistamos, ainda haviam pessoas que duvidavam de nossas habilidades.

Foi Garvey que nos recordou que ficar para trás na veia da civilização não provava nossas habilidades superiores, ser subserviente ao capricho e a vontade dos povos progressivos não iria provar nada superior em nós, satisfazermo-nos em beber do copo envenenado do progresso humano não demonstraria nossa aptidão como povo. O que Garvey deu ao mundo em termos de cultura filosófica e idéias políticas, outro jamaicano permeou a consciência das massas através da música. O insuperável gênio do reggae Robert Nesta Marley, ou como é mais comumente conhecido Bob Marley, inspirou-se em Garvey. Ele traduziu as idéias e filosofias de Garvey nas raízes do idioma musical que é o reggae, e as exportou para todo o mundo. Através de sua música, Marley fez lobby pela total libertação da África. Sua mensagem foi ao mesmo tempo fascinante e eletrizante, ecoando as palavras de outro antigo imperador africano, Haile Selassie, sua famosa canção dizia:

> Até que a filosofia / Que torna uma raça superior e a outra inferior / Seja finalmente e permanentemente / desacreditada e abandonada / Haverá Guerra por toda parte.
> E até esse dia / O continente africano não conhecerá a paz / Nós africanos lutaremos / Acharemos necessário / E conheceremos a vitória /Estamos confiantes / Na vitória do bem contra o mal.

Marley chegou a receber a mais impressionante aclamação na História da música pop pela sua única canção de amor sendo votada a canção do

último século e do Milênio. Porém, não é apenas em ensinamentos filosóficos, lideranças políticas e música que o povo jamaicano tem se identificado com as lutas de seus irmãos e irmãs africanos. Recordo ao povo de descendência africana no Brasil que ao falar-lhes aqui hoje, falo de sua própria descendência sangüínea, pois há muitos anos atrás, enquanto três irmãs brincavam no rio, duas foram capturadas e vendidas como escravas. Dos quatro irmãos que estavam caçando, dois foram capturados e dois fugiram. Um foi levado ao Brasil e o outro para a Jamaica. Um irmão foi meu tataravô o outro o seu tataravô. Podemos estar separados pela distância e pela língua, mas estamos unidos por sangue, pela História e pela cultura comum.

Em relação à Jamaica, gostaria de lembrá-los que foi o primeiro país deste hemisfério a impor sanções comerciais à África do Sul em 1950. Em 1970, um de nossos primeiros-ministros, meu mentor, o falecido Michael Manley, foi um famoso líder do movimento não-aliado. Ele incessantemente fez campanha contra o apartheid e pela libertação do Sul da África como um todo. O papel que Michael Manley e seu Ministro das Relações Exteriores, Dudley Thompson, desempenharam fomentando a unidade africana e construindo as relações entre a África e a Diáspora e o Caribe foi enorme. Ainda tivemos um outro Ministro das Relações Exteriores jamaicano que veio a desempenhar um papel significativo na divulgação dos interesses da África. Refiro-me ao meu ilustre predecessor, o excelentíssimo P. J. Patterson. Como Chanceler, P.J. Patterson destacou-se como um brilhante e hábil negociador, e foi a sua liderança que levou ao primeiro acordo legal entre as Nações Africanas e Pacíficas do ACP.

Relato tudo isso, senhoras e senhores, membros do painel, para enfatizar que para nós, na Jamaica, os laços com a terra-mãe têm sido fortes e duradouros. Nossa ligação com nossos antepassados não pode jamais ser posta em dúvida. Embora, hoje, a luta pela independência tenha sido conquistada em quase toda parte, a busca pela libertação econômica da África continua. Uma de nossas principais responsabilidades, distintas senhoras e senhores da Diáspora Africana, é utilizar toda a nossa influência e poder para assegurar que a África não seja ainda mais vitimizada pelos sistemas políticos e econômicos globais injustos e para levantar nossas vozes coletivas contra a marginalização da África e contra as práticas comerciais e econômicas desiguais que impede o crescimento de nossos irmãos e irmãs.

Senhoras e senhores, nós, como africanos da Diáspora, precisamos utilizar todos os meios, todos os mecanismos, todas as oportunidades

para transmitir às potências globais existentes e às instituições multilaterais que os povos africanos estão sofrendo gravemente como conseqüência dos atuais acordos comerciais e econômicos. Vou mencionar apenas alguns aspectos da gravidade do problema. Aproximadamente 1/6 da população subsaariana da África - mais de 100 milhões de homens, mulheres e crianças - são cronicamente pobres. Cerca de 1 em cada 6 crianças africanas morrem antes de atingir seu 5° aniversário e 2/3 de tais mortes poderiam ser evitadas por tratamentos locais que incluem vitaminas e suplementos, ou hidratação e inseticidas para combater a malária. Poderia, ainda, usar o exemplo de que 1/10 das doenças sofridas pelas crianças africanas são causadas por vermes que afetam 200 milhões e que poderia ser tratado com 25 centavos de dólar por criança. Ao mesmo tempo, cada vaca na Europa recebe quase 2 dólares por dia de subsídios, o que é o dobro da renda média na África.

A comissão para a África, de Tony Blair, explicitou ao dizer: "Os contrastes entre as vidas daqueles que vivem nos países ricos e das pessoas pobres da África é o grande escândalo da nossa era." Há um tsunami todo mês na África, mas sua onda mortal de doença e fome espalha-se silenciosamente pelo continente. Isto não é dramático e raramente é notícia de televisão. Suas vítimas morrem silenciosamente fora de vista, escondidas em casas deploráveis, mas morrem na mesma proporção. Nós na Diáspora devemos estar sinceramente preocupados. Devemos utilizar todos os nossos músculos políticos e diplomáticos disponíveis para deixar bem claro que este tipo de holocausto moderno é absolutamente inaceitável.

Aproveito para parabenizar os líderes da África pelo seu trabalho, por trabalhar com ardor para ajudar o seu povo. Gostaria de agradecer àqueles países na África que ajudam os que precisam. Gostaria, senhoras e senhores, de parabenizar o Presidente do Senegal, e juntar-me a ele em suas preocupações sobre a pandemia do HIV-AIDS. Acredito que todos nós deveríamos trabalhar juntos para apoiarmos a terra-mãe. O ano passado foi declarado o ano da África, vimos pessoas notáveis virem à frente identificando-se com o continente, mas somos nós africanos e descendentes africanos no continente e na Diáspora que devemos estar a frente da luta pela libertação da África. Precisamos empreender uma ação política e diplomática intensa para que todos os anos sejam o ano da África até que a África esteja consciente do seu verdadeiro e completo potencial. Somos um povo de esperança, otimismo e fé.

Senhor Presidente, sobrevivemos aos horrores da escravidão transatlântica, ao desenraizamento da terra-mãe; sobrevivemos à subjugação da pilhagem colonial; sobrevivemos à indignidade e ao trauma da escravidão; sobrevivemos aos golpes à nossa auto-estima, até mesmo, à nossa própria humanidade. Não somos apenas sobreviventes. Hoje, filhos e filhas de escravos, somos conquistadores. Portanto, senhoras e senhores, não é nenhuma coincidência que o Brasil esteja sediando esta Conferência, há muita relevância e significação nela estar sendo realizada em Salvador, a maior e mais significativa das comunidades da Diáspora Africana no Brasil e uma das mais importantes cidades do lindo país que é o Brasil. Brasil é também um emergente negociador mundial e um país que continua a desempenhar um papel central nas relações internacionais, nas negociações mundiais, assim como, na construção da paz e segurança mundial. A África pode também beneficiar-se dos avanços significativos obtidos pelo Brasil na área de tratamento e pesquisa da AIDS.

Gostaria de aproveitar para parabenizar o Presidente Lula. Senhor Presidente, pode não ser do seu conhecimento que muitos de nós na Jamaica, a maioria que lê sobre sua pessoa e a História, somos seus admiradores, e gostaria de aproveitar para convidá-lo a visitar o Caribe e, em particular, a bela Jamaica. Quando vier, por favor, traga a senhora primeira-dama. Vamos formar parcerias, senhoras e senhores, com o Brasil, com a África e com a Diáspora Africana para livrarmos-nos das tristezas do passado. Que vislumbremos, agora, nossas conquistas para um verdadeiro Renascimento Africano. Gostaria de encerrar com as palavras do homem do qual falei antes, do herói nacional da Jamaica, Marcus Moziah Garvey, que disse:

> "Sim, reconhecemos as tristezas do passado, e vamos trabalhar no presente, para que as tristezas da nossa geração não sejam perpetuadas no futuro. Não há melhor presente que posso dar em homenagem a memória do amor de meus pais por mim e de seus sofrimentos para assegurar que eu fosse livre. Não há maior presente que eu possa oferecer para a memória sagrada das gerações passadas que uma África livre e redimida – um monumento para toda a eternidade, para todos os tempos."

Quanto a mim, por causa de nosso passado abençoado, por causa da História, sei que, enquanto existir em mim vida e o espírito de Deus, continuarei

lutando e incitando outros da nossa raça a lutar para que a justiça seja feita aos povos negros do mundo. Obrigada, Senhor Presidente Lula por ter permitido minha participação. Muito obrigada, Senhor Presidente da Conferência, por me receber aqui neste lindo Brasil. Obrigada, que Deus abençoe a todos.

Iba der Thiam – Moderador: Gostaria de agradecer calorosamente em nome de todos à Senhora Portia Simpsom-Miller, Primeira-Ministra da Jamaica. Passo no momento a palavra para Sua Excelência Ali Mohammed Shein, Vice-Presidente da República da Tanzânia. O próximo orador será o Presidente da Comissão da União Africana, sua Excelência o senhor Alpha Oumar Konare.

Ali Mohammed Shein – Vice-Presidente da Tanzânia: Sua Excelência Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil, Suas Excelências Chefes de Estado e de Governo, Ilustre Ministros, Presidente da Comissão da União Africana, Governador do Estado da Bahia, Prefeito da cidade de Salvador, Membros do Corpo Diplomático, Distintos Delegados, Senhoras e Senhores. Estou honrado por ter o privilégio de comparecer a esta importante reunião e de identificar-me com ideais e visões. Aproveito a oportunidade para apresentar os cumprimentos de meu Governo e do povo da República Unida da Tanzânia. Sua Excelência o Presidente Jakaya Mrisho Kikwete envia suas saudações à Vossa Excelência e ao povo do Brasil, assim como, seus votos de sucesso para este encontro. O Brasil é um lugar muito apropriado para esta importante Conferência já que possui antigos laços com a África. É do conhecimento de todos que o Brasil possui uma das maiores concentrações de pessoas com raízes, cultura, etc., africanas.

Muitas pessoas na Tanzânia conhecem o Brasil sob diversos aspectos, incluindo os talentos do futebol. Minha delegação, portanto, se sente em casa neste grande país. Gostaria de expressar em nome de minha delegação, e em meu próprio, nossa profunda gratidão pela acolhida calorosa e a hospitalidade dispensada para conosco desde que chegamos aqui, especialmente nesta linda cidade de Salvador. Somos gratos também pela organização dessa Conferência, não temos outra palavra a dizer a não ser em nossa língua, o suaíli, Assantasana, o que quer dizer muito obrigado, ou devo dizer "muito obrigado!" [em português]. Excelências, acredito que meus intelectuais da África conhecem a contribuição que o falecido Mwalimu Julius K. Nyerere, o primeiro Presidente da República Unida da Tanzânia, trouxe

para o panafricanismo, para a libertação da África e para a necessidade de unidade e união na África.

As minhas breves observações tentarão apenas fazer uma ligação entre os ideais desta Conferência e o papel desempenhado por Mwalimu Julius K. Nyerere e outros intelectuais da África e da Diáspora. Ao vislumbrarmos o Renascimento Africano com o envolvimento de nossos irmãos e irmãs da Diáspora, os intelectuais da África devem revisitar alguns dos ideais que outros intelectuais, incluindo Mwalimu Julius K. Nyerere; Kwame Nkrumah, antigo Presidente de Gana já falecido; Nelson Mandela, atual Presidente da África do Sul; entre outros, já apontaram para a África e a Diáspora e, portanto, aprender a evitar algumas das armadilhas suplantadas por líderes passados. Excelências, senhoras e senhores, a África e a Diáspora desempenham um papel importante na independência da África e na sua unidade e união ulterior. Não precisa ser dito que o panafricanismo trouxe as ferramentas que resultaram no nacionalismo que conhecemos. O panafricanismo precedeu o nacionalismo por quase meio século e seus fundadores eram afro-americanos, a Diáspora Africana cuja única identidade era considerada africana, jamais tanzâniana, nigeriana, congolesa ou outra.

Os primeiros sinais dos movimentos de independência dados pelo falecido Kwame Nkrumah e Jomo Kenyatta estavam embutidos no movimento panafricanista concebido, organizado e propagado por grandes intelectuais da Diáspora como George Padmore, W.E.B. Dubois, C. Gems, e outros. Esses intelectuais inovaram ao verem a África como um todo, que não deveríamos ver como pequenas unidades territoriais. Acredito que queriam que pensássemos, em termos territoriais, como um todo e não fragmentada. A Tanzânia gostaria, portanto, de incitar os intelectuais tanto da África como da Diáspora a contemplar a África como um todo e não em unidades individuais. Apesar das atuais restrições das fronteiras internacionais, devemos reconhecer que a África e os interesses africanos são, afinal, um só. Permita-me ressaltar, também, que algumas das contribuições de Mwalimu Julius K. Nyerere são expoentes sinceros da união e da unidade africanas dos ideais dos seus discursos e escritos e objetivos desta conferência.

Excelências, senhoras e senhores, os intelectuais da África e da Diáspora devem construir a partir do que foi iniciado com os líderes panafricanistas e atingirem uma unidade africana que vá além dessas meras palavras. Os líderes panafricanistas queriam que a África traduzisse ideais em realidade política de fato. Devo mencionar que o falecido Kwame Nkrumah e seus líderes da

África do Leste deram ao idealismo panafricanismo alguma realidade política formal. Eles tomaram a corajosa decisão de unir seus Estados independentes da Tanganica e Zanzibar em 1964 o que levou ao nascimento da República da Tanzânia de hoje. A união desses dois países não tinha a intenção de representar o fim do sonho da União Africana. A República Unida da Tanzânia deve ser considerada como um dos primeiros pilares na construção da unidade e união africana ulterior.

A proposta de transformar a comunidade africana em uma federação, na qual a Tanzânia seria um país-membro, é um outro exemplo dos atuais esforços de se obter o nobre sonho da União Africana. Gostaria de assegurar a este augusto público que a união de Tanganica e de Zanzibar é um exemplo de que é possível a inclusão da África e da Diáspora. Nossos intelectuais devem nos ajudar a aproveitar ao máximo do que aproxima a África e a Diáspora. A África estava unida no combate ao colonialismo. Ela se uniu na adversidade e na luta contra uma subjugação colonial comum. A África do Sul compartilha agora da nossa situação. A África, desta forma, concluiu sua batalha colonial. A batalha contra o colonialismo deve ser seguida por um igual triunfo contra as forças do neo-imperialismo e contra a pobreza, a ignorância e as doenças. Será através da superação destas forças que a União Africana será fortalecida, estabelecida e igualitariamente mantida. O apelo aos intelectuais é para que eles nos ajudem a enfrentar esta batalha e avancemos além dos nossos esforços de independência.

Senhores Presidentes, senhoras e senhores, acredito que ao aceitarmos as idéias desta Conferência qualificamo-nos como intelectuais da África e da Diáspora. Mwalimu Julius K. Nyerere, Kwame Nkrumah, Nelson Mandela, Jomo Kenyatta e outros que são intelectuais pelo seu próprio mérito são visionários que deixaram de lado seus medos e ódios. Seus pensamentos valem para hoje como para o final da década de sessenta. Os intelectuais do nosso tempo deveriam retomar as contribuições feitas pelos intelectuais dos dias do panafricanismo e relacioná-las as nossas atuais preocupações. Devemos lembrar que nosso foco como intelectuais da Diáspora deve permanecer na África em si.

Nossa unidade continuará a ser elusiva se continuarmos confinados às entidades artificialmente criadas, como, por exemplo, restritos pelas fronteiras coloniais. Como podemos relembrar, os Estados africanos obtiveram sua independência apesar da oposição de alguns intelectuais da África e da Diáspora. Precisamos ficar atentos aos perigos que nos afastam da unidade

africana, entre eles as tentações de nação soberana e aqueles que encontram sua força na fraqueza das nações pequenas. Temos agora mais de cinqüenta Estados africanos, nossos intelectuais têm o dever de estudar e refletir e nos fornecer idéias em como nossa unidade de oposição ao colonialismo e neocolonialismo pode ser hoje uma unidade de construção da África e da Diáspora.

Obrigado, Excelências, senhoras e senhores. Gostaria de concluir minhas breves palavras levantando cinco questões visionárias que podem necessitar de idéias e opiniões de nossos intelectuais. Como deveria a África, como um todo, lidar com a globalização de forma que traga vantagens para a África? Precisamos globalizar o desenvolvimento da África através da obtenção de uma maior integração das economias, das organizações sociais e culturais africanas em capital africano nos mercados. Como deveriam as economias africanas lidar com as necessidades e exigências da África e da Diáspora? Como poderia a África reviver e interligar os processos internos de especialização e divisão do trabalho com interdependência mútua na África? Como os Estados africanos independentes podem assegurar que as atuais fronteiras sejam meras unidades administrativas dentro do todo da África reunida com o objetivo de construir o africanismo e se afastar dos nacionalismos territoriais? Ao trabalhar para a união, como estar aberta a outras iniciativas?

Senhoras e senhores, gostaria de homenagear aqui sua Excelência o Presidente Lula da Silva pelos seus esforços contínuos e sua crescente cooperação entre a Diáspora e os países africanos. Desejo a todos sucesso nas suas deliberações nesta importante Conferência, e agradeço sua atenção.

Iba der Thiam – Moderador: Agradeço muito ao Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República da Tanzânia pela sua intervenção particularmente brilhante e passo agora a palavra ao Presidente da União Africana, Sua Excelência Alpha Oumar Konare. O Próximo orador será o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Alpha Oumar Konare – Presidente da Comissão da União Africana: Senhor Presidente, não tenho, na verdade, uma nova declaração a fazer, mas gostaria, em realidade, de fazer um apelo, relembrar uma coisa que já está em andamento e que o Presidente Wade fez muito bem em lembrar quando falou do Renascimento Africano e que já falamos aqui em relação a Diáspora e que é a questão essencial que devemos definir. Qual será o projeto político na África? Acredito que se não definirmos esta questão, permaneceremos

em um combate demasiadamente intelectual, e as realidades na qual não podemos mais viver não mudarão. Quando falamos em qual projeto político devemos utilizar na África, para mim a questão é clara, com a ajuda da experiência, nossa tarefa hoje é a de assegurar a promoção de uma verdadeira cidadania africana, concêntrica mesmo sobre as outras cidadanias.

Trata-se hoje de afirmar claramente uma só nação, a Nação Africana, em razão das dificuldades enfrentadas pelos estados-nações, em razão do fato de que os micros nacionalismos de hoje não nos levam a lugar nenhum, principalmente esses pseudonacionalismos regionais que aparecem hoje. Devemos apenas afirmar um nacionalismo panafricanista, por uma nação africana. Acredito, também, que de uma forma bem clara, sem ambigüidades, devemos afirmar hoje que a necessidade da África passa indiscutivelmente pelos Estados Unidos da África. Isto não quer dizer que de hoje para amanhã vamos criá-lo pela sua lenda, é aí que fazemos confusão, como se amanhã de manhã a estratégia pudesse iniciar, precisamos definir primeiro as suas bases.

Precisamos admitir hoje que, em relação ao problema de integração africana, a simples e lógica cooperação intergovernamentais fracassou e ela não nos permitirá jamais que resolvamos o verdadeiro problema. Portanto, a questão é: qual é o projeto político para a África? A questão levantada pelo Presidente Wabe também é importante: Qual será a ligação formal entre a outra África e o continente? A idéia de uma sexta região está avançada. Há outras idéias, mas esta idéia é fundamental e precisa ter uma resposta. A contribuição dos intelectuais é de ajudar a colocar em perspectiva as práticas a serem seguidas, será um debate teórico, sereno. Este debate tem uma regra: a identidade africana, a consciência histórica que perdemos e sem a qual não podemos fundamentar nada durável. Temos consciência panafricanista a promover. Temos problemas de cultura e língua africana, sobretudo neste ano de 2006 em que acabamos de lançar a Academia Africana de Línguas e que consagramos como o ano da língua africana, qual é o lugar da cultura e das línguas hoje no desenvolvimento do nosso continente. São essas as questões que os intelectuais devem discutir com seriedade.

Nós tentamos, na chefia da Comissão da União Africana, trazer respostas, mas adquirimos a absoluta convicção de que enquanto não tivermos uma consciência intelectual, enquanto não houver uma mobilização popular, as lideranças não poderão levar adiante outras iniciativas como a criação de uma fundação para os Estados Unidos da África, a criação de uma universidade dos Estados Unidos da África, e o projeto que segue bloqueado, a Conferência

dos Povos da África, pois uma coisa é a Conferência dos Estados Africanos e outra a Conferência dos Povos da África. A Conferência dos Estados da África deslanchou na OUA, mas a Conferência dos Povos da África não foi adiante. Portanto, apoiamos fortemente, hoje, as iniciativas pela criação de uma fundação dos Estados Unidos da África, de uma Universidade dos Estados Unidos da África e também pelo reativamento da Conferência dos Povos da África, e, evidentemente, outras iniciativas que possam levar a federalização ao serviço do panafricanismo que é o único objetivo. Para encerrar, falamos aqui de um forte valor que é a solidariedade. Devemos todos, ao longo do debate e das ações que empreenderemos, reconhecer que o valor mais importante para nós, hoje, deve ser a solidariedade. Ela deve ser total e integral entre nós. Porém, ela não pode ser exclusiva, e ela nunca o foi para nós. É por esta razão que em relação às pessoas que sofrem hoje não podemos deixar de oferecer nossa total solidariedade, em particular ao povo da Holanda que foram vítimas, como vocês sabem, de um monstruoso atentado. É normal que hoje aqui reunidos nossos pensamentos estejam com eles.

Senhor Presidente Wade e senhor Presidente Lula, tenho certeza que vocês nos ajudarão a evitar os passos em falso, e que vocês jamais aceitarão que façamos um golpe de estado. Porém, estou certo de que ao fim desta sessão vocês compreenderão que temos que permanecer sob a vossa liderança Presidente Wade, e sob a vossa Presidente Lula, mas que a Presidência efetiva da reunião dos intelectuais ficará a cargo de dois co-Presidentes, Gilberto Gil e a Senhora Ginwala para conduzir os debates sob suas bençõe e seus apoios totais. Muito obrigado.

Iba der Thiam – Moderador: Agradeço ao senhor Presidente da União Africana. Gostaria a seguir de passar a palavra a Sua Excelência Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República do Brasil.

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva: Senhores Presidentes, Senhora Primeira Ministra, Senhoras e senhores participantes da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora,

Eu não poderia começar as minhas palavras sem agradecer a presença de todos vocês aqui, sobretudo, a presença dos Presidentes que aceitaram o nosso convite, e a paciência de todos vocês no Plenário, porque com o meu já será o décimo quinto discurso que vocês ouvirão antes do almoço. Um conjunto de intelectuais e de autoridades que têm essa extraordinária paciência, certamente, terá possibilidades de enfrentar tantos outros problemas que

teremos pela frente. Eu queria pedir desculpas ao meu intérprete que deve estar com o meu discurso por escrito, mas ele será uma repetição daquilo que foi dito aqui e eu gostaria de dizer algumas palavras muito mais do sentimento que tenho, um pouco do coração e um pouco da razão.

Eu tomei posse na Presidência do Brasil no dia primeiro de janeiro de 2003 e tomei a decisão que o Brasil precisaria fazer uma inflexão na sua política internacional; o Brasil precisaria ter os olhos para a América do Sul e América Latina e ao mesmo tempo ter outro olho para o Continente Africano.

No início parecia absurdo porque estavam acostumados, aqui no meu País, a uma política prioritária e quase única de relação com os Estados Unidos e com a União Européia e eu mesmo tinha uma experiência quando Dirigente Sindical; eu nunca tinha sido convidado para um debate na América do Sul e nunca tinha sido convidado para um debate no Continente Africano, entretanto, dezenas de vezes fui convidado ir à Europa e dezenas de vezes convidado ao Estados Unidos, e eu percebi que quem determinava a relação não era o país colonizado, era o colonizador. Embora tivéssemos deixado de ser colônia; embora tivéssemos conquistado a nossa independência do ponto de vista econômico e financeiro, do ponto de vista cultural e do ponto de vista comercial, havia uma certa subordinação.

Passado três anos eu visitei dezessete países africanos, todos da América do Sul e recebi no Brasil quinze presidentes de países africanos; com a presença de vocês aqui chegamos a vinte e dois países. Visitei sete países do Oriente Médio; China e Índia, sem menosprezar a importância da nossa relação com os Estados Unidos e sem menosprezar a nossa relação com a União Européia. Apenas estabelecendo uma tese que era preciso mudar a geografia política e comercial no mundo. A geografia do mundo não poderia continuar dependendo dos mesmos que a dominaram no século XX; era preciso uma nova esperança no século XXI.

Lembro de quanto fomos criticados. Não faltaram editoriais, não faltou articulista criticando a opção equivocada do Brasil por um continente que não tinha muito que oferecer, porque na cabeça de alguns a relação é quase que mecânica, do ponto de vista dos interesses econômicos e a nossa relação tem que ter um componente chamado solidariedade, chamado parceria e chamado até de gratidão porque a África tem muito a ver com o que nós somos; muito. O jeito de o brasileiro ser é a mistura mais extraordinária que a raça humana produziu; é uma mistura de negros, de índios e de europeus, e que permitiu que nos transformássemos num povo miscigenado, num povo

alegre, num povo amigo e vocês sentirão isso aqui, na cidade de Salvador que é a cara mais negra de todas as cidades brasileiras e de todos os estados brasileiros.

O que aconteceu nesses quatro anos? A relação comercial entre Brasil e países africanos hoje significa doze bilhões e meio de dólares. A relação com a América do Sul e América Latina é maior que a relação com os Estados Unidos e com a União Européia. Numa demonstração de que o oceano atlântico não pode ser um obstáculo para nós no século XXI, quanto ele não foi para os colonizadores no século XVIII, nó século XVII e no século XVI. Os portugueses saiam de Lisboa e iam para as Índias dando a volta no Continente Africano. Os Franceses ocuparam países da África; os Ingleses ocuparam países da África e tudo porque o oceano atlântico era o que facilitava a chegada dos colonizadores. Nós, no século XXI, e essa é uma contribuição extraordinária que os intelectuais podem dar: precisamos pensar o que nós queremos para o Continente Africano; o que nós queremos de integração para os países do Sul, para os países do terceiro mundo no século XXI, nos próximos trinta anos ou nos próximos vinte anos. Não existe saída voluntarista. Não existe. O voluntarismo resolve um problema de uma assembléia, mas não resolve o problema de uma relação entre os estados; não resolve o problema do atraso secular a que fomos submetidos. Daí, aumentar a nossa responsabilidade, saber que passos poderemos dar na nossa política de integração, na recuperação dos séculos em que o Continente Africano foi obrigado a sofrer o atraso de que é vitima hoje.

Este é o desafio para os intelectuais, esse é o desafio para que nós aprendamos a criar organismos multilaterais que dêem durabilidade às políticas que os governos fazem, porque temos mandato com tempo determinado e cada um que entra pode ter uma prioridade e uma política começada no ano, pode não ser seguida no ano seguinte. Então é preciso que existam organismos multilaterais fortes e respeitados para que as coisas possam acontecer de verdade. O Conselho de Segurança da ONU, nós não podemos admitir que a ONU continue no século XXI, em 2006, com a mesma organização que tinha quando foi criada há sessenta anos. A geografia política mudou; a geografia econômica está mudando; os países mudaram. Olhamos o Mapa Mundi e percebemos que vários países não existem mais, então por que continuar com a mesma organização e não termos coragem de democratizá-la, de fazer com que o Continente Africano esteja verdadeiramente,

representado; que a América Latina esteja representada e que outros países estejam representados?

Agora, estamos num conflito na Organização Mundial do Comércio e a briga é a mesma de sempre: os países ricos estarão dispostos a fazer concessões para que os países pobres possam ter acesso a seus mercados? Haverá sensibilidade da União Européia em permitir o acesso ao seu mercado agrícola? Haverá sensibilidade dos Estados Unidos para reduzir os subsídios agrícolas? Haverá sensibilidade nossa, do Brasil e do G20, que muitos de nós participamos para permitir o acesso a bens industriais? Se nós não tivermos sensibilidade para negociarmos e para fazermos as concessões de acordo com a proporcionalidade do nosso tamanho e da nossa riqueza, não haverá acordo e quem é rico continuará mais rico, e quem é pobre continuará mais pobre. Esta é a lógica perversa do comércio mundial. Por isso estou indo a São Petersburgo, na próxima semana, lá, estará o Presidente do Congo, e, se não me falha a memória, da Índia, da China, do México e o G8, em que nós vamos tentar introduzir o compromisso dos líderes políticos para tentarmos fazer um acordo, porque a minha tese é que os negociadores já esgotaram a possibilidade de acordo. Agora chegou o momento dos líderes políticos dizerem: "queremos ou não queremos o mundo mais justo. Queremos ou não queremos o mundo mais solidário. Queremos ou não queremos diminuir o terrorismo. Queremos ou não queremos o mundo com menos mortalidade infantil, menos doença, com menos desemprego e com menos fome".

Este é o desafio que foi colocado para nós e que não é responsabilidade dos países africanos; não é tampouco responsabilidade do Brasil; é uma responsabilidade de seis bilhões de seres humanos que habitam o planeta terra e precisamos assumir a responsabilidade de não permitir que a globalização de hoje, ou o modelo de desenvolvimento de hoje, permita que os países pobres sejam tratados da mesma forma que foram tratados na época da colonização. Os colonizadores chegavam prometendo progresso, chegavam prometendo desenvolvimento, e quando vocês conquistaram a independência, vocês constataram que do ponto de vista das riquezas naturais os países estavam mais pobres, tinham sido dilapidados e que parece que ninguém hoje tem responsabilidade. Parece que não aconteceu nada; a África é pobre porque é um continente negro; a África é pobre porque não tem escola; a África é pobre porque não tem desenvolvimento e ninguém assume a responsabilidade de dizer que a África é pobre porque durante mais de trezentos anos as mulheres, as crianças e

os jovens eram transformados em escravos para construírem algumas das nações que são ricas hoje.

E todos nós, todos nós temos dívida a pagar. Aqui no Brasil, criamos a Secretaria Especial da Igualdade Racial com o papel de Ministro de Estado para criar as possibilidades de termos alguns avanços. O que muitas vezes não acontece com a facilidade que gostaríamos que acontecesse, porque os marcos legais existentes no País, às vezes demoram muito para que as coisas aconteçam. Temos no Congresso um debate sobre o Estatuto da Igualdade Racial; tem uma polêmica, mas é como dizia o nosso querido Abdias: "A possibilidade de polemizar sobre essas questões não é uma coisa ruim, é uma conquista que os negros tiveram no nosso País".

Temos as cotas nas universidades que têm debates e mais debates; o dado concreto é que criamos o PROUNI e no PROUNI de 203 mil alunos que ganharam bolsas de estudo, 63 mil são afro-descendentes que conquistaram o direito de entrar na universidade em apenas quatorze meses de implantação do programa. Certamente, eu tenho consciência, e os Presidentes aqui também, e os intelectuais muito mais de que não iremos numa década ou em duas décadas resolver os problemas que nos foram criados durante tantos e tantos séculos. A única coisa que posso dizer a vocês é que o Brasil vai continuar tendo uma forte prioridade na sua relação com o Continente Africano.

Lamentavelmente, somos um País pobre e não temos todos os recursos para que possamos fazer o que pretendemos fazer. Ontem, eu estive com dois Presidentes; tinha estado antes de ontem com o Presidente de Gana; hoje, estarei com outros Presidentes; estive com o Presidente da União Africana e tenho dito a eles que este século poderá ser nosso. O século XIX foi da Europa; o século XX foi dos Estados Unidos e também uma parte da Europa, por que nós, que somos chamados de terceiro mundo, que moramos no Continente Africano e na América Latina; por que vamos deixar passar a oportunidade e não aproveitarmos o século XXI para definir o que queremos. Tenho falado aos Presidentes que o Brasil, neste momento, tem uma extraordinária experiência na produção de biodiesel. É o país que tem a mais importante tecnologia na produção de etanol e o país que tem hoje a patente de um novo combustível chamado HBIO, que é a mistura do óleo vegetal, diretamente do petróleo e refinado diretamente na refinaria.

Meus caros Presidentes. Eu tenho falado aqui, no Brasil que logo, logo, não estaremos mais prospectando petróleo a quatro mil metros de

profundidade. Eu tenho falado que daqui a alguns dias, vamos plantar petróleo e esse programa de combustível renováveis pode ser o pilar do Continente Africano no século XXI. Nós plantamos mamona, girassol, a palma africana, algodão, soja. De todos estes produtos poderemos produzir o combustível que precisamos e não ficar dependente de comprar petróleo a um preço que os países pobres nunca podem dizer o quanto podem pagar. Têm que pagar o que os produtores de petróleo acham que vale.

Ao mesmo tempo, temos que acreditar fortemente que somente com muito investimento em educação é que o Continente Africano, uma parte do Brasil e outros países da América conseguirão dar o salto de qualidade que precisam dar. Eu, aqui no Brasil, Presidente Wade, tenho falado de que cada centavo, se não tivermos coragem de investir na educação, teremos que investir na doença, investir em cadeia, porque sem educação, sem emprego e sem oportunidade é o que as pessoas pobres terminam sendo vítimas. Nós precisamos de paz, de democracia, e democracia não é um meio valor; ela é, definitivamente, aquilo que pode garantir aos países de terceiro mundo, garantir o seu desenvolvimento sem sermos pegos de surpresa por golpes por derrubada de governo como muitas vezes acontecem nos nossos países.

Quero terminar dizendo a vocês que quando estamos discutindo conceitos, poderemos ter muitas divergências e é importante que as divergências perdurem, mas ao mesmo tempo precisamos discutir as coisas práticas que podem melhorar a vida do povo de cada País Africano, do Brasil, da América Latina e dos países pobres. Nós não temos que ter medo de fazermos a discussão; nós não temos que ter medo de sermos ousados. Precisamos definir a cada dia como aumentar a nossa relação, e como os países pobres podem ajudar os mais pobres, e como os mais ricos podem ajudar os países pobres. Não esperemos sensibilidade. Temos que ter ação política e temos que ter projeto, porque tudo que um país rico gosta é de fazer um pequeno favor e depois dizer que está ajudando. É preciso política consistente e esta política não pode vir de cima para baixo; tem que sair do Continente Africano para que o resto do mundo saiba os projetos que são de interesse de cada país e que são de interesse do povo africano. Senão fizermos isto, estaremos cometendo um erro histórico que pode nos causar prejuízo, tanto como foi a tragédia da escravidão. Não podemos passar mais 40, 50 anos no atraso a que estamos submetidos.

Então é preciso que tenhamos coragem de ousar, de brigar nos fóruns multilaterais e vamos tomar uma ação para que, quem sabe, possamos

aperfeiçoá-los no dia 30 de novembro, quando haverá na Nigéria, o encontro do Continente Africano - Continente Sul-americano.

Possivelmente, os Presidentes nunca se encontraram, possivelmente muitos de vocês nunca foram aos países da América do Sul e muitos dos Presidentes da América do Sul nunca foram à África, mas certamente, todos nós já fomos à Europa mais de uma vez e já fomos aos Estados Unidos mais de uma vez. Então, nós precisamos nos ajudar; precisamos criar política de solidariedade entre nós mesmos. Eu, desde pequeno, ouço dizer, e aqui na Bahia, deve valer muito, Governador, que nós vamos à casa de um pobre e a qualquer hora da noite ou do dia que chegarmos, o pobre tem alguma coisa para nos oferecer. Nós chegamos à casa de uma pessoa mais abastada, e se já jantou não tem mais. Nós ouvimos as mulheres pobres da periferia dizer que: "onde come um, comem dez; onde dorme um, dormem dez". Portanto, ao invés de ficarmos esperando que outro venha nos ajudar, precisamos definir que tipo de ajuda nós mesmos poderemos fazer entre nós para nos tornarmos mais fortes e para poder exigir um pouco mais dos outros.

Nós temos o direito de fazer tudo. A única coisa que não temos o direito é de continuarmos, no século XXI, nos omitindo de discutir os grandes problemas que vivem os países pobres do planeta.

Muito obrigado pela presença de vocês. Muito obrigado a todos vocês e bom encontro.

Mestre-de-Cerimônias: Está encerrada esta primeira sessão plenária da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. Obrigado e boa tarde a todos.

13. Sessão de Encerramento

Gilberto Gil - Ministro de Estado da Cultura: Daqui a pouco nós retomaremos as atividades para a Sessão de Encerramento da Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora. Eu gostaria de pedir a todos, em primeiro lugar, que se sentem, que tomem assento e, em segundo lugar, eu passarei a palavra à Frene Ginwala.

Nós temos então, antes dos outros aspectos da Sessão Final, uma cerimônia comemorativa da realização dessa Conferência através de um selo, proposto pelos nossos Correios. Onde estão os nossos representantes, por favor? Representante dos Correios.

Mestre-de-cerimônias: Daremos início à cerimônia de lançamento do carimbo comemorativo da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. O senhor Cláudio Moras Garcia, Diretor Regional dos Correios na Bahia, deverá aproximar-se da Mesa.

Gilberto Gil - Ministro de Estado da Cultura: Por favor, podem seguir a cerimônia.

Representante da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos: O Ministério das Comunicações e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, por meio da Diretoria Regional da Bahia, lançam, nesta oportunidade, um carimbo comemorativo em homenagem à II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. Para a efetivação do lançamento, o carimbo comemorativo da II CIAD será aplicado sobre o selo postal Samba

de Roda do Recôncavo Baiano, que tem como imagem uma dançarina no centro da roda. Usando vestido típico, colares e lenço na cabeça, demonstra o estilo gracioso desta modalidade de samba, genuinamente brasileiro, declarada pela UNESCO obra prima do patrimônio oral e imaterial da humanidade.

As peças, carimbadas e assinadas pelas autoridades convidadas para o ato, passarão a fazer parte do acervo filatélico dos Correios e servirão como fonte de pesquisa e registro de tão importante acontecimento no contexto histórico e sócio-cultural. O selo e o carimbo estão disponíveis na agência dos Correios, neste mesmo andar do Centro de Convenções.

Senhoras e senhores, ouviremos a mensagem do Senhor Abdelaziz Bouteflika, presidente da República Argelina Democrática e Popular, que será lida pelo senhor Abdel Kader, representante especial do Presidente.

Abdel Kader - Representante do Presidente da República Argelina Democrática e Popular: Excelências, caros amigos, senhoras e senhores, a Segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora foi dedicada ao papel da Diáspora no Renascimento Africano. Como todos os povos da África, o povo argelino conheceu ainda mais dos europeus a brutalidade, a crueldade e, literalmente, a desumanidade, no sentido estrito de nossa civilização, como classificou apropriadamente o grande poeta da Diáspora Africana no Caribe, Emi Cezer. Ele soube, em condições de extrema precariedade, fornecer e recompensar suas energias ao resistir a esse genocídio identitário e se apropriar de pedaços de conhecimento e das novas formas de organização sociopolítica que se encontravam no cerne da potência da Europa. Com esta base, nossos povos, todos os povos da África, tiveram seu início em ritmos e formas diferentes. A formidável ofensiva contra a dominação colonial da Europa fez fluir - com sangue, lágrimas e cantos - o ato do Renascimento da África, o retorno irreversível da África à civilização mundial.

A Argélia esteve à frente desta batalha continental pela liberdade e pela recivilização da África ao deflagrar, em 1º de novembro de 1964, sua guerra de libertação nacional. O povo argelino acelerou o refluxo do colonialismo francês. Ao preço do sofrimento, da destruição e mortes da população argelina, a Argélia se colocou à disposição do movimento de libertação africana para fortalecer a luta pela liberdade da África e abriu suas escolas e universidades a milhares de estudantes pioneiros do renascimento cultural e científico da África, em condições também desfavoráveis, após séculos de opressão e desumanização.

No momento em que escrevi essas linhas, veio-me à mente as palavras, as imagens e os sons de felicidade que foi o Festival Pan-africano de 1970. Não vejam nestas lembranças uma expressão de nostalgia, mas, ao contrário, uma legítima satisfação que busca uma antecipação do futuro. Portanto, a inscrição na realidade exige de nós esforços imensos, gênio criativo para ligar um grande movimento de recivilização da África a tudo que seus filhos e filhas fizeram, fazem e farão de verdadeiramente útil, não importando o lugar em que se encontrem.

Hoje, toda a comunidade científica admite, de forma unânime, que o Homo Sapiens surgiu na África e que saiu desse continente e percorreu o planeta inteiro. Está claro que a África contribuiu ativamente para a elaboração de dois grandes momentos da humanidade : a civilização faraônica e a civilização mulçumana. É evidente que a África não é apenas centenas de milhões de homens e mulheres que vivem sobre o continente, mas é também a dezena de milhões de mulheres e de homens, que desde o século XVI, que foram transformados em escravos pela Europa e pelas Américas. Essa Diáspora, resultado multissecular de uma sedimentação de fluxos humanos, produzida pelo comércio de escravos, pelas guerras européias, pela emigração da mão-de-obra, é um ato potencial, excepcional para a inscrição racional e inteligente da África na terceira era da globalização, o novo espaço mundial onde, para melhor ou para pior, o gênero humano está chamado a perseguir suas aventuras sobre o Planeta Terra de maneira mais unida e contrastante que nunca.

Agradeço sinceramente ao meu amigo, Presidente Lula da Silva, por ter sediado esta Segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. O Brasil é, sem dúvida, o país que melhor suportou o trauma gerado pela primeira era de globalização e que melhor assegurou a dimensão africana de maneira criativa. Os países onde os intelectuais da África e da Diáspora globalizam o africanismo são os mais apropriados para estudar e começar a por em prática as sinergias complexas, nas quais o continente africano deve retornar e participar plenamente como sujeito histórico autônomo, do novo espaço mundial, longe das armadilhas da vitimização e do ressentimento. Nada, nem os sofrimentos atrozes do passado, nem as humilhações e frustrações do presente, deveriam nos fazer esquecer do nosso ato central, do nosso ponto focal.

A Diáspora Africana das Américas e da Europa é um formidável acumulador de energias positivas para a África, ela é uma ligação intermediária de grande qualidade entre o que se convencionou chamar de Ocidente e o

continente africano. Permita-me citar mais uma vez a experiência de meu país na guerra contra o colonialismo francês. A vitória de nossa nação teria sido menos exemplar, menos rápida no que diz respeito ao povo francês, se a Diáspora argelina na França não tivesse se organizado de múltiplas formas no Fórum de Libertação Nacional, que ao mesmo tempo em que lutava, organizava as sinergias com recursos para sustentar a Argélia em guerra. O que a Argélia fez em pequena escala de maneira conjetural na guerra deverá ser feito pela África globalizada, pela Diáspora Africana, pela África como um todo, em escala maior, na paz e cooperação internacional. Ela já começou a fazê-lo conservando o pacto que em sua visão fundamental está munido de um projeto coletivo, de iniciativas para maximizar os fluxos de ajuda internacional, e que é um processo fantástico de reconstrução econômica, social e tecno-científica da África, de maneira autônoma e inovadora na terceira era da globalização.

A grande esperança que constitui este pacto para a África e para o mundo nos insere na realidade que atinge neurônios, músculos e corações de centenas de milhões de mulheres e homens da Diáspora Africana. O pacto é, talvez, o vetor do Renascimento Africano, e assim o será se sua visão fundamental for trabalhada, refletida e popularizada pelos intelectuais africanos.

Ao concluir, permita-me falar-lhes do percurso exemplar de um grande intelectual da Diáspora Africana, François Vanon da Martinica. Ele é descendente de escravo, tornou-se psiquiatra e ensaísta na França e colocou a serviço da libertação da Argélia e do Renascimento Africano sua experiência como terapeuta, sua inteligência, seu talento de jornalista, de escritor e de diplomata, além de seu gênio visionário. É deste tipo de intelectual que necessitamos para assegurar o Renascimento e vivermos sob nosso próprio ritmo em harmonia com o mundo. Obrigado.

Moderadora (Frene Ginwala - Co-Presidente da II CIAD): Muito obrigada, agradecemos muito a mensagem que o Presidente Abdelaziz Bouteflika enviou e o apoio que oferece aos nossos trabalhos. Por favor, em nome de todos, transmita ao Presidente Bouteflika nossos sinceros agradecimentos pela mensagem que nos enviou.

Nos últimos dias, temos visto imagens em nossas televisões do que está acontecendo em Israel, na Palestina e no Líbano e tenho orgulho do fato que algumas mulheres de Israel e da Palestina se uniram e solicitaram a ação da comunidade internacional. Há líderes femininos que trabalham com a UNIFEM e outras que trabalham para trazer a paz para suas regiões. Gostaria de

apresentar esta breve mensagem para sua apreciação, pois é um chamado pela paz para pessoas que estão sofrendo no momento:

> Como israelenses, palestinas e mulheres líderes e ativistas internacionais, as mulheres membros da Comissão Internacional de Mulheres dedicadas ao objetivo de acabar com a ocupação e alcançar a paz justa e sustentável entre palestinos e israelenses baseada na solução de dois Estados, comprometidos com o respeito às leis internacionais, aos direitos humanos e à igualdade, estamos assustadas com o aumento do uso da força e da violência que ameaça destruir todas as possibilidades de criar um futuro humano para nós e para nossos filhos.
> Pedimos ao Governo de Israel que cesse, imediatamente, sua guerra contra a população civil de Gaza. Exigimos o fim das políticas inaceitáveis e irresponsáveis de privação e punição coletivas, da destruição de postos de gasolina e da infra-estrutura que privou o acesso à água e à eletricidade a dois terços da população, agravando uma situação já deteriorada pelo longo cerco imposto.
> A crise humanitária está atingindo hoje proporções sem precedentes. Pedimos à comunidade internacional que exerça a sua responsabilidade de garantir a segurança humana, os direitos humanos e os direitos fundamentais à vida em um ambiente de paz e segurança, livre da ocupação, da opressão e do uso violento da força como estipulado nas leis internacionais e na convenção dos direitos humanos. A História já provou que tais conflitos não encontram solução militar e pedimos a volta imediata para o caminho das negociações.

Caros amigos, estas palavras nos chegam vindas das mulheres de Israel e da Palestina, um grupo representativo de 41 mulheres que expediram este apelo no domingo e pedem o seu apoio.

Agradeço muito, e podemos anexar ao relatório, incluindo o nome de todas as mulheres. Enviarei nossa mensagem de volta imediatamente. Gostaria agora de voltar à Declaração. Recebemos um grande número de propostas e não tivemos tempo de apreciá-las todas porque é um número muito, muito grande. Peço, realmente, desculpas por não termos conseguido revisar todas as propostas, mas elas serão consideradas, e onde for possível, incluídas na Declaração ou no programa de ação que formarão nosso relatório que será distribuído depois do encontro.

Gilberto Gil - Ministro de Estado da Cultura: Nós queríamos chamar agora o Comissário Gana para ler a mensagem de apreciação em nome do Presidente Konare.

Representante de Alpha Oumar Konare - Presidente da Comissão da União Africana: É um prazer ler esta mensagem de agradecimento do Presidente da Comissão da União Africana, Sua Excelência Senhor Alpha Oumar Konare, e de todos os participantes da Segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. Agradecemos profundamente ao Governo e povo brasileiros, o Co-organizador da Conferência, pela calorosa hospitalidade e pelas excelentes instalações oferecidas durante esta histórica Conferência e aos enormes recursos disponíveis que garantiram o sucesso da Conferência. Nosso especial agradecimento e gratidão a Sua Excelência Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil, pelo seu comparecimento pessoal e participação ativa na Conferência. Seu total encorajamento e apoio foram cruciais para a obtenção do sucesso. Gostaríamos de agradecer ao Ministro da Cultura, Senhor Gilberto Gil, co-Presidente da Conferência, ao Embaixador Soares, a Marcelo Dantas e outros membros do comitê de organização pela cooperação com o comitê de organização da Comissão da União Africana. Agradecemos, também, ao Governador da Bahia, ao Prefeito da cidade de Salvador, às autoridades e funcionários locais, incluindo o pessoal da segurança, os intérpretes e outros funcionários de apoio, dos quais todos trabalharam arduamente para garantir que nossa estadia fosse tranqüila, protegida e produtiva.

Finalmente, estamos confiantes que os resultados desta Conferência, como constam da Declaração de Salvador, representa a aspiração e a esperança de milhões de negros na África e na Diáspora, sendo um testemunho fértil de nossos esforços e compromissos comuns. Esta era a mensagem de agradecimento do Presidente da Comissão e dos participantes da Conferência. Obrigado, co-Presidentes.

Gilberto Gil - Ministro de Estado da Cultura: Para as suas mensagens finais ao Plenário, nossa querida Ministra Matilde.

Matilde Ribeiro - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial: Muito boa noite a todas as pessoas aqui presentes, boa noite aos integrantes desta Mesa Final, desta Conferência que foi um palco, que foi um espaço de debate político com uma profundidade em que nós somos protagonistas da construção da política no campo da valorização da nossa presença enquanto africanos, enquanto afro-descendentes que

contribuem para a concertação das relações sociais, das relações políticas, das relações culturais nos nossos países e, com isto, em diálogo com o mundo.

Aqui, no Brasil, neste momento, na qualidade de Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, como contribuinte para este processo organizativo, desde o momento da preparação e agora na realização desta Conferência, tenho a dizer a vocês que muito aprendi aqui nesta semana de trabalho. Cheguei aqui com minha equipe no dia 08 de julho para atividades preparatórias no diálogo com a sociedade civil brasileira, no diálogo com os setores governamentais, sejam eles os locais aqui no Estado da Bahia, mas também na relação com os setores governamentais do Brasil como um todo e de instituições públicas e privadas, considerando que, além do espaço deste Plenário, que é o espaço da negociação na programação oficial da Conferência, a cidade esteve ocupada por vários eventos de ordem cultural, política e vivencial.

Então esse aprendizado e, sobretudo, destacando um aspecto da Mesa em que participei ontem, que fazia uma avaliação dos resultados obtidos pelos países a partir dos olhares de Governo e também de integrantes de instituições não governamentais a partir da III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e as Intolerâncias Correlatas - a Conferência de Durban - considero que aquele debate foi bastante saudável para nós termos um balanço de que, embora a Conferência de Durban tenha sido bastante complexa e com rupturas políticas, na sua execução e no seu desenvolvimento, o compromisso dos países em levar adiante a Declaração e o plano de ação desta Conferência, embora também bastante diferenciado, quero dizer a vocês que, aqui no Brasil e na região das Américas, muitos avanços têm acontecido. Nós temos esta Secretaria, que foi um posicionamento do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a SEPIR, de criá-la logo após a sua posse, tendo como um dos instrumentos base a Declaração da Conferência de Durban, somada à Convenção Internacional Contra Todas as Formas de Discriminação. E agora, recentemente, numa Assembléia Geral da Organização dos Estados Americanos, foi aprovado um Projeto da Declaração Interamericana Contra Todas as Formas de Discriminação, devendo esta ser ratificada pelos estados e também tendo como referência a nossa própria Constituição, que diz que todos somos iguais, independente de sexo, de raça, de idade e de qualquer elemento que nos diferencie, mas que as diferenças não devem ser transformadas em desigualdades.

É com esta determinação que estamos aqui para intercambiar experiências. A Conferência está acabando agora, mas a nossa agenda política continua ativa e é com essa determinação, que o Governo brasileiro, toda a Coordenação da SEPIR irá receber, daqui a dez dias, mais uma conferência internacional, sendo esta a Conferência Regional das Américas, tendo como estratégia temática *O Balanço e os Desafios Para a Implementação das Políticas Contra Discriminação, Racismo e Xenofobia*, a agenda de Durban.

Estamos trabalhando para ter, como participantes estruturais, os 34 países que compõem a estrutura da Organização dos Estados Americanos, agregando ainda Cuba, considerando a avaliação que fazemos da sua posição estratégica na região das Américas, incluindo o Caribe. Esta Conferência acontecerá no período de 26 a 28 de julho próximo e nós estamos esperando aqui 400 representantes de Governo e sociedade civil para um diálogo, considerando a necessidade do monitoramento das ações realizadas na região. E temos notícia que, além do Brasil, 16 outros países na região encampam a Declaração de Durban e criaram órgãos para o tratamento da agenda de promoção da igualdade racial.

Este é um avanço significativo nesta região. Esta Conferência será, portanto, um momento de intercâmbio; não terá decisões no sentido da orquestração multilateral, porque esta cabe à ONU, e não está sendo convocada pela ONU e, sim, tendo apoio do Alto Comissariado dos Direitos Humanos. Portanto, será uma Conferência de reflexão e de contribuição para o processo, aqui na região das Américas, mas também para o mundo e fazendo conexão com esta Conferência que estamos vivendo aqui, a Conferência de Intelectuais Africanos e da Diáspora.

Finalizo dizendo a vocês que a atuação que tivemos neste processo foi na perspectiva de fazer a interligação entre as duas Conferências e, neste sentido, governos e sociedade civil irão entrar em um novo momento de debates. E esta Conferência aqui, que está sendo finalizada hoje, muito contribuiu para o nosso aprofundamento teórico e político, muito contribuiu para o nosso aprendizado, muito contribuiu para este novo desafio que será a Conferência Regional das Américas.

Eu só tenho a agradecer esta possibilidade de estar aqui nesse momento e, sobretudo, reafirmo a emoção que vivi na Abertura desta Conferência quando, por indicação do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tive a oportunidade histórica de homenagear Abdias do Nascimento, o nosso líder,

a nossa referência de luta. E que a energia de Abdias continue presente entre nós, aqui e agora e no processo de retorno aos nossos países.

Muito obrigada aos visitantes de todos os cantos do mundo e vejam nesta Secretaria um espaço de articulação política que tem por base - como já disse o Governo brasileiro, como já disse o Presidente Lula - a visão de que democracia não combina com racismo. Portanto, estamos trabalhando juntos e este aprendizado aqui servirá, sem dúvida, para fortalecer o nosso trabalho em âmbito nacional. Muito obrigada.

Gilberto Gil - Ministro de Estado da Cultura: Com a palavra para o seu pronunciamento final, a Co-Presidente da II CIAD, Ex-Presidente do Parlamento Sul-africano, Frene Ginwala.

Frene Ginwala - Co-Presidente da II CIAD e Ex-Presidente do Parlamento/África do Sul: Muito obrigada, da minha parte e acredito que da parte de todos – brasileiros e estrangeiros. Gostaria de agradecer o Presidente Lula e ao Governo do Brasil pela imensa contribuição sediando esta Conferência e organizando-a, aos funcionários e outras pessoas que asseguraram que nosso trabalho tenha transcorrido com tranqüilidade. Devemos, em especial, gratidão ao povo de Salvador pelo carinho com que nos receberam e tornaram o Brasil nosso lar nos últimos três dias.

Não sei se concordam, mas não quero ir embora. É sempre triste se despedir de quem gostamos. Partimos exultados com os nossos resultados e estimulados a levar de volta aos nossos países, nossas universidades, nossas instituições, as discussões, as riquezas de idéias e diálogos e a considerar como intelectuais podem descer de seus pedestais, sair de seus isolamentos em torres de marfim e claustros. Ao engajarmo-nos na produção e no aperfeiçoamento do conhecimento, precisamos nos engajar também no processo de assegurar que este conhecimento seja posto à disposição da sociedade, para que seja usado como forma de melhorar a qualidade de vida do povo da África e da Diáspora e dos pobres de toda parte. Precisamos, também, assegurar que os Governos ampliem os espaços para o engajamento dos intelectuais no desenvolvimento e aperfeiçoamento da vida do povo da África e da Diáspora.

Caros amigos, há muito no passado que compartilhamos. O desafio agora é compartilhar nosso conhecimento, nossa experiência, nossa capacidade. Não há um futuro separado para os africanos e o povo da Diáspora, portanto, ao partirmos vamos nos comprometer a trabalharmos juntos para construirmos um futuro comum para os pobres e marginalizados no mundo inteiro. Estou

bastante comovida de ver os jovens aqui cantando canções de vários países da África. Gostaria de deixar mais um pouco deste espírito [fala em dialeto africano]. Volte África!

Gilberto Gil - Ministro de Estado da Cultura: Meus queridos concidadãos, meus queridos compatriotas, meus irmãos, meus amigos de todas as procedências nesse planeta: coincidentemente, nessa mesma data no ano passado, nós estávamos com o Presidente Lula, recebendo ele, em nome do povo brasileiro, as homenagens do Governo francês, do povo francês, na data nacional, na magna data nacional da França, o 14 de julho, o *14 Juillet*, uma data, sem dúvida alguma, de grande significação, simbólica e mais que simbólica, para todo o povo não só da Francofonia, mas todo o povo do mundo, no sentido do advento da dimensão republicana que conduz, que estabelece horizontes importantes hoje, para os movimentos da sociedade mundial.

Hoje é o 14 de julho, um ano depois, e cá estamos nós em uma outra dimensão, retrabalhando e reprocessando essa nossa demanda por tempos mais democráticos, por tempos mais republicanos, em nome daquela Revolução, a francesa, que até hoje nos inspira. Respondendo à pergunta feita pela minha amiga hoje, mais cedo aqui, a compositora e cantora Leci Brandão, podemos afirmar que a II CIAD somente foi realizada aqui em Salvador porque o nosso país continua avançando no seu processo de mudanças; mudanças estão sendo feitas, as mudanças estão aqui e nossa presença aqui é símbolo disso. Hoje, o que se nota no Brasil é um esforço inédito, em nossa história, de buscar a inclusão social das populações que sempre estiveram à margem dos processos decisórios e dos benefícios de desenvolvimento. Esse esforço, mais que a superação de uma desigualdade centenária, constitui um verdadeiro resgate da nossa dívida com aqueles sem os quais o Brasil jamais teria se erguido como nação, como potência cultural e como proposta de civilização.

Esse Brasil cada vez mais negro, moreno, multicolorido, diversificado, tropical, criativo, que todos nós amamos, somente vai realizar todo o seu potencial civilizatório, na medida em que vamos conquistando internamente a verdadeira democracia, aquela em que não existem uns poucos sócios majoritários e uma maioria de excluídos, mas em que todos podem ter igual acesso ao estudo, à cultura, ao trabalho, à realização e ao prazer.

Nós trouxemos para o Brasil a II CIAD justamente para marcar esse momento de mudança no país, em que damos novo valor às nossas raízes e buscamos recriar nosso modelo de desenvolvimento. Teremos um diálogo

amplo e enriquecedor com os nossos irmãos africanos e da Diáspora. É preciso que os países do Sul unam forças, compartilhem experiências e enfrentem juntos o desafio de, como disse o Presidente Lula, *tornar o século XXI o nosso século*. A África merece ser vista como esta II CIAD mostrou a todos o que ela é: um continente vibrante, repositório de ancestral sabedoria, de jovens talentos, de cientistas qualificados, de artistas, historiadores, escritores, economistas, médicos e pensadores de primeira grandeza.

Dialogamos com a África para continuar aprendendo com ela. Dialogamos com a África porque queremos ser ainda mais brasileiros. Gostaria de agradecer aos intelectuais, estudantes, artistas, representantes de movimentos sociais, o entusiasmo com que participaram dessa Conferência. Gostaria, ainda, de registrar a nossa gratidão com todos os parceiros que tornaram possível a realização deste Evento que, há poucos meses atrás, ainda parecia um sonho. À União Africana, co-organizadora da II CIAD, o nosso agradecimento; ao Governo do Senegal, que nos transmitiu a experiência da I CIAD, o nosso agradecimento; à Organização Internacional da Francofonia que apoiou as nossas atividades culturais e trouxe uma delegação de peso para Salvador; à UNESCO que, mais uma vez, esteve ao lado do Brasil em defesa da nossa cultura, da nossa diversidade, das nossas identidades; à Universidade Federal da Bahia e à UNEB, que hospedaram importantes debates e colocaram suas equipes a serviço da II CIAD, o nosso agradecimento. O nosso agradecimento ao Governo do Estado e à Prefeitura de Salvador que, mais uma vez, nos ajudaram a mostrar ao mundo a riqueza cultural e a hospitalidade da Bahia. Nossos agradecimentos à African Capacity Building Foundation, ACBF, ao Governo do Canadá, ao Governo da Dinamarca. Enfim, os nossos agradecimentos e, mais que agradecimentos, as nossas congratulações com o Ministério das Relações Exteriores, com a SEPPIR, dirigida por nossa querida Matilde; à Fundação Palmares; a todos eles, o nosso agradecimento pela harmonia e competência com que, juntos, soubemos organizar e conduzir a um merecido êxito esta II CIAD.

Que venha a III CIAD e as relações entre a África no seu Continente e as Áfricas da Diáspora sejam cada vez mais enriquecidas, que esse diálogo seja cada vez mais estreito, mais profundo e que os benefícios nas áreas da cultura, da política, da economia, do patrimônio material e imaterial, sejam incrementos cada vez maiores. Muito obrigado ao povo da Bahia, muito obrigado a todos que conosco dirigiram, muito obrigado à Frene Ginwala por essa Co-Presidência, com todas as dificuldades mas com todos os prazeres

e todos os benefícios que nós sabemos que uma Conferência como essa trará para todos nós. Muito obrigado e até a próxima.

Mestre-de-Cerimônias: Senhoras e senhores, com as palavras do Ministro Gilberto Gil, Ministro da Cultura, Co-Presidente da II CIAD, declaramos encerrada a Conferência de Intelectuais de África e Diáspora. Tenham todos uma boa noite.

II CONFERENCE OF INTELLECTUALS FROM AFRICA AND THE DIASPORA - II CIAD

(SALVADOR, 12-14 JULY 2006)

"THE DIASPORA AND THE AFRICAN EENAISSANCE"

FINAL REPORT

Summary

1. Program of the II Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora – II CIAD, 207
2. Composition of Round Tables and Thematic Groups, 209
3. Reporta of the Coodinating Committee, 225
4. Salvador Declaration, 231
5. The 70 Points of Salvador – a platform for action, 235
6. Reports of the debates at round tables, 243
    6.1. Round Table 1 – "The Diaspora and the African Renaissance: past contributions and the present project", 243
    6.2. Round Table 2 – "Gender and Equity in Africa and the Diaspora", 246
    6.3. Round Table 3 – "The need for a political pact between Africa and the Diaspora for peace, democracy and development", 250
7. Reports of the debates in the Thematic Groups, 257
    7.1. "The humanities as bridges of dialogue between Africa and the Diaspora", 257
    7.2. "Re-thinking the place of History and of African languages in the educational systems of Africa and the Diaspora", 260
    7.3. "New trends in Historiography of Africa and the Diaspora", 265
    7.4. "Religion, art and Cultural Heritage", 268

7.5. “Mutual knowledge between Africa and the Diaspora: identity and cooperation”, 272
7.6. “Affirmative action and positive discrimination: public policies and the role of social movements”, 277
7.7. “Perspectives of and for the Youth in Africa and the Diaspora”, 279
7.8. “Economy and society in Africa and the Diaspora: contemporary challenges”, 283
7.9. “Perspectives and challenges of cooperation between Africa and the Diaspora in the area of health”, 300
7.10. "African Scientific and technologic renaissance and the contribution of the Diaspora", 304
7.11. “The struggle against poverty and the fight against racism, xenophobia and other forms of discrimination”, 307
7.12. “Africa’s Contribution to Civilization”, 310
8. List of members of the Organization Committee of the II CIAD, 313
9. List of members of the Interministerial Working Group, 315
10. List of members of the International and Scientific Committee, 317
11. Opening Session (transcript), 323
12. Presidential Round-Table, 343
13. Closing Session, 385

1. Program of the II Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora – II CIAD

· July 12 – Plenary sessions
Venue: Salvador Convention Center

Morning

(i) Opening Session of the Conference
(ii) Presidential Round Table – "The Diaspora and the African Renaissance: past contributions and current project"

Afternoon

(iii) Round Table – "Gender and Equality in Africa and in the Diaspora"

· July 13 – Debates in 12 Thematic Groups
Venue: Salvador Convention Center; UFBA and UNEB

· July 14 - Sessions in Plenary
Venue: Salvador Convention Center

Morning
(i) Presentation of the Conclusions of the Debates

(ii) Round Table – "The Need for a Political Pact between Africa and the Diaspora for Peace, Democracy and Development"

Afternoon

(iii) Debates and deliberations on the "Declaration of Salvador"
(iv) Closing Session

2. Composition of Round Tables and Thematic Groups

I – ROUND TABLES

1st Plenary
"The Diaspora and the African Renaissance: past contributions and the present project"

Moderator:
Iba der Thiam – Vice-President of the National Assembly (Senegal)

Rapporteurs:
Ubiratan Castro de Araújo – President of the Palmares Cultural Foundation (Brazil)
Margaret Vogt – Department of Political Affairs, United Nations (Nigeria)

Expositors:
1 – President of Botswana – H. Ex. Festus Mogae
2 – President of Cabo-Verde – H. Ex. Pedro Pires
3 – President of Equatorial Guinea – H. Ex. Obiang Nguema Obasango
4 – President of Ghana – H. Ex. John Kufuor
5 – President of Senegal – H. Ex. Abdoulaye Wade
6 – Prime Minister of Jamaica – H. Ex. Portia Simpson Miller

7 – Vice-President of Tanzania – H. Ex. Ali Mohammed Shein
8 – Chairperson of the African Union – H. Ex. Alpha Oumar Konaré
9 – Stevie Wonder – singer and composer
10 – President of Brazil – H. Ex. Luiz Inácio Lula da Silva

2nd Plenary
"Gender and Equity in Africa and the Diaspora"

Moderator:
Laure Olga Gondjout – Delegate Minister of Foreign Affairs (Gabon)

Rapporteur:
Fatimata Tambadou – Central Bank of West Africa (Mali)

Expositors:
1 – Epsy Campbell – Economist and congresswoman (Costa Rica)
2 – Lydia Dual – Sociologist, international consultant to UNESCO (Tchade)
3 – Mãe Stella de Oxóssi – Ialorixá, Ilê Axé Opô Afonjá (Brazil)
4 – Maremá Touré Thiam – CODESRIA (Senegal)
5 – Marie Angélique Savané – Committee of Eminent Personalities of the African Peer Review Mechanism (Senegal)
6 – Monique Ilboudo – Minister for the Promotion of Human Rights (Burkina Faso)
7 – Nilcéia Freire – Minister, Special Secretariat on the Policies for Women (Brazil)
8 – Sueli Carneiro – Institute of the Black Women, Geledés (Brazil)
9 – Wania Sant´Anna – Researcher and political activist (Brazil)

3rd Plenary
"The need for a political pact between Africa and the Diaspora for peace, democracy and development"

Moderator:
Christine Desouches – Delegate for Peace, Democracy and Human Rights, OIF (France)

Rapporteur:
Jacques d´Adesky –Cândido Mendes University (Brazil)

Expositors:
1 – Wangari Maathai – Nobel Laureate of Peace (Kenya)
2 – Gilberto Gil – Minister of Culture and Co-Chair of the II CIAD (Brazil)
3 – Frene Ginwala – Former Speaker of the South African Parliament and Co-Chair of the II CIAD (South Africa)
4 – H. Ex. António Mascarenhas Monteiro – Former President of Cape Verde and Special Representative of the Community of Portuguese Speaking Countries – CPLP
5 – André Azoulay – Royal Councellor (Marroco)
6 – Conceptia Ouinsou – President of the Supreme Court (Benin)
7 – Daniel Elie – Minister of Culture (Haiti)
8 – Djovi Gally – Former Minister for Human Rights, President of the Panafrican Observatory for Democracy (Togo)
9 – Edna Maria Santos Roland – Independent Eminent Experts Group designated to follow the implementation of the Durban Declaration and Programme of Action (Brazil)
10 – Kola Abimbola – Lecturer in Law, University of Leicester (Nigeria)
11 – Marcelino dos Santos – Member of the State Council (Mozambique)
12 – Patrick Mazimhaka – Deputy Chairperson of the African Union Commission
13 – Robert Dossou – Former Minister of Foreign Affairs and Cooperation (Benin)
14 – Noureini Tidjani-Serpos – Assistant Director-General for Africa at UNESCO (Benin)

II – THEMATIC GROUPS

1 - "The Humanities as Bridges of Dialogue Between Africa and the Diaspora"

Moderator:
Domício Proença Filho – Brazilian Academy of Letters (Brazil)

Rapporteur:
Isidore Ndaywell – Historian, honorary director of the International Organisation of Francophony (DR of the Congo)

Panel A: "Literature, Arts and African Renaissance"
1 – Alioune Badara Beye – poet and novelist (Senegal)
2 – Conceição Evaristo – Writer (Brazil)
3 – Fabiola Ecot-Ayissi – University Paris VIII (France)
4 – Hamidou Dia – Writer and philosopher, specialist in L.S. Senghor (Senegal)
5 – Joseph Diescho – Novelist (Namibia)
6 – Kofi Anyidoho – University of Legon, Accra (Ghana)
7 – R. F. Bestman – Ilê Ifé University (Nigeria)
8 – Tunde Fatunde – Playwright, Lagos State University (Nigeria)

Panel B: "Philosophy and Human Sciences in the construction of identity in Africa and the Diaspora"
1 – Akere Muna – Coalition of African Chapters of Trasparency International (Cameroun)
2 – Ebenezer A. Omoteso – Ilê Ifé University (Nigeria)
3 – Jaka Jambo – philosopher, Angolan Embassador to UNESCO (Angola)
4 – Joseph E. Harris – Howard University (EUA)
5 – Paulin Houtondji – philosopher, University of Benin (Benin)
6 – Ubiratan Castro de Araújo – President of the Palmares Cultural Foundation (Brazil)

2 - "Re-thinking the place of History and of African languages in the educational systems of Africa and the Diaspora"

Moderator:
Rosa Cruz e Silva – Director of the National Archives (Angola)

Rapporteur:
Amauri Mendes Pereira – Cândido Mendes University (Brazil)

Panel A: "History and memory of Africa and the Africans in the Diaspora: a new role in education".
1 – Adame Ba Konaré – Historian (Mali)

2 – Becky Ndjoze-Ojo – Deputy Minister of Education (Namibia)
3 – F. A. Soyoye – Ilê Ifé University (Nigeria)
4 – Folorunsho Adeyinka Olanrewaju – Lagos State University (Nigeria)
5 – Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva – Federal University of São Carlos (Brazil)
7 – Teresinha Bernardo – Program of Postgraduates Studies in Social Sciences of the Catholic University of São Paulo (Brazil)

Panel B: "African languages in the educational system in Africa and the Diaspora"
1 – Adama Samassekou – President of the African Institute of Languages (Mali)
2 – Eric Aseka – Kenyatta University (Kenya)
3 – Germando Almeida – Writer (Cape Verde)
4 – Jolly Mazinhaka – Institute of Science and Technology, African Union Commission (Rwanda)
5 – Olajide Timothy-Asobele – University of Lagos (Nigeria)
6 – Takiyawa Manuh – Director, Centre of African Studies, University of Legon (Ghana)
7 – Yeda Pessoa de Castro – Federal University of Bahia (Brazil)

Special guests:
1 – José Vicente – Rector, Zumbi dos Palmares University (Brazil)
2 – Mohamed Charfi – Former Minister of Education (Tunisia)
3 – Nei Lopes – Singer-songwriter, author of the Encyclopaedia of the Diaspora (Brazil)

3 - "New trends in the Historiography of Africa and the Diaspora"

Moderator:
Ambassador Alberto da Costa e Silva – Brazilian Academy of Letters (Brazil)

Rapporteur:
Boubacar Barry – University Cheikh Anta Diop (Senegal)

Panel A: "From the origins to 1850"
1 – Chales Akibode – Historian (Cape Verde)

2 – Cornélio Caley – Historian (Angola)
3 – Luiz Felipe Alencastro – University Paris IV (Brazil)
4 – Paulino de Jesus Francisco Cardoso – Santa Catarina State University (Brazil)
5 – Paul Zeleza – Penn State University, EUA (Malawi)
6 – Roquinaldo A. Ferreira – University of Virginia (Brazil)

Panel B: "Africa and the Diáspora Post-1850"
1 – Adeniji Abolade Olusegun – Lagos State University (Nigeria)
2 – Fatou Sarr – CODESRIA (Senegal)
3 – Humphrey Lamur – University of Amsterdam (Surinam)
4 – Pierre Kipre – Historian (Côte d'Ivoire)
5 – Sylvia Serbin – Historian (Martinique)
6 – Toyin Falola – University of Texas, Austin (Nigeria)
7 – Valdemir Zamparoni – Federal University of Bahia (Brazil)

Special guest:
1 – José Maria Nunes Pereira – Cândido Mendes University (Brazil)

4 - "Religion , Art and cultural heritage"

Moderator:
Babatunde Lawal – Virginia Commonwealth University, Richmond (Nigeria)

Rapporteur:
Reginaldo Prandi – University of São Paulo (Brazil)

Panel A: "Orishas, voduns e inkices: tradition, pluralism and diversity"
1 – Júlio Santana Braga – Federal University of Bahia (Brazil)
2 – Mãe Beata de Yemanjá (Beatriz Moreira Costa) – Iyalorisa (Brazil)
3 – Max Beauvoir – Ati of the Fédération Nationale des Vodouisants Haïtiens (Haiti)
4 – Natália Bolívar Aróstegui – Ethnologist and writer (Cuba)
5 – Pai Francelino de Shapanan – Toi Vodunoon (Brazil)
6 – Sangodare Gdadegesin Ajala – Priest of Shango (Nigeria)
7 – Wande Abimbola – Awise Yoruba and Babalawo (Nigeria)

Panel B: "Religion, art and culture"
1 – Adedoyin Talabi Faniyi – Priestess of Oshun (Nigeria)
2 – Aderibigde L. Simon – Lagos State University (Nigeria)
3 – Carline Viergelin – Fédération Nationale des Vodouisants Haïtiens (Haiti)
4 – Emanoel Araújo – Director, Afro-Brazil Museum (Brazil)
5 – Ezra Chitando – University of Zimbabwe (Zimbabwe)
6 – Félix Ayoh'Omidire – Ilê Ifé University (Nigeria)
7 – Juana Elbein dos Santos – Society for the Studies of Black Culture in Brazil (Brazil)
8 – Mohamed Charfi – Former Minister of Education, Higher Education and Scientific Research (Tunisia)

Special guests:
1 – Mestre Didi (Deoscóredes M. dos Santos) – Artist e Alapini (Brazil)
2 – Adigun Dazies Ajami – Babalorisa (Nigeria)
3 – Oduniyi Ifagbade – Babalawo (Nigeria)
4 – Olabiyi Babalola Joseph Yai – Permanent Representative to UNESCO (Benin)

5 – "Mutual knowledge between Africa and the Diaspora: identity and cooperation"

Moderator:
Ibrahima Fall – Special Representative of the UN Secretary-General for the Great Lakes Region (Senegal)

Rapporteur:
Nilma Lino Gomes – President of the Brazilian Association of Black Researchers (Brazil)

Panel A: "Production and exchange of knowledge"
1 – Adigun Ade Abiodun – Chairman, UN Committee on Peaceful Uses of Outer Speace, Vienna (Nigeria)
2 – Albert Bourgi – Université Reims (Senegal-France)
3 – Chentouf Tayeb – University of Oran (Alegria)
4 – Ebrima Sall – Council for the Development of Social Science Research in Africa, CODESRIA (Senegal)

5 – Gibril Faal – Chairman, African Foundation for Development, AFFORD (UK)
6 – Mohamed Bekouchi – Embassy of Marroco in Brazil (Marroco)
7 – Wilson Mattos – University of the State of Bahia (Brazil)

Panel B: "Potential and limits of regional and multilateral cooperation"
1 – Amadi Aly Dieng – Université Cheikh Anta Diop (Senegal)
2 – Fajoyomi Sylvestre Olubanji – Lagos State University (Nigeria)
3 – J. Michael Turner – New York University (USA)
4 – José Flávio Sombra Saraiva – University of Brasília (Brazil)
5 – Margaret Vogt – Department of Political Affairs, United Nations (Nigeria)
6 – Noureini Tidijani-Serpos – Assistant Director-General for Africa at UNESCO (Benin)
7 – Oumoul Khaïry Niang – Sociologist (Senegal)
8 – Vaughan Lewis – West Indies University (St. Lucia-Trinidad)

6 - "Affirmative action and positive discrimination: public policies and the role of social movements"

Moderator:
Theophile Obenga – International Centre for Bantu Studies (DR Congo)

Rapporteur:
Vivian Kuma-Choulla – African Association of Political Science (Cameroun)

Panel A: "The experience of African and Diaspora countries"
1 – Adewale M. Aderemi – Lagos State University (Nigeria)
2 – Horace Campbell – Syracuse University, New York (Jamaica)
3 – James Early – Smithsonian Institution (USA)
4 – Jocélio Teles – University of the State of Bahia (Brazil)
5 – Kabengele Munanga – University of São Paulo (DR Congo)
6 – Micha Gaillard – Responsible for National Dialogue (Haiti)
7 – Rudo Gaidzanwa – University of Zimbabwe (Zimbabwe)
8 – Shadrack Billy Otwori Gutto – Director, Centre of Studies of African Renaissance, UNISA (South Africa)

Panel B: "The political-pedagogical role of black consciousness"
1 – Abebe Zegeye – Addis Abeba University (Ethiopia)
2 – Antônio Sérgio Guimarães – University of São Paulo (Brazil)
3 – A. O. Adeniran – Ilê Ifé University (Nigeria)
4 – Christiane Yandé Diop – Director, African Presence Editions (Senegal)
4 – Gustavo Makanaky – Assim Bonanga Foundation (Colombia)
5 – Jesus "Chucho" Garcia – Afro-Venezuelan Network (Venezuela)
6 – Luiza Bairros – Catholic University of Salvador (Brazil)

Special guest:
1 – Maria de Lourdes Siqueira – Cultural Director, Ilê Ayê (Brazil)

7 - "Perspectives of and for the Youth in Africa and the Diaspora"

Moderator:
Júlio Tavares – Fluminense Federal University (Brazil)

Rapporteur:
Godwin Murunga – Kenyatta University (Kenya)

Panel A: "Identity, education and social inclusion"
1 – Bagayogo Issaka – ISFRA, University of Bamako (Mali)
2 – Bosco Prince Kanani – Coordinator, HIV-AIDS Programme, Caritas (Rwanda)
3 – Eliane Cavalleiro – General Coordinator for Diversity and Educational Inclusion of the Minstry of Education (Brazil)
4 - Ibrahima Abdulla – Fourah Bay College, Freetown (Sierra Leoa)
5 – Joe Jakes – University of Westminster, UK (Burundi)
6 – Nwaboku C. Nwabuno – Lagos State University (Nigeria)
7 – Vilma Reis – Federal University of Bahia, CEAFRO (Brazil)

Panel B: "The role of new cultural expressions"
1 – Denise A. Campbell – National Action Committee on the Status of Women (Canada)
3 – Helder Malauene – Foundation for Community Development (Mozambique)
4 – João Jorge Rodrigues – Olodum Cultural Group (Brazil)

5 – Michael Eric Dyson – University of Pennsylvania (USA)
6 – Toni Garrido – singer, songwriter and actor (Brazil)
7 – Ricardo Garrido – producer (Brazil)

Special guest:
1 – Orlando Silva – Minister of Sports (Brazil)

8 – "Economy and society in Africa and the Diaspora: contemporary challenges"

Moderator:
Josephine Ouedraogo – Deputy Executive Secretary UN Economic Comissions for Africa (Burkina Faso)

Rapporteur:
Simon N'Guiamba – Economic Consultant, African Union Commission (Cameroun)

Panel A: "African renaissance and globalization".
1 – Elikia M'Bokolo – École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (DR Congo)
2 – François d'Adesky – UNIDO (Rwanda)
3 – Jacques d'Adesky – University Cândido Mendes (Brazil)
4 – Mamadou Lamine Diallo – Historian (Senegal)
5 – M. Khalide Naciri – Director, Insitut Supérieur de l'Administration (Marroco)
6 – Philippe Lavodrama – Afrologia (Central African Republic)
7 – Robert Dossou – Former Minister of Foreign Affairs and Cooperation (Benin)
6 – Yves Ekoué Amaïzo – UNIDO (Togo/France)

Panel B: "Re-thinking strategies for social and economic development".
1 – Fernando Heitor – Economist (Angola)
2 – Jacqueline Ki-Zerbo – Partnership Man-Woman for African Development (Burkina Faso)
3 – Jeannine B. Scott – Senior Vice-President, Africare (USA)
4 – Madina Ly-Tall – Historian, Former Ambassador of Mali to France (Mali)

5 – Marcelo Paixão – Federal University of Rio de Janeiro (Brazil)
6 – Mathieu Mounikou – Writer (DR Congo)
7 – Omobitan Olunfunsho Abyomi – Lagos State University (Nigeria)
8 – Sílvio Humberto Passos – Steve Biko Institute (Brazil)

9 - "Perspectives and challenges of cooperation between Africa and the Diaspora in the area of health".

Moderator:
Sheila Tlou – Minister of Health and Chairperson of the African Union Conference of Ministers of Health (Botswana)

Rapporteur:
Chinua Akukwe – Associate Professor in the Departments of Global Health, Prevention and Community, GW University (Nigeria)

Panel A: "The fight against HIV/AIDS, malaria and other epidemics"
1 – Adedokun Olaide – Lagos State University (Nigeria)
2 – Laura Segall Corrêa – AIDS-DST Program, Ministry of Health (Brazil)
3 – Marcelo Cerqueira – President, Grupo Gay da Bahia (Brazil)
4 – Teresa Cohen – Physician, specialist in public health (Angola)
5 – Wenceslaus Kilama – The African Malaria Network Trust, AMANET (Tanzania)

Panel B: "Policies of public healthcare and human resources development"
1 – Fátima Oliveira – Federal University of Minas Gerais (Brazil)
2 – Genevesi Ogiogio – Africa Capacity Building Foundation (Zimbabwe)
3 – Luis Bogado-Poisson – International Migration Organization (Argentina)
4 – Maria Inês Barbosa – Federal University of Mato Grosso do Sul, Undersecreatry of Affirmative Action, SEPPIR (Brazil)
5 – Pascoal Manuel Mocumbi – High Representative, European and Developing Countries Clinical Trials Partnershp (Mozambique)

Special guest:
1 – Bience Gawanas – Comissioner for Social Affaris, African Union Commission (Namibia)

10 – "Scientific and technological renaissance in Africa and the contribution of the Diaspora"

Moderator:
Henri Hogbe Nlend – Former Minister of Scientific Research and Technology (Cameroon)

Rapporteur:
Bothale Octavia Tema – Director of Human Resources, Science and Technology, African Union Commission (South Africa)

Panel A: "Scientific and technological exchange between Africa and the Diaspora"
1 – Amoo Bosede Oyeteju – Lagos State University (Nigeria)
2 – Bamidele Ogbe Solomon – National Agency for the Development of Biotechnology (Nigeria)
3 – Habiba Bouhamed Chaabouni – University of Tunis (Tunisia)
4 – Jacob Palis – Secretary-General, Academy of Sciences of the Thrid World (Brazil)
5 – Nagia Essayed – Commissioner, Human Resources, Science and Technology, African Union Commission
6 – Pedro Teta – Vice-Minister of Science and Technology (Angola)

Panel B: "Information society, media and new technologies"
1 – Amadou Thior – film director and screenwriter (Senegal)
2 – David Akossa Okongwu – National Agency for the Development of Biotechnology (Nigeria)
3 – Eliane Borges – Brazilian Assiociation of Black Researchers (Brazil)
4 – Maria Aparecida Moura – Federal University of Minas Gerais (Brazil)
5 – Yaye Gamassa Dia – Minister of Science and Technology (Senegal)

11 – "The struggle against poverty and the fight against racism, xenophobia and other forms of discrimination"

Moderator:
Carlos Alberto Medeiros – State Secretary for the Human Rights, Rio de Janeiro (Brazil)

Rapporteur:
Ayodele Aderinwale – Executive Director, African Leadership Forum (Nigeria)

Panel A: "The struggle against poverty and the millenium goals"
1 – Adebayo Olukoshi – Secretary-General of teh Council for the Development of Social Science Research in Africa, CODESRIA (Nigeria)
2 – Alpha Condé – Historian (Guinée)
3 – Kinfe Abraham – President of the Ethiopian International Insitute for Peace and Development, EIIPD
4 – Maxwell Mkwezalamba – African Union Commissioner for Economic Affairs (Malawi)
5 – Mohamed Lamouri – Rabat College of Law, Economics and Social Sciences (Marroco)
6 – Njunga Milikita – Head of the Department of Political Science, Unioversity of Zambia (Zambia)
6 – Patrus Ananias – Minister for Social Development and the Struggle Against Hunger (Brazil)

Panel B: "The fight against racism, xenophobia and other forms of Discrimination: Durban + 5"
1 – Alioune Tine – Secretry-General of RADDHO "Rencontre Africaine Des Droits de l'Homme" (Senegal)
2 – Clare Roberts – Rapporteur of the Interamerican Special Rapport Group on the Rights of African Descendents (Antigua e Barbuda)
3 – Doudou Diene – Special Rapporteur of the UN on Contemporary Forms of Racism (Senegal)
4 – Elias Wahab – Lagos State University (Nigeria)
5 – Fidelia Graand-Gallon – Maroon Women Network (Suriname)
6 – Iba der Thiam – Vice-President of the National Assembly (Senegal)
7 – Matilde Ribeiro – Minister of Policies for the Promotion of Racial Equality (Brazil)
8 – Mohamed Aujjar – Former Minister for Human Rights (Marroco)
9 – Nuhu Omeiza Yaqub – Vice-Chancellor, University of Abuja (Nigeria)

Special guest:
1 – John Shinkaye – Ambassador, Chief of Staff of the Chairperson of the African Union Comission (Nigeria)

12 – "Africa's contribution to Civilization"

Moderator:
Alioune Sall – Sociologist and Regional Coordinator of the African Future Program (Senegal)

Rapporteur:
Eddy Maloka – Director of the Africa Institute of South Africa (South Africa)

Panel A: "The legacy of ancient African civilizations"
1 – André Salifou – Former Foreign Minister (Niger)
2 – Berhanou Abebe – UN Economic Commission for Africa (Ethiopia)
3 – Cheikh Mbake Diop – Historian (Senegal)
4 – Dudley Thompson – Former Ambassador to the AU (Jamaica)
5 – Elisa Larkin Nascimento – Institute of Afro-Brazilian Research and Studies (USA/Brazil)
6 – Molefi Kete Asante – Director, African Studies Department, Temple University (USA)
7 – Oyeweso Siyan – Lagos State University (Nigeria)

Panel B: "African Diaspora and the building of the modern world"
1 – Abdalla Bujra – Sociologist, former Executive Secretary of CODESRIA (Kenya)
2 – Annick Thebia – International Organization of the Francophony (French Guiana)
3 – Carol Boyce-Davis – Florida International University (Trinidad and Tobago)
4 – Cecile Eistrup – Consultant for the African Union on Issues of Reparation (Jamaica)
5 – Erieka Bennett – Head of the Africa Diaspora Forum, Adviser to the President (Ghana)
6 – Massimango Kagabo – El Colegio de Mexico (DR Congo)
7 – Sheila S. Walker – Spelman College (USA)

Special guests:
1 – Boaventura da Silva Cardoso – Minister of Culture (Angola)
2 – Jake Obetsebi-Lamptey – Minister of Tourism and of the Diaspora (Ghana)
3 – Mame Birame Diouf – Minister of Culture (Senegal)

III – AFRICA AND DIASPORA FILM FESTIVAL

Round Table
"Cinema as a means of building identities in Africa and the Diaspora"

Moderator:
Celso Luiz Prudente – Anthropologist and film maker (Brazil)

Rapporteur:
Joel Zito Araújo – Film maker (Brazil)

Expositors:
1 – Abderrahmane Sissako – Director, "Waiting for hapiness" (Mauritania)
2 – Andrea Basilio – Producer, "The hero" (Angola)
3 – Antônio Prado – Producer, "The day Brazil was here" (Haiti)
4 – Idrissa Ouédraogo – Director, "Samba troré" (Burkina Faso)
5 – Leandro Firmino – Actor, "Cafundó" (Brazil)
6 – Magda Gonji – Producer, "Waiting for hapiness" (Mauritania)
7 – Rigoberto López – Director, "Roble de olor" (Cuba)

3. Reporta of the Coodinating Committee

The II Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora – II CIAD was held in Salvador from July 12 to July 14 2006, under the general theme "The Diaspora and the African Renaissance" under the co-chairmanship of Minister Gilberto Gil and South African Congressperson Frene Ginwala. The sessions were held at the Salvador Convention Center, the Federal University of Bahia (UFBA) and the University of the State of Bahia (UNEB). There was a concomitant cultural program in different spaces with movie shows, art and photography exhibitions, musical shows and workshops for student.

2. The suggestion to hold CIAD-II in a Diaspora country was made by the President of Senegal, Maître Abdoiulaye Wade, host of the CIAD-I (Dakar, 6-9 October 2004). The President of the African Union, Alpha Omar Konaré, formalized the invitation to President Luiz Inácio Lula da Silva through a letter date June 15 2005.

3. The invitation was promptly accepted in the context of the Brazilian policy of increasing its political, economic and cultural relations with the African continent. It also reflected the awareness that such an event would provide an invaluable opportunity to reiterate the commitment of the federal government to promote racial equality and valorize Brazilian culture of African origin. Thus, an Interministerial Working Group was set up by Presidential Decree and charged with the organization of the event (GTI-CIAD). The Group was coordinated by the Ministry of External relations.

4. Preparations for the Conference involved the following elements, among others: (a) negotiations with the African Union Commission; (b) contacts with African and Diaspora scholars; (c) contacts with interested governments: (d) articulation of support with international organizations; (e) establishment of the International and Scientific Committee; (f) exhaustive consultations with national entities and intellectuals devoted to African and Afro-Brazilian themes.

5. To organize events in Salvador, the Ministries of External Relations and of Culture – through Palmares Cultural Foundation – set up working teams and mobilized budget resources. This effort was also supported by the Government of the State of Bahia, the Municipality of Salvador, the Federal University of Bahia (UFBA) and the University of the State of Bahia (UNEB). The Ministry of Defense provided invaluable contribution by making available an aircraft of the Brazilian Air Force for the round trip transportation between Adis Abeba-Abuja-Dacar Salvador of authorities and scholars invited. That effort permitted 120 additional people to participate in the IICIAD.

6. President Luiz Inácio Lula da Silva attended the opening session in the morning of July 12, in the Yemanjá Auditorium of the Salvador Convention Center. Also present were the Heads of State of Botswana, Cape Verde, Ghana, Equatorial Guinea and Senegal, as well as the Prime Minister of Jamaica, the Vice-President of Tanzania and the President of the Commission of the African Union. Ministerial delegations were sent by the governments of Angola, Algeria, Ethiopia and Morocco. The remaining African countries were represented by their Ambassador in Brasilia.

7. At the close of the session tribute was paid to Mr. Abdias Nascimento, historic leader of the Brazilian black movement. Following that, the high official present took part in the opening debate on the theme of the Conference – "The Diaspora and the African Renaissance". The North-American actor and composer Steve Wonder also participated. In the evening, the Governor of the State of Bahia, Paulo Souto, hosted a reception for the participants in CIAD-II at the Aclamação Palace.

8. During the three days of its work, II CIAD organized three high level Round Tables, 25 debates in thematic groups and three plenary sessions. The exercise permitted lecturers to deal with a number of issues related to the African renaissance and the valorization of Diaspora populations, encompassing the areas of education, science and technology, health, economics, history, social sciences, human rights, literature, philosophy,

religion, arts, cinema, technical cooperation, social policies, youth and new cultural expressions.

9. At the close of the proceedings, the Conference adopted the "Declaration of Salvador" containing suggestions for the deepening of cooperation between Africa and the Diaspora and also exhorting the governments of these countries to deepen their policies of combat to inequality and of promotion of the populations of African origin. Among the proposals included in the document, the following were especially acclaimed by the public present:

(a) support for affirmative action policies and the adoption of quotas for students of African descent in universities;

(b) the request for the adoption of specific policies to improve the situation of women;

(c) the idea of the establishment of a Study Center of Africa and the Diaspora.

10. Other suggestions and proposals for action presented by the scholars, authorities and representatives of civil society who took part in the Round Tables and Working Groups of CIAD-II were consolidate by the Coordinating Nucleus in the document "The 60 Points of Salvador – a platform for action".

11. Thanks to the support of TV UFBA, the three days of work were recorded and transmitted via Internet. It is expected that DVDs containing the most significant parts of the event will be made.

12. In all, 260 speakers from 53 countries participated in CIAD-II. Besides, several foreign intellectuals, artists and students came to Salvador. Many of them had never visited Brazil. It is estimated that the events in plenary counted with an average public of 800 people per session and the thematic groups attracted about 2.000 participants.

13. More than 30.000 persons a day attended the cultural activities related to the event. Such activities were made possible by the Ministry of External relations and the Palmares Foundation, and included:

- Cinema Festival from Africa and the Diaspora, together with a Round Table on "Cinema as a Tool for the Construction of Identities in Africa and the Diaspora", bringing together directors, actors and producers from nine countries – Walter da Silveira Hall;
- Organization of the Brazilian Black Cinema Hall, with the showing of movies and documentaries – Sé Plaza;
- Exhibition "Abdias do Nascimento", 90 years – A Living Memory" – CEF Cultural Center;

- Exhibition "Agudás, Brazilians from Benin", by Milton Guran – Benin House;
- Exhibition "Italê Ogun", by Adenor Godim – Solar do Ferrão Gallery;
- Exhibition "Brazil from Cabaça: nature, culture and diversity", by Luiz Carlos Ferreira – SESC Bahia;
- Exhibition "Ebony Women", by Lucy Barbosa – Eugënio Teixeira Museum;
- Exhibition "30 years of Afro Blocos", by Alberto Pitta – Old Medicine Faculty;
- Exhibition "Roots", by Selvo Afonso – Angola House;
- Exhibit "Blacks: Past and Present", by Januário Garcia – Sé Plaza;
- Presentation of "Samba de Roda in the Recôncavo", cultural manifestation included in the UNESCO listing of art works of the Immaterial Heritage of Humankind – Convention Center and Tomé de Souza plaza;
- Presentation of the National Ballet of Senegal – Aclamação palace (during the reception to invitees of CIAD)
- Shows with renowned artists (Malê Afro Beat Band, Sandra de Sá, Luís Melodia, Toni Garrido, Leci Brandão and Netinho, among others) – Tomé de Souza Plaza;
- Shows with local artists and masters of popular culture (Samba de Roda, Raízes de Angola, Quinteto de Choro, Grupo da Cidade de São Francisco do Conde, Crianças do Quilombo de Jatimane, Grupo Ganhadeiras de Itapuã, among others) – Tomé de Souza Plaza;
- Show with international artists (Angelique Kidjo, Isa Pereira, Ilê Ayê and special participation by Minister Gilberto Gil) – Acoustic Shell of Carto Alves Theater;
- Visit to the main candomblé houses in Bahia – Ilê Axé Opô Afonjá (nagô), Casa Branca do Engenho Velho (nagô), Bogun (jêje) and Bate Folha (Angola);
- Publication of books on the Churches of Salvador and the Museums of UFBA (Religious Art, Ethnology and Afro-Brazilian);
- Book and black literature Fair;
- Workshops on popular crafts, cartoons, percussion instruments and digital cinema (for 2.000 students of the public network) – Sé Plaza.

14. Parallel cultural activities were coordinated by Ambassador Paulo César meira de Vasconcello, Director of the Cultural Department of the Ministry of External Relations, and Doctor Zulu Araújo, Director of the Palmares Cultural Foundation.

15. Additionally, the Palmares Foundation organized, with the support of SEPPIR, on July 15 and 16 in the Cateano Veloso auditorium of UNEB, the Social Forum of CIAD-II, bringing together representatives of the black movement and Brazilian and foreign intellectuals for debates on questions such as the penitentiary problems in Brazil, the situation of women and the need for closer contact among Latin American and Caribbean communities of Afro descendents.

16. CIAD-II was promoted by the Brazilian government in partnership with the African Union, entity responsible for the creation of the mechanism for dialogue between intellectuals and political leaderships from Africa and the Diaspora. It was also supported by the International Organization of Francophony, UNESCO and CPLP.

17. The Interministerial Working Group (GTI-CIAD) established by the Brazilian Government included representatives from MRE, MinC, MEC, MC, MPOG and the Civilian Household. The substantive aspects of the Conference were evaluated by GTI-CIAD with the assistance of a Technical and Scientific Council, made up of Brazilian personalities in the area of African Studies.

18. For the implementation of the decisions of the GTI-CIAD, a Working Group was created at the Ministry of External Relations, chaired by Ambassador Ruy Nunes Pinto Nogueira, Under-secretary General for Cooperation and Trade Promotion of MRE. The international coordination was entrusted to Ambassador Luís Filipe de Macedo Soares, Permanent Representative of Brazil to UNESCO.

19. On its part, the Commission of the African Union established an Organization Committee in charge of CIAD-II, headed by Dr. Bience Gawanas, Commissary for Social Affairs. The Working Group of the Ministry of External relations and the Organization Committee of the African Union worked in close cooperation to organize CIAD-II. Both structures kept permanent contact and met formally twice at the Permanent Delegation of Brazil to UNESCO, with the objective of assuring the adequate preparation of CIAD-II.

20. To complement this work, an International and Scientific Committee (CI-CIAD) was called and charged with examining the substantive aspects of the project of the Conference. The members of CI-CIAD were nominated by the Brazilian government and by the Commission of the African Union. The meeting of CI-CIAD was held in Brasilia on March 20-21.

21. To close this report, it may be said that the II Conference of Scholars from Africa and the Diaspora was undoubtedly one of the most important meeting of academics, political leaders and representatives of social movements ever held in Brazil. The effort of reflection focused on the theme "The Diaspora and the African Renaissance" allowed Brazilian society to consolidate its strategic partnership with the African continent and at the same time gave greater legitimacy to the task of establishing affirmative action policies for Afro descendants in the country.

22. For the participants from Africa and the Diaspora, the event showed how much a frank and comprehensive dialogue between intellectuals and governmental authorities can contribute to the African Renaissance. It also showed the importance of the pan-African perspective for the deepening of the cooperation between the African continent and its Diaspora. Finally, it emphasized that the celebration of the culture of African origin and the rescue of the role of Africa and the Africans in the shaping of the contemporary world are necessary for the valorization of the peoples of the continent and for the struggle for the improvement of living conditions of Afro descendants in the whole world.

23. As organizers of CIAD-II, the Commission of the African Union and the Brazilian government congratulate the scholars, students and representatives of civil society who participated in the Conference for having produced, in their reflection endeavor, a platform that can propel Africa and its Diaspora towards a fairer and more dynamic future.

Brasilia, August 30 2006 / MD

4. Salvador Declaration

WE, the participants of the II Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora – CIAD II, meeting in Salvador, Bahia, Brazil, from the 12th to 14th July, 2006:

RECALLING the 1st Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora – CIAD I, which took place in Dakar, Senegal, from 6 to 9th October 2004, under the general theme "Africa in the XXI Century: Integration and Renaissance";

RECOGNIZING that the theme of the CIAD II: "The Diaspora and the African Renaissance" builds upon and further consolidates the outcome of the CIAD I;

ACCLAIMING the importance of the participation of the President of the Federative Republic of Brazil, Luiz Inácio Lula da Silva, who opened the CIAD II;

ACKNOWLEDGING the equally important participation of the Presidents of Botswana, Cape Verde, Equatorial Guinea, Ghana and Senegal, the Prime Minister of Jamaica, the Vice-President of Tanzania and the Chairperson of the African Union Commission;

SALUTING the active participation of intellectuals and policy-makers, from the various regions of the African continent and the Diaspora;

EXPRESSING appreciation to the Commission of the African Union and the Government of the Federative Republic of Brazil for the organization

of the CIAD II, which lays the basis for the continued cooperation between the African Union, as the primary continental organization and the countries of the Diaspora;
APPRECIATING the thoroughness of the debates in the three round tables and the twelve thematic groups;

AGREE THAT

1. The growing consciousness of the need for a renewed pan-Africanism, with its political, economic, social and cultural dimensions, and the solidarity among the African States assembled in the African Union, are essential elements of the African Renaissance.
2. The African Diaspora, spread across the entire globe, keeps alive the awareness of its African origin and is a significant component of the African cultural and political heritage.
3. A greater engagement of the African Diaspora with its historic African roots will assist in overcoming the challenges communities of African origin face in different countries. Conversely, Africa is poised to benefit from a better-organized Diaspora, which can bring its support to the quest for the sustainable development of the continent.
4. The meeting of intellectuals, within the framework of CIAD, fosters and contributes to the engagement of the Diaspora with its historic roots.
5. African development will be expedited through the contribution of the Diaspora.
6. CIAD I and CIAD II have provided an important platform for increasing global understanding of African Renaissance and underscoring the need for maintaining a dialogue among intellectuals from Africa and the Diaspora between the meetings.
7. Africa and the Diaspora must consciously work for the sustainable, accountable and responsible management, as well as the equitable distribution of national resources. This is only possible in a system of governance that is inclusive and participatory and that respects human rights and cultural diversity.

DECLARE THAT

I. CIAD II reiterates the call to the African leaders for the Diaspora to be considered the sixth region of the continent.

II. The African Union should promote activities of the Diaspora as an important component in the building of the African Union and to strengthen and support the existing Directorate of Civil Society and Diaspora relations (CIDO) in the African Union that deals with the contacts with communities of African origin in other countries.

III. African countries and communities of the Diaspora should support the work of the Directorate in particular and the African Union Diaspora Initiative in general.

IV. The African Union Commission should establish a Steering Committee of intellectuals which would assist the Commission of the African Union in considering the modalities and legal status for the establishment of a Permanent Secretariat, as recommended by the CIAD I, held in Dakar.

V. In the best tradition of intellectual inquiry with social responsibility, the Steering Committee should forge strategic cooperation among the intellectuals and policy-makers in Africa and the Diaspora, through organized and sustainable mechanisms. The Steering Committee would also propose modalities for coordinating research, teaching, dialogue, and other intellectual activities of strategic interest to advance the Renaissance of Africa and to integrate these activities with those of the African Union and the various interstate initiatives.

VI. In line with previous resolutions, the African Union should, in consultation with all partners, move towards the creation of institutional mechanisms which could serve as points of reference for enhanced cooperation among intellectual and artistic organizations and institutions of Africa and the Diaspora; promote, among others, sectoral activities, scientific projects, seminars, artistic events and youth meetings; strengthen and foster the pan-Africanism.

VII. The decision of the Government of the Federative Republic of Brazil to contribute to the establishment of such mechanisms is warmly welcomed by the II CIAD.

VIII. The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) should include, in its program and budget for the 2008-2009 biennium, as well as in its medium-term strategy 2008-2013, support to the CIAD II follow-up activities and other initiatives that foster closer ties between Africa and the Diaspora.

IX. The Commission of the African Union should forge, with relevant institutions, such as the International Organization of the Francophony (OIF), the Commonwealth Secretariat, and the Community of Portuguese Speaking

Countries (CPLP), strategic partnerships designed to mobilize support for the CIAD process, including follow-up activities to CIAD I and II.

X. CIAD I and II are marks of closer relations among African countries and countries of the Diaspora and testifies to the growing importance of the place of Africa in the world.

XI. CIAD II recognizes the essential role played by women in the African Renaissance. Thus, the solidarity between Africa and the Diaspora should be reinforced by the creation of a network of intellectuals, to articulate and defend women's rights and privileges. Furthermore, women from the Diaspora should be encouraged to join pan-African movements led by African women. CIAD II calls upon black women intellectuals to appropriate and disseminate accurate information about women, both in their countries and abroad.

XII. CIAD II, taking into consideration the legitimate demands of the people of African descent, reiterates the importance of universal access to education as an instrument for the correction of historical inequities. Aligned with the initiatives undertaken in this sense by the Government of Brazil, CIAD II declares support for quotas, affirmative action programs and other related mechanisms.

8. The realization of the African Renaissance is an essential element to ensure that the XXI Century starts an era in which all peoples and countries share the benefits of wealth and culture, in full respect of the dignity, rights and values of children, women, elders and men of all ethnicities and beliefs.

Salvador, 14 de julho de 2006.

5. The 70 Points of Salvador – a platform for action[1]

The participants in the II Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora – II CIAD, who met in Salvador between 12 and 14 July 2006, presented the following proposals as a contribution to the formulation of public policies of their countries, turned towards the African Renaissance and the overcoming of inequalities that affect the population of Africans descendants in the Diaspora:

1) To recognize the role of scholars and encouraging them to participate in the decision-making process in the sphere of government;
2) To support the creation of institutional mechanisms that can reinforce the solidarity between the Diaspora and Africa, both in the governmental level and within civil society;
3) To promote the process of reflection between African scholars and that of the Diaspora countries, through the creation of a pan-African University;
4) To make possible the establishment of a Center of Studies on Africa and the Diaspora that acts as a permanent Secretariat of CIAD;
5) To consolidate the five regions of the continent, setting forth the Diaspora as the sixth African region;

[1] The points included in this Platform for Action were compiled by the Coordinating Nucleus of the II CIAD on the basis of texts presented by the Rapporteurs designated by each of the Round Tables and Thematic Groups of the Conference.

6) To establish a political pact between Africa and the Diaspora, to unite energies, protect its peoples e search jointly for development and welfare;
7) To deepen good governance, transparency, the fight against corruption and the respect to human rights as indispensable factors of economic development and the consolidation of democracy;
8) To promote democracy and pluralism in the internal level, and the defense of tolerance and the culture of peace in the international scene;
9) To keep fighting against poverty and the improvement of social indicators in the Africa and Diaspora countries, with special attention to anti-discrimination laws and affirmative action policies;
10) To claim the establishment of a truly democratic international order with the reform of the United Nations system and of the Security Council;
11) To adopt measures for greater international awareness on the problems of racism, xenophobia, exclusion and economic exploitation, both in relation to Afro descendants and to the new African Diaspora in Europe and the United States;
12) To follow the process of monitoring the implementation of the Durban Conference;
13) To emphasize, in the debate among nations, the inconsistency of those who intend, on the one hand to liberalize markets and promote the free circulation of goods and capitals and on the other establish growing barriers to the circulation of people, especially when they come from African or Latin American countries;
14) To fight in the international arena for the adoption of measures of reparation for Africans and Afro descendants whose ancestor have been victims of deprivation of freedom and submitted to slavery, and to study, in the context, the possibility of creation of an African Reconstruction Fund;
15) To assure adequate management of natural resources, equitably and sustainably shared, through "participative governance";
16) To promote wider integration of the excluded segments of the population in order to combat potential sources of social conflict, as well as criminality and terrorism;
17) To widen the democratic space through recognition of diversity and plurality of beliefs, customs, values and cultures;
18) To protect and promote, in the internal and the international field, the cultural diversity, cradle of our best traditions and indispensable source for any artistic and intellectual renewal;

19) To encourage better articulation between tradition and modernity, turned toward making the institutions peculiar to each place compatible with the universal values of freedom and equality;
20) To promote the security of the population, with a view to human rights, adequate education and a healthy environment, among other basic items for survival;
21) To gather resources, in the international field, that ensure adequate collective action in the prevention and solution of conflicts;
22) To encourage the creation of an international network of communication and exchange of ideas between Africa and the Diaspora, looking for a pan-Africanism that recognizes de several Africas in the continent and the Diaspora;
23) To set clear objectives and medium term goals for the improvement of the condition of women in Africa and in the Diaspora;
24) To promote unimpeded access of women to the basic social needs such as housing, health, employment, education and culture;
25) To institutionalize the theme of gender and equality in universities;
26) To give responsibilities to women and stimulate their participation in governmental decision making instances and in agencies charged with the implementation of such decisions;
27) To re-think development strategies in order to include the prospect of improvement in the condition of women;
28) To make a study on the place of women in African societies;
29) To institute programs that spread among children basic values and principles such as dignity, resistance to oppression, democracy and the importance of work;
30) To ensure the expansion and improvement of education – with emphasis on youth, in the eradication of illiteracy and the inclusion of women – expanding both the elementary and secondary school systems as well as the technical and university levels;
31) To institute systems of reservation of spots for women, minorities and Afro descendants in universities, not only as a mechanism for social ascent but above all as a form of effective democratization of knowledge and encouragement to the production of a knowledge better attuned with the reality of these populations historically neglected;
32) To facilitate, support and expand the exchange of students between the Diaspora and Africa;

33) To promote the teaching of the history and culture of Africa and the Africans in the Diaspora, as a factor not only of racial equality but also of the very construction of justice and democracy;
34) To encourage research and the spread – including in didactic texts – of a more judicious historiography, that decolonizes knowledge, valorizing the rich African past and showing the decisive role of Africa and its peoples in the construction of the modern world;
35) To make a joint Africa-Diaspora endeavor for the systematization of historical and economic data with a view to their inclusion in school texts;
36) To finance research and studies that relate the history of Africa with that of the Diaspora so that, from this basis, our countries may participate more actively of the elaboration of the history of humankind and of universal history, highlighting the contribution of Africa and avoiding any future marginalization;
37) To advance, in the education system of the Diaspora countries, toward a non-territorial history that is able to extend across the Atlantic and gives full consideration to the African influence;
38) To prioritize cooperation in the field of education and culture, with a view to the construction of common identities;
39) To promote a careful and participative re-examination of the teaching schedules and methodologies so as to counter the growing lack of interest on the part of youth in the formal education system;
40) To encourage he practice of sports in schools, the teaching of art, the mastery of new technologies and media as well as the participation of families and communities, so that young people may find there a more congenial environment and an effective tool for their formation and socialization in the modern world;
41) To support complementary functional learning of other languages, giving priority to African "mother tongues without prejudice to the teaching and mastery of a second European language that acts as a tool for communication with the world;
42) To valorize, on both sides of the Atlantic, religions, languages and cultural expressions of African origin, without which there can never be an African Renaissance, either in Africa or in the Diaspora;
43) To protect and ensure the permanence of the traditions of orishas, voodoos and inquices in Africa and in the Diaspora, through, among other factors: the registration of these practices as immaterial patrimony; incentive

to exchange of information and circulation of leaders; promotion of seminars, studies and research; support to social activities carried out by communities and terreiros;
44) To combat religious intolerance by ending persecutions, libels and systematic demonizing of traditional divinities and ancestral African spirits;
45) To encourage activities that facilitate mutual knowledge and the artistic and intellectual exchange between Africa and the Diaspora;
46) To develop cooperative activities which besides transfer of technology ensure effective sharing of knowledge, facilitating the deepening of the intellectual dialogue;
47) To build policies aimed at bringing closer together African intellectuals and researchers who carry out their professional activities in the Diaspora and those who are in Africa;
48) To combat structural factors that lead to "brain drain" by creating adequate conditions of work, career and production of knowledge in Africa and the Diaspora;
49) To expand research institutions and financial resources devoted to research, including through the establishment of a pan-African fund of support to research;
50) To introduce positive discrimination in favor of Africans in the Diaspora countries whenever the recruiting of foreign scientists and intellectuals is needed;
51) Pro promote, in the Diaspora countries, the formation of a larger number of scholars of African origin, and ensure, in African countries, greater \access of women to scientific careers;
52) To facilitate the transit of intellectuals and artists between Africa and the Diaspora, especially in what regards visas and work permits, examining in this context the possibility of the adoption of pan-African passports;
53) To prioritize the relationship between African universities and those of the Diaspora, encouraging exchanges between graduation, post-graduation and research;
54) To promote South-South scientific and technological cooperation and deepen already existing cooperation between the Diaspora and the African continent;
55) To stimulate exchange in areas that are decisive for development, such as transportation, energy, civil construction, electronics, biotechnology and increase in agricultural productivity;

56) To encourage the implementation of new programs of cooperation turned towards scientific production on the African continent and populations of African origin;
57) To increase cooperation between the Diaspora and Africa in the combat to endemic disease and in policies and programs of basic health;
58) To promote a comparative study of effective health strategies and good practices, health education, participative management e means to control epidemics;
59) To recognize that health is a fundamental right of our citizens and that it is up to the State to assure universal access to health care;
60) To protect traditional wisdom and knowledge of African origin, the ownership and use of which constitute an inalienable right of the peoples who developed and preserved them;
61) To incorporate such wisdom and traditional knowledge in the official system of health promotion and take them into account when reforming national models of health policy;
62) To establish a common agenda between Africa and the Diaspora in the fight against HIV/AIDS, malaria and other epidemics;
63) To encourage editorial policies that make possible the creation of knowledge produced in Africa and in the Diaspora;
64) To create mechanisms to promote the return and permanence of health personnel who emigrated from Africa and stimulate human resources in the field of health formed in the continent, by means of better conditions of work and adequate retribution;
65) To expand the means of communication between Africa and the Diaspora, through greater investment in the areas of transportation, radio, television, telephone and digital inclusion;
66) To link the effort to master new technologies with special attention to the issues of access, social inclusion, the bridging of racial and gender gaps and the development of contents geared to these objectives;
67) To promote audiovisual and creative industries through initiatives such as: incentive to official and private support to culture; creation of investment funds; support to professional and entrepreneurial formation; assurance of market spots and access to distribution; promotion of diversity; incentive to the circulation of contents between Africa and the Diaspora; removal of every form of censorship on the process of creation.

68) To rescue, in the formulation of economic policies, the development perspective, not by adapting it to external recipes but to the existing and potential challenges of the African continent and of the Diaspora countries;
69) To seek to move the economies through development and innovation, increasing for this end the activities of investment, within a favorable environment to external capitals, especially those coming from the Diaspora;
70) To fight Afro-pessimism and promote the ideas contained in the African Renaissance movement, in order to rescue, intellectually as well as morally, the self-esteem of African and the African peoples in the Diaspora.

Brasilia, May 27 2007 / MD

6. Reports of the debates at round tables

1st Round Table
"The Diaspora and the African Renaissance: past contributions and the present project"[2]

Rapporteur:
Margaret Vogt – Department of Political Affairs, United Nations (Nigeria)

Report:
"Participants of the Round Table were Their Excellencies Presidents Mr. Luiz Inácio Lula da Silva, from Brazil; Mr. Festus Mogae, from Botswana; Mr. Pedro Pires, from Cape Verde; Mr. John A. Kufuor, from Ghana; Mr. Oblang Nguema, from Equatorial Guinea; and Mr. Abdoulaye Wade, from Senegal. Also present were the Prime Minister of Jamaica, Ms. Portia Simpson-Miller, the Vice-President of Tanzania, Ali Mohamed Sein and the president of the Commission of the African Union, Alpha Omar Konaré.
2. The intervention by the renowned singer Steve Wonder was significant. He pointed out that he had not come as a politician but as an Afro-American who had received the gift of music. He blessed the public with a strong message of peace in which he described the permanent panorama for the progress of

[2] For a complete transcription of the debates of this Presidential Round Table, please look at Chapter 9.

Africa and its Diaspora, which can only be reached through love, respect and dialogue. He then brought his music to the public.

3. President Lula emphasized the special meaning of the II Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora (CIAD II) for Afro-Brazilians, who took the opportunity to honor Senator Abdias Nascimento for his leadership in the struggle for the promotion of racial equality in Brazil and the independence of several African countries.

4. The round table was a natural development of the statements made during the opening ceremony of the event. Both discussions merged into a continuous dialogue. All speakers stressed the historic significance of the holding of CIAD II in Brazil following the first Conference held in Dakar in 2004. The Senegalese capital lies only at a three and a half-hour flight from Salvador and is one of the main points of departure from where millions of Africans were removed by force from their homeland. Brazil, as the most important place of arrival carries in its own history and formation the impact of such experience on the peoples who were forcibly "exported". Toda, excluding Nigeria, Brazil is the country of the largest black population in the world, and Bahia is its most African state.

5. Many Heads of State, more specifically President Wade, suggested turning the Atlantic from an ocean of separation into a wide river through which the union of our histories and cultures could be consolidated, a path for human circulation. In answer to a past that President Konaré described as one of genocide and crime against humankind, we shall promote interactions that will facilitate the exchange of the best goods and services that our peoples can offer.

6. The Heads of State reviewed the history of the African Renaissance and the fundamental role of the founders of the pan-African movement. The also analyzed the impact of that movement on the development and evolution of their own political history. Such a historic perspective was eloquently presented by the Prime Minister of Jamaica, Portia Simpson-Miller, who stress in particular the vanguard role exercised by the precursors of the movement, many of them descendants of Jamaicans who established links with the contemporary generation, chiefly represented by Bob Marley, Dudley Thompson and his predecessor, P.J. Patterson.

7. The speakers recalled the importance of pan-African philosophy and ideals to help shape and inform the understanding of the African experience. President Konaré said that the basis of history and experience, slavery, as

having been erroneously interpreted, since it must be considered a crime against humankind. He argued that the "import" of he impact and of the consequences of slavery in the history of peoples that descend from Africans must be better understood and elaborated" in our society and in our strategic policies.

8. In this connection, special meaning was given to the link between the work of great African thinkers such as Frantz Fannon, Cheik Anta Diop, Aimé Cesar, Chinua Achebe, Samir Amin and Léopold Sedar Senghor who would be celebrating his centennial this year.

9. Nevertheless, the Heads of State stated that the pan-African project remains incomplete. While political independence has been reached, the search for economic development continues. Countries require particular attention because of poverty, underdevelopment and low levels of health of the African peoples. They ask that our efforts turn toward the reversal of negativism and pessimism that denigrate the African image.

10. President Konare suggested that African Renaissance requires a strategy with clearly defined objectives and sustainable actions that may lead us to a new Africa – which exalts work, solidarity, justice, good governance, respect for the rule of law and the promotion of the role of the law.

11. The importance of the unity of the African continent was stressed. President Konare urged States to promote true African nationalism and citizenship, based on the concept of pan-Africanism. He emphasized that the needs of Africa require wide-ranging reflection on how to strengthen the African Union and highlighted the importance of adopting the Diaspora as the Sixth African Region. In his view, the project must be focused on the capacity of Diaspora countries and populations to help Africans to face their current limitations and counter the negative impact of globalizatioon.

12. Due tribute was paid to President Lula in this respect, for his persistent personal commitment in favor of the African cause and for the concern he has displayed since his inauguration in 2003 for the strengthening of the ties of Brazil and South America with the African continent. As pointed out by those present, the Brazilian President has advocated a change in the paradigm in the international political and geographic relations, stressing South-South relations and encouraging partnerships based on solidarity and reciprocity of interests. In the domestic field he has promoted deep changes, promoting the adoption of affirmative action for the best integration of marginal populations, including Afro-Brazilians.

13. Among the recommendations made by the Heads of States, the following proposals are highlighted:

- To continue the institutionalization of the process of reflection by African intellectuals so that ideas and proposals may be better followed up and implemented;
- To establish a permanent Secretariat for CIAD;
- To establish a pan-African university as a platform for continuing reflection and interaction between Africa and the Diaspora;
- To promote African languages, including the development of a common African language;
- To entrust civil society itself with the organization of CIAD III, with governmental support.

2nd Round Table
"Gender and Equity in Africa and the Diaspora"

Rapporteur:
Fatimata Tambadou – Central Bank of West Africa (Mali)

Report:

"The Round Table "Gender and Equality in Africa and in the Diaspora" was chaired by The Delegate Minister of Foreign Affairs of Gabon, Ms. Laura Olga Gondjout (Gabon) and Ms. Fatimata Tambadou economist from the West African Central Bank (Mali) served as Rapporteur, assisted by Uhpmoibhi (Nigeria). Interventions were made in the following order:

- Minister Nilceia Pereira, Special Secretariat for Policies for Women (Brazil)
- Sueli Carneiro, Instituto de Mulheres Negras, Geledes (Brazil)
- Mae Stelle de Oxossi, Iyalorixa do Ile Axe Opo Afonja (Brazil)
- Wania Sant'anna, researcher and political activist (Bnrazil)
- Marema Thoure Thiam, researcher from CODESRIA (Senegal)
- Monique Ilboudo, Minister for the Promotion of Women and Human Rights (Burkina Faso)
- Maria Angelique Savane, from the Committee of Eminent Personalities of the Review Mechanism of the African Peers (Senegal)
- Epsy Campbell, economist and member of Congress (Costa Rica)
- Sylvia Servin (Martinica)

- Madina ly Tali (Mali)
- Lydia Dual, sociologist and consultant for UNESCO (Chad)

2. Speakers recalled the different forms of violence and discrimination faced by black women in the past as well as in the present. They emphasized, in this particular, the double marginalization stemming from the condition of being black (or Afro descendants) and women.

3. The difficulties of access to land and jobs were fully analyzed, particularly with the regard to the permanence of women in the informal sector. Shortcomings related to health and the standard of living in general, as well as unfair treatment in family and everyday life were also pointed out. This happens despite the general recognition that women work much and often more than men.

4. Nevertheless, the leadership role of women in different struggles by black communities in Africa as well as in the Diaspora were stressed. It was found that there have been changes but these are still not enough and deserve to be reinforced in order to improve the situation of the rights of black women in general. In this connection, the need for political action aimed at reversing the current trends in development, still unfavorable to women was strongly recommended.

5. Speakers from the Diaspora mentioned some of the features of the situation of women in these countries, such as:

- the importance of the population of African origin, which reaches almost 150 million people, 87 million of which in Brazil, representing 48% of the total population;
- the economic and social fragility of this population, especially women;
- their harsh work conditions, since usually women are mre requested than men and are forced to work in more precarious conditions with lower salaries;
- the social and domestic violence against women;
- the fundamental contribution of women for making effective any change in behavior toward the black population;
- the decisive role of black women, now and in the future, in the solution of family problems due to the virtual absence of the head of the family;
- the insignificant place attributed to the Afro descendant population in political decisions.

6. African speakers showed that despite the physical dimensions of the continent, its geographic and historic diversity – marked by foreign incursions that shaped different realities since colonization –and its cultural diversity,

women are marginalized and subordinated in a way similar to their Diaspora sisters. While the negative factors stemming from slavery do not appear in the African continent, the situation of African women is still precarious due to factors such as:

- culture (excision, widowhood, the question of castes, social status, etc.);
- resistance to speak up and option for silence;
- economic conditions (poverty is usually conjugated in the feminine);
- place of residence (urban or rural milieu);
- negative decisions by politicians (war, legislation, etc.);
- systematic violations of human rights;
- reticence in the conceptual debate; and
- the problem of patriarchy in African societies.

7. It is important to stress that initiatives aiming at correcting discrimination and violence toward women have followed different paths in the Diaspora and in the African territory.

8. In the former case, women themselves took the responsibility to fight to reverse the trend and this produced faster and widely shared results. In the case of Africa, the movement was introduced as a consequence of external contribution (creditors of bilateral and multilateral funds, non-governmental organizations, etc.), and thus results were attenuated and required wide and constant awareness..

9. Finally, the appearance of a new Diaspora as a result of a voluntary population movement (including a growing number of women) toward the Americas and Europe was mentioned. These immigrants contribute to the springing of another generation , that of their children, who develop behaviors different from their original spaces. Within that population, exclusion is primarily conjugated in the feminine.

10. Conclusions and Recommendations:

I – To reinforce solidarity between the Diaspora and Africa

- to better love each other and help one another to be successful.
- to take better advantage of available means in the Diaspora.
- to bring about student exchanges within the Diaspora.

II – To take the initiative in "their own fight"

- educating women in that directions
- carrying out an analysis of society and the place of women
- developing citizenship awareness in women

- teaching our children both boys and girls, our capital values, such as dignity, resistance, efforts, etc.
- creating a pan-African network of intellectuals
- re-launching women pan-Africanism and including the Diaspora
- making women more determined, voluntary and resistant
- redefining democracy
- urging to work
- making racism and exclusion of Afro-descendants internationally condemned and pointing out its negative consequences for democracy
- utilizing all international spaces
- establishing support networks.

III – To take charge of the information on our populations and the world

- retaking the initiative in the elaboration of our historical and economic data, including in school schedules

IV – To set objectives for the improvement of the condition of women in Africa and the Diaspora

- promoting the access of women to basic social needs: health, education, etc.
- institutionalizing the thematic of gender and equanimity in universities.

V – To give responsibilities to women and stimulate their participation in decision-making instances and the implementation of such decisions.

VI – To improve the standards of living through the redefinition of access to resources, and

VII – To re-think development strategies in order to include the perspective of the improvement of the condition of women.

3rd Round Table

"The need for a political pact between Africa and the Diaspora for peace, democracy and development"

Rapporteur:
Jacques d´Adesky – Cândido Mendes University (Brazil)

Report:

"The plenary session was chaired by the Minister of Culture, Gilberto Gil, and Frene Ginwala, of the South African Parliament, with the participation of eleven speakers in addition to the moderator and the Rapporteur.

2. Moderator Christine Desouches, Delegate for Peace, Democracy and Human Rights of the International Organization of Francophony (OIF) opened the session and took the opportunity to congratulate the participants in CIAD-II and express her satisfaction with papers presented and with the initiatives taken during the Conference. She also said that OIF felt extremely honored to be a partner in this event.

3. Next, Nobel Peace Prize Laureate Wangari Maathai spoke about her concerns with the environment, calling attention to the link between the environment and peace. She said that the survival of the planet depends on an adequate management of natural resources, which should be shared with equanimity. This form of management can be called "participative governance". Peace does not happen spontaneously. One needs to welcome and integrate the excluded elements from the population which become, when marginalized, potential source of social conflict and even, in certain circumstances, vehicles of terrorism and organized crime. Through integration, existing tensions that generate unbridled competition to ensure the control of resources would tend to disappear, which in torn would permit to establish peace at the national and global levels. It is also necessary to expand the democratic space that recognizes diversity and plurality. Democracy does not come about only under the leadership of one person, but at the level of each individual. The participation of everyone in our neighborhood must be encouraged, not only as a bystander, but as an active participant with a view to the promotion of peace. This is a message that must be spread in the world, at the regional and the national and international levels.

4. Minister of Culture Gilberto Gil expressed his satisfaction on the success of CIAD-II. He recalled the nefarious time of slavery, pointed out the

importance of the city of Salvador, located at the crossroads of the African, Caribbean and American cultures and stressed the need for building new forms of solidarity. Among these, he emphasized that solidarity based on cultural representations makes possible the preservation of the identity of peoples. This was how those peoples who were victims of forced dispersion were able to regroup and survive. To accomplish the great endeavor of remaking in an transcontinental movement permits the emergence in this Conference of greater mutual knowledge and artistic and intellectual exchanges that are necessary for the affirmation of our Afro-Diaspora and Afro-centered perceptions. He underlined the need for a worldwide network of communication between Africa and the Diaspora. The involvement of the African Union in search of a pan-Africanism that contemplates the several Africas of the African continent and the several Africas of the African Diaspora heralds a new era of African renaissance.

5. **Frene Ginwala**, co-chair of CIAD-II, argued for the need to establish a political pact between Africa and the Diaspora. She stated that it is necessary to unite forces, not to try to protect our rulers, but in order to protect the people, by seeking its welfare with the primary goal of promoting human security which envisages human rights, such as adequate education and a healthy environment, among other basic items for survival. She recalled that Africa is often seen by the world media as a continent in constant conflict, when in reality conflicts only affect a small number of countries. On the other hand, she questioned the double standard of humanitarian help, whose resources are limited when dealing with Africa. "Why this treatment?" she asked. "There should be no ambiguity" she went on. "Why are the wealthy countries so keen to solve conflicts in the former Yugoslavia, for instance, and always say they have no money to help in the effort against conflicts in Africa? Our pact must provide equal availability of resources. There must be international resources to ensure adequate collective international action." Frene Ginwala also stressed that democracy does not mean only holding elections every three or four years. It is an ongoing process, which requires the participation of all citizens, whether women or members of minority groups. She recalled that the role of scholars should not be limited to the academic milieu, and that they must participate in the debates related to social life, especially through the media and also the publication of academic journals. What is fundamental is the socialization of knowledge and not keep it to oneself. In this connection, it is important that governments recognize the role of

scholars and also stimulate them, so that there is greater participation in the decision-making process.

6. **António Mascarenhas Monteiro**, former President of Cape Verde and Represenbtative of the Community of Portuguese Speaking Countries (CPLP) stressed that by participating in CIAD-II he was visiting Brazil for the fifth time, a country that has deep ties with his own. As for the theme of the meeting, he stated that the trilogy "Peace, Democracy and Development" is essential for the African continent. Without good governance, transparency and respect to Human Rights it is hard to assure sustainable economic development. Furthermore, the situation in the field of health is cause for concern: life expectation did not progress as in other continents, without forgetting the rate of AIDS, which is in constant growth in African countries. For Antonio Mascarenhas, democracy is above all a learning process. In spite of conflicts that afflict some African countries, one must recognize that the State of Law prevails in an ever larger number of nations.

7. **André Azoulay**, Royal Advisor in Morocco, said he was extremely happy to participate in CIAD-II since the question of the Diaspora was usually seen with lack of trust in Morocco, when on the contrary it is an enriching phenomenon. CIAD-II becomes, in a certain way, a tool that may help establish a better understanding of these problems. He recalled that the Casablanca Conference ad already shown the need to interact more closely with the Diaspora. He charged that we live in a world community increasingly slow, heavy and static, full of fragmentation due to the incentive to fear some religions. However, Morocco is showing the world that it can openly be what it is – at the same time African, Arab and Moslem – by being open and tolerant with regard to minority religious groups such as Jews, Christians and Gnawa.[3] André Azoulay invited the African continent to assume a collective responsibility in the universe of globalization. In his view there is a space where Africa is the leader: that of fraternity, as witnessed by history. Those who were persecuted by the Inquisition sought refuge in Africa and were welcomed there. What would be the visual arts without Africa? he asked. What about philosophy and mathematics, had not it been for the Arabs? Morocco, a country of synthesis and understanding of differences, calls for the establishment of new pacts such as, for instance, the resistance to the temptation of accepting a mutilated history of one's homeland.

[3] Religious practice from Subsaharian Africa.

Morocco is an integral part of these challenges and invites everyone not to be forgetful of their own history.

8. **Conceptia Ouinsou**, Prsident of the Supreme Court of Benin, called attention to the importance of the Modern Diaspora, resulting from political exile and the process of economic migration of Africans to countries in the Northern Hemisphere. Even if it is not adequately seen by African states, it is likely to have a significant political role in the future. In fact, money sent by African emigrant to their families that remained behind ensures, in a certain way, a flow of foreign currency to their countries of origin. On the other hand, their influence is growing, which leads the African Union to recommend that the Diaspora be considered an active agent. In the view of Conceptia Ouinsoiu the Diaspora may become a powerful pressure group through the informal network that it creates and that is increasingly wider. It is essential that the African countries become aware of this phenomenon and be able to see the benefits existing within the context of globalization.

9. **Djovi Gally**, President of the Pan-African Observatory for Democracy and former Minister for Human Rights of Togo, considered that a political pact between Africa and the Diaspora is possible. There are several common values shared by both sides of the Atlantic. Since it is an ongoing project, it is essential to establish a number of operational axes, without which the objectives may become empty in the medium run. He proposed, in this connection, the creation of effective pressure groups aiming at making viable truly social development, at the internal and international levels, based on the values of freedom, equality and mutual respect. For him, only democracy can make progress possible. He also called attention to the fact that the construction of this new African society and of the Diaspora will not have a sure future if it does not share the culture of democracy.

10. **Edna Roland**, member of the Independent Group of Eminent Specialists appointed to follow the implementation of the Durban Declaration and Program of Action, said that the process of empowerment of Afro-descendants will reverberate positively in Africa, because they are potential allies of the Africans. She stressed that the expansion of G-8 o G-13 has become an important factor in the international scenario. By integrating emerging nations such as India, Brazil and South Africa, G-13 makes it possible for these to play a relevant role in the balance of international relations. Having served as Rapporteur of the III United Nations World Conference on Racism, Racial Discrimination, Xenophobia and other Related Forms of Intolerance, Edna

Roland recalled that slavery and the traffic of black slaves have been recognized as a crime against humankind. In this sense, it should allow for the study of measures of reparation for the descendants, whose ancestors were victims of deprivation of freedom and subject to slavery. She underlined that racism is a universal problem, and it is fundamental, in her view, to keep the spirit of Durban alive in the search of a world free of racism. She closed her intervention by recommending that the African countries and the Heads of State and Government present commit themselves to the monitoring process in order to evaluate progress on the recommendations of the Durban Conference.

11. **Kola Abimbola**, professor of Law at the University of Leicester, warned that democracy can have many meanings and also suffer deviations in its practice. It is the regime of the majority, but this is not enough in current times. He recalled that democracy has a universal dimension and at the same time a relative dimension. The values of liberty and equality should be considered as universal, while the institutions are related to the location. For these to be democratic, it is sometimes necessary to adapt them, to make them adequate and modern and even to eradicate them. It is a double challenge that African countries must embrace. This situation does not mean that traditions should be forgotten. On the contrary, some domestic institutions reveal that they are infused with the democratic spirit, even if this is not evident at first sight. It is up to each society to recognize the existence of values that go beyond the local level and to attain universal principles. Only this way will it be possible to think about the articulation between tradition and modernity.

12. **Marcelino dos Santos**, member of the State Council of Mozambique, emphasized the importance of the education of young people, the future of each country. He also recalled the process of independence and the decisive role of the struggle for liberation. He hailed enthusiastically the young black university students who had interrupted the plenary session with a protest demonstration in which they claimed, through a manifesto, their fair right to access to university through a reserve of quotas.

13. **Noureini Tidjani-Serpos**, Assistant Director General of UNESCO for Africa, stressed that the development of Africa depends, above all, on its human resources and accordingly to the expansion of education at the elementary and secondary levels, but also on the technical and university levels. With regard to the pact between Africa and the Diaspora he considered that it should be based on common history. One cannot allow amnesia to grow in the memory. As for the culture of peace, Tidjani-Serpos thought that it may

widen as long as we learn to accept the other entirely, including differences that sometimes may seem strange before one's own culture. On democracy, he emphasized the need to bring forth the internal democracy in each country. For its consolidation in each country he deemed essential the importance of establishing a true democratic system at the international level.

14. **Patrick Mazimbhaka**, Vice-President of the Commission of the African Union, spoke about the relationship between intellectuals and politicians. He stressed that the role of the intellectual is not to remain in an ivory tower, but that his or her knowledge must be socialized. He asked whether there really existed an adequate environment for the establishment of a political pct between Africa and the Diaspora. He felt that the results of CIAD-II were encouraging, but that it is fundamentally important for this dialogue to be put into practice in each country of the African continent and of the Diaspora.

15. **Robert Doussou**, former Foreign Minister of Benin, stated that the theme of the political pact arrives at a time when the attempts to re-establish peace in Darfour have not been successful because of violence. To think of establishing lasting peace leads to the need to associate it to the dimensions of democracy and development. At the national level, peace nowadays means to recognize the existence of plural societies that force us to search for new paths toward the construction of democracy. At the international level, peace must be seen through the need for a reform of the United Nations System, particularly the Security Council. Being a supporter of the political pact, Robert Doussou also argued that it must be elaborated with the help of intellectuals from Africa and the Diaspora. These intellectuals should be mobilized with regard to the issues of human rights and security but also with regard to NEPAD. It is a task that may stimulate exchanges in several fields of knowledge such as, for instance, history, culture and economic development. He concluded by stating that the Diaspora should make its competences available to African countries while African intellectuals should be ready to discuss and sustain any kind of reflection on plural democracy.

7. Reports of the debates in the Thematic Groups

I - "The humanities as bridges of dialogue between Africa and the Diaspora"

Panel A: "Literature, Arts and the African Renaissance"
Panel B: "Philosophy and Human Sciences in the construction of identity in Africa and the Diaspora"

Rapporteur:
Ubiratan Castro de Araújo – President of the Palmares Cultural Foundation (Brazil)

Report:[4]

"His Excellency Minister Gilberto Gil, who is chairing this session, Rapporteurs here present. At the outset I would like to stress that I am replacing the Rapporteur appointed for this Thematic Group who could not be here. That being so, my report will lack the luster that characterized discussions in Block A, of which I have not participated. I will thus focus my impressions of Block B, devoted to "Philosophy and social sciences in the

[4] Text extracted from the recordings of the Plenary Session for the presentation of reports by the Thematic Groups (July 14)

construction of identity in Africa and the Diaspora", whose proceedings present a lively debate about the role of social sciences, Philosophy, Law and History.

2. The first important idea that should be kept in mind is that the universal knowledge built by social sciences must take into account the characteristics of cultural diversity, themes and approaches of African countries and the Diaspora from the point of view of their reality and their culture. The mere transposition of a Western social science is not useful because it does not explain us. The question of Greek philosophy was raised, and this was one of the brilliant moments in the debate, because one of the participants from the audience argued that if African peoples, chiefly – he cited Yorubas and Bantos – did no distinguish myth from logos, did not separate rationality and religion it would be impossible to put together a philosophical knowledge able to join African and the Diaspora. This was the finest expression of colonialism in this debate and gave rise to a great reaction to show that cultural diversity generates several tools and several philosophies. Professor Paulin Houtondji, who teaches at the university of Benin, demonstrated in a fairly detailed way, how cultural diversity should guide philosophical knowledge and that we, Africans of the Diaspora and the continent, will also have to understand each other from our common references. The role of traditional knowledge was also discussed, that is, social sciences and human sciences, taking into account tradition but not looking at tradition as something turned to conservatism, but rather as affirmation of our identity.

3. Another question that was clearly explained was the role of universities or the production of knowledge in human and social sciences and in philosophy. The question of quotas emerged as a central point. That is, what was argues was that the reservation of places is not justified only from the point of view of access to the university as a mechanism of social ascent or of improvement of the future life of families. For all of us, Afro descendants, the quota system ands an effective democratization of the university are fundamental aspects to allow the black population itself, through it graduated children, having learned the methodology, to produce a more adequate knowledge, a closer knowledge, and also to produce knowledge necessary for the renovation of these universities. So, the question that was raised was that the reservation of quotas is not only a policy of the State to solve inequalities, but is above all an intellectual policy, a policy for promoting social sciences and making them viable, and also the production of a knowledge that is made by the chief participation of the black population.

4. The example was raised in this forum – and I wish to highlight this – of a black scholar who was presented as a reference to be followed because of his quality as a black person and scholar who promoted change and was capable of utilizing and recreating universal knowledge but always aware of his place, since his place was a concept that he himself had crated, a cultural, geographic and political concept. We are talking of the Brazilian geographer and intellectual Milton Santos. Then we all agreed in this discussion that it would not be possible to hold a Conference of African intellectuals without mentioning the life and example of Milton Santos, a Brazilian intellectual from Bahia who was a victim of racism in Brazil, who was expelled and hunted by the military dictatorship but who had a role in the world. Faithful to pan-africanism, upon his expulsion from Brazil Milton Santos contributed as Secretary to the economic planning of president Julius Nyerere of Tanzania, when that young country was being born out of the union of Tanganika and Zanzibar. Faithful to the Birmingham group, linked to economic development, Milton Santos emerged as an intellectual respected all over the world, not only in Africa and Latin America, but also in the United States and Europe. He proved to be a highly qualified geographer, producing new knowledge on globalization, on a new geography, on a new study of space. This is the example of black intellectual that we would like to see prospering in our countries in order to encourage young blacks who are today entering our universities."

II - "Re-thinking the place of History and of African languages in the educational systems of Africa and the Diaspora"

Panel A: "History and memory of Africa and the Africans in the Diaspora: a new role in education".
Panel B: "African Languages in the educational systems in Africa and in the Diaspora"

Rapporteur:
Amauri Mendes Pereira – Cândido Mendes University (Brazil)

Report:

"It was for me an honor and a privilege to share a few moments with intellectual and their vigorous and consistent thoughts. Even more so because my task at hand was to listen and understand, in the interest of being faithful to apprehending creative concepts and formulations and to the proposals that naturally would be forthcoming. It is true that my task was made easier by the close and pleasant dialogue with our Moderator, Professor Rosa Cruz e Silva, director of the Angolan National Archives.

2. It is not possible to render in a report the richness of the interventions. Only by reading the papers may one glimpse, for instance, the density of the discussion on the impact of new methodologies and the new historiography brought by Prof. Rosa Cruz e Silva, even if in her view the implementation has been insufficient and not continuous, due to certain historic conditions of the peoples of the African continent. Se meant specifically the initial push immediately after the independence of Angola and the other Portuguese colonies when language was improved – stressing the difference from the colonizer's language – and the reports on history took on the climate of victory that framed the production of knowledge.

3. Today, as she evaluates, the space is being retaken and new and more careful research is being promoted, besides stimulating the interest of populations for their past. In this connection she mentioned the importance of the launching, in Angola, of Rota dos Escravos, a UNESCO project, and the significant moments of monuments honoring pre-colonial sovereigns, such as Queen N'Zinga, in Luanda, and Manzumbe, in Cunene. Her statement showed the researcher's quality, her formation and theoretical and methodological care, together with the commitment to production of knowledge in her country,

enlivening the social imaginary without idealizations but also without the depreciating vices of colonial times.

4. The same may be said of the dissertation by Prof. Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva, professor of the Federal University of São Carlos and only black woman member of the National Education Council, on he need for full implementation of the legislation that mandates the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture, not only as factor of racial equality but of the construction of justice and democracy in Brazil. For her, Law 10.639/03, that sets forth the adoption of these themes in the basic education of the whole country must be responsibly taken by all Brazilians, regardless of ethnic-racial background. The criticism of arguments against the law were basic in her presentation: rather than "bringing forth racial problems", she said, the full knowledge of that history may lead to effective equality, stemming form the self-valorization of the black human being and the negation of the myth of "white" superiority (a deviation of moral and of social conscience).

5. It is hard to describe in a few lines the work of Prof. Teresina Bernardo, who has long being committed to the promotion of racial equality among her students at PUC-SP, besides reflecting in her theoretical production all the questionings about the existence of a racial democracy in Brazil. At the close of the 1970's she identified as the main cause of the low performance of black students the difficulties in socialization due to prejudice and social discrimination. For the sake of these students she promoted discussion of the racial question in the classroom. According to her, citing examples of well-known militants in the black movement, this resulted in improvement in the performance of the students in general, from the academic point of view and also in what regards the formation of their social awareness.

6. Prof. Becky Ndjose, Vice-minister of Education of Namibia, made the most tender and vigorous presentation. Speaking of the efforts toward effective decolonization of the African continent, she mentioned the contrast between complexity and the most intimate perspectives intrinsically conceived by Africans, the stereotypes of external views. These, for her, are a greater problem than multilinguism, for instance, which was extensively cited. Her greatest emphasis was undoubtedly on the current panorama of tension generated by neocolonial mechanisms of control or pressure on African peoples.

7. Still during the morning we came under the impact of the presentation by Prof. F.A. Soyoye, from the university of Ilê Ifê, in Nigeria, who told us about misadventures in the teaching of maternal tongues in his country: "There is no

one who has written a text in Yoruba, the majority are in English". For him, such a neglect is a mistake from the political and pedagogic point of view. He also stated that, as has been recognized so often in other parts of the world, the performance of children who learn to read and write in their maternal languages tend to be superior to those who learn their alphabet in English.

8. The questions involving the production of knowledge and the teaching of history were more prominent in the first block and showed the continuance of racism and neocolonialism, as well as the need for decolonization among significant sectors of the African intellectual panorama itself and their counterparts in Brazil. It was said that more than the use of new methodologies and historiography better rooted in careful research, both documental and of other kinds. A historiography that prioritizes views of African protagonism should be emphasized. It is no longer possible that school textbooks in Africa and the Diaspora continue giving emphasis to "classic" historiography in which the peoples of the continent only start "taking part in history" from the traffic and their contact with Europeans. This does not mean that the Atlantic traffic should be neglected, or that the crucial processes that led to the material, moral and spiritual weakening and pauperization in the African continent should not be studied with due regard. On the contrary, the opinion was widely supported that in this moment of "African Renaissance" interventions by political powers, either by lack of interest or adverse reaction to the freedom of research and investigation of "truths" have been highly harmful. They are indeed to be feared because they hinder the possibilities of better knowledge and development for the peoples of Africa and the Diaspora.

9. During the afternoon, emphasis was given to African languages. Prof. Adama Samassekou, from Mali, president of the African Language Institute, made a brief summary of the efforts, in the African continent, toward the construction of a complementary functional multilinguism in which the "mother tongues" of African peoples would have precedence but without neglecting the knowledge of a second European language that allows communication with the world. Ha regretted that the Declaration on African languages elaborated at a meeting sponsored by UNESCO in Khartoum in 1969 had not prospered. For him, it is imperative to strengthen the African Languages Academy, of which he is one of the supporters.

10. Prof. Ieda Pessoa de Castro, professor at the Federal University of Bahia, told us the history of her challenging pioneer spirit, since 30 years ago, when she argued her PhD dissertation negating "lusolatry" in the studies and teaching

of the Portuguese language in Brazil. Her emotional affirmation of the evidence of Africanization of Camões' Portuguese language in Brazil by those enslaved men and women; to give credence to contemporary studies of the Portuguese language those people must have been speechless, for otherwise the transformations of the living expression in the language would be inexplicable.

11. Prof. Jolly Masinhka was likewise emphatic when describing the processes that involved since 1966 the Bureau of Languages of the former OUA and the frustration of the meeting envisaged for 1982, which was not held due to lack of funds. She also analyzed the waste of the opportunity (maybe because of little political interest) when mentioning – with regret – the Charter of Heads of State at Mauritius in 1976, whose decision to implement the teaching of African languages from Ruanda, aiming at improving the performance of elementary school students, unfortunately was not applied. Se also had invaluable reflections on political questions that involve decisions like, for instance: (a) which "native" language would replace a European language? or (b) is linguistic liberation possible, or even desirable, since it directly challenges national unity ?

12. The forceful and good-natured intervention by Prof. Olagide Timothy-Asobele, from the university of Lagos, in Nageria, was another highlight of our afternoon session. He affirmed the primacy of action: to thing of teaching to read and write in African languages it is essential to go into the field, to learn them and to interact with the specificity of their historic tales and cultural processes. He showed us several publications, shaking them eloquently before our eyes and taking them out one at a time from a enormous container hid under the table. These publications bear witness to his work in the teaching and diffusion of native tongues in his country. His repeated contention that "resolutions are of little practical value, what is important are actions!" were really thought provoking.

13. Prof. Takiyawa Manuh, director of African Studies at the Legon University, in Ghana, gave real strength to the discussion on choices and decisions by African peoples in different historic moments, and said that in the case of the teaching of "native" tongues such choices often involve political issues, rather than linguistic aspects. She stressed the particularly dramatic situation in Ghana, where the teaching of the mother tongue was suppressed until the 3rd year of school, that is, mandating in fact that initial alphabetization be made in English.

14. In the debates in both blocks on questions of history and historiography, tongues and languages, everyone – with different degrees of vehemence –

spoke of colonialism, racism, neocolonialism and decolonization. Interventions generally agreed in relation to the contemporary debate on needs, possibilities and opportunities presented by the African Renaissance: neocolonialism and its mechanisms of economic and cultural domination hinder the sovereignty and the development of peoples in the African continent.

15. In the morning of the last day an African diplomat proclaimed in a vibrant speech at the microphone in the plenary session the need for the creation and strengthening of "bridges" between Africa and the Diaspora as the maid motivation for our Conference. The discussions at the Thematic Group "Rethinking the Place of African History and Languages in the Teaching Systems of Africa and the Diaspora" – as well as the universe of interventions, energies and results of the whole CIAD-II – made clear that within all possible connotations when we speak of the Black Atlantic, beyond the bridges we may create and strengthen: we are all in the same boat."

III - "New trends in Historiography of Africa and the Diaspora"

Panel A: "From the origins to 1850"
Panel B: "Africa and the Diaspora Post-1850"

Rapporteur:
Boubakar Barry – University Cheik Anta Diop (Senegal)

Report:

"Under the chairmanship of Ambassador Alberto da Costa e Silva of the Brazilian Academy of Letters 18 lectures were given in this third panel on the theme: New Trends of the Historiography of Africa and the Diaspora".

2. It is hard to grasp the richness and diversity of the lectures by the brilliant professors who came from Africa, Brazil, Unites States and Europe. The talks provoked, above all, growing interest from the numerous young audience that became aware of the importance of history as a fundamental lever of their emancipation.

3. At the risk of forgetting a number of important ideas, one might say that the debates permitted the definition of the modalities of writing history in a way that responds to the challenges that confront Africans in the realm of globalization. From the debates one can glean several research paths that may be pursued to better valorize the contributions of Africans, including those in the Diaspora, in the making of a world of justice and cultural diversity.

4. It is necessary to decompartmentalize our space and our mind, liberating our body and our thoughts from the prejudices accumulated for many centuries of slave traffic and colonization. The decolonization of history and above all the taking charge of our own history presupposes a ruthless review of the main driving ideas that have shaped up to now the writing and the teaching of history, since such ideas have shaped, one way or another, our historic awareness, that is, our relations with ourselves and our relations with the rest of the world.

5. So, places of memories like the Old City in Cape Verde must serve as a basis for us to rebuild the unity of African peoples with those from the Diaspora. Recourse to oral sources will allow us to recover the history of political spaces hitherto neglected by the historiography based on written sources, which should be systematically reviewed.

6. We also need to fight for a non-territorial history of Brazil, which must be extended to the South Atlantic in order to consider the African influences on its destiny during all periods of its history. This explains the recent decision to make the teaching of African culture compulsory, so as to fight against the roots of racism in the educational system in answer to the reivindications of the black movement in Brazil.
7. Consequently, we must liberate our body and our mind from the armor of erroneous ideas imposed by the West, during centuries of domination, considering us a race separate from the human condition. The teaching of African history in Africa, as well as in other countries of the African Diaspora, must stress several challenges for the production of a continental history that would take into account the experiences of the African Diaspora in America, Europe and Asia.
8. In this sense, African studies have been widely updated to take account of the current debates in the United States, Brazil and Africa regarding the driving ideas that guided the writing of history of Africa.
9. We need to relate the history of Africa with that of the Diaspora and so participate, starting from this basis, the elaboration of the history of humankind and universal history, to bring out the contribution of Africa and prevent any future marginalization in the scope of globalization. This does not exclude the day to day challenges on the importance of the contribution of women such as Queen Ndate Yalla du Waalo, the role of the resistance of the maaron slaves in Suriname, the establishment of the institutions of the Indigenous Code in Angola, the celebration of our African-ness, the restoration of Africa in the center of the Atlantic system and the studies on the movement of population on both sides of this ocean. The control of our scientific agenda presupposes the rehabilitation of the African languages. Historians should give precedence to certain themes such as the biographies of relevant personalities, the movement of ideas and peoples, such as the history of the Yoruba and their diaspora across the world. How can we write the history of such a long period taking in consideration only continuities, when breaks remain the main challenge for historians – and for the ensemble of citizens – to leave a mark both on their autonomies and on the capacity to freely define their destiny ?
10. I am closing this report, this personal note on my experience and my relations with Brazil. I was born in Africa and there I have lived until today. However, my several trips to Brazil to teach history allowed me to see that

my African roots are splendidly present here in all domains of this culture shaped by several centuries of miscegenation. Brazil has fully assumed its Western part, but its African part remains to be assumed, so that it may become a bright pole in this world of the XXX century."

IV - "Religion, art and Cultural Heritage"

Panel A: "Orishas, voduns and inkices: tradition, pluralism and diversity"
Panel B: "Religion, art and culture"

Rapporteur:
Reginaldo Prandi – University of São Paulo (Brazil)

Report:

"Although religion and art were separated in specific blocks, the very constitution of African and Diaspora culture caused cross references between the two themes to be always present in the speeches and in the debate of the two blocks. For this reason, the brief account of TG-4 does not separate the two blocks, since they were not in fact separated.

2. In the African conception, fully preserved in the culture of the African segments in American countries, religious culture and art are intrinsically connected. They are planes of the same world view, and more than that, they are dimensions of a single way of living life and understanding reality. The African world view expresses itself until the present days, both in Africa and in the Diaspora, through material and immaterial means. This includes plastic arts, music and dance, literature and poetry, the arts of taste and odors – culinary – the esthetics of the environment and clothing. Even more: on the ethical level, the fundamental values that guide conduct and give a sense to life, such as the joy of living itself, the respect toward the elders and the sentiment that reinforces community life.

3. Born out of the same framework that constituted religion, African art on both sides of the Atlantic expresses itself through movement, rhythm, color, pulses that are the conductors of energy, the axé, which nourish power and take further the fruition of the black esthetics revealed through material and immaterial sources of the ancestral memory. The arts that produce sacred objects and utensils used in religious rituals, just as musical and poetic expressions, overflow the limits of cult and are recreated and re-elaborated by artists as products of an art without borders, national and international objects of art, that contribute decisively to the constitution of the identity of our nations. Suffice it to think of the music of countries like Brazil, Cuba, Haiti, Trinidad and Tobago. Let us recall Brazilian Carnaval and Samba, Caribbean music, feijoada, acarajé, the peculiar use of the colors of our

everyday clothing, and also the art of emblematic artists like Mestre Didi, Rubem Valentim, Emanuel Araújo.

4. Religion and art are sources of identity for Afro descendants, but they are much more that that. They are sources of national identity of countries like Brazil, Cuba and Haiti, whose culture cannot be imagined without the heritage of the Diaspora, without the African origin. Family origin, identity, name are vital for the African. But, in the Diaspora, the enslaved African's name was suppressed, replaced by another name, a Christian name. In Brazil, each Portuguese name given to a slave meant the negation of the African ancestral ties and at the same time a break with the old religion, because identity and religion come together in the same measure. So, on this shore of the Atlantic, the religion left behind had to be remade, reinvented. Religion was born again in the Diaspora. It was the moment of resistance through religion, and the moment of the reiteration of the origin through the overflow of religion on the level of culture. Later, the peculiar culture of the black segments overflowed to the wider plane of the national culture and we witnessed the construction of an identity that definitively linked America to Africa.

5. African religious was born in the Diaspora as resistance. It is the re-creation of the African world, the family-of-saint reproducing in a symbolic scope, the family of blood denied to the Africans by slavery. Afterwards, religion expanded, just as art did, and became everyone's religion, just as art became everyone's art. Religion and art, African languages and values are intermingled with national manifestations of the same kind. One cannot say whether one is Brazilian, Cuban or Haitian, etc. etc., without being at the same time African. The same may be said of the blood, of genetic codes, of life after all, in its material and immaterial manifestations.

6. The body of the African is seen as an object of art, resulting from divine creation. For this reason it is also sacred. Life, thus, is Creation and art at the same time. To live is to create, to participate of the recurrent widening of the artistic creation. Art that does not belong to a single people, but to a plurality of nations and peoples that is hard to exhaust. An essential aspect of religion and culture in Africa, that was reproduced in the Diaspora, is diversity, plural expressions, alternatives that concur to the construction of a plurality full of interpretations, references and meanings. This plurality is present in Brazil, in Cuba, in Haiti and in every place in the Diaspora.

7. Many African religions were re-created in the Diaspora, each one adapting to the local social milieu, merging origins and bringing new meanings to contents

as a mechanism of preservation of the African heritage. Different religions in permanent dialogue among themselves and with other beliefs from other origins. t is hard to name the whole gamut of the diversity of Afro-American religions. Religions from Yoruba orixás, jeje, banto inquices. In Brazil, the candomblés from Yoruba, Jêje and Banto nations (nations queto, ijexá, efã, jêje mahi, savalu and dahomé, Banto angola, congo, cabinda), candomblé of egumgum, candomblé de caboclo, jarê; xangô of Pernambuco from the nation egbá-nagô, and xambá; tambor-de-mina jêje and nagô, the encantarias; the catimbó-urema of Afro-India tradition; the batuque of Rio Grande do Sul; the omolocô of the Southeast. In the whole of Brazil, umbanda, synthesis of the most traditional origins of the Brazilian culture and identity. In Cuba, the Santeria Yoruba, the palo monte Banto with its four versions, the ararat; so many forms and arrangements. In Haiti no less that 17 forms of voodoo organize the cult to divinities and spirits of multiple origin; in Trinidad and Tobago, the xangô, equally multiple. In a word, these are plural religions that since a number of years have also increasingly enriched other American countries and even of Europe.

8. But in several occasions speakers in our working group have asked about the future of these ties that link Africa to America and which here and there are transcendental sources of explanation for life and sure sources of creativity and cultural expression for persons, groups and nations. The concern with the permanence of the traditions of orixás, voodoos and inquices was permanently present in the debates of the group that met to reflect on religion ans culturfal heritage.

9. One talks today of an African renaissance – in Brazil, one speaks of africanization – but how can there be a rebirth if in Africa, particularly in Nigeria, children barely learn their native languages and suffer the imposition of European tongues? Very few are educated in the traditions of their original deities. In the majority of African countries, most young people are not able to write a full sentence in the native language. Babalaô Abimbola asked of himself: "Where are the African tradition, plurality, native religions and languages that seem to be in the course of extinction? There can be no African renaissance, either in Africa or in the Diaspora, without the recognition of original religion, language and culture".

10. In American the picture is equally worrisome. In Haiti, religious witnessed true massacres and was always vilified by those who look at it from the outside and transform it in the object of mere horror fantasy. Also in Cuba religion

had to survive in the shadow and its lot is no different. On Brazil, only recently have the religions of orixás, voodoos, inquices, encantados, mestres and caboclos become free (unfortunately not completely) from police persecution, but found another powerful enemy willing to sweep it\away from the religious scene. These are the denominations and Pentecostal and neo-pentecostal churches that demonize Afro-Brazilian divinities and spirits, persecute the faithful, seek their conversion and wage a real holy war against the believers of the Afro-Brazilian religions.

11. Religions of African origin protect themselves as they can, by creating institutions of defense, in Haiti as in Brazil, but the initiative is still fragile. It is hard to defend oneself against such powerful foes, that count on radion and TV channels and increasingly participate in municipal and state assemblies and in the National Congress. To survive, religion must again become resistance.

12. Some recommendations are imperative. Above all, the channels of communication between intellectuals from African and the Diaspora must remain open. Congresses such as this should have been started long ago, and in a regular way. This is the second, and it must have continuity. The governments of involved countries must take a strong position against religious intolerance, in favor of full freedom of belief, in favor of freedom of religious and artistic expression. It is decisive to ensure, above all, the capacity of creation. For the African of both shores of the Atlantic, creation is life, it is a link with the origins, it is the possibility to prosper without losing identity.

V – "Mutual knowledge between Africa and the Diaspora: identity and cooperation"

Panel A: "Production and exchange of knowledge"
Panel B: "Potential and limits of regional and multilateral cooperation"

Rapporteur:
Nilma Lino Gomes – President of the Brazilian Asssociation of Black Researchers (Brazil)

Report:
"Analyses concentrated on two fields:
(a) Production of knowledge; and
(b) circulation of knowledge.

1st – Production of knowledge

1.1 – The following points were highlighted:

- the political independence of African countries produced the consolidation of superior education, the formation of researchers and of a scientific community. Nevertheless, this situation is still fragile in several countries and does not assure an effective production of knowledge;
- in several Diaspora countries the conditions of production of knowledge are better that those in Africa itself. There is, however, a situation of physical separation from African territories and spaces;
- the knowledge of identities and cultures deserves priority as an element of construction of the identity between Africa and the Diaspora;
- the relationship between cooperation and sharing of knowledge should be understood. To share knowledge is not transfer of technology, but an intellectual discussion. In this point the relationship between cooperation and governance comes into play;
- the information of knowledge produced in Africa and in the Diaspora should be made at the local level and with intercontinental dimensions;
- it is important to build ties of solidarity that serve as a basis for the relationship established among African intellectuals and to create cooperation mechanisms between Africa and the Diaspora (mainly in the case of Brazil).

For this to happen, governmental support and granting of resources are necessary;

- equality and reciprocity are some of the principles necessary for the realization of the exchanges between black intellectuals of Africa and the Diaspora. That must be made on both sides;
- the impact of language on the knowledge of intellectuals from Africa and the Diaspora. Language has an ambivalent role since at the same time that it promotes exchanges within Africa it also appears as a hindrance to the exchange of knowledge within the African continent and in the Diaspora;
- the absence of women and young people in the morning panel was noted. Attention to avoid the repetition of this fact was deemed an important factor for democracy and the exchange of knowledge.

1.2 – The following suggestions deserved to be stressed:

- to encourage the production of knowledge about the Diaspora in Africa and about Africa in the Diaspora;
- to construct policies for bringing together African intellectuals/researchers in the Diaspora with those who are in Africa;
- to encourage the construction of new programs of cooperation related to scientific production about Africa;
- to widen research institutes and financial resources for research;
- to prioritize the relationship between African and Diaspora universities by stimulating exchanges between graduation, post-graduation and research programs.

2nd – Circulation of knowledge

2.1. The following points were highlighted:

- knowledge produced in the African territory and in the Diaspora does not circulate adequately in Africa, between African countries and in other parts of the world;
- specialization by discipline makes more difficult the circulation of knowledge and exchanges among scholars;
- globalization conditions the production and circulation of knowledge; studies about Africa are not priorities in the process of the globalization of

knowledge. However, in this context, the circulation of knowledge is becoming more and more dynamic, creating opportunities for cooperation between Africa and the Diaspora;

- we are before a process of de-territorialization/territorialization of knowledge. This process should guide the strategies of cooperation between scholars from Africa and the Diaspora;
- circulation as well as production of knowledge in the Diaspora should take into account not only scholars but also other social actors, such as artists, popular leaders and social movements, among others;
- the "brain drain" is a reality in the African context and its causes must be understood, including the context that generated it. There is the challenge of establishing forms of contact between African scholars in Africa and those who are in the Diaspora;
- adequate conditions of work, career and production of knowledge for scholars in African countries and in the Diaspora must be established, above all for the black scholars in the Diaspora;
- it is in he interest of Africa and the Diaspora to participate in a project where both become involved in their own destiny in order to improve the situation of their community.

2.2 – The following suggestions were stressed:

· to stimulate editorial policies between Africa and the Diaspora that make possible the circulation of knowledge produced in both parts;
· to evaluate the possibility of pan-African passports as a way of ensuring free transit between African and Diaspora scholars and artists;
· to establish strategies that overcome the linguistic barriers in the means of circulation of knowledge.

3rd – Priority areas of knowledge and cooperation:

- education, taking into account the system of basic and superior education;
- health, policies and programs for the basic health of populations;
- experiences in programs of defense and consolidation of human rights;
- production and exchange of science and technology not only in areas such as road construction and electronics, but also microbiology, agricultural productivity and research in the field of oil carried out from an African perspective;

- the history of the several Diasporas and the plurality of Afro-descendant identities;
- research on the history of Africa and of the Diaspora and teaching in the education systems;
- knowledge of the several forms of racism, the fight against it and its overcoming in the relations between groups and nations;
- wider circulation of experiences in affirmative action for Afro-descendant populations in the Diaspora.

Panel B:

1st – The following points were highlighted:

- regional and inter-regional cooperation as an urgent and needed measure in the face of the impact of globalization and neo-liberal policies that impose limits on regional development;
- the importance of regional cooperation in post-colonialist times and the construction of large regional blocks that overcome division and colonial borders;
- the importance of education and culture as vehicles of cooperation;
- incentive to the consolidation of the 5 African regions, stressing the Diaspora as the 6th region;
- inclusion of organized civil society (NGOs, social movements) in the several spheres of cooperation, going beyond the governmental sphere;
- the important role of the construction of the African Union by the African States;
- the possibilities of establishment of cooperation structures between the African Union and the Latin-American organizations, and the promotion of a common agenda;
- the cooperation between Africa and the Diaspora should consider the emergence, the specificities and the identities of Afro-descendants in Central and South America;
- the territorial limits of cooperation and multi-colonialism in the Diaspora (such as, for instance, in the Caribbean) are related to the consequences of colonization. This has led countries to join in organizations;
- the cooperation potential between Africa and the Diaspora is wide. The linguistic factor is simultaneously a factor of division and unity within Africa itself;

- the importance of using cooperation for mutual benefit. To be lasting, cooperation should be beneficial to both parties and for that it must be base on a progressive approach, evolving from simples issues to more concrete ones, by means of a careful evaluation.

2nd – The following suggestions were raised:

- a practical proposal: South-South scientific cooperation;
- to start with specific cooperation to be evaluated and broadened;
- to prioritize cooperation in the field of education and culture as processes of construction of common identities, such as, for example, through the construction of common curricula in the basic education schools;
- to create strategies to prevent regional cooperation in Africa and the Diaspora from ignoring small countries;
- to create structural cooperation programs in areas considered of priority by African countries and the Diaspora;
- to participate in several international mechanisms of cooperation so as to widen and affirm the presence of Africa;
- to broaden debate around concepts like pan-Africanism, unity, diversity, federalism, race, etc. This debate was started at the Dakar conference and continued in this CIAD-II, but must be widened;
- to construct a more effective cooperation between the Caribbean, Brazil and Africa;
- to prioritize the relationship between African universities and the Diaspora by stimulating exchanges in graduation, post-graduation and research.

VI - " Affirmative action and positive discrimination: public policies and the role of social movements"

Panel A: "The experience of African and Diaspora Countries"
Panel B: "The political-pedagogical role of black consciousness"

Rapporteur:
Vivian Kuma-Choulla – African Association of Political Science (Cameroun)

Report:[5]

"Thank you very much, good afternoon, I would like to indicate that the Thematic Group VI had two parts and I was also a presenter and a rapporteur. I really had a double role and I will try to summarise our discussion. There were six tellers: Professor Teles from Brazil, Professor Monanga from Brazil, Professor Campbell from Jamaica, Professor Gadjano from Zimbabwe, Professor Early from the United States and myself. The theme dealt with general theoretical considerations but also with specific country experiences. I will now try to highlight the points that emerged from the presentations and discussions.

2. First of all, affirmative action was seen to be a product of the oppressed people and those who are excluded, who struggle to free themselves and to fight for their rights, to be included. In other words, it is the product of struggle and not the product of benevolence and charity from those who have, historically, oppressed the black people or afro-descendents. It was seen, therefore, that it is critical for those who are beneficiaries of affirmative to view this as a right and not a privilege.

3. Secondly, affirmative action measures were seen to be directed, mainly addressing first impacts of racism, sexism, exclusion on the basis of disabilities and so on. So, those were the main areas that were looked at.

4. Thirdly, affirmative action measures are necessary or are viewed to be necessary and imperative. But they themselves are not sufficient to really transform society and create the kind of justice that we all require. Additional measures are required, which we can include, among other things:

- issues about reparation;

[5] Text extracted from the recordings of the Plenary Session for the presentation of reports by the Thematic Groups (July 14)

■ questions around transformation, both at the level of local and global system, so power can be achieved.

5. Without those, affirmative actions would be limited in the impact that they have in creating justice and fairness.

6. Fourthly, it was seen that where affirmative action measures have been taken to redress past discrimination and exclusion and oppression on the basis of race by white people committed against black people, usually those who were benefited in the past from this type of exclusion do resist or they developed strategies for resistance. In other words, affirmative action is not without struggle. Among the strategies used for people to claim access to various resources and positions on the basis of merit, those people got all the privileges and advantages on the basis of colour. It was seen that in practice, again, those who succeeded in actually oppressing others and excluding them, do use terminology such as discrimination, racism, lowering of standards and soon.

7. Experience was given, looking at statistics, which have been developed out of the brief Brazilian experience. According to these data, students who get access to university by affirmative action, actually do perform better than those who go in straight in many areas of knowledge, especially in sciences, medicine and so on. And therefore explodes the myth that if you get access through quotas you have no merit and therefore you are bound to fail.

8. Affirmative action intellectuals, that is African intellectuals, were called upon to be critically involved in deeper cooperation and sharing of experiences around affirmative action, but this has to be done in the context of brother struggles against historical racism and philosophies that have been developed to justify racism, in particular to engage in mental as well as intellectual liberation and not simply depend on affirmative action alone. Greater solidarity is required between Africa and the Diaspora to change the wild system that was built on structural and historical systems of injustice.

9. Lastly, it was seen that Brazil is strategically placed on a position to lead a connection between the Africans and the Diaspora, but this type of connection should be made on the basis of both theory and action. These are some of the main findings of our group."

VII - "Perspectives of and for the Youth in Africa and the Diaspora"

Panel A: "Identity, Education and social inclusion"
Panel B: "The role of new cultural expressions"

Rapporteur:
Godwin Murunga - Kennyatta University (Kenya)

Report:[6]

"Thank you very much, Madam Chair. I am the rapporteur of the Thematic Group which discussed Perspectives Of and For the Youth in Africa and the Diaspora and I just want to say how privileged I was to be in this Thematic Group. This was a group that did not just make presentations in the regular way that we do. In that group we had a lively dialogue, we did not just listened to presentations, we sang, we listened to poems and the only thing that we did not do was to dance."

2. There seemed to have been a clear consensus in this thematic panel to understand the youth not only as leaders of tomorrow, as it is always said, but leaders of today. There was a clear argument presented in that thematic group that the youth should not just be seen as a category that is used to decorate the profile of different groups but rather as effective participants in the daily discussions of our social context. Participation was defined in a very broad sense as including not just questions of cultural creativity but also involving serious questions of political relevance and economic survival. So, it was also clear the message sent from that group, that they don't need to remain on the margins, they really need to belong to the plenary sessions of some of these meetings that we often do have.

3. In the first session there were seven presentations, and for the whole Thematic Group the focus was in the youth, but each and everyone of the presentations really did mobilise the conception of categories of class, gender, race and generation to discuss the various issues that are raised. The presentation of my collegue from England commented the serious identity issues that do impact on the youth in the UK, highlighting the problems that led to racial discrimination. Among them, he stressed the denial of the necessary knowledege about Africa in the British curriculum, that hinders black students

[6] Text extracted from the recordings of the Plenary Session for the presentation of reports by the Thematic Groups (July 14)

from developing a sense of belonging. He alson emphasized that such discrimination has caused a perception to grow up, in which the youth act more as actors than as achievers.

4. There was also a clear understanding of the importance of the historical and global context within which youth practices and discussions do take place. Two papers did really provide this discussion: one of them highlighted very clearly the shifts that have taken place in our understanding of the transition process from being a youth to adulthood in which there has been a rupture and this represents what we called an institutional triangle. A triangle that basically involves the emphasis on modern education, modern schools, wages and organisation. He argued that in this kind of process there has also intervened a second problem, which has to to with the raising demographic profile in which the youth dominates, but in which our states are unable to provide some of the best services that the youth need. There has been, in essence, some growing irrelevance in the sense in which education is being used and this kind of discussion led us seriously to talk about the question of emigration, which is becoming a very serious exit problem for many of our youth.

5. There was a discussion about the definition of what the youth are and one of the presenters tried to make an argument, actually made a very strong argument, that the youth are a disparate group consisting of those who cannot get by because of economic marginalisation and are victims of discrimination, racism. He observed if that be the case for the youth in Africa, the youth in the Diaspora do really suffer a double exclusion on the basis of age and also on the basis of race. So, from this discussion it was clear that, because of this marginalisation, black youth appeared even more like a group in transition. But this transition ends up leading to nowhere, each time they use the exit option or subversion to realize their own humanity. This presented an argument that while education has been devaluated, music and other forms of cultural expressions have been valorized. Through music, acting and dancing the youth are entertaining and learning – but also, more seriouly, exiting from society.

6. Three presentations discussed the question of education with a specific emphasis on the curriculum, and the presentation of Brazil detailed how the Ministry of Education is attempting to address questions of marginalisation and beginning to look how diversity can be established through the curriculum. Another presentation, which focused Nigeria, insisted that the curriculum must be redesigned in order to bring up material that will help the youth to begin to

not only have the skills to survive but, actually, have the skills to live in an equal basis, not only in Nigeria, but elsewhere in the world.

7. The final presentation that was equally very relevant, focused on the struggles of the afro-brazilians for emancipation against the society that has criminalized black youth identity and insisted they really need to end this war of violence against the black youth. This presentation came up with a model of analysis that shows the importance of resistance but resistance that is best on a black identity and goes back to the ancestors for inspiration. The presenter called for the de-colonisation of knowledge to take into consideration the principles of black conscientiousness and black knowledge. The presenter insisted that public policies need to be policies that seek to eliminate sexism and racism, policies for inclusion and affirmative action and policies that center on a community.

8. The second thematic session had five presentations, one of them focused on Canada, one on the USA, the other one on Southern Africa. And then there were two final presentations by cultural leaders and cultural artists. In this session, especially, I should mention the presence and active engagement of a number of youth who posed very engaging questions in a very critical and informative sense. That was perhaps the highlight of the whole session.

9. The presentation from Canada, which focused on Toronto, basically, emphasized the fact that, because of discrimination in society there, the youth has tended to use new forms of cultural expression, not just as models of expression but really as models of resistance. He argued that this has produced sights of resistance, that are useful in the sense that they help to raise questions of inclusion but, also, they have become mediums for self recovery of voice and of resistance.

10. Another presentation, which focused on the USA, mostly on the case of Hip Hop in Detroit, sugested that the lyrics of black artists laid the groundwork for new cultural expressions that not only questioned racism and white supremacy, but also taught and entertained. These forms were initially missed by the mainstream white society in the USA, but today have become very important. They have taken a center stage and are spreading the movement across the world. While the presenter was very clear at identifying the homophobic and sexist elements of these new forms of cultural expressions, he was equally clear that the youth cultures have always been challenging and that is a very important context within which our discussion of new forms of cultural expressions have to be understood.

11. Another presentation by a collegue from Mozambique really was about a project they are doing in East and Southern Africa called Twenty-Fifth, which is a project that is meant to allow the youth to dream for a better future. This project emphasized four pillars that include questions of identity and culture, questions of innovation and creativity, questions of inter-connectedness and questions of sustainable peace.
12. The two final presentations in these sessions were less of presentations and more of an exchange, a dialogue between the youth in the meeting and the presenters. They basically adressed the demands of the black youth, especially here in the city on questions of equity, racism and marginalisation and the fact that, given the population profile of the city, issues of political participation have to be given prominence in relation to the colour of the city, if I can put it that way. So, questions were raised about the role of cultural leaders, the need to be united in self acknowledgment of the place of Africa in our own heritage and of the need to develop the collective conscientiousness of the people. I think if there is any statement that summarises what took place in these session, I would quote João Rodrigues, from Olodum, who stated that the future is going to be permanently about the revolution. Thank you very much."

VIII – "Economy and society in Africa and the Diaspora: contemporary challenges"

Panel A: "African Renaissance and globalization"
Panel B: "Re-thinking strategies for social and economic development"

Rapporteur:
Simon N'Guiamba – Economic Consultant, African Union Commission (Cameroun)

Report:

"Mr. Elikia M'Bokolo was the first speaker in the working session on "The African Renaissanceand Globalization" He started his presentation informing that older generations of Africans and of their descendents felt the need for the social and economic rebirth of Africa even before the movement called "African Renaissance". This is a movement that aims at mobilizing cultural, economic and political capacities in order to confront the contemporary challenges caused by the process of globalization.

2. Globalization should be considered in the wider sense of the word, which includes attempts by dominant powers to impose their world view in Africa through the exchange of slaves, colonialism and since the end of the Second World War, through neo-colonialism. Some African scholars have stared to protest against these attempts already in the beginning of the XVII century. In this context, it is especially important to mention the work of Achmed Baba, of Mali, and Amo (who signed his work as "African from Guinea"), two well known Africans who expressed their opposition to foreign domination in Africa and the treatment given to Africans in Europe. Amo's work is still very significant to us, because it deals with questions linked to African discrimination in Europe and immigration. Currently, Africans are trying to draw lessons from their history in order to be able to create a "new Africa" that may compete successfully with the rest of the world. At the same time, European philosophers and writers believe that Africa needs help.

3. In this situation, African scholars have a great role to play. Such a role should provide a new perspective for future African generations through creative thought. This new perspective should stem from the analysis of the historic factors that resulted in the current situation. It should also be inspired by ideas suggested by the pioneers of the pan-African movement, such as President

Kwame Nkrumah (Ghana) who advocated the unity of Africa. As is well known, President Nkrumah had already recognized, in the 1960's, the need to develop a strong economy in Africa so as to enable it to compete successfully with the rest of the world. To develop a strong economy there must be a good educational system in place to allow young Africans to acquire knowledge of the "new technologies" which are of extreme importance for the current globalized economy.

4. Mr Philippe Lavodrama warned Africans against attacks from certain European writers – and also from Africa – who say that there is no future for the African continent. He reported that the main objective of these writers was to convince Africans that the frequency of civil wars, the lack of democratic institutions and the strong economic and political dependence of Africa towards foreign powers are sufficient evidence that Africa cannot become a competitive player in world business. From this way of thinking comes the thesis that, from now on, it will be necessary to "prevent" Africans from migrating to Europe, where they would probably bring diseases such as HIV. Several Africans who accepted this language have become spokespersons of previous colonial powers and now attempt to record the positive impact of colonialism in African countries. From that viewpoint, Africa is solely responsible for the diffusion of poverty which reflects the situation of the majority of African countries today. Against this view, the African renaissance is a positive development that may re-energize Africa both morally and intellectually. In this process of African renaissance it is important that Africans regain self-confidence. It stimulates Africans to keep fighting against all forms of Afro-pessimism and promote positive ideas contained in the African Renaissance movement.

5. The idea that Africans do not like each other, or even that they would be accursed, comes back poignantly and recurrently in current times, in several conversations and publications. So often was it repeated that it became a cliché. Even being a part of somber imagination, the theme of Afro-pessimism invade all African speeches since the end of the Cold War, and this is a baffling reflection. One current of African opinion propounds Western propaganda and essentially blames failure on the Africans themselves, who would be responsible for their own scourge. This would exempt from blame colonial imperialism and neo-colonialism. It is also revealing that in the opposite sense the theme of the "renaissance" – as a principle of moral and intellectual rearmament – inspires and feeds a literature of Afro-optimistic orientation.

Cheik Anta Diop, the greatest African scholar in the second half of the XX century, announced that historic security, under the form of self-esteem and self-confidence, is an imperative of collective identity and one of the greatest requirements of social development. The imaginary of Africa, which Western media complacently divulge, corresponds to the image of a repulsive ghost, not only demoralizing to Africans but that also contributes to separate them from the Diaspora, which does not wish to be associated with something so negative.

6. Mr François d'Adesky reported that there are several similarities in the social and economic situation of Africa and its Diaspora. Poverty is widespread and social indicators are low in Africa as they are for the Afro-Latin and Afro-Caribbean peoples. To fight poverty and improve their social indicators, African countries and Afro-descendants are implementing policies that are needed to attain the "Millenium Development Goals" set by the United Nations until 2015. Meanwhile, the population of African origin claims their economic and political rights in Latin America. There has been progress in this field in Brazil, Colombia and Ecuador, whose governments adopted anti-discriminatory legislation. A close relationship between Africa and its Diaspora is welcome in this situation. Until now, the Latin-American population of African origin has been disappointed with the lack of support from African countries in their fight against discrimination. This sentiment disappeared rapidly with he establishment of close ties within the Conference of African Scholars and the Diaspora.

7. The process o colonialism created "nations-state" in Africa, whose existence was questioned after independence. Only those countries that were able to reconcile "modernity and tradition" were able to remain politically stable. To prove his view, he cited the example of Julius Nyerere, who was "the son of a king" before becoming Head of State in Tanzania. This explains why he was able to exercise significant authority in the country until his death. He also mentioned Botswana, that possesses a "chamber of leaders" and thanks to that is politically stable. Mr. d'Adesky went on by saying that the reconciliation of "modernity and tradition" was a key factor to permit Botswana to invest all its diamond export revenue in the development of infra-structure. Another example of this was evident in Nelson Mandela's South Africa. Learning from examples, he exhorted African countries to try to reach such reconciliation everywhere and to involve women in the development processes.

8. On globalization, Mr. d'Adesky felt that this could benefit Africa because it would give young Africans a chance to acquire knowledge on new technologies that could b used in their own countries. Furthermore, he said that the introduction of democratic institutions in Africa would be valuable in this respect. He was also encouraged by the effort of the African Union to include the Diaspora in the African Renaissance movement. This movement will certainly have a significant impact on the future of Afro-descendant populations in Latin America and the Caribbean. With the creation of a middle class in this population, relations between Africa and Latin American and Caribbean countries shall be strengthened. This will also contribute to the growth of commercial and cultural exchanges in Africa. Such a development will lead to reconciliation between Africa and people of African origin.

9. Mr. Mamadou Lamine Diallo chose to make a distinction between "global activities" with the headquarters of corporations in developed countries and the process of globalization in which the integration of the global economy is claimed. This claim is made by governments as well as by corporations, financial institutions and economically advanced countries. Proponents of this process support global economic integration and encourage the introduction of a democratic parliament in the whole world. Simultaneously, non-governmental organizations (NGOs) ask for the adoption of practices of good governance. In sum, the objective of globalization is to change the world into a place where the economic and political vision of certain countries is dominant. According to Fukuyama, this new world would be characterized by peace and prosperity brought about by the adoption of market economy and parliamentary democracy mechanisms.

10. Unfortunately, not everything is as simple as it seems. Over the past two decades, the countries of Sub-Saharian Africa have implemented policies inspired on the objectives of globalization. The impact of these policies has not been encouraging for the vast majority of countries, where there was a large increase in the number of poor people. Trying to reduce the numbers of the poor in African countries, the Bretton Woods institutions recommended the adoption of "Documents for the Strategy of Poverty Reduction" (PRSP)in practically all countries in sub-Saharian Africa, with the exception of the Republic of South Africa. Such documents were formulated with active participation" of the poor people themselves. Despite such participation, the success of these policies suggested by PRSP is questionable.

11. The lack of success is due, in part, to factors that characterize a "dual economy" in African countries. To reduce poverty, the globalization must contribute to job creation in modern sectors. Such growth in job creation depends on the level of investment activity, which varies with real interest rates. Consequently, the process of globalization would benefit African countries only if it could contribute to a reduction in real interest rates. In the long run, it should provide young Africans with opportunities for better education and professional training so that they may be qualified to enter the job market in the modern sectors of the African economy. Since it is very improbable that this can happen, it is important to create a mechanism in which those who benefit from globalization may compensate those who do not. In this connection, it is significant to recall that the globalization process permits mobility of capital among countries. As is well known, a part of this capital is made of speculative flows. An idea proposed in the past and which deserves to be examined is the collection of a special tax on the flow of speculative capital. The worldwide introduction of the tax, known as Tobin tax, would make globalization a profitable process for every country in the world.

12. Mr Khalid Naciri said that African renaissance must take into account the conditions prevailing in Africa so that is may make sense for the future and the present. In his view, internal conflicts, spread of poverty, corrupt leadership and lack of good governance characterize the situation of Africa. For this situation to change, it would not be useful to believe in any kind of fatalism. Furthermore, it is important that African leaders and scholars recognize that Africa has no other choice than to operate within the context of globalization. At the same time, it is necessary to make an effort to minimize the negative impact on African countries. Until now, Africa has been unable to profit from the end of the world bipolar system. Besides, Africa continues to be divided in small countries, while Europe shows that it is possible to integrate countries with different languages and cultures. Even Asia is engaged in a process of modernization, while Africa does not show any visible progress in this direction. In order to be able to move with strong possibilities of success, Africa should adopt good governance practices, promote a strong educational system and develop solidarity among different social classes. African population need to have hope through a vision that promises a better society. The Renaissance movement provides this vision to Africans. For it to become reality, it is necessary to promote the introduction of democratic institutions in the whole

of Africa. The introduction of such institutions will permit populations and civil society to participate actively in monitoring the respect to human rights.

13. Regarding the benefits that Africa may obtain from the Diaspora, Mr. Naciri said that 10% (3 million) of his country's (Morocco) population currently lives abroad. This group of Moroccans represents an important source of foreign currency. He recommended, in this connection, that other countries also benefit from their respective diasporas.

14. Mr. Naciri argued that the notion of resident and non-resident became irrelevant in this context. He also said that African might benefit from the globalization process. He warned, however, that the NEPAD program is not yet working as expected. He added that the idea of establishing the United States of Africa should be pushed forward. At the same time, Africa should push through the reform of the United Nations system, including the review of the Worlt Trade Organization (WTO).

15. Mr. Robert Doussou stated that the process of globalization started with the technological advancements in the transportation sector and the development of new information and communications technologies. He said that the globalization process could be a tool for the speeding up of the economy and social progress in Africa. At the same time, it could end up slowing African development because it requires the introduction of technologies that Africa is not in a position to absorb quickly. He hailed the fact that Africa reach significant progress in the area of democratic governance in the past few years. He ascribes this to the process of globalization. Mr. Doussou said that globalization could be beneficial to Africa because it contributes to the fight against corruption. The globalization of financial markets gave increased power to the Bretton Woods institutions which currently determine the direction of financial flows in the world. In what regards the African Renaissance, it is important for African societies to preserve their cultural values. Efforts to create opportunities for education and employment in Africa are needed in order to reduce the number of African young people who try desperately to escape poverty in their homelands by taking the risks of emigration into other continents. Africa should also valorize the creative thought of its scholars.

16. Mr Yves Amaïzo started his presentation by saying that the process of globalization was the result of the balance of power in the world. This balance of power is the key to determine the distribution of welfare among the various regions. The process of globalization includes static as well as dynamic elements. Taking into account the dynamic elements, Africa must have an

operational vision. African leaders should understand that the rest of the world did not give anything to Africa without expecting some compensation in exchange. Countries that can influence others take advantage to create wealth for themselves. Nevertheless, Africa should try to ability to influence world events. At the same time, it must establish an organization that would lead to the creation of wealth through the increase of investment activities. Africa should also seek the development of economies led by knowledge and innovation. With knowledge and innovation, the African economy will be able to spread the necessary economic and financial information that will permit rulers to take informed decisions. Comparing Africa and Latin America, Mr. Amaïzo aid that Latin America has greater influence in the world than Africa. Africa must develop to improve its position in the world economy. Africa must try to attract international investment by creating capital flows. In this sense, it is necessary to create a favorable environment to encourage the African Diaspora to invest in Africa.

17. According to Mr. Amaïzo, relations between Africa, Latin America and the Caribbean have been "platonic" in what respects the exchange of goods and services between the continents. The much desired solidarity can only be supported by a sound organization based on entities that function in a network with transparency, performance and solidarity as the primary objective.

18. In this connection, the search for synergies with a Diaspora centered in the global world is suggested. More than a reform, the question is how to put into operation an economy of agglomeration, to give solid foundation to the support institutions and program qualitative and technological leaps by means of the observation of competitiveness, solidarity and decent employment.

19. To turn from reflection to action, it is useful to propose concepts and spaces of polarization of synergies at the service of the population. It I then necessary to identify projects or the strategic complementariness that goes hand in hand with historic solidarity. Concepts such as interdependence and co-development should emerge as the capacity of collective influence of Africa, Latin America and the Caribbean returns. It is then necessary to accept the principle of subsidy so that inter-regional cooperation and the economy of proximity permit the creation of real business relations with a view to mutual progress. With the Diaspora, it is possible to support poles of competitiveness and employment that will develop if visas in Diaspora passports are previously

accepted among regions or, at least, between States. The future then depends on the institutionalization of a system of agglomeration that functions as an open network.

20. Mr. Jacques d'Adesky said that the relations between Brazil and Africa have a long history. He recalled that in the 198o's there were flights from Rio de Janeiro to Abidjan, Dakar and Lagos. He also pointed out the existence of significant exchanges between Brazil and Africa for quite some time. Next, he dicated that a successful African Renaissance would not be possible without the inclusion of the Diaspora. This is particularly important, since Brazil is trying to take advantage of its cultural diversity. At this point in time, Africa should try to create conditions to increase its exchanges with Brazil.

21. Ms. Jacqueline Ki-Zerbo started Panel B, "Rethinking strategies for economic and social development", by stating that the economic and social success of Africa requires a strong partnership between men and women. She said that it is not easy to reach this partnership because men and women are treated differently due to traditional beliefs. In many African societies preference is given to male children who are believed capable of providing "social security" for the parents in their old age. Female children are encouraged to marry as soon as possible. The education of their daughters, however, is not a priority for many parents. This way of thinking must be changed without recourse to feminist activism. By treating sons and daughters equally African societies will probably achieve a true partnership between men and women and likewise reach the potential for the development of Africa.With this objective, women should enjoy the same rights to education and professional training as men.

22. Commenting on Africa's development in the past three decades, Ms. Ki-Zerbo discussed the kinds of projects that counted on foreign help. She noted that some donors were more interested in quick results for their projects, regardless of negative social or financial consequences. In the region of Sahel, or instance, there is a need to think ways of using vegetal coal more efficiently as fuel, despite efforts made in this area by African governments. It is important to note that the decisions regarding the use of vegetal coal as fuel were taken by foreign donors and African men, without involving women. Se also pointed out that during the "development decades" there were several meetings on "gender issues" such as in Mexico (1975), Kopenhagen (1980), Nairobi (1985) and Beijing (1990/95) without women taking leading roles. In fact, men were dominant in governmental delegations (particularly in Nairobi and

Beijing). The concept of "gender" was introduced in Nairobi. This shows the reluctance of societies dominated by men to implement action plans adopted by countless meeting to allow women to exercise their roles in the social and economic development of Africa.

23. O development strategies, Ms. Ki-Zerbo said that it would be worthwhile to review the several concepts of development that have been proposed for Africa. Even before African governments and experts begin to understand operational objectives. New concepts are introduced and donors bring new conditions. This approach resulted in Africa being slapped around by the rest of the world. Would Africa and its Diaspora be willing to solve this problem by developing its own, more appropriate strategy for its economic and social development? Without isolating itself from the rest of the world, Africa must look back and see its failures in the last three decades, in order to determine its future. In this context, it would be important to take into account the negative impact that the programs of "structural adjustment" supported by the international community and led by the Bretton Woods institutions had in Africa. Activities and responsibilities in the public sector have diminished and jobs in the government sector have been lost. This produced a growth of family violence in Africa. Many families can no longer afford their children's education. In order to evolve a more appropriate strategy for the development of Africa, national leaders should develop the capacity to identify their own priorities, analyze them and find plausible solutions. One of such priorities should be the inclusion of women in the decision-making process. Without such inclusion, Africa will not be able to confront successfully the problem of poverty. Women should no longer remain passive in the search of solutions for the current problems of Africa.

24. Ms. Jeannine B. Scott discussed mainly he challenges of economic and social development in the Diaspora and the role of Afro-Americans in this context. She indicated that her employer, Africare, was the largest and oldest Afro-American non-governmental organization working on poverty alleviation and supporting the development of Africa. She said she was speaking as a North American woman and as Afro descendant. She belongs to the African diaspora in the United States, made up of people who descend from those who were brought to America by slave traffickers and also from more recent waves of immigrants from the Caribbean, Latin America and Africa.

25. These Afro-Americans or Africans in America, as some prefer to call them, are working hard to ensure a better future for future generations of

Africans. This group of people of African origin certainly makes a huge contribution to the wealth of Africa. To take advantage of such wealth, Ms. Scott said, Afro-Americans from the United States should be included in the "sixth African region". This inclusion shall provide the African Diaspora with the opportunity to work for a change that will have a positive impact on millions of lives, stopping the increase of poverty, hunger, disease and lack of housing, besides promoting equality of gender, better education and a sustainable environment.

26. The Diaspora can help African countries in their effort to promote the development of the human capital. All these efforts combined ensure that African counties can obtain the necessary support to join the global job market. To increase economic growth, taxes and technological sophistication: without such achievements Africa runs the risk of capital evasion, brain drain and negative trade conditions.

27. Ms. Scott said that Africa would not be able to obtain any progress in these fields if its people are not united over the whole world. To illustrate her point, she cited some examples of what can be done by Africa and its Diaspora:

- Africare was established because an African President, the ex-president of the Republic of Nigeria, Hamani Diori, asked a North American, Mr. C. Payne Lucas, during the drought of the start of the 1970's in Sahel: "Why are the Afro-American brothers and sisters in the United States not doing more to help Africa?" This man, Mr. Lucas, met with only four or five Africans and Afro-Americans to start an effort from his own home. He started with a 39 thousand dollar loan until building what is now the largest and oldest Afro-American organization turned toward the promotion of economic development in the African continent. To date it has transferred more than 700 million to the assistance programs of 36 African countries, reaching more than 200 million people. This is the power that comes from Africans and from the cooperation of their Diaspora.
- Reverend Sullivan is one of the Afro-Americans who have put together the "Sullivan principles" through which many multinational companies in the United States were encouraged to diversify their business and investments against South Africa's apartheid until a real change would take place in hat country, with freedom, civil rights and vote for all South Africans. He caused millions of dollars in investment to be withdrawn from South Africa until racial justice was established. Mr. Sullivan was

one of the pioneers who encouraged double citizenship that would allow Afro-Americans to become citizens of African countries and also hold United States passports.

- African American Unity Caucus (AAUC) is a relatively new organization. It started as an effort to promote coordination and cooperation among Afro-American entities focused on Africa. Established in 2002, it is a non-partisan alliance of committed African leaders and organizations dealing with issues that affect Africa and its Diaspora. Its membership is totally composed of Africans, Afro-Americans and Carribbean people.
- The Growth and Opportunity for Africa Bill was an important piece of legislation concerned with developing opportunities for trade by\African countries with the United States. It was the brainchild of an Afro-American citizen and a large part of the work of lawyers necessary for its implementation was performed in the Afro-American community. It is today an important program that provided many relevant opportunities for African producers to be able to sell their goods in the American market and to diversify their exchanges with the United States.

28. Speaking of business, Ms. Scott mentioned the names of some Africans who have influence in the United States and who are looking for productive partnerships in Africa and in other parts of the Diaspora. These are:

- Bob Johnson, from Black Entertainment Television Mogul, who wishes to invest in Liberia;
- Kase Lawal – of Nigerian origin – from Blaing, petroleum industry;
- Dikembe Mutombo, the famous basketball player from the Democratic Republic of Congo, who built a modern hospital in his homeland;
- Others, like Oprah Winfrey, Isaiah Washington and Geoffrey Wright, personalities who use their fame and their African heritage to do business and make philanthropic investments in several countries of the African continent.

29. In the United States, at present, Africans have an unprecedented representation that relates the country with the African continent:

- The Secretary of State is an Afro-American woman;
- The Assistant Secretary of State is an Afro-American woman;
- Two out of four Joint Assistants to the Secretary of State are Afro-American, one of which is a woman;.
- The African National Security Director and Special Counsel to the President is an Afro-American woman;
- The Trade Representative for Africa is an Afro-American woman;

■ The Director of the Treasure Department for African countries and currently Special Assistant of the Secretary of the Treasury for African countries is an Afro-American woman.

30. Ms. Scott also said that these Afro-Americans do everything within their reach to improve relations between Africa and the United States and that they keep constant contact with Afro-American organizations related to the Diaspora.

31. Besides, more and more young people, especially those who were educated in the United States, take the decision to bring their knowledge and training to Africa, together with millions of dollars in investment funds and business. Furthermore, large investments in transportation, energy, telecommunications, industries, manufactures, finance and banks, among other sectors, are being made.

32. Ms Scott urged African peoples and other Afro-descendant populations not to believe the supposed barriers said to exist between them and the Afro-Americans and Africans who are in America. People of African origin in the United Stats need to unite more than ever to ensure effectiveness in their own country and abroad. Ms. Scott said we all descend from Africans and that we must encourage our common origin.

33. Mr. Marcelo Paixão centered his comments on the historical factors that influenced the social and economic development of Brazil. In this context, he said that Brazil's development was highly influenced by the exchange of slaves. The flow of people descending from Africans gave Brazil not only cheap labor but also a mixed society. This society project an erroneous image of racial harmony outside Brazil despite the fact that the descendants of the slaves are not integrated into the economic activities of the country and remain in the lower strata of the Brazilian population. This is due to racial discrimination that still prevails. In Brazil, the darker the skin, the more difficult will it be to enter the job market or get credit from a bank. Since an important part of the modern Brazilian society is kept apart of the economic activity of the country, Brazil is faring worse than its potential would allow. To be able to use all its potential, Brazil should integrate its whole population in a development strategy and that would increase the volume of the economy and improve the distribution of wealth in the country. Mr. Paixão explained that a successful policy for the integration of the black population would require significant increase on governmental expenditures for education and other social services. This would improve Brazil's rank in the Human Development Index. The existence of a

black population in Brazil puts it in the 72nd place among other countries researched by the United Nations in 2004. If one excludes the black population, the index is close to that of developed countries.

34. Mr. Omobitan Olunfusho Abyomi shared Nigeria's experience in promoting economic development over a period of 46 years, since the beginning of political independence. He said that the use of several strategies derived from "development models" did not help Nigeria to improve the standard of living of its citizens. Despite the fact that considerable oil resources are available, poverty, food insecurity, unfair taxation, etc., have prevailed during many years. Mr. Olufunsho Abyomi tried to explain this by reviewing the implementation of Nigeria's strategies in that period. He said that some of the development strategies in Nigeria were "financed" but no "recommended" by multilateral institutions. With the support of these institutions, Nigeria adopted "Structural Adjustment Programs" (SAPs) with a view to strengthen the productive capacity of the country and restore financial stability through budget increase and discipline and liberalization of economic activities, including the privatization of governmental enterprises. In the 1990's the SAPs were discontinued having proven incapable of producing the expected results.

35. In such circumstances, Nigeria launched the project "Vision 2010", expecting that with long term objectives the country would achieve a performance comparable to that of Southeast Asia. Besides this vision, Nigeria adopted the "National Strategy of Economic Development and Growth" NEEDS). This strategy aims at reforming the machinery of government, increase the activity of the private sector and strengthen the existing system of values. All these national strategies have produced excellent results for the welfare of the Nigerian population. There is an urgent need to rethink the Nigerian strategies for economic and social development. In the process of creating new strategies, a number of concepts have an important role. Such concepts are: partnership, capacity of development, good governance and sustainability.

36. With "partnership" there is the intention to make indigenous communities and the government to work jointly in order to reach their economic and social goals. "Capacity of development" or "capacity of construction" is the process through which individuals, institutions and countries strengthen their ability to use in an efficient manner the human, natural, financial and social resources that are available to them to conquer the objectives of sustainable development. Good government requires the adoption of a transparent

mechanism in the conduct of public affairs and the utilization of resources that are in the public domain.

37. Mr. Mathieu Mounikou started his presentation stating that the main objective of economic and social development should be the improvement of the well-being of the population. To this end, efforts must be made to increase the volume of market transactions. The most efficient way to reach this objective would be for African countries to develop close mutual cooperation. Such cooperation should aim at modernizing activities in the rural sector and promoting the domestic transformation of raw materials into industrialized goods as soon as possible. The modernization of rural activities requires the acquisition of advanced technologies that can contribute to growth in the agricultural activity. Rural production would also grow through credits from micro financing institutions. Some of the new technologies would also improve the domestic management of forest and mineral products. In what regards commercial exchanges with the rest of the world, Africa should take steps to protect its emerging industry. At the same time, However, Africa should not impose tariff barriers in its trade relations with Diaspora countries.

38. This is particularly needed in relation with African trade with Latin-American countries. The example of Cuba shows how productive cooperation between Africa and Latin America can be. Through cooperation trade flows of industrial goods could be increased. A specialized agency to study the viability of investment between Brazil and African countries might also be created. Such an agency should work in an autonomous way in relation to African development. Regarding the role that the Diaspora could play in the development of Africa, Mr. Monikou stressed that Africa could learn from the example of China, a country that recently took advantage of its diaspora. In this connection, African countries should be prepared to accept "double citizenship" for their citizens. To strengthen relations between Africa and its Diaspora, one could set an International African Diaspora day, to be celebrated every year. Such a date could coincide with "Slavery Day".

39. According to Mr. Monikou, the main anchoring point for an alternative development strategy for Africa should be the development of the internal market. This means regional integration that must entail the progressive and effective abandonment of the attributes of national sovereignty. It is not possible to develop the internal market without the valorization of agricultural products and traditional crafts through industrial transformation. There is no economic

future for Africa without the development of activities with high added value. Alternative development strategies should be open to the Diaspora countries and feed the relations of partnership with them. Diasporas, whether new or old, have a duty to become a bridge toward the mother continent, or an open door to the world where the new technologies that shape a common horizon for men are created.

40. Mr. Fernando Heitor said that Africa faced old challenges that have not bee solved since the end of the colonial period. In Brazil things are no different for the black population or Afro-descendant people. Approximately 45% of the Brazilian population is made up of descendants of Africans, and the great majority is poor and live below the destitution line. There seems to be a correlation between being black and being poor. If it is proven that racism influences the economic situation of individuals in Brazil, then any development strategy should include measures to fight against racism. Until racism comes to be considered an adverse factor that affects the performance of development in Brazil, the country shall continue to operate below its potential.

41. Mr. Simon N'Guiamba made some comments at the end of the session of Thematic Group VIII and as Rapporteur during the plenary session. He said that the process of globalization was only the present form of a recurrent phenomenon in which some persons and countries try to impose their world views in terms of religion, system of government and organization of economic relations. In modern times this phenomenon has been facilitated by the development of new information technologies. The increase in the dependence of developing countries, especially African countries – in relation to foreign financial resources plays an important role in the hardening of conditions imposed by the multilateral financial agencies. The defense of global integration in the economic, political and cultural fields is justified by doctrinal visions about free market regimes, superiority of market mechanisms through the efficient allocation of natural resources, positive effects of democratic institutions and religious tolerance, according to Western models. Some less sophisticated minds debate global integration only by arguing that it became imperative because of the "interdependence" of countries in the world. They contend that the world became a "global village". Unfortunately, this theory of "only one world" neglects the fact that developed countries are not willing to open their markets to agricultural exports from developing countries, and by the same token the labor strength from developing countries cannot freely migrate to developed countries.

42. If the world has become a "global village", how could the total wealth of the world be equally shared in the absence of access to jobs and credit to all? It is not easy to find a satisfactory answer to this dilemma. Will it be possible for Africa to benefit economically from the globalization process?
43. Regarding the economic aspects of globalization, Mr. N'Guiamba said that the main objective of the globalization process is to achieve total liberalization of all economies in the world and their opening to world competition. Supposedly, by opening up the world, economies will be capable of guaranteeing areas where they would have some kind of comparative advantage. It is argued that the requirements of this project would benefit all countries in the world. If this were true, one might well ask why the unions in developed countries clamor against the process of globalization.
44. In any case, it is argued that their work forces are losing job opportunities through outsourcing to developing countries, where wages are lower. At the same time, some non-governmental organizations oppose globalization arguing that the dominant role of multinational corporations in this process hampers the growth of national economies. In view of this controversy, it may not be in the interest of African countries to accelerate the rhythm of liberalization of their economies, except if a careful analysis concludes that the benefits of globalization in Africa compensate adequately these problems, in the long run. In this context the African renaissance becomes very important, since it makes the population more attentive to the need of unity by African countries to face the many challenges that would result from the process of globalization.
45. Regarding the need to rethink strategies for economic and social development of African countries, Mr. N'Guiamba pointed out that these countries followed the advice given by foreign donors and changes their development strategies several times during the 40 years after the process of decolonization. In the period between 1960 and 1980 African countries adopted a series of "five-year development plans" that resulted in heavy external indebtedness. Since it is impossible for them to pay their public external debts, African countries were forced to adopt "structural adjustments". The implementation of these programs failed to reach the objective of development of African countries, because they prioritized the debt service. Meanwhile, levels of employment diminished significantly in African countries as government companies closed or were privatized and the number of civil servants was drastically reduced. Since 19999, partly under pressure by some NGOs that operate in developing countries, international donors requested African

countries to adopt "poverty reduction strategies" as new parameters for their development policies. Despite the adoption of such ideas, African countries continue to suffer because of their heavy external debt, huge budget deficits, lack of access to markets in the developed countries for their exports and the difficulty of access to bank credits for the large majority of their populations.

46. To face this situation with success, African countries should adopt a strategy that gives priority to economic and monetary integration of the continent. The medium range strategy adopted by the African Union in July 2004 offers a good framework for this integration. The integration of African economies would result in the creation of a single market and in the free mobility of the factors of production. With the creation of this market, African countries would be able to promote the establishment of a continental central bank and the introduction of a single currency. This would strengthen the financial sectors of the African countries and increase the volume of bank credits, which are vital for the activities of investment, job creation and reduction of poverty."

IX - "Perspectives and challenges of cooperation between Africa and the Diaspora in the area of health"

Panel A: "The fight against HIV/AIDS, malaria and other epidemics"
Panel B: "Policies oh public healthcare and human resources development"

Rapporteur:
Maria Inês Barbosa – Federal University of Mato Grosso do Sul (Brazil)

Report:[7]

"The debate of Perspectives and Challenges of the Cooperation between Africa and the Diaspora in the Area of Health attracted 50 people and not be chance it as opened in the Omulu Auditirium by Ms. Sheila Tiou, Minister of Health of Botswana and President of the Conference of health Ministers of the African Union. Coordination was entrusted to Mr. Chinua Akukwe, Professor of Goeroge Washington University, Nigeria. The lectures were hosted by Marcel Cequeira, of the Gay Group of Bahia; Ms. Fátima Oliveira, from the Feminist Health Network; Ms. Laura Segall Corrêa, from the Brazilian Ministry of Health; by myself; by Mr. Pascoal Manuel Mocumbi, from Angola; Mr. Liís Bogado-Poisson, from the Argentine International Migration Organization.

2. With regard to cooperation between Africa and the African Diaspora in the fight against HIV (AIDS), malaria and other epidemics in the policies of health and formation of professionals, It is recommended:

- To recognize that the World declaration Against racism, Racial Discrimination, Xenophobia and Other Related Intolerances, 2001, constitutes the fundamental, primary and permanent agenda to guide each and every sustainable cooperation initiative between Africa and the African Diaspora and that the Durban Action Plan, through the goals for the health sectors, is the viable strategy to achieve and go beyond the development objectives of the millennium.
- To recognize that the assurance of democracy and human rights is inseparable from human development and the promotion of health with emphasis on the fight against institutionalized forms of racial, ethnic, color,

[7] Text extracted from the recordings of the Plenary Session for the presentation of reports by the Thematic Groups (July 14)

religion, sex, sexual orientation, socioeconomic condition, level of education, nationality, place of birth, language, age and profession. May I be permitted at the point, to recall a thought by Agostinho Neto that goes as follows: "It is not enough that our cause be good and just, it I necessary that goodness and justice exists within ourselves."

- To recognize that health is a fundamental right of citizens of both sexes and that it is a duty of the State, to be implemented through the definition of specific goals to ensure universal access to health care, to the availability of qualifies human resources and social participation, as well as through a holistic approach focused on the specificity of the person, with joint and simultaneous intervention measures for the different health hazards, besides facing co-pathologies, taking account of the lack of initiatives centered on a specific disease or detaches from the social causes of the process health-illness in its structural and subjective dimensions.
- To recognize and eliminate structures, practices and ideologies that sustain express institutional racism, such as the reproduction and/or omission before the social causes of health, which generate international inequalities and intranational racial disparities in matters of health;
- To recognize that States built by the African Diaspora have a historical debt with States constituted by the peoples of the African continent and with the peoples of this Diaspora and that every form of bilateral and multilateral cooperation in matters of health among these States is not only imperative, but also a decision to compensate African ad Africa Diaspora peoples for the undue, unfair and perverse expropriation of Africa, which must be governed in co-dependence by a common exchange agenda, avoiding any relationship of subordination and in a sustainable way, through the transfer of technology, criticism of the models of resource allocation in health and the universal application of ethical standards in research and intervention involving human beings and the environment. We should not, each one of us, allow ourselves to be used as human guinea-pigs as until now we have been used. Each one of us here present must assume the responsibility to put an end to this situation, because it is not enough that we, each one of us here, receive homages and applause, if this same measure is not directed to each one of us in each corner, each remote part of this world.
- To recognize that African traditions are a patrimony of humankind and that the property, the use and transmission of knowledge of African origin are an inalienable right of the peoples of Africa and the Diaspora and must be

valorized and incorporated by official systems of health promotion and guide the reform of national models of health policy. At this point a may digress by recalling that, based on the Brazilian experience, the terreiros, the communities of the terreiros, were those that always looked after the needs and the sufferings of the black and poor populations in this country.

- To guide the reform of the national models of health policy, of the formation processes of workers, managers and researchers in health and popular education in health, as well as providing a fundamental identity to the cooperation between Africa and the Diaspora in the health sector.
- To establish a common agenda between Africa and the Diaspora in the fight against HIV/AIDS, malaria and other epidemics, which are among the Millenium Development Goals and Objectives and one of the priorities of the Conference of Health Ministers of the 53 African Union countries, in a pan-Africanist perspective, through the promotion of multilateral cooperation, the mobilization of organizations of the UN system, with emphasis on the regional offices of the World Health Organization for Africa and the Americas and also through the recognition and constitution of a new administrative region – that of the Black Atlantic – and the adoption of affirmative action measures to guarantee ethnic-geographic representation and that of the most vulnerable segments;
- To articulate health with the perspective of citizenship and development, through the criticism of hegemonic paradigms that govern the models of policy and of health systems and services.
- To promote academic exchanges between Africa and the Diaspora, through the comparative study of efficient strategies and good communication and information practices in health, health education, participative management and control of epidemics, besides the inclusion of neglected issues, mainly equanimity in health, whether through universality of access or quality in health care and the development of cultural competences in the promotion of health – there not only one model of thinking and dealing with the mode of being, living, becoming sick and dying – and for the promotion of epidemiological data within the health systems, in order to assist social movements and governments.
- To create mechanisms to promote the return and permanence of health personnel migrated from Africa and strategies to stimulate human resources in health, formed in the continent, to develop sustainable means to improve work conditions and increase forms of satisfactory retribution, besides generating

and keeping forms of continuing education that is culturally relevant, technologically adequate and that gives priority to local needs.

- To create mechanisms of monitoring and participative management of international and multilateral cooperative activities in health and research involving human beings, through the strengthening and recognition, by all States, of the role of the African Union as a privileged mediator in health negotiations and bilateral agreements concluded between Africa States and those of the African Diaspora, besides the multicenter research protocols and the partnership projects with non-governmental organizations, international agencies, industrial or commercial enterprises and confessional institutions, with a view to the protection of vulnerable populations.
- Finally, to promote the inclusion of sickle cell disease in the roster of priority illnesses for technical cooperation in health, within Africa and the African Diaspora, through the production, promotion and diffusion of knowledge about the illness, with a view to overcoming invisibility and ostracism in which is has been places in official health systems and through the articulated action of cooperation initiatives or international exchange between persons who have to live with this illness.

3. I close with a quote from Nelson Mandela's inauguration address: In order for everyone to win, in is necessary that everyone wins. Thank you."

X – "African Scientific and technologic renaissance and the contribution of the Diaspora"

Panel A: "Scientific and technological exchange between Africa and the Diaspora"
Panel B: "Information society, media and new technologies"

Rapporteur:
Bothale Octavia Tema – Director of Human Resources, Science and technologie, African Union Commission (South Africa).

Report:[8]
"The session addressed the importance of science and technology for the development of Africa and, in this regard, the sessions concluded that Africa is the cradle of the humankind and that it was the original knowledge derived from Africa that helped humankind to survive. However, developed countries have maximized on this knowledge and developed it for their own benefit, while Africa has not.
2. Development is measured in terms of technological capacity, that is, capacity to develop and use knowledge rather than the amount of natural resources that a country has. It was stated that there were very few scientists trained in the colonial era and this was by design because colonial governments did not intent to confer capacity to develop through the use of science. It was also stated that the oppressed are always denied access to science.
3. We need to make public policies to make science popular in order to create a critical mass of scientists in Africa and the best way of doing is demonstrating science in action. Africa needs to acquire competence in science and technology, but must do so in providing and developing human resources through education for all. Peace and stability are necessary to provide the space for the pursuit of development. We need to promote class and gender equity in schools and develop a healthy population by giving special attention to preventive health programs.

[8] Text extracted from the recordings of the Plenary Session for the presentation of reports by the Thematic Groups (July 14)

4. To be able to draw effectively on scientists of the Diaspora, Africa needs to do the following: to introduce more intellectual exchange between scientists in Africa and those in the Diaspora, and introduce positive discrimination in favor of Africans in the Diaspora wherever the recruit of scientists from outside is undertaken. We need to create funds to support investigation, we need to create centers of excellence to attract and use the skills of the Diaspora and integrate the Diaspora in national centers of science and technology and research programs. Africa needs to develop programs that encourage greater participation of groups presently inadequately represented. One example would be the encouragement of women scientists through work programs such as the UNESCO program. Our panelists mentioned that there are many opportunities for the cooperation between scientists in the Diaspora and those in Africa, in areas such as biotechnology programs and alternatives sources of energy.

5. The session also addressed Information Society, media and new technologies. The following points were made:

- First – mastering new technologies is key but not enough. The State has the responsibility to ensure and provide not only access to new technologies but also the right kind of content in order to promote social inclusion;
- Second – State policies for new technologies should be taken to call on gender and racial issues because they are at the basis of historical exclusions.
- Third – Africans, included those in the Diaspora, need to collaborate in order to develop contents that are suitable and relevant. Such contents should be in the languages used by them to counteract limited access to English.

6. Speakers emphasized that technology offers no value unless it becomes part of a culture, since culture can either be technology enhancing or limiting. Values in a society must promote innovation, and Africa needs to examine its taboos as regards innovation, especially as we seek to interact with the Diaspora.

7. As regards to film and TV, it was stated that Africa used film and TV just as means of entertainment or promoting government rather than as popular vehicles for transmitting the ideals and values of society. Dependence on foreign funding for film and TV production causes distortions in what is made available to the public. To produce a

Renaissance in the film industry, politicians have to change their minds because films made to raise awareness are always censored. We need to improve training in the area, in order to improve the quality of African productions and create the conditions for them to be profitable. Africa and the Diaspora need to become their own market for their own film productions and therefore promote more development of films.

8. Finaly, some speakers stressed the need to develop and strengthen our copyright protection laws. Thank you."

XI – "The struggle against poverty and combat racism, xenophobia and other forms of discrimination"

Panel A: "The struggle against poverty and the millenium goals"
Panel B: "The fight against racism, xenophobia and other forms of discrimination: Durban + 5"

Rapporteur:
Ayodele Aderinwale – Executive Director, African Leadership Forum (Nigeria)

Report:[9]

"This is a summary report of the Thematic Group on The Struggle Against Poverty and the Millennium Goals. It was noted that poverty in Africa is essentially structural, and in spite of several interventions by African states and multilateral financial institutions, poverty seems to be on the increase in Africa. The nature of poverty in Africa is clearly not a question of charity and it is evidently transcendental of episodic interventions. When you use the Millennium Development Goals to tackle the poverty challenge it may not produce the desired effects. The MDG's do not address the structural basis of poverty. The attempts of dealing with poverty in Africa must necessarily focus on the structural foudations of poverty, in particular, the distribution of resources. There is a need to adopt universal policies and strategies based on citizenship. In essence, policy frameworks on poverty in Africa must mix economic and social issues, in order to deal with the situation of the poor.

2. Democratic governance will remain important in the struggle against poverty. A stage must be made to increase its confidence and seek to set its priorities. A major effort must be also the liberation of our economies. Corruption must also be tackled if poverty is to be effectively addressed. Part of the historical origins of poverty in Africa makes reparation imperative and compensation for historical injustices important. Incessant conflicts in Africa diverted resources away from development, thus aggravating our poverty. Sustainable utilisation of environmental resources have fundamental implications for poverty, thus our strategies aiming at combating poverty, must take this into consideration both in terms of policies and programatic interventions. In

[9] Text extracted from the recordings of the Plenary Session for the presentation of reports by the Thematic Groups (July 14)

Brazil, advances have been made in tackling the poverty questions but there are great challenges ahead.

3. In the discussion sessions that followed, participants stated that gender inequalities in African countries severely constrained the struggle against poverty on the continent. The Millennium Development Goals, as currently formulated, do not address gender unbalances. Participants argued that reparation should be given to Africa, its people and the African Diaspora to compensate for the trauma, humiliation and exclusion occasioned by the slave trade. It was also argued the poverty suffered by Africans, on the continent and in the Diaspora, is a consequence of slavery and colonial subjugation. African intellectuals need to join efforts to provide the required scientific, ideological and political justification to ask for reparations from the international community and, through this, the establishment of a new African Reconstruction Fund may be considered in connection to the issue of reparation.

4. It was pointed out that the Afro-Brazilians, rather exclusively expecting programmatic interventions to improve their economic sectors, should also employ efforts to develop entrepreneur skills and ties between Africa and Brazil. It was also stated that, though Afro-Brazilians suffered racial discrimination, their culture has been marked to enrich an establishment, which actually oppress them. Afro-Brazilians should therefore be the principal beneficiaries of the comercialisation of the African culture in Brazil. In order to be included in society, Afro-Brazilians should seek education and it is imperative that education be channeled to them so they can build their capacities. Participants commented the affirmative action and empowerment programs of president Lula da Silva, specifically intended to benefit black communities (comunidades negras e quilombolas) in the Brazilian community. However it was also said that these programs may not be significally important for the intended beneficiaries. It was pointed out that Brazilians need to develop racial indicators to ensure that the poor Afro-Brazilian communities are lifted out of poverty. However, we need to lower expectations. There is no immediate success, since poverty reduction, by its nature, is a very long process, whose results manifest themselves only after a considerable period of time.

5. In the second panel, dedicated to the debate on racism, xenophobia and other forms of discrimination, there were nine presentations. The speakers insisted that all forms of discrimination are social constraints. There are very little to do with invented parameters. Intelectuals must therefore achieve a

structural and interpretative understanding of the dynamics of discrimination for effective solutions in the campaign against discrimination. Slavery, it was argued, provided part of the opportunity to create intelectual and ideological basis for racism. The horrendous and criminal nature of slavery necessitated and needed to provide an intellectual, ideological and scientifc basis for the action. There are social and economic aspects and dimensions to racism. It was important to convince the slaves to accept inferiority of race, differences and incapableness. The elite resisted campaign against racism because, to do so, would be to undermine the points of economic benefits. Racism therefore is part of the social constraint deployed by dominant elites, in different ways and means, orchestrated to maintain a particular social order, as part of the logic of capitalism and exploitation.

6. The Durban Conference provided an opportunity to develop and deploy a global framework against racism and other forms od discrimination. Africans went to Durban with high expectations, but creating a new world is impossible. Five years after Durban we seem to be in danger: racism is on the increase, especially in Europe, xenophobia is on the rise and many seem to forget that xenophobia often leads to genocide. The elites agree on free circulation of capital and goods as a crucial part of globalisation, but they reject free circulation of certain categories of human beings as part of the same process. Fighting racism, therefore, requires both political and legal strategies and it is imperative to use a human rights approach in terms of a campaign against racism. We need to commence a process of rewriting our History from our own perspectives, in particular the issue of slavery must be revisited and the role of Europe and other accomplices should be put in a clear, proper perspective. The Durban Declaration also covers a number of human rights issues that should be incorporated in national legislations. Africans should question and struggle to legitimize institutions that have been created to minimize the suffering of Africa.

7. Cultural understanding should be our focus instead of cultural tolerance. A new Conference on racism should be in our perspectives and Africans should demand this. Efforts must be made to create an African solidarity fund with partners such as Brazil, among others, to help Africans in the fight against racism. Within this framework, efforts should be made to strengthen political ties based on common interests. Since racism and prejudice begin in the minds of men, it is also in the minds of men that tolerance must begin. I thank you very much for your kind understanding."

XII – "Africa's Contribution to Civilization"

Panel A: "The legacy of ancient African civilizations"
Panel B: "African Diaspora and the building of the modern world"

Rapporteur:
Eddy Maloka – Director of the Africa Institute of Soth Africa (South Africa)

Report:[10]

"Our Thematic Group on Africa's Contribution to Civilisation had two sub-themes. The first panel was dedicated to the Legacy of Ancient African Civilization. We had several speakers and one invited guest. The themes that emerged in the discussion focused on three areas. The first one is on the issue of knowledge as power, with respect to the intellectual falsification in eurocentric scholarship, particularly with respect to the appropriation of Egypt. It was also discussed, quite extensively, the tendency of European scholarship to establish a triangular relationship between race, inteligence and civilization.

2. The second area focussed the need to develop what was called a counterdiscourse or alternative discourse, with the view to rewrite our History, to develop afrocentric discourse through research and it was made a reference to Mr. Diop, the Senegalese scholar. Related to that, of course, quite a number of speakers made reference to highlights of African civilisation in the areas of science, language, religion, culture, etc. There was also an extensive reference to prominent African personalities in history, and you know that some of them – from our History - have been appropriated by Europe as Europeans. The third area focused, of course, on the need for popular education, the inclusion in our school curriculum of relevant histories of the African people and the Africans in the Diaspora and, of course, the campaign against racism. These were the three sub-themes that measured the discussion in the morning.

3. The discussion in the afternoon, the panel B, with the sub-theme "Africa and Diaspora and the Building of the Modern World" there were quite a number of sub-issues, which I will go quickly through them. One, of course, was on the contribution of the African Diaspora to the development of the

[10] Text extracted from the recordings of the Plenary Session for the presentation of reports by the Thematic Groups (July 14)

Americas and Europe, a very excellent presentation by one of the speakers. The second issue was the need for afrocentric interrogation of concepts we take for granted, which are grounded in particular discouse. There was an effort from one colleague who interrogated the concept of civilization or civilizations and modernity.

4. Another issue was the need to institutionalise the African Diaspora in African Union structures and processes. Participants referred to the issue of the Diaspora, of the sixth region, that needs to be finalized and implemented. There was also an extensive reference to activities of various Diaspora constituencies and organizations in their respective countries in the African continent. One of the colleagues gave us a very interesting case study of activities in Ghana. The need to define African citizenship in the context of Africa and the Diaspora was always present in the discussion and some people made reference to the right of return debate: Africans who were here in the Diaspora were taken as slaves, so they didn't have the right to return: no visas to leave, no visas to return.

5. As to the action issues that emerged during this session, there was a point raised by a number of participants, that there is a need to engage in activities that can make Africans proud of their continent and of themselves. People spoke about the vision for a new Africa and the actions that we have to establish in many areas. In the course of that discussion, the issue of reparation emerged and one of the speakers tolds us about the campaign around reparation, which has been undertaken globally. There was also a recognition of the need for the Africans in the Diaspora to exchange information about their communities, their countries, as a means of increasing awareness on both sides of the Atlantic. Finally, there was a general reference to challenges facing African Diaspora communities in their various countries. There was an interesting discussion of the situation of Afro-Brazilian and the situation of Africans in Mexico. It was quite evident in the discussion that there is a sense that the number of issues concerning Afro-Brazilians that need to be resolved is still outstanding.

6. In my own conclusion, Mr. Chairman, I think that from the discussion we can say that Africa's contribution to manking can be divided in three main areas: the first is civilization properly said, in historical terms; the second is Africa's contribution to the rise and development of the Americas – with respect to the Africans that came here as slaves and the knowledge that they brought with them; the third is Africa's contribution to global culture

and to global cutural diversity. As for the action oriented issues that came out, there was a consensus that we need to reclaim our History through rigorous research but, at the same time, we need to undertake many activities to popularize some of the issues that will promote Africa. Thank you very much."

8. List of members of the Organization Committee of the II CIAD

I – Brazilian Organization Committee (Ministry of Foreign Relations working group)

- Ambassador Ruy Nunes Pinto Nogueira – President of the Working Group
- Ambassador Luiz Filipe de Macedo Soares –Internacional Coordinator
- Ambassador Renato Xavier – Ambassador of Brazil in Adis Abeba
- Minister Eduardo Carvalho – Responsible for the Executive-Secretariat
- Counselor Marcelo Dantas – Responsible for the Coordination Center
- Counselor Aparecida Carmem Bozzi – Head of the Financial Execution Commission
- Secretary Mariana Moscardo – Substitute Head of the Financial Execution Commission

II – African Union Organization Committee

- Ms. Bience Gawanas, Commissioner for Social Affairs of the African Union Commission
- Ambassador John Shinkaiye, Chief of Staff of the Chairperson of the African Union Commission
- Dr. Jinmi Adisa, Head of CIDO, focal point for II CIAD

- Dr. Bothhale Tema, Director, Human Resources, Science and Technology
- Ms. Habiba Mejri-Cheikh, Head of Information and Communication
- Ms. Marie-Claire Umu Bisamaza, Assistente Especial da President
- Dr. Mamadou Dia, Head of Division for Governance, Democracy and Human Rights
- Mr. Sam Onek, Acting Director, Finance
- Ms. Gaone Masire, Acting Director, Administration and Human Resources
- Ms. Simone Abala, Chief, Protocol Services
- Dr. Kebede Kassa, Culture Focal Point, Social Affairs Department

III – coordinators of parallel cultural activities

- Ambassador Paulo César Meira de Vasconcellos – Director of the Cultural Department (Ministry of Foreign Relations)
- Dr. Zulu Araújo – Diretor of the Palmares Cultural Foundation

9. List of members of the Interministerial Working Group

I – Interministerial working group

- Ministry of Foreign Relations
- Minisry of Culture
- Special Secretariat of State of Policies for the Promotion of Racial Equality
- Ministry of Education
- Ministry of Science and Technology
- Civil House of the Presidency of the Republic
- Ministry of Planning, Budget and Management

II - Conselho Técnico e Científico

- Palmares Cultural Foundation
- Brazilian Association of Black Researchers (SBPN)
- Prof. Ubiratan Castro Araújo – President of the Palmares Cultural Foundation
- Prof. Nilma Lino Gomes – President of the SBPN
- Ambassador Alberto da Costa e Silva – Brazilian Academy of Letters
- Prof. Jocélio Telles – Federal University of Bahia
- Prof João José Reis – Federal University of Bahia
- Dr. Paulo Miguez – Federal University of Bahia

- Dr. José Carlos Limeira – Federal University of Bahia
- Dra. Wania Sant´Anna – Researcher and social activist
- Prof. Jacques d´Adesky – Cândido Mendes University
- Prof. Reginaldo Prandi – University of São Paulo
- Prof. Júlio Tavares – Fluminense Federal University
- Dr. Edna Roland – Independent Eminent Experts Group designated to follow the implementation of the Durban Declaration
- Prof. Juana Elbein dos Santos – Society for the Studies of Black Culture in Brazil
- Prof. Marcelo Paixão –Federal University of do Rio de Janeiro
- Prof. Kabengele Munanga – University of São Paulo
- Prof. Sílvio Humberto Passos – Steve Biko Institute

10. List of members of the International and Scientific Committee

I – Chairpersons:

- Mr. Gilberto Gil – Minister of Culture of Brazil
- Mr. Alpha Oumar Konaré – Chairperson of the African Union Commission

II – Co-chairs:

- Ambassador Celso Amorim – Minister of Foreign Relations of Brazil
- Ms. Matilde Ribeiro – Special Secretary of State of Policies for the Promotion of Racial Equality of the Presidency of the Republic
- Ms. Bience Gawanas – Commissioner for Social Affairs of the African Union Comission

III – Brazilian Organizing Committee (Interministerial Working Group)

- Ambassador Ruy Nunes Pinto Nogueira – Undersecretary-General of Cooperation and Brazilian Communities Abroad and Chairman of the Interministerial Working Group of the II CIAD
- Ambassador Luiz Filipe de Macedo Soares Guimarães – Permanent Representative of Brazil to UNESCO and International Coordinator of the II CIAD

- Prof. Ubiratan Castro de Araújo – President of the Palmares Cultural Foundation
- Ms. Magali Naves – International Assistant of the State Special Secretary of Policies for the Promotion of Racial Equality
- Minister Fernando Jacques de Magalhães Pimenta – Director of the Department of Africa (Ministry of Foreign Relations)
- Minister Paulo César Meira de Vasconcellos – Director of the Cultural Department (Ministry of Foreign Relations)
- Counsellor Eduardo Carvalho – Head of the Executive Secretariat of the Brazilian Organizing Committee
- Counsellor Marcelo Dantas – Director of the Coordination Committee of the II CIAD

IV – African Union Organizing Committee

- Ambassador John Shinkaye – Chief of Staff of the Chairperson of the African Union Comission
- Dr. Jinmi Adisa, Head of CIDO, focal point for II CIAD
- Dr. Bothhale Tema, Director, Human Resources, Science and Technology
- Ms. Habiba Mejri-Cheikh, Head of Information and Communication
- Ms. Marie-Claire Umu Bisamaza, Special Assistant to the Chairperson
- Dr. Mamadou Dia, Head of Division for Governance, Democracy and Human Rights
- Mr. Sam Onek, Acting Director, Finance
- Ms. Gaone Masire, Acting Director, Administration and Human Resources
- Ms. Simone Abala, Chief, Protocol Services
- Dr. Kebede Kassa, Culture Focal Point, Social Affairs Department

V – International Members

(a) Africa

- Mr. Cheik Tidiane Gadio – Minister of International Affairs of Senegal
- Mr. Mame Birame Diouf – Minister of Culture of Senegal
- Dr. Boaventura da Silva Cardoso – Minister of Culture of Angola

- Ms. Monique Ilboudo – State Secretary for the Promotion of Human Rights (Burkina Faso)
- Prof. Iba der Thiam – Vice-President of the National Assembly of Senegal
- Dr. Marcelino dos Santos – Member of the State Council of Moçambique
- Dr. Henri Hogbe Nlend – Former Minister of Scientific and Technological Research (Cameroun)
- Prof. Adebayo Olukoshi – Executive Secretary of the Council for the Development of Economic and Social Research in Africa (CODESRIA)
- Dr. Emmanuel Gawuga – Director of Dubois Centre (Gana)
- Dr. Ebo Hawkson – Former Director of Dubois Centre (Gana)
- Mr. Adama Samessekou – President of the African Languages Institute (Mali)
- Mr. Alloune Sall – Executive-Director, Futur Africain (Senegal)
- Ms. Graça Machel – President of the Fundação para o Desenvolvimento Comunitário (Mozambique)
- Dr. Cheick Modibo Diarra – UNESCO Good-Will Ambassador
- Dr. Ali Mazrui – Director of the Institute of Global Cultural Studies, Binghamton University (Kenya)
- Dr. Théophile Obenga – Director-General of the International Center of Bantu Studies, in Libreville (Democratic Republic of Congo)
- Dr. Elikia Mbokolo – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (RDC/France)
- Dr. Ismail Serageldin – Director of the Alexandria Library (Egypt)
- Dr. Thandika Mkandawire – Director of the UN Institute for Research in Social Development (Malawi)
- Dr. Mahmood Mamdani – Departament of Antropology, Columbia University (Uganda)
- Dr. Zen Tadesse (Ethiopia)
- Dra. Zinat Tabala – Institute of National Planning (Egypt)
- Mr. Tahar Benjelloun – Writer (Marroco)
- Ms. Stella A. S. Opoku-Owusu – African Foundation for Development – AFFORD (Ghana)
- Chief Emeka Anyaoku – Former Secretary General of the Commonwealth (Nigeria)

(b) Diaspora

- Ambassador Javier Williams Slate – Vice-Minister of Foreign Affairs of Nicaragua
- Mr. Gustavo Makanaky – Director of the Assim Bonaga Foundation and Consul in San Carlos del Zulia (Colômbia)
- Mr. Alberto Granados – President of Africa House (Cuba)
- Mr. Javier Dómokos Ruiz – Department of Subsaharian Africa of the Ministry of Foreign Relations (Cuba)
- Mr. Molefi Kete Asante – Director of the Department of African Studies, Temple University (USA)
- Dr. Sheila S. Walker – Director, African Diaspora and the World Program (USA)
- Dr. Massimango Cangabo Kagabo – Coordinator of the Centre of Asian-African Studies at the College of Mexico (Congo-Brazzaville/Mexico)
- Mr. Romero Jorge Rodriguez – Director-Geral of Mundo-Afro (Uruguay)

(c) International Organizations

- Ambassador Tadeu Soares – Deputy Executive-Secretary of CPLP (Portugal)
- Mr. Noureni Tidjani-Serpos – Assistant Director-General of UNESCO for Africa (Benin)
- Mr. Doudou Diene – Special Rapporteur for the United Nations on Contemporary Forms of Racism (Senegal)
- Mr. Ibrahima Fall – Special Representative of the United Nations Secretary-General for the Great Lakes Region
- Ambassador Rhida Bouabid – Special Representative of the International Francophony Organization
- Mr. Lazare Ki-Zerbo – Representative of the International Francophony Organization

VI – Brazilian Members

- Ambassador Alberto da Costa e Silva – Brazilian Academy of Letters
- Minister Kátia Gilaberte – Ambassador of Brazil to Senegal

- Counsellor Maria Elisa Teófilo de Luna – Head of the Division of África – I (Ministry of External Relations)
- Counsellor Maria Cristina dos Anjos – Head of the Division of África – III (Ministry of External Relations)
- Secretary Roland Stille – Cultural Department (Ministry of External Relations)
- Prof. Naomar Monteiro de Almeida Filho – Rector of the Federal University of Bahia
- Prof. Lourisvaldo Valentim da Silva – Rector of the Bahia State University
- Dr. Luiz Carlos Silva de Azevedo – Assistant Secretary of Culture and Tourism of the State of Bahia
- Prof. Jocélio Telles – Director of the Afro-Asian Studies of the Federal University of Bahia
- Counsellor Alessandro Candeas – International Assistant (Ministry of Education)
- Secretary André Heráclio do Rego – International Assistant (Ministry of Science and Technology)
- Prof. José Carlos Limeira – Bahia State University
- Prof. Jacques d´Adesky – Centre of Studies of the Americas at Cândido Mendes University, Rio de Janeiro.
- Prof. Eliane Borges – Brazilian Association of Black Researchers

Mr. Edvaldo Zulu Araújo – Palmares Cultural Foundation

11. Opening Session (transcript)

Luiz Inácio Lula da Silva " President of the Federative Republic of Brazil: [...] We could not be in a more auspicious place to talk about the future of Africa and the role the Diaspora will play. Bahia is a living symbol of the many dimensions of the African contribution towards Brazil

It is an especial honor for us to welcome outstanding leaders from the brother Continent. Your presence here shows that the topics we are going do discuss have been given, definitely, in the consciences and in the agenda of our countries, the priority they deserve. Union Commission, Co-organizer of this event. His diligence was fundamental for this Conference to become reality. We are continuing the pioneer/pioneering efforts of the First Conference , in Dakar, in 2004, which owes much to the insight of my colleague and friend, President Wade, who has provided inspiration for our decision to host this event.

We have come to Salvador to consolidate a permanent dialogue between Africa and the places where its people and civilization have struck roots. This debate is essential for it approaches the challenges that bring us together.

We must overcome a historical heritage of poverty, racial discrimination and social exclusion within an international society wanting in democracy and solidarity.

The intellectuals and civil society of Africa and the Diaspora are protagonists of this task.

The dense work program and the subject groups are a warranty that we will achieve a stimulating exchange of ideas, not exclusively among the intellectuals. I hope. Public policy makers from both sides of the Atlantic will, find in these discussions inspiration for better identifying the problems and putting forward proposals for their solution.

I therefore wish you all, my colleagues: Presidents, Vice-Presidents, Prime Ministers and all persons invited, much success in your activities along the days you will stay in Salvador. The activities of the Conference may now begin. Our Second Conference is open.

Master of Ceremonies: Now Monsieur Abdoulaye Wade, President of the Republic of Senegal, will address the audience.

Abdoulaye Wade, President of the Republic of Senegal: Your Excellency Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva, President of the Federative Republic of Brazil, Your Excellency Monsieur Prime-Minister, Your Excellencies, Messieurs Heads of State and of Government, Your Excellency Monsieur President of the African Union Commission, Your Excellencies Messieurs Prime Ministers, Messieurs. and Mesdames Ministers, Your Excellency Monsieur Vice-President, Your Excellency Monsieur Governor of the State of Bahia, Messieurs and Mesdames. Your Excellencies Messieurs Ambassadors, Messieurs and Mesdames Representatives,

First of all, Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva, President of the Federative Republic of Brazil, let me thank you for the kind and warm welcome to your beautiful country and to your famous city of Salvador, Bahia. On behalf of the delegations from Africa and the Diaspora present here, I would like to express to the Brazilian Government and the Brazilian people our deepest and most sincere gratitude for the particularly warm and fraternal reception bestowed on all the delegates, true to the best tradition of the Brazilian hospitality.

Monsieur President, I have known your country since the early Sixties, and I have come back here many a time on occasion of international conferences. Every time I have stayed longer in order to be able to visit one more town or region, full of enthusiasm for the Brazilian very contrasting physical and human geography. It sounds as if the Creator would have wished to make of Brazil a miniature of the world. One day, expressing my enthusiasm during one of those world conferences that brought us here, I revealed my state of spirit with these words: "I believe that the beauty of Brazil derives from the fact that God, having created evening on Earth: countries, towns, men and animals, wanted to enjoy remaining beautiful fantasy of his power,

and created Brazil. This treasure of nature could no longer remain protected against the avidity of conquerors, imperialists and other kinds of adventurers. Today, its people, after having got rid of colonialism, is engaged in the construction of a respected nation and a respected country, what makes one think that Brazil will in the near future join the group of the great and developed countries.

Monsieur President, I bring here the friendly and fraternal greetings from my pairs, the African Union's Heads of State I now represent. In fact, two years ago, on the occasion of the First Conference of Intellectuals and Learned Persons from Africa and the Diaspora, held in Dakar, they entrusted to me the organization of and the support for this movement. Ever since, the Senegalese capital has been hosting the Secretariat. Monsieur President, Africa's sons and daughters present here, find today the descendents of their ancestors rooted out of their mother land to meet the suffering and the tragedy of slavery for many centuries. Bahia is a symbol to us. History teaches us that it was here that the rebellion of the Mali people began in 1835, the black people who stood up against the oppressors to demand respect for their rights and for their freedom of cult.

Also, it was here that many African slaves having been enfranchised, made a fortune in very flourishing commercial activities between Brazil and the West Coast of Africa, such as José Paulo Ferreira, born in Bahia in 1886, of Nigerian descent, who used to make frequent contacts between Bahia, on one hand, and the Nigerian cities of Lagos and Kano, on the other hand. In some way, coming to meet the African Diaspora in Brazilian soil, we are treading the same Paulo José Ferreira's way. Also, we avail ourselves of the opportunity to celebrate the memory of some illustrious pioneers of Pan-Africanism, the champions of this noble cause, such as Edward Blyden, Henry Sylvester William, Marcus Garvey, William Dubois, Doctor Kwame Nkrumah, George Padmore, Nnamdi Azikiwe, Cheikh Anta Diop, Aliune Diop, and Léopold Sédar Senghor, whose birth Centenary we commemorate this year.

Messieurs and Mesdames, I beg your permission to make a rather personal remark, a confidence: I was taught my first lesson of political awakening and of Pan-Africanism in the street by someone who, one day, when I was leaving the Van (...) Licée, in Dakar, had as sword a pamphlet of the Declaration of Kwane Nkrumah in the Manchester Conference of 1945. In an environment of hard fighting against colonization, he used to say: "with a good conscience, how could we ever have believed that the imperialists would propose a toast

to us, granting us our independence in a silver plate?" I have learnt this way may lesson of Pan-Africanism and have made it a lifelong practice.

The work of four illustrious predecessors has indicated to us the way through the word, the pen and the action. They have fought their own way, sometimes in very hash conditions in order for the African Continent and the Diaspora to remain proud of themselves, free and in possession of their own destiny, despite centuries of exploitation.

We have the hard responsibility of reviving, nourishing and preserving this precious ideal for the present generations and for those to come. Today, like in the past, Africa's struggle and that of the Diaspora remain the same: to affirm our existence and our cultural identity; to take upon our shoulders our history; to provide ourselves with the means to live in harmony with the changing realities of the world; to shape our common destiny through the mixture of our values and of our resources, and through judicious exploitation of the elements that are complementary, as you were saying yesterday, Monsieur President.

Dakar is only three and a half hours away from Recife, Brazil, However, it would take five hours, without intermediate stop to go from Dakar to the West of Africa or to the extreme South of our Continent. Between Africa and Brazil the Atlantic should not be a space to keep us apart from each other, but rather a sort of a large river, a joining element between these two sides that History and Geography have condemned to live together

Now, it is your duty, you the intellectuals from Africa and the Diaspora, it is yours the role of precursors in the promotion of the values and of the ideals we share, for, if we preserve the freedom of thinking and of criticizing, Politics will maintain its commitments and its engagements. Now, there will be no major chances, unless we keep in check taboos and prejudices. Around two years ago we made a diagnosis, without complacency, of the relations between Africa and the Diaspora, analyzing the contribution of the intellectuals towards the consolidation of Africa's integration into the XXI Century, and identifying the recommendations on the paths and resources apt to produce an image of Africa springing up anew towards progress. Now the time for an appraisal has come. We shall appraise the journey gone through, study the obstacles we have come across in order for us to introduce ourselves to the future and make adequate proposals. With the aim of bringing improvement to the movement of intellectuals and cultures, we would try and provide it with a lasting structure; activate the Secretariat in Dakar; designate permanent

personnel and immediately begin to elaborate a map of its structure which we should re- analyze and put into practice.

Monsieur President, Messieurs and Mesdames, Africa is at a crossroad. It has to keep marching with determination towards the United States of Africa under the leadership of a continental Government, instead of keeping watching through the rear mirror, the symbol of an extremely narrow nationalism in a world where the logic of large groups has become an unavoidable reality of the XXI Century. We are fortunate, for after Senegal, Brazil, a giant of the Century and one of the most important homes of the African Diaspora, up to the point of being named "the second largest African nation outside Africa", has offered us its hospitality in search of a constructive dialogue on the topic *Diaspora and the African Renaissance.* On this regard I would like, first of all, to propose the launching of an ample movement called *Pan-Africanist Alliance*, an assembly of the African clubs to be created all over Africa and the Diaspora. I presented this idea at the last Summit of the African Union, in Banjul. It has nothing to do with organizing a political party, but with launching a movement similar to the international ones we know that exist today, like an International Socialist, an International Liberal, an International Democratic. The International Communist is extinct; we are not talking about recreating these Internationals, but about getting inspiration from them. Within those Internationals their members discuss common positions, suggestions for the solution of the big world problems and cooperation. Ours, trying to avoid divisions, would not have political connotations in the sense of doctrines. Their main purpose would be: to facilitate members' meditation over ways and resources at our disposal to defend our interests; to facilitate bilateral or multilateral contacts; and to organize meetings and visits for us to try and accomplish our common destiny. In some countries, people (one hundred, two hundred persons) would create Pan-Africanist clubs in their work place, in their boroughs, universities, research centers, etc. Pan-Africanist clubs in each country would report to a Pan-Africanist national net. The set of Pan-Africanist national nets from the African countries and the Diaspora would constitute the Pan-Africanist Alliance which would periodically hold congresses in Africa and in the Diaspora, by turns. This way, through the Internet they would exchanges ideas, better divulge Africa and the Diaspora, express their opinions on African Union and make contributions to this debate. I propose that you discuss this matter, and, should you agree, to improve and enrich it in order to adapt it to our ambitions.

In another domain, very important too, I would like to propose the setting up of a structure for cooperation around the Atlantic. One possibility would be the creation of a Council for Concerted Action among the countries of the South border of the Atlantic.

It has nothing to do with the countries of the South Atlantic, otherwise Senegal would not take part, for it lies in the North of the Equator . On the contrary, it would concern the countries of the Southern border of the Atlantic. It is necessary to be careful about the denomination. The organization would comprehend Brazil, Atlantic Central America, the Caribbean and Latin America, on one hand, and Africa, from Morocco do South Africa, on the other hand. Another alternative concept would comprehend Africa and Latin America, perhaps embracing all the countries belonging to both regions. I beg you to think about the ways of economic cooperation, about some kind of periodical meeting involving Latin America and Africa, Latin America being understood as stretching from Argentina to Mexico. I am convinced that this question now submitted to your judgment will transform the Atlantic into a trade zone.

Monsieur President Lula, it is to Your Excellency, to your determined and permanent engagement to Africa that we owe this meeting today in Brazilian soil. Our peoples will be eternally grateful. While handing on to you the banner, as you are to take over from me for the next two years, I reminisce the resistance of black slaves on the Brazilian soil, those who created the Republic of Palmares, before surrendering to the numerical and technical superiority of the oppressors. I remember, too, the moving story of a tiny Senegalese woman, Felice Whithley (her slave name), told by Charles Johnson and Patrice Smith in a book called *Africans in America*. Felice Whithley was disembarked in Boston in 1761, one among thousands of slaves coming from Senegal. She was seven years old, her birthday having just been celebrated. Endowed with an extraordinary intellectual curiosity, she learnt how to write counting on the complicity of the lady that had bought her. When she was nineteen years old she published a book in London, the first collection of poems by an Afro-American woman writer. Earlier she had faced the refusal of the American publishers who were unable to believe that a black person would be able to create such a beautiful masterpiece. Felice Whithley's story as well as the story of so many others who fell into anonymity and oblivion teach us that the creative genius of the human being has but the limits we impose on it.

Felice was a slave, but today we are free men and women in regard to our ideas and our acts. It is for this reason that we have no other choice to

win. We owe this to ourselves and to past and future generations. Let us make Africa and the Diaspora walk together, hand in hand, towards a prosperous community. Thank you very much for your kind attention.

Master of Ceremonies: now we will listen now to Monsieur Alpha Konare, President of the African Union Commission.

Alpha Konare, President of the African Union Commission: Your Excellency Monsieur President of the Federative Republic of Brazil, Your Excellencies Messieurs and Mesdames Heads of State and of Government, Messieurs Ex-Presidents, Monsieur Governor of Bahia of All Saints, so named after All Saints' day of 1501, when the land was discovered by Amerigo Vespucci, I must admit that I was taken by a strong emotion, an emotion similar to that we feel for the love of four lives, to the ones felt by the great novelist Jorge Amado and the one that goes on providing rhymes for the moving songs of Gilberto Gil, to mention but two prestigious acclaimers of Salvador of Bahia, where both were born.

Later, as the contours of Brazil's mother town were becoming better defined and the characteristic multi-coloured houses were coming to sight, I felt all the vitality and all the spirituality of the Brazilian people who exalt with the same ardour the Christ of the Ressurrection, the Candomblé, the Orixás and Macumba, all originated in Yoruba lands. A Brazilian people who invented the Samba and the famous Carnival of Rio de Janeiro and Bahia, A Brazilian people who matches with the same joy Auguste Comte's Positivism and the vigor of the Capoeira players, creating a peculiar and dazzling symbiosis by mixing African, European cultures and those of the American Indians. Salvador of Bahia that welcomes us today, more than any other town in Brazil, perhaps in the world, is the symbol of that convergence of cultures to which we are particularly attached. More than any other town it personifies the encounter between Africa and Brazil, that is, the African presence in Brazil. Thus, no other place than this Black Rome, as has been nicknamed this city that UNESCO has rightly classified as cultural patrimony of mankind could, is more suitable to host a meeting such as ours to serve as a framework for this meeting and to put it under the double sign of information and openness as well as of unity in the diversity so strongly expressed in the UNESCO's Convention to which we all should adhere without delay.

While flying over these lands of South America I was thinking about the great men, José Martí, Simon Bolívar, all the liberators whose fights contributed in a decisive way to the emancipation of the Continent and of mankind.

Monsieur President Luiz Inácio Lula da Silva, Your Excellency whom the choice made by your fellow-country men hás made the leader of this loving, multi-confessional, multicultural and multi-racial Brazil, please let my first words be addressed to Your Excellency. Please accept these words of thanks addressed to the Brazilian people, to all persons that constitute it, to the Government as a whole for the solicitude towards the African Continent that Your Excellency considers, never failing to demonstrate it, as an integral part of your country. Witness his uncountable visits to our mother-land, his commitment for the South America-Africa Summit to be held on November 30th-December 1st 2006 in Abuja, Nigeria, which we hope will give rise to another political and economic *Bandung*, capable of bringing together Africa, America and Asia (why not?) in 2007.

Your Excellencies, Monsieur President, the quality of the welcome we have been given, the meticulous attention in which we have been involved, the spirit of leadership of the Brazilian organizers and the determination with which they have accomplished this project confirm, as if that was necessary, your conviction, and at the same time reaffirm that the friendship between Africa and Brazil is for Your Excellency more than just one word, more than just a motto: it is an unavoidable fact of History in the name of the past, of the present and of the future. A history of many centuries in which the need of a servile manpower for the cultivation of sugar cane has played a decisive role. A history in which many Brazilians, your fellow-country men, our brothers, coming from the same family endured painful experience in their flesh, in their hearts and in their souls. However, it is a history that you, Your Excellency, pretend to take upon your shoulders fully, in order to overcome it without rage, without resentment. It is a history, though, that must not face counterfeit. A history in whose name slavery must be proclaimed a crime against mankind. A history that must be better known. A history, finally, that has allowed Afro-Brazilians to represent more than half the population of Brazil until the XIX Century. Afro-Brazilians who have never contented themselves with contributing, as manpower, to progress of their country, but Afro-Brazilians who shaped the Brazilian physical traits, personality, language, vestment, quality of life, arts and culture.

This contribution, Monsieur President, that Your Excellency once again has put into practice, nobody has better expressed than Abdias do Nascimento, a living memory which will never fade, to whom Your Excellency took the initiative of paying homage through a more than deserved exhibition.

Abdias do Nascimento who used to have as a friend the painter and sculptor Tibério, who in 1966 took part in the Black Art Festival of Dakar, where he stayed for many years allowing Senegal and Africa to benefit from his large experience and his deep knowledge of African cultures. Tibério's work deserved to be better known. It anticipated Jorge Amado's aims, who in the documentary *Black Atlantic – en route of the Orixás, said: "The waters of the Atlantic brought the slaves from Africa to Brazil. Their bodies were chained, but their souls kept tied to mother Africa"*. Today, when Brazilians visit Africa they teach Africans the culture these descendents from slaves kept alive along their lives in Brazil.

Your Excellencies, noble guests, Mesdames and Messieurs, this year the entire world celebrates the birth anniversary of Léopold Sédar Senghor, a great admirer of Brazil, who welcomed Tibério in Senegal. He used to affectionately refer to the Brazilians as "more than brothers". I beg your permission, Monsieur President, to talk to Senghor in his own language, one of his languages [he speaks in dialect]. The Diaspora was institutionalized, that is, it stopped being an intellectual and political history of our century to become a permanent dimension. In less than two years the Second Conference is being held in Brazil. Nothing could better testify the fact that the materialization of this resolution is not only desirable but also perfectly achievable. The African Union held them in Senegal and in Brazil, each of these heroic missions having achieved their objectives, but I wonder if the organization of the next meeting should not be entrusted to the civil society, with Government support, of course, and with support from our regional organizations.

Your Excellencies, Monsieur President, noble guests, Messieurs and Mesdames, the African Union would not have accomplished its vocation for being the liaison element should it have not known how to resume relations of part of the Continent with the Diaspora, with the other Africa. The constituent act of the African Union could not be clearer on this matter: a call for total mobilization of all the segments of the African population aiming at the integration and renaissance, and pointing out that the Diaspora constitutes a decisive segment on this respect.

In Brazil, I could not fail to avail myself of the opportunity to remind you that outside Nigeria it is here, on this soil, that the largest concentration of black people exists.

The choice of Brazil to host the Second Conference is, thus, particularly appropriate, for a number of reasons, but I will pick out only one or two in

passing. We dare add that if this cooperation will be well planned, it will be very fruitful for the Africans from the Continent and the Diaspora . It will be even more fruitful if we are capable of identifying its facets, of which I will only mention that of culture, comprising communication and sports. How can I forget that Brazil is the legendary world's football champion five times and that it has provided the world with many first rate artists?

Your Excellencies, Mesdames and Messieurs, despite the distance between the Africans from the Continent and those from the Diaspora, we share values, systems, institutions, cultural ways of expression and artifacts that are, as our friend and elder brother, the great African and conspicuous intellectual man, Joseph Kisarbo, would say: "source and resource, source and resource, this is the African culture".

To find out together the adequate strategy for valuing those resources, especially by using the new contributions from the new information and communication technologies in order to better discuss our common history and our diverse histories, better discuss our being in the world and our contribution to civilization. It is, no doubt, a task we must accomplish, a challenge to overcome. It is extremely important to overcome this challenge, for, after the ideological globalization and the abstract post-modernistic cosmopolitanism that accompanies it, the denial of the other on the grounds of race, skin color and socioeconomic status remains a less discussed subject, which implies that mankind is still in danger for that matter. Within this context, meditation and lucidity, to paraphrase the Cameroonese philosopher requires the affirmation, the attestation of our contested mankind and the holding of the reins.

African renaissance to whose construction the African intellectuals from the Continent and the Diaspora are invited has no other aim than this. It requires a firm strategy of objectives and of sustained actions to get together in the present in order to create a new way for a new Africa. A working Africa, a solidary Africa, a fair, more importantly, a peaceful Africa, an Africa of fair governments that respect rights, freedom and that are law-abiding. On the way to this renaissance, first of all, stands a kind of poverty that dodges statistics and other indicators. It is what the Mozambican writer Mia Couto calls "our thoughts about ourselves", meaning the difficulty of the Africans to think as historical subjects, as point of departure and of destiny of a dream.

The longstanding denial of the African is due to his black skin, on the first place, and, then, to colonialism; to the absence of territory, seen as land and

history by millions of uprooted black people; to the enormous variety of intellectual works that insist on placing outside History the times when Africa was inventing technology to build the Aegyptian Keops' pyramids, among other reasons; and to a number of causes that explain why, even today, despite some very outstanding deeds, African identity is still viewed through people's discourse. The refusal of the tiny piece of History that others want to assign to us is the first step towards overcoming these obstacles in order to preserve the memory, share it, popularize it, teach it, assume it, particularly taking in the first place, into account the number of nations that share the same kind of need. However, there is a second obstacle equally dangerous: want of good thinking represented by the exaltation of one's individual actions, even of the absolutist and unbending ones. Such a posture leads directly to a sterile Narcissism, or, even worse, to those killer identities of which, unfortunately, state-nations have given us a number of examples.

This second obstacle may be avoided if we provide ourselves with the means to follow the tradition transmitted to us by the African Bantu and Yoruba, by God or whatever name He has, who propose that we deal with ethical or religious diversity not based on tolerance only, but also on pluralism. This obstacle may be avoided if we recollect the great axiological conquests that our ancestors achieved in a unique manner four thousand years before Christ; if we learn how to emphasize intelligence in mankind; if we recognize the dignity of the slaves; if we provide ourselves with the means to place in the centre of the spiritual, moral and political orders the sacred character of people of all ages and sexes, and to protect and defend freedom. Our firm conviction is that without respect to human rights, without respect to freedom, without recognition of diverisity and pluralism, Africa will be wasting time. "Utopia!", some people would say, to whom I would reply: utopia, yes, but a critical one and one capable of mobilizing the present, for, once again, we conjugate actions in the present, for it concerns African Renaissance.

Your Excellencies, Mesdames and Messieurs, fifty years ago, in September 1956, the First International Congress of Black Writers and Artists was held in Paris.

It happened one year after the Bandung Conference and ten years after the Pan-African Congress, in Manchester which claimed and initiated the process that led to the independencies of the Fifties. That Congress of antiracist racism, as Sartre said in his *Black Orpheus*, had the merit of having been the meeting of the diversity and even of the unavoidable confrontation at the

ideological and scientific levels, though the order of the day was solidarity to the victims stigmatized on the grounds of their race, the result was that Africans from the Continent and the Diaspora established cultural and political alliances and political relations with other cultures, i.e., civilizations. To accommodate a black elite open to all influences; to reconcile personalities as apart as Richard Wright, Ralph Elisone, Léopold Sédar Senghor, Frank Fanon and Cheikh Ante Diop, who, I must admit, has never been assigned a predominantly positive role in the history of Pan-Africanism, and of whom we celebrate this year the 25th death anniversary.

In 1956, in Paris, we missed the brilliant intelligence of Aimé Césaire, whom we must acknowledge for his role as the protector of the entire African world. Césaire used to point out that what led black people to get together in the Descartes amphitheatre of Sorbonne, in Paris, where the congress was being held, was diversity. However, Monsieur President, we missed too the enormous determination of a man with the lineage of Aliune Diop – and I beg your permission to acknowledge the presence here of Madame Christiane Diop, his loyal female companion, who, in his absence, managed to keep the flame burning and to continue Aliune's struggle for a strengthened African presence; I repeat: African presence, what means struggle of the past, struggle of the present and struggle of the future –.

Let me remind all of us that this year, in September, we will celebrate the 50th anniversary of that beautiful adventure that was that Congress. Monsieur President, the African presence should be based upon the organization of our meetings; the African presence should go on disseminating its eternal message, for the African presence knew how to emphasize, from the very early times the dawn of History, of our History. With this perspective we should also support the organization of the Second Black Arts Festival, in 2007, in Dakar, an initiative of the Senegalese authorities, and particularly of President Wade. Always within the perspective of a strengthened African presence we should endeavor to bring the 2010 World Cup to South Africa, to Africa.

Your Excellencies, noble guests, Mesdames and Messieurs, just like fifty years ago, today and tomorrow the question will still be of diversity: diversity of contexts, of cultures and of civilizations to which we belong, in which we live and in which we shape our identities. This diversity should be concealed and treated as doubtful whenever in its name we have to hypothecate something or whenever our solidarity is in danger, the essential conditions for the project of the African Renaissance to survive. This project

has no other alternative than that of coming up strengthened from the confrontation of diverse ideas and experiences based on the multiplicity of ideological, cultural, linguistic, educational and institutional parameters, transmitting the dynamics of change upon which the African Renaissance has been defined. An African Renaissance, Mesdames and Messieurs, that is urgent, for in an epoch of scientific and technological revolution, as well as political, of citizenship and humanitarian, Africa and the Diaspora should affirm their presence in a coherent way, to face the reality of the benefits from the political relations, or to reaffirm the dialogues of the civilizations that will share, according to their peculiarities, the same values of the whole. This African Renaissance is, thus, fundamentally, a political project, for it will be based on the African nation, our only nation. African nation is our only nation that will nourish our children from the Continent, a nation that will allow us to get out of marginality Africans outside Africa, those who far from to being minority are about to be transformed into minority within minority. This African nation whose pillars are the United States of Africa will a respectful partner for the international and regional organizations and for larger countries like Brazil. This Renaissance, Monsieur President, Mesdames and Messieurs, will not become concrete reality from the point of view of the African Union, of its phylosophy, its ambitions and its objectives, without the positive and critical contribution of the intellectuals from Africa and the Diaspora in the Americas, in Europe and in the East, and without the involvement of the entire population. The legitimacy of the Head of State alone is not any more enough to get along with the project of the United States of Africa of creating an African nation. The dialogue between the intellectuals from Africa and the Diaspora, which originally contributed to the formulation of the claim, and later to the movement of which the project of Renaissance is part, was renewed in Dakar, in October 2004. Next, Bahia offer us the opportunity to deepen our dialogue. This renewed contact is a conducting wire very important in another battle prior to the Pan-Africa Cultural Congress which will be held next November in Nairobi. May Bahia be the conducting wire of a no less legitimate battle to change Africa's destiny. Africa's destiny will be changed by the Africans themselves supported by an agenda established by the Africans themselves and put into practice basically by the Africans. May, finally, another Dakar and another Bahia pave the way. May Brazil, a country of order and progress, strengthen its cooperation with an united and solidary Africa. I wish success

for the Second Meeting of Intellectuals from Africa and the Diaspora. God bless! Thank you for your kind attention.

Master of Ceremonies: next, Monsieur Paulo Souto, Governor of the State of Bahia will address the audience.

Paulo Souto, Governor of the State of Bahia: Your Excellency Monsieur President of the Federative Republic of Brazil, Luiz Inácio Lula da Silva (...), Mesdames and Messieurs,

Welcome all of you to our beloved Salvador, capital of Bahia. Bahia of all saints and of all orixás feels honored for having been distinguished among the Brazilian States to receive the intellectuals, Heads of State, Government authorities and the authorities from international organizations and the representatives of civil society from many parts of the world, especially those invited to the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora aiming at the exchange of information, experiences, ways of living that may contribute to increase our mutual knowledge so as to improve understanding among African countries, other nations and the Diaspora originating in Africa.

I dare say that not even the immensity of the Atlantic is capable of separating Bahia from the African Continent. People arrived here coming from various African nations. By the way, in an uncertain geological past, our territories were joined. People arrived here coming from many African nations to build what one day would become this State. These people resisted as much as they could, scattered over the land, and at the same time got together striking very solid roots here. It does not happen only now; in the second half of the XVIII Century the miscigenous population of the land was over 75% of Along the XIX Century the panorama had not change much. While people coming from various parts of the world used to try and settle down in the South, a large contingent of African people disembarked in Bahia, not only slaves, but businessmen alike who were trying to expand their universe creating in Bahian soil a cultural world of their own thanks to the persistence and perseverance of those who had come here and had learnt their own way, how to overcome all forms of hardship and difficulty. Closer to the XX Century. learned people put in relief at least two marking moments in the socio-racial relations of an africanist nature in Brazil, in general, and in Bahia, in particular. The first one in the Thirties when the black, the mulatto and the Afrodescendent, in general, tried to the limit of their strength to integrate into society. The second one is characterized by the decision to take part in the social life, which the specialists consider to be the period of affirmation, between the Seventies and the Eighties.

Progressively, salient features of the various cultures originating from different parts of the African Continent began to consolidate on this side of the American Atlantic to form a cultural basis with peculiar characteristics that we denominate Bahian culture, without ignoring, however, the strong and decisive influence of the African countries' cultural variety.

If the first period, in the Thirties, set the bases for the affirmation of this culture, fascinating artists and intellectuals, the second moment, between the Seventies and the Eighties consolidated definitely a cultural basis of African roots, cause, today, for pride and affirmation, for us all, Brazilians and Bahians.

Africa is a Continent of many nations, idioms, costumes and cultures, where it is impossible to identify or to define a unique kind of culture. People from various nations and countries came to Bahia bringing their costumes, their languages and their cultural manifestations; here they mingled and began to stride together having to find out the means of communication and of socialization.

It is enormous and inestimable the legacy of African origin in the formation of the cultural patrimony of the State of Bahia: in the culinary art, in the celebrations, in the costumes, in the vocabulary, in the special way of being and of dressing, in the music, the beliefs, particularly the candomblé, the kinds of dances, the musical instruments and capoeira - this kind of play, dance or fight which came to be consolidated here. By the way, we are right now forming a very important patrimony, a kind of capoeira fortress, a referral centre for this extremely important symbol of African culture, today made known in a number of countries.

Acarajé, abará, caruru, efó, mungunzá [typical food], agogô, atabaque [musical instruments], berimbau (jew's harp), African cotton cloth, multi-color vestments, jewelry, necklaces and so many other things are terms that identify ornaments, musical instruments or the so called typical dishes which constitute every day life and the costumes of Bahia, land of all the orixás and the deities of candomblé whose yards are a demonstration of the respect of our people. Through our Institute of the Patrimony we are taking measures towards making an inventory in order to make them worldly references and keep them alive for the generations to come.

Candomblé is a generic designation comprising many different sects that, coming from Africa, crossed the Atlantic; more than that: travelled across time and imposed itself as an Afro-Brazilian religion, enticing many followers. Its peculiar sacred music arrived alongside canbomblé, together with its poetry,

its sounds and musical instruments that mingled with those adopted by capoeira and that are imbued in the diversified Bahian musicality.

Capoeira is a mixture of dance, play and fight that enriches the Afro-Bahian popular culture derived from the permanent resistance and searching out for freedom on the part of black slaves. It came to be practised inside sports academies. The fist one to be created was that of Mestre Bimba [Master Bimba] in Salvador, the capital of Bahia. Today, as I have already mentioned, it is practised the world over in a peculiar way that blends body movement with its own music.

Monsieur President Lula, the intimate cultural Afro-Brazilian relationship contributed, no doubt, to the realization of the Second Afro-Brazilian Congress in this city of Bahia, in January 1937. Thanks to Government support, illustrious professors from the Faculties of Medicine took part in it, alongside writers, journalists and intellectuals, as well as outstanding personalities from the Afro Brazilian religion: witch-doctors and fetishistic sorceresses endowed with an enormous charism thanks to their strong personalities, wisdom and mysteries, such as Eugênia Ana dos Santos (Mother Aninha), Maria Escolástica Conceição de Nazaré (MotherMenininha from Gantois), Manuel Bernardino da Paixão (Bernardino do Bate Folha), Martiniano Eliseu do Bonfim (Babalaô Ojé Ladê), appointed Honorary President of that Congress. That meeting represented an important step towards the affirmation of the Afro-descendent culture and community in Bahia and in Brazil.

This cultural identity between Africa and Bahia has been the object of study and research by many professors and intellectuals in the land. Among so many that we could mention, we would like to distinguish professors Vivaldo Costa Lima, Julio Braga e Pierre Verger, the latter a Frenchman who freely adopted Bahia as his home, and that settled here charmed by the candomblé. They made many a journey to African countries in order to check, to study and to understand the origins of the rich cultural well of that Continent that was striking roots and becoming consolidated in Bahia. Today, we have with us the President of the Fundação Cultural Palmares (Cultural Foundation Palmares), Ubiratan Castro de Araújo, him, too a respectable representative of those generations.

In Bahia we are a population consisting of a majority of Afro-descendents. Thus, whatever we do here, we must do taking into consideration the presence of that population in our State. At the entrance of this Third Millennium, I dare

affirm that Bahia has been representing along the years (please do not take this as big words, for it is the reason of our struggle) a synthesis of the variety of nations that constitute the African Continent, in these times of changes in the way we view Africa and African matters. I am sure it is not necessary for me to insist that I wish you feel at ease and at home as if you were at your own homes and in your own countries.

Your Excellencies, thinkers, intellectuals, illustrious Messieurs and most noble Mesdames, for a few days, as the poet has said, Bahia will be what we have endeavored to make it: the land of happiness. I finish by saying, once again: welcome all of you. Thank you very much.

Master of Ceremonies: now we will listen to Monsieur João Henrique, Mayor of Salvador.

João Henrique Carneiro, Mayor of Salvador: Your Excellency Monsieur President of the Federative Republic of Brazil, Luiz Inácio Lula da Silva, Mesdames and Messieurs, attending the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora, The first CIAD, held in Senegal, was more than an absolute success; it was a true landmark in 2004. We are here today, in the Second CIAD, discussing the African Renaissance and the Diaspora, and this is the most important event for our Afro-descendent community, the most important of recent times, not only for Salvador, but for the whole of Brazil.

The choice of Salvador, our city, by the Federal Government, through the Ministry of Foreign Affairs, to hold such a meeting reveals the importance, the degree of identity of our city and its symbolism for the African Continent. We are a country made up of various nations, but particularly of the African nation. The consequence may be noticed in our history, in our culture, in our habits, in the whole of our artistic and cultural patrimony. We are sure that the debates, discussions and talks will bring important thoughts and subsidies which will support our efforts to adopt new public policies aimed at bringing benefits to the areas of culture, economy and social work, among others of international cooperation between Brazil and Africa.

Salvador was the first Brazilian capital to introduce the Law nr. 10 639 regulating the teaching of the discipline *History of Africa and the Afro-descendents* at the fundamental and medium municipal public school levels. We have launched the Municipal Fund for Human Development and Educational Inclusion of Afro-descendent Women, a program in partnership with the Spanish Agency for International Cooperation, of the United Nations

Development Fund for Women and of the Prosecuting Council of the State of Bahia.

In the education sector we created the Municipal Fund for Human Development and the Educational Inclusion of Afro-descendent Women, which has as main objective tor formulate, execute and finance programs, projects and activities devoted to promoting the development and educational inclusion of Afro-descendents.

The Prefecture of Salvador pretends to combat school evasion in order to achieve the conclusion of the fundamental level among Afro-descendent women who live in our city in a condition of poverty. The Municipal Secretary of Health, which we consider an important landmark in the battle against racial inequality, through the setting up of a working group to care for the health of the black population, deserves special mention.

Several researches are now in progress, and this Secretary, in partnership with the Federal University of Bahia, is paying greater attention to the prevention and treatment of illnesses, with greater incidence on the black population, like falciform anemia, glaucoma, hypertension and maternal mortality.

The Municipal Secretary for Reparation was one of the bodies most interested in the sanctioning of the law that created the Municipal Council for Human Rights, a two decades old claim of the organized Afro-descendent social movements of this city. Today, following the sanctioning of that law, we have our Municipal Council for Human Rights. SEPPIR, under the direction of Minister Matilde Ribeiro, has been an untiring and very important partner in many programs devoted to reparation.

Well, in this II CIAD we wish all the attendants much success, while at the same time we thank Your Excellency, Monsieur President of the Republic, Luiz Inácio Lula da Silva, for having, since the beginning of his popular and democratic government, been taking, concrete measures to bring nearer and nearer Brazil and the African Continent.

The acceptance of our true black identity, our culture, our memory and our roots is a long step towards our solid intellectual, ideological, political and social growth. May God bless us all to accomplish this Second Congress of Intellectuals from Africa and the Diaspora. Thank you.

Master of Ceremonies: the next speaker will be Madame Matilde Ribeiro, Special Secretary of Policies for the Promotion of Racial Equality.

Matilde Ribeiro - Special Secretary of Policies for the Promotion of Racial Equality: Very good morning to all present here. An especial good morning to President Luiz Inácio Lula da Silva, of Brazil; to President Abdoulaye Wade, of Senegal; to the President of the African Union, Monsieur Alpha Oumar Konare, and a especial hug to two of my colleagues, Ministers and Coordinators of this Conference: Minister Gilberto Gil, Minister Celso Amorim, and also to other Ministers present here: Nilcéia Freire, Waldir Pires, Orlando Silva.

Convinced that this Conference is fundamental to our Brazilian political life and to our relationship with the African Congress, I thank, first of all, President Lula for believing in what we are doing now: this homage we are paying ourselves, Afro-Brazilians, and all Africans throughout the world. Thank you. Thanks to the untiring efforts of those who have fought against slavery and of the activists from the black movement in recent years, now Brazilians of black origin are having a say.

Now, I pay a special homage to our beloved Abdias Nascimento, present here, Abdias who is now ninety-four years old, but who goes on fighting with the same vigor of his early years, Abdias who still calls me *girl*, for he is one of the eldest among us. Abdias Nascimento is part of the vanguard of the black movement in Brazil, having had his *début* on the stages of the experimental black theatre, becoming an important leadership in the battle for the racial equality to achieve the projection it exhibits today in the national agenda. We owe much to comrade Abdias: for defending the adoption of affirmative actions and public policies for the population of African origin in Brazil. Soon after the exile, he became a Member of our Parliament and has defended eloquently and bravely the right of Namibia to self-determination, and also, among so many battles, the end of the Apartheid. Abdias played a decisive role in the conquests of our black population during our Constituent Assembly of 1988, which had as one of its highest points the enclosure of racism among the unbailable and imprescriptible crimes. There still remains much to do regarding public policies, but thanks to his dedication and that of many who have fought against discrimination, today racial equality ensures Brazilian public policies. Abdias' example has inspired us to go on fighting to demolish racism very much present in our country, but also it inspires us to build bridges that represent a guaranty of opportunities and rights for all.

At a time when we celebrate in Salvador the strengthening of our meeting with Africa and the Diaspora, we can not fail to thank very, very much Abadias

Nascimento and the Brazilian international militancy for maintaining their struggle for dignity, as shown along the processes of negotiating their interests within institutional bodies.

President Luiz Inácio Lula da Silva,

Black people have their cause for pride: their ability to fight aiming at the construction of a Brazilian nation, and I feel deeply honored for having participated in the Decoration of Abdias Nascimento, the Ex-Senate member, the militant, the fighter, the intellectual, with the Grã-Cruz (Great Cross) of the Rio Branco Order, the highest Brazilian Government's distinction. Thank you very much, Abdias. Many thanks to all men and women that have fought and are still fighting for racial equality.

Master of Ceremonies: right now Monsieur President Luiz Inácio Lula da Silva, President of the Federative Republic of Brazil, pays homage to Monsieur Abdias Nascimento by granting him the insignia of the Rio Branco Order in the grade of Commander. This opening ceremony of the Second Conference of the Intellectuals from Africa and the Diaspora is finished.

12. Presidential Round-Table

"The Diaspora and the African Renaissance: past contributions and the present project"

Master of Ceremonies: now we invite Monsieur Iba der Thiam, Moderator of the First Plenary Session of the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora on the topic: "*The Diaspora and the African Renaissance – Past Contributions and the Present Project"* to begin the deliberations.

Iba der Thiam – Moderator: Monsieur President of the Federative Republc of Brazil, Your Excellencies, Monsieur Minister, Monsieur President of the African Union, Mesdames and Messieurs Prime Ministers, we are going to commence the Round-Table on the next topic: "The Diaspora and the African Renaissance: past contributions and the present project". Without further delay, I am going let you know whom the speakers are: His Excellency Monsieur President of the Republic of Botswana; His Excellency Monsieur President of Cape Verde; His Excellency Monsieur President of the Republic of Ghana; His Excellency Monsieur President of the Republic of the Equatorial Guinea; His Excellency Monsieur President of the Republic of Senegal; Her Excellency Madame Prime Minister of Jamaica; His Excellency Monsieur Muhammad Ali, Vice-President of the Republic of Tanzania; His Excellency Monsieur President of the African Union Commission and His Excellency

Monsieur President of Federative Republic of Brazil. Without delay, His Excellency Monsieur Festus Mogae, President of the Republic of Botswana, will address the audience.

Festus Mogae, President of the Republic of Botswana: Your Excellency Monsieur President of Brazil and our host-President, my colleagues, Heads of State and of Government from Africa and the Diaspora, Illustrious guests, Mesdames and Messieurs, I would like to begin my intervention by paying homage to our host-President, Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva of Brazil, and also to Monsieur President Wade of Senegal and to all who have supported this important initiative. Once again you are gathering many of the most illustrious writers from Africa and the African Diaspora aiming at collectively pondering over our common challenges, surely a very welcome event. The nature of the challenges we are facing may well be defined and dissected in many ways, however they are collectively inserted in our view of an African Renaissance. It is in the context of this ideal that I begin today's topic. I must confess, however, that I have considered the Diaspora as a past and a future contributing element for the Renaissance, and, at the same time, a defying and enriching one.

I believe this is partly due to the fact that there has been a tendency to underestimate in our minds the strength of the links we always knew have existed among us. on the emotional as well as on the philosophical levels. The is no lack of explanation for this relative negligence. Among others, no doubt, the continuous failure to provide ourselves and others with better education, and the failures over our past interactions. There still exists much ignorance about the rich, but too frequently ignored dialogue that we, as Africans, have had among us along the last two centuries or so. We know we have common interests, identities and objectives, not always appreciated for their historical sense or their contemporary value. Regarding past contributions to our present project from the Diasporas, we should know that we are dealing with a historical report which remains unfinished and very much less valued than known.

There exists, no doubt, a practical challenge for some of the intellectuals gathered here. We count on you not only to reveal what has been concealed, but also to present it in grand style, but in way easily understandable and appreciated by a larger audience. As a professional economist, and, for some, a reputed technocrat, I feel less qualified than many of you to talk about the past. What I can tell you is that when I penetrate this topic I

often find something new and enlightening. At school, for instance, I was taught about the missionary David Livingstone, part of whose family, by the way, was buried in may country; recently, however, and surprisingly, it came to my knowledge that he had a colleague, very close to him, in the African Diaspora. That colleague was a Caribbean ex-slave called George Fleming. More than one and a half century ago that man, together with the Scottish David Livingstone reclassified the natural marvels that are the Victoria Falls. Very similar to this was the case of Matthew Hanson Hansen, the Afro-American who discovered the North Pole and whose deeds were kept hidden for many decades in the shadows of his white partner Robert Peary. Fleming is still seen as an almost unknown figure. Undoubtedly there exist many others like him.

By rediscovering the historical role of such individuals we certainly acquire an ample knowledge of their legacies, and, therefore, of ourselves. Some reports on Livingstone reduce Fleming's importance to the mere condition of a cook. However, we now know that when they crossed the Zambezi for the first time, Fleming was already an independent businessman.

Also, recently we came to know that one of the questions that led not only to the emancipation of Mr. Livingstone, but also of some of our own ancestors, was his opposition to slavery, to the trading of slaves, and his preparedness to help those Africans willing to resist it. Also, our Pan-African legacy manifests itself in the interactions and in the contributions from many personalities associated with the liberation of our continents in the XX Century. In the South African context we notice once again, that these roots are deep. To quote but one example, we recollect the formidable figure of Pixel Kassemi, whose past is best known for his strategic role in the formation of the African National Congress of South Africa. Opening a parenthesis: perhaps it is pertinent within the present context to mention that the formation of the African National Congress of South Africa subsequently provided equilibrium to the African National Congress of North Rhodesia, now Zambia; to the African National Congress of South Rhodesia, now Zimbabwe; to the Congress of Basutoland, now Lesotho and to the African National Congress of Nyasaland, now Malawi. The ANC of North Rhodesia split into ANC of Zambia and UNIP of Zambia; the one of South Rodhesia into ZAPU and ZANU of Zimbabwe; the one of Niassaland was transformed into the Malawi Party of the Congress of Malawi, and that of Basutoland in the Lesotho Congress for Democracy.

Modern and patriotic names are, of course, more significant to the people of the territories concerned. But, let us go back to Pixel Kassemi, who, as the best student of his class, pronounced the Graduation speech at Columbia University, New York, in 1906. In that speech he affirmed, and a quote: "The giant is rising from the fall, and the gnomes too. Africa's children are entering the golden doors of the future, and they bring with them the registers of their deeds. I already can foresee better days rising over Africa. I begin to see its chains melting, its former deserts now covered with plantations, its Abyssinians and Zulus sowing the seeds of science and religion, the glory of dawn reflecting from the height of the towers of its churches and universities. Its Congo and its Zambia made white by trade, its populated towns exhibiting growing business and all its children employed and advancing towards the victory of peace".

One century later, we still are trying to find out how better translate into practical reality so much visionary optimism

For this reason, and for none other, I believe that there is much merit for us in examining in more detail the intellectual legacy of such pioneer thinkers as Sasemi and W. E. B. Dubois, Sole Panky and Marcus Gravey, as well as of those that followed them, like George Padmore and Kwame Nkrumah, among others. By saying this I am not suggesting that we should accept their contributions without a critical analysis. If we did that we would be bringing a disservice to the value of the debate and to those who in their times were greeted as champions, and also to our present need s to adapt their legacies to a changing reality. What the great Pan-American thinkers have in common, and what brings us here today, is their perception that the African people from the Continent and the Diaspora constitute a distinct and identifiable part of global civilization. Besides, they have realized that we can only accomplish the entire scope of the potential of our civilization through greater unity and partnership. We should keep going forward guided by such a wisdom while trying to transform into reality for our children of the XXI Century Sammy Ellei's vision of the XX Century.

For this reason, it is extremely convenient that our reborn African Union include a Sixth Region, the Diaspora, to be presented alongside the existing five geographical subdivisions of our Continent. In what other way would the legacy of the past enhance the present project? It is on this subject that you, the intellectuals, have a significant role to play. In this time of globalization, the technological tools for a Pan-African dialogue aiming at the solution of our common challenges have never been so abundant. Thus,

we hope that through the insertion of the digital age and of the meetings face to face, like this one, we will achieve an intellectual synergy never before dreamt of. However, for this to happen, I would suggest the importance for us to understand, in practical terms, the intellectuals and their role in contemporary society. The learned men who keep themselves awy from the mundane consensus of the community that surrounds them, will not, probably, leave a mark. As reflected in the diverse talents gathered for this Conference, here in Salvador, our understanding of the intellectuals must be comprehensive, that is, it must be interdisciplinary involving both the natural sciences and the social ones, and it must comprise not only those who have inspired it, but also those who have realized it.

Thus we turn to to our intelligentsia for it to find in itself and in others the ability for transforming visions into viable options. I would like to point out that we will not find our own way to development if we content ourselves with corroborating other people's views. It is imperative that first we analyze our own identity and our strategic placement in the world as a whole. We must tread our own way. Regarding, specifically, my directing, mine and others' co-responsibility in these Round Tables, I believe that the advancement towards Africa does not consist for us in having as corner stones idealistic projects. It is extremely important that we do not neglect our practical policies, our human values (remember Ubuntu and Booto) that will provide us with strength to strenuously look for our own identities and positive experiences in order for us to march towards and meet our challenges. Lastly, I would like to point out that much as we know our Pan-Africanist potential, we should not allow an exacerbated patriotism to blind us. In these times of globalization, the African Renaissance should, ideally, become part of an ampler renaissance of values and of human understanding that, no doubt, respect, but also that grow alongside the global differences, so that, in the end, the global challenges of today make us think of global opportunities for all.

Messieurs, Leaders and not so, these are some of the comments I had to share at the moment.

Iba der Thiam – Moderator: On behalf of all of us I would like to thank the excellent contribution brought by His Excellency Monsieur President of the Republic of Botswana, and now it is the turn for Monsieur Stevie Wonder to address the audience. Following, it will be the turn of His Excellency Monsieur President of Cape Verde. Monsieur Stevie Wonder may speak now.

Stevie Wonder: Monsieur President, Messieurs Heads of State, Messieurs and Mesdames, it is really a great honor for me to be here today. I do not come as a politician, but as an Afro-American man who has been blessed with the gift of music. I can not fail to mention the songs that I have composed influenced by my great passion, the Brazilian music. Songs like *"You are the sunshine of my life"* and "*Don't worry about a thing."* I would like to share some impressions I have gathered as a traveler to different parts of Africa and of the world. This is, no doubt, one of the best days in my life. It is a day I will never forget and one my soul needs so much. This year, on May 31st I lost the most important person in my life, my mother. My mother was especial, because, despite my having become blind soon after birth, she ever allowed anything to prevent me from living on, and I thank her for that. Well, it was through the courage she gave me that I became capable of doing things in life I would never dreamt of. It was through these little things that I became little Stevie Wonder, first, and then, the Stevie Wonder who could travel round the world. I am grateful for having, through my songs, the songs I have written, the melodies I have composed and those I am composing, come to wonder how God had blessed me and endowed me with the gift of music to convey the message of peace and unity. Sitting down here and listening to the marvelous things that have been said and still are going to, I must tell you that the only way for peace to happen in Africa and the Diaspora is by having peace, love, much love, respect and dialogue, like this one we are having today. I tell you, I know from my own experience that there is nothing we can not do. For this reason, I tell you: We must, we can and we will do. As we live in the era of technology, I incite you to make technology more accessible to the physically handicapped all over Africa and the Diaspora. This is very important. You as leaders must hold the flame and encourage youth to get involved and to get to know our history. There are in Africa and in the Diaspora people who never had access to information. Few people in Africa know about slavery, and some people among us know very little about the great kingdoms of Africa. We need to unify our histories. We need to know our history in its entirety. We need to understand that we will not achieve peace through war, that we will not achieve peace through hate. That we will not achieve peace through imperialism. That we will not achieve peace through terrorism. We must have respect.

I would like to be able to remain all along the Conference. It has been marvelous to me, but I have to leave today to celebrate my daughter's 16th

birthday. And take part in a concert the same day, but I want you to know that as long as God goes on giving me the blessing of life, my heart will be open to the perpetuation and the growth of Africa and the Diaspora, our family. Before leaving, I would like to share with you one of my songs. The letter of this song, called "*If your love cannot be moved"* goes:

You can't say we shall and not fight through hell
You can't say we will and not dare to deal
You can't shout out peace and then vanish in the crowd
You can't ride the storm without some effect
You can't steal the spoil and not pay the debt
You can't wave a sign that spells "evil" and feel really proud
You can't sing a song with no melody
You can't say we're one without unity
You can't form a line if you're sacred to stand alone
You can't pray for grace and then smack her face
You can't speak of hope and then crack a joke

You can say you're there but time knows how much you've grown
Put a face to your somebody

Can you say your name?
Or would you rather stay unknown?
Can you show your face?
Or are you fearful of it shown?
Can you feel your heart?
Or does it beat for you alone?
Lift your glass up high
Say that your truth will never lie
If your love cannot be moved

You can't look at me and not see yourself
You can't say "for them" and not for who else
You can't truly bless and not bless the good of all
You can't serve the rich and desert the poor
You can't hear their cries and just close the door
You can't say you're down and not take it to the wall

You can’t benefit from one’s detriment
You can’t find the serum and not cure the sick
You can’t free the slave to enslave them differently
You can’t see the right only from your sight
You can’t see the wrong and just go along
Or is that the way you would want your fate to read
Put a face to your somebody

Can you say your name?
Or would you rather stay unknown?
Can you show your face?
Or are you fearful of it shown?
Can you feel your heart?
Or does it beat for you alone?
Lift your glass up high
Say that your truth will never lie
If your love cannot be moved

You can’t make a pledge and then slip the script
You can’t say the words and not move your lips
You can’t be confused and still say you understand
You can’t be a friend but not through thin and thick
You can’t be a click but in danger split
You can’t evenly share and then grab the biggest hand
You can’t say you do but then show you don’t
You can’t say you will and make sure you won’t
You can’t want for change and not do what you need to do

You can’t give up all and then take back all you give
You can’t live to die but you can die to live
Or is that too much to ask of the you in you?
Put a face to your somebody

Can you say your name?
Or would you rather stay unknown?
Can you show your face?
Or are you fearful of it shown?

Can you feel your heart?
Or does it beat for you alone?
Lift your glass up high
Say that your truth will never lie
If your love cannot be moved
If your love cannot be moved
If your love cannot be moved
If your love cannot be moved

Finally, I would like to tell you a last thing, the same way I told people the night I was awarded the Oscar for this song: Africa and Diaspora, here I am because I love you. God bless you.

Iba der Tiam – Moderator: Thank you Stevie Wonder, we too tell you that we love you very much. Now we are going to listen to His Excellency Monsieur Pedro Pires, President of the Republic of Cape Verde. The next speaker will be His Excellency Monsieur President of the Republic of Ghana.

Pedro Pires, President of the Republic of Cape Verde: Dear President, Luiz Inácio Lula da Silva, Mesdames and Messieurs,

It is with enormous pleasure and the highest honor that I take part in this Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. The fact that this event is taking place in the emblematic and historical city of Salvador, Bahia, which in itself represents a fertile example of a painful meeting of peoples in American soil, ends up by becoming a message of fraternity and gratitude to those who have always believed in and fought for plural, tolerant and more equalitarian societies.

I am grateful for the opportunity of greeting the high personalities whose presence here provides meaning and substance to this meeting. I extend my compliments to the primary addressees: African, Brazilian, American, Caribbean and other intellectuals.

To the President of Brazil, His Excellency Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva, the host of this Second Conference of the Intellectuals from Africa and the Diaspora, I express my admiration for his decision to host this forum, and for the excellent conditions created for its success. More than that, I want to reiterate my personal appreciation for his courageous and humanistic policy of fighting the concealed sequels of oppression and submission. I must compliment the Brazilian Government for organizing and conducting this Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora in partnership

with the African Union, an event that for its potentialities will mark a new drive in our relations and in promoting a net of fraternity, as well as a dynamic partnership towards the renaissance of Africa.

A word of appreciation to the Brazilian Minister of Culture, Monsieur Gilberto Gil, to the Minister of Culture of Senegal, Madame Birame Diouf and to other international personalities whose engagement and sense of cause explain the greatness of this meeting. Lastly, a reference of acknowledgement to the organizers of this Second Conference.

Also, I would like to call your attention to a fortunate coincidence: this year of 2006 we commemorate fifty years since the historical date of our First Congress of African Writers and Artists. I believe you agree with me that we must convey to those who promoted it our deep feelings of respect and gratitude. This year too occurs the Centenary of Léopold Sédar Senghor, the poet by excellence of blackness. To Senghor our deepest feelings of thankfulness.

Mesdames and Messieurs, my friends, men and women,

To speak from here, Bahia, the western façade of the Atlantic is for me, a Cape-Verdean from the islands an enormous historical and emotional burden, for in many instances the journey of no return happened having my country as an intermediary and compulsory sea-port stop in those times.

Along the centuries millions of Africans were forced to make this dramatic crossing of the Atlantic. Nobody has expressed better than the Bahian poet Castro Alves the dimension of the cruelty of slavery. In the middle of the colonial and proslavery night he cried: Lord God of the unfortunate, tell me, Lord God, if it is real or if it is unreal so much horror before You".

Those crossings created, their own way, new routes, and scattered African peoples and cultures throughout the Planet. This way African Diaspora has become an ample, diverse and formidable reality.

Today we are fighting for freedom, but also for equal opportunities for all. The realities of contemporary societies, heirs of old and proslavery ones, remain stained with inequalities, discrimination and prejudice for the overcoming of which we need attitudes on the part of the citizens and of progressive, daring and efficient public policies.

The way of building this platform is through critical dialogue among politicians, intellectuals, artists and social movements. If in the past the crossings used to happen under the prophecy of so much horror in the presence of God, meetings of this magnitude and with these aims constitute for Africa and

the Diaspora an enormous field of opportunities for partnership towards cooperation and development.

It is necessary to believe and go on working. We are being called to undertake mutual rediscovery and to the demolition of myths, canned ideas and prejudices reproduced along the times, and also to fight against Afro-pessimism. We believe in the feasibility and in the usefulness of strengthening relations between the African Continent and the many regions that benefit from its Diaspora, benefits that are universal, equal and indivisible.

We are concerned, at the same time, with the destiny of other people. We think it is appropriate to pledge from the tribune, in American soil, our solidarity to the American Indian people, and reaffirm their right to full and effective fruition of human rights and of fundamental freedom as stated in the Constitution of the Organization of the American States and in the American Declaration of Rights and Duties of Man.

This opportunity allows us to tackle another question that concerns us and that conceals many risks: that of the present flow of migrants. I said risks. Yes. I believe the migratory phenomenon requires an adequate administration in a multilateral environment of negotiations. Some of the attitudes and reactions so far seen make us fear that we may come to face situations of cruelty on the part of some people, on one hand, and of sub-humanization of others, on the other hand, to the detriment of human dignity and solidarity. We have to be careful. Only supported by a new humanism based on the knowledge of the other person, and on dialogue, tolerance, human solidarity and cooperation among the many and diverse nations and cultures, we will be able to construct a worthwhile future for all.

In Bahia, it seems rightful and proper to remind us of the writer and humanist Jorge Amado, who through his numerous works has deeply influenced generations after generations of fighters for the independence of Angola, Cape-Verde, Mozambique and São Tomé and Principe. We pay here our most sincere homage.

Dear friends, men and women, concluding and summarizing, I would say that we are repeating the journey of our predecessors, but this time bringing and taking inside our ships and airplanes confidence, solidarity, fraternity, economic, scientific and cultural cooperation alongside the sharing of our riches and welfare. I wish much success to our Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. Thank you.

Iba der Thiam – Moderator: I thank very much His Excellency Monsieur President of the Republic of Cape-Verde for his excellent contribution. Without delay, I would like to let Monsieur John Agyenkum Kufuor, President of the Republic of Ghana, take his turn do address the audience. The next speaker will be His Excellency Monsieur Obiang Nguema, President of the Republic of Equatorial Guinea.

John Agyenkum Kufuor, President of the Republic of Ghana: Thank you. Your Excellency Monsieur President Lula, of Brazil; Your Excellencies my colleagues Presidents and Heads of Government; Your Excellency Monsieur Paulo Souto, Governor of Bahia; Your Excellency Monsieur Alpha Konare, President of the African Union Commission; Your Excellency Monsieur Mayor of Salvador; Mesdames and Messieurs, in my name and in the name of my Delegation I present the fraternal compliments from the Government and the people of Ghana. Also, I would like to express our sincere gratitude to Your Excellency Monsieur President Luiz Inácio Lula da Silva and to Your Excellency Monsieur Paulo Souto, Governor of Bahia, and to the organizers of this important Conference for the warm reception and all the kindness bestowed on me and my Delegation since we arrived in this historical city of Salvador. Surely it is no surprise that this Conference is being held in this country, or else, in Salvador. Despite Brazil being a parcel of the American Continent, it shelters many Afro-descendents. The city of Salvador is an impressive mosaic of the African culture. Besides, we are witnesses of the visits our genteel host, His Excellency Monsieur President Lula, has paid to over seventeen African countries., including Ghana, along the last three years, and of his determination to lend his hand to the African people aiming at a stronger and more extensive cooperation.

The hosting of this Conference in Brazil is one more demonstration of his commitment and contribution to the Renaissance of the African Continent. The new approach to achieve this noble objective, to which I am entirely devoted is that of acknowledging the centrality of the individual and of the present Government's national and international initiatives. In fact, it is through this new partnership for the African development, of sound governments, of constitutional democracy based upon law and respect for human rights that we launch the keystone of the continental Renaissance. This, of course, determines Government responsibilities to their governees. To introduce morality to governments and to reject impunity implies, however, people's responsibility in their capacity as citizens.

Thus, I beg the intellectuals to gather around these principles, having the acknowledgement of centrality and the general welfare of the human being as justification for all governments. This should be extended to international relations and to globalization. The acknowledgement of this principle universally will make easer the transformation of the world into a better home for the whole of mankind, irrespective of skin color, race, religion, sex or economic status. In order for us to achieve these objectives, the intellectuals from Africa should continue working together persistently to bring it to a positive stand, leading it to get rid of the negative image many people in the world still have of Africa and of Afro-descendent people.

Mesdames and Messieurs, since it conquered its independence from colonialism in 1957, Ghana has always endeavored to promote the rights of all Africans, in Africa or in the Diaspora, through many different policies, measures and programs, on its own or together with other African brother countries. Sometimes together with organizations from civil society in the Diaspora. As pat of this policy, Ghana's Minister for Tourism was recently appointed Minister for Tourism and Relations with the Diaspora, a way of showing our country's total commitment to the development and strengthening of the ties to people of African descent and to the Diaspora.

With the same aims, my Government gave birth to what we call *Joseph Projects*, a reference to the biblical Joseph who was sold by his brothers as a slave, but later became the Egyptian Pharaoh's vizier and one of the most famous myths in History.

Joseph Projects aim to gather Africans from the Diaspora and those from the mother land. Next year Ghana will celebrate the golden jubilee of its independence as a sovereign nation. Joseph Projects will be launched as part of the celebrations aiming to give people of African descent the opportunities of coming to mother land and join in the celebrations of their brothers and sisters who, fifty years ago, managed to free themselves from colonialism.

Mesdames and Messieurs, I beg your permission to use this important occasion to extend my sincere invitation to everybody prepared to attend some of the activities programmed for this year of celebrations. The summit will be on March 6th 2007, which is the date of the anniversary. Once again I would like to pay homage to His Excellency President Lula and his Government for his friendship for Africa, particularly for the many policies he has adopted to improve the living conditions of Afro-descendents in Brazil,

besides the introduction of studies of the Afro-Brazilian History in the programs of study of the Brazilian schools.

This is an important step towards the promotion of understanding cooperation between Brazilians and Africans.

To finish, I would like to congratulate the organizers of the Conference for their initiative and for having been able to organize this important Conference for the second time. However, while congratulating you for your efforts, we must remain realistic as to the expectations, reminding ourselves all the time that Rome was not built in just one day, and that persistence and an efficient net should be the basis of their important initiative. I invite the participants of this Conference to produce their deliberations. Hail the Conference of the Intellectuals from Africa and the Diaspora! Thank you and God bless us all.

Iba der Thiam – Moderator: I would like to thank, on your behalf, His Excellency the President of the Republic of Ghana for this excellent intervention. I leave the turn now with Monsieur President Obiang Nguema, of the Republic of Equatorial Guinea. After his intervention, we will hear Monsieur President Abdoulaye Wade, of Senegal.

Teodoro Obiang Nguema – President of the Republic of Equatorial Guinea: Your Excellency Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva, President of the Federative Republic of Brazil, Your Excellencies Messieurs Heads of State and of Government, Monsieur President of the African Union Commission, Illustrious Authorities of the State of Bahia, Honored Members of the Table, Illustrious Messieurs Representatives of International Organizations in Africa and in the Americas, Noble Intellectuals from Africa and the Diaspora, Your Excellency Monsieur Governor of Bahia, His Excellency Monsieur Mayor of Salvador, Dear guests, Mesdames and Messieurs, the excellent initiative that allowed the organization of the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora in this beautiful city of the State of Bahia, in the American soil of Brazil, are added to the strong and diverse reasons of historical and cultural order that explain the immense satisfaction with which the Republic of the Equatorial Guinea takes part in this important event. I sincerely thank His Excellency Monsieur President Luiz Inácio Lula da Silva on behalf of the Delegation that accompanies me, and on behalf of the people of the Equatorial Guinea, of its Government and of my own, for the heartfelt invitation made to me. I beg you to transmit our feelings of deep gratitude to the Brazilian people and Government and to the authorities of Salvador for the reception and hospitality of which we have made the lucky targets.

Equatorial Guinea together with the other nations of the African Centre and West bathed by the Atlantic, is a privileged exponent for us to go deeper in the question that gather us here, that is to acknowledge the importance and the responsibility we have been given before our peoples and History in a constructive dialogue for the Diaspora and the African Continent. After the First Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora, which was held in Dakar, Senegal, in October 2004, Brazil's contribution to this meeting confirms what Equatorial Guinea considers an acknowledged appreciation of the importance this country assigns to the strengthening of the ties that have linked the African Continent and the Diaspora along many centuries, and that are the elements that should sustain cooperation and solidarity among the peoples of our States, starting from their common roots.

In this context, I would like to point out the old Brazilian tradition of commitment to the creation of more favorable conditions for the African Renaissance, taken in its more comprehensive terms: political, economic and socio-cultural as the basis for a transformation that may preserve the essence of the knowledge about African identity and its liaisons to other cultures and civilizations at the time of defining its personality in the world. This is more and more important, because the African quest for peace, security, stability and a respectful and democratic development of its cultural and social peculiarities not always has been given the attention it deserves, due to assimilation flows and to the domain of some cultures over others that has characterized the period of territorial occupation of our States, until the conquest of their independence and along the following years, thus confirming the efforts of the African Union, of UNESCO and of various international, regional and sub-regional organizations in the African Continent devoted to the search for strategies capable of reinvigorating the basis of a more dynamic and revitalized technical and scientific cooperation among the African countries and those of the Diaspora, in order for this cooperation to transcend and evolve within the international community.

Your Excellencies, noble guests, Mesdames and Messieurs, I would like also to pay a deserved tribute to the outstanding African personalities in the domain of science, technology and culture, who through their efforts have given a significant impulse to the our collective engagement; who, though adopting different approaches and starting from different points of view concerning research, have paved the way that, no doubt, will lead us to the

achievement of the main objectives we pursue, among them that of transforming our historical and cultural heritage into an instrument capable of contributing to the achievement of peace, progress and solidarity among our countries. In fact, we believe that Brazil is a brother country that has the necessary socio-cultural conditions to organize this event, for, differently from the disastrous repercussions of colonialism that imposed on us the replacement of cultures and other values in many African countries and from the Diaspora, Brazil found out how to transform the African heritage into a cultural synthesis today seen as a reference for the crossing of races without complexes, capable of transforming itself into the soul of Rio de Janeiro's Carnival, one of the greatest cultural demonstrations acclaimed throughout the world.

I would like to point out the special links of Equatorial Guinea to Brazil, reminding you that twenty years before the discovery of America by Christopher Columbus, in 1492, another Portuguese navigator, called Fernando Pó, had been ahead of the exploring mission that discovered the Equatorial Guinea island and gave it its name, which later, on account of our independence, was changed to Santa Isabel, and today is called Malabo, the name of another native king. This island and that of Annobón, also discovered by Portuguese navigators in the same date, were used by Spain and Portugal as bases for supplying provisions to the expeditions on their exploring tours around the world in search of new colonial settlements. Sincere the Treaty of Santo Ildefonso and of that of Prado, between 1761 and 1777, signed by Carlos III of Spain and Donna Maria I of Portugal, this link has expanded: Spanish Monarch handed over to Portugal the positions of the island of Santa Catarina and of the Colônia do Sacramento, in the South of Brazil, in exchange for large territories in the Gulf of Guinea which belonged to Portugal and which stretched from the Congo river, with a territorial surface of 1.628.900 km^2.

We know that many of the inhabitants of this part of Africa, then making part of the Equatorial Guinea, migrated to Brazil and to the Americas for various reasons. To provide you with but one little piece of information: those positions were very muchd disputed by the colonial powers on account of the immense riches of the subsoil and of the existence of navigable rivers, like the Congo and the Niger to foster trade in the metropolis and inside Africa. Another element to point out is that the territorial extension of those positions corresponded to three times the territorial surface of Spain itself, and seventy times the present territorial extension of Equatorial Guinea, due to the partition of Africa between those two powers on occasion of the Berlin Conference of

1884-85 and of the Paris Treaty between France and Spain in 1901. Your Excellencies, distinct members of the Table, Mesdames and Messieurs,

As I said before, in the context of the complex processes that cultural globalization has imposed on us, without any clear ad final solution to meet our demands as Third World in general, and those of the African Continent and the Diaspora, in particular, we want to lay on the table the crucial question of the cultural identity of our peoples, for this is one lf the most urgent concerns of today's African society and of that of the Diaspora after the impact of the colonialism. The negative consequence of this situation is clearly perceived in the field of education, imported along the colonial era, obviously to foster the Greco-Roman concepts of beauty, of Philosophy of Art, of History, etc., lessening altogether any African concept. The consequence is that Africans ended by assimilating the foreign way of life better than that which once used to be theirs, and this is undoubtedly cultural genocide.

The situation that led to this present crisis of values is: in present days African cultures are destitute of true meaning, despite the fact that they are assimilating technical and scientific elements from the cultures of their former colonial powers. I want to put it very clearly: it has nothing do with disdaining the values of other cultures which may be capable of improving our own native cultures. The point is that the quest for cultural identity is intimately related to the acknowledgement that it can not be seen as a come back to the sources of the past, but as an integration of the modern technical and scientific advances towards the essential elements inherited from our predecessors. Proclaiming the respect for the cultural tradition should not mean the reiteration of the deeds of our elders, because the true cultural tradition of the peoples is conceived not only as the repetition of past deeds, but it implies to capture its spirit and improve it through new contributions that meet the new sociological, technological and scientific requirements of the historical times we live in.

From this point of view, European techniques and those of other places that consider themselves the owners, the proprietors of the world civilization, can be more useful to the African peoples and to those of the Diaspora whenever they limit themselves to influencing the procedures aimed to make easier the enrichment of the their own cultural heritage, without hampering the harmonic development of the values of the ancestral culture. No doubt, one thing is the technique a neutral element capable of being assimilated in order to develop another culture; a completely different thing is the technique of concealing the strategic elements of a socio-political and moral kind which forces upon

someone the substitution of the values of his own culture to accommodate it and to impose new ways of living to other people with their own values, as now happens on the African Continent and in the Diaspora.

Our suggestion is that, in order to arrange this situation, having as starting point the choice of the elements in the tradition and in modern times, it is necessary either to eliminate or to positively influence, assimilating only to the extent that what influences meet the present needs of the African Continent and the Diaspora as individuals belonging to a community of their predecessors.

We are convinced that, in these times of great discoveries and of greater proximity of the nations, cultural miscegenation imposes itself as an element of social integration. In this context, it would be necessary to undertake an objective appraisal of the requirements this new social configuration demands from us, particularly the nations from Africa and the Diaspora.

We acknowledge the efforts of the European and Afro-American intellectuals, who have devised important movements of cultural integration to provide affirmative answers to those demands, such as Cubism and its derivatives; jazz; present Afro-American dance and music; the Cuban salsa; the Brazilian samba; and many other creations having their origin in this culture made of synthesis. From our point of view, to achieve this objective on behalf of the cultural identity and of the African people and of those from the Diaspora is a challenge we must face consciously in order to provide continuity to the task accomplished by our ancestors. Regarding the Africans, it is ours the role of updating and assuming objectively the traditional concepts so that they meet the needs of social transformation of our time. It is a task we must accomplish together with our brothers from the Diaspora, availing ourselves of the experiences that allowed them to preserve the African cultural heritage along quite a couple of centuries, despite the sequels of colonialism and of globalization.

Your Excellencies, Distinct guests, Mesdames and Messieurs, before ending my intervention, I would like to call the attention of this forum to the importance we attributed to the celebration of the Fist Hispano-African Congress of Culture which was held in the town of Bata, Equatorial Guinea, in 1984. Delegations from African and Iberian-American countries, as well as representatives from Spain, France and the United States, and from some international organizations such as UNESCO, African Union, the Afro-North-American Institute, the Black Congress of the Americas, the International Centre of the Bantu Civilization and other organizations and entities devoted

to cultural cooperation, which produced a set of recommendations on the problem of cultural identity and other matters, participated in it and worked for it.

In the messages received along the afore mentioned event, His Majesty the King Juan Carlos I of Spain and various African and Iberian-American Heads of State valued Positively that initiative from the Equatorial Guinea, which they considered very pertinent to define the strategies for cooperation between the African Continent and the Americas in general, and particularly between Africa and Iberian-America. Based upon that evaluation, they called the attention for the need to launch an extensive cultural movement devoted to promoting cooperation between Africa and Iberian-America, through a free zone among Afro-Iberian-Americans in Bata, which would play the role of a centre for transferring technology from the Iberian-American countries to the African Continent. The launching of this important project was trusted to an important and outstanding Colombian intellectual, Doctor Manual Zapata Olivia, in the capacity of Vice-President of same Congress. That project would, after its approval, be implemented along the future meetings, planned to be held in succession in Madrid and in Cartagena de Indias, aiming to be transformed into an Afro-Iberian-American Summit for Industries and Culture, provided with a Permanent Secretary in Bata, with the objective of promoting permanent dialogue and cooperation, and greater proximity between Africa and Iberian-America, taking into account the vocation and the great interest of the Republic of Equatorial Guinea in playing the historical role destined to it by the condition of being the only Spanish-speaking nation on the Continent, and, at that moment, an Observer in the Organization of the Portuguese Speaking Countries. With these comments and good wishes for the strengthening of the cooperation between African and the Diaspora, I wish full success to the deliberations coming from this Second Conference of the Intellectuals from Africa and the Diaspora and the African Renaissance. Thank you, thank you very much.

Iba der Thiam – Moderator: I would like, on behalf of us all, thank His Excellency Monsieur President of the Republic of Equatorial Guinea. Now I pass the turn on to Your Excellency Monsieur Abdoulaye Wabe, President of the Republic of Senegal. The next speaker will be His Excellency Madame Portia Simpson, Prime Minister of Jamaica.

Abdoulaye Wabe, President of Senegal: Your Excellency Monsieur President of the Federative Republic of Brazil, my dear Colleagues Heads of

State, Madame Prime Minister, Mesdames and Messieurs Ministers, I would like to contribute a few words to the theme of this Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. First of all, I would like to clarify one question to avoid misunderstandings: there was, in fact, a First Conference of Intellectuals and Learned Persons from Africa and the Diaspora, held in Dakar in 1993. Its proceedings, already published, are excellent. However, its initiative belonged to Senegal. The 2004 Conference was, like this one, organized by the African Union of Intellectuals and Learned Persons from Africa and the Diaspora. I thought I should provide you with this piece of information, but we need to insert the First Conference somewhere, for it is necessary for us to refer to it, due to the relevance of the topics discussed at the time, such as *The situation of Africa in the XXI Century*; *What will be made of Africa in the XXI Century?;* and *What will be its place in the world of the XXI Century?* It was an anticipating conference in which historians, technicians, engineers and economists took part. I recommend you to read those papers. They were published in English and French. Monsieur President of the African Union Commission, perhaps we could name it the Preparatory Conference to the Conference of the Intellectuals, in order to differentiate it from the other two conferences: of 2004 and 2006.

Our conference happens in a very appropriate time, and the theme submitted to our consideration is extremely pertinent. On a planetary scale we face, in fact, severe limitations which will surely define the geostrategic contours of the XXI Century. The United States still maintain its status of a superpower; the European Union is growing. In Asia, China and India advance at long steps. The purchase of the European Steel Group ARCELOR by the NN Metal STEEL Society show the degree of the incoming force. And everybody believes Brazil will be one of the giants of tomorrow. We must, thus, get together in Africa. Within this new geopolitical and economic environment, African States individually will have no chance to survive. Africa as whole represents only 1,7% of world trade, and less than 1% of world investments. Recently at the African Union Summit, in Bandung, I suggested that the time was not on our side, but, on the contrary, against us. We are in a hurry, not by temperament, but by necessity. The safeguard of the African Continent lies on the strengthening of our unity through the United States of Africa.

Fortunately, despite the reticences and objections, the question of a Continental Government is no more a taboo. Discussions have been coming

into the open, and the circumstances do not leave us with other alternative than to get together if we want to survive. Next January, the Conference of the African Union will probably make a stand regarding the project of a United States of Africa and the institutions of the Continental Government suggested by the Committee of the seven Heads of States appointed for this purpose. Regarding the theme of our Round Table, *The Diaspora and the African Renaissance – past contributions and present projects*, I believe that your contribution as intellectuals will be that of identifying and defending our present priorities, pointing out that the Renaissance of the continent implies, first of all, the strengthening of its unity, its economic integration and the setting up of a formal liaison for the external components, the Diaspora. Regarding this last point, Senegal has proposed an amendment making the Diaspora the Sixth Region of Africa, following the existing five regions: Central Africa, East Africa, Austral Africa and Oceania, North Africa and West Africa. Within the spirit of the Senegalese proposal, the Diaspora would be represented at the centre of the Organization. Unfortunately, due to the proposal having been presented too early, it was weakened in an amendment to the article three of the Constituent Act of the African Union. In its written out version it encourages the effective involvement of the Africans of the Diaspora, as an important part of our Continent, in building up the African Union. However, there is a gap we should fill by devising new liaisons between Africa and its Diaspora, not any more based on wishes and good will, but on positive and applicable dispositions. We can not forget that, in fact, the Diaspora made a significant contribution to the liberation of the Continent and of its peoples. I can mention, among others, the examples of Olode Ekuanu and Gustavo, the latter an African vassal of Nigerian origin, leader in the black community of the Great-Britain of the XVIII Century, who led a ferocious war for the abolition of slavery in England, Scotland and Ireland. This war had its follow-up in the historical meetings, such as the Manchester Congresses of 1941 and 1945, which struck colonialism a heavy blow and favored the dissemination of pan-Africanist ideas, resumed and divulged by part of an African élite. The movement for the African integration was led by this precursory war.

Another extremely important aspect was the battle that the African intellectuals fought to defend Africa's image. Very frequently people associate the Continent to permanent conflicts and to situations of humanitarian urgency, disseminating abundantly on television an image that leads one to imagine that the whole Continent is adrift, forgetful of the fact that Africa is a complex of

more than fifty States; that we deal well with the conflicts; and that we have made much progress towards democracy. Among these conflicts, Burundi, Comores, Guinea-Bissau, Sierra Leone, Liberia, the Democratic Republic of Congo, and in the present time, we are confronted with de painful problem of Darfour in Sudan. All in all, it is not fair to publish that we live in a Continent that is divided into small states, after slavery, balkanized into tiny States unable to hold out. We have fought a war of titans to retrieve the pieces and form the United States of Africa. Furthermore: on the political side, following the adhesion, in 1989, to the Alger Declaration on the anti-constitutional replacement of governments by regimes that took over on occasion of coups d'état, these governments are prevented from becoming members of the African Union.

As a complement to that Declaration we are endeavoring and searching for democracy in Africa, for elections and for governability.

In the health sector, the success of the model for combating AIDS pandemia is worth divulging. This way, Uganda has achieved to stabilize and even to reduce the incidence rate which used to be relatively high. In this context, Senegal, which used to exhibit a very low incidence rate, around 2%, was successful in lowering it to 0,7%. In the education and training sector, to which we have destined 40% of the budget, young Africans, in the same competitive conditions as their western counterparts have always come up with excellent results. It is for this reason that I have chosen to bet on Senegal's human resources. Africa should bet on its youth of tomorrow, for it will no doubt be a winner.

Mesdames and Messieurs, from a certain point of view Africa may be seen as the Continent of resistance par excellence. In fact, after various centuries of slavery, colonization and sackings of its resources (still going on), by means of certain leonine contracts for the exploitation of petroleum, for example, we still stand up. I wonder if there is a continent that has survived to so much hardship. This reveals the solidity of our culture. Thus, the African Renaissance should be based upon this perspective and contribute in many different ways to the development of our Continent, which, on its turn will bring its contribution to the rising of the countries of the Diaspora, particularly the poorer ones.

Not all countries of the Diaspora are El Dorados, and Monsieur President Lula rightly said, yesterday, that exchanges and gestures of solidarity, traveling on a two-way lane, are needed. Nothing is definitely won or lost before time.

Everything comes by conquest. It is time for to begin the battle. Tomorrow will be too late.

I would like to end by insisting on the need for us to ensure the follow up of the Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora, that of Dakar and this one of Salvador, Bahia. We must put to work adequate and efficient mechanisms. In this context, I want you to do three pieces of homework: to set up an Office for the Conference; to establish its functional structure; to take the necessary steps for the publishing house to function, publishing house whose idea was approved in Dakar, in 2004, with the objective of translating works into the languages of our communities. Senegal is ready to provide the place for the Office. I would suggest the launching of a journal in three languages, to be called *African Resistance*, in order for our children to be informed about the longstanding, four centuries old battle for the African population.

Regarding this topic, and as a suggestion among many you will come out with, and that we in Senegal are ready to go ahead with, we could create a site in the Internet and ask every country in Africa and in the Diaspora to write us and send a paper on the resistance to slavery in the present time.

With these elements in hand, we would publish a work. Also, I would like to add that we, in Senegal, are building a monument to the African Renaissance. It will be around 154 meters high, a true museum of black African civilization. I would like to remind you that we will be organizing the World Festival of Black Art, in 2007, which will be your festival, and you should organize it together with the African Union. It certainly will be a great success.

I beg your permission to announce that, I hope, next October I will be visiting the Caribbean countries in order for me not only to meet Governments, but also intellectuals, learned persons, and, at the same time, the youth. I will be accompanied by the leader of the Conference of Intellectuals and Learned Persons from Africa and the Diaspora in order for them to know better the countries united by our movement. I have no doubt that I will be very welcome there, for I will be at home.

Mesdames and Messieurs, as this will be my last intervention before leaving, tomorrow morning, I would like to end by thanking, once again, Monsieur President Lula, to whom I now hand on the banner of the Presidency of our Conference, convinced that he will go on helping the institution through his guidance and his support. Monsieur President Lula, I paid much attention to your words on the need of an air link between Brazil and Africa. As soon as I get back home, I will send a Delegation from our air company, Air Sénégal

International, reminding you and myself that Recife and Dakar are only three and a half hours away from each other. Brazil could be linked to the African Continent through the Dakar route, and also to Europe through this gate of the Continent which is Senegal, your second home country. I thank you for your attention.

Ibapar der Thiam – Moderator: On behalf of us all, I would like to thank His Excellency Monsieur President Aboulaye Wabe for his excellent communication, and I now leave the turn with His Excellency Madame Portia Simpson-Miller, Prime Minister of Jamaica. The next speaker will be His Excellency Monsieur Ali Mohammed Shein, Vice-President of the Republic of Tanzania.

Portia Simpson-Miller, Prime Minister of Jamaica: Thank you. Our host Head of State, President Lula da Silva and Madame First Lady of Brazil, I would like to register your presence here in the Conference place earlier than expected. Messieurs Heads of State, Governor of the State of Bahia, Mayor of Salvador, other distinct Participants, distinct Messieurs and Mesdames, first of all I beg your permission to thank our host President, Lula da Silva, for having made possible for many of us from Africa and the African Diaspora to gather here to share ideas and strategies while we reflect on our past and present, and we draw our route towards the future. I feel personally honored for having been invited by President Lula to attend this Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. I am equally honored for having this opportunity of addressing such and august audience. While sitting here, the words sung by Bob Marley came to my mind. And it is with great joy that I bring the Brazilian people our special greetings and these words for the descendents of slaves that settled here:

> Old pirates, yes, they rob I / Sold I to the merchant ships / Minutes after they took I / From the bottom less pit / But my hand was made strong / By the hand of the Almighty / We forward in this generation / Triumphantly / Won't you help to sing / These songs of freedom? / Cause all I ever have: / Redemption songs / Redemption songs!

Bob Marley got inspiration from another great Jamaican. When I mention the name of Marcus Moziah Garvey, everybody here immediately remembers the prominent philosopher and Pan-Africanist political organizer. I am proud to tell you that Garvey was Jamaican, and one of the most illustrious Jamaican

sons. His influence on the actions for the liberation of Africa and in the search for the African Renaissance can never be overestimated. Marcus Moziah Garvey was the greatest inspiration of the movement for the African liberation. His famous words *"Africa for the Africans, inside and outside the Continent"* has become the motto of many who fought for the return and the reaffirmation of the African way of viewing the world, in world that obstinately has insisted on despising and repressing whatever concerns Africa. Garvey used the sea transports Black Star which symbolized the hope for the transplanted Africans of getting forever reunited to mother land. His mission was not only to see Africa liberated from colonialism, but to see the Africans from the Diaspora retrieving the rich and glorious heritage from their homeland. The cry of black people, the dignity of black people and the power of black people were crucial matters for Garvey, and his influence on the African movement for the independence is unquestionable.

Mesdames and Messieurs, at the historical and fundamental Fifth Pan-African Congress, held in Manchester, England, in 1945, where the future leaders of the first independent States got together, Garvey was the most frequently referred to person. His ideas were catalyst for the minds of the main articulators of that Congress. How privileged we are for having with us here, today, a man that played such an important role in the Congress, and that, later on, was given his deserved place in the History books: the brilliant and learned lawyer who defended Jomo Keniatta. Mesdames and Messieurs, I refer to another Jamaican, His Excellency Dudley Thompson, one of the most distinguished Pan-Africanists and former Jamaican Ambassador to various African countries. I mention also Incumo Kenyatta, George Padmores, C.R.L. James and Julius Nyerere, all true inspirations for Garvey, and who fought with their programs for the African independence and liberation.

Garvey's view of an Africa and Diaspora with the same point of view over the world continues to inspire contemporary learned people and intellectuals. Our little country, Jamaica, has played an important role in the movement of the African Renaissance, and has been crucial for the Diaspora by making the sense of African cultural identity advance gradually.

When the peoples of African descent were seen as less than human beings, as not deserving independence, without history or culture; when people believed that they deserved only to be dominated and brought to submission, noble savages, at most, it was Garvey who saw us as a large and powerful family, a nation of royalty, a nation with rich history and culture, a people with a glorious

past and a brilliant future. It was Garvey who encouraged us to get up and fight. Yes, even after all we had achieved, there still were people who preferred to distrust our capabilities.

It was Garvey who reminded us that lugging behind in the track of civilization would not prove our superior capabilities; that submission to caprices and whims of better peoples would not show anything superior in ourselves; that by contenting ourselves with drinking ourselves to death from the poisonous cup of the human progress would not prove our capabilities as a nation. While Garvey has given the world philosophical culture and political ideas, another Jamaican has penetrated the conscience of the masses of people through music.

The insuperable genius of *raggae*, Robert Nesta Marley, or the way he is most commonly known, Bop Marley, was Garvey's inspirer. He has translated Garvey's ideas and philosophies into the musical idiom which is *reggae*, and has exported it to the world.

Through music Marley made lobby for the complete liberation of Africa. His message was, at the same time fascinating and electrifying, echoing the words of an old African Emperor, Hailé Selassié. His famous song went:

> Until the philosophy which hold one race
> Superior and another inferior
> is finally and permanently discredited and abandoned
> Everywhere is war, me say war
> .....
> And until that day, the African continent
> Will not know peace, we Africans will fight
> We find it necessary and we know we shall win
> as we are confident in the victory
> Of good over evil, good

Marley went so far as to be given the most impressive acclamation in the history of popular music, his one and only song of love being chosen THE song of the XX Century and of the Millenium. However it is not only through philosophical teachings, political leaderships and music that the Jamaican people has identified itself with the fighting of their African brothers and sisters. I remind the people of African descent in Brazil that speaking to them here, today, I am speaking about their own blood descent, for many years ago,

while three sisters were playing by a river, two of them were captured and sold as slaves. Two of four brothers who were hunting, were captured, and the other two escaped. One was taken to Brazil and the other one to Jamaica. One of those two brothers ended up by becoming my great-great-great grandfather, and the other, yours. We may be apart regarding physical distance and language, but we are close as far as blood, history and culture are concerned.

As for Jamaica, I would like to remind you that it was the first country in this hemisphere to impose trade sanctions on South Africa, in 1950. In 1970, one of our former Prime Ministers, my counselor, the late Michael Manley, was a famous leader of the non-aligned movement. He incessantly campaigned against the *aparheid* and for the liberation of the South of Africa as a whole. The role that Michael Manley and his Minister of Foreign Relations, Dudley Thompson, played by fostering African unity and building relations between Africa/Diaspora and the Caribbean was enormous.

There was another Jamaican Minister of Foreign Relations who played a significant role in divulging Africa's interests. I refer to my illustrious predecessor, His Excellency P.J. Patterson. As Chancellor, P.J. Patterson stood out as a brilliant and capable negotiator, and it was his leadership that led to the first legal agreement between African nations and those of the Pacific, the ACP. Mesdames and Messieurs, I report all this to point out that in our view, as Jamaicans, the links to the mother land have been strong and lasting. Our ties to our ancestors can never be questioned. Though today the battle for independence has been won almost everywhere, the quest for Africa's economic liberation continues. One of our main responsibilities, Mesdames and Messieurs from the African Diaspora, is to employ all influence and power to ensure that Africa is not further victimized by the unfair global political and economic systems, and to collectively raise our voices against the marginalization of Africa and against the unequal trading and economic practices that prevent our brothers and sisters from growing.

Mesdames and Messieurs, we, as Africans from the Diaspora, need to use all means, every mechanism, every opportunity to let the existing global powers and multilateral institutions know that the African peoples have suffered enormously the consequences of the existing commercial and economic agreements. I am going to mention only some of the aspects of the problem's gravity. Nearly 1/6 of the population of subsaharian Africa - more than one hundred million men, women and children – are chronicly poor. One in every

six African children dies before his fifth birthday anniversary. And 2/3 of these deaths could have been avoided through local treatment, comprising vitamins and supplements, or hydration and insecticides to combat malaria. I could also mention that 1/10 of the diseases that grieve African children are caused by vermins that attack 200 million children, and that those diseases could be treated spending only 25 cents of US dollar per child. At the same time, each cow in Europe is given almost two US dollars a day as subsidy, what represents the double of the African mean revenue per capita.

Tony Blair's Commission for Africa put it clearly by saying: "The contrasts between the lives of those who live in rich countries and the lives of poor people in Africa are the great scandal of our era". Every month there is a *tsunami* in Africa, but its mortal wave of illnesses and famine spreads silently all over the Continent. This is not dramatic, and hardly is news on television. Their victims die quietly, out of sight, hidden in miserable houses, but they die all the same. We, from the Diaspora, should be deeply concerned. We should employ our available political and diplomatic muscles to make it very clear that this kind of modern holocaust is absolutely intolerable.

I avail myself of this opportunity to congratulate the African leaders for their efforts in helping their peoples. I would like to thank those countries in Africa that help those in need. Mesdames and Messieurs, I would like to congratulate the President of Senegal and join him in his worries concerning HIV-AIDS pandemia. I think that all of us would work together to support our mother land. Last year was declared Africa's Year. We have seen famous people stepping forward and identifying themselves with the Continent, but it is us, the Africans and Afro-descendents, on the Continent and in the Diaspora, who should come to the fore in the fight for the African liberation. We should undertake an intense political and diplomatic action to make every year Africa's Year until Africa has become aware of its true and complete potentials. We are a people of hope, optimism and faith.

Monsieur President, we have survived the horrors of transatlantic slavery and extirpation from mother land; we have survived subjugation to colonial sacking ; we have survived the indignity and the trauma of slavery; we have survived the blows thrown at our self-esteem, even at our condition as human beings. We are not only survivors. Today, sons and daughters of slaves, we are winners. Thus, Mesdames and Messieurs, it is not by coincidence that Brazil is hosting this Conference. There are much relevance and meaning in its being held in Salvador, the largest and most significant of the communities of

the African Diaspora in Brazil, and one of the most important cities of this beautiful country. Brazil is also an emerging worldly negotiator and a country that goes on playing a central role in the international relations, in worldly negotiations, as well as in the building up of international peace and security. Also, Africa can benefit from the significant progress reached at by Brazil in the field of treatment of and research on AIDS.

I would like to take this opportunity to thank His Excellency President Lula. Monsieur President, it might have not come to your knowledge that many of us in Jamaica, the majority, perhaps, who read about your person and your history, are your admirers; and I would like to take this opportunity to invite you to visit the Caribbean, particularly the beautiful Jamaica. When you come, please bring Madame First Lady. Mesdames and Messieurs, let us enter into partnership with Brazil, Africa and the African Diaspora in order for us to avoid the return of gone by suffering.

May we know catch a glimpse of our conquests for a true African Renaissance. I would like to end evoking the words of the man I talked about earlier, the Jamaican national hero, Marcus Moziah Garvey, who said once: "Yes, we acknowledge the sadness of the past; let us act in the present so as to avoid the sadness of our generation being perpetuated into the future. There is no better present I could offer as an homage and remembrance of my parents' love for me, and of their suffering to make sure I would ever be a free person. There is no better present I could offer the sacred memory of past generations than a free and redeemed Africa – a monument for all the eternity, for ever".

As for me, thanks to our blessed past, thanks to History, while there will exist life and God's spirit in me, I will go on fighting and encouraging other people of our race to fight in order for the justice to be done to the black people of the world. Thank you, Monsieur President Lula, for having allowed my participation in this Conference. Thank you Monsieur President of the Conference, for having welcomed me in this beautiful Brazil. Thank you, and God bless us all.

Iba der Thiam – Moderator: On behalf of us all, I would like to sincerely thank Madame Portia Simpson-Miller, Prime Minster of Jamaica. Now the turn to address the audience goes to His Excellency Monsieur Ali Mohammed Shein, Vice-President of the Republic of Tanzania. The next speaker will be the President of the African Union Commission, His Excellency Monsieur Alpha Oumar Konare.

Ali Mohammed Shein, Vice-President of Tanzania: Your Excellency Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva, President of Brazil, Your Excellencies Messieurs Heads of State and of Government, Illustrious Ministers, Monsieur President of the African Union Commission, Your Excellency Monsieur Governor of the State of Bahia, Your Excellency Monsieur Mayor of the city of Salvador, Messieurs Members of the Diplomatic Corps, Noble Delegates, Mesdames and Messieurs, I feel honored for having the privilege of attending this important meeting and identifying myself with other people's ideals and views. I avail myself of this opportunity present the compliments of my Government and of the people of the United Republic of Tanzania. His Excellency President Jakaya Mrisho Kikwete sends his greetings to Your Excellency and to the people of Brazil, as well as his good wishes for the success of this meeting. Brazil is a very adequate place for this Conference, for its ties to Africa date from a distant past. Everybody knows Brazil to have one of the largest concentrations of people with African roots, culture, etc. Many people in Tanzania know Brazil under various aspects, including the football talents. Thus, my Delegation feels at home in this great country.

On my own behalf and on that of my Delegation, I would like to express my deep gratitude for the warm welcome and the hospitality given us since our arrival here in this beautiful city of Salvador. Also, we are grateful to the Organization of this Conference. We have no other words do say, unless we do it in our own language, the swahili, *Assantasana*, which means thank you very much, otherwise, "*muito obrigado*!" [in Portuguese].

Your Excellencies, I believe that the intellectuals from Africa know the contribution the late Mwalimu Julius K. Nyerere, the first President of the United Republic of Tanzania, brought to the Pan-Africanism, to the liberation of Africa and to the need for union and unity in Africa.

My short comments will only try to make a liaison between the ideals of this Conference and the role played by Mwalimu Julius K. Nyerere and other intellectuals from Africa and the Diaspora. While catching a glimpse on the African Renaissance with the involvement of our brothers and sisters from the Diaspora, the African intellectuals should revisit some of the ideals of other intellectuals, including Mwalimu Julius K. Nyerere; the late Kwame Nkrumah, former President of Ghana; Nelson Mandela, currently President of South Africa, who, among others, have been concerned with Africa and the Diaspora, and find out how to avoid some of the traps our former leaders have overcome. Your Excellencies, Mesdames and Messieurs, Africa and the Diaspora played

a very important role in Africa's movements for independence and for its subsequent union and unity. There is no need to say that Pan-Africanism has brought the tools that has resulted in the nationalism as we know it.

Pan-Africanism preceded nationalism by almost half a century, and its founders were Afro-Americans, the African Diaspora, whose only identity was said African, not Tanzanian, Nigerian, Congolese, or whatever.

The earliest gestures of the movements of independence made by the late Kwame Nkrumah and Jomo Kenyatta, were embedded in the Pan-Africanist movement, conceived, organized and disseminated by great intellectuals of the Diaspora, like George Padmore, W.E.B. Dubois, C. Gems, and others. These intellectuals have innovated by viewing Africa as a whole, and not as a mass of tiny territorial unities. I believe they wanted us to think, in territorial terms, of Africa as a whole, and not as fragments of a whole. Tanzania would like, thus, to encourage the intellectuals, from Africa and equally those from the Diaspora, to envisage Africa as whole, and not as individual unities. Despite the present international border constraints, we should accept that Africa and Africa's interests are, after all, one and the same thing. Also, Let me point out that some of the contributions from Mwalimu Julius K. Nyerere are sincere exponents of the African union and unity, of the ideals of his speaches, and of the objectives of this Conference.

Your Excellencies, Mesdames and Messieurs, the intellectuals from Africa and the Diaspora should build starting from what has been initiated by the Pan-Africanist leaders, in order to achieve an African unity that goes beyond mere words. The Pan-Africanaist leaders wanted Africa to transform ideals into practical policies. I should mention that the late Kwame Nkrumah and his leaders from East Africa imposed on Pan-Africanist idealism some formal political reality. They took the courageous decision of uniting their independent States of Tanzania and Zanzibar in 1964, what led to the emergence of the present Republic of Tanzania. The gathering of these two countries did not have the intention of representing the end of African Union's dream. The United Republic of Tanzania must be considered as one of the earliest pillars in the construction of the subsequent African Union.

The proposal for transforming the African community into a Federation, in which Tanzania would become a member country, is another example of the present endeavours to make real the noble dream of the African Union. I would like to ensure this august audience that the reunion of Tanganika and Zanzibar is an indication that the reunion of Africa and the Diaspora is

possible. Our intellectuals should help us take to the utmost advantage of whatever nears Africa and the Diaspora. Africa was united when fighting colonialism. It was united in the adversity and in the war against a common colonial domination. South Africa now shares our situation. It was this way that Africa has put an end to its colonial battle. The war against colonialism should been followed by a similar triumph against the forces of the new imperialism and against poverty, ignorance and disease. It is thorough the overcoming of these powers that the African Union will become and remain stronger more stable and more equalitarian. The plea to the intellectuals is for them to help us face this war and advance beyond our efforts towards independence.

Messieurs Presidents, Mesdames, Messieurs, I believe that by accepting the ideas presented to this Conference, we qualify ourselves as intellectuals from Africa and the Diaspora. Mwalimu Julius K. Nyerere, Kwame Nkrumah, Nelson Mandela, Jomo Kenyatta and others, intellectuals by their own merit, are visionaries who left aside their fears and hates. Their thoughts apply to our time the same way as they did to the decade of the Sixties. The intellectuals of our time should resume the contributions made by the intellectuals contemporaries with the days of Pan-Africanism, and relate them to our present worries. We should remember that our focus as intellectuals of the Diaspora should remain on Africa itself.

Our unity will remain elusive if we continue confined to the artificially created entities, as, for example, restrained by the colonial frontiers. As you may remember, the African States have achieved their independence despite the opposition from intellectuals from Africa and the Diaspora. We must beware of the dangers that may make us withdraw from the African unity; among them, the temptation of becoming a sovereign nation, and those that find their strength in the weaknesses of little nations. We are now more than fifty African States. Our intellectuals have the duty of studying, thinking and providing us with ideas on how our united opposition to colonialism and neocolonialism can be, today, an unity for the construction of Africa and the Diaspora.

Thank you, Your Excellencies, Mesdames and Messieurs. I would like to end my few words by raising five visionary questions which may need the ideas and opinions of our intellectuals. How would Africa as a whole deal with globalization so as to bring advantages to Africa? We need to globalize Africa's development through the achievement of greater integration of the economies, and of the African social and cultural organizations into African

capital in the markets. How would African economies deal with the needs and demands from Africa and the Diaspora? How could Africa revive and interlink the internal processes of specialization and work division with mutual interdependence? How could the African independent States make sure that the existing frontiers will be mere administrative unities within the whole that is unified Africa aiming to build Africanism and reject territorial nationalisms? While working for the union and the unity, how to remain open to other initiatives?

Mesdames and Messieurs, I would like to pay an homage His Excellency Monsieur President Lula da Silva, for his continuous efforts and his growing cooperation with the Diaspora and the African countries. I wish you all success in your deliberations within this Conference, and thank you for your attention.

Iba der Thiam – Moderator: I thank very much His Excellency Monsieur Vice-President of the Republic of Tanzania for his particularly brilliant intervention. Now it is the turn for the President of the African Union, His Excellency Monsieur Alpha Oumar Konare to address the audience. The next speaker will be His Excellency Monsieur President Luiz Inácio Lula da Silva.

Alpha Oumar Konare – President of the African Union Commission: Monsieur President, I do not really have a new declaration put forward, but I would like to make a plea, to resume one point about something that is already in progress, raised by President Wade when he talked about the African Renaissance, which referred to the Diaspora: the essential question we must define here. What is the political project for Africa? I think that if we do not define this question, we will restrain ourselves to an extremely intellectual battle, while the realities within which we can not live any more will not change. When we talk about the political project that we should adopt for Africa, to me the question is clear: helped by experience, our task today is to ensure the promotion of a true African citizenship, concentric, though on top of other citizenships. Today It concerns a clear affirmation of a unique nation, the African nation, on account of the difficulties the State-nations have been meeting with, and due to the fact that the existing micro-nationalisms do not take us anywhere, particularly these regional pseudo-nationalisms. We should affirm only one Pan-Africanist nationalism, for one African nation. I think that in a very clear way, without ambiguities, we should affirm today that Africa's needs are intimately related to the idea of an United States of Africa. It does not mean that in two days time we will create it by the force of its legend. If we do so,

we mistake, as if the strategy could begin to work tomorrow morning. First we need to define its bases.

We need to admit that concerning the problems of the African integration, the mere and logical intergovernmental cooperation has failed, and that it will never allow us to solve the true problem. The question, thus, is: what is the political project for Africa? The point raised by President Wabe is important, too. What will be the formal liaison between the other Africa and the Continent? The idea of a Sixth Region has advanced. There are other ideas, but this one is fundamental and is waiting for an answer. The contribution of the intellectuals consists in helping put into perspective the practices to be adopted. It will be a theoretical, serene debate. And there is a rule for this debate: African identity, the consciousness of History that we have lost, without which we are unable to lay the foundations of any long lasting thing. We are conscious of the Pan-Africanism to be promoted. We have problems of culture and that of the African languages. This year, 2006, particularly, in which we have launched the African Academy of Languages, and which we have declared the African Language Year, what is the place of culture and languages in our Continent's development? It is this handful of matters that the intellectuals should seriously discuss.

We attempted, while in our capacity as Head of the African Union Commission, to provide answers, but we came to be absolutely convinced that, unless we have an intellectual awareness, unless there is people's mobilization, leaders will not be able to urge on other initiatives, such as the setting up of a Foundation for thee United States of Africa, the foundation of an university for the United States of Africa, and the project that remains blocked: the Conference of the Peoples of Africa, for one thing is The Conference of the African States, and a completely different one the Conference of the Peoples of Africa. The Conference of the African States has been given an upswing within ONU, but the Conference of the Peoples of Africa has made no progress. Thus, today we strongly support the initiatives towards setting up a Foundation for the United States of Africa, an University of the United States of Africa, and also the revival of the Conference of the Peoples of Africa, as well as, obviously, other initiatives capable of bringing federalization to serve Pan-Africanism, the only objective. To finish, we have talked here about a strong value that is solidarity. Along the debates and the actions we are to undertake, we should acknowledge that the most important value to us today should be solidity. It should be total and integral among us. However, it

can not be exclusive, And it has never been so to us. That is why concerning people who are suffering today we can not fail to offer total solidarity, particularly to the Dutch people, victim, as you know, of a monstrous attack. It is proper that today our thoughts go to them.

Monsieur President Wade and Monsieur President Lula, I am sure you will help us avoid false steps, and that you will never accept that we commit a coup d'état. However, this session already coming to and end, I am sure you will agree that we must remain under your leadership, Monsieur Wade, and under yours, Monsieur President Lula, but that the effective Presidency of the meeting of the intellectuals will be assigned to two Co-Presidents, Monsieur Gilberto Gil and Madame Ginwala, in order for the debates to be conducted with their blessings and total support. Thank you.

Iba der Thiam – Moderator: Thank you, Monsieur President of the African Union. I would like to hand the turn on to His Excellency Monsieur President Luiz Inácio Lula da Silva, President of the Federative Republic of Brazil.

President Luiz Inácio Lula da Silva: Messieurs Presidents, Madame Prime Minister, Mesdames and Messieurs participants in the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora,

I could not begin my speech without acknowledging with thanks the presences here of all of you, particularly the presence of Messieurs Presidents who have accepted my invitation, and the patience of all of you in this Plenary Session, for, including mine, this will be the fifteenth speech you will have listened to by launch time. The pleiad of intellectuals and authorities that have such and extraordinary patience, will, no doubt, be able to face so many other problems we may come across.

I woul like to beg my translator pardon. He must be in possession of my written speech, but as it goes more or less the same way tune as the ones read here, I would like to say some words that concern rather heart and feelings than reason.

I took over as President of Brazil on January 1st 2003, and I soon realized that Brazil needed to undergo an inflexion in its international politics, that Brazil should have one eye directed to South America and Latin America and the other one to the African Continent.

At the beginning it sounded absurd because in my country we were used to a policy of priority relations, almost exclusive relations with the United States of America and the European Union. I myself had had an odd experience

when I was a trade union leader: I had never been invited to a debate in South America, and I had just once been invited to a debate in the African Continent. However, tens of times I had been invited to meetings in Europe and in the United States. And I realized that he who used to determine the relations was not the colonized country, but the colonizer. Although we had stopped being a colony, despite our having conquered our economic and financial independence, from the cultural and commercial point of view. there still persisted certain dependence.

Three years later, I had visited seventeen African countries and every South American country, and had welcomed in Brazil fifteen African presidents. Including yours, it now amounts to twenty-two countries. I have visited seven countries in the Middle East, plus China and India, without despising our relations with the United States and the European Union, only putting forward a thesis that it was necessary to alter the world's political and commercial geography. World's geography could not go on depending on the same people that had dominated it along the XX Century. A new hope was needed for the XXI Century.

I recall how much I had then been questioned. There was no want of editorials, there were journalists criticizing the Brazilian mistaken option for a Continent that had not much to offer, because in some people's view the relation had to be rather mechanical, from the viewpoint of the economic interest, while in mine it has a component called solidarity, partnership, even gratitude, because Africa has much to do with who and what we are.

The Brazilian way of being is the most extraordinary mixture the human race has invented, a blend of Black people, Indians and Europeans, what led to our being transformed into a mixed, cheerful and friendly people. This you will experience while in Salvador, the blackest face of all Brazilian cities and of all Brazilian States.

What has happened along these four years? Today, the trade relations between Brazil and African countries is in the region of two and half million dollars. Relations with South America and Latin America are wider than those with the United States and the European Union. One more indication that the Atlantic ocean could not be an obstacle to us in the XX Century, as it had not been to the colonizers in the XVIII, XVII and XVI centuries. Portuguese navigators used to leave Lisbon for the Indies going round the African continent. The French have occupied African countries; the British have occupied African

countries, and all that because the Atlantic ocean was a friendly element that helped the coming of the colonizers.

We, in the XXI Century, and this is an extraordinary contribution we can be given by the intellectuals, need think about what we want for the African Continent, what kind of integration we want for the countries of the South, for the countries of the Third World, in the XXI Century, in the next thirty years or in the next twenty years. There is no voluntarist way out. No. Voluntarism has solved the problem of an assembly, but will not solve the problem of relations among States, will not solve the problem of the secular backwardness to which we have been submitted. Hence the need for us to increase our responsibilities, to know the steps we can make towards our integration policies and the retrieval of the centuries along which the African Continent has been forced to withstand the backwardness of which it has been a victim till the present.

This is the challenge for the intellectuals. This is the challenge: for us to learn how to create multilateral organizations that allow durability for the policies that governments create, because our mandates are temporary, and it may happen that every one that takes over has different priorities, and that the policies adopted by one government are not followed by the next.

It is necessary, then, that strong and respected international organizations exist to make things happen and work.

The United Nations Security Council: we can no more accept that in the XXI Century, 2006, the United Nations still exhibit the same structure it had when it was created, sixty years ago. Political geography has changed; economic geography is changing; countries have changed. Having a look at the map of the world, we notice that various countries no longer exist. Why, then, to insist on the same kind of organization, instead of having the courage of democratize it, of allowing the African Continent to be effectively represented, as well as Latin America and other countries?

Now there is a conflict going on within the World Trade Organization. The question remains the same: are rich countries willing to make concessions for poor countries to have access to their markets? Will there be wisdom on the part of the European Union to allow access to its agricultural market? Will there be wisdom on the part of the United States to reduce its agricultural subsidies? Will there be wisdom on our part (Brazil) and on that of the G20, in which many of us take part, to allow access to their goods and industries? If we do not show wisdom to negotiate and to make concessions according

to our size and that of our resources, there will not be agreement, and those who are rich will remain rich, and those who are poor will become even poorer. This is the logic of world trade. It is for this reason that next week I am going to St. Petersburg. The President of Congo, and, if my memory does not fail me, the ones of India, China and Mexico, besides the G8, will be there. And we are going to try and get the commitment of political leaders for us to come into an agreement, because I am convinced that the negotiators have given up to attempt. Now time has come for political leaders to ask themselves: do we or do we not want a more just world? Do we or do we not want a solidary world? Do we or do we not want to lessen terrorism? Do we or do we not want less infant mortality, less diseases, less unemployment and less famine?

This is the challenge that has been left to us, and that is neither the responsibility of the African countries, nor the responsibility of Brazil. It is the responsibility of six billion human beings that inhabit the Planet Earth and take the responsibility of not allowing today's globalization or today's standard of development to treat poor countries the same way they used to do at the time of colonization.

The colonizers used to arrive promising progress and development, but the independence having been conquered, you would realize that on the point of view of natural resources the countries were poorer, had been dilapidated, but today nobody seems to be willing to take responsibility. It looks like as if nothing had happened. Africa is poor because it is a black country. Africa is poor because it has no school. Africa is poor because it has no development and because nobody takes the responsibility of saying that Africa is poor because along over three hundred years the women, the children and the youth were made slaves to build some of the nations that are rich today.

And all of us have a debt to be paid. Here in Brazil we have created the Special Secretary for Racial Equality with the status of a Ministry to make possible some progress, because things do no not happen as smoothly as we would like them to. Due to the country's legal requirements, sometimes it takes time for things to happen. In the Congress there is a debate, a dispute going on about the Statute of Racial Equality. But, as our beloved Abdias used to say, "the possibility for us of debating these matters is not a bad thing, it is a conquest of the black people of this country".

There are the quotas at the universities, and debates after debates. The concrete reality is that we have created the PROUNI, and in a PROUNI of

203 thousand students who have been granted a scholarship, 63 thousand are Afro-descendents that have acquired the right to enter the university, only fourteen months after that program had been inaugurated. We know, and the Presidents present here, too, and the intellectuals even better than us, know that we all are aware that in just a decade or two we are not going to solve the problems that have come mounting along so many centuries. The only thing a can tell you is that Brazil will go on assigning high priority to its relations with the African Continent.

Unfortunately we are a poor country, and we do not have all the necessary resources to accomplish whatever we want. Yesterday I was seeing two Presidents; earlier I had been seeing the President of Ghana; today I will be seeing other Presidents; I have been seeing the President of the African Union, and I have told them all that this century may be ours. The XIX was Europe's, The XX Century belonged to the United States and to some parts of Europe. Why are we, the so called Third World, living on the African Continent or in Latin America, going to miss this opportunity, to let the XXI Century escape without taking advantage of it to define what we want?

I have told the Presidents that Brazil now has an extraordinary experience in the production of biodiesel. It is the country that has the most important technology for the production of etanol, and the country that has today the patent of a new fuel called HBIO, which is a mixture of vegetal oil, coming straight from petroleum and refined in the refinery.

Dear Presidents, here in Brazil I have been saying that sooner than expected we will no longer be prospecting petroleum at a depth of four thousand meters. I have being saying that in a few years we will be planting petroleum and this program of renewable fuel can become the pillar for the African Continent in the XXI Century. We grow castor-oil plant, sunflower, African palm, cotton, soya. From all these products we can extract the fuel we need in order not to remain dependent on petrol at a price that poor countries can not afford to pay. They are forced to pay the price that producers think it is worth.

At the same time we must firmly believe that it is only through heavy investment in education that the African Continent, parts of Brazil and other American countries will make the quality leap they expected to. Here, in Brazil, Monsieur President Wade, I have been saying that every cent we do not invest in education will be spent in medicine and in prisons. That is what without education, employment and opportunities poor people will become

victims of. We need peace and democracy, and democracy is not a half-value; it is definitely what guarantees that the Third World countries will achieve their development without being taken by surprise by coups d'état and by government overthrows as so often has been happening in our countries.

I want to end by telling you that when we are discussing concepts, we may have many differences, and it is important that the discrepancies last, but at the same time we need discuss practical things that can improve the lives of the peoples of every African country, of Brazil, of Latin America, of poor countries in general. We must not fear the arguments; we must not fear to dare. Everyday we must define how we are to strengthen our relations; how poor countries can help the poorer ones, and how richer countries can help the poor ones. Let us not count on sensibleness. We must have political action and projects, because the rich countries like to do you a little favor and then proclaim to the world that they are aiding.

We need consistent policies, and these policies should not come from top to bottom. They should come from the African Continent itself, in order for the rest of the world to know which projects interest each country and the African people. If we do not do this, we are making a historical mistake which may cause us trouble, as was the case of slavery. We can no more spend forty, fifty years in the backwardness we have been submitted to.

It is necessary, then, that we have the courage to dare, to fight in the multilateral fora and take action in order to, hopefully, improve them. November 30 is nearing, when the African Continent-South American Continent Meeting will be held in Nigeria.

I is possible that the Presidents have never met; it is possible too that many of you have never been to South-American countries, and that many a South-American President has never been to any African Country, but, no doubt, all of us have been to Europe more than once, and to the United States, too, We need, therefore, mutual help, we need to create the solidarity policy among ourselves.

Since I was a child, and it must be true here in Bahia, too, I have been told that at any time of night or day, if we call for a poor's house, there will always be something he will offer us. If we call on somebody better off, there will be nothing left, should dinner have be gone. We hear poor women in the suburbs say: "where one person eats ten people can eat too; where one person sleeps, ten people can sleep too". Thus, instead of keeping waiting for the other to come and helps us, we need to know what kind of help we, ourselves,

can offer each other in order for us to get stronger and to be able to demand more from others.

We are entitled to do whatever we want to, but we do not have the right to go on dodging the serious problems that affect the poor countries.

Thank you for your presence. Thank you all, and have a good meeting.

Master of ceremonies: This First Plenary Session of the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora has ended. Thank you all and have a good afternoon.

13. Closing Session

Gilberto Gil – Minister of State for Culture: in a few minutes we will resume activities for the Closing Session of the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. First of all, I would like to ask everybody to take his seat; next I will call upon Frene Ginwala to address the audience.

Before the main part of the Closing Session, we will have a little ceremony to celebrate the realization of this Conference, through the launching of a commemorative stamp prepared by our Pos Office. Where are our representatives? The representatives of the Post Office, please.

Master of Ceremonies: we will now begin the ceremony to launch the commemorative stamp of the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. Monsieur Cláudio Moras Garcia, Regional Director of the Post Office in Bahia, please come forward, near the Table.

Gilberto Gil – Minister of State for Culture: you may go on with the ceremony, please.

The Representative of the Brazilian Post Office: The Ministry of Communications and the Brazilian Post Office, through its Regional Administration in Bahia, are launching,, on this occasion, a commemorative stamp to celebrate the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. To make effective the launching, the commemorative stamp will be printed on the postal signet with the inscription *Samba de Roda do*

Recôncavo Baiano (round-a-circle samba from the *environs* of Salvador), which shows the effigy of a Bahian ballerina in the middle of the circle.

Wearing typical dressing, necklaces and neck cloth, it shows the gracious style of this kind of samba, genuinely Brazilian, declared by UNESCO a master-piece of the oral and immaterial patrimony of mankind.

The pieces, stamped and signed by the authorities invited to this act, will be part of the Post Office's stamp collection, and will serve as a research source and a register of such an important event in the historical and socio-cultural context.

The stamp and the signet are at your disposal at the Post Office's office on this same floor of the Conventions Centre.

Mesdames and Messieurs, we are going to listen to the message from Monsieur Abdelaziz Bouteflika, President of the Democratic and Popular Republic of Algeria, which will be read by Monsieur Abdel Kader, Special Representative of the President.

Abdel Kader, Special Representative of the President of the Democratic and Popular Republic of Algeria: Your Excellencies, Dear friends, Mesdames and Messieurs, the Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora has been devoted to the role of the Diaspora in the African Renaissance. Like all peoples in Africa, the Algerian people knew, at a higher degree, European brutality, cruelty, and, literally, inhumanity, in the strict sense of our civilization, as the great poet of the African Diaspora in the Caribbean, Emi Cezer, rightly referred to it. He knew, in extreme conditions of precariousness, how to find the energy to resist this genocide of identities, and get hold of pieces of knowledge and new forms of socio-political organization found in the core of the European power. With this common background, each nation in Africa had its beginning in different rhythms and ways. The formidable offensive against the colonial domination by Europe made the act of the African Renaissance, Africa's irreversible return to world civilization flow with blood, tears and songs.

Algeria was in the front of that continental war for the liberation and re-civilization of Africa by declaring, on November 1st 1964, its national liberation war. The Algerian people accelerated the reflow of the French colonialism. To the price of suffering, destruction and death, Algeria put itself at the disposal of the African liberation movement to strengthen the war for the liberation of Africa, and opened its schools and universities to thousands of students,

pioneers of the cultural and scientific renaissance of Africa, also in unfavorable conditions, after centuries of oppression and cruelty.

While writing these lines, there came to my mind the words, the images and the sounds of happiness that was the 1970 Pan-African Festival. Please try not to see in these recollections signs of nostalgia; on the contrary, it is a legitimate joy that tries to anticipate the future. Thus, the insertion into reality demands from us enormous efforts, and a creative genius to link an ample movement of re-civilization of Africa to whatever really useful its sons and daughters have done, are doing and will do, wherever they are.

Today, the entire scientific community admits, unanimously, that the *Homo Sapiens* originated in Africa, and that he left this Continent and travelled throughout the Planet. It now looks obvious that Africa has actively contributed to the existence of two great moments of mankind: the Pharaonic and the Muslim civilizations. It is obvious that Africa is not constituted only by hundreds of millions of men and women who live on the Continent, but also of tens of millions of women and men that, since the XVI Century, have been transformed into slaves throughout Europe and the Americas. This Diaspora, consequence of the many centuries old sedimentation of human flows, derived from the trade of slaves, European wars and migration of manpower, has become an extraordinary opportunity for rational and intelligent insertion of Africa into the third globalization era, the new space in the world, where, for better or worse, mankind is being called to pursue his adventure on the planet Earth, in a more than ever united and contrasting way.

I sincerely thank my friend President Lula da Silva, for having hosted this Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. Brazil is the country that has beetter endured the trauma created by the first era of globalization, and that has better ensured the African dimension in a creative way. The countries where the intellectuals from Africa and the Diaspora globalize Africanism are the most suitable to study and begin to put into practice the complex synergies to which the African continent should go back and participate fully as an autonomous historical subject of the new worldly space, away from the traps of victimization and of resentment. Nothing, neither the atrocious sufferings of the past, nor the humiliations and frustrations of the present should let us forget our central act, our focal point.

African Diaspora in the Americas and in Europe is a formidable storage battery of positive energy for Africa. It is an intermediary link of great quality between what has usually been called the West and the African Continent.

Let me mention, once again, my country's experience in the war against French colonialism. Our nation's victory would have been less exemplar, less speedy concerning the French people, should the Algerian Diaspora in France have not been organized in many ways in the National Liberation Forum, which, at the same time that was fighting, was providing the synergies with resources to maintain Algeria fighting. What Algeria did in a small scale, in a precarious way, during the war, can be done by a globalized Africa, by the African Diaspora, by Africa as a whole in a larger scale with peace and with the international cooperation. It has already begun by keeping an agreement that in its fundamental view is coupled with a collective project and with initiatives to maximize the flows of international aid, and that is a fantastic process of economic, technical and scientific reconstruction of Africa, in an autonomous and innovative way, in the third era of globalization.

The great hope that this agreement constitutes for Africa and for the world inserts us into the reality that reaches neurons, muscles and hearts of millions of women and men in the African Diaspora. The agreement is, perhaps, the vector of the African Renaissance, and this it will be if its main objective is well elaborated and disseminated among the peoples by African intellectuals.

By way of conclusion, let me talk about the exemplar journey of a great intellectual of the African Diaspora, François Vanon, of Martinica. He is an Afro-descendent who became a psychiatrist and an essayist in France, and who put at the disposal of the liberation of Algeria and of the African Renaissance his experience as a therapist, his intelligence and his talent as a journalist, a writer and a diplomat, besides his visionary genius. It is this kind of intellectuals we need, to ensure the Renaissance and for us to live according to our own rhythm and harmony with the world. Thank you.

Moderator Frene Ginwala – Co-President of the II CIAD): Thank you. We thank very much the message that President Abdelaziz Bouteflika has sent us and the support he has offered us. Please, on our behalf, transmit to President Bouteflika our sincere thanks for the message he has sent us.

Along the past few days we have seen on our television sets images of what is happening now in Israel, in Palestine and in Lebanon, and I am proud of the fact that some women in Israel and in Palestine have got together demanding action from the international community. There are female leaders who work with UNIFEM and others who work to bring peace to their regions. I would like to submit this short message to your appreciation, for it is a call for peace by people who are suffering at this very moment:

> As Jews, Palestinians and women leaders, and international activists, the women members of the International Commission for Women devoted to the objective of ending occupation and achieving a just and sustainable peace between Palestinians and Jews based on the solution of two States committed to respect to international laws, human rights and equality, we are terrified by the growing use of force and violence that threatens to destroy all possibility for us to build a human future for ourselves and for our children. We plea the Government of Israel to immediately stop his war against the civil population of Gaza. We demand the end of the unacceptable and irresponsible policies of collective deprivation and punihsment, destruction of petrol stations and of the infrastructure that has barred the access to water and electricityto two thirds of the population, making worse a situation already deteriorated by the longstanding siege imposed on us.
>
> The humanitarian crisis is now reaching unprecedented proportions. We beg the international community to exert its responsibility to ensure human security, human rights and the fundamental rights to life in an environment of peace and security, free from occupation, oppression and violent use of force, as proclaimed in international laws and in the human rights convention. History has demonstrated that such conflicts are not solved through military means, and we demand the immediate return to negotiations.

Dear friends, these words reach us coming from Jewish and Palestinian women, a group representing 41 women who sent us this appeal on Sunday, and are asking for our support.

I thank you very much, and we are going to attach this message to the report, including the names of all the women. I will immediately send them our return message.

Now I would like to resume the Declaration. We have received a large number of proposals, and we have not had the time to analyze them all, because they are a large, very large number. I really apologize for not having been able to scrutinize every proposal, but they will all be taken into account and be distributed to all participants after the meeting.

Gilberto Gil – Minister of State for Culture: I would like to invite the Ghanaian Commissary to read the appreciation message on behalf of President Konare.

The Representative of Alpha Oumar Konare - President of the African Union Commission: it is a pleasure for me to read this message of thanks from the President of the African Union Commission, His Excellency Monsieur Alpha Oumar Konare, and from all the participants in Second Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora. We deeply thank the Brazilian Government, the Co-Organizer of the Conference for the warm hospitality, for the excellent installations offered along this historical Conference and for the enormous amount of resources at our disposal that ensured the success of the Conference. Our especial thanks and gratitude to His Excellency Luiz Inácio Lula da Silva, President of Brazil, for his personal attendance to and active participation in the Conference. His unceasing encouragement and support were crucial for us to achieve success. We would like to thank the Minister for Culture, Monsieur Gilberto Gil, Co-President of the Conference, Monsieur Ambassador Soares, Marcelo Dantas and other members of the Organizing Committee for the cooperation with the Organizing Committee of the African Union Commission. We thank also the Governor of Bahia, the Mayor of Salvador, the authorities and local officers, including security personnel, the interpreters and other support officers, all of whom worked bravely to make sure our stay here would be undisturbed, well guarded and productive.

Finally, we are confident that the proceedings of this Conference, as reported in the Declarations of Salvador, represent the aspiration and the hope of millions of black people in Africa and in the Diaspora, being at the same time a fertile testimony of our common efforts and commitments. This is message of thanks from the President of the Commission and from the participants in this Conference.

Gilberto Gil – Minister of State for Culture: for her final messages to the Plenary, our beloved Minister Matilde.

Matilde Ribeiro – Special Secretary for Policies for the Promotion of Racial Equality: good evening to everybody, good evening to the members of this final Table, of this Conference that has been a stage, a space for the political debate with depth, where we are the protagonists in setting up policies towards valuing our presence as Africans and as Afro-descendents that have contributed to concerted social relations, political relations and cultural relations in our countries, and, by doing so, to dialogue with the world.

Here in Brazil, at the present time, in my capacity as Minister of the Special Secretary for Policies for Promoting Racial Equality, and as a

contributor to the this organizing process, from the preparatory phase to its execution, what I have to say is that I have learnt much along this week of hard work. I arrived here with my team on July 8 for the preparatory activities, dialoguing with the Brazilian civil society, and with Government sectors, the local ones, here in the State of Bahia, and the ones of the Brazilian Government as whole, and the ones of private and public institutions, taking into account that beside the space of this Plenary, which is the space for negotiation, according to the official program of the Conference, the city was busy with various events of a cultural, political and living order, too.

Talking about this apprenticeship: the Table in which I participated yesterday was making an appraisal of the results obtained by the countries, from the point of view of governments since the Third World Conference Against Racism, Discrimination, Xenophobia and Related Intolerances – Durban Conference - .I consider that that Debate was beneficial and led us to conclude that although the Durham Conference was a little bit complex and full of political disruptions, a commitment was reached by the countries gathered there to abide by the Declaration and the Conference's plan for action. I must tell you that here in Brazil and the America's region we have progressed considerably.

We have this Secretary, SEPPIR, which was devised by President Luiz Inácio Lula da Silva soon after his takeover, having as one of its basic inspiration the Declaration of the Durban Conference, together with the International Convention Against All Forms of Discrimination. Recently, in a General Assembly of the Organization of the American States, a Project for the Inter-American Declaration Against All Forms of Discrimination was approved, and is about to be ratified by those States. Also, we have had as a reference our own Constitution, which decrees that we are all equal, irrespective of sex, race, age or any other element that may differentiate us, but that the difference should not be transformed into inequalities. It is with this determination that we are here to exchange experiences. Now the Conference is coming to an end, but our political agenda continues. It is with this determination that the Brazilian Government and the Coordination of SEPPIR will welcome, in ten days time, another international conference, the Regional Conference of the Americas, having as thematic strategy The Balance and the Challenges for the Implementation of Policies Against Discrimination, Racism and Xenophobia, the Durban Agenda.

We are endeavoring to have as structural participants the 34 countries that constitute the structure of the Organization of the American States, plus Cuba, in view of the appraisal we have made of its strategic position in the Americas' region, including the Caribbean. This Conference is due to be held in July 26-28, and we expect to welcome here for a dialogue four-hundred representatives of Governments and of civil society, on account of the need to monitor actions taken in the region. And it came to our knowledge that sixteen other countries in the region have adhered to the Durban Declaration and have created agencies to deal with the agenda to promote racial equality.

This is a significant advancement in this region. This Conference will, therefore, be an opportunity for exchanges. There will not be decisions in the sense of multilateral orchestration, because this is UNO's role, and the Conference is not being called by UNO, but it counts on the support of the High Commission for Human Rights. Thus, it will be a Conference for thinking about and contributing to the process, here in the Americas, and also in the world, making a liaison to this Conference we are in, the Conference of the intellectuals from Africa and the Diaspora.

I conclude by telling you that my task in this process was that of making the liaison between both conferences. In this context, governments and civil society will enter a new phase of debates. And the Conference that is coming to and end today has contributed a great deal to this new challenge that will be the Regional Conference of the Americas.

I can only be grateful for having had the opportunity of being here now, and I reaffirm the emotion I was taken by at the opening of this Conference, when, by choice of Presidd Luiz Inácio Lula da Silva, I had the historical opportunity of making an homage to Abdias do Nascimento, our leader, our reference concerning our battles. May Abdias' energy continue with us, here and now, on the way back to our countries.

Many thanks to the visitors who have come from all over the world. I beg you to envisage this Secretary as a space for political articulation that has as its basis – as the Brazilian Government and President Lula have said – the view that democracy does not blend well with racism. Therefore, we are working together, and this apprenticeship will, no doubt, serve to strengthen our work at the national level. Than you very much.

Gilberto Gil – Minister of State for Culture: now I call upon the Co-President of the II CIAD, Madame Ex-President of the South African Parliament, Frene Ginwala, for her final speech.

Frene Ginwala - Co-President of the II CIAD and Ex-President of the South African Parliament: Thank you, on my behalf and, I believe, on that of everybody – Brazilians and foreigners. I would like to thank President Lula and the Brazilian Government for the enormous contribution by hosting this Conference and organizing it; to the officers and other people who have made sure our work would flow smoothly. We owe an especial gratitude to the people of Salvador, for the lovingness with which they welcomed us and made Brazil our home for the past three days.

I do not know whether you agree or not, but I do not want to leave. It is always sad to say goodbye to someone we love. We leave full of pride on account of our results, and bringing with us the stimulus to take to our countries, our universities, our institutions, the discussions and the plethora of ideas and of dialogues, and to admire how the intellectuals can get down their pedestals and get out of their isolation on top of their ivory towers and cloisters. By engaging ourselves in knowledge production and betterment, we also need to engage ourselves in the process of ensuring that this knowledge is left at the disposal of society, in order for it to be used as a way of improving the life quality of the African people, of the people of the Diaspora, and of the poor people everywhere. Also, we should make sure that Governments create wider spaces for the engagement of the intellectuals in the development and amelioration of living conditions for the people of Africa and the Diaspora.

Dear friends, there is much in the past we share. The challenge know is to share our knowledge, our experiences, our capabilities. There is no different future for the Africans and for the people of the Diaspora. Therefore, on leaving, let us assume the commitment to work together to build up a common future for the poor and the marginalized peoples the world over.

I am very much being taken by emotion seeing this youths singing their songs from various African countries. I would like to leave a bit more of this spirit [she speaks in African dialect]. Come back, Africa!

Gilberto Gil – Minister for Culture: my dear fellow-countrymen, my brothers, my friends of all origins on this Planet, by coincidence, this same date, last year, we were with President Lula, who, on behalf of the Brazilian people, was being paid an homage by the French Government and the French people on their National Day, the July 14th (*14 Juillet*), a date of great significance, a more than symbolic date not only for all the French speaking peoples, but for the peoples of the entire world, in the sense of the advent of

the republican dimension which today leads to and establishes important horizons for the movements of the worldly society.

Today is again July 14th. One year later and we are here in another dimension, remaking and reprocessing our demand for more democratic times, for more republican times, in the name of that Revolution, the French one, which has inspired us up to now. As an answer to the question made earlier today by our friend the composer and singer Leci Brandão, we dare say that the II CIAD could only be held here in Salvador because our country keeps going forward in its process of changes of which our presence here today is a demonstration. What we notice today in Brazil is a historical effort, never seen before, to search the social insertion of people who have always been left on the margins of the decision processes and of the benefits coming from development. This effort, more than the overcoming of a centenarian inequality, constitutes a true rescue of our debt towards those without whom Brazil would never had risen as a nation, as a cultural power, as a proposal of civilization. This blacker, browner, more multicolored, more tropical, more creative than ever Brazil that we all love will only achieve all its civilizing potential as long as we conquer internally our democracy, where there will be no more major shareholders and a majority of excluded people, but where everybody will has access to school, culture, work, self-realization and leisure.

We brought the II CIAD to Brazil precisely to mark this moment of changes in the Country, where we are attributing our roots a new value and are trying to recreate our standard of development. We are in an ample and enriching dialogue with our friends from Africa and from the Diaspora. It necessary that the countries of the South get together, share their experiences and, as the President Lula said, face together the challenge of making the XXI Century our century. Africa deserves being seen, as the II CIAD has shown, what it is: a vibrating Continent, a repository of ancestral wisdom, of young talents, of qualified scientists, artists, historians, writers, economist, doctors and first rate thinkers.

We are in a dialogue with Africa to be able to learn from it. We are in a dialogue with Africa because we want to be better Brazilians. We would like to thank the intellectuals, the students, the artists, the representatives of social movements for the enthusiasm with which they have participated in this Conference. Also, I would like to express our gratitude to all our partners who made possible the realization of this Event, which a few months ago was a dream. Our thanks to the African Union, co-organizer of the II CIAD; to

the International Organization of the French speaking Peoples, that has supported our cultural activities and brought a conspicuous Delegation to Salvador; to UNESCO that, once again, has been side by side with Brazil defending our culture, our diversity, our identities. Our thanks to the Federal University of Bahia and to UNEB, that have hosted important debates and put their teams at the disposal of the II CIAD. Our thanks to the Government of the State and to the Prefecture of Salvador which, once again, have helped us show the world Bahia's cultural riches and hospitality. Our thanks to the African Capacity Building Foundation, ACBF, to the Government of Canada, to the Government of Danemark. Finally, our thanks, more thanks, our congratulations to the Ministry of External Relations and to SEPPIR, led by our beloved Matilde; to Palmares Foundation, too. We thank all of us for the harmony and the competence with which we have managed, together, to organize it and bring it to a deserved success.

Let the III CIAD come, and may the relations between Africa and the Diaspora be more and more strengthened, and this dialogue be more and more close and deep, and the benefits in the fields of culture, politics, economy and material and immaterial patrimony more and more numerous.

I thank the people of Bahia and all those who have helped us direct the activities; thanks to Frene Ginwala for this Co-Presidency, with all the difficulties but also with much enjoyment and all the benefits we know a Conference like this one will bring us all. Thank you. I will see you on occasion of the next Conference.

Master of Ceremonies: Mesdames and Messieurs, I declare this Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora closed after the words of Monsieur Gilberto Gil, Minister for Culture. Have a good night, all of you.

IIème Conférence des Intellectuels d'Afrique et de la Diaspora - CIAD II

(Salvador de Bahia - Brésil - 12 au 14 juillet 2006)

"La Diaspora et la Renaissance Africaine"

Rapport Final

Sommaire

1. Programme de la IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora, 401
2. Composition des tables rondes et groupes thématiques, 403
3. Rapport du Groupe de coordination, 419
4. Déclaration de Salvador, 427
5. Les 70 points de Salvador – une plateforme d'action, 431
6. Compte Rendu des débats des tables rondes, 439
    6.1. Table 1 - " la Diaspora et la Renaissance africaine : contributions passées et projet actuel ", 439
    6.2. Table 2 - "Egalité des sexes en Afrique et dans la Diaspora", 443
    6.3. Table 3 - "La Necessite d'un Pacte Politique en Faveur de la Paix, de la Democratie et du developpement entre l'afrique et la Diaspora", 447
7. Compte Rendu des Debats par Groupes Thematiques, 455
    7.1. GT 1 - "Les humanités comme "ponts de dialogue" entre l'Afrique et la Diaspora", 455
    7.2. GT 2 - "Repenser la place de l'Histoire et des langues africaines dans les systèmes d'enseignement en Afrique et dans la Diaspora", 458
    7.3. GT 3 - "Nouvelles Tendances de l'Historiographie en Afrique et dans la Diaspora", 463
    7.4. GT 4 - "Religion et héritage culturel", 466

7.5. GT 5 – "Connaissance mutuelle entre l'Afrique et la Diaspora : identité et coopération", 470
7.6. GT 6 - "Action affirmative et discrimination positive : politiques publiques et rôle des mouvements sociaux", 475
7.7. GT 7 - "Perspectives de la jeunesse en Afrique et dans la Diaspora", 478
7.8. GT 8 - "Economie et société en Afrique et dans la Diaspora : défis actuels", 482
7.9. GT 9 - "Perspective et défis de la coopération entre l'Afrique et la Diaspora dans le domaine de la santé", 501
7.10. GT 10 - "La renaissance scientifique et technologique de l'Afrique et la contribution de la Diaspora " , 505
7.11. GT 11 - "La lutte contre la pauvreté et le combat contre le racisme, la xénophobie et autres formes de discrimination", 508
7.12. GT 12 - "L'apport de l'Afrique dans la civilisation", 512
8. Comité organisateur de la IIème CIAD, 515
9. Groupe de travail interministeriel, 517
10. Comité international et scientifique, 519
11. Séance d'ouverture, 525
12. Table ronde présidentielle, 547
13. Séance de clôture, 589

1. Programme de la IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora

- **12 juillet – Sessions plénières.**

Lieu: Centre de Conventions de Salvador.

Matin
(i) Session d'ouverture
(ii) Table ronde présidentielle - "La Diaspora et la Renaissance africaine: contributions passées et projet actuel"

Après-midi
(iii) Table ronde – "Genre et équité en Afrique et au sein de la Diaspora"

- **13 juillet – Débats en 12 groupes thématiques.**

Lieux: Centre de Conventions de Salvador; UFBA e UNEB.

- **14 juillet – Sessions plénières.**

Lieu: Centro de Convenções de Salvador.

Matin
(i) Présentation des conclusions et débats
(ii) Table ronde – "Nécessité, entre l'Afrique et la Diaspora, d'un pacte politique pour la paix, la démocratie et le développement"

Après-midi
(iii) Débats et délibérations sur la "Déclaration de Salvador"
(iv) Session de clôture

2. Composition des tables rondes et groupes thématiques

I – Tables rondes

1ère Table ronde
"La Diaspora et la Renaissance africaine : contributions passées et projet actuel"

Modérateur:
Iba der Thiam – Vice-président de l'Assemblée Nationale du Sénégal

Rapporteurs:
Ubiratan Castro de Araújo – Président de Fondation culturelle Palmares (Brésil)
Margaret Vogt – Département des affaires politiques aux Nations Unies (Nigéria)

Intervenants:
1 – Président du Botswana – S. E. Festus Mogae
2 – Président du Cap Vert – S. E. Pedro Pires
3 – Président de la Guinée Equatoriale – S. E. Obiang Nguema Obasanjo
4 – Président du Ghana - S. E. John Kufuor
5 – Président du Sénégal – S. E. Abdoulaye Wade

6 – Première Ministre de la Jamaïque – S. E. Portia Simpson Miller
7 – Vice- Président de la Tanzanie – S. E. Ali Mohammed Shein
8 – Président de la Commisssion de l'Union africaine – S. E. Alpha Oumar Konaré
9 – Stevie Wonder – chanteur et compositeur
10 – Président du Brésil – S. E. Luiz Inácio Lula da Silva

2ª Table ronde
"Genre et équité en Afrique et dans la Diaspora "

Modérateur:
Laure Olga Gondjout – Ministre déléguée des affaires étrangères (Gabon)

Rapporteuse:
Fatimata Tambadou – Banque centrale d'Afrique occidentale (Mali)

Intervenants:
1 – Epsy Campbell – économiste et congressiste (Costa Rica)
2 – Lydia Dual – sociologue et consultante auprès de l'UNESCO (Tchad)
3 - Madina ly Tall (Mali)
4 – Mère Stella de Oxóssi – Iyalorixá, Ilê Axé Opô Afonjá (Brésil)
5 – Maremá Touré Thiam – CODESRIA (Sénégal)
6 – Marie Angélique Savané – Comité des Personnalités éminentes du mécanisme de révision des pairs d'Afrique (Sénégal)
7 – Monique Ilboudo – Ministre de la promotion des droits de l'homme (Burkina Faso)
8 – Nilcéia Freire – Ministre du Secrétariat spécial de la politique pour les femmes (Brésil)
9 – Sueli Carneiro – Institut de la femme noire, Geledés (Brésil)
10 - Sylvia Servin (Martinique)
11 – Wania Sant´Anna – Chercheuse et activiste politique (Brésil)

3ème Table ronde
"Nécessité, entre l'afrique et la Diaspora , d'un pacte politique pour la paix, la démocratie et le développement"

Modérateur:

Christine Desouches – Déléguée pour la paix, la démocratie et les droits de l'homme. Organisation internationale de la francophonie (France)

Rapporteur:
Jacques d´Adesky – Université Cândido Mendes (Brésil)

Intervenants:
1 – Wangari Maathai – Lauréate du Prix Nobel de la paix (Kenya)
2 – Gilberto Gil – co-Président da IIème CIAD et Ministre de la culture du Brésil
3 – Frene Ginwala – co-Présidente de la IIème CIAD et ex-Présidente de la Chambre des députés d'Afrique du Sud
4 – S. E. António Mascarenhas Monteiro – ex-Président du Cap Vert
5 – André Azoulay – Conseiller royal (Maroc)
6 – Conceptia Ouinsou – Présidente de la Cour Suprême (Bénin)
7 – Daniel Elie – Ministre de la culture (Haïti)
8 – Djovi Gally – ex-Ministre des Droits de l'homme et Présidente de l'Observatoire panafricain pour la démocratie (Togo)
9 – Edna Maria Santos Roland – Groupe indépendant d'experts éminents désignés pour suivre la mise en place de la Déclaration de Durban et le Programme d'action (Brésil)
10 – Kola Abimbola – Professeur de droit, Université de Leicester (Nigéria)
11 – Marcelino dos Santos – Membre du Conseil d'Etat (Mozambique)
12 – Patrick Mazimhaka – Vice-Président de la Commission de l'Union africaine
13 – Robert Dossou – ex-Ministre des affaires étrangères et de la coopération (Bénin)
14 – Noureini Tidjani-Serpos – Directeur-Général Adjoint à l'UNESCO pour l'Afrique (Bénin)

II – Groupes thématiques

1 - *"Les humanités comme pont de dialogue entre l'Afrique et la Diaspora".*

Modérateur:
Domício Proença Filho – Académie brésilienne de lettres (Brésil)

Rapporteur:
Isidore Ndaywell – historien, Directeur honoraire de l'organisation internationale de la francophonie (République démocratique du Congo)

Groupe A: "Littérature, arts et Renaissance africaine"
1 – Alioune Badara Beye – poète et romancier (Sénégal)
2 – Conceição Evaristo – écrivain (Brésil)
3 – Fabiola Ecot-Ayissi – Université de Paris VIII (France)
4 – Hamidou Dia – écrivain et philosophe (Sénégal)
5 – Joseph Diescho – romancier (Namibie)
6 – Kofi Anyidoho – Université de Legon, Acra (Ghana)
7 – R. F. Bestman – Université de l'Ilê Ifé (Nigéria)

Bloc B: "Philosophie et sciences humaines dans la construction de l'identité en Afrique et dans la Diaspora "
1 – Akere Muna – Coalition des chapitres africains et transparence internationale (Cameroun)
2 – Ebenezer A. Omoteso – Université de l'Ilê Ifé (Nigéria)
3 – Jaka Jambo – philosophe, Ambassadeur d'Angola auprès de l'UNESCO (Angola)
4 – Paulin Houtondji – philosophe, Université du Bénin (Bénin)
5 – Tunde Fatunde – dramaturge, Université fédérale de Lagos (Nigéria)
6 – Ubiratan Castro de Araújo – Président de la Fondation culturelle Palmares (Brésil)

2 - "Repenser la place de l'histoire et des langues africaines dans les systèmes d'enseignement en Afrique et dans la Diaspora "

Modérateur:
Rosa Cruz e Silva – Directrice des Archives nationales (Angola)

Rapporteur:
Amauri Mendes Pereira – Université Cândido Mendes (Brésil)

Bloc A: "Histoire et mémoire de l'Afrique et des africains dans la Diaspora : son nouveau rôle dans l'éducation".
1 – Adame Ba Konaré – historienne (Mali)

2 – Becky Ndjoze-Ojo – Représentante du Ministère de l'éducation (Namibie)
3 – F. A. Soyoye – Université de l'Ilê Ifé (Nigéria)
4 – Folorunsho Adeyinka Olanrewaju – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
5 – Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva – Université fédérale de São Carlos (Brésil)
6 – Teresinha Bernardo – Programme d'études de doctorat en sciences sociales de l'Université pontificale catholique de São Paulo (Brésil)

Bloc B: "Les langues africaines dans les systèmes d'enseignement en Afrique et dans la Diaspora "
1 – Adama Samassekou – Président de l'Institut africain des langues (Mali)
2 – Eric Aseka – Université Kenyatta (Kenya)
3 – Germando Almeida – écrivain (Cap-Vert)
4 – Jolly Mazinhaka – Institut des Sciences et Technologies, Commission de l'Union africaine (Rwanda)
5 – Olajide Timothy-Asobele – Université de Lagos (Nigéria)
6 – Takiyawa Manuh – Directeur, Centre d'études africaines, Université de Legon (Ghana)
7 – Yeda Pessoa de Castro – Université fédérale de Bahia (Brésil)

*I*nvités Spéciaux:
1 – José Vicente – Recteur, Université Zumbi dos Palmares (Brésil)
2 – Mohamed Charfi – Ex-Ministre de l'éducation (Tunisie)
3 – Nei Lopes – compositeur, auteur de: "Enciclopédia da Diáspora", Encyclopédie de la Diaspora (Brésil)

3 - "Nouvelles tendances dans l'historiographie de l'Afrique et de la Diaspora "

Modérateur:
Ambassadeur Alberto da Costa e Silva – Académie brésilienne de lettres (Brésil)

Rapporteur:
Boubacar Barry – Université Cheikh Anta Diop (Sénégal)

Groupe A: "Des origines à 1850"

1 – Chales Akibode – historien (Cap Vert)
2 – Cornélio Caley – historien (Angola)
3 – Luiz Felipe de Alencastro – Université de Paris IV (Brésil)
4 – Paulino de Jesus Francisco Cardoso – Université fédérale de Santa Catarina (Brésil)
5 – Paulo Fernando de Moraes Farias – Université de Birmingham (Brésil)
6 – Paul Zeleza – Penn State University, EUA (Malawi)
7 – Roquinaldo A. Ferreira – Université de Virginia (Brésil)
Groupe B: "Afrique et Diaspora après 1850"
1 – Adeniji Abolade Olusegun – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
2 – Fatou Sarr – CODESRIA (Sénégal)
3 – Humphrey Lamur – Université d'Amsterdam (Surinam)
4 – Pierre Kipre – historien (Côte d'Ivoire)
5 – Sylvia Serbin – historienne (Martinique)
6 – Toyin Falola – Université de Texas, Austin (Nigéria)
7 – Valdemir Zamparoni – Université fédérale de Bahia (Brésil)

Invité Spécial:
1 – José Maria Nunes Pereira – Université Cândido Mendes (Brésil)

4 - "Religion et héritage culturel"

Modérateur:
Babatunde Lawal – Virginia Commonwealth University, Richmond (Nigéria)

Rapporteur:
Reginaldo Prandi – Université de São Paulo (Brésil)

Groupe A: "Orixás, vaudous et inquices : tradition, pluralisme et diversité"
1 – Júlio Santana Braga – Université fédérale de Bahia (Brésil)
2 – Mère Beata de Yemanjá (Beatriz Moreira Costa) – Iyalorixá (Brésil)
3 – Max de Beauvoir – Ati de la Fédération nationale des pratiquants de vaudous en Haïti
4 – Natalia Bolívar Aróstegui – ethnologue et écrivaine (Cuba)
5 – Pai Francelino de Shapanan – Toi Vodunoon (Brésil)
6 – Sangodare Gdadegesin Ajala – Sacerdote de Xangô (Nigéria)
7 – Wande Abimbola – Awise yorubá et babalaô (Nigéria)

Groupe B: "Religion, art et culture"
1 – Adedoyin Talabi Faniyi – Sacerdote de Oxum (Nigéria)
2 – Aderibigde L. Simon – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
3 – Carline Viergelin – Fédération nationale des pratiquants de vaudou de Haïti
4 – Ezra Chitando – Université du Zimbabwe (Zimbabwe)
5 – Félix Ayoh'Omidire – Université de Ilê Ifé (Nigéria)
6 – Juana Elbein dos Santos – Société d'études de la culture noire au Brésil
7 – Mohamed Charfi – ex-Ministre de l'éducation, éducation supérieure et recherche scientifique de la Tunisie

Invités spéciaux:
1 – Maître Didi (Deoscóderedes M. dos Santos) – artiste et Alapini (Brésil)
2 – Adigun Dazies Ajami – Babalorixá (Nigéria)
3 – Oduniyi Ifagbade – Babalaô (Nigéria)

5 – "Connaissance mutuelle entre l'Afrique et la Diaspora : identité et coopération"

Modérateur:
Ibrahima Fall – Représentante spéciale du Secrétaire général de l'ONU pour la région des grands lacs (Sénégal)

Rapporteur:
Nilma Lino Gomes – Présidente de l'Association brésilienne des chercheurs noirs (Brésil)

Bloc A: "Production et échange de connaissances"
1 – Adigun Ade Abiodun – Président du Comité des Nations unies pour l'utilisation pacifique de l'espace extérieur (Nigéria)
2 – Albert Bourgi – Université de Reims (Sénégal-France)
3 – Chentouf Tayeb – Université d'Oran (Algérie)
4 – Ebrima Sall – Conseil pour le développement de la recherche en sciences sociales en Afrique, CODESRIA (Sénégal)
5 – Gibril Faal – Président de la Fondation africaine pour le développement, AFFORD (Royaume Uni)
6 – Mohamed Bekouchi – Ambassadeur du Maroc au Brésil (Maroc)

7 – Wilson Mattos – Université d'état de Bahia (Brésil)

Bloc B: "Potentiel et limites de la coopération régionale et multilatérale"
1 – Amadi Aly Dieng – Université Cheikh Anta Diop (Sénégal)
2 – Fajoyomi Sylvestre Olubanji – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
3 – J. Michael Turner – Université de New York (EUA)
4 – José Flávio Sombra Saraiva – Université de Brasília (Brésil)
5 – Margaret Vogt – Département des Affaires politiques de l'ONU (Nigéria)
6 – Noureini Tidijani-Serpos – Directeur-général adjoint à l'UNESCO pour l'Afrique, (Bénin)
7 – Oumoul Khaïry Niang – sociologue (Sénégal)
8 – Vaughan Lewis – Université des Indes occidentales (St. Lucie / Trinité)

6 - "Action affirmative et discrimination positive : politiques publiques et rôle des mouvements sociaux"

Modérateur:
Theophile Obenga – Centre international d'études bantou (RD Congo)

Rapporteur:
Vivian Kuma-Choulla – Association africaine de sciences politiques (Cameroun)

Bloc A: "Les expériences des pays d'afrique et de la Diaspora "
1 – Adewale M. Aderemi – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
2 – Horace Campbell – Université de Syracuse, New York (Jamaïque)
3 – James Early – Smithsonian Institution (EUA)
4 – Jocélio Teles – Université fédérale de Bahia (Brésil)
5 – Kabengele Munanga – Université de São Paulo (RD Congo)
6 – Micha Gaillard – Responsable du Dialogue national (Haïti)
7 – Rudo Gaidzanwa – Université du Zimbabwe (Zimbabwe)
8 – Shadrack Billy Otwori Gutto – Directeur du Centre d'études de la Renaissance africaine, UNISA (Afrique du Sud)

Bloc B: "L' action politico-pédagogique de la conscience noire"
1 – Abebe Zegeye – Université d'Adis-Abeba (Ethiopie)
2 – Antônio Sérgio Guimarães – Université de São Paulo (Brésil)

3 – A. O. Adeniran – Université de Ilê Ifé (Nigéria)
4 – Christiane Yandé Diop – Directeur, Editions Présence africaine (Sénégal)
4 – Gustavo Makanaky – Fondation Assim Bonanga (Colombie)
5 – Jesus "Chucho" Garcia – Réseau Afro-vénézuélien (Venezuela)
6 – Luiza Bairros – Université catholique de Salvador (Brésil)

Invités spéciaux:
1 – Maria de Lourdes Siqueira – Directrice de la culture, Ilê Ayê (Brésil)

7 - "Perspectives pour la jeunesse en Afrique et dans la Diaspora"

Modérateur:
Júlio Tavares – Université fédérale Fluminense (Brésil)

Rapporteur:
Godwin Murunga – Kenyatta University (Kenya)

Bloc A: "Identité, education et inclusion sociale"
1 – Bagayogo Issaka – ISFRA, Université de Bamako (Mali)
2 – Bosco P. Kanani – Coordinateur du Programme HIV-AIDS, Caritas (Rwanda)
3 – Eliane Cavalleiro – Coordinatice –générale de la diversité et de l'inclusion éducative du Ministère de l'éducation (Brésil)
4 - Ibrahima Abdulla – Fourah Bay College, Freetown (Sierra Leone)
5 – Joe Jakes – Université de Westminster, Royaume Uni (Burundi)
6 – Nwaboku C. Nwabuno – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
7 – Vilma Reis – Université fédérale de Bahia, CEAFRO (Brésil)

Bloc B: "Le role des nouvelles expressions culturelles"
1 – Denise A. Campbell – Comité d'action nationale sur la condition féminine (Canada)
3 – Helder Malauene – Fondation pour le développement communautaire (Mozambique)
4 – João Jorge Rodrigues – Groupe culturel Olodum (Brésil)
5 – Michael Eric Dyson – Université de Pennsylvanie (EUA)
6 – Toni Garrido – chanteur, compositeur et acteur, (Brésil)

8 – "Economie et société en Afrique et dans la Diaspora : défis actuels"

Modérateur:
Joséphine Ouedraogo – Secrétaire exécutive en alternance de la Commission économique de l'ONU pour l 'Afrique (Burkina Faso)

Rapporteur:
Simon N'Guiamba – Consultant économique, Commission de l'Union africaine (Cameroun)

Bloc A: "Renaissance africaine et mondialisation".
1 – Elikia M'Bokolo – Ecole des hautes études en sciences sociales, Paris (RD Congo)
2 – François d'Adesky – UNIDO (Rwanda)
3 – Jacques d'Adesky – Université Cândido Mendes (Brésil)
4 – Mamadou Lamine Diallo – historien (Sénégal)
5 – M. Khalide Naciri – Directeur de l'Institut supérieur d'administration (Maroc)
6 – Philippe Lavodrama – Afrologie (République Centre Africaine)
7 – Robert Dossou – ex-Ministre des affaires étrangères (Bénin)
8 – Yves Ekoué Amaïzo – UNIDO (Togo/France)

Bloc B: " Repenser les stratégies de développement économique et social »
1 – Fernando Heitor – économiste (Angola)
2 – Jacqueline Ki-Zerbo – Partenariat homme/femme pour le développement africain (Burkina Faso)
3 – Jeannine B. Scott – Vice-Présidente Africare (EUA)
4 – Madina Ly-Tall – historienne, ex-ambassadrice du Mali en France (Mali)
5 – Marcelo Paixão – Université fédérale de Rio de Janeiro (Brésil)
6 – Mathieu Mounikou – écrivain (RD Congo)
7 – Omobitan Olunfunsho Abyomi – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
8 – Sílvio Humberto Passos – Institut Steve Biko (Brésil)

9 - "Perspectives et défis de la coopération entre l'Afrique et la Diaspora dans le domaine de la santé"

Modérateur:

Sheila Tlou – Ministre de la santé et Présidente de la Conférence de l'Union africaine des Ministres de la santé (Botswana)

Rapporteur:
Chinua Akukwe – Professeur adjoint associé des Départements de la santé globale, de la prévention de la santé communautaire (Nigéria)

Bloc A: "La lutte contre le sida, la malaria et autres épidémies "
1 – Adedokun Olaide – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
2 – Laura Segall Corrêa - Programme AIDS-DST, Ministère de la santé (Brésil)
3 – Marcelo Cerqueira – Président du Groupe gay de Bahia (Brésil)
4 – Teresa Cohen – Médecin, spécialiste en santé publique (Angola)
5 – Wenceslaus Kilama – The African Malaria Network Trust, AMANET (Tanzanie)

Bloc B: "Politiques de santé publique et de formation de professionnels"
1 – Fátima Oliveira – Université fédérale de Minas Gerais (Brésil)
2 – Genevesi Ogiogio – Fondation africaine de construction de capacités (Zimbabwe)
3 – Luis Bogado-Poisson – Organisation internationale de migrations (Argentine)
4 – Maria Inês Barbosa – Université fédérale de Mato Grosso do Sul, Sous-secrétariat de l'Action affirmative, SEPPIR (Brésil)
5 – Pascoal Manuel Mocumbi – Haut représentant du partenariat Europe / pays en développement pour les expériences cliniques (Mozambique)

Invité spécial:
1 – Bience Gawanas – Commissaire pour les Thèmes sociaux à l'Union africaine (Namibie)

10 – "La Renaissance scientifique et technologique de l'Afrique et contribution de la Diaspora".

Modérateur:
Henri Hogbe Nlend – ex-Ministre de la Recherche scientifique et technologique (Cameroun)

Rapporteur:
Bothale Octavia Tema – Directrice des Ressources humaines, sciences et technologie, Commission de l'Union africaine (Afrique du Sud)

Bloc A: "Échanges scientifiques et technologiques entre l'Afrique et la Diaspora "
1 – Amoo Bosede Oyeteju – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
2 – Bamidele Ogbe Solomon – Agence nationale pour le développement de la biotechnologie (Nigéria)
3 – Habiba Bouhamed Chaabouni – Université de Tunis (Tunisie)
4 – Jacob Palis – Secrétaire général, Académie des sciences du Tiers-monde (Brésil)
5 – Nagia Essayed – Commissaire, Ressources humaines, Sciences et Technologie, Commission de l'Union africaine
6 – Pedro Teta – Vice-Ministre des Sciences et Technologies (Angola)

Bloc B: "Société de l'information, média et nouveautés technologiques"
1 – Amadou Thior – réalisateur et scénariste (Sénégal)
2 – David Akossa Okongwu – Agence Nationale pour le Développement de la Biotechnologie (Nigéria)
3 – Eliane Borges – Association brésilienne des chercheurs noirs (Brésil)
4 – Maria Aparecida Moura – Université fédérale de Minas Gerais (Brésil)
5 – Yaye Gamassa Dia – Ministre des Sciences et Technologies (Sénégal)

11 – " La lutte contre la pauvreté et le combat contre le racisme, la xénophobie et autres formes de discrimination"

Modérateur:
Carlos Alberto Medeiros – Secrétaire des Droits de l'homme de Rio de Janeiro (Brésil)

Rapporteur:
Ayodele Aderinwale – Directeur exécutif du Forum du leadership africain (Nigéria)

Groupe A: "Lutte contre la pauvreté et objectifs du millénaire"

1 – Adebayo Olukoshi – Secrétaire-général du Conseil pour le développement de la recherche en sciences sociales en Afrique, CODESRIA (Nigéria)
2 – Alpha Condé – historien (Guinée)
3 – Kinfe Abraham – Président de l'Institut éthiopien international pour la paix et le développement (Ethiopie)
4 – Maxwell Mkwezalamba – Commissaire de l'UA pour les affaires économiques (Malawi)
5 – Mohamed Lamouri – Faculté de droit, économie et sciences sociales de Rabat (Maroc)
6 – Njunga Milikita – Département de sciences politiques, Université de Zambie
7 – Patrus Ananias – Ministre du Développement social et du Combat contre la faim (Brésil)

Groupe B: "Combat contre le racisme, la xénophobie et autres formes de discrimination : Durban+5"
1 – Alioune Tine – Secrétaire général de "Rencontre africaine des droits de l'homme » (Sénégal)
2 – Clare Roberts – Président de la Commisssion interaméricaine des droits de l'homme (Antigua et Barbuda)
3 – Doudou Diene – Rapporteur spécial de l'ONU sur les formes contemporaines de racisme (Sénégal)
4 – Elias Wahab – Université fédérale de Lagos (Nigéria)
5 – Fidelia Graand-Gallon – Maroon Women Network (Réseau des femmes marrons) (Surinam)
6 – Iba der Thiam – Vice-président de l'Assemblée nationale (Sénégal)
7 – Matilde Ribeiro – Ministre du Secrétariat spécial de la politique de la promotion de l'égalité des races au Brésil (Brésil)
8 – Mohamed Aujjar – Ex-Ministre des Droits de l'homme (Maroc)
9 – Nuhu Omeiza Yaqub – Vice-Chancelier, Université d'Abuja (Nigéria)

Invité spécial:
1 – John Shinkaye – Ambassadeur, Chef de cabinet du président de la Commission de l'Union africaine (Nigéria)

12 – "La contribution de l'Afrique à la Civilisation"

Modérateur:

Alioune Sall – sociologue et Coordinateur régional du programme : "Futurs africains" (Sénégal)

Rapporteur:
Eddy Maloka – Directeur de l'Institut africain d'Afrique du Sud (Afrique du Sud)

Groupe A: "Le leg des anciennes civilisations africaines"
1 – André Salifou – ex-Ministre des relations extérieures (Niger)
2 – Berhanou Abebe – Commission économique de l'ONU pour l'Afrique (Ethiopie)
3 – Cheikh Mbake Diop – historien (Sénégal)
4 – Dudley Thompson – historien et diplomate (Jamaïque)
5 – Elisa Larkin Nascimento – IPEAFRO (EUA/Brésil)
6 – Molefi K. Asante – Département d' Etudes africaines, Temple University (EUA)
7 – Oyeweso Siyan – Université fédérale de Lagos (Nigéria)

Groupe B: " Diaspora africaine et construction du monde moderne"
1 – Abdalla Bujra – sociologue, ex-Secrétaire exécutif de CODESRIA (Kenya)
2 – Annick Thebia – Organisation internationale de la francophonie (Guyane française)
3 – Carol Boyce-Davis – Université internationale de Floride (Trinité et Tobago)
4 – Cécile Eistrup – Consultante pour l'UA pour les questions de réparation (Jamaïque)
5 – Erieka Bennett – Directrice du Forum Diaspora africaine et Consultante présidentielle (Ghana)
6 – Massimango Kagabo – Collège de Mexico (RD Congo)
7 – Sheila S. Walker – Spelman College (EUA)

Invités spéciaux:
1 – Boaventura da Silva Cardoso – Ministre de la culture (Angola)
2 – Jake Obetsebi-Lamptey – Ministre du tourisme et de la Diaspora (Ghana)
3 – Mame Birame Diouf – Ministre de la culture (Sénégal)

III – Revue de Cinéma de l'Afrique et de la Diaspora

Table ronde
"Le cinéma vecteur de la construction des identités en Afrique et dans la Diaspora "

Modérateur:
Celso Luiz Prudente – anthropologue et cinéaste (Brésil)
Rapporteur:
Joel Zito Araújo – cinéaste (Brésil)
Intervenants:
1 – Abderrahmane Sissako – réalisateur, "En attendant le bonheur" (Mauritanie)
2 – Andrea Basilio – producteur, "Le héros" (Angola)
3 – Antônio Prado – producteur, "Le jour où le Brésil est arrivé" (Haïti)
4 – Idrissa Ouédraogo – réalisateur, "Samba troré" (Burkina Faso)
5 – Leandro Firmino – acteur, "Cafundó" (Brésil)
6 – Magda Gonji – producteur, "En attendant le bonheur" (Mauritanie)
7 – Rigoberto López – réalisateur, "Roble de olor" (Cuba)

3. Rapport du Groupe de Coordination

La IIème Conférence des Intellectuels d'Afrique et de la Diaspora - CIAD II - a eu lieu à Salvador de Bahia, du 12 au 14 juillet 2006, sur "La Diaspora et la Renaissance Africaine". Les débats, présidés par le Ministre Gilberto Gil et par la Députée Sud-Africaine Frene Ginwala, se sont déroulés dans le Centre de Convention de Salvador de Bahia, à l'Université Fédérale de Bahia (UFBA) et à l'Université de l'État de Bahia (UNEB). Une programmation culturelle, organisée avec la collaboration de la CIAD II, a donné lieu à des projections de films, des expositions d'art et de photographie, des spectacles musicaux et à des ateliers pour étudiants, dans différents endroits.

2. L'idée d'organiser une IIe édition de la CIAD dans un pays de la Diaspora vient du Président du Sénégal, Maître Abdoulaye Wade, qui avait été l'hôte de la 1ere CIAD à Dakar (6 au 9 octobre 2004). Le Président de la Commission de l'Union Africaine, Alpha Oumar Konaré, a pour sa part rendu officielle l'invitation adressée par lettre au Président Luiz Inácio Lula da Silva, le 15 juin 2005.

3. La rapide acceptation de cette invitation a illustré la volonté politique du Brésil d'intensifier ses relations politiques, économiques et culturelles avec le continent africain. Cela démontrait également l'intérêt exceptionnel qu'un tel événement pouvait constituer pour réaffirmer l'engagement du Gouvernement Fédéral à promouvoir l'égalité des races et valoriser la culture brésilienne d'origine africaine. De ce fait et dans le cadre d'un Décret

présidentiel, un Groupe de Travail Interministériel (GTI-CIAD) chargé d'organiser l'événement a été constitué le 28 novembre 2005. La coordination du Groupe de Travail a été assurée par le Ministère des Relations Extérieures.

4. Les préparatifs de la conférence ont donné lieu aux actions suivantes : (a) négociations avec la Commission de l'Union Africaine ; (b) contacts avec des intellectuels africains et de la Diaspora ; (c) contacts avec les gouvernements intéressés; (d) demandes de soutiens auprès d'organismes internationaux ; (e) constitution d'un Comité International et Scientifique ; (f) consultations exhaustives auprès d'organismes et d'intellectuels au niveau national sur la thématique africaine et afro-brésilienne.

5. Afin d'assurer la réalisation des événements prévus à Salvador de Bahia, le Ministère des Relations Extérieures et le Ministère de la Culture – par l'intermédiaire de la Fondation Culturelle Palmares – à veiller à la création de groupes de travail et à l'obtention des fonds nécessaires. Le Gouvernement de l'État de Bahia, la Préfecture de Salvador, l'Université Fédérale de Bahia (UFBA) et l'Université de l'État de Bahia (UNEB) ont également offert leur soutien. Le Ministère de la Défense a contribué de façon significative, en mettant à disposition un aéronef de la Force Aérienne Brésilienne afin d'assurer le transport des autorités et des intellectuels sur le trajet Adis-Abuja-Dakar-Salvador (aller et retour), ce qui a permis que 120 personnes supplémentaires puissent également participer à la CIAD II.

6. La Séance d'Ouverture de la CIAD II a eu lieu le 12 juillet au matin, à l'Auditorium Yemanja dans le Centre des Conventions de Salvador de Bahia, en présence du Président Luiz Inacio Lula da Silva. Étaient également présents, les Chefs d'État du Botswana, du Cap Vert, du Ghana, de la Guinée Équatoriale et du Sénégal, ainsi que la Premier-Ministre de la Jamaïque, le Vice-président de la Tanzanie et le Président de la Commission de l'Union Africaine. Des délégations ministérielles ont été dépêchées par les gouvernements de l'Angola, de l'Algérie, de l'Éthiopie et du Maroc. Les autres pays africains étaient représentés par leurs ambassadeurs à Brasilia.

7. Une fois la Séance terminée, un hommage a été rendu au Sénateur Abdias Nascimento, chef historique du mouvement noir brésilien. Puis, les hautes autorités présentes se sont consacrées lors du débat inaugural au thème de la Conférence "La Diaspora et la Renaissance Africaine". Cet événement a été honoré de la présence du chanteur et compositeur américain

Stevie Wonder. En soirée, le Gouverneur de l'État de Bahia, Paulo Souto, a offert aux participants de la CIAD II, une réception au Palais de l'Acclamation.

8. Au cours des trois jours de travaux, la CIAD II a donné lieu à 3 tables rondes de haut niveau, 25 débats par groupes thématiques et 3 séances plénières. Cet exercice a permis aux conférenciers d'aborder un grand nombre de thèmes ayant un rapport avec la renaissance africaine et la valorisation des populations de la Diaspora, en incluant l'éducation, la science et la technologie, la santé, l'économie, l'histoire, les sciences sociales, les Droits de l'Homme, la littérature, la philosophie, la religion, l'art, le cinéma, la coopération technique, les politiques sociales, la jeunesse et les nouvelles formes d'expression culturelle.

9. A la fin des travaux, la "Déclaration de Salvador" a été approuvée. Elle comprend des suggestions pour le développement de la coopération entre l'Afrique et la Diaspora et exhorte les gouvernements de ces pays à intensifier leur combat contre les inégalités et à soutenir les populations d'origine africaine. Parmi les propositions qui figurent dans le document, suivent ici celles qui ont été particulièrement acclamées par le public qui était présent :

(a) L'appui aux politiques d'action affirmative et l'adoption de quotas dans les universités pour les étudiants d'origine africaine ;

(b) La demande d'adoption de politiques spécifiques destinées à améliorer la condition de la femme ;

(c) L'implantation d'un Centre d'Études sur l'Afrique et la Diaspora.

10. D'autres suggestions et propositions d'actions présentées par les intellectuels, les autorités et les représentants de la société civile participant aux Tables Rondes de la CIAD II, ont été retenues par le Centre de Coordination dans le document intitulé "Les 60 Points de Salvador – une plate-forme d'action"

11. Grâce à l'assistance de la TV UFBA, ces trois journées de travail ont pu être enregistrées sur vidéo et retransmises sur internet. Nous espérons regrouper sur DVD les parties les plus intéressantes de l'événement.

12. Plus de 260 intervenants, en provenance de 53 pays, ont participé à la CIAD II. En plus de ces participants, plusieurs intellectuels, artistes et étudiants étrangers sont venus à Salvador de Bahia, dont la plupart n'était jamais venu au Brésil. On estime qu'environ 800 personnes ont assisté aux réunions et que les groupes thématiques ont réuni environ 2000 personnes.

13. En ce qui concerne les activités parallèles qui ont eu lieu du 11 au 15 juillet, plus de 30.000 personnes y ont participé. Ces activités, mises en œuvre par le Ministère des Relations Extérieures et la Fondation Culturelle Palmares, ont été les suivantes:

- Présentation du Cinéma Africain et de la Diaspora, suivie d'une Table Ronde sur "Le Cinéma comme vecteur de la Construction d'Identités en Afrique et dans la Diaspora", en présence de réalisateurs, d'acteurs et de producteurs de neuf pays différents – Salle Walter da Silveira ;
- Montage de la Salle du Cinéma Noir Brésilien, avec la projection de films et de documentaires – Praça da Sé ;
- Exposition "Abdias Nascimento, 90 ans – Mémoire Vivante" - Centre Culturel de la CEF ;
- Exposition "Agudas, les brésiliens du Bénin", de Milton Guran – Maison du Bénin ;
- Exposition "Italê Ogun" de Adenor Godim – Galerie Solar do Ferrão ;
- Exposition "Da Cabaça, le Brésil : Nature, culture et diversité", de Luiz Carlos Ferreira – SESC Bahia ;
- Exposition "Mulheres de Ébano", de Lucy Barbose – Musée Eugênio Teixeira ;
- Exposition "30 ans de Blocos Afro", de Alberto Pitta – Ancienne Faculté de Médecine ;
- Exposition "Racines", de Selvo Afonso – Maison de l'Angola
- Exposition "Negros : Passado e Presente", de Januario Garcia – Praça da Sé ;
- Présentation de la "Samba de Roda do Recôncavo", manifestation culturelle incluse dans la liste de l'UNESCO, comme Chef d'œuvre du Patrimoine immatériel de l'Humanité – Centre des Conventions, Place Tomé de Souza ;
- Représentation du Ballet National du Sénégal – Palais de l'Acclamation (qui s'est déroulée au cours de la réception de la CIAD II) ;
- Spectacles avec la participation d'artistes de renommée (Banda Malê Afro Beat, Sandra de Sa, Luis Melodia, Toni Garrido, Leci Brandão e Netinho, parmi d'autres) – Place Tomé de Souza ;
- Spectacles avec la participation d'artistes locaux et de maîtres de la culture populaire (Samba de Roda, Raízes de Angola, Quinteto de Choro, Grupo da Cidade de Sao Francisco do Conde, Crianças do Quilombo de Jatimane, Groupe Ganhadeiras de Itapuâ, parmi d'autres) – Place Tomé de Souza;

- Spectacle avec la participation d'artistes internationaux (Angélique Kidjo, Ilê Ayê et la participation exceptionnelle du Ministre Gilberto Gil) – Concha Acústica, Théâtre Castro Alves ;
- Visite des principaux centres de Candomblé de Bahia – Ilê Axé Opô Afonja (nago), Casa Branca do Engenho Velho (nago), Bogun (jéje) et Bate Folha (Angola) ;
- Edition d'ouvrages sur les Églises de Salvador et les Musées des UFBA (Art Sacré, Ethnologie et Afro-Brésilien) ;
- Foire du livre et de la littérature noire – Centre des Conventions ;
- Ateliers d'artisanat, "cartum", instruments à percussion et films numériques (pour 2.000 élèves de l'école publique) – Praça da Sé ;

14. Des activités culturelles parallèles ont été coordonnées et organisées par l'Ambassadeur Paulo Cesar Meira de Vasconcellos, Directeur du Service Culturel du Ministère des Relations Extérieures et par M. Zulu Araujo, Directeur de la Fondation Culturelle Palmares.

15. Par ailleurs, la Fondation Palmares, avec le soutien de la SEPPIR, a organisé les 15 et 16 juillet, à l'auditorium du rectorat de la UFBA et à l'auditorium Caetano Veloso de la UNEB, le Forum Social de la CIAD II, qui a réuni les représentants du mouvement noir et les intellectuels brésiliens et étrangers, afin qu'ils participent aux débats sur des questions telles que le problème pénitentiaire au Brésil, la situation de la femme et la nécessité de créer un lien plus étroit entre les communautés d'origine africaine, latino-américaines et Caribéennes.

16. La promotion de la CIAD II a été assurée par le Gouvernement brésilien en collaboration avec l'Union Africaine qui a été à l'instigatrice du dialogue entre les intellectuels et les leaders politiques d'Afrique et de la Diaspora. L'Organisation Internationale de la Francophonie, l'UNESCO et la CPLP ont également offert leur soutien.

17. Le Groupe de Travail Interministériel (GTI-CIAD) constitué par le Gouvernement Brésilien incluait les représentants des organismes suivant : MRE, MinC, SEPPIR, MEC, MC, MPOG et Casa Civil. Les principaux programmes de la Conférence ont été élaborés par le GTI-CIAD avec l'assistance d'un Conseil Technique et Scientifique formé en partie par des personnalités brésiliennes spécialistes en Etudes Africaines.

18. Afin de mettre en œuvre les décisions du GTI-CIAD, un groupe de travail a été créé par le Ministère des Relations Extérieures, présidé par l'Ambassadeur Ruy Nunes Pinto Nogueira, Sous-secrétaire Général de la

Coopération et de la Promotion Commerciale du MRE. La coordination internationale de l'événement a été assurée par l'Ambassadeur Luiz Filipe de Macedo Soares, Représentant Permanent du Brésil auprès de l'UNESCO

19. La Commission de l'Union Africaine a pour sa part, créé un Comité Organisateur chargé de la CIAD II, sous la direction de Mme. Bience Gawanas, Commissaire aux Affaires Sociales. Le Groupe de Travail du Ministère des Relations Extérieures du Brésil et le Comité Organisateur de l'Union Africaine ont travaillé en étroite collaboration lors de l'organisation de la CIAD II. Ces deux entités ont maintenu un contact permanent et se sont rencontrées deux fois, de manière officielle, à la Délégation Permanente du Brésil auprès de l'UNESCO afin d'assurer à la CIAD II une préparation adéquate.

20. Par ailleurs, un Comité International et Scientifique (CI-CIAD) a été convoqué afin d'examiner les différents aspects du projet de la Conférence. Les membres de la CI-CIAD ont été désignés par le Gouvernement brésilien et par la Commission de l'Union Africaine. La réunion de la CI-CIAD a eu lieu à Brasilia les 20 et 21 mars.

21. En terminant ce rapport, nous pouvons affirmer que la IIe Conférence des Intellectuels d'Afrique et de la Diaspora - CIAD II - a constitué l'une des rencontres majeures jamais organisée au Brésil, entre intellectuels, leaders politiques et représentants des mouvements sociaux. L'effort de réflexion concentré sur le thème de "La Diaspora et la Renaissance Africaine" a permis à la société brésilienne de consolider un partenariat stratégique avec le continent africain et de légitimer d'autant plus sa volonté d'implanter dans le pays des politiques d'action affirmative en faveur des personnes d'origine africaine.

22. Pour les participants d'Afrique et de la Diaspora, cet événement a démontré à quel point un dialogue franc et général entre intellectuels et autorités gouvernementales pouvait contribuer à la Renaissance Africaine. Il a également mis en exergue l'importance d'une perspective panafricaine pour intensifier la coopération entre le continent africain et sa diaspora. Finalement, l'accent a été mis sur le fait que la célébration de la matrice africaine et la reconnaissance du rôle de l'Afrique dans la constitution du monde contemporain, devenaient nécessaires pour la valorisation des peuples du continent et la lutte pour l'amélioration des conditions de vie des personnes d'origine africaine, à travers le monde.

23. La Commission de l'Union Africaine et le gouvernement brésilien, en tant qu'organisateurs de la CIAD II, se félicitent, avec les intellectuels, les

étudiants et les représentants de la société civile qui ont participé à cette Conférence, d'avoir produit, dans un élan de réflexion, une plate-forme susceptible de laisser entrevoir à l'Afrique et à sa Diaspora, un avenir plus juste et dynamique.

BRASILIA, LE 30 AOUT 2006/MD

4. Déclaration de Salvador

NOUS, les participants de la IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora – II CIAD, réunis à Salvador - Brésil, du 12 au 14 juillet 2006:

RAPPELANT la Ière Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora , CIAD I,

qui a eu lieu à Dakar, Sénégal, du 6 au 9 octobre 2004, et dont le thème général était « L'Afrique au XXIème siècle : intégration et renaissance »,

S'ACCORDANT sur le fait que le thème de la CIAD II, "La Diaspora et la Renaissance africaine", s'inscrit dans le prolongement de la CIAD I et la renforce;

RECONNAISSANT l'importance de la participation du Président de la République fédérale du Brésil, Luiz Inácio Lula da Silva, qui a ouvert les travaux de la Conférence;

REMERCIANT la contribution toute aussi importante des Présidents du Botswana, du Cap Vert, du Ghana, de la Guinée Equatoriale et du Sénégal, ainsi que celle de la Première Ministre de la Jamaïque, du Vice-Président de la Tanzanie et du Président de la Commission de l'Union africaine,

SALUANT la participation active des intellectuels et autorités présents, en provenance des diverses régions du continent africain et de la Diaspora ;

EXPRIMANT à la Commission de l'Union africaine et au Gouvernement de la République Fédérale du Brésil sa reconnaissance pour l'organisation de la IIème CIAD, initiative qui lance les bases d'une coopération permanente entre l'Union africaine, principale organisation du continent, et les pays de la Diaspora ;

SOULIGNANT la richesse des débats qui ont eu lieu à l'occasion des trois tables rondes et douze groupes thématiques;

CONVENONS QUE

1. La croissante conscience de la nécessité d'un panafricanisme renouvelé, avec ses répercussions politiques, économiques et culturelles, et la solidarité des états d'Afrique, réunis autour de l'Union africaine, constituent les éléments essentiels pour la Renaissance africaine.
2. la Diaspora africaine, présente dans le monde entier, représente une partie fondamentale du patrimoine culturel et politique africain et entretient vivante la conscience de ses origines.
3. Un plus grand engagement de la Diaspora envers ses racines historiques africaines aidera à surmonter les défis rencontrés dans les différents pays par la communauté d'origine africaine. Pour sa part, l'Afrique pourra bénéficier d'une Diaspora coordonnée qui pourra apporter son soutien au processus de développement durable du continent.
4. La rencontre des intellectuels, dans le contexte de la CIAD, favorise et contribue à l'intégration de la Diaspora avec ses origines ancestrales.
5. Le développement de l'Afrique sera dynamisé grâce à la contribution de la Diaspora africaine.
6. La Ière et la IIème CIAD se présentent comme des mécanismes pertinents pour la compréhension globale de la Renaissance africaine, et démontrent la nécessité qu'un dialogue entre les intellectuels d'Afrique et ceux de la Diaspora se poursuivent entre les conférences.
7. L'Afrique et la Diaspora doivent travailler de façon consciente à la gestion durable et responsable des ressources naturelles, ainsi qu'à la distribution équitable des bénéfices qui en seront issus, en vertu d'un système inclusif et participatif, dans le respect des droits de l'homme et de la diversité culturelle.

NOUS DÉCLARONS QUE

I. La II CIAD renouvelle l'appel aux leaders africains pour que la Diaspora soit considérée comme la sixième région du continent.

II. L'Union africaine devra promouvoir des activités de la Diaspora comme une partie importante de son organigramme, et renforcer et appuyer le Département de la société civile et des relations avec la Diaspora (CIDO) responsable des contacts avec les communautés d'origine africaine dans les autres pays.

III. Les pays africains et les communautés de la Diaspora doivent appuyer le travail du Département en particulier, et de l'Initiative de l'Union africaine pour la Diaspora, en général.

IV. La Commission de l'Union africaine devra établir un Comité de coordination des intellectuels qui l'aidera à examiner les moyens et le cadre juridique pour l'établissement d'un Secrétariat permanent, conformément aux recommandations de la Ière CIAD.

V. Dans la meilleure tradition de l'investigation intellectuelle socialement responsable, le Comité de coordination travaillerait dans le sens de la promotion de la stratégie entre les intellectuels et les autorités gouvernementales de l'Afrique et de la Diaspora, au moyen de mécanismes organisés et durables. Le comité de coordination pourrait également proposer des modalités pour la coordination de la recherche, de l'enseignement et du dialogue, ainsi que d'autres activités d'intérêt stratégique, pour dynamiser la Renaissance africaine et intégrer ces activités avec celles de l'Union africaine et autres initiatives multilatérales.

VI. En syntonie avec les résolutions précédentes, l'Union africaine devra, en consultation avec tous ses partenaires, rechercher la création de mécanismes institutionnels qui serviraient de référence pour une coopération élargie parmi les organisations d'intellectuels et d'artistes d'Afrique et de la Diaspora. Ces mécanismes pourraient promouvoir, entre autre, des activités sectorielles, des projets scientifiques, des séminaires, des évévenements artistiques et des rencontres de jeunes, visant à fortifier et à promouvoir le panafricanisme.

VII. La décision, de la part du gouvernement de la République Fédérale du Brésil, de contribuer à la mise en place de tels mécanismes est accueillie chaleureusement de la part de la IIème CIAD.

VIII. L'Organisation des Nations unies pour l'éducation, la science et la culture (UNESCO) est invitée à inclure dans son programme et dans son

budget de la biennale 2008-2009, et dans sa stratégie à moyen terme 2008-2013, son soutien à des activités de suivi de la IIème CIAD et autres initiatives qui promeuvent un resserrement des liens entre l'Afrique et la Diaspora.

IX. La Commission de l'Union africaine devra entretenir, avec les autorités pertinentes, comme l'Organisation internationale de la francophonie (OIF), le Secrétariat du Commonwealth, et la Communauté des pays de langue portugaise (CPLP), des coopérations stratégiques destinées à mobiliser le soutien autour du processus des CIAD, y compris des activités de suivi de la Ière et de la IIème CIAD.

X. La Ière et de la IIème CIAD attestent des étroites relations entre les pays africains et ceux de la Diaspora et témoignent de l'importance croissante de l'Afrique dans le monde.

XI. La IIème CIAD reconnait le rôle fondamental des femmes dans la Renaissance africaine et propose que la solidarité entre l'Afrique et la Diaspora soit renforcée par la création d'un réseau d'intellectuels, dédié à l'articulation et à la défense des droits et des conquêtes obtenues par les femmes. De plus, les femmes de la Diaspora devront être encouragées à participer aux mouvements panafricains féminins.

XII. La IIème CIAD, considérant les demandes légitimes de la population d'origine africaine, réitère l'importance de l'accès universel à l'éducation comme instrument pour la correction des injustices historiques. En accord avec les initiatives développées dans ce sens par le Gouvernement brésilien, la IIème CIAD déclare son appui au système de quotas, aux politiques d'action affirmatives et autres mécanismes associés.

XIII. La concrétisation de la Renaissance africaine est un élément essentiel pour que le XXIème siècle inaugure une ère où tous les peuples et pays aient accès à la richesse et à la culture, dans le plein respect de la dignité, des droits et des valeurs des enfants, des femmes, des personnes âgées et hommes de toutes les ethnies et croyances.

Salvador, le 14 juillet 2006.

5. Les 70 Points de Salvador – Une Plate-Forme D'Action[1]

Les participants de la IIème Conférence des Intellectuels d'Afrique et de la Diaspora - CIAD II - réunis à Salvador de Bahia du 12 au 14 juillet 2006 ont présenté, en tant que contribution à la formulation des politiques publiques de leurs pays, des propositions d'actions orientées vers la Renaissance Africaine et le surpassement des inégalités qui touchent les populations d'origine africaine dans la Diaspora, telles que :

1. Reconnaître le travail des intellectuels et l'encourager afin qu'ils prennent part aux processus de prise de décisions dans la sphère gouvernementale.
2. Appuyer la création de mécanismes institutionnels pour renforcer la solidarité entre la Diaspora et l'Afrique, dans les instances gouvernementales et dans la société civile.
3. Encourager le processus de réflexion entre le milieu intellectuel africain et celui des pays de la Diaspora, en créant une Université Panafricaine.
4. Permettre l'implantation d'un Centre d'Études sur l'Afrique et la Diaspora qui jouerait le rôle de secrétariat permanent du CIAD.
5. Consolider les 5 régions du Continent, en considérant la Diaspora comme la 6ème région d'Afrique.

[1] Les points traités dans cette Plate-forme d'Action ont été regroupés par le Centre de Coordination de la CIAD II. Ils sont basés sur les textes remis par les rapporteurs désignés pour chaque Table Ronde et Groupe Thématique de la Conférence.

6. Établir un pacte politique entre l'Afrique et la Diaspora pour qu'elles unissent leurs forces afin de protéger leurs peuples et promouvoir conjointement leur développement et leur bien-être.
7. Développer une bonne gouvernance, la transparence, la lutte contre la corruption et pour le respect des Droits de l'Homme, facteurs indispensables au développement économique et à la consolidation de la démocratie.
8. Sur le plan intérieur, promouvoir la démocratie et le pluralisme, en assurant le suivi du mouvement pour la défense de la tolérance et la culture de la paix sur la scène internationale.
9. Continuer à lutter contre la pauvreté et à améliorer les facteurs sociaux dans les pays africains et dans la Diaspora, en accordant une attention particulière aux lois contre les discriminations et aux politiques d'action affirmative.
10. Revendiquer la création d'un ordre international véritablement démocratique, à travers la réforme du système des Nations Unies et du Conseil de Sécurité.
11. Adopter des mesures afin d'obtenir une prise de conscience accrue de la part de la communauté internationale des problèmes de racisme, de xénophobie, d'exclusion et d'exploitation économique affectant les personnes d'origine africaine et les membres de la Diaspora africaine en Europe et aux États-Unis.
12. Assurer le suivi du processus de mise en œuvre des recommandations de la Conférence de Durban.
13. Lors des débats entre nations, mettre l'accent sur l'inconsistance de ceux qui prétendent libéraliser les marchés et promouvoir la libre circulation des biens et des capitaux et qui à l'inverse, continuent de mettre des freins à la circulation des personnes, surtout lorsqu'elles sont originaires de pays africains ou latino-américains.
14. Sur le plan international, lutter pour que des mesures de réparation soient adoptées en faveur des africains et de leurs descendants, dont les ancêtres ont été victimes de privation de liberté et soumis à l'esclavage. Étudier, dans ce contexte, la possibilité de créer un Fonds de Reconstruction Africain.
15. Garantir une gestion constante et adéquate des ressources naturelles, en partage équitable, sous "gouvernance participative".
16. Pourvoir à l'intégration accrue des exclus de la société, pour combattre les causes potentielles des conflits sociaux, la criminalité et le terrorisme.

17. Développer l'espace démocratique en reconnaissant la diversité et la pluralité des croyances, des coutumes, des valeurs et des cultures.
18. Protéger et promouvoir, aussi bien sur le plan intérieur que sur la scène internationale, la diversité culturelle : patrimoine de nos meilleures traditions et source indispensable de tout renouvellement de production artistique et intellectuelle.
19. Encourager les liens qui unissent la tradition et la modernité, en cherchant à rendre compatibles les institutions propres à chaque lieu avec les valeurs universelles de liberté et d'égalité.
20. Promouvoir la sécurité de la population, les Droits de l'Homme, une éducation adéquate et un environnement sain, entre autres actions élémentaires de survie.
21. Obtenir des subventions, sur le plan international, pour assurer une action préventive et collective adéquate aux conflits.
22. Promouvoir la création d'un réseau mondial de communication et d'échange d'idées entre l'Afrique et sa Diaspora, afin de développer un panafricanisme, en tenant compte des différentes Afriques du continent africain et de la Diaspora.
23. Fixer des objectifs clairs à moyen terme pour améliorer la condition des femmes d'Afrique et de la Diaspora.
24. Promouvoir un accès inconditionnel des femmes dans les débats sur les besoins sociaux de base tels que l'habitation, la santé, l'emploi, l'éducation et la culture.
25. Institutionnaliser une thématique sur l'égalité des sexes dans les universités.
26. Responsabiliser les femmes et stimuler leur participation dans les instances décisionnelles gouvernementales et dans les organismes chargés de mettre en œuvre les décisions.
27. Repenser les stratégies de développement pour y inclure la perspective d'une amélioration de la condition féminine.
28. Réaliser une étude sur la place occupée par la femme dans les sociétés africaines.
29. Créer des programmes pour les enfants afin de leur inculquer des valeurs et des principes de base tels que la dignité, la résistance à l'oppression, la démocratie et l'importance du travail.
30. Garantir le développement et l'amélioration de l'éducation, en mettant l'accent sur la jeunesse, l'éradication de l'analphabétisme et la participation

des femmes, en développant des systèmes primaires et secondaires ainsi que des niveaux techniques et universitaires.

31. Instituer dans les universités, un quota de places réservées aux femmes, aux minorités et aux personnes d'origine africaine, en tant qu'ascenseur social, afin de démocratiser de façon effective le savoir et d'encourager la production de savoirs plus adaptés à la réalité de ces populations historiquement défavorisées.

32. Faciliter, soutenir et développer les échanges entre les étudiants de la Diaspora et ceux d'Afrique.

33. Promouvoir l'enseignement de l'histoire et de la culture africaine dans la Diaspora, comme vecteur d'égalité raciale et pour la diffusion des valeurs de justice et de démocratie.

34. Encourager la recherche et la diffusion, y compris à partir des textes didactiques, d'une historiographie minutieuse qui décoloniserait le savoir et prônerait le très riche passé africain, en insistant sur le rôle décisif joué par l'Afrique et par ses peuples dans la construction du monde moderne.

35. Entreprendre un effort conjoint Afrique/Diaspora afin de systématiser des données historiques et économiques puis les incorporer dans les matières scolaires.

36. Financer les recherches et les études, en créant un lien entre l'histoire de l'Afrique et celle de sa Diaspora, afin que, sur cette base, nos pays puissent participer plus activement à l'élaboration de l'histoire de l'humanité et de l'histoire universelle, en y révélant la contribution de l'Afrique tout en évitant d'éventuelles ou de futures marginalisations.

37. S'orienter, à travers le système d'enseignement des pays de la Diaspora, vers une histoire non territoriale, qui traverse l'Atlantique et accepte pleinement les influences africaines.

38. Privilégier la coopération dans le domaine de l'éducation et de la culture, en vue de la construction d'identités communes.

39. Procéder à un nouvel examen des méthodes d'enseignements, à partir de critères plus précis et de façon participative, afin de contrecarrer le manque d'intérêt croissant de la jeunesse par rapport aux méthodes d'enseignement classiques.

40. Dans les écoles, encourager l'enseignement des arts, les pratiques sportives, la maîtrise des nouvelles technologies et des médias, en faisant participer la famille et la communauté, afin que les jeunes puissent

bénéficier d'un environnement plus attrayant et d'un instrument de formation et de socialisation efficace dans le monde moderne.

41. Soutenir le développement du multilinguisme fonctionnel complémentaire, par lequel les langues maternelles africaines seraient enseignées, sans que cela ne nuise à l'enseignement et à la maîtrise d'une seconde langue européenne qui servirait d'outil de communication avec le monde.

42. Valoriser, des deux côtés de l'Atlantique, les religions, les langues et les expressions culturelles d'origine africaine, faute de quoi aucune Renaissance Africaine, ni en Afrique ni dans la Diaspora, ne pourra exister.

43. Protéger et assurer la préservation des traditions Orixas, Voduns et Inquices en Afrique et dans la Diaspora, en utilisant, entre autres facteurs : l'enregistrement de ces pratiques en tant que patrimoine immatériel ; l'échange d'informations et la circulation de "leaderships" ; la promotion de séminaires, d'études et de recherches et le soutien des activités sociales développées par les communautés et les lieux de culte.

44. Combattre l'intolérance religieuse en mettant fin aux persécutions, aux pratiques diffamatoires et à la diabolisation des divinités africaines ancestrales, traditionnelles et spirituelles.

45. Promouvoir les activités qui facilitent la connaissance mutuelle et les échanges artistiques et intellectuels entre l'Afrique et la Diaspora.

46. Développer des activités de coopération qui, ajoutées au transfert de technologies, permettent d'obtenir un partage effectif du savoir, ce qui est favorable au développement du dialogue intellectuel.

47. Elaborer des politiques de proximité entre les intellectuels et les chercheurs africains qui développent des activités professionnelles dans la Diaspora et en Afrique.

48. Combattre les causes structurelles qui provoquent la "fuite des cerveaux" en créant des conditions de travail, d'évolution de carrière et de production de savoirs adaptés aux intellectuels d'Afrique et de la Diaspora.

49. Développer des organismes de recherche et augmenter les moyens financiers destinés à la recherche en créant un fonds panafricain de soutien à la recherche.

50. Introduire une discrimination positive en faveur des africains dans les pays de la Diaspora chaque fois que le recrutement de scientifiques et d'intellectuels étrangers sera nécessaire.

51. Dans les pays de la Diaspora, encourager la formation d'un plus grand nombre d'intellectuels et dans les pays africains, assurer un meilleur accès aux femmes dans les carrières scientifiques.
52. Faciliter la circulation des intellectuels et des artistes entre l'Afrique et la Diaspora, particulièrement en ce qui concerne les visas et les autorisations de travailler, en envisageant dans ce contexte, la possibilité d'adopter des passeports panafricains.
53. Accorder une priorité aux relations entre les universités africaines et la Diaspora, en encourageant les systèmes d'équivalences pour les cursus d'enseignement supérieur tels que les licences, les maîtrises et pour la recherche.
54. Promouvoir une coopération scientifique et technologique Sud-Sud et développer la coopération déjà existante entre la Diaspora et le Continent africain.
55. Encourager les échanges entre les secteurs de développement stratégique tels que les transports, l'énergie, le génie civil, l'électronique, la biotechnologie et l'amélioration de la productivité agricole.
56. Encourager la mise en œuvre de nouveaux programmes de coopération scientifique, sur le continent africain, orientés vers les populations d'origine africaine.
57. Accroitre la coopération entre la Diaspora et l'Afrique dans la lutte contre l'endémie, à travers les politiques et les programmes de santé élémentaire.
58. Développer une étude comparative des stratégies efficaces et des bonnes pratiques en matière de santé publique, d'éducation sanitaire, de gestion participative et de contrôle des épidémies.
59. Reconnaître que la santé est un droit fondamental de nos concitoyens et concitoyennes et qu'il incombe à l'État de leur garantir un accès universel aux soins médicaux.
60. Protéger les savoirs et les connaissances traditionnels de la matrice africaine, dont la propriété et l'usufruit constituent un droit inaliénable des peuples qui les ont développés et préservés.
61. Incorporer ces savoirs et ces connaissances traditionnels dans les systèmes officiels de promotion de la santé et en tenir compte lors de la réforme des modèles nationaux de politique sanitaire.
62. Établir un programme commun entre l'Afrique et la Diaspora pour lutter contre le virus du SIDA, la Malaria et les autres épidémies.

63. Encourager les politiques éditoriales, en rendant possible la circulation des savoirs émanant d'Afrique et de la Diaspora.
64. Créer des mécanismes promotionnels pour le retour et la permanence du personnel médical ayant quitté l'Afrique et motiver le corps médical diplômé formé sur le continent par de meilleures conditions de travail et une rémunération satisfaisante.
65. Développer des moyens de communication entre l'Afrique et la Diaspora, avec des investissements plus importants dans les domaines des transports, de la radio, de la télévision, de la téléphonie et du numérique.
66. Accompagner les efforts de maîtrise des nouvelles technologies en accordant une attention particulière aux points suivants : accès, insertion sociale, dépassement des barrières sexistes et raciales et développement des informations appropriées pour atteindre à cet objectif.
67. Promouvoir l'audiovisuel et les industries créatives a l'aide d'initiatives telles que : le développement du mécénat officiel et privé, la création de fonds d'investissement, l'aide à la formation professionnelle et à l'esprit d'entreprise, la garantie des secteurs de marché et l'accès à la distribution, la promotion de la diversité, l'aide à la circulation des informations entre l'Afrique et la Diaspora et la suppression de toute forme de censure dans le processus créatif.
68. Préserver, lors de la formulation des politiques économiques, la perspective du développement en l'adaptant, non pas à des concepts exogènes mais aux défis réels et potentiels du continent africain et des pays de la Diaspora.
69. Chercher à développer des économies centrées autour du savoir et de l'innovation, en augmentant les investissements et en créant un environnement propice aux capitaux étrangers, en particulier ceux de la Diaspora.
70. Lutter contre l'afro-pessimisme et promouvoir l'idée d'un mouvement pour la Renaissance Africaine, afin de faire renaitre, sur le plan intellectuel et moral, l'estime des peuples africains pour eux-mêmes.

BRASILIA, LE 25 MAI 2007/MD

6. Compte Rendu des Debats des Tables Rondes

1ère Table Ronde
"La Diaspora et la Renaissance Africaine / Contributions Passees et Projet Actuel[2]"

Rapporteur :
Margaret Vogt – Département des Questions Politiques des Nations Unies (Nigéria)

Le Rapport :

"Ont participé à cette Table Ronde Les Présidents, Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva du Brésil; Monsieur Festus Mogae du Botswana; Monsieur Pedro Pires du Cap Vert; Monsieur John A. Kufuor du Ghana; Monsieur Obiang Nguema de la Guinée Équatoriale; Monsieur Abdoulaye Wade du Sénégal. Étaient également présents : le Premier-ministre de la Jamaïque, Mme Portia Simpson-Miller, le Vice-président de la Tanzanie, Ali Mohamed Sein et le Président de la Commission de l'Union Africaine, Alpha Omar Konaré."

2. L'intervention de l'éminent chanteur Stevie Wonder a été particulièrement marquante. Celui-ci a précisé qu'il n'était pas venu en tant

[2] Pour la retranscription complète des débats de cette Table Ronde Présidentielle, voir le Chapitre 9 ci-dessous (p. 101) 9

que politicien mais en tant qu'afro-américain pourvu d'un don musical. Il a béni le public avec un important message de paix dans lequel il a dépeint l'environnement permanent indispensable au progrès de l'Afrique et de sa Diaspora, qui ne peut exister sans amour, respect et dialogue. Ensuite, il a offert sa musique au public.

3. L'importance de la IIème Conférence des Intellectuels d'Afrique et de la Diaspora (CIAD II) pour les afro-brésiliens a été mise en exergue par le Président Lula qui en a profité pour rendre hommage au sénateur Abdias Nascimento, pour son rôle avant-gardiste dans la lutte pour l'égalité raciale au Brésil et l'indépendance de plusieurs pays africains.

4. La table ronde comme suite logique aux exposés de la cérémonie d'ouverture de cet événement, a donné lieu à des discussions qui se sont transformées en un dialogue continu. Tous les orateurs ont souligné l'importance historique de la CIAD II au Brésil, comme suite de la première conférence réalisée en 2004 à Dakar. A moins de trois heures et demie de vol de Salvador de Bahia, se trouve la capitale sénégalaise, un des principaux points de départ de millions d'africains retirés de force de leur pays natal. Le Brésil, en tant que principal port d'attache de ces déracinés, a été marqué dans son histoire et sa société, par l'impact de cette même expérience de peuples "exportés" de force. Actuellement, hormis le Nigeria, le Brésil représente le pays qui a la plus forte population noire; le plus africain de ses états étant Bahia.

5. De nombreux Chefs d'État et en particulier le Président Wade, ont préconisé de commuer la séparation formée par l'océan Atlantique par un large fleuve qui serait le pont d'union de nos histoires et de nos cultures, un chemin pour la circulation humaine. En réponse à un passé que le Président Konaré a qualifié de génocide et de crime contre l'humanité, nous allons développer des interactions qui faciliteront l'échange des meilleurs biens et services que nos peuples ont à offrir.

6. Les Chefs d'État ont révisé l'histoire de la Renaissance Africaine et le rôle fondamental des fondateurs du mouvement panafricain. Ils ont également analysé l'impact de ce mouvement dans le développement et l'évolution de leur propre histoire politique. Cette perspective historique a été évoquée avec éloquence par le Premier-Ministre de Jamaïque, Portia Simpson-Miller, qui a mis l'accent sur le rôle avant garde des précurseurs de ce mouvement. Beaucoup d'entre eux étaient des descendants de Jamaïcains, rejoignant la génération plus actuelle surtout représentée par Bob Marley, Dudley Thompson et son prédécesseur P.J. Patterson.

7. Les orateurs ont rappelé l'importance de la philosophie et des idéaux panafricains pour comprendre et diffuser l'expérience africaine. Une histoire que le Président Konaré a décrite comme ayant été interprétée de manière erronée et qui est la base de l'histoire et de l'expérience, l'esclavage qui doit être considéré comme un crime contre l'humanité. Il a ajouté que "l'importation" des effets et des conséquences de l'esclavage dans l'histoire des peuples d'origine africaine doit être mieux appréhendée et "élaborée" dans notre société et dans nos politiques stratégiques.

8. Dans ce même esprit, un sens particulier a été donné aux travaux réalisés par des grands chercheurs africains tels que Frantz Fannon, Cheik Anta Diop, Aimé Césaire, Chinua Achebe, Samir Amin et Léopold Senghor dont on célèbrerait cette année le centenaire de sa naissance.

9. Les Chefs d'État ont néanmoins accusé le projet panafricain d'être incomplet. Tant que l'indépendance politique n'est pas atteinte, la recherche du développement économique doit continuer. Les pays veulent qu'une attention particulière soit accordée à l'état de pauvreté, de sous-développement et aux niveaux de santé trop bas des peuples africains. Ils demandent que nos efforts soient opposés au négativisme et au pessimisme qui dénigrent l'image africaine.

10. Le Président Konaré a précisé que la Renaissance Africaine exige une stratégie ayant des objectifs clairement définis et des lignes d'actions durables qui nous mèneraient vers une nouvelle Afrique et exalteraient le travail, la solidarité, la justice, la bonne gouvernance, le respect des lois et le rôle de la loi.

11. L'importance de l'unité du continent a été soulignée. Le Président Komaré a encouragé les États à promouvoir un véritable nationalisme et une citoyenneté africaine, fondés sur le concept du panafricanisme.

Il a mentionné qu'une grande réflexion était nécessaire pour répondre aux besoins africains pour savoir comment renforcer l'Union Africaine et a souligné l'importance de considérer la Diaspora comme une Sixième Région Africaine. D'après lui, ce projet dépend de la capacité des pays et des populations de la Diaspora à aider les africains, à faire face à leurs limitations actuelles et à l'impact négatif de la mondialisation.

12. Un hommage attendu a été rendu au Président Lula pour son engagement personnel constant pour la cause africaine, lequel, depuis qu'il est arrivé au pouvoir en 2003, a œuvré à renforcer les liens du Brésil et de l'Amérique du Sud avec le Continent Africain. Comme évoqué par les personnes présentes,

le Président brésilien a lutté pour changer les relations politiques et géographiques internationales, en accentuant les relations Sud-Sud et en encourageant les partenariats basés sur la solidarité et la réciprocité des intérêts. Sur le plan intérieur, il a réalisé des changements de fonds en adoptant des mesures affirmatives pour une meilleure intégration des exclus, en incluant les afro-brésiliens.

13. Parmi les recommandations des Chefs d'État, les propositions qui méritent d'être relevées sont les suivantes :

- La poursuite de l'institutionnalisation du processus de réflexion des intellectuels africains, afin que leurs propositions puissent être développées et mises en œuvre;
- La création d'un secrétariat permanent du CIAD;
- L'implantation d'une université panafricaine en tant que plate-forme pour une réflexion permanente sur l'interaction entre l'Afrique et la Diaspora;
- La promotion des langues africaines, incluant le développement d'une langue africaine commune;
- L'organisation de la CIAD III par la propre société civile, avec l'appui des gouvernements respectifs."

2e Table Ronde

Egalite des Sexes en Afrique et Dans La Diaspora

Rapporteur :
Fatima Tambadou – Banque Centrale de l'Afrique Occidentale (Mali)

Le Rapport :

"La Table Ronde "Egalité des sexes en Afrique et dans la Diaspora" a été présidée par le Ministre Délégué aux Affaires Étrangères du Gabon, Laura Olga Gondjout (Gabon) et son rapporteur, Tambadou, économiste de la Banque Centrale Africaine (Mali) assistée de Uhomoibhi (Nigéria). Les interventions ont été faites dans l'ordre suivant :

- Ministre Nilceia Pereira, Secrétariat Spécial sur les Politiques pour les Femmes (Brésil)
- Sueli Carneiro, Institut des Femmes Noires (Brésil)
- Mãe Stella de Oxóssi, Iyalorix´do Ilê Axé Afonjá (Brésil)
- Wania Sant'Anna, chercheur et activiste politique (Brésil)
- Marema Touré Thiam, chercheur du CODESRIA (Sénégal)
- Monique Ilboudo, Ministre de la Promotion de la Femme et des Droits de l'Homme (Burkina Faso)
- Marie Angélique Savané, du Comité de Personnalités Éminentes du Mécanisme de Révision des Pairs d'Afrique (Sénégal)
- Epsy Campbell, économiste et congressiste (Costa Rica)
- Sylvia Servin (Martinique)
- Madina ly Tall (Mali)
- Lydia Dual, sociologue et consultante de l'UNESCO (Tchad)

2. Les intervenantes ont évoqué les différentes formes de violence et de discrimination subies par les femmes noires actuellement et dans le passé. Elles ont particulièrement insisté sur leur double marginalisation due au fait qu'elles sont noires (ou d'origine africaine) et qu'elles sont des femmes.

3. Les difficultés liées à l'accès à la terre et au marché du travail ont fait l'objet d'une analyse détaillée, en particulier par rapport à la permanence des femmes dans le secteur informel. Les insuffisances liées à la santé et au niveau de vie en général ainsi que les injustices subies au quotidien, au sein de la famille ont également été évoquées. De tels phénomènes continuent à se

produire malgré qu'il soit notoire que les femmes travaillent en général beaucoup plus et plus fréquemment que les hommes.

4. Le rôle précurseur des communautés noires lors des différentes luttes engagées aussi bien en Afrique que dans la Diaspora, a néanmoins été mis en avant. Des changements ont été constatés et bien qu'insuffisants, ils méritent d'être renforcés afin d'améliorer la situation des droits de la femme noire en général. On a préconisé à ce propos, la nécessité de mener des actions politiques visant à inverser la tendance actuelle de développement qui continue d'être défavorable aux femmes.

5. Les orateurs de la Diaspora ont fait état de quelques caractéristiques propres à la situation de la femme dans ces pays :

- L'importance de la population d'origine africaine qui représente presque 150 millions de personnes, parmi lesquelles 87 millions vivent au Brésil soit 48 % de la population en 2004;
- La fragilité économique et sociale de cette population, surtout en ce qui concerne les femmes;
- Leurs conditions de travail car, de façon générale, les femmes sont plus sollicitées que les hommes et sont obligées de travailler dans des conditions plus précaires et sont dotées de salaires inférieurs;
- Les violences domestiques contre la femme;
- La contribution fondamentale des femmes dans la mise en œuvre des changements comportementaux par rapport à la communauté noire;
- Le rôle décisif de la femme noire dans le passé et encore aujourd'hui, pour résoudre les problèmes familiaux, en raison de la quasi absence du chef de famille;
- La place insignifiante attribuée à la population d'origine africaine dans les décisions politiques;

6. Les oratrices africaines ont démontré qu'en dépit de la dimension du continent, de sa diversité géographique, de son histoire – marqué par les invasions étrangères qui ont généré différentes réalités depuis la colonisation - et de sa diversité culturelle, les femmes souffrent de la même marginalisation et de la même soumission que leurs sœurs de la Diaspora. Bien que des facteurs négatifs issus de l'esclavage n'existent pas en Afrique, la situation de la femme africaine continue d'être précaire pour les raisons suivantes :

- culture (excision, veuvage, problèmes de castes, statut social, etc.);
- résistance à s'affirmer et option pour le silence;
- conditions économiques (la pauvreté se conjugue initialement au féminin);

- lieu de résidence (urbain ou rural);
- décisions négatives des politiciens (guerre, législation, etc.);
- violation systématique des Droits de l'Homme;
- différence d'accès aux moyens économiques et sociaux;
- réticence au débat conceptuel et
- problème du patriarcat dans les sociétés africaines.

7. Il est important de souligner que les initiatives destinées à réduire les discriminations et la violence contre les femmes ont suivi des chemins différents dans la Diaspora et sur le continent africain.

8. Dans le premier cas, les femmes elles-mêmes ont lutté pour inverser la tendance, ce qui a provoqué des résultats rapides et diversifiés. Mais dans le cas africain, le mouvement a été introduit depuis l'extérieur (créanciers de fonds bilatéraux et multilatéraux, organisations non gouvernementales, etc.). Les résultats par conséquent, ont été moindres et ont requis un effort de sensibilisation important et constant.

9. La résurgence d'une nouvelle Diaspora, a finalement été évoquée, celle qui est issue du déplacement volontaire de la population (comprenant chaque fois plus de femmes) en direction des Amériques et de l'Europe. Ces immigrants contribuent à la création d'une deuxième génération, dont les enfants développent des comportements déphasés par rapport à leurs lieux d'origine. Dans cette population, l'exclusion se conjugue, également et d'abord au féminin.

10. Conclusionset Recommandations :

I. Renforcement de la solidarité entre la Diaspora et l'Afrique

- Afin qu'ils arrivent à mieux s'aimer et à s'entraider pour connaître le succès.
- Pour une meilleure utilisation des ressources disponibles dans la Diaspora.
- Pour que des échanges entre les étudiants et la Diaspora se réalisent.

II. Prendre l'initiative de leur "propre lutte".

- Éduquer les femmes dans ce sens.
- Faire une analyse de la société et de la place de la femme.
- Développer la conscience citoyenne chez les femmes.
- Enseigner à nos enfants, garçons et filles, nos principales valeurs telles que la dignité, la résistance, l'effort, etc.
- Créer un réseau panafricain d'intellectuels.
- Relancer le panafricanisme des femmes en incluant la Diaspora.

- Rendre les femmes plus déterminées, volontaires et résistantes.
- Redéfinir la démocratie.
- Inciter à travailler.
- Faire condamner le racisme et l'exclusion à l'égard des personnes d'origine africaine sur le plan international, en démontrant les conséquences graves que cela peut engendrer pour la démocratie.
- Utiliser tous les espaces internationaux.
- Implanter des réseaux d'entraide.

III. S'approprier l'information en provenance de nos populations dans le monde.

- Reprendre l'initiative pour élaborer nos données historiques, économiques et nos cursus d'enseignement.

IV. Fixer des objectifs d'amélioration de la condition féminine en Afrique et dans la Diaspora.

- Promouvoir l'accès des femmes aux besoins sociaux de base : santé, éducation, etc.
- Institutionnaliser la thématique de l'égalité des sexes dans les universités.

V. Responsabiliser les femmes et les encourager à prendre part aux instances décisionnaires et au processus de mise en application des décisions.

VI. Améliorer le niveau de vie en redéfinissant l'accès aux ressources, et

VII. Repenser les stratégies de développement pour y inclure l'amélioration de la condition féminine."

3e Table Ronde

La Necessite d'un Pacte Politique en Faveur de la Paix, de la Democratie et du Developpement entre L'Afrique et la Diaspora

Rapporteur :
Jacques d'Adesky – Université Candido Mendes (Brésil)

Le Rapport :

"La séance plénière a été présidée par le Ministre de la Culture Gilberto Gil et par Frene Ginwala, ex-Président du Parlement d'Afrique du Sud. Elle a compté avec la participation de 12 orateurs, d'un modérateur et d'un rapporteur.

2. **La Modératrice Christine Desouches**, Déléguée pour la Paix, la Démocratie et les Droits de l'Homme de l'Organisation Internationale de la Francophonie (OIF), en a profité à l'ouverture de la séance, pour féliciter les participants de la CIAD II et faire part de sa satisfaction au vu des travaux présentés et des neuf initiatives qui ont été prises au cours de la Conférence. Elle a déclaré également que l'OIF se sentait extrêmement honorée d'être l'un des partenaires de cet événement.

3. Par la suite, la lauréate du **Prix Nobel de la Paix, Wangari Maathai** a exprimé ses préoccupations pour l'environnement et a souligné l'importance de la relation qui existait entre l'environnement et la Paix. Elle a affirmé que notre survie sur cette planète dépendait d'une gestion adéquate des ressources naturelles et de leur partage équitable. Elle a appelé cette forme de gestion : la "gouvernance participative". La Paix n'arrive pas toute seule. Il faut accueillir et intégrer les segments qui sont exclus de la population. Ces derniers peuvent en raison de leur marginalisation, devenir des causes potentielles de conflits sociaux et même, dans certaines circonstances, des vecteurs du terrorisme et du crime organisé. Avec l'intégration, les tensions existantes issues de la course effrénée pour avoir le contrôle des ressources, pourrait ainsi s'atténuer, ce qui permettrait d'instaurer la paix à un niveau national et international. Il faut également agrandir l'espace démographique qui reconnaît la diversité et la pluralité. La démocratie ne dépend pas exclusivement d'une seule personne mais de tous. Il faut encourager la participation politique de chaque voisin, pas seulement comme observateur mais surtout comme acteur afin de contribuer à promouvoir la paix. Ce

message doit être diffusé à travers le monde, aussi bien au niveau national qu'international.

4. Le Ministre de la Culture Gilberto Gil a exprimé sa satisfaction en constatant le succès de la CIAD II. Il a rappelé les temps néfastes de l'esclavage. Il a évoqué le rôle important joué par la ville de Salvador de Bahia, qui est située à la croisée des cultures africaine, caribéenne et américaine. Il a insisté sur la nécessité de construire de nouvelles formes de solidarité. Entre autres, il a déclaré que la solidarité basée sur des événements culturels permet de préserver l'identité des peuples. C'est ce qui a permis à des peuples victimes de diasporas compulsives, à l'instar des juifs et des arméniens, de se regrouper et de pouvoir survivre. Ces grands regroupements transcontinentaux permettent, à l'instar de cette Conférence, de développer une meilleure connaissance mutuelle et des échanges artistiques et intellectuels indispensables à l'affirmation d'une perception afro-diasporique et afro-centrée. Il a insisté sur le besoin de créer un réseau mondial de communications entre l'Afrique et la Diaspora. L'engagement de l'Union Africaine dans la recherche d'un panafricanisme qui parlerait pour les différentes Afriques du continent africain et les différentes Afriques de la Diaspora africaine, serait le signe d'une nouvelle renaissance africaine.

5. Frene Ginwala, co-président de la CIAD II a prôné l'idée d'un pacte politique entre l'Afrique et la Diaspora. Il a affirmé qu'il fallait unir nos forces, pas dans le sens de la protection de nos gouvernants et de nos frontières, mais afin de protéger le peuple, de lui offrir le bien être et la sécurité, de faire valoir ses droits humains comme, par exemple, de recevoir une éducation adéquate et de vivre dans un environnement sain. Il a rappelé que très souvent l'Afrique est perçue par les médias internationaux comme un continent en éternel conflit alors qu'en fait, les conflits ne concernent qu'un petit nombre de pays. Il a par ailleurs, remis en question l'aide humanitaire qui se dit avoir peu de moyens quand il s'agit de l'Afrique. "Pourquoi ce traitement ? A-t-il demandé. Il ne doit pas y avoir d'ambiguïté", a-t-il poursuivi. "Pourquoi les pays riches ont-ils tellement d'intérêt à résoudre des conflits en ex-Yougoslavie et disent toujours n'avoir pas assez d'argent pour combattre des conflits en Afrique ? Notre pacte doit prévoir des dispositions égalitaires en matière de ressources. Il doit y avoir des recours internationaux pour assurer une action internationale adéquate". Frene Ginwala a également déclaré que la démocratie ne se limite pas seulement à faire des élections tous les trois ou quatre ans. C'est un processus continu, qui exige la participation de tous les citoyens,

qu'ils soient des femmes ou qu'ils appartiennent à des groupes minoritaires. Il a rappelé que le rôle des intellectuels ne doit pas se limiter à des activités académiques. Ils doivent participer aux débats de la vie sociale, en particulier à ceux des médias, à travers la publication de revues académiques. Ce qui est fondamental c'est de socialiser le savoir, pas de le garder pour soi. Il est donc important que les gouvernements reconnaissent le rôle des intellectuels et même, qu'ils les encouragent à participer aux prises de décisions gouvernementales.

6. Antonio Mascarenhas Monteiro, ex-Président du Cap Vert et Représentant de la Communauté des Pays de Langue Portugaise (CPLP) a mentionné que sa participation à la CIAD II est aussi sa cinquième visite au Brésil, un pays qu'il considère comme fortement lié au Cap Vert. Par rapport au thème de la session plénière, il a affirmé que la trilogie "Paix, Démocratie et Développement" est essentielle pour le continent africain. Sans un bon gouvernement, sans transparence et sans respect des Droits de l'Homme, il devient difficile d'assurer une croissance économique sur le long terme. Par ailleurs, la situation dans le domaine de la santé est préoccupante : l'espérance de vie n'a pas progressé contrairement à d'autres pays, sans oublier le taux de SIDA qui n'arrête pas d'augmenter dans certains pays africains. Pour Antonio Mascarenhas, la démocratie est avant tout un processus d'apprentissage. Et, face aux conflits qui meurtrissent certains pays africains, il faut reconnaître que l'État-de-droit commence à prévaloir dans un nombre croissant de pays.

7. André Azoulay, Conseiller Royal du Maroc a déclaré qu'il était extrêmement content de participer à la CIAD II, le problème de la Diaspora faisant toujours l'objet de méfiance au Maroc, alors qu'en réalité, il s'agit d'un phénomène enrichissant. La CIAD II devient, d'une certaine manière, un outil qui peut aider à appréhender cette problématique de façon adéquate. Il a rappelé que la Conférence de Casablanca avait déjà signalé la nécessité d'une plus grande interaction avec la Diaspora. Il a dénoncé le fait que nous vivions dans une communauté mondiale chaque fois plus lente, lourde et maladroite, qui se fragmente en développant une crainte pour certaines religions. Toutefois, le Maroc montre au monde qu'il est en même temps africain, arabe et musulman, qu'il est ouvert et tolérant avec des groupes religieux minoritaires tels que les juifs, les chrétiens et le Gnawa (1). André Azoulay a invité le continent africain à assumer une responsabilité collective dans cet univers globalisé. Il existe, dit-il, un univers où l'Afrique est le leader : c'est celui de la fraternité, ce qui a été prouvé historiquement. C'est

en Afrique que les personnes persécutés par l'Inquisition, se sont réfugiées. Et que seraient les arts plastiques sans l'Afrique ? Que seraient la philosophie et les mathématiques si les arabes n'avaient pas existé ? La Maroc, pays de synthèse et d'accueil des différences, demande que soient instaurés de nouveaux pactes comme celui de résister à la tentation d'accepter que l'histoire soit mutilée de sa patrie. Le Maroc est partie prenante de ces défis et demande à tout le monde, de ne pas devenir amnésique face à leur propre histoire.

8. Conceptia Ouinsou Présidente de la Cour Suprême du Bénin, a relevé l'importance de la Diaspora moderne, qui résulte de l'exil politique et de l'immigration économique des africains vers les pays de l'hémisphère nord. Même si elle n'est pas perçue comme telle par les États africains, elle pourra jouer dans le futur, un rôle politique important. L'envoi d'argent par les immigrants africains à destination de leur famille restée au pays, assure à son pays d'origine un flux de devises étrangères. Par ailleurs, on constate une augmentation de ce phénomène, ce qui explique que l'Union Africaine demande à ce que la Diaspora soit désormais considérée comme un agent actif. A travers le réseau informel qu'elle représente et qui ne cesse de se développer, la Diaspora, selon Conceptia Ouinsou peut devenir un groupe de pression très important. Il est essentiel que les pays africains puissent prendre conscience de ce phénomène et puisse en tirer des bénéfices dans le contexte de la mondialisation.

9. Djovi Gally, Président de l'Observatoire Panafricain pour la Démocratie et ex-Ministre des Droits de l'Homme du Togo, estime qu'un pacte politique entre l'Afrique et la Diaspora est possible car il existe des valeurs communes de part et d'autres de l'Atlantique. Etant donné qu'il s'agit d'un projet en construction, il est fondamental d'établir certaines directives opérationnelles, sans lesquelles les objectifs ne pourraient être atteints à moyen terme. Il a proposé, dans ce sens, la création de groupes de pression efficaces ayant pour objectif, aussi bien au niveau national qu'international, de rendre viable un véritable développement social, basé sur les valeurs de la liberté, de l'égalité et de respect réciproque. Pour lui, seule la démocratie permettra de progresser. Il a également souligné que la construction de cette nouvelle société, en Afrique et dans la Diaspora, n'aura aucun avenir si elle ne partage pas la culture de la démocratie.

10. Edna Roland, membre du Groupe Indépendant des Eminents Spécialistes pour la mise en œuvre de la Déclaration et du Programme d'Action

de Durban, a déclaré que le processus d'affirmation des personnes d'origine africaine aura une répercussion positive en Afrique puisqu'elles seront considérées comme des alliées potentielles des africains. Elle a indiqué que la transformation du G8 en G13 est devenu un facteur important de la scène internationale. Le G13 en intégrant des pays émergents tels que l'Inde, le Brésil et l'Afrique du Sud, permet à ces derniers de jouer un rôle important dans l'équilibre des relations internationales. Edna Roland, auteur du rapport sur la IIIème Conférence Mondiale de l'ONU sur le Racisme, La Discrimination Raciale, la Xénophobie et d'autres formes d'intolérance, a rappelé que l'esclavage et le trafic négrier ont été reconnus comme des crimes contre l'humanité. Dans cet objectif, des mesures de dédommagement devront être prises en faveur des descendants africains dont les ancêtres ont été victimes de privation de liberté et soumis à l'esclavage. Elle a souligné que le racisme est un problème universel et qu'il est fondamental de maintenir l'esprit de Durban vivant dans la recherche d'un monde dénué racisme. Elle a terminé son intervention en demandant aux pays africains et aux Chefs d'État ou de Gouvernement présents de s'engager dans le processus de mise en œuvre afin d'évaluer le progrès des recommandations de la Conférence de Durban.

11. Kola Abimbola, professeur de droit à l'Université de Leicester, a souligné que la démocratie peut avoir de nombreux sens et qu'elle peut être détournée de son rôle. Elle représente le régime de la majorité, mais de nos jours, cela n'est plus suffisant. Kola Abimbola a rappelé que la démocratie comporte à la fois une dimension universelle et relative. Les valeurs de liberté et d'égalité doivent être considérés comme universelles. Quant aux institutions, elles sont relatives au lieu. Pour qu'elles deviennent démocratiques, il faut parfois les adapter, les rendre adéquates, les moderniser, voire les supprimer. Cette situation n'implique pas que la tradition soit oubliée. Au contraire, certaines institutions locales démontrent qu'elles sont totalement démocratiques, même si cela n'est pas évident à première vue. Chaque société doit reconnaître l'existence de valeurs qui transcendent le lieu, atteignant ainsi des principes universels. C'est l'unique moyen de d'établir un lien entre la tradition et la modernité.

12. Marcelino dos Santos, membre du Conseil d'État de Mozambique a insisté sur l'importance de l'éducation de la jeunesse qui est l'avenir de tout pays. Il a également rappelé le processus d'indépendance et le rôle déterminant de la lutte pour la liberté. Il a salué avec enthousiasme l'intervention de jeunes

universitaires noirs qui avaient manifesté au cours d'une séance plénière pour obtenir un droit d'accès à l'université et un quota de places réservées.

13. Noureini Tidjani-Serpos, Directeur-Général Adjoint de l'UNESCO pour l'Afrique a insisté sur le fait que le développement de l'Afrique dépend, avant tout, de ses ressources humaines et donc par conséquent, de l'amélioration de l'enseignement primaire, secondaire, technique et universitaire. En ce qui concerne le pacte entre l'Afrique et la Diaspora, il estime qu'il doit être envisagé à partir d'une histoire commune. On ne peut pas laisser l'amnésie s'enraciner dans la mémoire. Quant à la culture de la paix, Tidjani-Serpos estime qu'elle peut se développer si nous apprenons à accepter l'autre entièrement, avec ses différences même si celles-ci peuvent sembler étranges par rapport à notre culture. En parlant de démocratie, il a rappelé qu'il est important de mettre en valeur la démocratie de chaque pays. Pour qu'elle puisse être consolidée dans chaque pays, il est primordial de revendiquer l'établissement d'un système véritablement démocratique au niveau international.

14. Patrick Mazimhaka, Vice-président de la Commission de l'Union Africaine, a débattu sur la relation des intellectuels et des politiciens. Il a souligné que le rôle de l'intellectuel n'est pas de se cantonner dans sa tour d'ivoire, mais de partager son savoir avec la société. Il s'est demandé s'il existait réellement un environnement approprié à l'établissement d'un pacte politique entre l'Afrique et la Diaspora. Il a considéré que les résultats de la CIAD II étaient encourageants, mais qu'il est d'une importance fondamentale que ce dialogue soit mis en pratique dans chaque pays du continent africain et de la Diaspora.

15. Robert Dossou, ex-Ministre des Affaires Étrangères du Bénin, a déclaré que le sujet du pacte politique est arrivé au moment même où ont échoué les tentatives pour rétablir la paix au Darfour. Penser au rétablissement d'une paix durable implique que les dimensions de la démocratie et du développement soit associées Sur le plan national, la paix signifie, aujourd'hui, la reconnaissance de l'existence des sociétés plurielles, qui nous obligent à chercher de nouveaux chemins pour la construction de la démocratie. Au niveau international, la paix doit être revue par rapport à la nécessité d'une réforme du système des Nations Unies, c'est-à-dire du Conseil de Sécurité de l'ONU. Favorable au pacte politique, Robert Dossou pense aussi que ce dernier doit être élaboré avec l'aide des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Ces intellectuels

doivent se mobiliser pour des causes comme celles des Droits de l'Homme, la sécurité mais également pour le NEPAD. C'est un travail qui peut encourager les échanges dans plusieurs domaines du savoir, tels que l'histoire, la culture et le développement économique. Il a terminé son analyse en affirmant que la Diaspora devait mettre ses compétences au profit des pays africains et que les intellectuels africains devraient être prêts à débattre et à prendre part à tout type de réflexion sur la démocratie plurielle."

7. Compte Rendu des Debats par Groupes Thematiques

1 – "Les humanités comme "ponts de dialogue" entre l'Afrique et la Diaspora"

Bloc A : "Littérature, art et Renaissance Africaine"
Bloc B : "Philosophie et Sciences Sociales dans la construction de l'identité en Afrique et dans la Diaspora"

Rapporteur :
Ubiratan Castro de Araujo - Président de la Fondation Culturelle Palmares(Brésil)

Le Rapport[3]:

"Votre Excellence, Monsieur le Ministre Gilberto Gil, qui présidez cette séance, Messieurs les Rapporteurs, ici présents. Tout d'abord je voudrais dire que je remplace le Rapporteur qui avait été désigné pour ce Groupe Thématique et qui n'a pas pu être présent. Par conséquent, mon intervention risque de perdre en éclat par rapport aux débats du Bloc A, auxquels je n'ai pas pu participer. Je vais donc concentrer mes impressions sur le Bloc B dédié au thème de la "Philosophie et des Sciences Humaines dans la

[3] Texte tiré des enregistrements de la Séance Plénière de présentation des rapports de Groupes Thématiques (14 juillet)

Construction de l'Identité Africaine et de la Diaspora" dont les travaux ont donné lieu à de vifs débats sur le rôle des Sciences Sociales, de la Philosophie, du Droit et de l'Histoire.

2. Le première grande idée qui a émergé est que la connaissance universelle composée des sciences sociales, devra prendre en considération les caractéristiques de la diversité culturelle et le sujet sur la perception des pays africains et de la Diaspora de leur réalité et de leur propre culture. La simple transplantation d'une science sociale occidentale ne nous est d'aucun recours car elle ne signifie rien; la question de la philosophie grecque a été soulevée et a constitué un moment intense du débat, parce que l'un de nos interlocuteurs a déclaré que si les peuples africains – et il a cité les Iorubas et les Bantos – ne séparaient pas le mythe des logos, s'ils ne séparaient pas la rationalité de la religion, il serait alors impossible de bâtir un savoir philosophique capable d'unir l'Afrique avec la Diaspora. C'est ce qui a donné lieu à la plus fine expression du colonialisme dans ce débat et qui a entraîné une très vive réaction pour démontrer que la diversité culturelle peut générer des instruments et des philosophies divers, alors que le Professeur Paulin Houtondji, qui est professeur à l'Université du Bénin, a démontré de façon détaillée, comment la diversité culturelle devait orienter le savoir philosophique et comment nous, africains de la Diaspora et du continent, devions la comprendre à partir de nos références communes. Le rôle du savoir traditionnel a également été évoqué dans le débat, à savoir celui des sciences sociales et des sciences humaines, en tenant compte de la tradition, pas d'un point de vue conservateur, mais comme une affirmation de soi.

3. Un autre problème qui a été mis en lumière, est celui du rôle des universités dans la production du savoir dans le domaine des sciences humaines, sociales et philosophiques. Et le problème des quotas qui est devenu le problème central. Ce qui en a résulté, c'est que l'implantation de quotas pour pouvoir accéder à l'université, en tant qu'ascenseur social ou pour améliorer les conditions de vie future des familles, était tout à fait justifié. Pour nous tous, qui sommes d'origine africaine, l'implantation de quotas et la réelle démocratisation de l'université, représentent des éléments indispensables pour que la population noire, à travers ses enfants diplômés, puisse acquérir une méthodologie, une formation scientifique universitaire, et puisse accéder à des savoirs appropriés, indispensables au renouvellement universitaire. Il en résulte que le problème des quotas ne relève pas seulement d'une politique

d'état visant à résorber les inégalités, mais d'une politique visant à promouvoir les sciences sociales et la production d'un savoir, dont la population noire serait le protagoniste.

4. Un exemple marquant a été cité lors de cette Table Ronde, que je souhaite relevé ici. C'est celui d'un intellectuel noir au pouvoir transformateur et présenté comme un modèle à suivre. Ce dernier ayant la capacité de transformer et de remodeler le savoir universel en sachant parfaitement où trouver sa place, puisqu'il a créé son propre espace conceptuel culturel, géographique et politique. Il s'agit de l'intellectuel brésilien Milton Santos. Nous sommes tous d'accord à cette Table pour dire qu'il serait impossible de faire une Conférence des Intellectuels Africains sans citer l'expérience de Milton Santos, un intellectuel brésilien de Bahia, de renommée mondiale , victime du racisme au Brésil, expulsé et pourchassé par la dictature militaire. Fidèle au Panafricanisme, Milton Santos, expulsé du Brésil, a été Secrétaire du Plan Économique du Président Julius Nyerere en Tanzanie, au moment où ce pays renaissait de l'union de la Tanganica et du Zanzibar. Fidèle au Groupe de Birmingham et au développement économique, Milton Santos s'est imposé comme dans le monde entier comme intellectuel respecté et pas seulement en Afrique et en Amérique Latine, mais également aux États Unis et en Europe. Géographe de pointe, il a produit des connaissances nouvelles en matière de mondialisation, de géographie et de spatiologie. Il est l'exemple même de l'intellectuel noir que nous aimerions voir se développer dans nos pays afin de motiver la jeunesse noire qui intègre aujourd'hui nos universités."

II– "Repenser la place de l'Histoire et des langues africaines dans les systèmes d'enseignement en Afrique et dans la Diaspora"

Bloc A : Histoire et mémoire d'Afrique et des africains dans la Diaspora : leur nouveau rôle dans l'éducation"
Bloc B : "Les langues africaines dans les systèmes d'enseignement en Afrique et dans la Diaspora "

Rapporteur :
Amauri Mendes Pereira – Université Cândido Mendes (Brésil)

Le Rapport :

"C'est un honneur et un privilège de partager des moments et des pensées puissantes et profondes avec ces intellectuels. Surtout parce que ma tâche était tout d'abord de les écouter et de les comprendre, afin de rester fidèle à leur conceptualisation et à leur formulation créative ainsi qu'aux propositions qui ne manqueront pas d'être présentées. En réalité, ma tâche a été facilitée par le dialogue informel et sympathique de notre modératrice, le Professeur Rosa Cruz e Silva, Directrice des Archives Nationales de l'Angola.

2. Il m'est impossible de retranscrire la richesse de ces interventions dans un rapport. La lecture des textes peuvent à peine démontrer, la densité des débats du Professeur Rosa Cruz e Silva sur l'impact des nouvelles méthodologies et de la nouvelle historiographie, bien qu'elle le considère insuffisant, en raison des conditions historiques particulières des peuples du continent africain. Elle a fait allusion, dans le cas présent, à l'essor initial constaté après l'indépendance de l'Angola et d'autres colonies portugaises, alors que e langage s'était épuré - faisant allusion au langage du colonisateur – et que les commentaires historiques mettaient à profit le climat de victoire qui encadrait la production des savoirs.

3. Aujourd'hui, selon ses dires, on reprend possession de l'espace et on encourage la poussée d'initiatives de plus en plus élaborées, tout en éveillant l'intérêt des populations pour leur passé. Dans ce contexte, elle a cité comme exemple significatif, le lancement en Angola, du Projet "la Route des Esclaves" de l'UNESCO ainsi que les moments marquants des commémorations de monuments en hommage aux souverains de la période précoloniale, comme la Reine N'Zinga au Luanda ou Manzumbe au Cunene. Ses commentaires ont démontré son talent de chercheuse, sa formation et son éloquence et sa

méthodologique traduisait une volonté de transmettre des connaissances sur son pays afin d'éveiller l'imaginaire social, pas dans un but idéaliste mais pour qu'il soit dénué de toute dépréciation colonialiste.

4. Nous pouvons dire la même chose pour Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Professeur à l'Université Fédérale de Sao Carlos et unique personne de couleur présente au Conseil National de l'Éducation en faveur d'une législation pour l'enseignement de l'Histoire et de la Culture Africaine et Afro Brésilienne, en tant que vecteur d'égalité raciale et comme partie intégrante de la justice et de la démocratie au Brésil. Selon elle, la loi 10.639/03, qui préconise l'intégration de ce sujet dans l'enseignement primaire dans tout le pays, doit être celle de tous les brésiliens, quelle que soit leur appartenance ethnique et raciale. Au cours de son intervention, elle a fondamentalement critiqué les arguments portés à l'encontre de la loi qui au lieu de générer des "problèmes raciaux", pourra à travers une connaissance complète de l'Histoire, garantir une réelle égalité par la valorisation de l'être humain en tant que noir et la démystification de la supériorité des "blancs" (une déviance morale de la conscience sociale).

5. Comment retracer en peu de lignes la trajectoire suivie par le professeur Teresina Bernardo, qui est engagée depuis longtemps dans la PUC-SP pour promouvoir l'Égalité Raciale parmi ses élèves en abordant les problèmes de la démocratie raciale au Brésil dans une approche théorique. A la fin des années 70, elle a identifié les difficultés sociales dues à la discrimination sociale comme étant la principale source du faible rendement des élèves. Elle s'est engagée pour ces élèves, garçons et filles et a débattu des problèmes de discrimination raciale dans ses cours. D'après elle et en citant l'exemple de militants reconnus dans le Mouvement Noir, cette action a été un facteur d'amélioration du rendement des élèves en général, tant du point de vue académique que de la formation de leur conscience sociale.

6. La Professeur Becky Ndjose – Vice Ministre de l'Éducation de Namibie – a fait l'exposé le plus doux et le plus fort à la fois. En faisant allusion aux efforts de décolonisation du continent africain, elle a fait état du contraste qu'il existait entre la complexité et les perspectives plus intimes des africains et les stéréotypes. Selon elle, cela représente un problème plus important que le multilinguisme par exemple, tellement cité. Elle a indubitablement mis l'accent sur les tensions et les pressions néocolonialistes opérées sur les peuples africains au travers de mécanismes de contrôle.

7. Dans la matinée, nous avons été impressionnés par l'exposé du Professeur F.A. Soyoye de l'Université de Ilé Ifê au Nigéria. Il nous a parlé des aléas de l'enseignement des langues maternelles dans son pays : "Personne n'a jamais écrit un texte en yoruba, la plupart sont en anglais". Pour lui, une telle négligence constitue une erreur d'un point de vue politique et pédagogique. Il a également affirmé que les résultats scolaires des enfants ayant été alphabétisés dans leur langue maternelle - comme cela est reconnu dans d'autres parties du monde - tendent à être meilleurs que ceux qui ont été alphabétisés en anglais.

8. Les problèmes qui touchent la production du savoir et l'enseignement de l'Histoire ont fait l'objet d'un intérêt accru au cours de la 1ère table ronde où la pérennité du racisme, le néo-colonialisme, la nécessité d'une décolonisation des intellectuels africains et de leurs congénères du Brésil a été clairement abordée. Cela est encore plus crucial que l'utilisation de nouvelles méthodologies et d'une historiographie basée sur des recherches, des documentaires et autres supports. On doit donner la priorité à une historiographie qui mette en valeur le rôle protagoniste des africains. Il n'est plus possible que les livres d'école en Afrique et dans la Diaspora continuent d'enseigner une historiographie "classique" dans laquelle les peuples du continent africain "n'entrent dans l'Histoire" qu'à partir du trafic d'esclaves et de leurs relations avec les européens. Cela ne veut pas dire que le trafic atlantique doit être déprécié ou que les mécanismes importants qui ont entraîné l'appauvrissement et la paupérisation, au niveau matériel, moral et spirituel, du continent africain ne doivent pas faire l'objet d'une étude attentive. Au contraire, au moment où émerge la "Renaissance Africaine", il a été amplement convenu que l'intervention sans conséquences et sans intérêt des pouvoirs politiques, voire même son atteinte à la liberté de la recherche et à la "remise en question" de certaines "vérités" ou données historiques ancrées, a été plus que nuisible. Elle représente même un frein à l'accès au savoir et au développement des peuples d'Afrique et de la Diaspora.

9. Dans l'après midi, l'accent a été mis sur les langues africaines. Le Professeur Adama Samassekou du Mali – Président de l'Institut Africain des Langues - a brièvement retracé les efforts accomplis sur le continent africain pour l'établissement d'un multilinguisme fonctionnel complémentaire, dans lequel les "langues maternelles" des peuples africains seraient prédominantes, sans abandonner l'apprentissage d'une seconde langue européenne pour permettre de communiquer avec le reste du monde. Il a regretté qu'aucune

suite n'ait été donnée à la Déclaration sur les langues africaines élaborée lors d'une conférence sous l'égide de l'UNESCO à Kartoun, en 1969. Selon ses dires, il est impératif de renforcer l'Académie Africaine de Langues dont il est l'un des fondateurs.

11. Mme Ieda Pessoa de Castro, professeur de l'Université Fédérale de Bahia nous a parlé de son esprit pionnier et de ses défis d'il y a 30 ans, lorsqu'elle défendait sa thèse de doctorat et luttait contre la "lusolatrie" dans les études et l'enseignement de la langue portugaise au Brésil. Sublimes, ses interventions pleines d'émotion sur l'africanisation du portugais de "Camoes" sous l'influence de ces hommes et de ces femmes réduits à l'esclavage qui, si l'on en croit les études contemporaines sur la langue portugaise, seraient devenu muets et parce qu'il est impossible d'expliquer autrement les transformations opérées sur cette langue vivante.

12. De la même manière, le Professeur Mme Jolly Masinhaka a décrit de façon éloquente les événements qui ont eu lieu depuis 1966, le Bureau des Langues de l'ancienne OUA ; la frustration ressentie suite à la conférence avortée de 1982 qui n'avait pu avoir lieu faute de moyens. Elle a également fait allusion aux opportunités ratées (sans doute à cause du manque d'intérêt politique), par exemple la décision prise par les Chefs d'Etat réunis à la Conférence de l'Ile Maurice en 1976, d'implanter l'enseignement des langues africaines au Rwanda afin d'améliorer le niveau scolaire des élèves de l'enseignement primaire et qui n'a au final, jamais été appliquée. Sa réflexion a encore été plus précieuse sur des questions comme : (a) Quelle sera la langue "d'origine" qui va remplacer la langue européenne ? Ou encore (b) une libération linguistique qui tende vers l'unité nationale, est-elle possible voire souhaitable?

13. La pugnacité et la bonne humeur du Professeur Olagide Timothy-Asobele de l'Université de Lagos, Nigeria, lors de son intervention à la Table Ronde de l'après-midi, a également laissé un excellent souvenir. Il a réaffirmé l'importance de l'action. Pour pouvoir alphabétiser en enseignant les langues africaines il faut aller sur le terrain, apprendre les langues et agir en fonction des particularités du contexte historique et du développement culturel. Le tout en brandissant plusieurs publications qu'il tenait dans la main, nous les montrant avec des gestes et des regards éloquents, les retirant à chaque fois d'un immense sac qu'il avait rapporté et qui se trouvait sous la table. Ces publications témoignent de son travail sur l'enseignement et la diffusion des langues originaires de son pays. A noter l'effet stimulant de

son affirmation récurrente "les résolutions ne servent à rien, c'est l'action qui compte".

14. Le Professeur Takiyawa Manuh, Directrice du Centre d'Études Africain de l'Université de Legon au Ghana, a particulièrement renforcé le débat sur les choix et les décisions prises par le peuple africain au cours des différentes époques de l'Histoire. Dans le cas de l'enseignement des langues maternelles, elle pense que les choix était le plus souvent d'ordre politique plutôt que linguistique. Elle a souligné la situation particulièrement dramatique du Ghana où l'enseignement de la langue maternelle a été supprimée jusqu'au 3e cycle, ce qui veut dire que l'alphabétisation primaire a été effectué majoritairement, en langue anglaise.

15. Au cours des discussions qui ont eu lieu à ces tables rondes, sur l'Histoire et l'historiographie, la langue ou les langages, lesquelles ont été tour à tour plus ou moins véhémentes ; tous ont abordé les thèmes du colonialisme, du racisme et de la décolonisation.

Les interventions ont conservé une certaine unité par rapport au débat contemporain sur les besoins, les possibilités et les opportunités de la Renaissance Africaine : le néocolonialisme et les mécanismes de domination économique et culturelle représentent une entrave à la souveraineté et au développement des peuples du continent africain.

16. Au cours de la matinée du dernier jour, un diplomate africain a proclamé, lors d'un vibrant discours au micro de la session plénière, qu'il était nécessaire de créer et de renforcer les ponts entre l'Afrique et la Diaspora comme objectif principal de cette Conférence. Les Tables du Groupe Thématique "Repenser la Place de l'Histoire et des Langues Africaines dans les Systèmes d'Enseignement d'Afrique et de la Diaspora" à l'instar de toutes les interventions, les énergies et des résultats de la CIAD II en général ; ont démontré qu'au-delà de toutes les connotations possibles et de tous les ponts créés et renforcés, lorsqu'on parle de l'Atlantique Noir : "tout le monde est dans le même bateau."

III – "Nouvelles Tendances de l'Historiographie en Afrique et dans la Diaspora"

Bloc A : "Des origines à 1850"
Bloc B : "Afrique et Diaspora après 1850"

Rapporteur :
Boubakar Barry – Université Cheik Anta Diop (Sénégal)

Le Rapport :

"Sous la Présidence de l'Ambassadeur Alberto da Costa e Silva de l'Académie Brésilienne des Lettres, dix-huit exposés ont été présentés au cours de ce troisième panel sur le thème "Les Nouvelles Tendances de l'Historiographie d'Afrique et de la Diaspora".

2. Il est difficile de rendre compte de la richesse et de la diversité des exposés qui ont été présentés par de brillants professeurs provenant d'Afrique, du Brésil, des États-Unis et d'Europe. Les discours ont surtout suscité un intérêt croissant auprès d'un public jeune qui a pris conscience de l'importance de l'Histoire comme moteur essentiel de son émancipation.

3. Au risque d'oublier certaines idées motrices, on peut affirmer que ces débats ont permis de définir les modalités d'une écriture de l'histoire pour répondre aux défis auxquels les africains sont confrontés, dans le cadre de la mondialisation et de la globalisation. On retiendra de ces débats un certain nombre de pistes de recherches qui devront être explorées afin de mieux valoriser la contribution des africains, ceux de la Diaspora y compris, dans la création d'un monde de justice et de diversité culturelle Il est nécessaire d'ouvrir notre espace et nos esprits, afin de libérer nos corps et nos pensées des préjugés accumulés au cours de plusieurs siècles d'esclavage et de colonisation. La décolonisation de l'Histoire et surtout la prise en main de notre histoire, passe par un bilan dénué de toute complaisance des idées motrices qui ont forgé jusqu'à aujourd'hui, l'écriture et l'enseignement de l'Histoire et qui ont façonné notre conscience historique, c'est à dire les relations que nous entretenons avec nous-même et avec le reste du monde.

5. C'est pourquoi des lieux de mémoire tels que "Cidade Velha" au Cap Vert, doivent servir de base à la reconstruction de l'unité entre les peuples africains et ceux de la Diaspora. Le recours à des sources d'information orales devrait permettre de récupérer des pans de l'histoire politique jusqu'ici négligés

par l'historiographie fondée sur des sources écrites et dont la critique systématique doit être entreprise.

6. Il est également nécessaire de lutter en faveur d'une histoire non territoriale au Brésil, qui devrait s'étendre jusqu'à l'Atlantique Sud pour appréhender le rôle que les influences africaines ont joué sur son destin tout au long de son histoire. Cela explique la récente décision de rendre obligatoire l'enseignement de la culture africaine, afin de lutter contre le racisme enraciné dans le système éducationnel et en réponse aux revendications du mouvement noir au Brésil.

7. Il faut par conséquent, libérer notre corps et notre esprit de la carapace composée d'idées fausses imposée au cours des siècles de domination par l'Occident, lequel nous considère comme une race à part de la condition humaine. L'enseignement de l'histoire africaine en Afrique et dans les autres pays de la Diaspora africaine, doit mettre en avant les nombreux défis que suppose l'élaboration d'une histoire continentale qui prendrait en considération les expériences de la Diaspora africaine en Amérique, en Europe et en Asie.

8. Dans ce sens, les études africaines ont été largement analysées en fonction des débats qui ont lieu actuellement aux États Unis, au Brésil et en Afrique sur les idées motrices qui ont orienté la rédaction de l'histoire africaine.

9. Il est nécessaire d'établir un rapport entre l'histoire Africaine et celle de sa Diaspora et d'élaborer sur cette base, l'histoire de l'humanité et l'histoire universelle, en mettant en exergue la contribution de l'Afrique, en évitant tout type de marginalisation dans le cadre de la globalisation. Cela n'exclut en rien les défis quotidiens sur l'importance de la contribution des femmes comme par exemple la reine Ndate Yalla du Waalo, la résistance des esclaves Maaron du Surinam, l'implantation des institutions du Code Indigène en Angola, la célébration de notre africanisme, la restauration de l'Afrique au centre du système atlantique et des études comportementales des populations sur les deux rives de l'Atlantique. Le contrôle de notre agenda scientifique passe par la réhabilitation des langues africaines. Les historiens doivent privilégier certains thèmes tels que la biographie de personnalités marquantes, le mouvement des idées et des peuples comme les Ioruba et leur Diaspora, à travers le monde. Comment écrire l'histoire d'une aussi longue période en ne tenant compte que des aboutissements, alors que les ruptures demeurent le principal défi des historiens et de

l'ensemble des citoyens, en attente de montrer leur aptitude à être autonomes et à choisir librement leur destin ?

10. Je termine ce rapport par cette note personnelle sur mon expérience et mes relations avec le Brésil. Je suis né et j'ai vécu en Afrique jusqu'à aujourd'hui. Néanmoins, mes innombrables voyages au Brésil pour donner des cours d'histoire m'ont permis de constater que mes racines africaines sont aussi magnifiquement présentes dans tous les domaines de cette culture brassée par plusieurs siècles de mixité raciale. Le Brésil a pleinement assumé sa partie occidentale, il ne lui reste à assumer que sa partie africaine pour devenir un pôle lumineux de ce monde du XXIe siècle.

IV – "Religion et héritage culturel"

Bloc A : "Orixas, Voduns et Inquices : tradition, pluralisme et diversité"
Bloc B : "Religion, Art et Culture"

Rapporteur :
Reginaldo Prandi – Université de Sao Paulo et Intecab/SP (Brésil)

Le Rapport :

"Bien que la Religion et l'Art aient été séparés en blocs spécifiques, la propre constitution de la culture Africaine et de la Diaspora a fait que des références communes à ces deux thèmes ont toujours été présentes dans le discours des présentateurs et lors du débat entre les deux blocs. C'est pour cette raison que le bref exposé du GT ne fait pas de séparation entre les deux blocs puisque de fait ils n'ont pas été séparés.

2. Dans la conception africaine, qui a été parfaitement préservée dans certains segments de la culture africaine en Amérique, la Culture et l'Art sont intrinsèquement liés. Ils font partie d'une même vision du monde voire plus que cela, ils sont les expressions d'un même mode de vie et d'une même perception de la réalité. La vision du monde africain s'exprime jusqu'à aujourd'hui, aussi bien en Afrique que dans la Diaspora, par des moyens matériels et immatériels. Cela inclut les arts plastiques, la musique et la danse, la littérature et la poésie, l'art des saveurs et des senteurs, l'art culinaire, l'esthétique de l'environnement et l'habillement. Et bien plus que cela, sur le plan éthique, ils sont les valeurs fondamentales qui orientent nos comportements et donnent un sens à la vie, comme la joie de vivre, le respect des personnes âgées et l'esprit de vie communautaire.

3. Né au sein même de la religion, l'art africain s'exprime, des deux côtés de l'Atlantique, à travers le mouvement, les rythmes, les couleurs, les pulsions, qui sont des vecteurs d'énergie, l'axé, qui alimentent le pouvoir et conduisent au plaisir de l'esthétique noire révélée au travers de moyens matériels et immatériels issus de la mémoire ancestrale. Les arts qui fabriquent des objets sacrés et des ustensiles utilisés dans les rituels religieux tout comme dans l'expression musicale et poétique, dépassent les limites du culte car ils sont recréés et façonnés par les artistes dans le but de devenir des objets d'art sans frontières, nationaux et internationaux, qui contribuent à construire l'identité de nos nations. Il suffit pour cela de penser à la musique de certains

pays comme le Brésil, Cuba, Haïti, Trinidad et Tobago. Rappelons-nous la Samba et le Carnaval au Brésil, la musique des Caraïbes, la feijoada, l'acarajé et l'utilisation particulière des couleurs dans notre façon de nous habiller au quotidien. Ou encore des arts plastiques avec des artistes emblématiques tels que Mestre Didi, Rubem Velentim, Emanuel Araujo.

4. La religion et l'art sont la source identitaire des personnes d'origine africaine. Elles constituent l'origine des identités nationales de pays comme le Brésil, Cuba, Haïti, dont la culture ne peut être envisagée sans l'héritage de la Diaspora, sans les origines africaines. L'origine familiale, l'identité, le nom sont vitaux pour les africains. En effet, dans la Diaspora, les africains qui soumis à l'esclavage ont été privés et se sont vu attribuer un nom de substitution, un nom chrétien. Au Brésil, chaque nom portugais donné à un esclave signifiait la négation du lien avec ses ancêtres africains et au même temps, la rupture avec son ancienne religion, parce que l'identité et la religion se rejoigne dans une commune mesure. En conséquence, de ce côté de l'Atlantique, cette religion qui avait été laissée à l'abandon, a dû être reconstruite et réinventée. La religion a vécu sa renaissance dans la Diaspora. C'est par le biais de la religion qu'est née la résistance et que les origines ont pu remontées à la surface au niveau culturel. Plus tard est apparue le transbordement de la culture propre aux noirs sur le plan plus généralisé de la culture nationale et on a pu assisté à la construction d'une identité qui reliait définitivement l'Amérique et l'Afrique.

5. La renaissance de la religion africaine dans la Diaspora a été une résistance. C'est la recréation du monde africain, de la sainte famille, sous des aspects plus symboliques, c'est la famille de sang que l'esclavage a ôté aux africains. Par la suite, la religion s'est développée tout comme l'art, pour devenir celle de tous, comme l'art appartient à tous. La religion et l'art, les langues et les valeurs africaines s'entremêlent et pénètrent toutes les manifestations. On ne peut plus dire qu'on est brésilien, cubain ou haïtien, etc. sans rajouter qu'on est aussi africain. Enfin il en est de même pour le sang, les codes génétiques, la vie, dans son expression matérielle et immatérielle.

6. Le corps de l'africain est perçu comme un objet d'art, fruit de la création divine. Et pour cette raison il est aussi sacré. La vie est par conséquent une création et en même temps un art. Vivre, c'est créer, c'est prendre part à la création artistique toujours grandissante. D'un art qui n'est pas l'art d'un seul peuple mais qui est issu de la pluralité sans fin des nations et des peuples. Un aspect essentiel de la religion et de la culture africaine qui est réapparu dans la

Diaspora, est celui de la diversité, de la pluralité des expressions, des alternatives nées de la construction d'une unité à partir d'interprétations, de références et de significations différentes. Cette pluralité est présente au Brésil, à Cuba, en Haïti et dans toute la Diaspora.

7. Beaucoup de religions africaines ont été recrées dans la Diaspora, chacune d'elles s'adaptant au milieu social, en puisant dans leurs origines et en réinterprétant leurs contenus comme des instruments de préservation de l'héritage africain. Des religions différentes qui dialoguent en permanence entre elles et avec d'autres croyances d'origines diverses. Il est difficile de recenser les diverses religions afro-américaines. Les religions de orixas iorubanos, voduns jêjes, inquices bantos, etc. Au Brésil, les candomblés des nations iorubas, jêjes et bantas (les nations queto, ijexa, efa, jêje mahi, savalu et dahomé, les bantas angola, congo, cabinda), le candomblé de egungum, le candomblé caboclo, le jarê ; le xango de Pernambuco de nation egbanago et le xamba ; le tambor-de-mina jêje et nago, les encantarias ; le catimbo-jurema de tradition afro-indigène ; le batuque de Rio Grande do Sul ; l'omolocô du Sud-Est. Au Brésil l'Umbanda est la synthèse des origines les plus fondamentales de la culture et de l'identité brésiliennes. A Cuba, on trouve la santeria ioruba, le palo monte banto et ses quatre versions, l'ararat en plusieurs versions. En Haïti il n'existe pas moins de dix-sept formes de vaudou, culte de divinités et d'esprits aux origines multiples. Enfin, ce sont des religions plurielles qui depuis quelques années viennent également enrichir d'autres pays d'Amérique et d'Europe.

8. Mais à plusieurs moments, les orateurs de notre groupe se sont interrogés sur l'avenir de ces liens qui relient l'Afrique à l'Amérique, et qui sont ici et là-bas, une source de compréhension transcendantale de vie, une source sûre de créativité et d'expression culturelle identitaire des personnes, des groupes et des nations. La préoccupation de la permanence des traditions des orixas, voduns et des inquices a été constamment présente dans les discours du groupe réuni pour réfléchir sur la question de la religion et de l'héritage culturel.

9. Nous parlons aujourd'hui de renaissance africaine – au Brésil d'africanisation – mais comment pourrait-il y avoir de renaissance si déjà en Afrique et surtout au Nigéria, les enfants n'apprennent que très peu leur langue maternelle et subissent l'imposition des langues européennes? Très peu d'entre eux sont élevés dans la tradition de leurs dieux d'origine. Dans la plupart des pays africains, la majorité des jeunes ne sait pas écrire une phrase complète dans sa langue d'origine. Le babalaô Abimbola s'est demandé : "Que sont devenus la tradition africaine, la pluralité, les religions et les langues maternelles

qui semblent en voie de disparition? Il ne peut y avoir de renaissance africaine, en Afrique et dans la Diaspora, sans la reconnaissance de la religion, de la langue et des cultures originelles".

10. La situation en Amérique est également préoccupante. En Haïti, la religion a connu de véritables massacres et a toujours été vilipendée par ceux qui la regardent depuis l'extérieur et qui la considère comme un quelque chose d'horriblement simpliste et fantaisiste. A Cuba la religion a du également survivre dans l'ombre et son sort n'a été guère différent. Au Brésil, les religions orixás, voduns, inquices, encantados, leurs maîtres et caboclos, ont cessé d'être persécutées par la police uniquement ces dernières années mais malheureusement ils ont trouvé un autre ennemi encore plus dangereux, disposé à les faire disparaître de la scène religieuse. Il s'agit des églises pentecôtistes et néo-pentecôtistes qui diabolisent les divinités et les esprits afro-brésiliens. Ils font la chasse aux dévots, cherchent à les convertir et ont organisé une véritable guerre sainte contre les fidèles de la religion afro-brésilienne.

11. Les religions d'origine africaine se protègent comme elles le peuvent, en créant des organismes de défense, comme cela a lieu en Haïti et au Brésil, mais ces initiatives sont encore timides. Il est difficile de se défendre contre des ennemis si puissants, qui bénéficient de l'appui de la radio et de la télévision et ont des représentants dans les institutions municipales, les assemblées législatives et au Congrès National. La religion devra encore une fois entrer en résistance pour survivre.

12. Quelques recommandations s'imposent. Il faut, avant tout, maintenir les voies de communication ouvertes entre les intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Des congrès comme celui-ci auraient du être organisés depuis très longtemps et de façon régulière. En deuxième lieu, il est également impératif d'assurer une continuité. Il faut que les gouvernements des pays concernés assument une position de force envers l'intolérance religieuse et favorisent la liberté totale des croyances en protégeant la liberté d'expression religieuse et artistique. Il est décisif de préserver avant toute chose, la capacité de création. Car, pour l'africain des deux côtés de l'Atlantique, la création c'est la vie, c'est un lien avec ses origines et la possibilité de prospérer sans perdre son identité."

V – "Connaissance mutuelle de l'Afrique et de la Diaspora : identité et coopération"

Bloc A : "Production et échange de connaissances"
Bloc B : "Potentiel et limites de la coopération régionale et multilatérale"

Rapporteur :
Nilma Lino Gomes – Université Fédérale de Minas Gerais (UFMG) et Association Brésilienne de Chercheurs Noirs (ABPN)

Le Rapport :
"I – Bloc A : "Production et échanges de connaissances".
Les analyses se concentrent sur deux aspects : a) la production et b) la circulation des connaissances.

Ier –Production des connaissances

1.1 – L'accent a été mis sur les points suivants :
- l'indépendance politique des pays africains a engendré la consolidation de l'enseignement supérieur, la formation de chercheurs et d'une communauté scientifique. Toutefois, cette situation est encore fragile dans certains pays et n'assure pas une production effective de connaissances ;
- Dans plusieurs pays de la Diaspora, les conditions de production du savoir sont même meilleures qu'en Afrique. Une situation d'éloignement touche cependant les territoires et les espaces africains.
- la connaissance des identités et des cultures doit être prioritaire car c'est l'élément de construction identitaire de l'Afrique et la Diaspora ;
- Il faut comprendre le rapport qui existe entre la coopération et le partage des savoirs. Partager le savoir ne constitue pas un transfert de technologie mais une discussion intellectuelle. De ce point de vue, c'est le rapport entre coopération et gouvernance qui est en jeu.
- La divulgation du savoir provenant d'Afrique et de la Diaspora doit être faite localement et dans un cadre intercontinental.
- Il est important de construire des liens de solidarité qui servent de base aux relations établies entre les intellectuels africains et de créer

des mécanismes de coopération entre l'Afrique et la Diaspora (surtout dans le cas du Brésil). Pour que cela se produise, l'appui et l'octroi de ressources des gouvernements sont nécessaires.

- L'égalité et la réciprocité sont quelques uns des principes nécessaires à l'échange des idées entre les intellectuels noirs d'Afrique et de la Diaspora. La coopération exige de l'échange et de la réciprocité. Elle doit se réaliser des deux côtés.
- L'impact de la langue sur le savoir des intellectuels africains et de la Diaspora. La langue a un rôle ambivalent. En effet, alors même qu'elle encourage les échanges en Afrique, elle représente aussi un obstacle au transfert des savoirs à l'intérieur du continent africain et dans la Diaspora ;
- L'absence des femmes et des jeunes dans le panel de ce matin a été signalée. On a demandé d'accorder une attention particulière à cette situation afin qu'elle ne se reproduise pas car c'est un facteur important pour la démocratie et l'échange de savoir.

1.2 – Les suggestions suivantes ont été mises en exergue :

- Encourager la production de savoirs de la Diaspora en Afrique et de l'Afrique dans Diaspora.
- Créer des politiques de proximité entre les intellectuels et les chercheurs africains qui se trouvent dans la Diaspora et ceux qui sont en Afrique.
- Encourager la mise en œuvre de nouveaux programmes de coopération de production scientifique sur l'Afrique.
- Développer des instituts de recherche et des moyens financiers pour recherche.
- Donner la priorité aux relations entre les universités africaines et celles de la Diaspora, en encourageant les échanges de programmes d'études secondaires, d'études supérieures et de recherche.

2º – Circulation des Connaissances

2.1 - Les points suivants ont été soulevés :

- Les connaissances produites sur le territoire africain et dans la Diaspora ne circule pas suffisamment en Afrique, entre les pays africains et en dehors.
- La spécialisation par discipline rend difficile la circulation du savoir ainsi que les échanges entre intellectuels.
- La globalisation conditionne la production et la circulation du savoir : les études sur l'Afrique ne sont pas prioritaires dans le processus de mondialisation

du savoir. Cependant, dans ce même contexte, la circulation du savoir est de plus en plus dynamique et crée des opportunités de coopération entre l'Afrique et la Diaspora.

- Nous sommes face à un processus de "déterritorialisation/territorialisation" du savoir. Ce processus devra guider les stratégies de coopération entre les intellectuels d'Afrique et ceux de la Diaspora.
- La circulation tout comme la production de savoir dans la Diaspora doit non seulement prendre en considération les intellectuels mais aussi les autres acteurs sociaux tels que, les artistes, les leaders populaires et les mouvements sociaux, entre autres.
- La "fuite des cerveaux" est une réalité en Afrique et ses causes doivent être analysées en fonction de leur contexte
- Il existe un défi à relever pour réfléchir aux modalités d'échange entre les intellectuels africains qui sont en Afrique et ceux qui se trouvent dans la Diaspora.
- Il faut générer des conditions de travail, d'évolution de carrière et de production de savoir, adéquates aux intellectuels des pays africains et de la Diaspora, et plus particulièrement aux intellectuels noirs de la Diaspora.
- Il est de l'intérêt de l'Afrique et de la Diaspora de participer à un projet dans lequel elles puissent s'impliquer ensemble afin d'améliorer leur destin et la situation de leur communauté respective.

2.2 – Les suggestions suivantes ont été mises en avant :

- Encourager les politiques éditoriales entre l'Afrique et de la Diaspora afin de faciliter la circulation du savoir produit par chacune d'elle.
- Evaluer la faisabilité de passeports panafricains qui assurent la libre circulation des intellectuels et des artistes d'Afrique et de la Diaspora.
- Etablir des stratégies qui permettent de dépasser les barrières linguistiques dans les milieux de circulation du savoir.

3º – Domaine de connaissance et de coopération à privilégier.

- L'éducation, en tenant compte des systèmes d'éducation primaire et secondaire.
- La santé, les politiques et les programmes de santé publique de base.
- L'expérimentation de programmes de défense et de consolidation des Droits de l'Homme

■ La production et les transferts scientifiques et technologiques, pas seulement dans le secteur du génie civil et de l'électronique, mais aussi dans la microbiologie, la productivité agricole et la recherche pétrolière en Afrique .
■ L'histoire des différentes Diasporas et la pluralité identitaire des peuples d'origine africaine.
■ Les recherches sur l'histoire de l'Afrique et de la Diaspora et son enseignement dans le système éducatif.
■ L'identification des différentes formes de racisme, leur combat et leur dépassement dans le cadre des relations entre groupes et nations ;
■ Une plus grande diffusion des informations sur les actions expérimentales d'affirmation auprès des populations de la Diaspora.

II – Bloc B : "Potentiel et limites de la coopération régionale et multilatérale".

1er – Les points suivants ont été soulevés :

- La coopération régionale, inter régionale et multilatérale, en tant qu'urgence et exigence face aux effets de la mondialisation et des politiques néolibérales qui imposent des limites au développement régional.
- L'importance de la coopération régionale dans le post-colonialisme et la construction de grands blocs régionaux pour surpasser les divisions et les frontières coloniales.
- L'importance de l'éducation et de la culture en tant que vecteurs de coopération.
- La continuité de la consolidation des 5 régions africaines en tenant compte de la Diaspora en tant que 6e région.
- L'insertion de la société civile organisée (ONGs, mouvements sociaux) dans les diverses sphères de la coopération et jusque dans la sphère gouvernementale.
- Le rôle important de la construction de l'Union Africaine par les états africains.
- Les possibilités d'établir des structures de coopération entre l'Union Africaine et les organisations latino américaines en créant un programme commun.
- La coopération entre l'Afrique et la Diaspora doit tenir compte de l'urgence, des spécificités et des identités des personnes d'origine africaine dans les pays d'Amérique Centrale et d'Amérique du Sud.

- Les limites territoriales de la coopération et du multiculturalisme dans la Diaspora (comme par exemple, dans les Caraïbes) sont liées aux conséquences de la colonisation. Cela a conduit les pays à s'exprimer à travers des organisations.
- Le potentiel en matière de coopération entre l'Afrique et la Diaspora est important. Le facteur linguistique constitue à la fois un élément de division et d'union en Afrique.
- L'importance d'utiliser la coopération pour des bénéfices mutuels. Pour qu'une coopération soit durable, elle doit être profitable aux deux parties et donc basée sur une approche progressiste des situations les plus simples aux plus "concrètes" à l'aide d'une évaluation minutieuse.

2e - Les suggestions suivantes ont été présentées :

- Une proposition pratique : la coopération scientifique Sud-Sud ;
- Commencer par des coopérations ponctuelles soumises à évaluation et au développement.
- Privilégier la coopération dans les domaines de l'éducation et de la culture pour construire des identités communes, comme par exemple, la possibilité d'avoir des matières communes dans les écoles primaires.
- Créer des stratégies pour que la coopération régionale en Afrique et dans la Diaspora ne puisse pas nuire aux petits pays.
- Créer des programmes de coopération structurels dans les secteurs considérés comme prioritaires par les pays africains et la Diaspora.
- Participer à divers mécanismes internationaux de coopération de façon à élargir et à affirmer la présence africaine.
- Développer les débats autour de concepts comme le panafricanisme, l'unité, la diversité, le fédéralisme, la race, etc. Ce débat a été entamé à la conférence de Dakar, a été poursuivi lors de la CIAD II, mais se doit néanmoins d'être enrichi.
- Construire une coopération plus efficace entre les Caraïbes, le Brésil et l'Afrique.
- Donner la priorité aux relations entre les universités africaines et celles de la Diaspora, en encourageant les équivalences entre les diplômes, les cycles d'études supérieures et la recherche.

VI – "Action affirmative et discrimination positive : politiques publiques et rôle des mouvements sociaux"

Bloc A : "Les expériences des pays africains et de la Diaspora"
Bloc B : "Le rôle politique et pédagogique de la conscience noire"

Rapporteur :
Shadrack Billy Otwori Gutto – Directeur du Centre d'Études sur la Renaissance Africaine – UNISA (Afrique du Sud)

Le Rapport

Bonsoir. J'aimerais vous dire que le Groupe Thématique VI a été composé de deux parties et que j'ai eu le plaisir d'intervenir en tant que présentateur et rapporteur. Je vais essayer de résumer ici notre débat. Six conférenciers se sont exprimés dans la matinée : le Professeur Jocélio Teles du Brésil ; le Professeur Kabengele Munanga du Brésil ; le Professeur Horace Campbell de la Jamaïque ; le Professeur Rudo Gaidzanwa du Zimbabué ; le Professeur James Early des États-Unis et moi-même. Le sujet nous a permis de traiter de considérations théoriques générales mais de parler aussi des expériences spécifiques de chaque pays. Je vais essayer de discerner les points les plus important qui ont été abordés lors de ces présentations et de ces discussions.

2. Premièrement, il a été démontré que l'action affirmative a été créée par les peuples opprimés et plus particulièrement par ceux qui sont exclus et ce malgré leurs efforts pour atteindre une réelle liberté et la lutte pour leurs droits et leur insertion sociale. Autrement dit, l'action affirmative est le produit d'un effort, d'une lutte. Ce n'est pas le résultat d'une bienveillance ou de la charité de la part de ceux qui ont, d'un point de vue historique, opprimé les noirs et les personnes d'origine africaine. Par conséquent, il résulte essentiel, pour ceux qui bénéficient des programmes d'action affirmative, de les considérer, non pas comme un privilège accordé par d'autres, mais comme un droit qui leur est dû.

3. En deuxième lieu, on a démontré que les mesures d'action affirmative ont été conçues, prioritairement, pour faire face aux effets du racisme, du sexisme et de l'exclusion, dû à des insuffisances, etc.. De ce fait, ces sujets ont donc été les principaux points analysés par les membres du panel.

4. En troisième lieu, on est arrivé à la conclusion que ces mesures d'action affirmative sont nécessaires ou tout du moins nécessaires et impératives. Ces mesures ne sont toutefois pas suffisantes pour transformer la société ou pour créer le type de justice que nous désirons tous. Des mesures additionnelles sont nécessaires parmi lesquelles :

- Celles afférant au thème de la réparation.
- Celles relatives à la transformation des systèmes de pouvoir, aussi bien sur le plan local que mondial.

5. Sans ces mesures complémentaires, les politiques d'action affirmative auront une capacité limitée pour créer, rendre la justice, promouvoir l'égalité et distribuer le pouvoir équitablement.

6. En quatrième lieu, on a constaté que lorsque des mesures d'action affirmative ont été prises pour corriger la discrimination et l'oppression raciale antérieure, en général, ceux qui ont connu par le passé ce type d'exclusion, résistent aux changements ou développent des stratégies de résistance. Autrement dit il n'y a pas d'action affirmative sans effort et confrontation. De nombreuses personnes qui revendiquent aujourd'hui l'accès à différentes ressources ou postes exclusivement basés sur le mérite ont obtenu par le passé, des privilèges et des avantages qui étaient fonction de leur couleur. Dans la pratique, ceux qui ont opprimé les africains et leurs descendants, imposant leur exclusion, utilisent aujourd'hui des termes tels que discrimination, racisme, réduction des normes de qualité, etc. pour justifier leur résistance aux politiques d'action affirmative.

7. Sur ce point, on a considéré la récente expérience brésilienne. En analysant les statistiques, on a constaté que les étudiants qui entrent à l'Université grâce à des mesures d'action affirmative offrent de meilleurs résultats que ceux qui y ont accès par les voies normales dans les différents secteurs du savoir et en particulier, les sciences, la médecine, etc. . Par conséquent, le mythe selon lequel, ceux qui bénéficient d'une intégration via les quotas n'ont aucun mérite, s'effondre de lui-même.

8. Il a été demandé aux intellectuels favorables à l'action affirmative de participer, sur un plan critique, à une coopération approfondie afin de partager leur expérience sur cette question. Toutefois, cela doit être fait dans le cadre de luttes fraternelles contre le racisme historique et contre les philosophies qui ont été développées pour justifier le racisme. Il faut, en particulier, que nous nous engagions dans un effort de libéralisation mental et intellectuel qui ne dépend pas uniquement des politiques d'action affirmative. Il faut plus de

solidarité entre l'Afrique et la Diaspora pour pouvoir changer un système qui a été construit sur une structure historique fondée sur l'injustice.

9. Finalement, nous constatons que le Brésil occupe une position stratégique de leader dans cette connexion entre l'Afrique et la Diaspora. Ce type de connexion devra toutefois, être fondé aussi bien sur la théorie que sur l'action. Ce sont les principales conclusions de notre groupe.

VII – "Perspectives pour la jeunesse africaine et la Diaspora"

Bloc A : "Identité, éducation et insertion sociale"
Bloc B : "Le rôle des nouvelles expressions culturelles"

Rapporteur :
Godwin Murunga – Kenniatta University (Kenya)

Le Rapport:

"Merci beaucoup Madame la Présidente, je suis chargée du rapport sur le Groupe Thématique qui a débattu du thème des "Perspectives de la Jeunesse africaine et de la Diaspora" et je tiens à dire que ce fut un privilège pour moi d'avoir participé à ce débat. C'est un groupe qui ne s'est pas limité à faire des constats comme c'est généralement le cas. Ce fut un débat dynamique. Au-delà de nos exposés et de nos débats ; nous avons chanté et écouté des poèmes, il ne manquait plus que nous dansions.

2. Un consensus est apparu au cours du débat sur cette thématique, sur le fait que la jeunesse porte en elle non seulement les "leaders de demain" comme on le dit habituellement, mais aussi les leaders d'aujourd'hui. Il a été clairement exposé que la jeunesse ne doit pas être perçue comme une catégorie décorative, mais comme un acteur dans les discussions quotidiennes de notre cadre social. Leur participation a été définie dans un sens très large et incluait aussi bien des éléments sur la créativité culturelle que sur la politique et la survie économique. Le message adressé par le Groupe a été aussi très clair : les jeunes ne doivent pas restés en marge, ils doivent participer aux sessions plénières des séminaires que nous organisons fréquemment.

3. Cette première séance a donné lieu à 7 présentations. Tous les exposants du Groupe Thématique ont confirmé leur intérêt pour la jeunesse. Toutefois, chacune des présentations a su intégrer dans son analyse les différents genres, classes, races et types de génération, afin de pouvoir aborder les différentes discussions. La présentation de mon collègue du Royaume Uni a fait état des graves problèmes d'identité que connaît la jeunesse anglaise et qui conduisent à la discrimination raciale. Parmi ces problèmes, il a souligné que l'actuelle structure de l'enseignement britannique ne permet pas aux étudiants d'avoir les connaissances nécessaires sur l'Afrique. Ce qui explique que les jeunes noirs ont des difficultés à s'intégrer

dans un système qui ne tient pas compte de leurs racines. Il a également souligné que cette situation finit par engendrer le sentiment chez les jeunes qu'ils jouent des rôles mais qu'ils n'entreprennent aucune action.

4. On a également clairement pris conscience de l'importance du contexte historique et du contexte global dans lesquels les pratiques et les discussions sur la jeunesse ont lieu. Deux textes ont alimenté ces débats. L'un d'eux a clairement parlé du changement de notre compréhension du processus de transition de la jeunesse vers la maturité. D'après ce qui vient d'être déclaré, une rupture s'est opérée dans notre système de compréhension qui se reflète dans ce que nous appelons le triangle institutionnel et qui inclut essentiellement, l'éducation moderne, les salaires et l'organisation. Un intervenant a indiqué qu'un deuxième problème est survenu relatif à l'augmentation de la croissance démographique. Actuellement, la jeunesse se montre dominante, mais nos pays se montrent incapables de leur fournir les certains services dont ils ont besoin. Un sentiment croissant d'inéquation dans la façon dont l'administration gère l'éducation s'est fait ressentir. Ces discussions nous ont conduit à évoquer sérieusement la question de l'émigration qui devient une source problématique pour beaucoup de jeunes.

5. Il y a eu ensuite une discussion sur la définition du mot jeunesse et l'un des intervenants a argumenté que la jeunesse est un groupe déconnecté, formé par tous les inadaptés, victimes de la marginalisation économique et sociale. Il a ensuite rajouté que si c'est le cas pour la jeunesse en Afrique, celle de la Diaspora est exposée quant à elle à une double exclusion, celle de l'âge et de la couleur. Il en résulte qu'en raison de la marginalisation, la jeunesse noire constitue essentiellement un groupe en transition. Mais cette transition ne mène cette jeunesse nulle part à chaque fois qu'elle tente de se servir de l'émigration ou de la subversion pour se réaliser dans sa propre humanité. Un constat identique a été formulé au sujet de l'éducation qui est de plus en plus dévalorisée, alors que la musique et les autres formes d'expression sont extrêmement valorisées. A travers le biais de la musique, le théâtre et la danse, la jeunesse actuelle peut se divertir et apprendre, mais c'est aussi un moyen pour fuir la société.

6. Trois exposés ont traité du problème de l'éducation et plus particulièrement de celui de l'enseignement. L'exposé du Brésil a décrit comment le Ministère de l'Éducation recherchait des solutions au problème de la marginalisation, soit en introduisant de la diversité dans les matières enseignées. Un autre exposé sur le Nigéria, a focalisé sur la redéfinition du

cursus scolaire afin d'y inclure des matières pour aider la jeunesse à acquérir, non seulement des aptitudes à la survie, mais aussi des fondements égalitaires dans leur mode de vie, au Nigeria et dans d'autres parties du monde.

7. le dernier exposé de la matinée a également été important. Il s'est penché sur les efforts des afro-brésiliens pour émanciper une société qui a criminalisé l'identité de la jeunesse noire. Sur ce point, l'orateur a insisté sur le fait qu'il était nécessaire de mettre à la guerre violente faite à la jeunesse noire. Son exposé a mis en avant l'analyse de l'importance de la résistance et a souligné qu'elle trouve sa meilleure interprétation dans l'identité noire qui s'inspire du modèle ancestral. Il a aussi souligné la nécessité de décoloniser le savoir pour qu'il tienne compte des principes de la conscience et de la connaissance noire. Il a également insisté sur le fait que les politiques publiques doivent s'employer à éradiquer le sexisme et le racisme en adoptant une stratégie d'action affirmative basée sur la communauté.

8. Il y a eu dans l'après-midi cinq interventions : l'une sur le Canada, l'autre sur États-Unis et la troisième sur l'Afrique du Sud. Il y a eu ensuite l'intervention de deux leaders culturels et artistes brésiliens. Au cours de cette séance, il faut noter la présence et la participation effective d'un grand nombre de jeunes. Ces derniers sont intervenus dans les débats pour poser des questions sous une forme très critique et informative. Je pense que cela a peut-être été le point fort de la séance.

9. L'exposé du Canada, focalisé sur la zone urbaine de Toronto a mis en évidence le fait qu'en raison de la discrimination, la jeunesse noire au Canada tend à utiliser les nouvelles formes d'expression culturelle, non seulement comme des moyens d'expression mais aussi comme des moyens de résistance. Cette attitude a créé des noyaux de résistance utiles car, ils aident à répondre aux problèmes de l'insertion et sont un moyen pour la jeunesse de récupérer leur voix et de leur permettre de s'affirmer.

10. Une autre intervention a traité du cas des États-Unis, et plus spécialement de la scène hip-hop de Detroit. Un des intervenants a suggéré que la musique des artistes noirs a créé de nouvelles bases d'expression culturelle qui remettent en question le racisme et la supériorité blanche et enseignent au même titre qu'elles divertissent. Ces modes d'expression ont tout d'abord été rejetés par la plus grande partie de la société blanche américaine, mais elles sont devenues plus tard, très importantes. Elles sont devenues un centre d'attention et diffusent le mouvement hip-hop à travers le monde. Quand bien même ces modes d'expression comportent certains

éléments homophobes et sexistes, il est évident d'après l'orateur, que les cultures de la jeunesse ont toujours été là pour lancer défis. A son avis, il s'agit d'un contexte très important dont il faudra tenir compte dans les discussions sur les nouveaux modes d'expression culturelle.

11. Une autre intervention de notre collègue du Mozambique a parlé du projet "Vigésimo Quinto" (Vingt-cinquième) lancé par l'Afrique du Sud et du Sud-Est. Ce projet souhaite donner un meilleur avenir aux jeunes. Il repose sur quatre piliers : les problèmes identitaires et culturels, l'innovation et la créativité, l'organisation de réseaux et d'échanges et le maintien de la paix.

12. Les deux dernières interventions ont permis un véritable échange. Un dialogue entre les jeunes présents et les différents intervenants. Ces derniers ont répondu aux problèmes d'égalité, rencontrés par la jeunesse noire dans la propre ville de Salvador de Bahia et aux problèmes de racisme et de la marginalisation. Il est clair que compte tenu de sa population, la question de la participation politique doit nécessairement tenir compte de la "couleur de la ville". D'autres questions ont porté sur les leaders culturels et la nécessité de leur union autour de thèmes tels que la reconnaissance de l'héritage africain et de la conscience collective populaire. Pour résumer les débats de cette séance, je citerai Joao Rodrigues de l'Olodum qui a affirmé que notre avenir résidait dans la révolution permanente. Merci."

VIII – "Économie et société en Afrique et dans la Diaspora : Défis actuels"

Bloc A : "Renaissance Africaine et Mondialisation"
Bloc B : "Repenser les stratégies de développement économique et social"

Rapporteur :
Simon N'Guiamba – Commission de l'Union Africaine (Cameroun)

Le Rapport :

Mr. Elikia M'Bokolo a été le premier intervenant de cette séance de travail sur la "Renaissance Africaine et la Mondialisation". Il a commencé sa présentation en disant que des anciennes générations d'africains et de descendants d'africains ont ressenti la nécessité d'une renaissance sociale et économique de l 'Afrique avant même que le mouvement intitulé "Renaissance Africaine". La Renaissance Africaine est un mouvement qui vise à mobiliser les capacités culturelles, économiques et politiques afin de pouvoir faire face aux défis contemporains causés par la mondialisation.

2. La mondialisation doit être perçue dans le sens large du terme, qui comprend les tentatives par les pouvoirs dominants d'imposer leur vision du monde en Afrique, par la traite d'esclaves, le colonialisme et depuis la fin de la deuxième guerre mondiale, le néo-colonialisme. Certains intellectuels africains ont, dès le début du XVIIIe Siècle, protesté contre ces agressions. Dans ce contexte, il est particulièrement important de mentionner les travaux d'Achmed Baba du Mali et d'Amo (qui signait ses œuvres comme "Africain de Guinée"), deux africains connus, qui ont exprimé leur opposition à la domination étrangère en Afrique et au traitement infligé aux africains par l'Europe. Le travail réalisé par Amo demeure crucial pour nous, car il traite des problèmes liés à la discrimination des africains en Europe et de l'immigration. Actuellement, les africains cherchent à tirer des leçons de leur histoire pour pouvoir créer une "Nouvelle Afrique" qui puisse entrer en concurrence avec le reste du monde. Alors que les philosophes et les écrivains européens estiment que l'Afrique a besoin d'aide.

3. Face à cette situation, les intellectuels africains ont un rôle important à jouer. Ce rôle doit pouvoir leur permettre d'ouvrir de nouvelles perspectives aux futures générations africaines. Ces nouvelles perspectives seront fonction de l'analyse des facteurs historiques qui ont conduit à la situation actuelle.

Elles devront également s'inspirer des idées avancées par les pionniers du mouvement Panafricain, comme le Président Kwame Nkrumah (Ghana) qui à défendu l'Unité Africaines. Il est notoire que le Président Nkrumah avait déjà prévu dans les années 60 la nécessité de développer une économie forte en Afrique pour que cette dernière puisse concurrencer avec succès le reste du monde. Pour développer une économie forte, il faut un bon système éducationnel qui permette aux jeunes africains d'appréhender les "nouvelles technologies" qui sont d'une extrême importance dans cette économie mondialisée.

4. Mr. Philippe Lavrodrama a prévenu les africains des attaques de certains écrivains européens - et Africains - qui disent que le continent africain n'a pas d'avenir. Il a dit que le principal objectif de ces écrivains est de convaincre les africains que la fréquence des guerres civiles, le manque d'institutions démocratiques et la forte dépendance économique et politique de l'Afrique face aux pouvoirs étrangers, suffisent à prouver que l'Afrique ne peut pas devenir une partie intégrante et compétitive des affaires mondiales. Cette façon de penser implique qu'il sera désormais nécessaire d' "empêcher" les africains d'immigrer vers l'Europe où ils seraient probablement vecteurs de maladies comme le SIDA. De nombreux africains ont accepté ce langage et sont devenus des porte-paroles des pouvoirs coloniaux précédents et cherchent à défendre l'impact positif du colonialisme en Afrique. Partant de ce point de vue, l'Afrique est la seule responsable de la pauvreté qui frappe actuellement la plupart de ses pays. A l'encontre de ce constat, la Renaissance Africaine propose un développement positif qui peut éveiller les énergies intellectuelles et morales de l'Afrique. Il est important, dans le cadre du processus de cette Renaissance Africaine, que les africains puissent retrouver une confiance en eux-mêmes. Elle encourage les africains à lutter contre toutes les formes d' "afro-pessimisme" et à promouvoir les idées positives du mouvement de la Renaissance Africaine.

5. L'idée que les africains ne s'aiment pas, ou même qu'ils seraient maudits revient, ces derniers temps, de manière lancinante et récurrente, dans les conversations et dans diverses publications. Cela a tellement été répété que c'est devenu un cliché. Même s'il fait partie d'un sombre imaginaire, le thème de l'afro-pessimisme a envahi, depuis la fin de la guerre froide, tous les discours africains. Ces réflexions sont déconcertantes. Une partie de l'opinion africaine soutient la propagande occidentale en attribuant les échecs aux seuls africains. Ces derniers

seraient responsables de leur propre flagellation, ce qui innocenterait de fait l'impérialisme colonial et le néo-colonialisme. Et inversement, rien n'est moins révélateur que le thème de la "renaissance" comme principe de renforcement intellectuel et moral, qui inspire et alimente toute une littérature à tendance afro-optimiste. Chekh Anta Diop, l'intellectuel africain le plus important de la seconde moitié du XXe siècle, annonçait que la sécurité historique sous la forme d'auto -estime et de confiance en soi est un impératif de l'identité collective et un des principaux facteurs du développement social. L'imaginaire africain dont les médias occidentaux font part avec complaisance correspond à un fantasme rebutant, qui n'est pas seulement démoralisant pour les africains, mais qui contribue aussi à les éloigner de la Diaspora qui refuse d'être associée à quelque chose d'aussi négatif.

6. Mr. François d'Adesky a indiqué qu'il y existe de nombreuses similitudes entre la situation économique et sociale de l'Afrique et celle de sa Diaspora. La pauvreté est partout et les indicateurs sociaux sont bas en Afrique et c'est aussi le cas des peuples afro - latins et des afro - caribéens. Pour lutter contre la pauvreté et améliorer ses indicateurs sociaux, les pays africains et les afro - descendants doivent mettre en œuvre les politiques nécessaires pour atteindre les "Objectifs de Développement du Millénaire" fixés par les Nations Unies pour 2015. Entre-temps, la population d'origine africaine revendique ses droits économiques et politiques en Amérique Latine. Dans ce domaine, des progrès ont été réalisés au Brésil, en Colombie et en Équateur où les gouvernements ont adopté des lois anti-discrimination. Une relation de proximité entre l'Afrique et sa Diaspora est donc bienvenue dans ce contexte. Jusqu'à maintenant, la population latino-américaine d'origine africaine a été déçue par le manque d'appui des pays africains dans leur lutte contre la discrimination. Ce sentiment a rapidement disparu suite au resserrement des liens opéré dans le cadre de la Conférence d'Intellectuels Africains et de la Diaspora.

7. Le procès du colonialisme a créé des "nations états" en Afrique dont l'existence a été remise en cause après l'indépendance. Seuls les pays qui ont été capables de concilier "modernité et tradition" ont pu conserver une stabilité politique. Pour soutenir ce point de vue, Mr. d'Adesky a cité l'exemple de Julius Nyerere qui a été "fils de roi" avant de devenir le Chef d'État de la Tanzanie. Ceci explique qu'il ait pu exercer son autorité sur le pays jusqu'à sa mort. Il a également cité le Botswana qui bénéficie d'une "chambre de leaders" et qui demeure grâce à elle, politiquement stable. Il a continué son exposé en

déclarant que la conciliation entre "modernité et tradition" a été un facteur clef qui a permis au Botswana d'investir tous ses revenus issus de l'exportation de diamants, dans le développement de ses infrastructures. Un autre exemple de la conciliation "modernité et tradition" a été évident en Afrique du Sud avec Nelson Mandela. A travers ces exemples, il a exhorté les pays africains à rechercher cette conciliation dans tous les domaines et à donner plus de responsabilités aux femmes dans les processus de développement.

8. Concernant le processus de la mondialisation, Mr. D'Adesky, a senti que cela pourrait être bénéfique pour l'Afrique, car elle pourrait donner aux jeunes africains l'opportunité qu'acquérir des connaissances sur les nouvelles technologies qui pourraient être appliquées dans leur propre pays. En outre, il a affirmé que l'introduction d'une institution démocratique en Afrique serait très utile dans ce contexte. Il a aussi été encouragé par l'Union Africaine dans son effort pour inclure la Diaspora dans le mouvement de la Renaissance Africaine. Ce mouvement aura certainement un impact significatif pour l'avenir des populations d'origine africaine en Amérique Latine et aux Caraïbes. Avec la création d'une classe moyenne dans cette population, les relations entre l'Afrique et les pays d'Amérique Latine et les Caraïbes sera renforcée. Cela contribuera également au développement des échanges commerciaux et culturels en Afrique. Ce développement permettra la réconciliation de l'Afrique avec les personnes d'origine africaine.

9. Mr. Mamadou Lamine Diallo a préféré faire une distinction entre les "activités globales" des sièges d'entreprises de pays développés et intégrés dans le processus de mondialisation dans lequel l'intégration de l'économie globale est revendiquée (2). Cette revendication est l'œuvre des gouvernements et des entreprises, des institutions financières et des pays économiquement développés. Ceux qui proposent ces mécanismes soutiennent l'intégration économique globale et encouragent la création d'un parlement démocratique dans le monde entier. Dans le même temps, les organisations non gouvernementales (ONGs) demandent l'adoption de bonnes pratiques de gouvernance. En somme, l'objectif de la mondialisation est de transformer le monde en un lieu où la vision économique et politique de certains pays sera dominante. Ce nouveau monde, d'après Fukuyama, serait caractérisé par la paix et la prospérité grâce à l'adoption des mécanismes d'économie de marché et à la démocratie parlementaire.

10. Malheureusement, tout n'est pas aussi simple. Au cours des deux dernières décennies, les pays de l'Afrique sub-saharienne ont mis en œuvre

des politiques inspirées des objectifs de la mondialisation. Dans la plupart des pays, l'impact de ces politiques n'a pas été encourageant, le nombre de pauvres ayant considérablement augmenté. Dans une tentative pour diminuer le nombre des pauvres dans les pays africains, les institutions de Bretton Woods ont recommandé l'adoption des "Documents pour une Stratégie de Réduction de la Pauvreté" (PRSP) dans pratiquement tous les pays de l'Afrique sub-saharienne, sauf en Afrique du Sud. Ces documents ont été réalisés avec la "participation active" des pauvres. Malgré cette participation, le succès de ces politiques suggérées par le PRSP est incertain.

11. Cet échec est dû en partie aux facteurs de dualité qui caractérisent l'économie des pays africains. Pour réduire la pauvreté, les mécanismes de la mondialisation doivent contribuer à créer des emplois dans les secteurs modernes. Cette croissance par l'emploi dépend du niveau d'activité d'investissement, lequel varie en fonction des taux d'intérêt réels. Par conséquent, les mécanismes de la mondialisation ne seraient intéressants pour les pays africains que dans la mesure où ils contribueraient à diminuer les taux d'intérêt réels. A long terme, cela devrait apporter aux jeunes africains la possibilité d'avoir une meilleure éducation et une formation professionnelle pour pouvoir accéder au marché du travail dans les secteurs modernes de l'économie africaine. Comme il est très peu probable que cela arrive, il est important d'arriver à faire que ceux qui bénéficient de la mondialisation puissent compenser ceux qui n'en bénéficient pas. Il est crucial de rappeler que les mécanismes de la mondialisation permettent d'obtenir une mobilité du capital entre les pays. Comme tout le monde le sait, une partie de ces capitaux est constituée de flux spéculatifs. Une idée a été proposée l'année dernière qui mérite d'être explorée. Il s'agit du prélèvement d'une taxe spéciale sur les flux de capitaux spéculatifs. Une introduction au niveau mondial, de cette taxe, connue sous le nom de "Tobin Tax", ferait de la spéculation un processus rentable pour tous les pays du monde.

12. Mr. Khalid Naciri pense que la Renaissance Africaine doit tenir compte des conditions actuelles de l'Afrique pour qu'elle puisse avoir un sens pour ce continent, à la fois dans le présent et dans le futur. Selon lui, les conflits internes, la diffusion de la pauvreté, les leaders corrompus et le manque de bons gouvernements sont une caractéristique africaine. Pour que cela change, il ne faut pas admettre la fatalité. Il est par ailleurs important que les leaders et les intellectuels africains reconnaissent que l'Afrique doit obligatoirement

s'inscrire dans le contexte de la mondialisation. En même temps, des efforts sont nécessaires pour que les impacts négatifs sur les pays africains soient réduits. Jusqu'à maintenant l'Afrique a été incapable de tirer des avantages de la fin du système bipolaire mondial. De plus, l'Afrique continue à être divisée en petits pays, tandis que l'Europe montre qu'il est déjà possible d'intégrer des pays avec des langues et des cultures différentes. Même l'Asie est engagée dans un processus de modernisation alors que l'Afrique ne présente aucun progrès visible à ce niveau. Afin d'être elle-même capable de créer des succès possibles, l'Afrique doit adopter de bonnes pratiques gouvernementales, promouvoir un système d'éducation renforcé et développer une plus grande solidarité entre les différentes classes sociales. La population africaine doit avoir l'espoir d'une société meilleure. Le mouvement de la Renaissance apporte cette vision aux africains. Pour que cela devienne réalité, il faut promouvoir l'introduction d'institutions démocratiques dans toute l'Afrique. Cette introduction permettrait aux populations ou à la société civile de s'impliquer activement dans la gestion des Droits de l'Homme.

13. En ce qui concerne les avantages dont l'Afrique pourrait bénéficier en vertu de la Diaspora, Mr. Naciri a affirmé que 10 % (3 millions) de la population de son pays, le Maroc, vit actuellement à l'extérieur. Cette proportion de marocains représente une source importante de devises étrangères pour son pays. Il a de ce fait recommandé que d'autres pays africains tirent les profits de leurs Diasporas respectives.

14. Mr. Naciri a commenté que les notions de résident et de non-résident avaient perdu leur sens dans ce contexte. Il a également dit que l'Afrique pourrait tirer des avantages de la mondialisation. Toutefois, il a tempéré en disant que le programme NEPAD ne fonctionne pas encore comme cela avait été prévu. Il a ajouté que l'idée d'établir les États Unis d'Afrique devrait encourager la réforme du système des Nations Unies ainsi que la révision de l'Organisation Mondiale du Commerce (OMC).

15. Mr. Robert Dossou a indiqué que le processus de mondialisation a commencé par des avancées technologiques dans le secteur des transports et par le développement des nouvelles technologies de l'information et de la communication. Il a précisé que le processus de mondialisation pourrait devenir un outil permettant d'accélérer l'économie et le progrès social en Afrique. Mais au même temps, il pourrait finir par retarder le développement de l'Afrique car il exige l'introduction de méthodologies que l'Afrique ne pourra pas absorber rapidement. Il a signalé le fait qu'au cours des dernières années

l'Afrique avait fait des progrès significatifs dans le domaine de la gouvernance démocratique. Il attribue cela au processus de mondialisation. Mr. Dossou a dit que le processus de mondialisation pourrait être bénéfique pour l'Afrique parce qu'il contribue à combattre la corruption. La mondialisation des marchés financiers a donné plus de pouvoir aux institutions de Bretton Woods, qui actuellement gèrent la direction des flux financiers dans le monde. Quant à la Renaissance Africaine, il est important pour les sociétés africaines de préserver leurs valeurs culturelles. Il faudra faire des efforts pour créer des opportunités pour l'éducation et l'emploi en Afrique afin de réduire le nombre de jeunes africains qui cherchent désespérément à échapper à la pauvreté de leurs pays et qui pour migrer vers d'autres continents risquent leur vie. L'Afrique devrait également valoriser la créativité de ses intellectuels.

16. Mr. Yves Amaïzo a commencé son exposé en disant que le processus de mondialisation était le résultat d'un équilibre des pouvoirs dans le monde. Cet équilibre des pouvoirs est la clef pour distribuer le bien être entre les différentes régions. Le processus de mondialisation comprend autant d'éléments statiques que dynamiques. En tenant compte des éléments dynamiques, l'Afrique a besoin d'avoir une vision opérationnelle. Les leaders africains doivent comprendre que le reste du monde ne donnera rien à l'Afrique sans échange de compensation. Les pays qui ont de l'influence sur les autres en profitent pour s'enrichir. Par conséquent, l'Afrique doit tenter d'accroître son influence sur les événements mondiaux. En même temps, elle doit créer une organisation conduisant à la création de richesses grâce au développement des investissements. L'Afrique doit également chercher à stimuler son économie grâce au savoir et à l'innovation. Avec le savoir et l'innovation, l'économie africaine sera capable de diffuser les informations économiques et financières nécessaires, ce qui permettra à ses gouvernants de prendre des décisions en connaissance de cause. En comparant l'Afrique à l'Amérique Latine, Mr. Amaïso a dit que l'Amérique Latine à plus d'influence dans le monde que l'Afrique. L'Afrique doit se développer pour améliorer sa position dans l'économie mondiale. L'Afrique doit chercher à attirer les investissements internationaux en créant des flux de capitaux. Pour cela, il est nécessaire de créer un environnement favorable susceptible d'encourager la Diaspora africaine à investir en Afrique.

17. D'après Mr. Amaïso, les relations entre l'Afrique, l'Amérique Latine et les Caraïbes ont été "platoniques" en ce qui concerne les échanges de biens et de services entre les continents. La solidarité si souhaitée ne peut s'appuyer

que sur une organisation solide basée sur des organisations opérant en réseaux transparents, performants et solidaires.

18. Dans ce sens, il est suggéré de trouver des synergies dans une Diaspora qui a sa place dans un monde globalisé. Plus qu'une réforme, il s'agit de rendre opérationnelle une économie d'agglomération, de développer des systèmes de soutien et de programmer des avancées qualitatives et technologiques en analysant la compétitivité, la solidarité et la possibilité d'avoir un emploi décent.

19. Pour pouvoir passer de la réflexion à l'action, il convient de proposer des concepts et des espaces de polarisation des synergies au service de la population. Il est de fait nécessaire d'identifier les projets ou la complémentarité stratégique qui va de pair avec la solidarité historique. Des concepts tels que l'interdépendance et le co-développement devraient surgir avec le retour de l'influence collective de l'Afrique, de l'Amérique Latine et des Caraïbes. Il faut donc accepter le principe des subsides pour que la coopération interrégionale et l'économie de proximité puissent créer de vraies relations d'affaires pour un progrès commun. Il est possible, avec la Diaspora, de soutenir des pôles de compétitivité et d'emplois, qui se développeront si les visas et les passeports de la Diaspora sont préalablement acceptés entre régions ou, tout du moins, entre États. Le futur passe alors par l'institutionnalisation d'un système d'agglomération opérant en réseau ouvert.

20. Mr. Jacques D'Adesky a établit que les relations entre le Brésil et l'Afrique avaient une longue histoire.

Il a rappelé qu'au début des années 80, il y avait des vols entre Rio de Janeiro, Abidjan, Dakar et Lagos. Il a également signalé qu'il fut un temps, il y avait eu des échanges significatifs entre le Brésil et l'Afrique. Il a indiqué ensuite qu'une Renaissance Africaine était impossible sans la participation de la Diaspora. Ce point est particulièrement important, étant donné que le Brésil cherche à retirer le maximum de bénéfices de sa diversité culturelle. Actuellement, l'Afrique devrait créer les conditions nécessaires au développement des échanges avec le Brésil.

21. Mme. Jacqueline Ki-Zerbo a commencé les travaux de la phase B: "Repenser les stratégies pour un développement économique et social" en disant que le succès économique et social de l'Afrique exige une forte coopération entre les hommes et les femmes. Elle pense que ce partenariat ne sera pas facile à mettre en œuvre car les hommes et les femmes sont traités différemment en raison des croyances traditionnelles. La préférence est

accordée aux fils dans de nombreuses sociétés africaines, parce qu'on les considère seuls capables d'assurer une "sécurité sociale" à leurs parents dans leur vieillesse. Quant aux filles, on les encourage à se marier le plus tôt possible. En réalité, l'éducation des filles n'est pas une priorité pour les parents. Cette façon de penser doit être changée sans qu'il soit pour autant nécessaire de recourir à l'activisme féminin. En accordant à leurs fils et ç leurs filles le même traitement, les sociétés africaines pourront probablement créer un véritable partenariat entre hommes et femmes et atteindre le potentiel de développement de l'Afrique. Favorables à cet objectif, les femmes devraient avoir le même droit à l'éducation et au développement professionnel que les hommes.

22. Sur le développement de l'Afrique au cours des trois dernières décennies, Mme. Kizerbo a analysé les types de projets qui pourraient bénéficier d'une aide étrangère. Elle a remarqué que certains donateurs étaient plus intéressés par un résultat rapide de leurs projets que par leurs conséquences sociales ou financières négatives. Dans la région du Sahel, par exemple, il faut encore, malgré les efforts du gouvernement dans ce domaine, trouver une manière efficace d'utiliser le charbon végétal. Il est important de signaler que les décisions relatives à l'utilisation du charbon végétal ont été prises par des donateurs étrangers et africains, sans l'avis des femmes. Il a attiré l'attention sur le fait que pendant les "décennies de développement", une série de réunions sur les "problèmes de genre" ont eu lieu au Mexique (1975), à Copenhague (1980), à Nairobi (1985) et à Beijing (1990/95), sans que les femmes aient pu y jouer un rôle important. En fait, les hommes dominaient les délégations gouvernementales (particulièrement à Nairobi et à Beijing). C'est à Nairobi que le concept de "genre" a été introduit. Ceci montre à quel point les sociétés dominées par les hommes sont peu disposées à mettre en œuvre les plans d'action qui ont été adoptés lors d'innombrables réunions destinées à permettre aux femmes d'exercer leur rôle dans le développement économique et social de l'Afrique.

23. En ce qui concerne les stratégies de développement, Mme. Ki-Zerbo a affirmé qu'il serait plus intéressant de reconsidérer les différents concepts de développement qui ont été proposés à l'Afrique. Avant même que les gouvernements africains et que les techniciens soient capables de comprendre les conditions opérationnelles, de nouveaux concepts ont été introduits et les donateurs imposent de nouvelles conditions. Cette situation a fait que l'Afrique est devenue, pour le reste du monde, un véritable "punching ball". L'Afrique et sa Diaspora sont-elles prêtes à résoudre ce problème et à

développer une stratégie appropriée à leur développement économique et social ? Sans s'isoler du reste du monde, l'Afrique doit regarder en arrière et constater les échecs de ces trois dernières décennies pour pouvoir projeter son avenir. Dans ce contexte, il serait plus important de tenir compte de l'impact négatif que le programme "Programme d'Ajustements Structurels" soutenu par la communauté internationale et dirigé par les institutions Bretton Woods, a eu sur l'Afrique. Les activités et les responsabilités du secteur public se sont réduites avec une perte d'emplois dans le secteur gouvernemental. Cela a entraîné une augmentation de la violence familiale en Afrique. De nombreuses familles n'arrivent plus à payer les études de leurs enfants. Pour qu'une stratégie plus adaptée au développement de l'Afrique puisse être mise en œuvre, les leaders africains doivent être capables d'identifier leurs propres priorités, de les analyser et de trouver des solutions appropriées. Une des priorités serait l'inclusion des femmes dans les prises de décisions. Sans cela, l'Afrique ne sera pas capable de faire face avec succès au problème de la pauvreté. Les femmes doivent cesser d'être passives et rechercher des solutions aux difficultés que connaît l'Afrique actuellement.

24. Mme. Jeannine B. Scott a surtout débattu des défis que pose le développement économique et social dans la Diaspora et du rôle des afro-américains dans ce contexte. Elle a indiqué que son employeur, l'Africare, était la plus ancienne organisation non gouvernementale afro-américaine oeuvrant pour la diminution de la pauvreté en Afrique et l'aide au développement. Elle a précisé qu'elle parlait en tant que femme américaine d'origine africaine. Elle fait partie de la Diaspora africaine aux États-Unis, constituée par les descendants de ceux qui ont été amenés en Amérique en tant qu'esclaves et par des arrivages plus récents d'immigrants des Caraïbes, d'Amérique Latine et d'Afrique.

25. Ces afro-américains ou africains d'Amérique, comme certains les appellent, travaillent durement pour pouvoir offrir un meilleur avenir aux futures générations d'africains dans le monde et contribuent considérablement au développement de l'Afrique. Pour profiter de cette richesse, Mme. Scott a dit que les afro-américains des États-Unis devraient être inclus dans la "sixième région de l'Union Africaine". Cette inclusion donnera à la Diaspora africaine l'opportunité de travailler pour un changement qui aura un impact positif sur des millions de personnes, qui diminuera la pauvreté, la faim, les maladies et l'absence de logements.

Par ailleurs, cela aidera à promouvoir l'égalité des genres, à améliorer l'éducation et à protéger l'environnement.

26. La Diaspora peut aider les pays africains dans leurs efforts en vue de promouvoir leur capital humain. Toutes ces initiatives ont fait en sorte que les pays africains ont pu disposer de l'appui nécessaire pour participer au marché mondial du travail. Accéder à la croissance économique, augmenter les impôts et développer les technologies, sont les objectifs qui permettront à l'Afrique d'éviter la fuite des capitaux, des cerveaux et de mauvaises conditions commerciales.

27. Me. Scott a affirmé que l'Afrique ne pourrait pas progresser dans ces domaines si son peuple n'arrivait pas à s'unir à travers le monde. Pour illustrer ses propos, elle a cité quelques exemples de ce que l'Afrique et sa Diaspora pourraient faire :

- Africare a été fondée parce qu'un président africain, l'ex-président de la République du Nigéria Hamani Diori a demandé à un afro-américain, Mr. C. Payne Lucas, pendant la sècheresse du début des années 70 dans le Sahel : " Pourquoi les frères et sœurs afro-américains des États-Unis ne font pas plus pour aider l'Afrique ?". Cet homme, Mr. Lucas, s'est réuni avec à peine quatre ou cinq africains et afro-américains pour commencer un effort qui est parti de sa maison. Il a commencé avec un prêt de US$ 39.000 pour construire ce qui est devenu la plus importante et la plus ancienne organisation afro-américaine destinée à promouvoir le développement économique du continent africain. Jusqu'à nos jours, le programme Africare a envoyé plus de 700 millions de dollars au programme d'assistance de 36 pays africains et a aidé plus de 200 millions de personnes. C'est une action entreprise par des africains en collaboration avec leur Diaspora.
- Le révérend père Sullivan est un des afro-américains qui a construit les "Principes de Sullivan" et qui, avec ces derniers, a proposé aux Sociétés multinationales des États-Unis de diversifier leurs affaires et leurs investissements contre l'apartheid d'Afrique du Sud tant qu'un changement réel ne se produirait pas dans ce pays, comme l'avènement de la liberté, des droits civils et du droit de vote pour tous les sud-africains. Il a fait en sorte que des millions de dollars en investissements soient retirés d'Afrique du Sud tant que la justice sociale n'y serait pas rétablie. Il a été un des pionniers ayant obtenu la double citoyenneté qui a permis aux afro-américains d'être à la fois des citoyens américains et africains.

■ "L'African American Unity Caucus" (AAUC) est une entité relativement récente. Elle a commencé par promouvoir la coordination et la coopération des organisations afro-américaines destinées à aider l'Afrique. Créée en 2002, elle est une alliance non partisane de leaders engagés dans les organisations africaines spécialisées dans les problèmes qui affectent l'Afrique et sa Diaspora. Elle est entièrement constituée d'africains, d'afro-américains et de citoyens des Caraïbes.

■ La Loi "Croissance et Opportunités pour l'Afrique" est une importante législation destinée à développer des opportunités commerciales pour les pays africains aux États-Unis. Elle a été pensée par un citoyen afro-américain et après un grand travail juridique elle a pu être implantée aux États-Unis. Actuellement, c'est un programme important qui a offert de nombreuses opportunités aux producteurs africains pour qu'ils puissent vendre leurs marchandises sur le marché américain et diversifier leurs échanges entre les États-Unis et l'Afrique.

28. En ce qui concerne les affaires, Mme. Scott a mentionné le nom d'africains influents en Amérique, indiqués ci-après, qui recherchent des collaborations productives en Afrique et à d'autres endroits de la Diaspora :

a) Bob Johnson de Black Entertainment Television Mogul, qui cherche à investir au Libéria ;

b) Kase Lawai, originaire du Nigéria, de l'industrie pétrolière Blaing.

c) Dikembe Mutombo, le célèbre joueur de basket originaire de la République Démocratique du Congo, qui a construit un Hôpital moderne dans son pays natal ;

d) Et d'autres comme Oprah Winfrey, Isaiah Washington et Geoffrey Wright.

Ce sont des personnes qui utilisent leur notoriété et leur héritage africain pour faire du commerce et des investissements philanthropiques dans divers pays d'Afrique.

29. Actuellement aux États-Unis, les africains d'Amérique ont une représentation sans précédent, qui relie ces derniers avec le continent Africain :

■ La Secrétaire d'État est une femme afro-américaine.

■ L'Assistante de la Secrétaire d'État est une femme afro-américaine.

■ Deux des quatre Assistants Adjoints de la Secrétaire d'État pour l'Afrique, dont une femme, sont des afro-américains.

■ La Directrice de la Sécurité Nationale d'Afrique et Conseillère Spéciale du Président est une femme afro-américaine.

- La représentante pour le Commerce avec l'Afrique est une femme afro-américaine.
- Le Directeur pour les Nations Africaines du Département du Trésor Américain et actuel Collaborateur Spécial du Secrétariat du Trésor pour les pays africains est une femme afro-américaine.

30. Mme. Scott a dit que ces afro-américains font tout ce qu'ils peuvent pour améliorer les relations entre les États-Unis et l'Afrique et qu'ils maintiennent un contact permanent avec les entités afro-américaines qui sont concernées par le thème de la Diaspora.

31. De surcroît, de plus en plus de jeunes – surtout ceux qui ont été éduqués aux États-Unis – prennent la décision de rapporter avec eux en Afrique, les connaissances et les formations qu'ils ont acquises, avec des millions de dollars en fonds d'investissement et en affaires. Par ailleurs, d'importants investissements sont effectués dans les transports, l'énergie, les télécommunications, les industries, les manufactures, la finance et les banque, etc.

32. Mme. Scott a conseillé aux africains et aux populations d'origine africaine de ne pas croire aux pseudo barrières qui existeraient entre eux et les afro-américains ou africains d'Amérique. Les personnes d'origine africaine aux États-Unis doivent s'unir plus que jamais pour être performants dans leur propre pays et à l'étranger. Mme. Scott a ajouté que nous sommes tous des descendants d'africains et que nous devons développer notre héritage commun.

33. Mr. Marcelo Paixão a centré ses commentaires sur les événements historiques qui ont influencé le développement économique et social du Brésil. Dans ce contexte, il a déclaré que le développement du Brésil a été considérablement influencé par le trafic d'esclaves. Les flux de personnes d'origine africaine ont apporté au Brésil, non seulement une main-d'œuvre bon marché, mais également une société mixte. Cette société projette une image de l'harmonie raciale hors du Brésil qui est erronée, alors que les descendants d'esclaves sont exclus des activités économiques du pays et continuent de faire partie des couches les plus défavorisées de la société brésilienne. Cela est dû à la discrimination raciale qui perdure. Au Brésil, plus la couleur de la peau est foncée, plus il est difficile d'accéder au marché du travail ou d'obtenir un crédit bancaire. Comme une partie importante de la société moderne brésilienne est écartée des activités économiques du pays, le Brésil connaît une situation pire que celle que son potentiel pourrait lui permettre. Pour

pouvoir utiliser tout son potentiel, le Brésil devrait intégrer toute sa population dans une stratégie de développement. Une telle stratégie augmenterait le volume de l'économie et améliorerait la distribution des richesses du pays. Mr. Paixão a expliqué qu'une politique efficace pour l'intégration de la population noire exigerait un investissement significatif du budget de l'État dans l'éducation et dans d'autres services sociaux. Cela améliorerait l'Indice de Développement du Brésil. L'existence de la population noire positionne le Brésil au 72e rang des pays dans l'étude menée par les Nations Unies en 2004. En excluant la population noire, l'Indice de Développement Humain est proche de celui des pays développés.

34. Mr. Omobitan Olufunsho Abyomi a fait part de l'expérience du Nigéria pour la promotion du développement économique sur une période de 46 ans, à partir de l'indépendance politique. Il a expliqué que l'application des différentes stratégies dérivées de systèmes tel que le «modèle de développement" n'a pas aidé le Nigéria à améliorer les conditions d'existence de ses citoyens. Malgré les ressources pétrolifères importantes du pays, la pauvreté, le chômage, l'insécurité alimentaire, les injustices fiscales, etc. ont perduré pendant de nombreuses années. Mr. Olufunsho Abyomi a cherché à expliquer ce développement en tenant compte des stratégies mises en œuvre au Nigeria à cette époque. Il a ajouté que certaines politiques de développement du Nigéria ont été "financées", mais non "recommandées" par les institutions multilatérales. Avec le soutien de ces institutions, le Nigeria a adopté des "Programmes d'Ajustements Structurels" (SAPs) qui visent à fortifier les capacités productives du pays et à restaurer la stabilité financière à travers l'augmentation budgétaire, la discipline et la libéralisation des activités économiques, en incluant la privatisation des entreprises gouvernementales. Au cours des années 90, les SAPs ont été suspendus à cause de leur incapacité à produire les résultats escomptés.

35. C'est dans ces circonstances que le Nigéria a lancé le projet "Vision 2010". Ce projet a été lancé dans l'espoir qu'avec des objectifs à long terme, le Nigéria serait capable d'atteindre des résultats identiques à ceux du Sud-est Asiatique. Par ailleurs, le Nigeria a adopté une "Stratégie Nationale de Développement et de Croissance Économique" (NEEDS). Cette stratégie vise à réformer la machine gouvernementale, à augmenter l'activité du secteur privé et à renforcer le système des valeurs existant. Toutes ces stratégies nationales ont donné d'excellents résultats pour le bien-être de la population

nigérienne. Il est urgent de repenser les stratégies de développement économique et social nigériens. Et dans ce processus de création de nouvelles stratégies, un certain nombre de concepts ont un rôle important. Ces concepts sont les suivants : partenariat, capacité de développement, bon gouvernement et durabilité.

36. Le "partenariat", c'est la volonté de faire en sorte que les communautés indigènes et le gouvernement travaillent ensemble pour atteindre leurs objectifs sociaux et économiques. La "Capacité de développement" ou "Capacité de construction" - c'est le processus par lequel les personnes, les institutions et les pays renforcent leurs capacité à utiliser de manière efficace les ressources humaines, financières et sociales disponibles pour atteindre les objectifs de développement durable. Un bon gouvernement exige l'adoption d'un mécanisme transparent dans la conduite des affaires publiques et l'utilisation des ressources du domaine public.

37. Mr. Mathieu Moubikou a commencé son exposé en déclarant que le principal objectif du développement économique et social devait être l'amélioration du bien-être de la population. Dans cet objectif, des efforts doivent être entrepris pour augmenter le volume des transactions sur le marché. La manière la plus efficace d'atteindre cet objectif pour les pays africains, est de développer une coopération entre eux. Cette coopération doit cibler la modernisation des activités du secteur rural et la promotion des transformations des matières premières à usage domestique en biens industrialisés et ce, le plus rapidement possible. La modernisation des activités rurales exige l'acquisition de technologies avancées qui puissent contribuer à la croissance dans le cadre des activités agricoles. La production rurale pourrait également augmenter grâce aux crédits bancaires des organismes de micro financement. Quelques unes des nouvelles technologies vont également améliorer le traitement domestique des produits forestiers et des minéraux. En ce qui concerne les échanges commerciaux avec le reste du monde, l'Afrique doit prendre des mesures pour protéger son industrie émergente. Cependant, l'Afrique ne devrait pas imposer dans le même temps, des barrières douanières dans les relations qu'elle entretient avec les pays de la Diaspora.

38. Ceci est particulièrement nécessaire dans les relations commerciales de l'Afrique avec les pays Latino-américains. L'exemple de Cuba montre à quel point la coopération entre l'Afrique et l'Amérique Latine peut être productive. Cette coopération pourrait augmenter les flux commerciaux des biens industriels. On pourrait également créer une agence spécialisée dans

l'étude de viabilité des investissements entre le Brésil et les pays africains. Cette agence devrait opérer de manière autonome en phase avec le développement africain. Quant au rôle que la Diaspora tiendrait dans le développement de l'Afrique, Mr. Mounikou a affirmé que l'Afrique pourrait suivre l'exemple de la Chine qui a été soutenue récemment par sa Diaspora. Dans ce sens, les pays africains devraient être prêts à accepter une double citoyenneté pour leurs ressortissants. Afin de renforcer les relations entre l'Afrique et sa Diaspora, il faudrait créer un jour international de la Diaspora africaine qui serait célébré annuellement. Celui-ci pourrait coïncider avec le "jour de l'esclavage".

39. D'après Mr. Mounikou, le principal point d'ancrage d'une stratégie alternative de développement pour l'Afrique doit être le développement du marché intérieur. Cela signifie une intégration régionale qui doit se traduire par l'abandon progressif des attributs de la souveraineté nationale. Le développement du marché intérieur sans la valorisation et la transformation industrielle de ses produits agricoles et de son artisanat traditionnel. Il n'y a pas d'avenir économique possible pour l'Afrique sans développement des activités à haute valeur ajoutée. Les stratégies alternatives de développement doivent être ouvertes à tous les pays de la Diaspora et doivent s'alimenter de la relation de partenariat qu'elles entretiennent entre elles. Les Diasporas, qu'elles soient récentes ou anciennes, doivent être un pont de ralliement avec leur continent d'origine ou une porte ouverte sur le monde où seront créées les nouvelles technologies qui constitueront l'horizon commun de tous les hommes.

40. Mr. Fernando Heitor a déclaré que l'Afrique a été confrontée à d'anciens défis qui n'ont pu être résolus depuis la fin de la période coloniale. Au Brésil les choses ne sont pas différentes pour les populations noires ou d'origine africaine. Près de 45 % de la population brésilienne est d'origine africaine. La grande majorité des personnes d'origine africaine est pauvre et vit au-dessous du seuil de pauvreté. Il semble qu'il y ait une corrélation entre le fait d'être noir et la pauvreté. Si le racisme a une influence sur la situation économique des personnes au Brésil, alors n'importe quelle stratégie de développement se doit d'inclure des mesures pour la lutte contre le racisme. Tant que le racisme sera considéré comme un facteur d'adversité affectant le développement du Brésil, le pays demeurera au-dessous de son potentiel.

41. Mr. Simon N'Guiamba est intervenu à la fin de la séance du Groupe Thématique VIII en tant que rapporteur de la session plénière. Il a établi que

le processus de mondialisation n'était que la forme actuelle d'un phénomène récurrent qui pousse certaines personnes et certains pays à vouloir imposer leur propre vision du monde en termes de religion, de système gouvernementale et d'organisation des relations économiques. Dans les temps modernes, ce phénomène a été facilité par le développement des nouvelles technologies de l'information. L'accroissement de la dépendance des pays en développement - surtout les pays africains – par rapport aux ressources financières étrangères, a joué un rôle important dans le durcissement des conditions imposées par les organismes financiers multilatéraux. La défense d'une intégration globale dans les domaines économique, politique et culturel est justifiée par les visions doctrinaires des régimes de libre marché, la supériorité des mécanismes de marché, l'attribution efficace de ressources naturelles, les effets positifs des institutions démographiques et la tolérance religieuse, d'après les normes occidentales. Certains esprits moins sophistiqués discutent de l'intégration globale en prétendant qu'elle est devenue une obligation à cause de "l'interdépendance" entre les nations du monde. Ils prétendent que le monde est devenu un "village". Malheureusement, cette théorie du "un seul monde" ne prend pas en considération le fait que les pays développés ne sont pas disposés à ouvrir leurs marchés aux exportations agricoles des pays en développement et que la main d'œuvre des pays en voie de développement ne peut pas migrer librement vers les pays développés.

42. Si le monde est devenu un "village global", comment les richesses du monde pourraient-elles être divisées équitablement alors que les opportunités d'emploi et l'accès aux banques ne sont pas les mêmes pour tous ? Trouver une solution satisfaisante à ce dilemme n'est pas facile. Est-ce que l'Afrique pourra bénéficier, ne serait-ce qu'économiquement, de la mondialisation?

43. En ce qui concerne certains aspects économiques de la mondialisation, Mr. N'Guamba a statué que l'objectif principal du processus de mondialisation était d'obtenir la libéralisation totale des économies mondiales et une ouverture sur la concurrence mondiale. On suppose que, si l'on donne aux économies une ouverture sur le monde, elles seront capables comparativement de conserver des avantages dans certains secteurs. On prétend que l'application des préceptes d'un tel projet serait profitable à tous les pays du monde. Si cela était vrai, on devrait se demander pourquoi les syndicats des pays développés vocifèrent contre la mondialisation.

44. Dans tous les cas, on dit que leurs forces de travail perdent des opportunités d'emploi à travers la tertiairisation des pays en développement

où les salaires sont plus bas. Dans le même temps, certaines organisations non gouvernementales s'opposent à la mondialisation en prétendant que le rôle dominant des entreprises multinationales empêche la croissance des économies nationales. Si l'on tient compte de cette controverse, il devient inintéressant pour les pays africains d'accélérer la libéralisation de leurs économies, à moins qu'une analyse minutieuse n'aboutisse à la conclusion que la mondialisation est susceptible de permettre sur le long terme à l'Afrique de palier facilement ce problème. C'est dans ce contexte que la Renaissance Africaine devient très importante, car elle rend les populations conscientes de la nécessité, pour les pays africains, de s'unir pour pouvoir faire face aux défis de la mondialisation.

45. Pour ce qui concerne la nécessité de repenser les stratégies du développement économique et social des pays africains, Mr. N'Guiamba a signalé que les pays africains ont suivi les conseils des donateurs étrangers et ont modifié leurs stratégies de développement plusieurs fois au cours des 40 années qui ont suivi la décolonisation. Dans la période comprise entre les années 60 et 80, les pays africains ont adopté une série de "plans de développement sur cinq ans" qui ont entraîné un endettement extérieur considérable. A cause de l'impossibilité de payer leurs dettes publiques extérieures, on a demandé aux pays africains d'adopter des "Programmes d'Ajustements Structurels". La mise en œuvre de ces programmes n'a pu atteindre les objectifs de développement des pays africains car ils accordaient la priorité au remboursement de la dette. Pendant ce temps, le niveau de l'emploi a considérablement baissé dans les pays africains, avec la fermeture ou la privatisation des entreprises du secteur public et la réduction drastique des salariés dans le secteur privé. Depuis 1999, sous la pression en partie de certaines ONGs opérant dans les pays sous-développés, des donateurs internationaux ont demandé aux pays africains d'adopter des "stratégies de réduction de la pauvreté" sous la forme de nouvelles règles de travail dans leurs politiques de développement. Malgré l'adoption de ces stratégies, les pays africains continuent à souffrir de l'importance de leurs dettes extérieures, de leurs déficits budgétaires considérables, de l'impossibilité d'accéder aux marchés des pays développés et de la difficulté, pour la majorité de leur population, d'obtenir des crédits bancaires.

46. Pour réussir à faire face à cette situation, les pays africains doivent adopter une stratégie qui donne la priorité à l'intégration économique et

monétaire du continent. La stratégie à moyen terme adoptée par l'Union Africaine, en juillet 2004, offre un bon départ à cette intégration. L'intégration des économies africaines donnerait lieu à la création d'un marché unique et à la libre circulation des facteurs de production. Avec la création de ce marché, les pays africains seraient capables de promouvoir la création d'une banque centrale continentale et d'introduire une monnaie unique. Cela pourrait renforcer les secteurs financiers des pays africains et augmenter le nombre des crédits bancaires qui sont vitaux pour les activités d'investissement, la création d'emplois et la réduction de la pauvreté".

IX – "Perspectives et défis de la coopération entre l'Afrique et la Diaspora dans le domaine de la santé"

Bloc A : "La lutte contre le SIDA, la Malaria et autres épidémies"
Bloc B : "Politiques de santé publique et formation des professionnels"

Rapporteur :
Maria Inês Barbosa – Université Fédérale de Mato Grosso do Sul (Brésil)

Le Rapport[6]:

"Le débat sur les «Perspectives et Défis de la Coopération entre l'Afrique et la Diaspora dans le domaine de la Santé" a réuni 50 personnes dans l'Auditorium Omulu, et cela n'est pas par hasard. La séance a été ouverte par Mme. Sheila Tlou, Ministre de la Santé du Botswana et Présidente de la Conférence de l'Union Africaine des Ministres de la Santé. Mr. Chinua Akukwe, Professeur de l'Université de GeorgeTown, Nigéria, était responsable de la coordination. Les exposés ont été présentés par Marcelo Cerqueira, du Groupe Gay de Bahia ; Mme. Fatima Oliveira du Réseau Féministe de la Santé ; Mme. Laura Segall Correa, du Ministère de la Santé du Brésil ; par moi-même; par Mr. Pascoal Manuel Mocumbi de l'Angola et par Mr. Luis Bogado-Poisson, de l'Organisation Internationale de Migration en Argentine.

2. Sur la coopération entre l'Afrique et la Diaspora africaine dans la lutte contre le SIDA, la Malaria et les Autres Épidémies ainsi que dans les Politiques de la Santé et de la Formation des professionnels, nous faisons les recommandations suivantes :

- Reconnaître que la Déclaration Mondiale contre le Racisme, la Discrimination Raciale, la Xénophobie et les autres Intolérances Annexes ; 2004 a été un programme fondamental, primordial et permanent pour guider toute initiative de coopération durable entre l'Afrique et la Diaspora africaine. Le plan d'Action de Durban, parmi les objectifs des secteurs de la santé, constitue une stratégie viable pour réaliser et transposer les objectifs de développement du millénaire.

[6] Texte issu des enregistrements de la Séance Plénière de présentation des rapports des Groupes Thématiques (14 juillet)

- Reconnaître que la garantie de la démocratie et des Droits de l'Homme sont indissociables du développement humain et de la promotion de la santé, en mettant l'accent sur le combat contre les formes institutionnelles de discrimination raciale, ethnique, de couleur, de religion, de sexe, d'orientation sexuelle, de condition socio-économique, d'éducation, de nationalité, de naissance, de langue, d'âge et de catégorie professionnelle. Je me permets en ce moment, de rappeler une pensée de Agostinho Neto :"Il ne suffit pas que notre cause soit bonne et juste, il faut que la bonté et la justice existent en nous."
- Reconnaître la santé comme étant un droit fondamental des citoyens et des citoyennes et comme devoir de l'État. Elle devra être mise en œuvre en définissant des objectifs spécifiques afin de garantir un accès universel aux soins, à la disponibilité d'une main d'oeuvre qualifiée et à la participation sociale, en tant qu'approche basée sur la spécificité de la personne. Prévoir des mesures d'intervention conjointe et simultanée en cas d'aggravation de certaines maladies, sans compter les états de faiblesse. Il faut reconnaître l'insuffisance des initiatives pour traiter des maladies spécifiques ou isolées des critères sociaux de santé/maladie d'un point de vue structurel et subjectif.
- Reconnaître et éliminer les structures et les pratiques ainsi que les idéologies qui entretiennent le racisme institutionnel, ainsi que la reproduction et/ou l'omission face aux critères sociaux de santé qui génèrent des inégalités internationales et des disparités raciales.
- Reconnaître que les États construits par la Diaspora africaine ont une dette historique envers les États constitués par les peuples du continent africain et envers les peuples de cette Diaspora. Que toute forme de coopération bilatérale et multilatérale en matière de santé entre ces États constitue, non seulement une obligation, mais est aussi une façon d'indemniser les peuples africains et la Diaspora de leur expropriation, injuste et perverse d'Afrique. Que cette coopération doit passer par un programme commun d'échanges en co-dépendance, qui doit éviter les rapports de subordination durable, au moyen du transfert de technologie et de la critique des modèles d'attribution de ressources en matière de santé et d'application universelle de normes éthiques concernant les êtres humains et l'environnement. Il incombe à chacun de nous de ne pas être utilisé comme un cobaye humain, comme cela a été le cas jusqu'à présent. Chacun de nous ici présent doit assumer la responsabilité de mettre un terme à cette situation, parce qu'il ne suffit pas que chacun de nous

et chacune de nous qui sommes ici, soyons l'objet de déférences, d'applaudissements, si cette même mesure ne s'adresse pas à chacun et à chacune de nous, dans chaque endroit et dans chaque coin de ce monde.

- Reconnaître que les traditions africaines font partie du patrimoine de l'humanité et que la propriété, l'usufruit et la transmission des savoirs de la matrice africaine constituent un droit inviolable des peuples d'Afrique et de la Diaspora. Ils doivent être valorisés et intégrés dans les systèmes officiels de promotion de santé et doivent guider la réforme des modèles nationaux de la politique de santé. Je ferais maintenant une digression en rappelant que, si on se base sur le modèle brésilien, ce sont les "terreiros" brésiliens et les communautés de terreiro, qui ont toujours répondu aux besoins et aux malheurs de la population noire et pauvre de ce pays.
- Orienter la réforme des modèles nationaux de la politique de santé, des processus de formation des travailleurs, des gestionnaires et des chercheurs dans les domaines de la santé et de l'éducation sanitaire de la population. Il faudra accorder une identité fondamentale à la coopération entre l'Afrique et la Diaspora dans le secteur de la santé.
- Établir un programme commun entre l'Afrique et la Diaspora dans la lutte contre le SIDA, la Malaria et les autres épidémies qui est l'un des "Objectifs de Développement du Millénaire" et l'une des priorités de la Conférence des ministres de la Santé des 53 pays de l'Union Africaine, dans une vision Panafricaine, au moyen de la promotion en matière de coopération multilatérale et de la mobilisation des organismes du système Onusien. Mettre l'accent sur les bureaux régionaux de l'Organisation Mondiale de la Santé pour l'Afrique et les Amériques. Reconnaître également la constitution d'une nouvelle région administrative, celle de l'Atlantique Noir et réaliser des actions affirmatives pour garantir la représentativité ethnique et démographique et celle des segments les plus vulnérables.
- Organiser la santé dans une perspective de citoyenneté et de développement par la critique des paradigmes hégémoniques qui régissent les modèles de politique, les systèmes et les services de santé.
- Promouvoir les échanges académiques entre l'Afrique et la Diaspora au moyen d'études comparatives de stratégie efficace et de bonnes pratiques de communication et d'information, dans le domaine de la santé, de l'éducation sanitaire, de la gestion participative et des trajectoires de contrôle des épidémies. Inclure également des thèmes négligés comme l'égalité en matière de santé, soit à travers l'accès universel, soit par la

qualité des soins et le développement de compétences culturelles dans la promotion de la santé - il n'existe pas qu'une seule façon de penser et d'envisager les différentes manières d'être, de vivre, de tomber malade et de mourir – et pour la promotion des données épidémiologiques dans les systèmes de santé afin d'aider les mouvements sociaux et les gouvernements.

- Créer des mécanismes pour promouvoir le retour et la permanence du personnel de santé qui a émigré d'Afrique ainsi que des stratégies pour augmenter les ressources humaines formées sur le continent dans le secteur de la santé, pour développer des moyens durables d'améliorer les conditions de travail et pour des modalités de rémunération satisfaisantes. Gérer et maintenir des opportunités de formation continue adéquates et appropriées d'un point de vue culturel et technologique en accordant la priorité aux besoins locaux.
- Créer des mécanismes de guidage et de gestion participative pour les activités de coordination internationales et multilatérales en matière de santé et de recherche médicale, en renforçant la reconnaissance, par tous les États, du rôle de l'Union Africaine en tant que médiateur privilégié dans les négociations et les accords de santé bilatéraux signés entre les États africains et ceux de la Diaspora africaine. Sans compter les protocoles de recherche multiples et les projets de coopération avec les organisations non gouvernementales, les agences internationales, les opérations industrielles ou commerciales et les institutions confessionnelles, visant à protéger les populations les plus vulnérables.
- Enfin, promouvoir l'inclusion de la maladie "falciforme" - sick cell disease – dans la liste des maladies prioritaires - dans la coopération technique de santé de l'Afrique et de la Diaspora africaine, en transmettant les connaissances sur cette maladies, afin de lutter contre l'invisibilité et l'ostracisme des systèmes officiels de santé grâce a la coopération et aux échanges au niveau international, entre les personnes qui vivent avec la maladie.

3. Je termine en citant un passage du discours de Nelson Mandela lors de sa prise du pouvoir : "Pour que chacun puisse vaincre il faut que tous soient vainqueurs.". Merci.

X – La renaissance scientifique et technologique de l'Afrique et la contribution de la Diaspora.

Bloc A : "Échanges scientifiques et technologiques entre l'Afrique et la Diaspora"
Bloc B : "Société de l'information, médias et nouvelles technologies"

Rapporteur :
Bothale Octavia Tema – Directrice des Ressources humaines, Sciences et Technologies de la Commission de l'Union Africaine (Afrique du Sud)

Le Rapport[7]:

"La séance a été consacrée à l'importance de la science et de la technologie dans le développement de l'Afrique et sur ce point, il a été conclu que notre continent est le berceau de l'espèce humaine et de la civilisation et que le savoir originel est apparu dans l'espace africain d'où l'humanité a prospéré et s'est répandue dans le monde. Cependant, les pays développés ont su optimiser ce savoir pour son propre bénéfice, ce que l'Afrique n'a pas fait.

2. Le développement est mesuré en terme de capacité technologique, c'est à dire l'aptitude à utiliser la connaissance plutôt que les ressources naturelles dont le pays dispose. On a expliqué à ce sujet que peu de scientifiques ont été formés pendant l'époque coloniale en raison de la volonté des gouvernements coloniaux d'empêcher les peuples africains de se développer grâce à la science. Il a affirmé que l'on refuse toujours aux opprimés qu'ils se développent en utilisant des moyens scientifiques. Cela confirme que l'on refuse toujours l'accès à la science aux opprimés.

3. Nous avons besoin de politiques publiques qui puissent rendre la science populaire, de manière à créer une masse critique de scientifiques en Afrique. La meilleure manière de le faire est de montrer la science en action. L'Afrique doit acquérir des compétences scientifiques et technologiques. Elle doit le faire par la formation de ses ressources humaines avec une éducation pour tous. La paix et la stabilité sont également nécessaires pour réunir les conditions nécessaires à la recherche et au développement. Nous devons également promouvoir l'égalité des classes et des sexes dans les écoles et garantir la santé de la population en mettant l'emphase sur les programmes de santé préventive.

[7] Texte issu des enregistrements de la Séance Plénière de présentation des rapports des Groupes Thématiques (14 juillet)

4. Pour que l'Afrique puisse profité pleinement de la présence des scientifiques africains et d'origine africaine, il sera nécessaire de : (a) développer des échanges scientifiques entre l'Afrique et la Diaspora ; (b) créer une discrimination positive en faveur des africains chaque fois que des scientifiques étrangers seront recrutés. Il faut constituer des fonds de soutien pour la recherche et construire des centres d'excellence capables d'attirer et d'exploiter les compétences de la Diaspora. Il est indispensable d'intégrer la Diaspora dans nos centres nationaux scientifiques et technologiques et dans nos programmes de recherche. L'Afrique doit développer des programmes qui puissent encourager une plus grande participation des groupes qui sont aujourd'hui représentés de manière inadéquate. Par exemple on pourrait aider les femmes scientifiques dans des programmes tels que celui de l'UNESCO. Les intervenants ont dit qu'il y avait de nombreuses opportunités de coopération entre les scientifiques de la Diaspora et ceux qui sont en Afrique. Les programmes relatifs à la biotechnologie et au développement de ressources alternatives d'énergie devraient être prioritaires.

5. La séance a également analysé le sujet de la société de l'information, des médias et des nouvelles technologies, ce qui a donné lieu aux commentaires suivants :

- Premièrement – La maîtrise des nouvelles technologies est essentielle mais insuffisante. L'État doit non seulement garantir et offrir un accès aux nouvelles technologies mais il doit le faire en adéquation avec l'objectif central qui est l'insertion sociale.
- Deuxièmement – les politiques publiques sur les nouvelles technologies doivent tenir compte du sexe et de la race, puisque c'est là que résident les bases historiques de l'exclusion.
- Troisièmement – Les africains y compris ceux de la Diaspora doivent collaborer au développement de contenus adéquats et significatifs. Ces contenus doivent être retranscrits dans les langues qu'ils utilisent, la langue anglaise étant trop élitiste.

6. Les intervenants ont déclaré que la technologie en soi n'a aucune valeur si elle ne devient pas partie intégrante d'une culture, car les cultures peuvent encourager ou non l'usage de la technologie. Les valeurs d'une société doivent promouvoir l'innovation et l'Afrique doit réexaminer ses tabous en fonction de l'innovation, surtout dans ses efforts pour accroître l'interaction scientifique et technologique avec la Diaspora.

7. En ce qui concerne le cinéma et la télévision, on a affirmé que l'Afrique continue à utiliser les films et les programmes de TV uniquement comme moyen de divertissement ou de propagande officielle, au lieu de les utiliser comme des instruments populaires pour transmettre des idées, des savoirs et des valeurs sociales. La dépendance vis-à-vis du financement étranger des productions cinématographiques et télévisuelles interfère dans ce qui est présenté au public. Afin d'encourager une renaissance de l'industrie audiovisuelle, les politiques doivent changer leur façon de penser concernant la censure des films qui visent à augmenter la prise de conscience et la capacité de réflexion. Nous devons également développer les activités de formation dans le domaine de l'audiovisuel pour améliorer la qualité des productions africaines et créer des conditions de production commercialement viables. L'Afrique et la Diaspora doivent devenir les marchés de leurs propres productions audiovisuelles et créer les conditions nécessaires au développement de cette importante industrie. Merci."

XI – "La lutte contre la pauvreté et le combat contre le racisme, la xénophobie et les autres formes de discrimination"

Bloc A : "La lutte contre la pauvreté et les objectifs du Millénaire"
Bloc B : "Le combat contre le racisme, la xénophobie et les autres formes de discrimination"

Rapporteur :
Ayodele Aderinwale – Directeur Exécutif, Forum sur l'Afrique en tant que Guide (Nigéria)

Le Rapport[8]:

"Ceci est le résumé du rapport du Groupe Thématique sur la "Lutte contre la pauvreté et le combat contre le racisme". Nous avons constaté que la pauvreté en Afrique est essentiellement structurelle, en dépit des différentes initiatives des États africains et des organismes financiers multilatéraux, la pauvreté semble augmenter en Afrique. La nature de la pauvreté en Afrique n'est pas une question de charité, mais transcende de manière évidente les interventions ponctuelles. Quand on a recours aux «Objectifs de Développement pour le Millénaire" (ODMs) pour relever le défi de la pauvreté, on peut très bien ne pas atteindre nos objectifs, car les ODMs n'agissent pas à la racine de la pauvreté structurelle. Les tentatives pour traiter le problème de l'Afrique doivent être fonction des origines structurelles de la pauvreté, surtout pour ce qui concerne la distribution des ressources et des revenus. Il faut adopter des politiques universelles et stratégiques basées sur la citoyenneté. Les politiques de lutte contre la pauvreté en Afrique doivent mixer les initiatives économiques et sociales afin de traiter la situation des pauvres.

2. La démocratie demeure un élément important dans la lutte contre la pauvreté. Il doit y avoir un moment pour augmenter la confiance et ajuster ses priorités. Un grand effort doit également être fait pour ouvrir nos économies. Pour lutter correctement contre la pauvreté, on doit également lutter contre la corruption. Par ailleurs, les origines historiques de la pauvreté en Afrique font qu'il devient urgent de prendre des mesures pour réparer et compenser les injustices du passé. En Afrique, les conflits incessants

[8] Texte issu des enregistrements de la Séance Plénière de présentation des rapports des Groupes Thématiques (14 juillet)

détournent les revenus du développement, ce qui aggrave la pauvreté. L'utilisation durable des ressources environnementales a également eu des conséquences fondamentales sur la pauvreté. C'est justement pour cela que les stratégies de lutte contre la pauvreté doivent tenir compte de ces éléments concernant les domaines politiques et d'interventions programmées. Au Brésil, des progrès ont été réalisés dans la lutte contre la pauvreté mais il reste encore beaucoup à faire.

3. Lors des débats suivants, les intervenants ont dénoncé les inégalités qui existent en Afrique entre les hommes et les femmes. Cette situation nuit considérablement à la lutte contre la pauvreté. Les Objectifs de Développement du Millénaire tels qu'ils ont été formulés n'interviennent pas sur les inégalités liées au sexe. Les participants ont expliqué qu'une réparation doit être concédée à l'Afrique et aux peuples de la Diaspora pour compenser le traumatisme, l'humiliation et l'exclusion causés par le trafic négrier. Il a également été dit que la pauvreté subie par les africains sur le continent et dans la diaspora est une conséquence de l'esclavage et de la domination coloniale. Les intellectuels africains doivent concentrer leurs efforts pour fournir les explications scientifiques, idéologiques et politiques nécessaires pour obtenir des réparations de la communauté internationale et discuter d'un nouveau Fonds de la Reconstruction Africaine.

4. Les participants ont également dit que les afro-brésiliens qui attendent des programmes d'intervention pour améliorer leur situation économique devraient également faire des efforts pour développer leurs propres compétences et resserrer leurs liens avec le Brésil et l'Afrique. On a affirmé que, bien que les afro-brésiliens souffrent d'une discrimination raciale, leur culture a été utilisée pour enrichir une société qui, en fait, les opprime. Les afro-brésiliens devraient donc être les principaux bénéficiaires de la culture africaine au Brésil. Afin d'être intégrés dans la société, ils doivent s'instruire et il est impératif qu'ils soient éduqués pour pouvoir exprimer leurs compétences. Les participants ont également analysé les programmes d'action affirmative du gouvernement Lula, conçus essentiellement pour le bénéfice des communautés noires et "quilombolas" de la société brésilienne. On a affirmé, toutefois, que ces programmes ne sont pas en mesure d'atteindre efficacement leurs destinataires. Ils estiment que le Brésil devra développer des indicateurs raciaux fiables pour s'assurer que les communautés afro-brésiliennes pauvres puissent sortir de la pauvreté. Il faut cependant, réduire les attentes. Un succès immédiat n'est pas possible

car la réduction de la pauvreté est, par nature, un processus long, dont les résultats ne sont perceptibles qu'après un laps de temps considérable.

5. Dans la seconde réunion il y a eu 9 interventions sur le racisme, la xénophobie et d'autres formes de discrimination. Les intervenants ont insisté sur le fait que tous les types de discrimination sont des agressions sociales. On ne peut faire que peu de chose avec des critères inventés. Les intellectuels doivent, par conséquent, opter pour une compréhension structurelle et interprétative de la dynamique de la discrimination, afin d'obtenir des solutions efficaces contre la discrimination. On a convenu que le phénomène de l'esclavage a permis la création de la base intellectuelle et idéologique du racisme. La nature odieuse et criminelle de l'esclavage avait besoin d'une justification intellectuelle, idéologique et scientifique. Il existe des aspects sociaux et économiques du racisme. Il était important de convaincre les esclaves d'accepter l'infériorité de leur race, leurs différences et leurs incapacités. L'élite a résisté à la campagne contre le racisme parce que si elle avait acceptait ses principes, elle aurait dû renoncer à ses avantages économiques. Le racisme fait, par conséquent, partie de la violence sociale imposée et orchestrée par les élites dominantes pour maintenir un ordre social spécifique qui fait partie de la logique capitaliste et de l'exploitation.

6. La conférence de Durban a permis de développer et d'établir une structure globale de lutte contre le racisme et les autres formes de discrimination. Les africains sont allés à Durban avec de grands espoirs, mais il était impossible de créer un monde nouveau. Cinq ans après Durban, il semble que nous soyons à nouveau en danger : le racisme augmente, spécialement en Europe et la xénophobie se développe. Malheureusement, beaucoup semblent oublier que de tels phénomènes conduisent souvent au génocide. Les élites déclarent que la libre circulation des capitaux et des biens est un pan crucial de la mondialisation. Pourtant, ils refusent la libre circulation de certaines catégories d'êtres humains. Combattre le racisme exige des stratégies aussi bien politiques que juridiques et il est impératif d'aborder ce problème en s'appuyant sur les Droits de l'Homme. Nous devons commencer par réécrire notre histoire, à partir de nos propres points de vue et revoir le problème de l'esclavage. Le rôle de l'Europe et ses autres complices doit être mis en perspective, de façon claire et adéquate. La déclaration de Durban comporte également une série de questions sur les Droits de l'Homme qui doivent être intégrées

aux législations nationales. Les africains doivent faire des efforts pour légitimer les institutions qui ont été créées dans le but de minimiser les souffrances de l'Afrique.

7. Nous devons nous focaliser sur la recherche d'une profonde compréhension culturelle à l'inverse de la simple tolérance culturelle. Une nouvelle conférence sur le racisme doit être programmée et il incombe aux africains de l'exiger. Des efforts devront être faits pour créer un fonds africain de solidarité, dont le Brésil, serait entre autres, le partenaire, afin d'aider les africains à lutter contre le racisme. Par ailleurs des efforts doivent également être faits pour resserrer les liens politiques fondés sur des intérêts communs. Etant donné que le racisme et les préjugés naissent dans l'esprit des hommes, c'est aussi dans l'esprit des hommes que doit surgir la tolérance. Merci à tous de votre cordiale compréhension.".

XII – "L'apport de l'Afrique dans la civilisation"

Bloc A : «Le legs des anciennes civilisations africaines"
Bloc B : «La Diaspora africaine et la construction du monde moderne"

Rapporteur :
Eddy Maloka – Directeur du Africa Institute of South Africa (Afrique du Sud)

Le Rapport[9]:

"Notre groupe intitulé "L'apport de l'Afrique dans la civilisation" a évoqué deux sous-thèmes. Les premiers débats ont été consacrés au legs des anciennes civilisations africaines. Nous avons eu plusieurs orateurs et un invité. Les thèmes traités lors de la discussion étaient centrés autour de trois sujets. Le premier concerne le problème du savoir en tant que pouvoir de falsification intellectuelle de l'éducation euro-centriste, particulièrement pour ce qui concerne l'appropriation de l'Égypte.

La tendance de l'éducation européenne d'établir une relation triangulaire entre race, intelligence et civilisation, a également été l'objet de débats animés.

2. Le deuxième sujet portait sur la nécessité de développer ce que nous appelons un "contre - discours" ou un "discours alternatif", pour réécrire notre histoire et développer un discours afro-centriste en utilisant la recherche. Sur ce point, on a signalé l'importance de l'intellectuel sénégalais, Mr. Diop. Un nombre important d'intervenants a évoqué les moments forts de la civilisation africaine dans les domaines de la science, la langue, la religion, la culture, etc. On s'est également référé aux personnalités africaines qui ont eu un rôle éminent dans l'histoire et on sait que l'Europe s'est appropriée quelques unes d'entre elles comme si elles étaient européennes. Le troisième sujet traité a été évidemment, le besoin d'éduquer la population et d'inclure dans nos matières scolaires l'histoire des peuples africains et des africains de la Diaspora, sans oublier les campagnes contre le racisme. Ces 3 thèmes ont été l'objet des débats de la matinée.

3. Le débat de l'après-midi et les intervenants du panel B ont débattu du sous - thème de : «La Diaspora africaine et la construction du monde

[9] Texte issu des enregistrements de la Séance Plénière de présentation des rapports des Groupes Thématiques (14 juillet)

moderne" qui a engendré un nombre considérable de sous -sujets que je vais commenter rapidement : L'un d'eux traite de la contribution de la Diaspora africaine au développement de l'Amérique et de l'Europe. Cette intervention a été excellente. Le deuxième de la nécessité d'un questionnement afro-centré des idées préconçues qui sont présentes dans les discours. Un de nos collègues a remis en question l'idée de civilisation ou civilisations et de la modernité.

4. Le troisième thème a porté sur le besoin d'insérer de manière institutionnelle la Diaspora africaine dans les structures et dans les processus de l'Union Africaine. Les participants ont fait référence au thème de la Diaspora en tant que sixième région d'Afrique, une initiative qui doit être finalisée et mise en œuvre. Il y a eu également des commentaires sur les activités de plusieurs organismes de la Diaspora dans des pays du continent africain. Un de nos collègues a présenté une étude sur un cas très intéressant concernant les activités qui sont en cours au Ghana. La nécessité de définir la citoyenneté africaine dans le contexte de l'Afrique et de la Diaspora était toujours présente dans la discussion et certains participants ont fait allusion au débat sur le droit au retour : les africains qui étaient dans la Diaspora avaient été victimes de l'esclavage et n'avaient pas le droit au retour ; il n'y avait pas de visa pour sortir ni pour entrer.

5. Quant aux thèmes qui concernent les actions. Un point a été soulevé pendant la séance, à savoir, le besoin de réaliser des activités dont les africains pourraient s'enorgueillir au même titre que leur continent. On a analysé la vision d'une nouvelle Afrique et les actions qui doivent être entreprises dans de très nombreux domaines. Pendant les débats, le thème du dédommagement est réapparu et l'un des intervenants nous a parlé de la campagne actuelle de dédommagement qui a atteint une de dimension mondiale. On a également reconnu qu'il était nécessaire que les africains de la Diaspora échangent des informations sur leur communauté et sur leur pays, pour accroître une prise de conscience des deux côtés de l'Atlantique. Enfin, on a fait état des défis auxquels les communautés africaines doivent faire face dans leur pays. Il y a eu une discussion intéressante sur la situation des afro-brésiliens et des africains au Mexique. Il est devenu assez évident, au cours du débat, qu'il existe encore un grand nombre de problèmes relatifs aux afro-brésiliens qui attendent encore d'être résolus.

Pour finir, M. le Président, je dirais qu'il a été possible aux participants de notre groupe de diviser la contribution de l'Afrique pour l'humanité en trois axes principaux :

- Le premier concerne la civilisation proprement dite, définie en fonction des grandes contributions de l'Afrique tout au long du processus historique d'évolution des sociétés humaines.
- Le deuxième se réfère, plus spécifiquement à la contribution de l'Afrique dans la fondation et le développement des Amériques, qui résulte des efforts et des souffrances des africains qui sont venus ici en tant qu'esclaves et du savoir important qu'ils ont apporté avec eux.
- Le troisième, plus actuel, est l'importante contribution de l'Afrique à la culture et à la diversité culturelle du monde.

Sur les sujets relatifs aux actions pratiques, il y a eu consensus sur la nécessité de récupérer notre histoire dans un effort de recherche intense et le besoin d'entreprendre des activités qui pourraient populariser certains sujets et aider ainsi à promouvoir l'Afrique. Merci beaucoup."

8. Comité organisateur de la IIème CIAD

I – Comité organisateur du Brésil (Groupe de travail du MRE)

- Ambassadeur Ruy Nunes Pinto Nogueira – Président du groupe de travail
- Ambassadeur Luiz Filipe de Macedo Soares – Coordinateur international
- Ambassadeur Renato Xavier – Ambassadeur du Brésil à Adis Abeba
- Ministre Eduardo Carvalho – Responsable du Secrétariat exécutif
- Conseiller Marcelo Dantas – Responsable du noyau de coordination
- Conseillère Aparecida Carmem Bozzi – Chef de la Commission d'exécution financière
- Secrétaire Mariana Moscardo – Chef, substitut, de la Commission d'exécution financière

II – Comité organisateur de la Commission de l'Union africaine

- Mme Bience Gawanas, Commissaire des sujets sociaux et présidente du Comité organisateur
- Ambassadeur John Shinkaiye, Chef de cabinet du président de la Commission de l'UA et secrétaire de la Présidente du Comité organisateur
- Dr. Jinmi Adisa, Chef de la CIDO et point focal pour la IIème CIAD

- Dr. Bothhale Tema, Directeur des ressources humaines, sciences et technologies
- Mme. Habiba Mejri-Cheikh, Chef du secteur de l'information et des communications
- Mme Marie-Claire Umu Bisamaza, Assistante spéciale de la présidente
- Dr. Mamadou Dia, Chef de la Division de Gouvernance, démocratie et droits de l'homme
- M. Sam Onek, Directeur intérimaire des finances
- Mme Gaone Masire, Directrice intérimaire, Administration et ressources humaines
- Mme Simone Abala, Chef du protocole
- Dr. Kebede Kassa, Point focal pour les affaires culturelles, Département des affaires sociales

III – Responsables des activites culturelles paralelles

- Ambassadeur Paulo César Meira de Vasconcellos – Directeur du Département culturel du Ministère des relations extérieures
- Dr. Zulu Araújo – Directeur de la Fondation culturelle Palmares

9. Groupe de travail interministeriel

I – Groupe de travail interministériel

- Ministère des Relations Extérieures
- Ministère de la Culture
- Secrétariat Spécial de Politiques de Promotion de l'Egalité Raciale
- Ministère de l'Éducation
- Ministère de la Science et de la Technologie
- Cabinet civil de la Présidence de la République
- Ministère du Plan, du Budget et de la Gestion

II – Conseil technique et scientifique

- Fondation culturelle Palmares
- Société brésilienne des chercheurs noirs (SBPN)
- Prof. Ubiratan Castro Araújo – Président de la Fondation culturelle Palmares
- Prof. Nilma Lino Gomes – Présidente de la SBPN
- Ambassadeur Alberto da Costa e Silva – Académie brésilienne des Lettres
- Prof. Jocélio Telles – Université fédérale de Bahia
- Prof. João José Reis – Université fédérale de Bahia
- Dr. Paulo Miguez – Université fédérale de Bahia

- Dr. José Carlos Limeira – Université d'état de Bahia
- Dr. Wania Sant´Anna – Chercheuse et activiste sociale
- Prof. Jacques d´Adesky – Université Cândido Mendes
- Prof. Reginaldo Prandi – Université de São Paulo
- Prof. Júlio Tavares – Université fédérale fluminense
- Dr. Edna Roland – Groupe d'Experts pour le Suivi de la Conférence de Durban
- Prof. Juana Elbein dos Santos – Société des Etudes de la culture noire au Brésil
- Prof. Marcelo Paixão – Université fédérale de Rio de Janeiro
- Prof. Kabengele Munanga – Université de São Paulo
- Prof. Sílvio Humberto Passos – Institut Steve Biko

10. Comité international et scientifique

I - Présidents:

- M. Gilberto Gil – Ministre de la culture du Brésil
- Prof. Alpha Oumar Konaré – Président de la Commission de l'Union africaine

II - Présidents adjoints:

- Ambassadeur Celso Amorim – Ministre des Relations Extérieures du Brésil
- Ministre Matilde Ribeiro – du Secrétariat Spécial Spécial de Politiques de Promotion de l'Egalité Raciale de la Présidence de la République
- Mme Bience Gawanas – Commissaire des Affaires sociales de la Commission de l'Union africaine

III – Comité organisateur brésilien

- Ambassadeur Ruy Nunes Pinto Nogueira – sous-Secrétaire de coopération et communautés brésiliennes à l'extérieur et Président du Groupe de travail interministériel de la IIème CIAD

- Ambassadeur Luiz Filipe de Macedo Soares Guimarães – Représentant permanent du Brésil auprès de l'UNESCO et Coordinateur international de la II CIAD
- Prof. Ubiratan Castro de Araújo – Président de la Fondation culturelle Palmares du Ministère de la Culture
- Mme Magali Naves – Assesseure internationale du Secrétariat spécial de Politiques de promotion de l'égalité raciale
- Ambassadeur Fernando Jacques de Magalhães Pimenta – Directeur du Département Afrique du Ministère des Relations Extérieures
- Ambassadeur Paulo César Meira de Vasconcellos – Directeur du Département Culturel du Ministère des Relations Extérieures
- Ambassadeur Renato Xavier – Ambassadeur du Brésil à Adis Abeba;
- Conseiller Marcelo Dantas – responsable du Noyau de Coordination de la IIème CIAD

IV – Comité organisateur de l'Union africaine

- Ambassadeur John Shinkaye – Chef de cabinet du Président de la Commission de l'UA
- Dr. Jinmi Adisa – Chef de CIDO et point focal pour la IIème CIAD;
- Dr. Bothhale Tema – Directeur des Ressources Humaines, Sciences et Technologies
- Ms. Habiba Mejri-Cheikh – Chef de l'Information et de la Communication
- Ms. Marie-Claire Umu Bisamaza – Assesseure spéciale du Président de la Commission
- Dr. Mamadou Dia – Chef de la da Division de Gouvernance, Démocratie et Droits de l'Homme
- M. SAM Onek – Directeur, intérimaire, des Finances
- Magane Masire – Directeur, intérimaire de l'Administration et des Ressources Humaines
- Mme Simone Abala, Chef du Secteur du Protocole
- Dr. Kebede Kassa, Point focal de la Culture

V - Membres Internationaux

(a) Afrique

- M. Cheik Tidiane Gadio – Ministre des Affaires Etrangères du Sénégal

- M.Mame Birame Diouf – Ministre de la Culture du Sénégal
- Dr. Boaventura da Silva Cardoso – Ministre de la Culture d'Angola
- Mme Monique Ilboudo – Secrétaire d'État pour la Promotion des Droits de l'Homme (Burkina Faso)
- Prof. Iba der Thiam – Vice-Pésident de l'Assemblée nationale du Sénégal
- Dr. Marcelino dos Santos – Membre du Conseil d'Etat du Mozambique
- Dr. Henri Hogbe Nlend – ex-Ministre de la Recherche scientifique et technologique (Cameroun)
- M.Adama Samessekou – ex-Ministre de l'Education primaire du Mali
- Prof. Adebayo Olukoshi – Secrétaire Exécutif du Conseil pour le développement de la recherche économique et sociale en Afrique – CODESRIA (Nigéria)
- Dra. Graça Machel – Président de la Fondation pour le Développement communautaire (Mozambique)
- Prof. Barney Pityana – Recteur de l'Université d'Afrique du Sud
- Dr. Cheick Modibo Diarra – Ambassadeur de Bonne Volonté pour l'UNESCO
- Dr. Ali Mazrui – Directeur de L'Institut d'Etudes globales culturelles de Binghamton University, Université d'état de New York (Kenya)
- Dr. Théophile Obenga – Directeur-Général du Centre international d'études bantou, à Libreville (Congo)
- Dr. Elikia Mbokolo – Ecole des hautes études en sciences sociales, Paris (RDC/França)
- Dr. Ismail Serageldin – Directeur de la Bibliothèque d'Alexandrie (Egypte)
- Dr. Thandika Mkandawire – Directeur de l'Institut de recherches des Nations unies pour le développement social, Genève (Malawi)
- Dr. Mahmood Mamdani – Département d'Anthropologie de l'Université de Columbia (Ouganda)
- Dra. Zenebeworke Tadesse – Université d'Adis Abeba (Ethiopie)
- Dra. Zinat Tabala – Institut de la Planification nationale (Egypte)
- Dr. Emmanuel Gawuga – Directeur du Dubois Center (Ghana)
- Dr. Ebo Hawkson – Ex-Directeur du Dubois Center (Ghana)
- M. Tahar Benjelloun – Ecrivain, Lauréat du Prix Goncourt (Maroc)
- Mme Stella A.S. Opoku-Owusu – African Foundation for Development - AFFORD, Londres (Ghana/GB)

- Chief Emeka Anyaoku – ex-Secrétaire-général du Commonwealth (Nigeria)
- Mr. Alloune Sall – Directeur-Exécutif, Futur Africain (Sénégal)

(b) Diaspora

- Ambassadeur Javier Williams Slate – Vice-Ministre des Affaires Etrangères du Nicaragua
- Dr. Sheila S. Walker – Directrice, African Diaspora and the World Program (EUA)
- M.Gustavo Makanaky – Directeur de la Fondation Assim Bonaga et Consul à San Carlos del Zulia (Colombie)
- M. Alberto Granados – Président de la Maison d'Afrique (Cuba)
- Dr. Massimango Cangabo Kagabo – Coordinateur du Centre d'Études Asie-Afrique du Collège de Mexico (Mexique)
- Prof. Hilary Beckles – Recteur du Campus de Barbados de l'Université des Indes Occidentales (Barbados)
- M.Romero Jorge Rodriguez – Directeur-général de Mundo Afro (Uruguay)
- Dr. Javier Dómokos Ruiz – Département de Afrique Subsaharienne du Ministère des Affaires Etrangères (Cuba)
- Mr. Molefi Kete Asante – Directeur du Département des Etudes africaines, Temple University (EUA)

(c) Organismes Internationaux

- Dr. Doudou Dienne – Rapporteur spécial de l'ONU pour les Formes contemporaines de racisme (Sénégal)
- M.Noureni Tidjani-Serpos – Directeur général adjoint de l'UNESCO pour l'Afrique (Bénin)
- Ambassadeur Luís Fonseca – Secrétaire exécutif de la CPLP (Cap vert)
- Ambassadeur Tadeu Soares – Secrétaire exécutif adjoint de la CPLP (Portugal)
- Mr. Noureni Tidjani-Serpos – Assistant Directeur général de l'UNESCO pour l'Afrique (Bénin)
- Mr. Ibrahima Fall – Représentant spécial du Secrétaire général des Nations unies pour la Région des grands lacs

- Ambassadeur Rhida Bouabid – Représentant Spécial de l'Organisation Internationale de la francophonie
- M. Lazare Ki-Zerbo – Représentant de l'Organistion Internationale de la francophonie

VI - Membres Brésiliens

- Ambassadeur Alberto da Costa e Silva – Académie brésilienne de Lettres Ambassadeure Kátia Gilaberte – Ambassadeure du Brésil au Sénégal
- Dr. Paulo Renato Gaudenzi – Secrétaire de la Culture et du Tourisme de l'Etat de Bahia
- Dr. Paulo da Costa Lima – Président de la Fondation Gregório de Matos
- Prof. Naomar Monteiro de Almeida Filho – Recteur de l'Université fédérale de Bahia
- Prof. Lourisvaldo Valentim da Silva – Recteur de l'Université d'état de Bahia
- Prof. Jocélio Telles – Directeur du Centre d'études Afro-asiatiques
- Prof. José Carlos Limeira – de l' Université d'état de Bahia
- Dr. Luiz Carlos Silva de Azevedo – Assesseur du Secrétaire de la Culture et du Tourisme de l'État de Bahia
- Prof. Jacques d´Adesky – du Centre d' Études des Amériques de l'Université Cândido Mendes
- Prof. Eliane Borges – Association brésilienne des chercheurs noirs
- M. Zulu Araújo – Fondation culturelle Palmares
- Conseillère Maria Elisa Teófilo de Luna – Chef de la Division Afrique I du Ministère des relations extérieures
- Conseillère Maria Cristina dos Anjos – Chef de la Division Afrique II du Ministère des relations extérieures
- Conseiller Alessandro Candeas – Assesseur International du Ministère de l'Éducation
- Conseiller Roland Stille – Département Culturel du Ministère des Relations Extérieures
- Secrétaire André Heráclio do Rego – Assesseur International du Ministère de la Science et de la Technologie

11. Séance d'ouverture

Luiz Inácio Lula da Silva – Président de la République Fédérale du Brésil: [...] Nous ne pourrions être en un meilleur lieu pour parler de l'avenir de l'Afrique et du rôle qu'y jouera la Diaspora. Bahia est un symbole vivant des multiples dimensions de la contribution africaine dans le Brésil.

C'est un honneur tout particulier d'avoir parmi nous les leaders du continent frère. Leur présence démontre que les thèmes que nous allons discuter ont définitivement conquis la priorité qu'ils méritent dans la conscience et l'agenda de nos pays.

Je souligne la présence de monsieur Konare, Président de la Commission de l'Union africaine, coorganisatrice de l'événement. Son implication a été fondamentale pour que cette conférence devienne réalité. Nous poursuivons ainsi les efforts pionniers de la Ière Conférence, à Dakar, en 2004, qui doit beaucoup à la vision de mon collègue et ami le Président Wade, qui inspira notre décision d'accueillir cet événement. Nous sommes venus à Salvador pour consolider le dialogue permanent qui existe entre l'Afrique et les régions où son peuple et sa culture se sont enracinés. Ce débat est fondamental puisqu'il aborde les défis qui nous unissent.

Nous devons surmonter un héritage historique de pauvreté, de discrimination raciale et d'exclusion sociale, au sein d'une société internationale en déficit de démocratie et de solidarité.

Les intellectuels et la société civile d'Afrique et de la Diaspora sont des protagonistes de cette tâche. Le dense programme de travail et les groupes thématiques sont la garantie que nous aurons un échange non seulement studieux mais également stimulant. Les décideurs politiques des deux côtés de l'Atlantique trouveront également dans ces discussions l'inspiration pour mieux identifier les problèmes et proposer des solutions.

Je souhaite donc à tous mes collègues Présidents, Vice-Présidents, Premiers Ministres et à tous les invités, un très bon travail pendant ces quelques jours que vous passerez à Salvador. Notre IIème Conférence est ouverte.

Maître de cérémonie : La parole est à monsieur le Président de la République du Sénégal.

Abdoulaye Wade – Président de la République du Sénégal: Monsieur le Président Luiz Inácio Lula da Silva, Président de la République Fédérale du Brésil, Son Excellence Madame la Première Ministre, Messieurs les Chefs d´Etat et de Gouvernement, Monsieur le Président de la Commission de l'Union africaine, Messieurs les Premiers Ministres, Mesdames et Messieurs les Ministres, Monsieur le Vice-Président, Monsieur le Gouverneur de Bahia, Mesdames et Messieurs les Ambassadeurs, Mesdames et Messieurs les Représentants. Permettez-moi tout d'abord, Monsieur le Président Luiz Inácio Lula da Silva, Président de la République Fédérale du Brésil, de vous remercier pour l'accueil sympathique et chaleureux dans votre beau pays et dans cette fameuse ville de Salvador de Bahia. Au nom des délégations d'Afrique et de la Diaspora ici présentes, j'aimerais exprimer au gouvernement et au peuple brésilien notre profonde et sincère reconnaissance pour recevoir si chaleureusement et fraternellement, tous les délégués, selon la plus pure tradition brésilienne d'hospitalité.

Monsieur le Président, j'ai connu votre pays au début des années 60 et j'y suis revenu plusieurs fois à l'occasion de conférences internationales. J'ai toujours prolongé mon séjour par la visite d'une ville ou d'une région, passionné par la géographie humaine et physique si contrastées. C'est comme si le Créateur avait voulu faire du Brésil un monde en miniature, on l'on trouverait toutes les richesses et beauté de la terre. En exprimant un jour mon enthousiasme, pendant l'une de ces conférences mondiales qui nous amenèrent ici, j'extériorisai mon état d'esprit en ces mots : "je crois que la beauté du Brésil bien du fait que Dieu - après avoir tout créé

sur terre, les pays, les villes, les hommes, les animaux – ait voulu profiter une dernière fois de la belle fantaisie de son pouvoir et ait créé le Brésil. Ce trésor de la nature ne pourrait pas rester indéfiniment à l'abri de la cupidité, des conquérants impérialistes et autres aventuriers. Aujourd'hui son peuple, après s'être libéré du colonialisme, est engagé dans la construction d'une nation et d'un pays respectable. Tout porte à croire que dans un futur proche, le Brésil fera vraiment partie des grands pays développés.

Monsieur le Président, je vous salue fraternellement et amicalement de la part de mes pairs, les Chefs d'Etat de l'Union africaine que je représente ici. Il y a deux ans, en fait, à l'occasion de la Première conférence des intellectuels et hommes de la culture Africaine et de la Diaspora, réalisée à Dakar, ils me confièrent l'organisation et leur appui pour ce mouvement. Depuis la capitale sénégalaise abrite le Secrétariat. Monsieur le Président, les fils et filles de l'Afrique ici présents retrouvent aujourd'hui les descendants de leurs ancêtres arrachés à la mère patrie par un esclavage pluriséculaire tragique et douloureux. Bahia est, pour nous, un symbole. L'histoire nous enseigne que, en 1835, commença la Révolte des Malês, esclaves noirs qui se rebellèrent pour revendiquer le respect de leurs droits et de leur liberté de culte.

C'est également ici que plusieurs esclaves affranchis firent fortune dans le commerce florissant entre le Brésil et la côte ouest de l'Afrique, à l'exemple de Paulo José Ferreira, né à Bahia en 1886, d'origine nigériane qui assurait des contacts fréquents entre l'état de Bahia d'un côté et les villes nigérianes de Lafos et de Kano de l'autre. D'une certaine manière, en venant à la rencontre de la Diaspora africaine en terres brésiliennes, nous suivons les pas de Paulo José Ferreira. Profitons également de cette occasion pour célébrer la mémoire des illustres pionniers du panafricanisme, champions de cette noble cause, parmi eux : Edward Blyden, Henry Sylvester William, Marcus Garvey, William Dubois, Docteur Kwame Nkrumah, George Padmore, Nnamdi Azikiwe, Cheikh Anta Diop, Aliune Diop, Léopold Sédar Senghor, dont nous commémorons cette année le centenaire de naissance. Mesdames et Messieurs, je sollicite votre indulgence quant à cette observation plus personnelle, une confession. Je reçus ma première leçon d'éveil politique et de panafricanisme dans la rue de la part de quelqu'un qui, un jour, au moment où je sortais du Lycée Van (...) de Dakar, portait, comme une épée, un

tract de la déclaration de Kwane Nkrumah à la première Conférence de Manchester en 1945. Dans un contexte de lutte ardue contre la colonisation il disait : "Dans une conscience saine, comment pouvons nous croire que, un jour, les impérialistes nous apporteraient notre indépendance sur un plateau d'argent ?" J'ai ainsi appris une leçon de panafricanisme et je l'ai mise en pratique pour la vie.

Les œuvres de nos illustres ancêtres nous ont tracé la voie par les mots, par la plume et les actions. Ils ont lutté à leur manière, dans des conditions très souvent difficiles, pour que le continent africain et la Diaspora restent debouts, libres et maîtres de leur destin malgré les siècles et l'exploitation. Nous avons la difficile responsabilité de raviver, de nourrir et de préserver cet idéal précieux pour les générations présentes et futures. Aujourd'hui, comme par le passé, la lutte de l'Afrique et de sa Diaspora est identique : affirmer notre existence et notre identité culturelle; assumer sans complexe notre Histoire; nous fournir les moyens de vivre en harmonie avec les réalités changeantes du monde; et modeler notre destin commun en conjuguant nos valeurs, nos ressources et une exploitation plus judicieuse de nos complémentarités, comme le disait hier Votre Excellence, Monsieur le Président. Dakar se trouve seulement è trois heures et demie de Recife, au Brésil. Cependant il nous faudrait cinq heures, sans escales, pour aller de Dakar à l'Ouest de l'Afrique ou à l'extrême sud de notre continent. Par conséquent, entre l'Afrique et le Brésil, l'Atlantique Sud n'est pas un espace de séparation mais un grand fleuve, un trait d'union entre deux rives que l'Histoire et la Géographie condamnèrent à vivre ensemble.

C'est à vous qu'il revient maintenant, intellectuels de l'Afrique et de la Diaspora, le rôle de précurseurs dans la promotion des valeurs et des idéaux que nous partageons, puisque, là où nous avons préservé la liberté de penser et de critiquer, la politique suis ce compromis, voire cet engagement. Or, il n'y aura pas de changement majeur sans mettre en échec les tabous et les préjugés. Il y a environ deux ans, nous établîmes un diagnostic, sans complaisance, des relations entre l'Afrique et la Diaspora, qui analysait la contribution des intellectuels à la consolidation de l'intégration africaine du XXIème siècle et identifiait les recommandations sur les voies et les ressources capables de créer une vision de l'Afrique renaissante en direction du progrès. Le moment de l'évaluation est maintenant venu. Nous devons évaluer les chemins

parcourus, étudier les obstacles rencontrés pour nous élancer vers le futur et proposer des solutions adéquates. Dans le but d'apporter des améliorations, il nous semble que nous devons restructurer définitivement le mouvement des intellectuels et des cultures, activer le Secrétariat de Dakar, désigner un personnel permanent et commencer à travailler. Il existe déjà un organigramme que nous devons analyser et mettre en place.

Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs, L'Afrique se situe à un carrefour. Elle doit continuer, avec détermination, en direction des Etats unis d'Afrique sous la conduite d'un gouvernement continental, au lieu de river ses yeux dans le rétroviseur, symbole d'un nationalisme étroit aux antipodes d'un monde où la logique des grands groupes est devenue un fait inévitable du XXI ème siècle. C'est un grand bonheur, qu'après le Sénégal, le Brésil, un géant du siècle et l'un des domiciles les plus importants de la Diaspora africaine, au point d'être appelé, comme Votre excellence l'a mentionné hier, "la deuxième patrie noire après l'Afrique, nous offre l'hospitalité pour un dialogue constructif sur le thème :"Diaspora et Renaissance africaine". A ce sujet, j'aimerais avant tout, proposer de lancer un vaste mouvement sous le nom d' "Alliance panafricaine", un regroupement des clubs panafricains qui sont créés dans toute l'Afrique et dans la Diaspora. J'ai présenté cette idée au dernier sommet de l'Union africaine à Banjul. Il ne s'agit pas d'organiser un parti politique, mais de lancer un mouvement dans le style de ceux internationaux que nous connaissons aujourd'hui, comme une internationale socialiste, une internationale libérale, une internationale démocratique. L'internationale communiste s'est éteinte et il n'est donc pas question de recréer ces internationales, mais de s'en inspirer. Dans ces internationales, les membres discutent des positions communes, des recommandations sur les grands problèmes politiques mondiaux et la coopération. La nôtre, pour éviter les divisions, ne devrait pas avoir de connotation politique pour ce qui est des doctrines. Ses objectifs principaux seraient d'alimenter la réflexion des membres sur les chemins à suivre et les ressources pour défendre nos intérêts ; de faciliter les contacts bilatéraux ou multilatéraux et d'organiser des visites afin d'atteindre notre destin commun.

Dans certains pays des personnes - cent, deux cents – pourraient créer des clubs panafricains sur leur lieu de travail, dans les quartiers, les universités et les centres de recherche. Les clubs panafricains de chaque

pays s'affiliraient à un réseau national panafricain. L'ensemble des réseaux nationaux panafricains des pays africains et ceux de la Diaspora formeraient une Alliance panafricaine qui tiendrait périodiquement des congrès alternativement en Afrique et dans la Diaspora. Grâce à Internet, nous pourrions ainsi, échanger des idées, mieux divulguer l'Afrique et la Diaspora, donner des opinions sur l'Union africaine et contribuer à ce débat. Je suggère que la question soit débattue et, qu'en cas d'accord, qu'elle soit améliorée et enrichie afin de l'adapter à nos ambitions.

Dans un autre domaine, tout aussi important, j'aimerais proposer la création d'une structure de coopération autour de l'Atlantique Sud. Une possibilité serait de créer un Conseil de concertation entre les pays de la côte sud de l'Atlantique. Il ne s'agit pas des pays de l'Atlantique sud, sinon, le Sénégal n'en ferait pas parti puisqu'il se situe au nord de l'équateur, mais des pays qui bordent le sud de l'Atlantique. Il est nécessaire de prendre garde aux dénominations. L'organisation engloberait d'un côté le Brésil, l'Amérique Centrale Atlantique, les Caraïbes et l'Amérique Latine et de l'autre l'Afrique, du Maroc à l'Afrique du Sud. Un autre conception alternative serait l'Afrique et l'Amérique Latine, pouvant s'étendre à tous les États concernés. Je vous demande de réfléchir à ces formes de coopération économique, à une concertation périodique, de toute façon, entre l'Amérique Latine et l'Afrique. L'Amérique Latine s'entendant de l'Argentine au Mexique. Je suis convaincu que cette question, soumise à votre sagacité, transformera l'Atlantique en une zone de commerce.

Monsieur le Président Lula, c'est à Votre Excellence, à votre engagement déterminé et constant auprès de l'Afrique, que nous devons notre rencontre d'aujourd'hui en terre brésilienne. Nos peuples seront éternellement reconnaissants. En passant l'étendard à Votre Excellence, puisque vous allez présider à ma suite pendant les deux prochaines années, je me souviens de la résistance des esclaves noirs sur le sol brésilien, qui créèrent la République de Palmares, avant de se soumettre à la supériorité numérique et technique. Je me souviens également, de l'histoire émouvante d'une petite Sénégalaise, Felice Withley, son nom d'esclave, racontée par Charles Johnson et Patrice Smith dans un livre appelé "*Africans in America*". Felice Withley débarqua à Boston, en 1761, parmi des milliers d'esclaves venus du Sénégal. Elle venait d'avoir avait sept ans. Prise d'une curiosité intellectuelle extraordinaire, elle apprit à lire et à écrire

grâce à la complicité de la dame qui l'avait achetée. A dix-neuf ans, elle publia à Londres un livre, le premier recueil de poèmes écrits par une écrivaine afro-américaine. Avant cela, elle avait subi le refus des éditeurs américains qui ne croyaient pas qu'une personne noire pouvait réaliser une telle œuvre d'art. L'histoire de Felice Withley, comme celle de beaucoup d'autres qui tombèrent dans l'anonymat et l'oubli, nous enseigne que le génie créateur de l'être humain n'a de limites que celles qu'il s'impose. Felice était une esclave, et nous, aujourd'hui, sommes des hommes et des femmes libres de nos idées et de nos actes. C'est pour cette raison que nous n'avons pas d'autre option que de vaincre : nous devons cela à nous-même et aux générations passées et futures. Agissons pour que l'Afrique et sa Diaspora cheminent toujours ensemble, main dans la main, unies par une communauté prospère. Je vous remercie de votre aimable attention.

Maître de cérémonie: Nous écouterons maintenant Monsieur Alpha Konare – Président de la Commission de l'Union africaine

Alpha Konare – Président de la Commission de l'Union Africaine: Son Excellence, Monsieur le Président de la République Fédérale du Brésil ; Ses Excellences, Mesdames et Messieurs les Chefs d'Etats et de Gouvernement, Messieurs les ex-Présidents ; Gilberto Gil et Frene Ginwale, co-Présidents de la Conférence, Monsieur le Gouverneur de Bahia ; illustres invités, Mesdames et Messieurs. En survolant, il y a quelques heures, la Bahia de Todos os Santos, ainsi nommée en hommage au jour de Tous les Saints, où elle a été découverte par Américo Vespúcio en 1501, je dois avouer que j'ai ressenti une forte émotion, une émotion équivalente à celle que nous sentons pour l'amour de notre vie, au sens du grand romancier Jorge Amado et qui continue de rimer dans les musiques émouvantes de Gilberto Gil, pour ne citer que deux personnages prestigieux qui ont célébrer Salvador de Bahia où ils sont nés.

Par la suite, à mesure que les contours de la ville mère du Brésil se définissaient, et que les caractéristiques des maisons bigarrées aux couleurs vives surgissaient, j'ai senti toute la vitalité, mais aussi toute la spiritualité d'un peuple brésilien qui vénère avec la même ferveur le Christ de la résurrection et le Candomblé, les Orixás et la Macumba venus des terres Yoruba. Le peuple brésilien inventeur de la samba et du fameux Carnaval de Rio et de Bahia, un peuple brésilien qui marie avec un égal bonheur le

positivisme d'Augusto Comte et la vigueur des capoeriste, le rendant remarquable, sublime symbiose des cultures africaines, européennes et amérindiennes. Salvador, Bahia, qui nous accueille aujourd'hui, symbolise plus que n'importe qu'elle autre ville brésilienne, et peut-être même du monde, cette rencontre de Culture à laquelle nous sommes particulièrement attachés. Plus que n'importe qu'elle autre ville, elle incarne la rencontre de l'Afrique et du Brésil, ou, mieux encore, la présence africaine au Brésil. C'est pourquoi, aucun autre endroit ne pourrait être plus indiqué que cette Rome noire, telle qu'elle a été qualifiée, que l'UNESCO a légitimement classée patrimoine mondial de l'humanité, pour abriter une rencontre comme la nôtre, pour servir de cadre à cette rencontre et placer sous le double signe de l'information et de l'ouverture, mais aussi de l'unité dans la diversité aussi fortement exprimé dans la Convention de l'UNESCO, à laquelle nous devons tous adhérer sans délai.

En survolant ces terres de l'Amérique du Sud, j'ai également pensé aux grands hommes comme José Marti, Simon Bolivar, tous les libérateurs dont les luttes contribuèrent de manière décisive à l'émancipation de ce continent et de l'humanité. Monsieur le Président Luiz Lula da Silva, Votre Excellence, que le choix de vos compatriotes a placé à la tête de ce Brésil si attachant pour être multiconfessionnel, multiculturel et multiracial, acceptez que mes premiers mots soient Vous soient adressés. Acceptez ces paroles de remerciement au nom du peuple brésilien, de toutes les personnes qui le composent, de tout le Gouvernement, pour la sollicitude sans faille envers le continent africain, que Votre Excellence considère, comme elle n'a jamais cessé de le montrer, comme partie intégrante de son pays. Les nombreuses visites au continent maternel en sont le témoin, votre engagement pour que le Sommet Afrique-Amérique du Sud ait lieu du 30 novembre au 1er décembre à Abuja, au Nigéria, qui donnera le coup d'envoi, c'est du moins ce que nous espérons, à un nouveau Bandung politique et économique qui pourrait, réunir l'Afrique, l'Amérique et l'Asie pourquoi pas, en 2007?

Excellences, Monsieur le Président, la qualité de l'accueil qui nous a été réservée, l'attention méticuleuse de laquelle nous sommes entourés, et l'esprit de leadership des organisateurs brésiliens et la détermination avec laquelle ils ont conduit ce projet viennent confirmer, s'il était encore nécessaire, votre conviction et, en même temps, réaffirmer les liens d'amitié entre l'Afrique et le Brésil et, pour Votre Excellence encore un mot, plus

qu'une devise mais un fait incontournable de l'Histoire au nom du passé, du présent et du futur. Une Histoire pluriséculaire dans laquelle la nécessité d'une main d'œuvre servile pour cultiver la canne à sucre a joué un rôle déterminant. Une Histoire que plusieurs Brésiliens, vos compatriotes, nos frères de la même famille ont vécue douloureusement dans leur chair, dans leur cœur et dans leur esprit. Une Histoire cependant que Votre Excellence a l'intention d'assumer pleinement pour la surmonter sans rancœur, sans colère. Une Histoire, pourtant qui ne devra pas subir de falsifications. Une Histoire au nom de laquelle l'esclavage doit être proclamé comme crime contre l'humanité. Une Histoire, une Histoire qui doit être plus connue. Une Histoire enfin qui a permis que les Afro-brésiliens représentent la majorité de la population jusqu'au XIXème siècle. Des Afro-brésiliens qui ne se sont pas seulement contentés de contribuer à la croissance de leur pays avec leur force de travail, mais qui ont modelé les traits physiques, la personnalité, la langue, les vêtements, la qualité de vie, les arts et la culture brésilienne.

Cet apport de l'Afrique qu'encore une fois, Monsieur le Président, vous avez tenu à mettre en pratique, nul ne l'a exprimé mieux qu'Abdias do Nascimento, une mémoire vivante qui ne pourra s'évanouir, que Votre Excellence a décidé d'honorer en lui consacrant une exposition plus que méritée. Un Abdias do Nascimento qui avait pour ami le peintre et sculpteur Tibério, qui participa en 1966 au Festival des Arts Nègres à Dakar, où il s'établit par la suite, pendant plusieurs années, permettant au Sénégal et à l'Afrique de bénéficier de sa grande expérience et de sa connaissance profonde des cultures africaines. Tibério, dont l'œuvre mérite d'être plus connue, anticipait les propositions de Jorge Amado, qui dans le documentaire "Atlantique noire – Sur la route des Orixás", dit : "les eaux de l'Atlantique apportèrent les esclaves de l'Afrique vers le Brésil. Leur corps furent enchaînés mais leur esprit demeurèrent liés à l'Afrique mère". Aujourd'hui, quand les Brésiliens visitent l'Afrique, ils enseignent aux Africains la culture que ces descendants d'esclaves ont maintenue en vie au Brésil ".

Excellences, illustres invités, Mesdames et Messieurs, on célèbre dans le monde entier, cette année, le centenaire de la naissance de Léopold Sedar Senghor, grand admirateur du Brésil, qui accueillit Tibério au Sénégal. Il aimait appeler affectueusement les Brésiliens de "plus que frères ". Permettez-moi, Monsieur le Président, de parler à Senghor

dans sa langue, ll'une de ses langues : [Paroles en dialecte]. La Diaspora a été institutionnalisée, oui, elle a cessée d'être une histoire d'intellectuels et de politique de notre siècle pour prendre une dimension permanente. En moins de deux ans, nous avons au Brésil une deuxième Conférence. Rien ne pourrait mieux témoigner de la matérialisation de cette résolution non seulement désirable mais également parfaitement réalisable. L'Union africaine ayant réalisé avec le Sénégal et le Brésil, chacune de ces missions héroïques, a atteint son objectif, même si nous devons nous demander si, dans le futur, les prochaines rencontres ne devraient pas être le fait de la société civile, avec l'appui, évidemment de nos Gouvernements et de nos organisations régionales.

Excellence, Monsieur Président, illustres invités, Mesdames et Messieurs, l'Union africaine, aurait cependant failli à sa vocation de trait d'union, de rassembleur, si elle n'avait pas su renouer avec une partie du continent qu'est la Diaspora avec l'autre Afrique. L'acte constitutif de l'Union africaine est on ne peut plus clair sur ce chapitre : un appel à la mobilisation de tous les segments de la population africaine pour la réalisation des objectifs d'intégration et de la renaissance et qui note que la Diaspora constitue à cet égard un segment décisif. Etant au Brésil, on ne pourrait se passer de profiter de l'occasion pour rappeler, qu'en dehors du Nigéria, c'est sur ce sol que l'on trouve la plus grande concentration de noirs. Le choix du Brésil comme siège de la deuxième Conférence est donc particulièrement judicieux pour de multiples raisons, c'est pourquoi, je n'en évoquerai que quelques unes au passage. Nous pouvons rajouter que si cette coopération est bien pensée, elle sera fructueuse pour les africains du continent et ceux de la Diaspora. Elle le sera encore plus si nous savons en reconnaître les diverses facettes parmi lesquelles je citerai seulement la culture, y englobant la communication et le sport. Comment pourrai-je oublier que le Brésil est le légendaire quintuple champion du monde de football et qu'il fournit au monde entier des artistes de premier plan.

Excellences, Mesdames et Messieurs, malgré la séparation entre les africains de continent et ceux de la Diaspora, nous partageons les mêmes valeurs, systèmes, institutions, expressions et artéfacts culturels qui sont, comme dirait notre grand ami et aîné, le grand africain, le grand intellectuel africain Joseph Kisarbo, "source et ressources, source et ressource, c'est cela la Culture africaine".

Ensemble nous avons trouvé cette stratégie adaptée à la valorisation de ces ressources, en utilisant en particulier les contributions des nouvelles technologies de l'information et de la communication – les moyens que nous offrent l'ère de l'information – pour mieux discuter notre Histoire commune et nos histoires différentes, pour mieux discuter notre être dans le monde et notre contribution à la Civilisation. C'est, sans doute, une tâche qu'il nous faut mener à bien, un défi à relever. Relever ce défi est plus que jamais actuel, étant donné qu'après la mondialisation idéologique et le cosmopolitanisme postmoderne abstrait qui l'accompagne, la négation de l'autre en vertu de sa race, de sa couleur, de son statut socio-économique est encore, malheureusement, encore moins discuté. C'est à dire que notre humanité est encore aujourd'hui en danger dans un tel contexte. Dans ce contexte, la réflexion et la lucidité pour paraphraser le philosophe camerounais Boulaga, requiert une affirmation, une attestation de notre humanité et une prise en charge.

La Renaissance africaine, une édification à laquelle les africains du continent et de la Diaspora sont invités, n'a pas d'autre objectif que celui-ci. Il exige une stratégie ferme, des objectifs clairs, des actions soutenues qui se conjuguent au présent pour libérer le chemin pour une autre Afrique. Je parle volontairement d'une autre Afrique : une Afriquede travail, une Afrique solidaire, une Afrique juste et surtout une Afrique en paix, surtout une Afrique avec de bons Gouvernements qui respectent les droits, l'état de droit et la liberté. Sur le chemin de cette Renaissance, il y a, en premier lieu, une forme de pauvreté qui échappe aux statistiques et autres indicateurs. C'est ce qu'un écrivain mozambicain, Mia Couto, appelle "la pénurie de nos réflexions sur nous-même ". Entendant par là la difficulté des africains de se penser comme des sujets historiques, comme point de départ et d'arrivée d'un rêve.

La longue négation de l'Africain par sa trace noire tout d'abord, et le colonialisme ensuite; l'absence de territoire reconnu comme terre et Histoire par des millions de noirs déracinés, l'énormité de l'escroquerie intellectuelle qui insiste à situer hors de l'histoire l'époque pendant laquelle l'Afrique inventait la technologie pour construire les pyramides égyptienne de Kéops, entre autre, voyez la quantité de faits qui expliquent, aujourd'hui, même après quelques travaux remarquables, que l'identité africaine est encore perçue à travers le discours de l'autre. Refuser le petit lopin d'histoire que nous propose les autres est un premier pas pour surmonter

ces premiers obstacles, préserver la mémoire, la partager, la populariser, l'enseigner, l'assumer par dessus tout face aux diverses nations qui participent de la même nécessité. Le second écueil est cependant tout aussi dangereux : le déficit de pensée, qui n'est rien au-delà de l'exaltation des individualités, de ses actions particulières voire l'absolutistes et irréductibles. Une telle position amène directement au narcissisme stérile et même pire jusqu'à des identités assassines dont les états-nation, malheureusement, nous ont donné plusieurs exemples.

Ce second obstacle peut être évité si nous nous donnons les moyens de continuer à suivre la tradition spirituelle africaine bantu et yoruba, du Dieu aux cent noms qui proposent une gestion de la diversité éthique ou religieuse non seulement basée sur la tolérance mais également sur le pluralisme. Cet obstacle peut être contourné si nous nous rappelons des grandes conquêtes axiologiques que nos ancêtres établirent de manière unique quatre mille ans avant Jésus Christ, si nous savons retrouver chez l'homme l'intelligence, si nous reconnaissons la dignité des esclaves. Si nous nous donnons les moyens de placer au centre de l'ordre spirituel, moral et politique le caractère sacré des personnes de tout âge, tout sexe, les protéger et défendre la liberté. Notre profonde conviction est que sans le respect des droits de l'homme, sans le respect de la liberté, sans la reconnaissance de la diversité, du pluralisme il n'y aura pas d'issue pour l'Afrique. Utopie diraient quelques uns à qui je répondrais : utopie, oui, mais une utopie critique et mobilisatrice du présent car, encore une fois, les actions se conjuguent au présent quand il s'agit de la Renaissance africaine.

Excellences, Mesdames et Messieurs, il ya cinquante ans, en septembre 1956, avait lieu à Paris le premier Congrès des intellectuels et artistes noirs. C'était un an après la Conférence de Bandung, dix ans après le Congrès panafricain de Manchester qui revendiquait et inaugurait un processus qui amena les indépendances des années 60. Ce congrès du racisme antiracisme, comme le dit Sartre dans Orphée Noir, eut le mérite d'être une rencontre de la diversité et même l'ordre du jour portait sur d'une confrontation à niveau idéologique et scientifique, ce qui était inévitable car, même si la solidarité des victimes stigmatisées au nom de la race était à l'ordre du jour, le fait demeure que les Africains du continent et ceux de la Diaspora établirent des alliances culturelles, idéologiques et des relations politiques et culturelles ceci en tant que civilisations. Pour

concilier une élite noire qui était ouverte à toutes les influences, pour réconcilier des personnalités aussi différentes que Richard Wright, Ralph Elisone, Léopold Sédar Senghor, Frank Fanon et Cheikh Ante Diop dont le rôle éminemment positif, soulignons le, ne fut jamais reconnu dans l'histoire du panafricanisme et dont nous célébrons cette année le vingt-cinquième anniversaire de la mort.

Il manqua à Paris, en 1956, la brillante intelligence d'Aimé Césaire, à qui nous devons reconnaître le rôle de protecteur de tout le monde africain. Césaire souligna que ce qui unit les noirs dans l'amphithéâtre Descartes de la Sorbonne à Paris, où eut lieu le Congrès, fut la diversité. Mais il manqua également, Monsieur le Président, toute la détermination d'un homme comme Aliune Diop. Qu'il vous plaise que je salue ici la présence de Christiane Diop qui fut sa fidèle compagne et qui a su avec d'autres, en l'absence de Aliune, maintenir le flambeau et poursuivre la lutte d'Aliune par une présence africaine fortifiée, c'est à dire "Présence Africaine " , luttes du passé, luttes d'aujourd'hui et luttes de demain.

Permettez-moi de rappeler que cette année, en septembre, nous commémorerons le cinquantième anniversaire de cette belle aventure que fut ce Congrès. Monsieur le Président, la "Présence Africaine " doit être soutenue dans l'organisation de notre rencontre; la "Présence Africaine " doit continuer à diffuser son éternel message, car la Présence Africaine a su se relever, très tôt, l'aurore de l'Histoire, notre Histoire. Dans cette perspective nous devons également appuyer l'organisation du deuxième Festival des arts nègres en 2007, à Dakar, initiative des autorités sénégalaises et, en particulier, du Président Wade. Toujours dans l'optique d'une présence africaine fortifiée, nous devons nous efforcer pour que la Coupe du Monde de 2010 ait lieu en Afrique du Sud, ait lieu en Afrique.

Excellences, illustres invités, Mesdames et Messieurs, comme il y a cinquante ans, aujourd'hui et demain il sera encore question de diversité : la diversité du contexte, de la culture et de la civilisation auxquels nous appartenons, dans laquelle nous vivons, et dans lesquels nous formons notre identité. Cette diversité doit être occultée et mise en doute quand, en son nom, quelque chose doit être hypothéqué ou mettre en danger la solidarité qui est le facteur nécessaire pour donner corps et vie au projet de Renaissance africaine. Au contraire, ce projet ne peut sortir que fortifié de la confrontation d'idées et d'expériences les plus diverses, basées sur la multiplicité des paramètres idéologiques, culturels, linguistiques, éducatifs

et institutionnels transmettant la dynamique du changement sur lequel se définie la Renaissance africaine. Une Renaissance africaine qui est, Mesdames et Messieurs, urgente car à notre époque de révolution scientifique et technologique, mais également politique, citoyenne et les humanistariste, l'Afrique et la Diaspora doivent marquer leur présence d'une manière cohérente, autant pour affronter la réalité des bénéfices des relations politiques que pour réaffirmer les dialogues des civilisations qui doivent partager dans leurs caractéristiques les mêmes valeurs d'universalité.

Cette Renaissance africaine est donc, fondamentalement un projet politique puisqu'il sera fondé sur la nation africaine, notre seule nation. La nation africaine est notre seule nation, c'est elle qui alimentera les enfants du continent, la nation qui permettra aux africains hors d'Afrique de sortir de la marginalité, qu'avant d'être des minorités ils sont en train de se transformer en minorité au sein de la minorité. Cette nation africaine dont le pilier est constitué par les Etats Unis d'Afrique, patrie des noirs et des arabes d'Afrique, oui, les Etats Unis d'Afrique seront un partenaire respecté des grandes organisations internationales et régionales et des grands pays comme le Brésil. Cette Renaissance, Monsieur le Président, illustres invités, Mesdames et Messieurs, ne peut pas voir le jour concrètement, du point de vue de l'Union africaine, de sa philosophie, de ses ambitions et de ses objectifs sans la contribution positive et critique des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora des Amériques, de l'Europe et de l'Orient et sans l'adhésion de tout le peuple. La légitimité seule du Chef d'État n'est pas suffisante pour mener à bien le projet pour que les Etats Unis d'Afrique constituent une nation africaine.

Le dialogue entre les intellectuels d'Afrique et de la Diaspora, qui ont, à l'origine, contribué au lancement de la revendication et, par la suite, au mouvement qui participent aujourd'hui du projet de Renaissance, fut renouvelé à Dakar en octobre 2004. Bahia, par la suite, nous fournit l'occasion d'approfondir ce dialogue. Ce contact renouvelé est un fil conducteur important dans une autre lutte avant le Congrès culturel panafricain que nous aurons en novembre prochain à Nairobi. Que Bahia soit le fil conducteur d'un autre combat tout aussi légitime pour le changement du destin de l'Afrique. Le destin de l'Afrique sera modifié par les africains eux-mêmes en se basant sur un agenda établit par les africains eux-mêmes et mis en œuvre fondamentalement par les africains

eux-mêmes. Qu'enfin d'autres Dakar et autres Bahia puissent ouvrir le chemin. Que le Brésil, pays d'ordre et de progrès, puisse renforcer sa coopération avec une Afrique unie et solidaire. Je souhaite le succès à la deuxième rencontre des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora! Que Dieu vous bénisse. Merci pour votre aimable attention.

Maître de cérémonie: La parole est maintenant à monsieur Paulo Souto, Gouverneur de l'État de Bahia.

Paulo Souto – Gouverneur de l'Etat de Bahia: Excellence Monsieur le Président de la République Fédérale du Brésil, Luiz Inácio Lula da Silva, (...) Mesdames et Messieurs,

Soyez tous les bienvenus dans notre chère Salvador, capitale de Bahia. La baie de tous les saints et de tous les Orixás se sent honorée d'être l'état brésilien désigné pour accueillir les intellectuels, chefs d'état, autorités gouvernementale et organismes internationaux, représentants de la société civile de diverses parties du monde et en particulier, les invités de la deuxième Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora, dans le but d'échanger des informations, des expériences et des vécus qui puisent contribuer à l'élargissement de la connaissance mutuelle de manière à permettre une meilleure compréhension entre les pays africains, les autres nations et les Diasporas issues de l'Afrique.

J'aimerais vous dire que même l'immensité de l'Atlantique ne peut séparer Bahia du continent africain. Sont venus ici des personnes de plusieurs nations, d'ailleurs dans un passé géologique nos territoires étaient unis, mais ici sont venus des personnes de plusieurs nations d'Afrique pour aider au travail pour la construction de ce qui devindrait cet état. Ils ont résisté comme ils ont pu, ils se sont dispersés et en même temps se sont rassemblés fixant ici de très solides racines. Et ce n'est pas de maintenant mais de la deuxième moitié du XVIIIème siècle que la population métis de cette terre était déjà supérieure à 75% de ceux qui vivaient ici. Au cours du XIXème siècle le panorama n'a pas beaucoup changé. Alors que dans le Sud du pays s'acheminaient des gens venus de diverses parties du monde, à Bahia débarquait un grand contingent d'Africains. Il ne s'agissait pas seulement d'esclaves mais également d'hommes d'affaires qui élargissaient leur univers, en construisant un monde culturel propre en territoire bahianais, grâce à la résistance et la persévérance de ceux qui vinrent et surent, avec un certain savoir-faire surmonter tous les types d'adversité et de difficultés. Plus près du XXème

siècle, les études soulignent au moins deux époques marquantes dans les relations socio-raciales de teneur africaniste au Brésil et à Bahia en particulier.

Le premier dans les années 30 pendant lequel les noirs, les métis et les afro-descendants d'une manière générale cherchèrent de toutes leurs forces à s'intégrer à la société. Le deuxième moment se caractérise par la détermination à participer activement à notre vie sociale et est qui désigné par les spécialistes comme période d'affirmation, entre les années 70 et 80.

Petit à petit et progressivement, les traits marquants des diverses cultures provenant des différents points du continent africain se sont consolidées sur ce rivage américain de l'Atlantique pour former une base culturelle, avec ses propres caractéristiques que nous noua noua risquons à appeler culture de bahianaise, sans jamais renier l'influence forte et décisive de la variété culturelle des pays africains.

Si la première période des années 30 fixa les bases pour l'affirmation de cette culture fascinant artistes et intellectuels, la deuxième période des années 70 et 80 consolida définitivement la base culturelle de racines africaines, aujourd'hui motif d'orgueil et d'affirmation pour tous les Brésiliens et Bahianais.

L'Afrique est un continent de nombreux peuples, langues, coutumes et cultures, c'est pourquoi, nous sommes loin de pouvoir identifier un type ou une culture unique. A Bahia sont venus des africains des plus diverses nations ou peuples, avec leurs coutumes, leurs langues et leurs manifestations culturelles qui ici se sont mélangées et ont cohabité, devant trouver des moyens de communication et de socialisation entre eux.

Le legs d'origine africaine est énorme et inestimable dans la formation du patrimoine culturel de l'Etat de Bahia, que ce soit dans le domaine culinaire, dans celui des fêtes ou des coutumes, dans le vocabulaire, dans la manière d'être et de s'habiller, dans la musique et les croyances, surtout en ce qui concerne le candomblé, ou encore les danses, les instruments de musique et dans la capoeira, cette espèce de jeu, danse, ou lutte qui a ici vu le jour. Nous sommes d'ailleurs en ce moment en train de construire – ou de reconstruire- ici, ensemble, un important patrimoine et d'en faire un bastion de la capoeira, un centre de mémoire de références et d'études pour ce symbole si important de la culture africaine qui s'est aujourd'hui diffusée dans de nombreux pays du monde.

Citons ces vocables tels acarajé, abará, caruru, efó et mungunzá qui qualifient des mets, agogô, atabaque, et berimbau des instruments de musique, pano-da-costa (châles), vestes colorées, balangandãs (pacotilles), colares de conts (coliers de graine) des parures et vêtements, que nous appelons typique et qui font partie de notre quotidien et de nos coutumes ici à Bahia, terre de tous les Orixás, des divinités du candomblé, dont nous sommes en train, comme une claire démonstration du respect de tous nos peuples, petit à petit de faire classer les lieux de culte, grâce à notre institut du patrimoine, pour qu'ils restent pour toujours des références universelles et qu'ils puissent être des références pour les générations futures.

Le candomblé est une désignation générique de diverses sectes venues d'Afrique, ayant traversé l'Atlantique et par dessus tout, ayant traversé le temps et se sont imposées comme une religion. Il a trouvé à Bahia une grande variété de plantes et de feuilles propres à ses célébrations et ses rituels. Ici il s'est affirmé et s'est imposé comme une religion afro-brésilienne, regroupant de nombreux adeptes. Avec le candomblé vinrent ses musiques sacrées, ses poésies, airs et instruments de musique qui se mélangèrent à ceux utilisés par la capoeira et qui sont imprégnés de la musicalité variée de Bahia.

La capoeira est un mélange de danse, de jeu et de lutte qui enrichit la culture populaire afro-bahianaise et résulte de la résistance permanente et de la recherche de liberté des esclaves noirs. Elle est maintenant pratiquée dans les clubs de sport. Le premier d'entre eux fut créé par Maître Bimba, dans la ville de Salvador, capitale de Bahia. Aujourd'hui, comme je vous l'ai déjà dit, elle est pratiquée dans le monde entier, comme une façon particulière qui associe les mouvements corporels et sa propre musique.

L'étroite relation culturelle afro-brésilienne a certainement contribuée, Monsieur le Président Lula, à la réalisation du deuxième Congrès afro-brésilien dans cette ville en janvier 1937. Avec l'appui du gouvernement y ont participé d'illustres professeurs des facultés de Médecine, de Droit, des écrivains, des journalistes et des intellectuels en plus d'imminentes personnalités de la religion afro-brésilienne, les pères et mères de saints doter d'un très grand charisme, de fortes personnalités, connaissances et mystère, comme Eugênia Ana dos Santos (la Mère Aninha), Maria Escolástica Conceição de Nazaré (la Mère Menininha do Gantois), Manuel Bernardino da Paixão (o Bernardino do Bate Folha), Martiniano Eliseu

do Bonfim (Babalaô Ojé Ladê), qui a été Président d'honneur du Congrès. Ce conclave signifia sans doute un pas important pour l'affirmation de la culture et de la communauté afro-descendante de Bahia et de tout le Brésil.

Toute cette identité culturelle entre l'Afrique et Bahia fut l'objet d'études et de recherches de la part de nombreux professeurs et intellectuels de cette terre. Parmi eux nous pourrions citer les professeurs Vivaldo Costa Lima, Julio Braga et Pierre Verger, un français qui fit l'option de s'installer et de se fixer ici, enchanté par le candomblé. Ils se sont rendus dans les pays africains afin de vérifier, étudier et mieux comprendre les origines de cette riche source de culture de ce continent qui ici s'affirmait et nous avons ici, aujourd'hui, le Président de la Fondation culturelle Palmares, Ubiratan Castro de Araujo, également digne représentant de ces générations.

Notre population, à Bahia, est constituée d'une grande majorité d'afro-descendants, et, c'est pour cela, que tout ce que nous faisons ici, vise cette population de manière très étroite.

Je me risque à avancer, en ce début de troisième millénaire, que Bahia au fil du temps en est venu à représenter, ne prenez pas cela pour de la fierté, mais c'est du moins, ce pour quoi nous luttons, une synthèse de la variété des peuples qui constituent le contient africain en ces temps de changements de la vision du monde sur l'Afrique et ses caractéristiques. C'est pour cela, et je suis persuadé qu'il n'est même pas nécessaire que je vous le souhaite , masi je suis persuadé que vous vous sentirez ici comme chez vous, dans votre propre pays.

Vos excellences, penseurs, intellectuels, illustres Mesdames et Messieurs, pour quelques jours comme disait le poète, Bahia sera la terre où nous luttons pour en faire tous jours un peu plus la terre du bonheur. Pour conclure je vous dirai encore une fois : Soyez tous très bienvenus. Merci beaucoup.

Maître de cérémonie: Nous écouterons maintenant Monsieur João Henrique Carneiro, Maire de Salvador.

João Henrique Carneiro – Maire de Salvador: Son Excellence Monsieur le Président da République Fédérale du Brésil, Luiz Inácio Lula da Silva, Mesdames et Messieurs les participants de la IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora.

La Ière CIA réalisée au Sénégal fut plus qu'un succès absolu, elle a laissé une véritable trace en 2004 et, aujourd'hui, nous sommes ici pour

la IIème CIAD, discutant de la Renaissance africaine et de la Diaspora et il s'agit de l'événement le plus important pour notre communauté afro-descendante, le plus important des dernières années pour Salvador et je crois également pour le Brésil.

Le choix de Salvador, notre ville, de la part du Gouvernement fédéral, par l'intermédiaire du Ministère des Relations Extérieures, d'accueillir une telle rencontre témoigne de l'importance, du niveau d'identité de notre ville et de son symbolisme pour le continent africain. Nous sommes un peuple formé de plusieurs nations, mais surtout de la nation africaine. Ceci se reflète dans notre histoire, dans notre culture, dans nos habitudes et dans tout notre patrimoine artistique et culturel.

Nous sommes convaincus que les débats, des discussions et les conférences qui auront lieu, apporteront des idées et des ressources importantes qui serviront de base pour l'adoption de nouvelles politiques publiques visant à bénéficier aux divers domaines de la culture, de l'économie, de l'action sociale entre autres domaines de la coopération internationale Brésil – Afrique.

Salvador fut la première capitale brésilienne à mettre en application la loi 10.639 qui règlementait l'enseignement de l'histoire de l'Afrique et des afro-descendants dans l'enseignement primaire et secondaire des écoles publiques de la ville. Nous avons lancé le Fond municipal pour le Développement humain et l'inclusion scolaire des femmes afro-descendantes dans l'éducation, un programme qui compte avec le partenariat de l'Agence espagnole de coopération internationale du Fond de développement des Nations unies pour la femme et le Ministère public de l'état de Bahia.

Dans le domaine de l'éducation le Fonds municipal pour le développement humain et l'inclusion des femmes afro-descendantes dans l'éducation, un programme qui compte parmi ses partenaires l'Agence espagnole de coopération, le Fond de développement des Nations unies pour les femmes et le Ministère public de l'État de Bahia.

Dans le domaine de l'éducation le Fond municipal pour le Développement humain et l'inclusion scolaire des femmes afrodescendantes a été créé, il a pour objectif premier de formuler, exécuter et financer des programmes, des projets et des actions qui promeuvent le développement et l'inclusion des afro-descendantes dans l'éducation.

La mairie de Salvador prétend combattre l'évasion scolaire et permettre aux femmes afro-descendantes qui vivent dans notre ville dans

une situation de pauvreté de conclure l'enseignement primaire. L'action du Ministère municipal de la santé mérite également notre attention, nous le considérons comme un modèle dans le combat contre l'inégalité raciale grâce à la création d'un groupe de travail s'occupant de la santé de la population noire. Plusieurs recherches sont réalisées et, aujourd'hui, ce secrétariat s'intéresse tout particulièrement à la prévention et au traitement des maladies à plus grande incidence chez la population noire comme, entre autres, l'anémie falciforme, le glaucome, l'hypertension et la mortalité maternelle, et ce en partenariat avec l'université fédérale de Bahia.

Le Secrétariat municipal de réparation fut l'une des entités les plus intéressées dans l'approbation de la loi que créa le Conseil municipal des droits de l'homme, une exigence de plus de deux décennies des mouvements sociaux afro-descendants organisés de cette ville. Aujourd'hui, la loi a été aprouvée et nous avons notre Conseiller municipal des droits de l'homme. La SEPPIR, dirigée par la Ministre Matilde Ribeiro, est un partenaire infatigable et très important dans plusieurs programmes concernant la réparation.

Nous souhaitons ainsi un grand succès à cette IIème CIAD et à tous ses participants tout en remerciant son Excellence Monsieur le Président de la République Luiz Inácio Lula da Silva pour prendre, depuis le début de son gouvernement démocratique et populaire des mesures concrètes pour rapprocher toujours plus le Brésil du continent africain. Assumer notre véritable identité noire, notre culture, notre mémoire et nos racines est un grand pas pour une croissance solide, intellectuelle, idéologique, politique et sociale. Que Dieu vous bénisse tous dans la réalisation de cette IIème Conférence d'intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Merci beaucoup.

Maître de cérémonie: C'est maintenant au tour de Madame Matilde Ribeiro, Secrétaire spéciale des politiques de promotion de l'égalité raciale de s'exprimer.

Matilde Ribeiro – Secrétaire Spéciale des politiques de promotion de l'égalité raciale : Bonjour à vous tous ici présents et en particulier au Président Luis Inácio Lula da Silva, Président du Brésil; au Président Abdoulaye Wade - Président du Sénégal; au Président de l'Union africaine Monsieur Alpha Oumar Konare et une attention particulière à mes deux collègues Ministres, coordinateurs de la

Conférence : le Ministre Gilberto Gil, et le Ministre Celso Amorim ainsi qu'aux autres Ministres ici présents, Nilcéia Freire, Waldir Pires, Orlando Silva.

Considérant que cette Conférence est fondamentale pour notre vie politique brésilienne et notre relation avec le continent africain, je remercie d'avance le Président Lula pour la confiance qu'il m'a accordée pour ce que je vais faire maintenant, pour la signification de cet hommage que nous allons nous rendre à nous, Afro-brésiliens et à tous les Africains du monde. Merci beaucoup. Grâce aux efforts inépuisables de ceux qui ont lutté contre l'esclavage et les militants du mouvement noir des époques contemporaines, les Brésiliens d'origine africaine ont aujourd'hui la parole.

Nous rendons ici hommage à notre cher Abdias Nascimento, présent parmi nous. Abdias, qui avec ses quatre-vingt-quatorze ans continue de militer avec la même vigueur de ses jeunes années et qui m'appelle petite, considérant que Abdias est l'un des plus âgés d'entre nous. Abdias Nascimento fait partie de l'avant-garde du mouvement noir du Brésil, depuis la scène du théâtre expérimental noir, il est devenu un leader fondamental pour que l'égalité raciale gagne une projection qui fait aujourd'hui partie de l'agenda national. Nous devons beaucoup au compagnon Abdias. Dans la défense de l'adoption des actions affirmatives, dans les politiques publiques pour la population d'origine africaine du Brésil. Après son exil, il est tout de suite devenu un parlementaire et a défendu avec éloquence et bravoure le droit à l'autodétermination de la Namibie entre autres combats, ainsi que la fin de l'apartheid. Abdias eut un rôle décisif dans les conquêtes de la population noire pendant notre Constituante de 1988, qui eut comme point fort la reconnaissance du racisme comme crime imprescriptible et non compensable financièrement. Il y a encore beaucoup à faire dans le domaine des politiques publiques, mais grâce à votre dévouement et celle d'autres qui luttèrent contre la discrimination, l'égalité raciale imprègne aujourd'hui les politiques publiques brésiliennes. L'exemple de Abbdias nous inspire pour continuer à lutter pour mettre à bas les barrières et les mythes et faire tomber le racisme très présent dans notre pays, mais il nous inspire aussi pour construire des ponts qui signifient la garantie des opportunités et des droits pour tous.

Au moment où nous célébrons à Salvador la consolidation de notre rencontre avec l'Afrique et sa Diaspora, nous nous devons de remercier,

du fond du cœur, Abdias Nascimento et le militantisme brésilien international pour leur persévérance dans le combat de la dignité démontrées lors des processus de négociation de ses intérêts dans les espaces institutionnels.

Président Luiz Inácio Lula da Silva,

Les noirs ont de quoi être fiers de votre capacité de combat, visant à la construction de la nation brésilienne je me sens très honorée de participer à la décoration de l'ancien sénateur, du militant, du combattant, de l'intellectuel Abdias Nascimento, avec la Grande Croix de l'Ordre du Rio Branco, la plus haute distinction du Gouvernement brésilien. Merci beaucoup Abdias. Merci beaucoup à tous les hommes et toutes les femmes qui ont combattu et combattent encore pour l'égalité des raciale.

Maître de cérémonie: Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva, Président de la République fédérative du Brésil, rend maintenant hommage à Monsieur Abdias Nascimento en lui apposant l'insigne de L'Ordre du Rio Branco, au niveau de commandant. La Cérémonie d'ouverture de la IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora est close.

12. Table ronde présidentielle

“ La Diaspora et la Renaissance africaine : contributions passées et projet actuel”

Maître de cérémonie: Nous invitons maintenant Monsieur Iba der Thiam - Modérateur de la Première session plénière de la IIème Conférence des intellectuels d’Afrique et de la Diaspora sur le thème : “ *La Diaspora et la Renaissance africaine - contributions passées et projet actuel*” à donner le coup d’envoi aux délibérations.

Iba der Thiam – Modérateur: Monsieur le Président da République Fédérale du Brésil, Excellences, Monsieur le Président de la République, Monsieur le Ministre, Monsieur le Président de l’Union africaine, Mesdames et Messieurs les Premiers Ministres, nous allons par la suite initier notre table ronde sur le prochain thème : “L*a Diaspora et la Renaissance africaine - contributions passées et projet actuel*”. Sans plus attendre, je vous informe de la liste des orateurs. Nous aurons Son Excellence Monsieur le Président de la République du Botswana; Son Excellence Monsieur le Président du Cap Vert ; Son Excellence Monsieur le Président République du Ghana; Son Excellence Monsieur le Président République de Guinée Equatoriale; Son Excellence Monsieur le Président de la République du Sénégal; Son Excellence Madame la Premiére Ministre de la Jamaïque; Son Excellence Monsieur Muhammad Ali, Vice-président de la République de Tanzanie; Son Excellence

Monsieur le Président de la Commission de l'Union africaine et Son Excellence Monsieur le Président de la République du Brésil. Sans rien de plus, je cède immédiatement la parole à Son Excellence Festus Mogae, Président la République du Botswana.

Festus Mogae – Président de la République du Botswana: Son Excellence le Président du Brésil, notre Président amphitryon, mes collègues Chefs d'Etat et de Gouvernement d'Afrique et de la Diaspora, autres distingués invités, Mesdames, Messieurs. J'aimerais commencer mes réflexions par un hommage à notre Président du Brésil amphitryon, Luiz Inácio Lula da Silva et au Président Wade du Sénégal et à tous ceux qui sont derrière de cette importante initiative. Vous avez réunis de nouveau une grande quantité des meilleurs écrivains d'Afrique et de la Diaspora africaine afin de réfléchir collectivement à nos défis communs, une réalisation certainement très bienvenue. La nature des défis que nous affrontons peut être définie et disséquée de diverses formes, cependant, elles sont toutes incluses dans notre vision de la Renaissance africaine.

C'est dans le contexte de cet idéal que j'entame notre thème d'aujourd'hui. J'avoue, cependant, que j'ai jugé le sujet de la Diaspora en tant que contribution passée et potentielle pour la Renaissance africaine en même temps défiant et enrichissant. Je pense que cela est dû en partie au fait qu'il y a toujours eu une tendance de sous-estimer dans nos esprits le potentiel pratique des liens que nous savons avoir toujours existés entre nous, tant à un niveau émotionnel que philosophique. Les explications ne manquent pas pour une telle négligence relative. Une des raisons est, sans doute, l'échec continu à nous éduquer mieux, nous et les autres sur nos interactions passées. Il y a encore beaucoup d'ignorance au sujet du riche, mais fréquemment obscur, dialogue que nous, en tant qu'africains, avons maintenus entre nous au cours des derniers siècles. Nous savons que nous avons des intérêts, des identités et des objectifs communs pas toujours appréciés pour leur sens historique ou valeur contemporaine. Quant aux contributions passées des Diasporas à notre projet actuel nous devons reconnaître que nous avons affaire à un rapport historique incomplet et encore moins apprécié que reconnu.

Il y a sans doute un défi pratique pour quelques intellectuels ici réunis. Nous comptons sur vous non seulement pour mettre au jour ce qui a été caché mais pour le présenter sous une forme pertinente mais aussi sous une forme facilement compréhensible et appréciable par un public plus élargi. En tant qu'économiste de formation, et pour quelques uns un technocrate de

réputation, je me sens moins qualifié que beaucoup d'entre vous ici réunis pour parler du passé. Ce que je peux observer c'est qu'une fois dans ce thème je retrouve souvent quelque chose de nouveau et de lumineux. On m'a, par exemple, appris à l'école sur le missionnaire David Lingstone, dont la famille se trouve, par hasard, enterrée dans mon pays, mais j'ai récemment appris, avec surprise, qu'il avait, réellement, un proche collègue de la Diaspora africaine. Le camarade était un ancien esclave caribéen, certainement un fugitif d'Amérique du Nord, appelé George Fleming. Il y a plus d'un siècle et demi cet homme avec l'écossais David Livingstone, reclassa les merveilles naturelles des Cataractes de Victoria. Un cas très semblable fut celui de Matthew Henson Hansen, un Afro-américain qui découvrit le Pôle Nord, et dont les faits restérent, pendant plusieurs décennies, dans l'ombre de son partenaire blanc Robert Peary. Fleming est pratiquement resté dans l'oubli. Il y en a certaienemnt beaucoup d'autres comme lui.

A redécouvrir le rôle historique de tels individus, nous pouvons surtout, gagner la vaste reconnaissance de leurs legs et, par conséquent, de nous mêmes. Quelques rapports concernant Livingstone rabaissent Fleming à la condition de cuisinier. Pourtant, nous savons maintenant, que lorsqu'ils traversèrent pour la première fois le Zambèze, Fleming était déjà un commerçant indépendant. Nous savons également depuis peu, que l'une des questions qui ont amenées non seulement à l'émancipation Monsieur Livingstone, mais aussi certains de nos propres ancêtres, était son opposition à l'esclavage, au commerce d'esclaves, et sa disposition à aider les Africains qui voulaient y résister. Notre héritage panafricain se manifeste également dans les interactions et les contributions de nombreux personnages de la libération de nos continents au XXème siècle. Dans le contexte sud africain, on peut encore une fois vérifier que ces racines sont profondes. Pour ne citer qu'un exemple, souvenons-nous de la figure inoubliable de Pixel Kassemi dont le passé est plus connu pour son rôle stratégique pour la formation du Congrès national africain en Afrique du Sud. Ouvrons une parenthèse car il peut être important dans ce contexte, de mentionner que la formation du Congrès national africain en Afrique du Sud conféra par la suite un équilibre au Congrès national africain de la Rhodésie du Nord, aujourd'hui Zambie, au Congrès national africain de la Rhodésie du Sud, actuel Zimbabwe, au Congrès du Basutolândia, actuel Lesotho et au Congrès national africain de Niassalândia, actuel Malawi. Le CNA de la Rhodésie du Nord s'est scindé en CNA de la Zambie et UNIP de la Zambie; celui de la Rhodésie du Sud en

ZAPU et ZANU du Zimbabwe, celui de Niassalândia a été converti en Parti du Congrès de Malawi et celui de Basutolândia en Congrès du Lesotho pour la démocratie.

Les normes modernes et patriotiques sont, il est clair, plus significatives pour les peuples des territoires en question. Mais pour en revenir à Pixel Kassemi, qui en tant que meilleur élève de sa classe prononça le discours de promotion en 1906 à l'Université de Columbia à New York. Dans son discours il dit, je cite : « Le géant sort de l'automne et les gnomes aussi. Les fils d'Afrique entrent dans l'âge d'or du futur emportant avec eux les registres de leurs faits. J'entrevois déjà des jours meilleurs se lever sur l'Afrique, je commence déjà à voir ses courants se dissiper, ses déserts vides remplis de plantations, son Absínio et son Zulu répandre les semences de la science et de la religion, la gloire de l'aurore étincelant du haut de ses églises et de ses universités. Son Congo et sa Gambie couverts de commerce, ses villes populeuses s'épanouissant dans les affaires et tous ses fils employés et avançant vers les victoires de la paix. »

Un siècle plus tard nous cherchons encore comment mieux traduire autant d'optimisme visionnaire en une réalité pratique. C'est pour cette raison, et pour aucune autre, je pense qu'il y a beaucoup de mérite à considérer de façon plus détaillée le legs intellectuel d'autant de penseurs pionniers comme W. E. B. Dubois, Sole Panky et Marcus Garvey tout comme ceux qui suivirent tels George Padmore et Kwame Nkrumah, entre autres. En disant tout cela je ne suggère pas que nous devions accepter toutes les contributions sans critique. Le faire serait desservir la valeur du débat pour ceux qui, eux-mêmes, en furent les champions à un moment donné mais également pour la nécessité actuelle d'adapter leur héritage à une réalité en évolution. Ce que les grands penseurs Panaméricains ont en commun est ce qui nous a tous amené ici aujourd'hui, c'est cette constation que le peuple africain du continent et celui de la Diaspora constituent une partie distincte et identifiable de la civilisation mondiale. De plus, ils comprirent que nous pourrons seulement atteindre le vaste potentiel complet de notre civilisation grâce à une plus grande unité et coopération. Nous devons continuer à nous laisser guider par une telle sagesse tandis que nous cherchons à transformer la vision d'un Sammy Ellei du XXème siècle en une réalité pour nos enfants du XXIème siècle.

C'est la raison pour laquelle il est plus que souhaitable que notre Union africaine renaissante inclue une sixième région, la Diaspora, pour être représentée au côté des cinq divisions géographiques existantes de notre

continent. Comment serait-il autrement possible que l'héritage du passé donne l'impulsion au présent projet ? C'est sur ce point que vous, intellectuels, avez un rôle significatif à jouer. Dans cette ère de mondialisation, les outils technologiques pour un dialogue panafricain visant une solution à nos défis communs n'ont jamais été si nombreux. C'est pourquoi nous croyons que grâce aux interactions de l'âge digital et des rencontres face à face comme celui-ci nous puissions parvenir à une synergie intellectuelle jamais encore atteinte. Cependant, pour que cela ait lieu, je suggèrerais d'inclure les intellectuels et leur rôle dans la société contemporaine en termes pratiques. Certainement, les penseurs qui se tiennent éloignées du consensus mondain de la communauté environante ne laisseront probablement pas de trace. Comme le reflèté nos divers talents réunis dans cette conférence, ici à Salvador, notre compréhension des intellectuels doit être large, c'est-à–dire interdisciplinaire, incorporant aussi bien les sciences naturelles que les sociales, elle doit inclure non seulement ceux qui les inspirent mais également ceux qui les exécutent.

Nous nous en remettons ainsi à notre I*ntelligencia* pour qu'elle trouve en elle-même et dans les autres, la capacité pragmatique de transformer les visons en options viables. J'aimerais encore souligner que nous ne trouverons pas notre propre chemin pour le développement si nous nous contentons de corroborer l'orientation des autres. Il est essentiel que nous analysions d'abord notre propre identité et positionnement stratégique dans le monde comme un tout. Nous devons suivre nos propres voies. Grâce à ma relation particulière avec la gouvernance et ma coresponsabilité, tout comme d'autres à ces tables rondes, je crois que le progrès pour l'Afrique ne consiste pas à soutenir n'importe quel projet de supposées idées pratiques. Le plus important est que nous n'oubliions jamais, dans notre politique et nos pratiques, ce sont les valeurs humaines, comme les Ubuntu et Booto, qui nous donneront plus de force dans la recherche ardente de nos propres identités et expériences positives pour que nous puissions partir à l'assaut de nos défis. Pour terminer, j'aimerais dire que, même si nous reconnaissons l'énorme potentiel panafricain, nous ne pouvons pas permettre que la question d'extra-civisme nous aveugle. Dans cette ère de mondialisation, la Renaissance africaine doit dans l'idéal, participer d'une Renaissance plus ample des valeurs et de la compréhension des hommes qui respectent mais évoluent avec des différences globales de façon à ce que, finalement les défis mondiaux d'aujourd'hui nous fassent penser à des opportunités globales dans chaque

ville. Leaders Mesdames et Messieurs, voici les commentaires que j'avais à partager avec vous.

Iba der Thiam – Modérateur: Au nom de tous, j'aimerais remercier l'excellente contribution de Monsieur le Président da République du Botswana, et je passe maintenant la parole à Monsieur Stevie Wonder. Ce sera ensuite le tour de Monsieur le Président du Cap Vert. Monsieur Stevie Wonder, vous avez la parole.

Stevie Wonder: Monsieur le Président, Chefs d'État, Mesdames et Messieurs, c'est vraiment un grand honneur d'être ici aujourd'hui. Je ne viens pas ici en tant que politicien mais en tant qu'Afro-américain qui a été béni du don de la musique. Je ne peux m'empêcher de rappeler le nom des musiques que j'ai composées influencé par ma grande passion pour la musique brésilienne. Des morceaux comme "*You are the sunshine of my life"* et "*Don't worry about a thing"*. J'aimerais partager avec vous quelques impressions recueillies en voyageant dans les différentes parties d'Afrique et du monde et, sans doute, les plus beaux jours de ma vie. Il y a un jour que je n'oublierai jamais et dont mon âme avait vraiment besoin. Le 31 mai de cette année, j'ai perdu la personne la plus importante de ma vie : ma mère. Ma mère était spéciale car, bien que je perdis la vue peu de temps après ma naissance, elle n'a jamais permis que quoi que ce soit ne m'empêche de mener ma vie à bien et je lui en suis reconnaissant. C'est donc, grâce au courage qu'elle m'a transmis que j'ai pu faire des choses que je n'aurai jamais pu imaginer. C'est grâce à ce genre de chose que je suis devenu le petit Stevie Wonder, puis le Stevie Wonder qui me permit de voyager dans le monde entier. Je suis reconnaissant parce qu'à travers les musiques et les mélodies que j'ai écrites et que j'écris encore, de me voir non seulement dans le rôle du chanteur ou du compositeur mais également de sentir comme si Dieu m'avait béni du don de la musique pour apporter un message de paix et d'unité. En m'asseyant ici avec vous aujourd'hui et en entendant les choses merveilleuses qui sont et qui je le sais seront encore dites, je dois vous dire à tous que la seule manière d'instaurer la paix en Afrique et dans la Diaspora est en ayant la paix, l'amour, beaucoup d'amour, du respect et des dialogues comme ceux que nous avons aujourd'hui.

Je vous dis que je sais, au fond de moi, qu'il n'y a rien qui ne nous soit impossible, c'est pour cela que je vous le dis à vous tous, nous le devons, nous le pouvons et nous le ferons. Je vous incite, puisque nous sommes dans l'ère de la technologie, à rendre les technologies plus accessibles aux déficients physiques de l'Afrique et de la Diaspora. Ceci est très important, vous, en

tant que leaders vous portez la flamme, vous devez pousser les jeunes à s'investir et à connaître notre Histoire. Il existe en Afrique et dans la Diaspora ceux qui n'ont pas eu accès à l'information. Certains en Afrique connaissent très peu de choses sur l'esclavage, et plusieurs d'entre nous connaissent très peu les grands règnes d'Afrique. Nous devons unifier notre Histoire. Il faut que nous la connaissions dans son intégralité. Il est nécessaire que nous comprenions que nous ne parviendrons pas à obtenir la paix par la guerre. Que nous n'obtiendrons pas la paix par la haine. Que nous n'obtiendrons pas la paix par l'impérialisme. Que nous n'obtiendrons pas la paix par le terrorisme. Nous devons avoir du respect. J'aimerais rester durant toute la Conférence qui a été fantastique pour moi mais je dois repartir aujourd'hui pour célébrer le seizième anniversaire de ma fille et participer, le même jour, à un concert, mais j'aimerais que vous sachiez que tant que Dieu m'accordera la vie mon cœur sera toujours ouvert pour perpétuer et participer à la croissance de notre famille, l'Afrique et la Diaspora. J'aimerais partager avec vous avant de partir, une de mes chansons. Elle s'appelle: "*If your love cannot be moved"*, et dit:

> Tu ne peux pas dire nous devons et ne pas te battre jusqu'au bout/ Tu ne peux pas dire nous serons et ne pas t'impliquer / Tu ne peux pas crier pour la paix et disparaître dans la foule / Tu ne peux pas survivre dans la tempête et ne pas souffrir / Tu ne peux pas faire un sac et ne pas en payer le prix / Tu ne peux pas brandir une pancarte mentionnant le "diable" et te sentir vraiment fier / Tu ne peux pas chanter une chanson sans mélodie / Tu ne peux pas dire nous ne faisons qu'un sans unité / Tu ne peux pas être chef de file si tu as peur rester seul / Tu ne peux pas demander pardon puis la gifler / Tu ne peux pas parler d'espoir puis plaisanter /Tu peux dire que tu es là mais le temps sait combien tu as grandi / Mets un visage à ton quelqu'un
>
> Tu peux dire ton nom? / Ou tu préfères l'anonymat? / Tu peux montrer ton visage ? Ou tu as peur de le montrer? / Tu peux sentir ton cœur ? / Ou il ne bat que pour toi ? / Lève ton verre bien haut / Dis que ta vérité ne mentira jamais/ Si ton amour ne peut pas s'émouvoir.
>
> Tu ne peux pas me regarder sans me voir / Tu ne peux pas dire "pour eux" sans rajouter "pour qui d'autre"? / Tu ne peux pas bénir vraiment et ne pas bénir le bien de tous / Tu ne peux pas servir le riche et desservir le pauvre / Tu ne peux pas entendre leurs cris et fermer la porte / Tu ne peux pas

dire que tu es déprimé puis l'écrire sur le mur / Tu ne peux pas tirer des bénéfices au détriment des autres / Tu ne peux pas découvrir le sérum et ne pas soigner les malades / Tu ne peux pas libérer les esclaves puis les asservir différemment / Tu ne peux pas voir la vérité seulement de ton côté / Ou c'est ce cette manière que tu voudrais conduire ton destin / Mets un visage à ton quelqu'un .

Tu peux dire ton nom / Ou tu préfères l'anonymat? / Tu peux montrer ton visage / Ou tu as peur de le montrer? / Tu peux sentir ton cœur ? / Ou il ne bat que pour toi ? / Lève ton verre bien haut / Dis que ta vérité ne mentira jamais/ Si ton amour ne peux pas s'émouvoir.

Tu ne peux pas faire des promesses puis y revenir dessus / Tu ne peux pas dire des mots sans bouger tes lèvres / Tu ne peux pas être confus puis dire que tu comprends / Tu ne peux pas être un ami et si tu ne l'es ne pas à chaque instant / Tu ne peux pas être un héros et disparaître au moindre danger / Tu ne peux pas partager également et prendre le plus gros morceau / Tu ne peux pas dire que tu feras puis montrer que tu ne le feras pas / Tu ne peux pas dire que tout ira bien puis certifier que ça n'ira pas / Tu ne peux pas vouloir des changements et ne pas faire ce que tu dois / Tu ne peux pas donner et reprendre tout ce que tu as donné / Tu ne peux pas vivre pour mourir mais tu peux mourir pour vivre / Ou c'est trop demander à l'être qui est en toi ?/ Mets un visage à ton quelqu'un

Tu peux dire ton nom / Ou tu préfères l'anonymat? / Tu peux montrer ton visage ? Ou tu as peur de le montrer? / Tu peux sentir ton cœur ? / Ou il ne bat que pour toi ? / Lève ton verre bien haut / Dis que ta vérité ne mentira jamais/ Si ton amour ne peux pas s'émouvoir.

Pour terminer, j'aimerais vous dire une dernière chose, comme je l'ai dit, le soir où j'ai reçu l'Oscar pour cette chanson, à l'Afrique et à la Diaspora: je suis ici parce que je vous aime, que Dieu vous bénisse.

Iba der Thiam – Modérateur: Merci beaucoup Stevie Wonder, nous vous disons aussi que nous vous aimons beaucoup. Je donne maintenant la parole à Son Excellence Monsieur Pedro Pires, Président de la République du Cap Vert. L'orateur suivant sera Son Excellence Monsieur le Président la République du Ghana.

Pedro Pires – Président du Cap Vert: Cher Président Luiz Inácio Lula da Silva, Mesdames et Messieurs,

C'est une très grande satisfaction et un honneur redoublé que de participer à cette deuxième Conférence des intellectuel d'Afrique et de la Diaspora. Le fait que cet événement puisse avoir lieu dans l'emblématique ville de Salvador de Bahia, qui constitue elle-même un échantillon fécond d'une rencontre douloureuse des peuples sur le sol américain, est le début d'un message de fraternité et de gratitude envers ceux qui ont toujours cru et se sont battus pour des sociétés plurielles, tolérantes et plus égalitaires.

Je suis enchanté de saluer de hautes personnalités dont la présence donne un certain sens et un certain poids à cette rencontre. En étant encore à mes salutations, je salue également les premiers concernés : les intellectuels Africains, Brésiliens, Caribéens et autres.

Au Président du Brésil, Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva, amphitryon de cette deuxième Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora, j'adresse ma reconnaissance pour sa décision d'accueillir ce forum et pour les excellentes conditions mises en place pour son succès total. Je tiens de plus à lui réitérer mes compliments personnels pour sa politique courageuse et humaine de combat contre les séquelles cachées de l'oppression et de l'assujettissement.

Il faut féliciter le gouvernement brésilien pour l'organisation et la conduite de la deuxième Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora, en partenariat avec l'Union africaine, événement qui par sa potentialité marquera une nouvelle impulsion dans nos relations, en promouvant la fraternité sous forme d'un réseau tout comme une coopération dynamique pour la Renaissance africaine.

Un mot de gratitude pour le Ministre de la Culture du Brésil, Gilberto Gil, au Ministre de la Culture du Sénégal Mame Birame Diouf et aux autres personnalités internationales, dont l'implication et le sens du devoir sont pour beaucoup dans la grandeur de cet évènement. Pour terminer, un témoignage de remerciement également aux organisateurs de cette deuxième Conférence.

J'aimerais encore insister sur l'heureuse coïncidence que cette année 2006 marque le 50ème anniversaire de la date historique du Premier Congrès des écrivains et artistes Africains. Vous serez certainement d'accord avec moi pour exprimer à ses organisateurs notre plus profond respect et notre gratitude. Cette année est également celle du centenaire de Léopold Sedar Senghor, le poète par excellence de la négritude. A Senghor, notre immense reconnaissance.

Mesdames et Messieurs, chers amis,

Parler ici de Bahia, la façade occidentale de l'Atlantique, est pour moi, Cap-Verdien des îles, une énorme charge historique et émotive, dans la mesure où, dans la plupart des cas, lors du voyage sans retour, mon pays se situant à mi-chemin, constituait, en ces temps là, l'escale obligatoire.

Au fil des siècles, quelques millions d'Africains ont été forcés à cette dramatique traversée de l'Atlantique. Personne n'exprima, avec autant de justesse que le poète bahianais Castro Alves, la dimension de l'inhumanité de l'esclavage, il disait ainsi en pleine nuit coloniale esclavagiste : "Seigneur Dieu des déshérités, dites-moi, Seigneur Dieu si c'est de la folie, si c'est la vérité, autant d'horreur face au ciel. "

Cette traversée géra, à sa manière, de nouvelles tendances et irradia les peuples et les cultures africaines dans diverses parties de la planète. C'est ainsi que la Diaspora africaine devint une vaste, diverse et formidable réalité.

Aujourd'hui nous luttons pour la liberté, mais aussi pour l'égalité des chances pour tous. Les réalités des sociétés contemporaines, résultantes d'anciennes sociétés esclavagistes, continuent d'être marquées par l'inégalité, les discriminations et les préjugés. Les surmonter exige des attitudes de citoyenneté et des politiques publiques progressistes courageuses et efficaces.

Cette plateforme se construit à travers le dialogue critique entre politiques, intellectuels, artistes et mouvements sociaux. Et, si autrefois, la traversée se faisait sous les augures de tant d'horreur face au ciel, des rencontres de cette ampleur, et avec ces propositions constituent pour l'Afrique et la Diaspora un énorme domaine d'opportunités et de partenariats de coopération et de développement.

Il est nécessaire de croire et de poursuivre l'action. Nous sommes appelés à nous redécouvrir réciproquement et déconstruire les mythes, les idées toutes faites et les préjugés reproduits au fil des ans et combattre ainsi un certain afro-pessimisme. Nous croyons en la viabilité et l'utilité du rapprochement des relations du continent africain avec les diverses régions qui bénéficient de la Diaspora, elles sont universelles, égales et indivisibles.

Nous nous inquiétons également du destin des autres peuples. Nous pensons donc qu'il est juste de témoigner à cette tribune, en territoire sud-américain, notre solidarité aux peuples amérindiens et réaffirmer leurs droits à jouir pleinement et de manière effective des Doits de l'homme, des libertés fondamentales reconnus, d'ailleurs par la Charte de l'Organisation des états américains et dans la Déclaration américaine des droits et de devoirs de l'homme.

Ceci nous amène à aborder une autre question, qui nous intéresse et qui est, à nos yeux, porteuse de risques : les migrations actuelles. J'ai dis risque, c'est vrai. J'estime que le phénomène migratoire requiert une gestion adéquate dans un cadre multilatéral de négociations. Certaines attitudes et réactions vérifiées jusque de nos jours nous font craindre que l'on en arrive à des situations de déshumanisation des uns d'un côté et de sur-humanisation des autres, de l'autre, et ce au détriment de la dignité et de la solidarité humaine. Nous devons être attentifs. C'est seulement en s'appuyant sur un nouvel humanisme de reconnaissance de l'autre, fondé sur le dialogue, la tolérance, la solidarité humaine et la coopération entre diverses nations et cultures que nous pouvons construire un futur que vaille la peine pour tous.

A Bahia il est juste et de rigueur de se rappeler de l'écrivain humaniste Jorge Amado. D'ailleurs, Jorge Amado à travers sa vaste œuvre, a profondément influencé la génération ce ceux qui ont combattu pour l'indépendance de l'Angola, du Cap Vert, du Mozambique et de São Tomé et Principe. Je laisse s'exprimer notre hommage chaleureux.

Chères amies et chers amis,

Pour conclure, je dirais que nous sommes en train de refaire le voyage de nos ancêtres, mais cette fois, en emportant dans les cales des navires et des avions, la confiance, la solidarité, la fraternité, la coopération économique, scientifique et culturelle et notre part de richesses de bien-être. Une grande réussite à la deuxième Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Merci beaucoup.

Iba der Thiam – Modérateur: Je remercie grandement monsieur le Président de la République du Cap Vert pour son excellente contribution. Sans délai, j'aimerais passer la parole à Son Excellence Monsieur John Agyemkum Kufuor, Président de la République du Ghana. Le prochain orateur sera Obiang Nguema, Président de la République de Guinée Equatoriale.

John Agyekum Kufuor – Président de la République du Ghana: Merci beaucoup. Son Excellence Président Lula, Président du Brésil; Vos Excellences collègues Présidents et Chefs de Gouvernement; Son Excellence Paulo Souto, Gouverneur de Bahia; Son Excellence Alpha Konare, Président de la Commission de l'Union africaine; Son Excellence le Maire de Salvador; Mesdames et Messieurs. Au nom de ma délégation et en mon nom propre, je vous adresse les compliments fraternels du Gouvernement et du peuple du Ghana. J'aimerais également exprimer notre sincère gratitude à Son Excellence le Président Luiz Inácio Lula da Silva et à Son Excellence Monsieur Paulo

Souto, Gouverneur de Bahia, ainsi qu'aux organisateurs de cette importante conférence pour l'accueil chaleureux et la gentillesse qui sont dispensés à ma délégation et à moi-même depuis que nous sommes arrivés dans cette cité historique de Salvador. Ce n'est vraiment pas une surprise que cette conférence soit réalisée dans ce pays et même à Salvador. Bien que le Brésil fasse partie du continent américain, il abrite de nombreux descendants africains. La ville de Salvador est une mosaïque émouvante de la culture africaine. De plus nous sommes les témoins des visites que notre cher amphitryon, le Président Lula, a rendues dans plus de dix-sept pays africains dont le Ghana, lors des dernières trois années et sa détermination à tendre la main au peuple africain pour une coopération plus vaste et plus étroite.

Accueillir cette conférence au Brésil, est plus qu'une démonstration de son engagement à contribuer à la Renaissance du continent africain. La nouvelle approche pour la réalisation de notre noble objectif, auquel je suis sommes entièrement dédié, est de reconnaître la centralité de l'individu et toutes les nouvelles initiatives et gouvernements tant nationaux qu'internationaux. C'est en réalité à travers le nouveau partenariat pour le développement de l'Afrique, de bons gouvernements, de la démocratie constitutionnelle basée sur la loi et le respect des Droits de l'homme que nous posons la pierre fondamentale pour la Renaissance du continent. Ceci établit naturellement la responsabilité des gouvernements avec les gouvernés. Fixer la moralité des gouvernements et rejeter l'impunité. Ceci implique également la responsabiité citoyenne des gouvernés.

C'est pourquoi, j'en appelle aux intellectuels pour qu'ils s'unissent autour de ces principes, comme une reconnaissance des centralités et du bien être général de l'être humain comme justification pour tous les gouvernements. Ceci doit être étendu à toutes les relations internationales et à la mondialisation. La reconnaissance universelle de ce principe facilitera l'évolution du monde sous un toit meilleur pour toute l'humanité indépendamment de sa couleur, de sa race de sa religion, de son sexe et de son statut économique. Pour que nous atteignions cet objectif, les intellectuels d'Afrique doivent continuer à travailler ensemble avec persévérance pour l'élever vers le positif, la défaire de son image négative qu'une grande partie du monde continue d'attribuer à l'Afrique et au peule de descendance africaine. Mesdames et Messieurs, depuis qu'il a obtenu l'indépendance du colonialisme en 1957, le Ghana a toujours lutté pour promouvoir les droits et les devoirs de tous les africains, tant en Afrique que dans la Diaspora, grâce à diverses politiques, mesures et

programmes, pour son propre compte ou conjointement avec d'autres associations pays frères africains et parfois avec des organisations de la société civile de la Diaspora. En tant qu'acteur de cette politique, le Ministre du tourisme du Ghana a récemment été nommé Ministre du Tourisme et des Relations avec la Diaspora, afin de démontrer le compromis total de notre pays dans le développement et la fortification des liens avec les peuples de descendance africaine et avec la Diaspora.

C'est dans le même but que mon Gouvernement a initié ce que nous appelons les Projets Joseph – en référence à Joseph de la Bible, qui fut vendu comme esclave par ses frères, mais qui revint plus tard et devint le vizir du pharaon d'Egypte, dans l'un des plus grands mythes du monde. Les Projets Joseph visent à réunir des Africains de la Diaspora avec ceux de la terre mère. L'année prochaine, le Ghana fêtera son jubilée d'or de l'indépendance en tant que nation souveraine. Les Projets Joseph seront lancés comme faisant partie des célébrations pour donner aux peuples de descendance africaine, dans tout le monde, l'opportunité d'aller à la rencontre de la terre-mère et de se joindre aux célébrations festives de leurs frères et sœurs qui ont également pu se libérer il y a cinquante ans du joug du colonialisme.

Dans ce sens, Mesdames et Messieurs, permettez-moi de profiter de cette importante occasion pour étendre ma sincère invitation à tous ceux qui pourront comparaître à une ou plusieurs activités programmées lors de cette année de célébration. Le point culminant sera le 6 mars 2007 qui est le jour anniversaire. J'aimerais encore une fois, rendre hommage à son Excellence le Président Lula et à son gouvernement pour son amitié avec l'Afrique et en particulier pour les diverses politiques qu'il a adopté pour améliorer les conditions de vie du peuple de descendance africaine au Brésil, y compris l'introduction des études de l'histoire afro-brésilienne dans les curriculums des écoles brésiliennes. Il s'agit d'un pas important dans la promotion de la compréhension et de la coopération entre Brésiliens et Africains.

Pour terminer, j'aimerais féliciter les organisateurs de cette Conférence, pour leur initiative, et pour parvenir à organiser cette importante Conférence pour la seconde fois. Pourtant, tout en les félicitant pour leurs efforts nous devons rester réalistes par rapport à nos attentes, nous rappellant toujours que Rome ne se fit pas en un jour et que la persévérance et un réseau efficace doivent constituer la base de cette grande initiative. J'applaudis les participants de cette conférence et leurs délibérations. Vive la Conférence des Intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Merci et que Dieu vous bénisse tous.

Iba der Thiam – Modérateur: J'aimerais remercier au nom de ces messieurs, Son Excellence le Président de la République du Ghana pour cette excellente intervention. Je passe maintenant la parole à Monsieur le Président Obiang Nguema, Président de la République de Guinée Equatoriale. Après son intervention, le Président Abdoulaye Wade du Sénégal prononcera quelques mots.

Teodoro Obiang Nguema – Président de la République de Guinée Equatoriale: Son Excellence Luiz Inácio Lula da Silva, Président de la République Fédérale du Brésil, Ses Excellences les Chefs d'État et de Gouvernement, Monsieur le Président de la Commission de l'Union africaine, Autorités distinguées de l'Etat de Bahia, membres honorables de la table, illustres représentants des organisations internationales d'Afrique et des Amériques, distingués intellectuels d'Afrique et de la Diaspora, Monsieur le Gouverneur de Bahia, Monsieur le maire de Salvador, estimés invités, Mesdames et Messieurs. L'excellente initiative qui a permis l'organisation de la deuxième Conférence des Intellectuels d'Afrique et de la Diaspora dans cette belle ville de l'État de Bahia, en terres américaines du Brésil, est la somme de raisons solides et variées d'origine historique et culturelle qui justifient l'immense satisfaction avec laquelle la République de Guinée Equatoriale participe à cet événement important. Je remercie ainsi sincèrement le Président Luiz Inácio Lula da Silva pour la cordiale invitation qu'il m'a adressée au nom de la délégation qui m'accompagne et au nom du peuple de Guinée Equatoriale, de son Gouvernement et en mon propre nom. Nous sollicitons que soient transmis notre profonde reconnaissance au peuple et au Gouvernement brésiliens et aux autorités de Salvador pour l'accueil et l'hospitalité dont nous sommes l'objet.

La Guinée Equatoriale, ainsi que d'autres nations du centre et de l'ouest africains baignées par l'Atlantique, est un représentant privilégié pour approfondir la question qui nous réunit ici. C'est-à-dire reconnaître l'importance et la responsabilité que nous avons assumées face à nos peuples et dans l'histoire en un dialogue constructif pour la Diaspora et pour la Renaissance africaine. Après la Ière Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora qui a eu lieu à Dakar, au Sénégal, en 2004, la contribution du Brésil en ce qui concerne cette rencontre confirme ce que la Guinée Equatoriale considère comme une valorisation reconnue de l'importance que ce pays accorde à la consolidation des liens qui pendant plusieurs siècles ont uni le continent africain et la Diaspora et qui sont des éléments qui doivent soutenir la coopération et la solidarité entre les peuples de nos États, grâce à leurs racines communes.

Nous aimerions dans ce sens souligner l'ancienne tradition brésilienne dans son engagement de créer les conditions les plus favorables à la Renaissance de l'Afrique, compris dans son sens le plus large, en terme politiques, économiques, et socioculturels, comme base pour une transformation qui préserve l'essentiel des connaissances de l'identité africaine et de sa connexion avec les autres cultures et civilisations au moment de définir sa personnalité dans le monde. Ceci est encore plus nécessaire quand les revendications africaines de paix, de sécurité, de stabilité et de développement démocratique respectueuses de ses particularités culturelles et sociales n'ont pas toujours reçu la considération qui leur est due face aux courants d'assimilation et de la domination de certaines cultures sur d'autres, ce qui a caractérisé une époque d'occupation territoriale de nos états jusqu'à leur indépendance et pendant les années qui ont suivi ces mêmes indépendances. Sont ainsi confirmés les efforts de l'Union africaine, de l'Unesco et de diverses organisation internationales, régionales et sous-régionales du continent africain consacrés à la recherche de stratégies qui renforcent la base d'une coopération technique et scientifique plus dynamique et revitalisée entre les pays d'Afrique et de la Diaspora pour que cette collaboration transcende et évolue au sein de la communauté internationale.

Ses Excellences, distingués invités, Mesdames et Messieurs, j'aimerais également rendre un hommage mérité aux personnalités africaines remarquables dans le monde des sciences, de la technologie, et de la culture qui donnèrent grâce à leurs efforts une impulsion significative à notre implication collective. A travers différentes tendances et perspectives de recherche elles ouvrirent le chemin qui, sans doute, nous conduira à atteindre les grands objectifs que nous nous sommes fixés, dont celui de convertir notre héritage historique et culturel commun en un instrument qui contribue à la paix, au progrès et à la solidarité entre nos pays. En réalité, nous pensons que le Brésil est un pays frère qui réunit les conditions socioculturelles nécessaires à l'organisation de cet événement. En effet, à la différence des néfastes répercussions du colonialisme qui imposa la substitution des cultures et des autres valeurs dans plusieurs pays africains et de la Diaspora, le Brésil a su transformer l'héritage africain en une culture synthétique, considérée aujourd'hui comme une marque de référence du métissage sans complexe, qui fut capable de se convertir dans l'âme du grand Carnaval de Rio, l'une des plus grandes manifestation culturelles acclamée dans le monde entier.

J'aimerais mettre en relief les liens particuliers de la Guinée Équatoriale et du Brésil en signalant que vingt ans avant la découverte de l'Amérique par Christophe Colomb, en 1492, un autre navigateur portugais, Fernando Pó était à la tête de la mission d'exploration qui découvrit l'île de la Gunité Équatoriale qu'il baptisa de son nom et qui plus tard, avec notre indépendance prit le nom de Santa Isabel, et se nomme aujourd'hui Malabo, nom d'un autre roi natif. Cette île, et celle de Annobón, également découverte par les navigateurs portugais à la même date, servirent à l'Espagne et au Portugal comme base de ravitaillement aux expéditions pour leurs explorations du monde à la recherche de nouveaux établissements coloniaux. Dans les fondements des traités de Santo Ildefonso et celui du Prado, entre 1761 et 1777, signés par le Roi Charles III d'Espagne et D. Maria I du Portugal, ce lien s'étend quand la monarchie espagnole cède au Portugal les positions de l'Ile de Santa Catarina et la Colonie de Sacramento, au Sud du Brésil, en échange d'énormes territoires qui appartenaient au Portugal dans le Golfe de Guinée et qui s'étendaient jusqu'au fleuve Congo, d'une superficie de 1.628.900 km^2.

Nous savons très bien que de nombreux habitants de cette partie d'Afrique, qui faisait alors partie de la Guinée Équatoriale, immigrèrent au Brésil et aux Amériques pour différentes raisons. Pour citer seulement une donnée, ces positions furent très disputées par les puissances coloniales à cause de la grande richesse des sous-sols et des fleuves navigables comme le Congo et le Niger aux bénéfices du commerce des métropoles et de l'intérieur de l'Afrique. Un autre élément intéressant est que l'extension territoriale de ces positions représentait trois fois la superficie de l'Espagne elle-même et soixante-dix fois celle de la Guinée Équatoriale actuelle, en vertu de la répartition de l'Afrique par ces puissances à la Conférence de Berlin de 1884-85 et du Traité de Paris entre la France et l'Espagne en 1901.

Excellences, distingués membres de cette table, Mesdames et Messieurs, comme je l'ai mentionné précédemment, dans le contexte complexe des processus qui ont imposé la mondialisation de la culture sans une solution claire et définitive pour satisfaire aux exigences du tiers monde en général et du continent africain et de la Diaspora en particulier, nous voulons soulever à cette table la question cruciale de l'identité culturelle de nos peuples comme étant l'une des préoccupations les plus urgentes de la société africaine actuelle et de la Diaspora après l'impact du colonialisme. L'effet négatif de cette situation se perçoit clairement dans le secteur de l'éducation, importé pendant

l'époque coloniale et qui servit évidemment de ferment à la connaissance de sa conception gréco-romaine, entre autre, de beauté, dans le domaine de la philosophie, de l'art, de l'histoire, réprimant totalement les conceptions africaines. Le résultat est que les africains ont fini par mieux assimiler la vie étrangère que ce qu'ils étaient, en principe, leur propre vie, ce qui constitue un véritable génocide culturel.

La situation qui conduit à cette crise de valeurs, est liée au fait qu'aujourd'hui, diverses cultures africaines sont en carence de sens propre bien qu'elles incorporent des éléments techniques et scientifiques des cultures de leurs anciennes puissances coloniales. Je voudrais être clair sur un point : il ne s'agit pas de dédaigner les valeurs des autres cultures qui peuvent enrichir nos cultures autochtones. La question est que la recherche de l'identité culturelle passe nécessairement par une reconnaissance qui ne doit pas être considérée comme un retour aux sources du passé, mais comme une intégration des progrès techniques et scientifiques modernes aux éléments hérités de nos aïeux. Dans ce sens, préconiser le respect de la tradition culturelle ne doit pas signifier une réitération des œuvres des plus anciens parce que la véritable tradition culturelle des peuples n'est pas seulement constituée de la répétition des faits du passé, il s'agit d'une évolution de l'esprit et de son actualisation avec une nouvelle contribution qui réponde aux exigences sociologiques, technologiques et scientifiques du moment historique vécu.

Dans cette perspective et cette orientation, les techniques européennes et celles des autres mondes qui se proclament propriétaires ou détenteurs de la civilisation universelle, peuvent être plus utiles aux peuples africains et à la Diaspora à partir du moment où elles se limitent à influencer les processus qui influencent l'enrichissement de l'héritage culturel propre et n'empêchent pas l'épanouissement harmonieux des valeurs de la culture ancestrale. Sans doute, la technique en tant qu'élément neutre assimilable pour développer une autre culture est une chose et, la technique de camouflage des éléments stratégiques de type sociopolitiques et moraux qui obligent la substitution des valeurs de la culture d'origine pour conditionner et imposer de nouvelles formes de vie à d'autres peuples avec ses valeurs propres, comme ce qui se passe sur le continent africain et dans la Diaspora, en est une autre complètement différente.

Notre suggestion est que, pour pondérer cette situation, en considérant comme point de départ la sélection des éléments de la tradition et ceux du modernisme, il est nécessaire d'éliminer ou d'influencer de forme positive, en assimilant seulement les éléments qui répondent aux nécessités des peuples

du continent africain et de la Diaspora d'aujourd'hui en tant qu'individus appartenant à la communauté de leurs ancêtres. Nous sommes convaincus, dans cette époque de grandes découvertes et de plus grande proximité des peuples, que le métissage culturel s'impose comme un élément d'intégration sociale. Dans ce contexte, il serait nécessaire de procéder à une évaluation objective des exigences à laquelle cette nouvelle configuration sociale nous oblige, en particulier dans les nations d'Afrique et de la Diaspora. Nous devons reconnaître que, dans cet effort, les intellectuels et artistes européens et afro-américains ont créé d'importants mouvements d'intégration culturelle afin d'apporter des réponses affirmatives à ces exigences, comme le cubisme et ses dérivés, le jazz, la danse et la musique afro-américaines actuelles, la salsa cubaine, la samba brésilienne et d'autres créations surgies dans cette culture de synthèse. Selon notre point de vue, atteindre cet objectif en faveur de l'identité culturelle et des peuples africains et de la Diaspora est un défi que nous devons relever consciemment pour continuer la mission de nos ancêtres. Il revient en particulier aux africains de considérer objectivement les concepts traditionnels de manière à ce qu'ils répondent aux nécessités de transformation sociale de notre temps. Il s'agit d'une tâche que nous devons affronter en coordination avec nos frères de la diaspor, en profitant des expériences qui leur permirent de préserver l'héritage culturel africain pendant plusieurs siècles malgré les incidences du colonialisme et de la mondialisation.

Excellences, distingués invités, Mesdames et Messieurs, avant de conclure mon intervention, j'aimerais attirer l'attention de ce forum sur l'importance que nous accordons aux célébrations du premier Congrès hispano-africain de culture qui eut lieu dans la ville de Bata, en Guinée Équatoriale en 1984. Ont participé et travaillé à cette rencontre, les délégations de pays africains et ibéro-américains et des représentants de l'Espagne, de la France et des Etats unis ainsi que des organisations internationales comme l'UNESCO, l'Union africaine, l'Institut afro-nord-américain, le Congrès noir des Amériques, le centre international de civilisation Bantu et d'autres organisations et entités culturelles qui définirent un ensemble de recommandations quant à la problématique de l'identité culturelle et autres questions.

Les messages reçus à l'occasion de l'évènement cité, de la part du Roi Juan Carlos Ier d'Espagne et divers Chefs d'États africains et Ibéro-américains consistèrent en une évaluation positive de l'initiative de la Guinée Équatoriale qu'ils qualifièrent de très pertinente pour définir les stratégies de coopération entre le continent africain et les Amériques en général et, en particulier, entre

l'Afrique et l'Amérique ibérique. A partir de cette évaluation, ils conseillèrent personnellement, l'opportunité de donner l'impulsion à un vaste mouvement culturel orienté vers la promotion de la coopération entre l'Afrique et l'Amérique ibérique, en donnant l'élan à une zone franche entre Afro-ibéro-américains de la ville de Bata qui assumerait le rôle de centre de transfert des technologies des pays ibéro-américaines vers le continent africain. Le lancement de ce projet capital est resté à la charge d'un important et remarquable intellectuel colombien, le Docteur Manuel Zapata Olivia, en tant que Vice-président dudit Congrès. Il devait, suite à son adoption, amener à la mise en place définitive de nos rencontres ultérieures prévues successivement à Madrid puis Carthagène des Indes, afin que ce projet se transforme en un Sommet Afro-ibéro-américain des industries et de la culture doté d'un Secrétariat permanent dans la ville de Bata, afin de promouvoir un dialogue continu, une coopération plus étroite entre l'Afrique et l'Amérique ibérique, qui prendrait en compte la vocation et le grand intérêt de la République de Guinée Equatoriale pour la prise en charge du rôle historique qui la désigne pour cette position étant le seul pays hispanophone du continent et actuellement observateur de l'Organisation des pays d'expression portugaise. Avec ces réflexions et les vœux de renforcement de la collaboration entre l'Afrique et la Diaspora, nous souhaitons le succès aux délibérations de cette deuxième Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora et la Renaissance africaine. Merci, merci beaucoup.

Iba der Thiam – Modérateur: J'aimerais, au nom de tous, remercier son Excellences, Monsieur le Président de la République de Guinée Equatoriale. Je passe maintenant la parole à son Excellence Abdoulaye Wabe, Président de la République du Sénégal. La prochaine oratrice sera Madame Portia Simpson-Miller, Première Ministre de la Jamaïque.

Abdoulaye Wabe – Président do Sénégal: République Fédérale du Brésil, chers collègues Chefs d'État, Madame la Première Ministre, Mesdames et Messieurs les Ministres, j'aimerais en quelques mots, contribuer au thème de cette deuxième Conférence d'intellectuels et de la culture d'Afrique. C'est dans ce sens, que j'aimerais éclaircir un point afin d'éviter toute confusion. Il y eu réellement, à Dakar, une première conférence des intellectuels et hommes de culture d'Afrique et de la Diaspora, en 1993. Ces travaux, déjà publiés, sont excellents. Cependant l'initiative émanait du Sénégal. La Conférence de 2004 fut, comme celle-ci organisée par l'Union africaine. C'est pour cette raison que nous parlons de la deuxième Conférence de l'Union africaine des

intellectuels et hommes de culture d'Afrique et de la Diaspora. Je pensais que nous devions apporter ces informations mais nous devons inclure la première conférence quelque part car il est nécessaire que nous nous y référions pour l'importance des thèmes traités à l'époque : l'état de l'Afrique au XXIème, que sera l'Afrique au XXIème siècele et quelle sera sa place dans le monde du XXIème siècle. Ce fut une conférence d'anticipation à laquelle participèrent des historiens, des techniciens, des ingénieurs, et des économistes. Je recommande la lecture de ces travaux qui furent publiés en anglais et en français. Nous pourrions peut-être, monsieur le Président de la Commission Africaine l'appeler de conférence préparatoire à la Conférence des intellectuels, pour la différencier des deux Conférences de 2004 et 2006.

Notre Conférence survient à un moment opportun et le thème soumis à notre réflexion est extrêmement pertinent. A l'échelle planétaire, nous vivons, en réalité, de profondes limitations qui définiront certainement les contours géostratégiques du XXIème siècle. Les États Unis conservent leur statut de superpuissance, et l'Union européenne grandit. En Asie, la Chine et l'Inde avancent à grands pas. L'achat du groupe européen d'acier ARCELOR par la société NN Métal STEEL montre le degré de la force à venir. Tous croient que le Brésil sera un des quatre grands de demain. Nous devons donc nous unir en Afrique. Dans cette nouvelle configuration géopolitique et économique, les État africains n'auront individuellement aucune chance de survivre. L'Afrique, comme un tout, représente 1,7 % du commerce mondial et moins de 1% des investissements mondiaux. Je mentionnais récemment, au Sommet de l'Union africaine à Bambumg, que le temps n'agit pas en notre faveur mais contre nous. Nous sommes pressés non par tempérament mais pour les accomplissements. La sauvegarde du continent africain réside dans le le renforcement de son unité au travers des Etats unis d'Afrique.

Heureusement, malgré les réticences et les objections, la question d'un gouvernement continental n'est plus un tabou. Les discussions sont ouvertes et les circonstances ne laissent pas l'alternatives de ne pas avoir d'union si nous voulons survivre. En janvier prochain, la Conférence de l'Union africaine devra se prononcer sur un projet d'États unis d'Afrique et les institutions du gouvernement continental seront proposées par le comité des sept Chefs d'États désignés à ces fins. En ce qui concerne le thème de notre table ronde : la Diaspora et la Renaissance africaine, les contributions passées et les projets actuels, je crois que votre contribution, intellectuels

sera de nous aider à identifier et défendre nos priorités actuelles montrant que la Renaissance du continent passe en premier lieu par le renforcement de notre unité, de son intégration économique et de l'établissement d'un lien formel avec sa composante externe : la Diaspora.

Sur ce dernier point le Sénégal propose une extension faisant de la Diaspora la sixième région d'Afrique après les cinq actuelles qui sont l'Afrique Centrale, l'Afrique de l'Est, l'Afrique Australe et Océanique, l'Afrique du Nord et l'Afrique de l'Ouest. Dans l'esprit de la proposition sénégalaise, la Diaspora serait représentée au centre de l'organisation. Malheureusement, la proposition étant peut-être présentée trop tôt, fut atténuée par un amendement du troisième article de l'acte constitutif de l'Union africaine. Ainsi écrite elle invite à encourager la participation effective des africains de la Diaspora en tant que partie importante de notre contient pour la construction de l'Union africaine. C'est cependant une brèche ouverte et il nous appartient de l'approfondir avec une nouvelle rédaction des liens entre l'Afrique et sa Diaspora, non plus en termes de volonté mais de dispositions positives applicables. Nous ne pouvons pas oublier qu'en réalité, la Diaspora a apporté une contribution significative pour la libération du continent et de ses peuples. Je peux citer, entre autre, les exemples de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa africain d'origine nigériane, leader de la communauté noire de grande Bretagne au XVIIIème siècle qui conduisit une bataille de fer en faveur de l'abolition de l'esclavage en Angleterre, en Écosse et en Irlande. Cette lutte eut une suite dans les rencontres historiques, comme le Congrès de Manchester de 1941 et 1945, qui portèrent un grand coup au colonialisme et favorisèrent la divulgation des idées panafricaines reprises et propagées par une partie de l'élite africaine. Le mouvement en faveur de l'intégration africaine fut guidée par cette lutte précurseur.

Un autre aspect extrêmement important fut la lutte que les intellectuels africains menèrent de front pour défendre l'image des marques de l'Afrique. Très souvent on associe le continent aux conflits permanents et aux situations d'urgence humanitaire divulguant à profusion une image sur les télévisions qui amènent à penser que tout le continent est à la dérive. On oublie que l'Afrique est un contient de plus de cinquante-trois états, et que nous gérons bien les conflits et que nous faisons beaucoup de progrès dans le sens de la démocratie. Parmi ces conflits, le Burundi, les Comores, la Guinée Bissau, la Sierra Leone, le Libéria, la République Démocratique du Congo et aujourd'hui nous devons faire face aux douloureux problèmes du Darfour au Soudan, mais à la fin cela

ne vaut pas la peine de dénoncer que nous sommes sur un continent qui fut divisé en petits états après l'esclavage, balkanisé en petits états, sans la moindre chance de subsister. Nous menons une bataille de titans pour reconstituer les morceaux et former les Etats unis d'Afrique. De plus, nous pouvons rajouter qu'à l'échelle politique, après l'adoption en 1989 de la Déclaration d'Alger sur le changement anticonstitutionnel des gouvernements pour les régimes obtenus par des coups d'état, ces gouvernements sont interdits d'être membres de l'Union africaine. En complément de cette déclaration, nous travaillons à une recherche africaine pour la démocratie, pour les élections et pour la gouvernabilité.

Dans le domaine de la santé, le succès du modèle du combat contre la pandémie de SIDA mérite d'être plus divulgué. Ainsi, l'Ouganda, est parvenu à stabilisé, réduire le taux d'incidence qui était relativement élevé. Dans ce contexte, le Sénégal qui avait un taux très bas, environ 2% est arrivé à la faire descendre à 0,7%. Dans le domaine de l'éducation et de la formation, à laquelle nous consacrons au Sénégal 40% du budget, les jeunes africains avec les mêmes conditions de compétitivité que leurs homologues occidentaux présentent toujours d'excellents résultats. C'est pour cette raison que j'ai opté, que je parie sur les ressources humaines du Sénégal. L'Afrique devrait parier sur sa jeunesse de demain parce que celle-ci vaincra sûrement.

Mesdames et Messieurs, d'un certain point de vue, l'Afrique peut être considérée comme le continent de la résistance par excellence. En fait, après plusieurs siècles d'esclavage, de colonisation et de pillage de ses ressources qui durent encore aujourd'hui avec certains contrats léonins d'exploitation du pétrole par exemple, nous sommes toujours debout. Je me demande s'il existe un continent qui aurait survécu à tant d'épreuves. Ceci démontre la solidité de notre culture. C'est pour cela que la Renaissance Africaine, la clé de notre destin et le retour de la Diaspora, doit se baser sur cette perspective, et contribuer de diverses manières au développement de notre continent qui, à son tour, devra apporter sa contribution pour l'épanouissement des pays de la Diaspora, en particulier les plus pauvres. Tous les pays de la Diaspora ne sont pas un eldorado et le Président Lula dit très bien hier que des échanges et des gestes de solidarité sont nécessaires dans les deux sens. Rien n'est définitivement acquis ou perdu avant l'heure, tout est à conquérir. C'est à partir de maintenant que nous devons engager la bataille, demain il sera trop tard.

J'aimerais terminer en insistant sur la nécessité d'assurer une suite à la Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora, celle de Dakar et

celle de Salvador, à Bahia. Nous devons mettre en œuvre des mécanismes appropriés et efficaces. C'est dans ce sens que je vous demande de travailler dans sur trois tâches : former un bureau de la Conférence, établir son organigramme et fonctionnement, mettre en place un éditeur dont l'idée fut adoptée à Dakar en 2004 pour traduire les œuvres dans les langues de nos communautés. Le Sénégal est disposé à fournir l'emplacement pour son fonctionnement. Nous suggérons le lancement d'une revue plurilingue intitulée "Résistance africaine", pour que nos enfants puissent connaître la longue bataille enclenchée depuis presque quatre siècles par la population africaine.

A ce sujet nous pourrions comme suggestion parmi les nombreuses qui surgiront parmi vous, et que nous sommes prêts, au Sénégal à mener à bout : créer un site internet et solliciter tous les pays d'Afrique et de la Diaspora à rédiger et envoyer une étude sur la résistance contre l'esclavage aujourd'hui. Avec ces éléments, nous publirons une oeuvre. J'aimerais également rajouter que nous sommes en train, au Sénégal, d'ériger un monument à la Renaissance africaine. Ce seront environ 154 mètres, un musée de la Civilisation noire-africaine. J'aimerais rappeler que nous sommes en train d'organiser le Festival mondial de l'Art Noir en 2007, qui sera votre festival et vous devez l'organiser avec l'Union africaine et ce sera sans doute un grand succès. Permettez-moi également d'annoncer que j'espère, en octobre prochain, visiter les pays des Caraïbes pour recontrer non seulement les Gouvernements mais également les intellectuels, les hommes de culture et en même temps la jeunesse. Je serai accompagné du chef de la Conférence des intellectuels et hommes de culture d'Afrique et de la Diaspora pour que nous puissions connaître mieux les pays réunis par notre mouvement. Je ne doute pas que je serai bien reçu puisque je serai chez moi.

Mesdames et Messieurs, comme il s'agira ici de ma dernière intervention avant de partir demain matin, j'aimerais terminer par des remerciements encore une fois au Président Lula, à qui j'ai maintenant passé le flambeau de la Présidence de notre Conférence, tout en étant convaincu qu'il continuera à aider l'institution de ses conseils et de son appui. Président Lula, j'ai été très attentif à vos paroles sur la nécessité d'une ligne aérienne directe entre le Brésil et l'Afrique. A mon retour, j'enverrai une délégation à Air Sénégal International, rappelant que Recife et Dakar sont à peine à trois heures trente de vol l'un de l'autre. Le Brésil pourrait être lié au continent africain et aussi à l'Europe par cette porte du contiennent que constitue le Sénégal, sa deuxième patrie. Je vous remercie de votre attention.

Iba der Thiam – Modérateur: Au nom de tous, j'aimerais remercier Son Excellence le Président Abdoulaye Wabe pour son excellente communication et je passe maintenant la parole à Madame Portia Simpson-Miller, Première Ministre de la Jamaïque. L'orateur suivant sera Ali Mohammed Shein, vice-Président de la République de Tanzanie.

Portia Simpson-Miller – Première Ministre de la Jamaïque: Merci beaucoup. Notre Chef d'État amphitryon, le Président Lula da Silva et Madame la première dame du Brésil, j'aurais aimé saluer votre présence plus tôt dans la Conférence, Chefs d'État, Gouverneur de l'État de Bahia, Maire de Salvador, autres distingués participants, distingués Mesdames et Messieurs. Permettez-moi en premier lieu, de remercier notre Président amphitryon, Lula da Silva, pour rendre possible qu'autant de nous d'Afrique et de la Diaspora africaine soyons réunis ici pour partager et échanger des idées et des stratégies à mesure que nous réfléchissons sur notre passé, présent et traçons le chemin de notre futur. Je suis personnellement honorée d'avoir été conviée par le Président Lula à comparaître à cette seconde Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Je suis également honorée d'avoir l'occasion de m'adresser à un public si auguste. Pendant que j'étais assise ici, les paroles chantées par Bob Marley sur la Diaspora me venaient en tête. Et c'est avec une grande joie que je transmets au peuple du Brésil notre gratitude très spéciale et ces mots sont pour les descendants des esclaves qui s'établirent ici :

> Les vieux pirates, oui, ils m'ont volé / Ils m'ont vendu aux bateaux marchands / Quelques minutes plus tard ils m'ont sorti du puits / Mais mes mains s'étaient / Par la main du Tout Puissant / Nous avons avancé dans cette génération / Triomphalement / Viens m'aider à chanter / Ces chansons de liberté.

Bob Marley s'inspirait d'autres grands jamaïcains. Lorsque je mentionne le nom de Marcus Moziah Garvey, tout le monde ici se souvient de l'éminent philosophe et organisateur politique panafricain. Je suis fière de dire que Garvey était jamaïcain, et l'un de ses plus illustres fils. Son influence dans les efforts de libération de l'Afrique à la recherche de la Renaissance africaine ne peut pas être exagérée. Marcus Moziah Garvey fut la plus grande inspiration du mouvement de libération africain. Ses fameuses paroles : « l'Afrique aux Africains, dans et hors du continent » devint la devise de beaucoup de ceux qui luttaient pour le retour et la réaffirmation de la vision d'un monde africain

dans un monde qui conspirait obstinément pour déprécier et réprimer ce qui était africain. Garvey utilisa les transports maritimes L'Etoile Noire qui fut le symbole de l'espérance des Africains déracinés pour s'unir de nouveau à la terre-mère et ne plus jamais s'en séparer. Sa mission était de ne pas voir seulement la libération de l'Afrique du colonialisme, mais de voir les Africains de la Diaspora reprendre le riche et glorieux héritage de leur terre natale. Le cri noir, la dignité noire, et le pouvoir noir furent des thèmes cruciaux pour Garvey et son influence sur le mouvement africain de l'indépendance est indiscutable.

Mesdames et Messieurs, lors de l'historique cinquième Congrès panafricain réalisé à Manchester, en Angleterre, en 1945, ou les futurs leaders des premiers états indépendants se réunirent, Garvey fut le plus cité. Ses idées constituèrent des catalyseurs pour les esprits des principaux articulateurs du congrès. Comme nous sommes privilégiés d'avoir ici, aujourd'hui, un homme qui assuma un rôle important au Congrès et qui reçu plus tard sa place dans les livres d'histoire, ce brillant et érudit avocat qui défendit Jomo Kenyatta. Je me réfère, Mesdames et Messieurs, à un autre Jamaïcain, son excellence Dudley Thompson, l'un des plus distingués panafricain et ancien ambassadeur de Jamaïque dans divers pays africains. Je cite également Incumo Kenyatta, George Padmore, C.L.R. James, Julius Nyerre, tous de véritables inspirations de Garvey, qui insistèrent avec leurs programmes pour l'Indépendance et la Libération de l'Afrique.

La vison de Garvey, d'une Afrique et de sa Diaspora unies sur un point de vue mondial continue d'inspirer les études et les intellectuels contemporains. Notre petit pays, la Jamaïque, a joué un rôle important dans le mouvement de Renaissance africaine et a été crucial dans la Diaspora en avançant peu à peu dans le sens de l'identité culturelle africaine. Quand les peuples d'origine africaine étaient vus comme moins que des êtres humains, comme ne méritant pas l'indépendance, sans histoire ou culture, lorsqu'on croyait qu'ils servaient seulement à être soumis et dominés, nobles sauvages au mieux, ce fut Garvey qui nous vit comme une grande et puissante famille, un vrai peuple, avec une histoire et une culture riches, un peuple avec un glorieux passé et un avenir brillant. Ce fut Garvey qui nous incita à nous lever et à lutter, oui, même avec tout ce que nous avions conquis, il y avait encore des personnes qui doutaient de nos habilités.

Ce fut Garvey qui nous rappela que de rester en arrière du courant de la civilisation ne prouverait pas nos habilités supérieures, être à la merci des

caprices et des volontés des peuples progressifs ne prouverait rien de supérieur en nous, nous satisfaire de boire au verre empoisonné du progrès humain ne démontrerait pas notre aptitude comme peuple. Ce que Garvey donna au monde en termes de culture philosophique et d'idées politiques, un autre Jamaïcain en imprégna la conscience des masses à travers la musique. L'inégalable génie du *reggae* de Robert Nesta Marley, ou comme il est plus communément connu Bob Marley, s'est inspiré de Garvey. Il traduisit les idées philosophiques de Garvey dans les racines du langage musical qu'est le *reggae*, et les exporta dans le monde entier. Grâce à sa musique, Marley constitua un *lobby* pour la complète libération de l'Afrique. Son message fut en même temps fascinant et électrisant, faisant écho aux paroles de l'ancien empereur Africain Haile Selassie, dans sa fameuse chanson qui disait :

> Jusqu'à la philosophie/ Qui rend une race supérieure et l'autre inférieure / Soit finalement et toujours / discréditée et abandonnée / Il y aura la Guerre partout.
> Et jusqu'à ce jour / Le continent africain ne connaîtra pas la paix / Nous les Africains nous lutterons / Nous trouverons nécessaires / Et nous connaîtrons la victoire / Nous sommes confiants / Dans la victoire du bien contre le mal.

Marley parvint à recevoir la plus impressionnante acclamation de l'histoire de la musique pop pour sa seule chanson d'amour qui a été élue comme la chanson du siècle dernier et du millénaire dernier. Mais, ce n'est pas seulement à travers ses enseignements philosophiques, ses leaders politiques et musicaux que le peuple jamaïcain s'est identifié avec la lutte de ses frères et de ses sœurs Africains. Je rappelle au peuple de descendance africaine du Brésil qu'en parlant ici, aujourd'hui, je parle de votre propre descendance sanguine, puisque de nombreuses années, alors que trois soeurs jouaient dans la rivière, deux furent capturées et vendues comme esclaves. Des quatre frères qui chassaient, deux furent capturés et deux fuirent. L'un fut emmené au Brésil et l'autre en Jamaïque. L'un était mon arrière-arrière-grand-père et l'autre votre arrière-arrière-grand-père. Nous pouvons être séparés par la distance et par la langue, mais nous sommes unis par le sang, par l'Histoire et la Culture commune.

En ce qui concerne la Jamaïque, j'aimerais vous rappeler que ce fut le premier pays de cet hémisphère à imposer des sanctions commerciales à

l'Afrique du Sud en 1950. En 1970, l'un de nos Premier Ministre, mon mentor, feu Michael Manley, fut un fameux leader du mouvement des non-alignés. Il mena une campagne incessante contre l'*apartheid* et pour la libération du Sud de l'Afrique comme un tout. Le rôle joué par Michael Manley et son Ministre des Relations Extérieures, Dudley Thompson, ferment de l'unité africaine et de la construction des relations entre l'Afrique et la Diaspora des Caraïbes, fut énorme. Nous eûmes également un autre Ministre des Relations Extérieures jamaïcain, qui joua également un rôle significatif dans la divulgation des intérêts de l'Afrique. Je me réfère à mon illustre prédécesseur, son excellence P. J. Patterson. En tant que chancelier, P.J. Patterson se fit remarqué comme un brillant et habile négociateur, et ce fut sous sa direction qu'eût lieu le premier accord légal entre les Nations africaines et pacifiques, l'ACP.

Je relate tout cela, Mesdames et Messieurs, membres du bureau pour mettre en évidence qu'en Jamaïque, les liens avec la terre-mère, ont toujours été forts et durables. Les liens avec nos aïeux ne peuvent jamais être mis en doute. Bien qu'aujourd'hui, la lutte pour l'indépendance soit acquise pratiquement partout, la recherche pour la liberté économique de l'Afrique continue. L'une de nos principales responsabilités, distingués femmes et hommes et de la Diaspora africaine, est d'user de toute notre influence pour pouvoir assurer que l'Afrique ne soit plus victime des systèmes politiques et économiques mondiaux injustes et d'élever nos voix collectivement contre la marginalisation de l'Afrique et contre les pratiques commerciales et économiques inégales qui empêchent la croissance de nos frères et sœurs.

Mesdames et Messieurs, nous, en tant qu'Africains, nous devons utiliser tous les moyens, tous les mécanismes, toutes les occasions pour transmettre aux puissances mondiales existantes et aux institutions multilatérales que les peuples africains souffrent gravement des conséquences actuelles des accords commerciaux et économiques. Je mentionnerai seulement quelques aspects de la gravité du problème. Environ 1/6 de la population sub-saharienne d'Afrique – plus de 100millions d'hommes, de femmes et d'enfants - sont chroniquement pauvres. Environ un enfant Africain sur 6 meurt avant d'atteindre son cinquième anniversaire et les 2/3 de ces décès pourraient être évités par le biais de traitement locaux qui incluent vitamines et suppléments, ou hydratation et insecticides pour combattre la malaria. Je pourrais encore utiliser l'exemple qu'un dixième des maladies dont souffrent les enfants Africains et qui sont causées par des vers qui affectent 200 millions de personnes et qui pourraient être traitées avec 25 centimes de dollar par enfant. En même temps,

chaque vache en Europe reçoit une subvention de deux dollars par jour, ce qui est le double du revenu moyen en Afrique.

A la Commission pour l'Afrique, Tony Blair, expliqua en ces termes : "Les contrastes entre la vie de ceux qui vivent dans les pays riches et celle des personnes pauvres d'Afrique est le grand scandale de notre ère." Il y a un *tsunami* tous les mois en Afrique, mais sa vague mortelle de maladie et de faim se propage silencieusement sur le continent. Ceci n'est pas dramatique et apparaît rarement dans les actualités télévisées. Ses victimes meurent silencieusement loin de la vue, cachées dans des maisons déplorables, mais elles meurent dans la même proportion. Nous, dans la Diaspora, devons être sincèrement préoccupés. Nous devons utiliser tous nos muscles politiques et diplomatiques disponibles pour laisser bien clair que ce type d'holocauste moderne est absolument inacceptable.

J'en profite pour féliciter les leaders Africains pour leur travail, pour travailler avec ardeur pour aider leur peuple. J'aimerais, Mesdames et Messieurs, féliciter le Président du Sénégal, et m'associer à ses préoccupations sur la pandémie de SIDA. Je crois que nous tous devrions travailler ensemble pour soutenir la terre-mère. L'année dernière fut déclarée année de l'Afrique, nous vîmes des personnes notables se déplacer en Afrique s'identifiant avec le continent, mais se sont nous, Africains et descendants d'Africains du continent et de la Diaspora qui devons être sur le front pour la lutte pour la liberté de l'Afrique. Nous devons entreprendre une action politique et diplomatique intense pour que toutes les années soient l'année de l'Afrique jusqu'à ce que l'Afrique soit consciente de son véritable et complet potentiel. Nous sommes un peuple d'espérance, optimisme et de foi.

Monsieur le Président, nous avons survécu aux horreurs de l'esclavage transatlantique, au déracinement de la terre-mère, nous avons survécu à la soumission du pillage colonial, nous avons survécu à l'indignité et au traumatisme de l'esclavage, nous avons survécu aux coups portés à notre amour propre et même jusqu'à notre propre humanité. Nous se sommes pas seulement des survivants. Aujourd'hui fils et filles d'esclaves, nous sommes des conquérants. C'est pourquoi, Mesdames et Messieurs, ce n'est pas une coïncidence si le Brésil accueille aujourd'hui cette conférence, il ya beaucoup de pertinence et de signification dans le fait qu'elle soit réalisée à Salvador, la plus grande et la plus significative des communautés de la Diaspora africaine du Brésil et l'une des villes les plus importantes de ce beau pays qu'est le

Brésil. Le Brésil est également un négociateur mondial émergent et un pays qui continue de jouer un rôle central dans les relations internationales, dans les négociations mondiales tout comme dans la construction de la paix et de la sécurité mondiale. L'Afrique peut également bénéficier des avancées significatives obtenues par le Brésil dans le domaine du traitement et de la recherche sur le SIDA.

J'aimerais en profiter pour féliciter le Président Lula. Monsieur le Président, vous ne savez peut-être pas que pour beaucoup d'entre nous en Jamaïque, la majorité de ce qui lisent sur vous et votre histoire, sommes vos admirateurs, et nous aimerions en profiter pour vous inviter à visiter les Caraïbes et, en particulier, la belle Jamaïque. Lorsque vous vous rendrez là-bas, s'il-vous-plait, emmenez Madame la Première Dame. Nous allons établir des partenariats, Mesdames et Messieurs, avec le Brésil, avec l'Afrique et avec la Diaspora Africaine pour nous délivrer des tristesses du passé. Que nous appréciions maintenant nos conquêtes, pour une véritable Renaissance africaine. J'aimerais conclure avec les mots de l'homme dont je vous ai entretenu auparavant, du héros national de la Jamaïque : Marcus Moziah Garvey, qui dit :

> "Oui, nous reconnaissons les tristesses du passé, et nous allons travailler sur le présent, pour que les tristesses de notre génération ne soient pas perpétuées dans le futur. Il n'y a pas de plus beau cadeau que je puisse donner en hommage à la mémoire de l'amour de mes parents pour moi et pour les souffrances qu'ils ont endurées pour que je sois libre. Il n'y a pas de plus beau cadeau que je puisse offrir à la mémoire sacrée des générations passées qu'une Afrique libre et affranchie, un monument pour toute l'éternité et pour tous les temps."

Quant a moi, à cause de notre passé béni, à cause de l'Histoire, je sais que tant qu'il y aura en moi la vie et l'esprit de Dieu, je continuerai de lutter et inciterai les autres de ma race à lutter pour que justice soit faite aux peuples noirs du monde. Merci Monsieur le Président Lula d'avoir permis ma participation. Merci beaucoup, Monsieur le Président de la Conférence de me recevoir ici, dans ce beau Brésil. Merci et que Dieu vous bénisse tous.

Iba der Thiam – Modérateur: J'aimerais remercier chaleureusement au nom de tous, Madame Portia Simpsom-Miller, Première Ministre de la Jamaïque. Je passe maintenant la parole à Son Excellence Ali Mohammed

Shein, vice-Président de la République de Tanzanie. Le prochain orateur sera le Président de la Commission de l'Union africaine, son Excellence Monsieur Alpha Oumar Konare.

Ali Mohammed Shein – Vice-président de Tanzanie: Son Excellence Monsieur Luiz Inácio Lula da Silva, Président du Brésil, Ses Excellences Chefs d'État et de Gouvernement, illustres ministres, Président de la Commission de l' l'Union africaine, Gouverneur de l'État de Bahia, Maire de la ville de Salvador, membres du corps diplomatique, distingués délégués, Mesdames et Messieurs. Je suis très honoré d'avoir le privilège de comparaître à cette importante réunion et de m'identifier aux idées et visions. Je profite de l'occasion pour présenter les compliments de mon Gouvernement et du peuple de la République Unie de Tanzanie. Son Excellence le Président Jakaya Mrisho Kikwete envoie ses salutations à Votre Excellence et au peuple du Brésil, ainsi que ses vœux pour le succès de cette rencontre. Le Brésil est vraiment un endroit approprié pour cette importante conférence puisqu'il détient déjà des liens anciens avec l'Afrique. Il est de la connaissance de tous que le Brésil possède l'une des plus grandes concentrations de personnes de racines, cultures, etc., africaines.

De nombreuses personnes en Tanzanie connaissent le Brésil sous différents aspects, y compris les talents du football. Ainsi, ma délégation, se sent chez elle dans ce grand pays. J'aimerais exprimer au nom de ma délégation, et en mon nom propre, notre profonde gratitude pour l'accueil chaleureux et l'hospitalité qui nous sont dispensés depuis note arrivée ici, en particulier dans cette belle ville de Salvador. Nous sommes également reconnaissants de l'organisation de cette conférence, je n'ai pas d'autres mots si ce ne sont ceux de notre langue, le swahili, *Assantasana*, qui veut dire merci beaucoup, et je dois dire "muito obrigado!" [en portugais]. Excellences, je crois que mes intellectuels d'Afrique connaissent la contribution que feu Mwalimu Julius K. Nyerere, le premier Président de la République Unie de Tanzanie, apporta au panafricanisme quant à la libération de l'Afrique et à la nécessité d'une unité et d'une union en Afrique.

Mes brèves observations tenteront seulement de faire un lien entre les idéaux de cette conférence et le rôle joué par Mwalimu Julius K. Nyerere et les autres intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. En visualisant la Renaissance africaine avec le développement de nos frères et sœurs de la Diaspora, les intellectuels d'Afrique doivent revisiter quelques uns des idéaux des autres intellectuels, y compris ceux de Mwalimu Julius K. Nyerere; Kwame

Nkrumah, ancien Président du Ghana, déjà décédé, Nelson Mandela, actuel Président d'Afrique du Sud entre autres, qui avaient déjà misé sur l'Afrique et la Diaspora et ainsi apprendre à éviter quelques pièges déjoués par les leaders du passé. Excellences, Mesdames et Messieurs, l'Afrique et la Diaspora jouent un rôle important pour l'indépendance de l'Afrique et pour son unité et union futures. Il n'est pas nécessaire de rappeler que le panafricanisme a apporté des outils d'où est ressorti le nationalisme que nous connaissons. Le panafricanisme précéda le nationalisme d'environ un demi-siècle et ses fondateurs étaient afro-américains, la Diaspora africaine dont l'unique identité était d'être considérée africaine, jamais tanzanienne, nigériane, congolaise ou autre.

Les premiers signes de mouvements d'indépendance donnés par feu Kwame Nkrumah et Jomo Kenyatta faisaient partie du mouvement panafricain conçu, organisé et propagé par les grands intellectuels de la Diaspora comme George Padmore, W.E.B. Dubois, C. Gems, et les autres. Ces intellectuels innovèrent en concevant l'Afrique comme un tout, que nous ne devrions pas voir comme de petites unités territoriales. Je crois qu'ils voudraient que nous la pensions en termes territoriaux comme un tout et pas fragmentée. La Tanzanie aimerait, pour cela, inciter les intellectuels tant d'Afrique que de la Diaspora à regarder l'Afrique comme un tout et pas comme des unités individuelles. Malgré les restrictions actuelles des frontières internationales, nous devons reconnaître que l'Afrique et les intérêts africains ne font, finalement qu'un seul. Permettez-moi de souligner également que quelques unes des contributions de Mwalimu Julius K. Nyerere sont une expression sincère de l'union et de l'unité africaines, des idéaux de ses discours et écrits et objectifs de cette conférence.

Excellences, Mesdames et Messieurs, les intellectuels d'Afrique et de la Diaspora doivent construire sur ce qui a été initié par les leaders panafricains et atteindre une unité africaine qui aille au-delà de ces simples mots. Les leaders panafricains voulaient que l'Afrique traduise les idéaux en réalités politiques de faits. Je dois signaler que feu Kwame Nkrumah et les leaders de l'Afrique de l'Est, ont donné au panafricanisme une certaine réalité politique formelle. Ils prirent la courageuses décision d'unir les états indépendants de Tanganica et de Zanzibar en 1964 ce qui donna naissance à la République de Tanzanie d'aujourd'hui. L'union de ces deux pays n'avait pas l'intention de représenter la fin du rêve de l'Union africaine.

Une République Unie de Tanzanie doit être considérée comme le premier pilier de la construction d'une unité et d'une union africaine ultérieure.

La proposition de transformer la communauté africaine en une fédération, dans laquelle la Tanzanie serait un pays membre, est un autre exemple des efforts actuels de parvenir au noble rêve de l'Union africaine. J'aimerais assurer à cet auguste public que l'union du Tanganica et de Zanzibar est un exemple qu'une inclusion de l'Afrique et de la Diaspora est possible. Nos intellectuels doivent nous aider à profiter au maximum de ce qui rapproche l'Afrique de la Diaspora. L'Afrique était unie dans le combat contre le colonialisme. Elle s'est unie dans l'adversité et la lutte contre une soumission coloniale commune. L'Afrique du Sud partage maintenant notre situation. L'Afrique a ainsi conclue la bataille coloniale. La bataille contre le colonialisme doit être poursuivie pour un même triomphe contre les forces néo-impérialistes et contre la pauvreté, l'ignorance et les maladies. Ce sera en surmontant ces forces que l'Union africaine sera fortifiée, établie et maintenue égalitairement. Nous en appelons aux intellectuels pour qu'ils nous aident à affronter cette bataille et que nous avancions au-delà de nos efforts d'indépendance.

Messieurs les présidents, Mesdames et Messieurs, je crois qu'en acceptant les idées de cette conférence nous nous positionnons en tant qu'intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Mwalimu Julius K. Nyerere, Kwame Nkrumah, Nelson Mandela, Jomo Kenyatta et les autres qui sont des intellectuels par leur propre mérite sont des visionnaires qui ont laissé de côté leurs peurs et leurs haines. Leurs pensées valent pour aujourd'hui comme pour la fin des années 60. Les intellectuels de notre temps devraient reprendre les contributions faites par les intellectuels des jours du panafricanisme et les mettre en relation avec les préoccupations actuelles. Rappelons-nous que notre orientation en tant qu'intellectuels de la Diaspora doit continuer d'être l'Afrique elle-même.

Notre unité continuera d'être insaisissable si nous continuons de nous confiner dans des entités créées artificiellement, comme, par exemple, limitées par des frontières coloniales. Comme nous pouvons le rappeler les Etats africains ont obtenu leur indépendance malgré l'opposition de quelques intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Nous devons rester attentifs aux dangers qui nous éloignent de l'unité africaine, parmi ceux-ci la tentation d'une nation souveraine et pour ceux qui trouvent leur force dans la faiblesse des petites nations. Nous avons maintenant plus de cinquante etats africains,

nos intellectuels ont la tâche d'étudier et de réfléchir et de nous fournir des idées sur comment notre unité d'opposition au colonialisme et au néo-colonialisme peut devenir une unité de construction de l'Afrique et de la Diaspora.

Merci Excellences, Mesdames et Messieurs. J'aimerais conclure mes brèves paroles en soulevant cinq questions visionnaires qui peuvent susciter des idées et des opinions de la part de nos intellectuels. Comment l'Afrique devrait-elle réagir, comme un tout, face à la mondialisation afin qu'elle lui soit bénéfique ? Nous devons globaliser le développement de l'Afrique à travers l'obtention d'une plus grande intégration des économies, des organisations sociales et culturelles africaines en capital africain sur les marchés. Comment les économies africaines devraient-elles réagir aux nécessités et aux exigences de l'Afrique et de la Diaspora ? Comment l'Afrique pourrait revivre et relier les processus internes de spécialisation et de division du travail comme interdépendance mutuelle en Afrique ? Comment les états africains indépendants peuvent-ils assurer que les actuelles frontières soit des unités administratives dans un ensemble que serait l'Afrique unie ayant pour objectif de construire l'africanisme et d'éloigner les nationalismes territoriaux ? En travaillant pour l'union comment rester ouvert aux autres initiatives ?

Mesdames et Messieurs, j'aimerais ici rendre hommage à Son Excellence le Président Lula da Silva pour ses efforts continus et sa coopération croissante entre la Diaspora et les pays africains. Je vous souhaite à tous le succès dans vos délibérations pour cette importante conférence, et je vous remercie pour votre attention.

Iba der Thiam – Modérateur: Je remercie beaucoup son Excellence Monsieur le Vice-président de la République de Tanzanie pour son intervention particulièrement brillante et je passe maintenant la parole au Président de l'union Africaine, son Excellence Alpha Oumar Konare. Le prochain orateur sera le Président Luiz Inácio Lula da Silva.

Alpha Oumar Konare – Président da Commission de l'Union africaine: Monsieur le Président, je n'ai pas en réalité de nouvelle déclaration à faire, mais j'aimerais vraiment lancer un appel, rappeler une chose qui est déjà en cours et que le Président Wade a très bien fait de rappeler lorsqu'il a parlé de la Renaissance africaine et que nous avons déjà mentionné ici en ce qui concerne la Diaspora et qui est la question essentielle que nous devons définir. Quel sera le projet politique en Afrique? Je crois que si nous ne traitons pas cette question, nous resterons dans un combat énormément intellectuel,

et les réalités dans lesquelles nous ne pouvons plus vivre ne changeront pas. Quand nous parlons de quel projet politique nous devons utiliser en Afrique pour moi la question est claire, avec l'aide de l'expérience, notre tâche d'aujourd'hui est d'assurer la promotion d'une véritable identité africaine, concentrique même sur les autres citoyennetés.

Il s'agit aujourd'hui de déclarer clairement une seule nation, la Nation africaine, en raison des difficultés rencontrées par les états-nations, en raison du fait que les micros nationalismes d'aujourd'hui ne nous amènent nulle part, principalement ces pseudo-nationalismes régionaux qui apparaissent aujourd'hui. Nous devons seulement affirmer un nationalisme panafricain, pour une nation africaine. Je crois également que d'une forme bien claire, sans ambigüité nous devons affirmer qu'aujourd'hui les besoins de l'Afrique passent indiscutablement par les États unis d'Afrique. Ce qui ne veut pas dire que du jour au lendemain nous allons le créer sur sa légende, c'est là que nous faisons une confusion, comme si demain matin une stratégie pouvait être initiée, nous avons d'abord besoin de définir ses bases.

Nous devons admettre aujourd'hui, qu'en ce qui concerne le problème de l'intégration africaine, la simple et logique coopération intergouvernementale a échoué et elle ne permettrra jamais que nous résolvions notre véritable problème. C'est pourquoi, la quesiton est : quel est le projet politique pour l'Afrique? La question soulevée par le Président Wabe est également importante : quelle sera la relation formelle entre l'autre Afrique et le continent? L'idée d'une sixième région est avancée. D'autres idées existent, mais cette idée est fondamentale et demande une réponse. La contribution des intellectuels est d'aider à mettre en perspective les pratiques à suivre, ce sera un débat théorique, serein. Ce débat comporte une règle : l'identité africaine, la conscience historique que nous avons perdue et sans laquelle nous ne pouvons fonder rien de durable. Nous devons promouvoir la conscience panafricaine. Nous avons des problèmes de culture et de langue africaines, surtout en cette année 2006 où nous venons de lancer l'Académie africaine des langues et que nous consacrons comme l'année de la langue africaine, quelle est la place de la culture et des langues aujourd'hui dans le développement de notre continent. Ce sont de ces questions que les intellectuels doivent discuter sérieusement.

Nous avons essayé, à la direction de la commission de l'Union africaine, d'apporter des réponses, mais nous avons acquis la certitude absolue que tant que nous n'aurions pas une conscience intellectuelle, tant qu'il n'y aurait

pas une mobilisation populaire, les directions ne pourraient pas avancer dans d'autres initiatives comme la création d'une fondation pour les Etats unis d'Afrique, la création d'une université des États unis d'Afrique, et le projet qui suit, bloqué, la Conférence des Peuples d'Afrique, car une chose est la Conférence des États africains et l'autre la Conférence des Peuples d'Afrique. La Conférence des États d'Afrique a vu le jour à l'OUA, mais la Conférence des Peuples d'Afrique n'a pas encore démarré. C'est la raison pour laquelle nous appuyons fortement, aujourd'hui, l'initiative de la création d'une fondation des États unis d'Afrique, d'une université des États unis d'Afrique et également une réactivation de la Conférence des Peuples d'Afrique et, évidemment les autres initiatives qui pourraient amener à la fédéralisation au service du panafricanisme qui est l'unique objectif. Pour conclure, nous parlons ici d'une forte valeur qui est la solidarité. Nous devons tous, au long des débats, et des actions que nous entreprenons, reconnaître que la valeur la plus importante pour nous, aujourd'hui, doit être la solidarité. Elle doit être totale et intégrale entre nous. Pourtant, elle ne doit pas être exclusive, et elle ne l'a jamais été pour nous. C'est pour cette raison, qu'au regard de ceux qui souffrent aujourd'hui nous ne pouvons qu'offrir notre totale solidarité, en particulier au peuple de Hollande qui vient d'être victime, comme vous le savez, d'un monstrueux attentat. Il est normal qu'aujourd'hui, ici réunis, nos pensées soient avec eux.

Monsieur le Président Wade et Monsieur le Président Lula, je suis certain que vous nous aiderez à éviter les faux pas, et que vous n'accepterez jamais que nous fassions un coup d'état. Mais je suis sûr qu'à la fin de cette session vous comprendrez que nous devons rester sous votre direction Président Wade, et sous la vôtre Président Lula, mais que la Présidence effective des intellectuels restera à charge de deux co-présidents, Gilberto Gil et Madame Ginwala pour conduire les débats sous votre bénédiction et votre appui total. Merci beaucoup.

Iba der Thiam – Modérateur: Je remercie monsieur le Président de l'Union Africaine. J'aimerais ensuite passé la parole à Son Excellence Luiz Inácio Lula da Silva, Président de la République du Brésil.

Président Luiz Inácio Lula da Silva: Messieurs Présidents, Madame la Première Ministre, Mesdames et Messieurs les participants à la deuxième Conférence des Intellectuels d'Afrique et de la Diaspora.

Je ne pourrais pas commencer mon discours sans remercier la présence de vous tous ici et surtout la présence des Présidents qui ont accepté notre

invitation, et la patience de vous tous pendant cette séance plénière, puisque mon discours sera le quinzième que vous entendrez avant le déjeuner. Un ensemble d'intellectuels et d'autorités qui ont cette extraordinaire patience, aura certainement les capacités de faire face aux nombreux autres problèmes qui nous attendent. Je voudrais m'excuser auprès de mon interprète qui doit avoir mon discours écrit, mais ce serait la répétition de ce qui a déjà été dit ici et j'aimerais rajouter quelques mots venant beaucoup plus du sentiment que j'ai, un peu du côté cœur et un peu du côté de la raison.

J'ai pris les rennes de la Présidence du Brésil le premier janvier 2003 et j'ai pris la décision que le Brésil devrait prendre un virage dans sa politique internationale, le Brésil avait besoin de regarder vers l'Amérique du sud et l'Amérique latine mais en même temps vers le continent africain.

Au début, cela paraissait absurde, parce qu'ils étaient habitués, ici, dans mon pays, à une politique prioritaire et pratiquement unique de relations avec les États unis et l'Union européenne et j'avais moi-même une expérience en tant que dirigeant syndical; je n'avais jamais été invité à un débat en Amérique du sud et je n'avais jamais été invité à un débat sur le continent africain, cependant j'avais été invités plusieurs dizaines de fois à me rendre en Europe et plusieurs dizaines de fois aux Etats Unis, et je m'aperçu que celui qui déterminait les relations n'était pas le pays colonisé mais le colonisateur. Bien que nous ayons cessé d'être une colonie, bien que nous ayons conquis notre indépendance d'un point de vue économique et financier, du point de vue culturel et du point de vue commercial, il subsistait une certaine subordination.

Trois ans sont passés pendant lesquels j'ai visité dix-sept pays africains, tous ceux de l'Amérique du sud et j'ai reçu au Brésil quinze présidents de pays africains ; avec votre présence nous en sommes à vingt-deux pays. J'ai visité sept pays du Moyen Orient, la Chine, l'Inde sans dédaigner notre relation avec les États Unis et sans dédaigner notre relation avec l'Union européenne. En établissant seulement une thèse selon laquelle il était nécessaire de changer la géographie politique et commerciale du monde. La géographie du monde ne pouvait pas continuer à dépendre des mêmes que ceux qui la dominèrent au XXème siècle, au XXIème siècle un nouvel espoir était nécessaire.

Je me souviens de combien nous fûmes critiqués. Les éditoriaux ne manquaient pas, il ne manquait pas de chroniqueurs pour critiquer la position équivoque du Brésil envers un continent qui n'avait pas grand chose à offrir, parce que dans la tête de certains la relation est pratiquement mécanique, d'un point de vue des intérêts économiques. Notre relation doit avoir une

composante appelée solidarité, appelée partenariat et même appelée reconnaissance parce que l'Afrique a beaucoup à voir avec ce que nous sommes ; beaucoup. La manière d'être du Brésilien, le mélange le plus extraordinaire que la race humaine a produit; c'est un mélange de noirs, d'indiens et d'européens qui a permis que nous nous transformions en un peuple métissé, un peuple joyeux, en un peuple ami et vous sentirez cela ici, à Salvador, la plus noire des villes brésiliennes et de tous les états brésiliens.

Que s'est-il passé durant ces quatre années? La relation entre le Brésil et les pays africains signifie aujourd'hui douze milliards et demi de dollars. La relation avec l'Amérique du sud et l'Amérique latine est plus importante que la relation avec les États Unis et que celle avec l'Union européenne. Voilà une démonstration que l'Océan Atlantique ne peut pas être un obstacle pour nous au XXIème siècle, quand il n'en fut pas un pour les colonisateurs aux XVIIIème, XVIIème et au XVIème siècle. Les Portugais partaient de Lisbonne et allaient aux Indes en faisant le tour du continent africain. Les Français occupèrent des pays d'Afrique, les Anglais occupèrent des pays d'Afrique et tout cela parce que l'Océan Atlantique était ce qui facilitait l'arrivée des colonisateurs. Nous, au XXIème siècle, et ceci est une contribution extraordinaire que les intellectuels peuvent apporter, nous devons penser à ce que nous voulons pour le continent africain quelle sorte d'intégration nous voulons avec les pays du Sud, avec les pays du tiers monde du XXIème siècle pour les prochains vingt ou trente ans. Il n'existe pas de sortie volontariste. Cela n'existe pas. Le volontarisme résout le problème d'une assemblée, mais ne résoud pas le problème d'une relation entre états, il ne résoud pas les problèmes du retard séculaire auquel nous furent soumis. Alors accroissons notre responsabilité, sachons que nous pourrons avancer dans notre politique d'intégration, dans la récupération des siècles pendant lesquels le continent africain fut obligé de souffrir un retard dont il est aujourd'hui victime.

Voici le défi pour nos intellectuels, voici le défi pour que nous apprenions à créer des organismes multilatéraux qui donnent de la durabilité aux politiques qu'entreprennent les gouvernements, parce que nous avons des mandats de durée déterminée et que chacun de nous qui arrive peut avoir une priorité et une politique qui commencée dans l'année peut ne pas être suivie l'année suivante. Il est donc nécessaire qu'il existe des organismes multilatéraux forts et respectés pour que les choses puissent vraiment se réaliser. Le Conseil de sécurité de l'ONU, nous ne pouvons pas admettre que l'ONU continue, au

XXIème siècle, en 2006, avec la même organisation qu'elle avait lorsqu'elle a été créée, il y a soixante ans. La géographie politique a changé, la géographie économique est en train de changer, les pays ont changé. Nous regardons le planisphère et nous voyons que plusieurs pays n'existent plus, alors pourquoi continuer avec la même organisation et ne pas avoir le courage de la démocratiser, de faire que le continent africain soit véritablement représenté, que l'Amérique latine soit représentée et que les autres pays soient représentés ?

Nous sommes actuellement au milieu d'un conflit à l'Organisation mondiale du commerce et la dispute est toujours la même : les pays riches seront-ils disposés à faire des concessions pour que les pays pauvres puissent accéder à leurs marchés? Y aura-t-il une certaine sensibilité dans l'Union européenne pour permettre l'accès à leur marché agricole? Y aura-t-il assez de sensibilité de la part des Etats Unis pour réduire les subventions agricoles? Y aura-t-il une certaine sensibilité de notre part, du Brésil et du G20, auquel beaucoup d'entre nous participons, pour permettre l'accès aux biens industriels ? Si nous n'avions pas de sensibilité pour négocier et faire des concessions en fonction de la proportionnalité de notre taille et de notre richesse, il n'y aurait pas d'accord et qui est riche deviendrait plus riche et qui est pauvre deviendrait plus pauvre. Voilà la logique perverse du commerce mondial. C'est pour cela que je vais à Saint Petersburg la semaine prochaine, le Président du Congo y sera et si ma mémoire est bonne l'Inde, la Chine et le Mexique et le G8 dans lequel nous allons essayer d'introduire un compromis des dirigeants politiques pour tenter de parvenir à un accord, parce que ma thèse est que les négociateurs ont déjà épuisé les possibilités de négociation. L'heure est maintenant arrivée pour les dirigeants politiques de dire: "nous voulons ou nous ne voulons pas d'un monde plus juste. Nous voulons ou nous ne voulons pas d'un monde plus solidaire. Nous voulons ou nous ne voulons pas diminuer le terrorisme. Nous voulons ou nous ne voulons pas d'un monde avec moins de mortalité infantile, moins de maladies, moins de chômage et moins de faim.".

Voici le défi auquel nous avons été soumis et qui n'est pas de la responsabilité des pays africains, pas plus que de la responsabilité du Brésil, il s'agit de la responsabilité des six milliards d'êtres humains qui habitent la planète terre et qui doivent assumer la responsabilité de ne pas permettre que la mondialisation, aujourd'hui, ou le modèle de développement actuel permette que les pays pauvres soient traités de la même manière que ce qu'ils l'étaient à l'époque de la colonisation. Les colonisateurs arrivaient en promettant le progrès, arrivaient en promettant le développement et quand vous acquîtes

votre indépendance, vous constatâtes que d'un point de vue des richesses naturelles les pays étaient plus pauvres, qu'ils avaient été dilapidés et qu'il semblait que personne aujourd'hui n'était responsable. Il semble qu'il ne soit rien arrivé, l'Afrique est pauvre parce que c'est le continent noir, l'Afrique est pauvre parce qu'elle n'a pas d'école, l'Afrique est pauvre parce qu'elle n'a pas de développement et personne n'assume la responsabilité de dire que l'Afrique est pauvre parce que pendant plus de trois cent ans les femmes, les enfants et les jeunes étaient transformés en esclaves pour construire des nations qui aujourd'hui sont riches.

Et nous tous, nous avons tous une dette à payer. Ici au Brésil, nous avons créé le Secrétariat spécial de l'égalité raciale avec le poste de Ministre d'État pour créer les possibilités en termes de quelques avances. Ce qui souvent n'arrive pas avec la facilité que nous souhaiterions, parce que les repères légaux dans le pays sont parfois trop longs pour que les choses se fassent. Nous avons un débat au Congrès sur l'état de l'égalité raciale, il existe une polémique, mais c'est comme le disait notre cher Abdias: "La possibilité de polémiquer sur ces questions n'est pas une mauvaise chose, c'est une conquête que les noirs ont obtenue dans notre pays".

Nous avons les quotas dans les universités pour lesquels il y a des débats et encore plus de débats, la donnée concrète est que nous avons créé le PROUNI et avec le PROUNI les des 203 000 élèves qui ont reçu une bourse, 63 000 sont des afro-descendants qui ont conquis le droit d'entrer à l'université après seulement quatorze mois de mise en place du programme. Certainement, j'en ai conscience, et les Présidents qui sont ici également, et encore plus les intellectuels, nous aurons dans une décennie ou deux à résoudre les problèmes qui ont été créés pendant tant et tant de siècles. La seule chose que je peux vous dire est que le Brésil va continuer à accorder une forte priorité à sa relation avec le continent africain.

Malheureusement nous sommes un pays pauvre et nous n'avons pas toutes les ressources nécessaires pour faire tout ce que nous voulons faire. J'étais hier avec deux Présidents, j'étais avant-hier avec le Président du Ghana et aujourd'hui je serai avec d'autres Présidents, j'étais avec le Président de l'Union africaine et je leur ai dit que ce siècle pourrait être le nôtre. Le XXème siècle fut celui de l'Europe, le XXème celui des États Unis et aussi d'une partie de l'Europe pourquoi nous, qui sommes appelés tiers monde, qui habitons le continent africain et l'Amérique latine pourquoi laisserions-nous passer la chance et ne profiterions-nous pas pour définir le XXIème siècle tel

que nous le voulons ? J'ai dit aux Présidents que le Brésil, en ce moment, vit une extraordinaire expérience avec la production du biodiesel. C'est le pays qui a la plus importante technologie pour la production d'éthanol et le pays aujourd'hui qui détient le brevet pour un nouveau carburant appelé HBIO, qui est un mélange d'huile végétale directement avec le pétrole et raffiné directement à la raffinerie.

Mes chers Présidents. J'ai parlé ici du Brésil où, d'ici peu nous ne prospecterons plus le pétrole à plus de quatre mille mètres de profondeur. J'ai dit que d'ici quelques jours nous allions planter du pétrole et ce programme de carburants renouvelables peut être le pilier du continent cfricain du XXIème siècle. Nous plantons du ricin, du tournesol, de la palme africaine, du coton, du soja. Avec tous ces produits nous pouvons produire les carburants dont nous avons besoin et pour ne pas être dépendants de l'achat de pétrole à un prix que les pays pauvres ne peuvent jamais dire combien ils peuvent le payer. Il faut le payer au prix que les producteurs de pétrole trouvent qu'il vaut.

Nous devons croire fermement, en même temps, que c'est seulement avec beaucoup d'investissements dans l'éducation que le continent africain une partie du Brésil et d'autres pays d'Amérique parviendront à franchir le pas de qualité dont nous avons besoin. Moi, ici, au Brésil, le Président Wade, a dit que pour chaque centime investi si nous n'avons pas le courage de l'investir dans l'éducation, nous devrons l'investir dans les maladies, dans les prisons, parce que sans éducation, sans emploi, et sans opportunité les pauvres finissent par être des victimes. Nous avons besoin de paix, de démocratie, et la démocratie n'est pas une valeur moyenne, elle est définitivement, ce qui peut garantir aux pays du tiers monde, leur développement sans être pris de surprise par, un coup d'état, une chute du gouvernement comme cela arrive souvent dans nos pays.

Je veux terminer en vous disant que lorsque nous discutons de concepts, nous pouvons avoir de nombreuses divergences et il est important que les divergences demeurent, mais en même temps, il est nécessaire que nous discutions des choses pratiques qui peuvent améliorer la vie du peuple de chaque pays africain, du Brésil, de l'Amérique latine et des pays pauvres. Nous ne devons pas avoir peur de discuter, nous ne devons pas avoir peur d'être osés. Nous devons définir chaque jour comment augmenter notre relation et comment les pays pauvres peuvent aider les plus pauvres, et comment les plus riches peuvent aider les pays pauvres. Nous n'attendrons pas de la sensibilité. Nous devons avoir une action politique et avoir un projet parce

que tout ce que les pays riches aiment faire est d'accorder une petite faveur puis dire qu'il aide. Une politique consciente est nécessaire et cette politique ne peut pas venir du haut vers le bas, elle doit sortir du continent africain pour que le reste du monde connaisse les projets qui sont de l'intérêt de chaque pays et qui sont de l'intérêt du peuple africain. Si nous ne faisons pas cela, nous commettrons une erreur historique qui pourrait nous porter tort, autant que le fut la tragédie de l'esclavage. Nous ne pouvons pas passer 40 ou 50 autres années dans le retard dans lequel nous avons été confinés.

Il est donc nécessaire que nous ayons le courage d'oser, de disputer dans nos forums multilatéraux et nous allons inicier une action, que nous pourrons qui sait, perfectionner le 30 novembre au Nigéria lors du Congrès continent africain/ continent sud-américain.

Il est possible que les Présidents ne se soient jamais rencontrés, possible que nombre d'entre vous ne soient jamais allés dans les pays d'Amérique du sud et beaucoup de Présidents d'Amérique du sud ne soient jamais allés en Afrique, mais certainement, nous sommes déjà tous allés en Europe plus d'une fois et aux États Unis plus d'une fois. Nous devons donc nous aider, nous devons créer une politique de solidarité entre nous mêmes. Moi, depuis tout petit, j'entends dire, et ici à Bahia cela doit être plus que vrai, Gouverneur, quand nous allons chez un pauvre, à n'importe quelle heure du jour ou de la nuit, le pauvre a toujours quelque chose à nous offrir. Si nous arrivons chez une personne plus cossue et qu'elle a déjà mangé il n'y a plus rien. Nous entendons les femmes pauvres des banlieues dire : «Quand un peut manger, dix peuvent manger. Où un peut dormir, dix peuvent dormir ». C'est pour cela, qu'au lieu d'attendre que d'autres viennent nous aider, nous devons définir quel type d'aide nous pouvons nous-mêmes nous donner pour devenir plus fort et pour pouvoir exiger un peu plus des autres.

Nous avons le droit de tout faire. La seule chose à laquelle nous n'avons pas droit, c'est de continuer, au XXIème siècle d'oublier de discuter des grands problèmes que vivent les pays pauvres de la planète.

Merci beaucoup de votre présence. Merci beaucoup à vous tous et bonne conférence.

Maître de cérémonie: La première séance plénière de la deuxième Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora est terminée. Merci et bonne après-midi à tous.

13. Séance de clôture

Gilberto Gil – Ministre d'État de la Culture : D'ici peu, nous reprendrons nos activités pour la Séance de clôture de la Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Je voudrais tout d'abord vous demander, à tous, de vous asseoir. Ensuite, je cèderai la parole à Frene Ginwala.

Nous avons donc, avant les autres aspects de la Séance finale, une cérémonie commémorative de la réalisation de cette Conférence par le biais d'un timbre, proposé par notre service postal "Correios". Où sont nos représentants, s'il vous plaît ? Les représentants du service postal .

Maître de cérémonie : Nous commencerons la cérémonie de lancement du timbre commémoratif de la IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Monsieur Claudio Moras Garcia, directeur régional des services postaux de Bahia, devra s'approcher de la table.

Gilberto Gil - Ministre d'État de la Culture : S'il vous plaît, vous pouvez poursuivre la cérémonie.

Représentant de l'Entreprise brésilienne de Courrier et Télégraphes : Le ministère des Communications et l'Entreprise de Courrier et Télégraphes, parle biais de la Direction régionale de Bahia, ont lancé, en cette occasion, un timbre commémoratif en hommage à la IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Pour effectuer le lancement, le tampon commémoratif de la IIème CIAD sera apposé sur le timbre postal

Samba de ronde du "Recôncavo" de Bahia ("Recôncavo"= intérieur des terres de Salvador), dont l'image est une danseuse au centre d'une ronde. Portant une robe typique, des colliers et un foulard sur les cheveux, elle dévoile le style gracieux de cette modalité de la samba, authentiquement brésilienne, déclarée par l'Unesco chef-d'œuvre du patrimoine oral et immatériel de l'humanité.

Les pièces, tamponnées et signées par les autorités invitées à cet acte, feront désormais partie du fonds philatélique des services postaux et serviront de source de recherche et de registre de cet événement si important dans le contexte historique et socioculturel. Le timbre et le tampon sont disponibles dans l'agence des services postaux, à cet étage même du Centre de conventions.

Mesdames et Messieurs, nous allons écouter le message de Monsieur Abdelaziz Bouteflika, président de la République algérienne démocratique et populaire, qui sera lu par monsieur Abdel Kader, représentant spécial du Président.

Abdel Kader – Représentant du Président de la République algérienne démocratique et populaire : Excellences, chers amis, Mesdames et Messieurs, la Deuxième Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora a été dédiée au rôle de la Diaspora dans la Renaissance africaine. Comme tous les peuples d'Afrique, le peuple algérien a connu encore plus la brutalité des Européens, leur cruauté et, littéralement, leur manque d'humanité, dans le sens strict de notre civilisation, comme l'a classifié avec à propos le grand poète de la Diaspora africaine aux Caraïbes, Aimé Césaire. Il a su, dans des conditions d'extrême précarité, fournir et récompenser ses énergies en résistant à ce génocide identitaire et en s'appropriant des morceaux de connaissance et des nouvelles formes d'organisation sociopolitique qui se trouvaient au cœur de la puissance de l'Europe. Sur cette base, nos peuples, tous les peuples d'Afrique, ont commencé sur des rythmes et des formes différents. L'offensive formidable contre la domination coloniale en Europe a fait fluer - avec du sang, des larmes et des chants -, l'acte de la Renaissance de l'Afrique, le retour irréversible de l'Afrique à la civilisation mondiale.

L'Algérie s'est maintenue au front de cette bataille continentale pour la liberté et pour la re-civilisation de l'Afrique en déclenchant, le 1er novembre 1964, sa guerre de libération nationale. Le peuple algérien a accéléré le reflux du colonialisme français. Au prix de la souffrance, de la destruction et des morts de la population algérienne, l'Algérie s'est mise à la disposition du

mouvement de libération africaine pour renforcer la lutte pour la liberté de l'Afrique et a ouvert des écoles et des universités à des milliers d'étudiants pionniers de la renaissance culturelle et scientifique de l'Afrique, dans des conditions également défavorables, après des siècles d'oppression et de déshumanisation.

Au moment où j'écris ces lignes, me viennent à l'esprit les mots, les images et les sons de joie qu'a été le Festival panafricain de 1970. Ne voyez pas dans ces souvenirs une expression de nostalgie, mais, au contraire, une satisfaction légitime à la recherche d'une anticipation du futur. L'inscription dans la réalité exige donc de nous des efforts immenses, et un génie créatif pour relier un grand mouvement de re-civilisation de l'Afrique à tout ce que ses fils et filles ont fait, font et feront de vraiment utile, où qu'ils se trouvent.

Aujourd'hui, toute la communauté scientifique admet, de façon unanime, que *l'Homo Sapiens* a surgi en Afrique, est parti de ce continent et a parcouru la planète entière. Il est clair que l'Afrique a contribué activement à l'élaboration de deux grands mouvements de l'humanité : la civilisation pharaonique et la civilisation musulmane. Il est évident que l'Afrique, ce n'est pas seulement des centaines de millions d'hommes et de femmes qui vivent sur le continent, mais ce sont également des dizaines de millions d'hommes et de femmes qui, depuis le XVIe siècle, ont été transformés en esclaves par l'Europe et les Amériques. Cette Diaspora, résultat multiséculaire d'une sédimentation de flux humains, produite par le commerce des esclaves, par les guerres européennes, par l'émigration de main-d'œuvre, est un acte potentiel, exceptionnel pour l'inscription rationnelle et intelligente de l'Afrique dans la troisième ère de la mondialisation, un nouvel espace mondial où, pour le meilleur et pour le pire, le genre humain est appelé à poursuivre ses aventures sur la planète Terre de façon plus unie et contrastante que jamais.

Je remercie sincèrement mon ami, le Président Lula da Silva, d'avoir accueilli cette IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Le Brésil est, sans aucun doute, le pays qui a le mieux supporté le traumatisme généré par la première ère de mondialisation et qui a le mieux assuré, de manière créative, la dimension africaine. Les pays où les intellectuels d'Afrique et de la Diaspora mondialisent l'africanisme sont les plus appropriés pour étudier et pour commencer à mettre en pratique les synergies complexes, auxquelles le continent africain doit revenir et participer

pleinement, comme sujet historique et autonome, du nouvel espace mondial, loin des pièges de la victimisation et du ressentiment. Rien, ni même les souffrances atroces du passé, ni les humiliations et frustrations du présent, ne devraient nous faire oublier notre acte central, notre point focal.

La Diaspora africaine des Amériques et de l'Europe est un accumulateur formidable d'énergies positives pour l'Afrique ; elle est un lien intermédiaire de grande qualité entre ce qui est conventionnellement appelé occident et le continent africain. Permettez-moi de citer encore une fois l'expérience de mon pays lors de la guerre contre le colonialisme français. La victoire de notre nation aurait été moins exemplaire, moins rapide en ce qui concerne le peuple français, si la Diaspora algérienne en France ne s'était pas organisée de façons multiples au Forum de Libération nationale, lequel, tout en luttant, organisait les synergies avec des ressources pour soutenir l'Algérie en guerre. Ce que l'Algérie a fait sur une petite échelle de manière conjoncturelle lors de la guerre devra être fait par l'Afrique mondialisée, par la Diaspora africaine, par l'Afrique comme un tout, sur une plus grande échelle, dans la paix et la coopération internationale. Elle a déjà commencé à le faire en conservant le pacte qui, dans sa vision fondamentale, est muni d'un projet collectif, d'initiatives pour maximiser les flux de l'aide internationale, et qui est un processus fantastique de reconstruction économique, sociale, technique et scientifique de l'Afrique, de manière autonome et innovatrice dans la troisième ère de mondialisation.

Le grand espoir constitué par ce pacte pour l'Afrique et pour le monde nous insère dans la réalité qui atteint les neurones, les muscles et le cœur de centaines de millions de femmes et d'hommes de la Diaspora africaine. Le pacte est, peut-être, le vecteur de la Renaissance africaine, et c'est ce qu'il sera si sa vision fondamentale est travaillée, réfléchie et popularisée par les intellectuels africains.

Pour conclure, permettez-moi de vous parler du parcours exemplaire d'un grand intellectuel de la Diaspora africaine, Frantz Fanon de la Martinique. Il est descendant d'esclaves, devenu psychiatre et essayiste en France. Il a mis au service de la libération de l'Algérie et de la Renaissance africaine son expérience comme thérapeute, son intelligence, son talent de journaliste, d'écrivain et de diplomate, en plus de son génie visionnaire. C'est de ce genre d'intellectuel dont nous avons besoin pour assurer notre Renaissance et vivre, à notre propre rythme, en harmonie avec le monde. Merci.

Modératrice (Frene Ginwala – co-Présidente de la IIème CIAD) : Merci beaucoup, nous remercions beaucoup le message que le président Abdelaziz Bouteflika nous a envoyé et le soutien offert à nos travaux. S'il vous plaît, au nom de tous, transmettez au Président Bouteflika nos sincères remerciements pour le message qu'il nous a envoyé.

Ces derniers jours, nous avons vu des images à la télévision de ce qui se passe en Israël, en Palestine et au Liban et je suis vraiment fière du fait que quelques femmes d'Israël et de la Palestine se soient unies et aient sollicité une action de la communauté internationale. Il y a des leaders féminines qui travaillent avec l'Unifem et d'autres qui travaillent pour amener la paix dans leurs régions. Je voudrais soumettre à votre appréciation ce bref message, car c'est un appel à la paix pour des personnes qui souffrent en ce moment:

> En tant que'Israéliennes, Palestiniennes, femmes leaders et activistes internationales, les femmes membres de la Commission internationale des Femmes dédiées à l'objectif d'en finir avec l'occupation et atteindre une paix juste et durable entre Palestiniens et Israéliens, basée sur la solution de deux Etats, engagés dans le respect des lois internationales, des droits humains et de l'égalité, nous sommes effrayées par l'augmentation de l'emploi de la force et de la violence qui menace de détruire toutes nos possibilités de créer un avenir humain pour nous et pour nos enfants. Nous demandons au gouvernement d'Israël de cesser immédiatement sa guerre contre la population civile de Gaza. Nous exigeons la fin des politiques inacceptables et irresponsables de privation et de punition collectives, de destruction des stations-service et d' infrastructures qui ont privé deux tiers de la population d'accès à l'eau et à l'électricité, aggravant ainsi une situation déjà détériorée par le long siège imposé.
>
> La crise humanitaire atteint aujourd'hui des proportions sans précédents. Nous demandons à la communauté internationale d'exercer sa responsabilité de garantir la sécurité humaine, les droits humains et les droits fondamentaux à la vie dans un environnement de paix et de sécurité, libre de l'occupation, de l'oppression et de l'emploi violent de la force, comme stipulé dans les lois internationales et dans la convention des droits humains. L'Histoire a déjà prouvé que de tels conflits ne trouvent pas de solution militaire, et nous demandons le retour immédiat à la voie des négociations.

Chers amis, ces mots nous parviennent de femmes d'Israël et de Palestine, un groupe représentatif de 41 mille femmes qui ont expédié cet appel dimanche et demandent votre soutien.

Je vous remercie beaucoup, et nous pouvons annexer ce message au rapport, en incluant le nom de toutes les femmes. J'enverrai notre message de réponse immédiatement. Je voudrais maintenant revenir à la Déclaration. Nous avons reçu un grand nombre de propositions et nous n'avons pas eu le temps de toutes les analyser parce qu'elles sont vraiment très, très nombreuses. Je vous demande sincèrement de nous excuser du manque de temps pour toutes les réviser, mais elles seront considérées, et, dans la mesure du possible, incluses dans la Déclaration ou dans le programme d'action qui constitueront notre rapport qui sera distribué après notre rencontre.

Gilberto Gil – Ministre d'État de la Culture : Nous voudrions maintenant appeler le Commissaire du Ghana pour lire le message d'appréciation au nom du Président Konare.

Représentant d'Alpha Oumar Konare – Président de la Commission de l'Union africaine : C'est un plaisir de lire ce message de remerciement du Président de la Commission de l'Union africaine, Son Excellence Monsieur Alpha Oumar Konare, et de tous les participants à la IIème Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Nous remercions profondément le Gouvernement et le peuple brésiliens, co-organisateurs de la Conférence, pour la chaleureuse hospitalité et les excellentes installations offertes pendant cette Conférence historique et les énormes ressources disponibles qui ont garanti le succès de la Conférence. Notre remerciement spécial et notre gratitude à Son Excellence Luiz Inácio Lula da Silva, président du Brésil, pour sa comparution personnelle et sa participation active à la Conférence. Son encouragement total et son soutien ont été cruciaux pour l'obtention du succès. Nous aimerions remercier le ministre de la Culture, Monsieur Gilberto Gil, co-président de la Conférence, l'Ambassadeur Soares, Marcelo Dantas et d'autres membres du comité d'organisation pour la coopération avec le comité d'organisation de la Commission de l'Union africaine. Nous remercions, également, le Gouverneur de Bahia, le Maire de la ville de Salvador, les autorités et fonctionnaires locaux, y compris le personnel de la sécurité, les interprètes et autres fonctionnaires d'appui, qui ont tous ardûment travaillé pour garantir la tranquillité, la protection et la productivité de notre séjour.

Finalement, nous sommes sûrs que les résultats de cette Conférence, tels qu'ils apparaissent dans la Déclaration de Salvador, représentent l'aspiration et l'espoir de millions de Noirs en Afrique et dans la Diaspora, étant un témoin fertile de nos efforts et engagements communs. C'était le message de remerciement du Président de la Commission et des participants de la Conférence. Merci, co-Présidents.

Gilberto Gil – Mnistre d'État de la Culture : Pour ses messages finaux à l'assemblée plénière, notre chère ministre Matilde.

Matilde Ribeiro – Secrétariat spécial de politiques de promotion de l'égalité raciale : Bonsoir à toutes les personnes ici présentes, bonsoir aux intégrants de cette Table finale, de cette Conférence qui fut une scène, qui fut un espace de débat politique avec une profondeur dans laquelle nous sommes les protagonistes de la construction de la politique dans le camp de la valorisation de notre présence en tant qu'Africains, en tant qu'afro-descendants qui contribuent à la concertation des relations sociales, politiques, et culturelles dans nos pays et étant, avec cela, en dialogue avec le monde.

Ici, au Brésil, en ce moment, en qualité de Ministre du Secrétariat spécial des politiques de promotion de l'égalité raciale, comme participante à ce processus organisateur, depuis le moment de sa préparation jusqu'à maintenant, dans la réalisation de cette Conférence, je dois vous dire que j'ai beaucoup appris ici au cours de cette semaine de travail. Je suis arrivée ici avec mon équipe le 8 juillet pour des activités préparatoires sur le dialogue avec la société civile brésilienne, le dialogue avec les secteurs gouvernementaux, qu'ils soient locaux ici dans l' État de Bahia, mais aussi dans la relation avec les secteurs gouvernementaux du Brésil comme un tout et des institutions publiques et privées, en considérant que, en plus de l'espace de cette Plénière, qui est l'espace de la négociation dans la programmation officielle de la Conférence, la ville a été occupée par plusieurs événements d'ordre culturel, politique et de vécu.

Alors, cet apprentissage et, surtout, en soulignant un aspect de la Table à laquelle j'ai participé hier, qui évaluait les résultats obtenus par les pays à partir de la vision du gouvernement et aussi des intégrants des institutions non gouvernementales à partir de la IIIème Conférence mondiale contre le racisme, la discrimination, la xénophobie et les intolérances corrélées – la Conférence de Durban - je considère que ce débat-là fut très salutaire, car il nous a permis de faire un bilan. Bien que la Conférence de Durban ait été assez complexe et ait présenté des ruptures politiques, dans son exécution et dans

son développement, l'engagement des pays à faire progresser la Déclaration et le plan d'action de cette Conférence, tout en étant assez différencié, je dois vous dire que, ici au Brésil et dans la région des Amériques, beaucoup de progrès ont eu lieu. Nous avons ce Secrétariat, le SEPIR, résultat d'une décision du Président Luiz Inácio Lula da Silva, qui l'a créé juste après son investiture, en prenant comme instrument de base la Déclaration de la Conférence de Durban, sommée à la Convention internationale contre toutes les formes de discrimination. Et maintenant, récemment, dans une Assemblée générale de l'Organisation des États américains, un Projet de la Déclaration interaméricaine contre toutes les formes de discrimination a été approuvé, devant être ratifié par les États et ayant aussi comme référence notre propre Constitution, selon laquelle nous sommes tous égaux, indépendamment du sexe, de la race, de l'âge ou de n'importe quel autre élément qui nous différencie, mais que les différences ne doivent pas être transformées en inégalités.

C'est avec cette détermination que nous sommes ici pour échanger nos expériences. La Conférence touche maintenant à sa fin, mais notre agenda politique continue actif et c'est avec cette détermination que le gouvernement brésilien, toute la Coordination du SEPIR recevra, dans dix jours, encore une conférence internationale, la Conférence régionale des Amériques, ayant comme stratégie thématique *Le bilan et les défis pour la mise en place des politiques contre la discrimination, le racisme et la xénophobie,* l'agenda de Durban.

Nous travaillons pour avoir, comme participants structuraux, les 34 pays qui composent la structure de l'Organisation des États américains, en agrégant en plus Cuba, compte tenu de l'évaluation que nous faisons de sa position stratégique dans la région des Amériques, comprenant les Caraïbes. Cette Conférence aura lieu au cours de la période du 26 au 28 juillet prochain et nous attendons ici 400 représentants de gouvernements et sociétés civiles pour un dialogue considérant le besoin de monitorat des actions réalisées dans cette région. Et nous sommes au courant du fait que, en plus du Brésil, 16 autres pays dans la région adoptent la Déclaration de Durban et ont créé des organes pour le traitement de l'agenda de promotion de l'égalité raciale.

Ceci est un progrès significatif dans cette région. Cette Conférence sera donc un moment d'échange ; elle n'aura pas de décisions dans le sens d'une orchestration multilatérale, puisque celle-ci revient à l'ONU, et elle n'est pas convoquée par l'ONU, mais bien avec le soutien du Haut Commissariat des Droits de l'homme. Elle sera par conséquent une Conférence de réflexion et de contribution au processus, ici dans la région des Amériques, mais aussi

dans le monde, en lien avec cette Conférence que nous vivons ici, la Conférence des intellectuels africains et de la Diaspora.

Je termine en vous disant que le rôle que nous avons joué dans ce processus entre dans la perspective d'effectuer le lien entre les deux Conférences et, en ce sens, gouvernements et société civile entreront dans un nouveau moment de débats. Et cette Conférence-ci, qui se clôt aujourd'hui, a beaucoup contribué à notre approfondissement théorique et politique, a beaucoup contribué à notre apprentissage, a beaucoup contribué à ce nouveau défi que sera la Conférence régionale des Amériques.

Je ne peux que remercier la possibilité d'être ici en ce moment, et, surtout, je réaffirme l'émotion que j'ai vécue lors de l'ouverture de cette Conférence quand, sur l'indication du président Luiz Inácio Lula da Silva, j'ai eu l'opportunité historique de rendre hommage à Abdias do Nascimento, notre leader, notre référence de lutte. Et que l'énergie d'Abdias continue présente parmi nous, ici et maintenant et dans le processus de retour au pays.

Merci beaucoup aux visiteurs de tous les coins du monde et voyez dans ce Secrétariat un espace d'articulation politique qui a pour base – comme l'a déjà dit le Gouvernement brésilien, comme l'a déjà dit le Président Lula – la vision selon laquelle démocratie ne rime pas avec racisme. De cette façon, nous travaillons ensemble et cet apprentissage ici servira, sans aucun doute, à renforcer notre travail dans une sphère nationale. Merci beaucoup.

Gilberto Gil – Ministre d'État de la Culture : Avec la parole, pour sa déclaration finale, la co-Présidente de la IIe CIAD, ex-Présidente du Parlement sud-africain, Frene Ginwala.

Frene Ginwala – Co-Présidente de la IIe CIAD et ex-Présidente du Parlement /Afrique du Sud : Merci beaucoup, pour ma part et je crois que de la part de tout le monde, - Brésiliens et étrangers. Je voudrais remercier le Président Lula et le gouvernement du Brésil pour l'immense contribution d'avoir été le siège de cette Conférence et de l'avoir organisée, les fonctionnaires et autres personnes qui ont assuré le déroulement tranquille de notre travail. Nous sommes en particulier reconnaissants au peuple de Salvador pour la gentillesse avec laquelle nous avons été reçus. Grâce à eux, ces trois derniers jours, le Brésil est devenu notre foyer.

Je ne sais pas si vous êtes d'accord, mais je ne veux pas partir. C'est toujours triste de dire adieu à ceux que l'on aime. Nous partons exultants avec nos résultats et stimulés à ramener dans nos pays, nos universités, nos institutions, les discussions, les richesses des idées et des dialogues et à

considérer comment des intellectuels peuvent descendre de leur piédestal, sortir de l'isolement de leur tour d'ivoire et leur cloître. En nous engageant dans la production et dans le perfectionnement de la connaissance, nous avons besoin de nous engager aussi dans le processus qui assurera que cette connaissance soit mise à la disposition de la société, pour être utilisée de façon à améliorer la qualité de vie du peuple d'Afrique et de la Diaspora et des pauvres du monde entier. Nous devons aussi nous assurer que nos Gouvernements élargissent les espaces pour l'engagement des intellectuels dans le développement et le perfectionnement de la vie du peuple d'Afrique et de la Diaspora.

Chers amis, nous avons beaucoup de passé en commun. Le défi maintenant est de partager notre connaissance, notre expérience, notre capacité. Il n'y a point de futur séparé pour les Africains et le peuple de la Diaspora. En partant, nous allons donc nous compromettre à travailler ensemble dans la construction d'un avenir commun pour les pauvres et les marginalisés du monde entier. Je suis assez émue de voir les jeunes d'ici chanter des chansons de divers pays d'Afrique. J'aimerais laisser un peu plus de cet esprit [elle parle dans un dialecte africain]. Reviens, Afrique !

Gilberto Gil – Ministre d'État de la Culture : Mes très chers concitoyens, mes très chers compatriotes, mes frères, mes amis de toutes les origines de cette planète : par coïncidence, à la même date l'année passée, nous étions avec le Président Lula, lequel recevait, au nom du peuple brésilien, les hommages du gouvernement français, du peuple français, le jour de la date nationale, la date la plus importante en France, le 14 juillet, *le 14 juillet [en français]*, une date sans aucun doute chargée de sens, symbolique et plus que symbolique, pour tout le peuple non seulement de la francophonie, mais pour tout les peuples du monde, dans le sens de l'avènement de la dimension républicaine qui conduit, établit des horizons importants aujourd'hui, pour les mouvements de la société mondiale.

Aujourd'hui, nous sommes le 14 juillet, un an après, et nous voici dans une autre dimension, retravaillant et vérifiant à nouveau notre demande pour des temps plus démocratiques, pour des temps plus républicains, au nom de cette révolution-là, la française, qui jusqu'à nos jours nous inspire. Pour répondre à la question posée par mon amie aujourd'hui, il y a quelques instants, la chanteuse et compositeure Leci Brandão, nous pouvons affirmer que la IIème CIAD n'a été réalisée ici à Salvador que parce que notre pays continue à avancer dans son processus de transformation ; des changements sont faits,

les changements sont là et notre présence ici en est le symbole. Aujourd'hui, ce que l'on remarque au Brésil, c'est un effort inédit, dans notre histoire, de chercher l'inclusion sociale des populations qui ont toujours été à la marge des processus de décision et des bénéfices du développement. Cet effort, plus que de surmonter une inégalité centenaire, constitue le vrai remboursement de notre dette envers ceux sans qui le Brésil ne se serait jamais érigé en tant que nation, en tant que puissance culturelle et proposition de civilisation.

Ce Brésil de plus en plus noir, brun, multicolore, diversifié, tropical, créatif, que nous aimons tous, ne pourra réaliser son potentiel civilisateur que dans la mesure où nous conquerrons internement la vraie démocratie, celle où il n'y a pas quelques rares associés majoritaires et une majorité d'exclus, mais celle où tous peuvent avoir libre accès aux études, à la culture, au travail, à la réalisation et au plaisir.

Nous avons invité la Iième CIAD au Brésil justement pour marquer ce moment de changement du pays, lorsque nous valorisons nos racines et nous cherchons à créer à nouveau notre modèle de développement. Nous aurons un dialogue ample et enrichissant avec nos frères africains et de la Diaspora. Il faut que les pays du Sud unissent leurs forces, partagent leurs expériences et affrontent ensemble le défi de, comme l'a dit le président Lula, *faire que le XXIe siècle soit notre siècle.* L'Afrique mérite d'être vue comme cette IIème CIAD a montré à tous qu'elle est : un continent vibrant, réceptacle d'une sagesse ancestrale, de jeunes talents, de scientifiques qualifiés, d'artistes, historiens, économistes, médecins et penseurs de premier ordre.

Nous dialoguons avec l'Afrique pour continuer à apprendre avec elle. Nous dialoguons avec l'Afrique parce que nous voulons être plus brésiliens. Je voudrais remercier les intellectuels, étudiants, artistes, représentants des mouvements sociaux pour l'enthousiasme qu'ils ont montré à ceux qui ont participé à cette Conférence. Je voudrais également manifester notre reconnaissance à tous les partenaires qui ont rendu possible la réalisation de cet événement, qui, il y a seulement quelques mois, nous paraissait encore un rêve. À l'Union africaine, co-organisatrice de la IIème CIAD, nos remerciements ; au Gouvernement du Sénégal, qui nous a transmis l'expérience de la Ière CIAD, nos remerciements ; à l'Organisation internationale de la francophonie qui a soutenu nos activités culturelles et a amené une délégation de poids à Salvador ; à l'Unesco qui, à maintes reprises, a été à nos côtés en défense de notre culture, de notre diversité, de nos identités ; à l'Université fédérale de Bahia et à l'UNEB, qui ont été le siège de nombreux débats et

ont mis leurs équipes à la disposition de la IIème CIAD, nos remerciements. Nos remerciements au Gouverneur de l'Etat et à la Mairie de Salvador qui, une fois de plus, nous ont aidés à montrer au monde la richesse culturelle et l'hospitalité de Bahia. Nos remerciements à l'African Capacity Building Foundation, ACBF, au Gouvernement du Canada, au Gouvernement du Danemark. Enfin, nos remerciements et, plus que des remerciements, nos félicitations au ministère des Relations Extérieures, avec la SEPPIR, dirigée par notre très chère Matilde ; à la Fondation Palmares ; à tous ceux-là, nos remerciements pour l'harmonie et la compétence avec lesquelles, ensemble, ils ont su organiser et conduire cette Iième CIAD à un succès mérité.

Que vienne la IIIe CIAD et que les relations entre l'Afrique dans son continent et les Afriques de la Diaspora soient de plus en plus enrichies, que ce dialogue soit de plus en plus étroit, plus profond et que les bénéfices dans les domaines de la culture, de la politique, de l'économie, du patrimoine matériel et immatériel soient chaque fois plus importants. Merci beaucoup au peuple de Bahia, merci beaucoup à tous ceux qui ont dirigé avec nous merci beaucoup à Frene Ginwala pour cette co-Présidence, avec toutes les difficultés mais aussi avec tous les plaisirs et tous les bénéfices que nous savons qu'une Conférence comme celle-ci nous apportera à tous. Merci beaucoup et à la prochaine.

Maître-de-Cérémonie : Mesdames et Messieurs, avec les paroles du ministre Gilberto Gil, Ministre de la Culture, co-Président de la IIème CIAD, nous déclarons close la Conférence des intellectuels d'Afrique et de la Diaspora. Je vous souhaite à tous une bonne soirée.

Formato	*15,5 x 22,5 cm*
Mancha gráfica	*12 x 18,3cm*
Papel	*pólen soft 75g (miolo), duo design 250g (capa)*
Fontes	*Times New Roman 17/20,4 (títulos),*
	12/14 (textos)
Impressão e acabamento	*Gráfica e Editora Brasil*